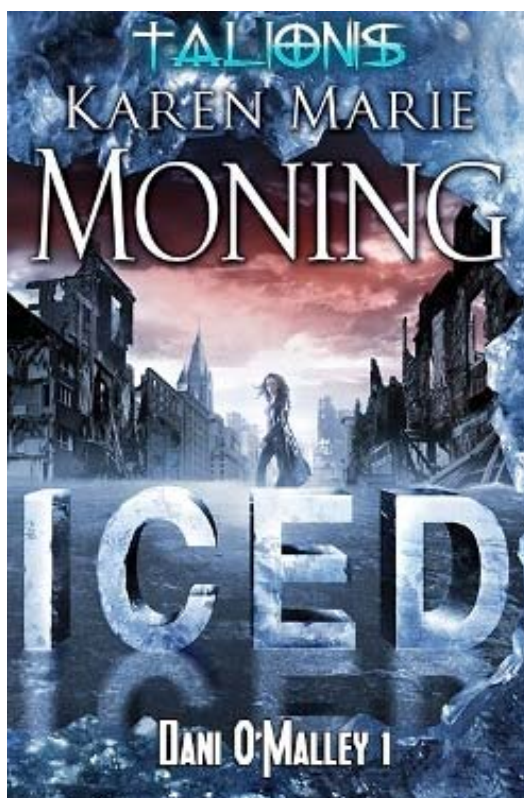




Karen Marie Moning

Iced

Dani O'Malley 01

É o ano 1 AWC¹-Depois da queda do muro. Os Fae estão livres e nos caçando. É uma zona de guerra lá fora, e não existem dois dias iguais. Eu sou Dani O'Malley, as ruas cheias de caos de Dublin são minha casa, e não há nenhum lugar onde eu gostaria de estar.

Dani "Mega" O'Malley joga sob seu próprio conjunto de regras—e, em um mundo invadido pelos Fae Escuros, sua maior regra é: Faça o que tiver que fazer para sobreviver. Ao possuir talentos incomuns e a Espada da Luz², Dani está mais que preparada para esta tarefa. De fato, ela é um dos estranhos humanos que podem defender-se contra os Unseelie. Mas agora, no meio do caos, os maiores dons se converteram em responsabilidades sérias.

A ex melhor amiga de Dani, MacKayla Lane, a quer morta, os príncipes aterrorizantes Unseelie colocaram um preço por sua cabeça, e Inspetor Jayne, o chefe da força policial, quer sua espada e nada vai pará-lo. Além do mais, as pessoas misteriosamente congeladas até a morte por toda a cidade, e trancadas no Sub-Zero como cubos de gelo.

Quando o clube mais sedutor de Dublin fica coberto de geada, Dani encontra-se à mercê de Ryodan, o cruel imortal proprietário. Ele precisa de seu raciocínio rápido e habilidade excepcional para descobrir o que está congelando Fae e humanos, mortos em seu caminho, e Ryodan fará tudo para garantir sua obediência.

Esquivando tiros, presas e socos, Dani deve encontrar barganhas traiçoeiras e fazer alianças desesperadas para salvar sua amada Dublin antes de todos congelarem.

¹ After the Wall Crash

² Uma das duas únicas armas que matam fae. A outra é a Lança da Justiça que está com a Mac



Disp em Esp: BookZinga

Envio do arquivo e Formatação: Δίκη

Revisão Inicial: Niandra até cap. 17 e Leka do cap. 18 até 44

Revisão Final: Leka até o cap 17 e Niandra do cap. 18 até 44

Imagem: Elica

Talionis

Comentário das Revisoras

Comentário da Revisora Ni: Iced começa no dia após a captura do livro. Fever antecede a queda do muro, e toda a situação após. Temos as conclusões dos mistérios, mas a historia segue com um novo mundo, caótico, violento, sem perspectivas, e com todas as leis da física alteradas. Não se sabe exatamente até que ponto o mundo será influenciado pelos rasgos da realidade Fae que se infiltra. Barrons, Ryodan e seus homens são a lei. No que importa. Aproximadamente um ano se passou, e Dani está lutando com tudo o que pode. Ela odeia os Fae, vive pra fazer a diferença, e batalha pelas pessoas e pela cidade, porque se sente responsável. Quer ser um super-herói, e se esforça por merecer esse título. Ela e Mac são opostos, porque a Mac é doce, e a Dani é acida.

Ela não se rende, jamais. É uma força da natureza. Oposto a isso, tem o Chester, que dá segurança para todos os Fae fazerem o que quiserem, matarem humanos, e chefiando está Ryodan, que é também o oposto do Barrons. Ele é quente onde o Barrons é gelado, e tem uma camada de verniz e sofisticação que faz dele um ser letal, implacável, muito mais sutil que o Barrons. O Barrons é selvagem. O Ryodan é falsamente civilizado. Ele quer ajuda pra solucionar um mistério, mas ao longo da história, percebemos que ele é o maior mistério. Não temos romance, a Dani é completamente verde nesse sentido, é uma menina que viu todo o lado feio do mundo. Matou pessoas, foi manipulada, presa, mora sozinha sem família ou amigos. Odeia se sentir cuidada por qualquer pessoa e é embrutecida, mas totalmente ingênua para certas coisas. Não conhece o amor e a paixão e não tem noção das coisas que estão acontecendo com o próprio corpo. Os hormônios são o pior inimigo nesse momento. O Ryo a enlouquece, mas cuida, muito mesmo. A impressão que tenho é que ele ficou fascinado pela menina que ela era, preocupado com toda aquela impetuosidade que poderia mata-la, e foi mudando isso aos poucos. Não dá pra senti-la como uma menina de 14. Ela é velha, sofrida, maníaca por controle. Mas ao mesmo tempo, tudo isso dentro de um corpo de menina, ainda crescendo. Conhece o lado feio da vida, mas as coisas boas, felicidade, alguém que se preocupasse com ela, isso ela não sabe nada...

Mas o livro é sexy, quente, recheado de situações que fazem a gente surtar, ficar alucinado pela próxima pagina. Confesso que o casal tem uma química impressionante, como nenhum outro que li até agora. Eles têm muita historia pra contar ainda, e eles superam qualquer expectativa. Posso afirmar que a Dani é a maior mocinha que já conheci. Ela é daquelas pessoas que, se existisse realmente, nos deixaria cheias de orgulho. Ele é o cara mais sexy que já li. Supera o Barrons, e olhem que sou completamente parcial quanto a isso kkkkk. Aproveitem, divirtam-se nesse novo mundo. É sem duvida o melhor livro que li esse ano.

Preciso agradecer a Gisa, que me deu esse livro de presente, no mês do meu aniversario. Agradecer a Leka, que foi uma companheira incansável, e me socorreu nos momentos que precisei. E agradecer a essa serie, porque graças aquela cena do Barrons eu comecei a revisar, e ganhei a melhor amiga de todas. Gi, tu é o grande presente que ganhei esse ano. Minha cunhada querida.

Comentário da Revisora Leka: O livro me levou várias vezes do amor ao ódio, em muitas vezes em segundos. A Dani é uma mocinha que se acha, se acha a Melhor. Mas esconde uma fragilidade, inocência e preocupação que não quer que vejam, Não gosta de demonstrar fraqueza. Quer ser ela mesma, sem ser manipulada, como tantas vezes já aconteceu. Não entende certos sentimentos e ações que está descobrindo agora. Ryodan, ah Ryodan, ele é um cínico e perigoso escondido debaixo de uma capa de carisma, sorrisos. Consegue o que quer de uma maneira ou de outra. Esconde muitos segredos. Juntos tem que desvendar um mistério. Ela tentando ser livre, ser ela mesma. Ele querendo dominá-la. Tem a Kat que tem que aprender a ser uma líder, a cuidar de todas as "ovelhas" e manter seu relacionamento puro com Sean longe das "tentações" desse novo mundo. E o fim? Já te deixa ansiosa pelo próximo livro.



Karen Marie Moning, autora numero 1 entre os mais vendidos do New York Times, continua onde Shadowfever acaba, com Iced, o primeiro livro em seu muito aguardado novo espaço urbano paranormal, trilogia ambientada no mundo fantástico da série Fever.

PARTE 1

*A música é o material do cosmos.
Imagine um mundo sem melodia qualquer.
Sem pássaros cantando.
Sem grilos chilreando.
Sem mudança das placas tectônicas.
A realidade é sobre o canto senhora gorda.
Se ela para ...
O Livro de chuva*

Prólogo

Dublin, você me deve "Olá"³

Imagine um mundo que não conhece as próprias regras. Sem telefones celulares. Sem Internet. Ou mercado de ações. Sem dinheiro. Nenhum sistema judiciário. Um terço da população do mundo dizimado em uma única noite e a contagem cresce milhões todos os dias. A raça humana é uma espécie em extinção.

Há muito tempo, os Fae destruíram seu mundo e decidiram tomar o nosso. A história diz que se abateu sobre nós entre 10.000 e 6.000 A.C., mas os historiadores estão muito errados. Jerico Barrons diz que eles estiveram aqui desde o início dos tempos. Ele deve saber, porque tenho certeza que ele também esta.

Por um longo tempo, havia um muro entre nossos mundos. Com exceção de algumas rachaduras, era uma barreira sólida, especialmente na prisão Unseelie.

A barreira se foi, e agora as paredes da prisão são pó.

Todos os Fae estão livres: a corte Dark Court e o império Light Court, que também são letais, apenas mais bonitos. Um Fae é um Fae. Nunca confie em um. Estamos sendo caçados por monstros vorazes que são quase impossíveis de matar. Sua comida favorita? Pessoas.

³ "You Had Me From Hello": canção de Kenny Chesney. <http://www.youtube.com/watch?v=nXATCqbrdAk>.



Como se não bastasse, existem portais para os Fae a deriva que engolem tudo em seu caminho. Eles são difíceis de detectar, você pode dirigir direto para um, se não tiver cuidado. Na noite que as paredes caíram, Faery foi fraturada. Alguns dizem que o salão de todos os dias foi alterado, e abriu novos portais para o nosso mundo. O impacto disso é o que realmente me atinge. Você pode ir dormir na própria cama e acordar em uma realidade completamente diferente. Se você tiver sorte, o clima não vai matar você instantaneamente e os habitantes não vão comê-lo. Se você realmente tiver muita sorte, você vai encontrar o caminho de casa. Eventualmente. Se você é super sortudo, o tempo vai passar a uma velocidade normal, enquanto você estiver fora. Ninguém é tão sortudo. Pessoas desaparecem o tempo todo. Simplesmente desaparecem e nunca mais são vistas.

Depois, existem as sombras que se escondem no escuro e devoram cada coisa viva no caminho, até os nutrientes do solo. Quando acabam, tudo o que resta é sujeira que uma minhoca não poderia viver nem se quisesse. É um campo minado nas ruas. Caminhe levemente. Regras de seus pais não se aplicam. Tenha medo do escuro. E se você está pensando que pode ser um monstro sob sua cama ou no seu armário, provavelmente é. Levante-se e confira.

Bem-vindo ao Planeta Terra.

Este é o nosso mundo agora, um que não sabe as próprias regras. E quando você tem um mundo que não conhece próprias regras, tudo que é escuro e desagradável que já foi realizado sob controle vem escorregando para fora das fissuras para tentar dar um tiro no que quiser. É uma desordem geral. Voltamos a ser homens das cavernas. Talvez seja certo. Autodomínio é noventa por cento da lei. Quanto maior e mais cruel, melhor as chances de sobreviver. Conseguir uma arma ou aprender a correr. Rápido. Preferencialmente ambos.

Bem-vindo a Dublin, AWC-Após a Queda do Muro-onde estamos todos lutando pela posse do que resta do planeta.

Os Fae não têm rei, rainha, ninguém no comando. Dois príncipes Unseelie psicóticos e imortais batalham pelo domínio sobre ambas as raças. Os seres humanos não têm governo. Mesmo se tivessem, duvido que ouviríamos. É um completo caos.

Eu sou Dani O'Malley "Mega".

Eu tenho 14.

O ano foi apenas declarado oficialmente, um AWC, e as ruas de Dublin são minha casa. É uma zona de guerra lá fora. Não existem dois dias iguais.

E não existe outro lugar que eu gostaria de estar.

Capítulo 1

—Ding-dong! A bruxa está morta⁴—: subtítulo, Rowena quem?

⁴ "Ding-dong! The witch is dead": canção do filme "O Mágico de Oz". <http://youtu.be/9Jn8K8EA7-Q>



—Eu digo que usemos a sugestão de Mac e bombeemos toda a sala com concreto, — Val falou. Estremeço. Só escutar seu nome faz meu estômago doer. Mac e eu estávamos acostumados a sermos duas ervilhas na mesma vagem, irmãs próximas. Agora ela me mataria sem pensar.

Bem, ela tentaria.

Eu sou mais rápida.

—Exatamente, como esperam conseguir caminhões de concreto que cheguem às catacumbas debaixo da abadia?— Exigiu Kat. —Para não falar do tanto que precisaria para selar essa câmara. É três vezes maior que a área de formação do Inspetor Jayne, um teto tão alto como qualquer catedral.

Eu mudei de posição ficando de joelhos, com cuidado para ficar quieta. Minhas pernas estão encolhidas de sentar-me com elas dobradas debaixo de mim. Estou no refeitório na abadia, no alto de uma viga do teto, onde ninguém pode me ver, mastigando uma barra de chocolate Snickers e espionando. É um dos meus lugares favoritos para buscar os detalhes. Eu sou uma boa escaladora, rápida e ágil. Desde que ainda sou apenas uma menina, na opinião da maioria das pessoas, as pessoas raramente me deixar entrar na discussão. Sem problemas. Eu me tornei uma profissional em me abastecer anos atrás.

—O que você está sugerindo fazer, então, Kat?— Margery diz. —Deixar o príncipe Unseelie mais poderoso já criado em um cubo de gelo pouco abaixo de nossa casa? Isso é loucura! —O refeitório está cheio de sidhe-seer. A maioria delas murmurando em acordo, mas elas são assim. Quem está falando mais alto no momento é a pessoa que concordarão. Ovelhas. Metade do tempo eu estou espionando, é tudo que eu posso fazer para não pular lá embaixo, abanar o meu rabo e dizer *Baaaa*, ver se alguma delas me entende.

Estive na abadia maior parte da noite, esperando as pessoas acordarem e irem para o café da manhã, impaciente para, aquelas que estiveram acordadas a noite toda como eu, dizerem a todas as outras as notícias e começarem a discutir isso. Eu não preciso de tanto sono como as outras pessoas, mas quando eu finalmente falho, eu sou tão boa quanto um morto. É perigoso perder a consciência tão duro como faço, então tenho sempre o cuidado sobre onde durmo, atrás de um monte de portas trancadas, com armadilhas no lugar. Eu sei como cuidar de mim. Estive por minha conta desde meus oito anos.

—É quase um cubo de gelo, — Kat diz. —O rei Unseelie aprisionou Cruce. Você viu as barras presas no chão ao redor dele.

Eu não tenho família. Quando minha mãe morreu, Ro me fez mudar para a abadia com outra sidhe-seer, aquelas de nós que podem ver os Fae, e podíamos até mesmo antes do muro cair. Algumas de nós têm dons originais, também. Costumávamos pensar em termos de nós e eles, humanos e Fae, até que soubemos que o Rei Unseelie, até que soubemos que o Rei Unseelie adulterou-nos, misturando seu sangue com as linhagens de seis antigas casas irlandesas. Alguns dizem que somos contaminadas, que temos o inimigo interno. Eu disse que, se alguma coisa que te faz mais forte, *duh*, te faz mais forte.



—O alarme não está ajustado, — Margery contrariou. —E nenhuma de nós pode descobrir como armar a grade que impede as pessoas de entrar. Pior ainda, não podemos sequer fechar a porta. Mac tentou por horas.

Não vou vomitar o pedaço de chocolate e amendoim. Estou tentando engolir, mas está perto. Tenho que superar minha reação ao seu nome. Toda vez que eu o ouço, vejo seu olhar no rosto quando descobriu a verdade sobre mim.

Que se foda isso! Eu sabia o que aconteceria se ela descobrisse que eu matei Alina. Não posso ficar deprimida sobre isso. Se você sabe o que está vindo e não fizer nada para detê-lo, você não tem direito de agir surpresa e irritada quando a merda bate no ventilador. Regra n.º 1 no Universo: a merda sempre bate no ventilador. É a natureza da merda. É um ímã de ventiladores.

—Mac disse que não vai responder a ela, — diz Margery. —Ela acha que o rei fez algo. Barrons e seus homens tentaram fechar a força, mas sem sorte. Está preso em aberto.

—Qualquer um pode passar, — Colleen falou. —Nós encontramos as gêmeas Meehan lá esta manhã, com as mãos ao redor das grades, olhando para ele como se ele fosse uma espécie de anjo!

—E o que você estava fazendo lá esta manhã?— Kat perguntou. Colleen olhou para longe.

Sangue contaminado ou não, eu não tenho queixas sobre ser uma sidhe-seer. Eu tenho os melhores presentes de todos. Nenhuma das outras sidhe-seer saber como lidar comigo. Eu sou super, super forte, tenho super ouvido, super olfato e visão aguçada comigo. Eu não sei se tenho super paladar ou não. Desde que não posso provar com a língua de qualquer outra pessoa, acho que nunca vou saber. A parte super é o melhor. Eu posso passar através de uma sala sem que as pessoas sequer me vejam. Se eles sentem a brisa quando eu passo, costumam culpar uma janela aberta. Eu abro janelas em todos os lugares que vou. É a minha camuflagem. Se você entrar em uma sala com um monte de janelas abertas, olhar afiado em brisas que parecem ao contrário do que está vindo de fora.

—Isso é porque ele se parece com um anjo, — diz Tara.

—Tara Lynn, você não vai lá nem por um segundo, — Kat diz bruscamente. —Cruce teria destruído todas nós se ele pensasse que ganharia algo com isso, e isso foi antes de ler o livro e absorver o poder. Agora, ele é o Sinsar Dubh, a mais escura magia, mais torcida da raça Fae. Você esqueceu o que ele fez para Barb? Não se lembra de quantas pessoas o livro massacrava quando não possuía um corpo? Agora tem um. E está sob a nossa abadia. E você acha que ele parece com um anjo? Isso é muito? Você perdeu sua cabeça?

Eu não estava sob as catacumbas na noite passada, então eu não consegui ver o que aconteceu com os meus próprios olhos. Eu estava mantendo distância da pessoa cujo nome eu não estou dizendo. Eu ouvi o que aconteceu, no entanto. É tudo que estão falando.

Cara, V'lane é Cruce!

Ele não é nem mesmo Seelie. Ele é o pior de todos os príncipes Unseelie.

Eu mal posso acreditar. Eu tive uma malvada paixão por ele! Pensei que ele era o único que salvaria todos nós, lutando do lado bom, do lado humano da guerra. Acontece que ele era a guerra, literalmente, como nos Quatro Cavaleiros do Apocalipse da Segunda Guerra, cavalgando



ao lado de seus três irmãos, príncipes Unseelie: Morte, peste, fome. Com certeza nossos mitos estavam certos. Quando entraram novamente em nosso mundo, tudo foi direto para o inferno. Ninguém sabia que ele estava vivo. Cruce fora supostamente morto setecentos e cinquenta mil anos atrás. Em vez disso, ele se disfarçou de V'lane todo esse tempo, mascarando-se com glamour⁵, infiltrando-se na Corte da Luz, manipulando eventos, orquestrando a oportunidade perfeita para tomar o que queria, o domínio sobre ambas as raças.

Fae tem paciência como praias têm areia. Claro, acho que é fácil ser paciente quando você vive, como, para-fodidos-sempre.

Também ouvi dizer que ele foi um dos quatro que estuprou M- a pessoa cujo nome não estou pensando, na igreja, quando o Lorde Master soltou os príncipes sobre ela.

E eu disse a ele que daria a minha virgindade um dia! Ele me trouxe chocolates, foi tudo Glamour Glamour!

V'lane é Cruce. Cara. Às vezes isso é tudo que posso dizer.

Tara desafiou Kat. —Isso não significa que quero libertá-lo. Só estou dizendo que ele é lindo. Ninguém pode argumentar com isso. E tem asas como um anjo.

Ele é lindo. E temos grandes, grandes problemas. Fui até as catacumbas última noite, quando todos finalmente se foram. Fiz o meu caminho através do labirinto subterrâneo, até encontrar a câmara, que uma vez guardou o Sinsar Dubh. E ainda o mantém- apenas em outra pele.

V'lane não parece mais V'lane. Está selado no centro de um bloco de gelo, rodeado por uma gaiola de barras brilhantes. Com a cabeça para trás, os olhos são fogo iridescente, ele está rugindo, e as enormes asas de veludo preto estão bem abertas. Coberto por tatuagens brilhantes, sob a pele que brilha como ouro em pó. E ele está nu. Se eu não tivesse visto pênis em filmes, eu estaria preocupada em perder minha virgindade.

—Asas negras, Tara — Kat diz. —Como em magia negra, como em 'mortal'. Ele era perigoso antes. Ele é mil vezes pior agora. O Rei não poderia tê-lo deixado ler o livro inteiro. Ele deveria impedi-lo.

—Mac disse que o Rei não queria dividir o Sinsar Dubh, — diz Colleen. —Ele preocupou-se de que não ser capaz de mantê-lo trancado em dois lugares.

Eu tateei em torno de um bolso da mochila, sempre a tenho sobre um ombro, você nunca sabe o que pode precisar, e eu estou sempre em movimento, e retirei outra barra de chocolate Snickers. Esse nome fodido novamente. Comer acalma os repetidos nós no meu estômago.

—Nós não poderíamos mantê-lo bloqueado quando estava em um só lugar, — Kat diz.

—Porque Rowena deixou-o fora, — Val disse.

Eu aprendi uma parte da história mais cedo esta manhã, ouvindo as sidhe-seer falando nos chuveiros. Quando o Sinsar Dubh possuiu Rowena noite passada, a pessoa que eu não estou nomeando a matou. Mas não antes de Ro se gabar de como ela deixou o Sinsar Dubh livre. E, ainda assim, algumas pessoas estão falando sobre ter um serviço para o velho morcego! Eu digo

⁵ Ilusão causada pelos Fae para camuflar sua verdadeira aparência.



que a Grã-Mestra das sidhe ovelhas está morta. Oba-fodido-oba! Pegue os chapéus de festa e bolo! —Ele enfraqueceu Rowena, — Kat diz.

Rowena nasceu fraca. Bruxa sedenta de poder.

—Talvez Cruce nos enfraquecerá, — Kat diz.

Suspirei em torno de um pedaço de barra de chocolate e engoli. A nova líder temporária da abadia e Grã-Mestra interina de sidhe-seer ao redor do mundo só cometeu um grande erro. Eu aprendi uma coisa com a pessoa não identificada, quando estávamos penduras juntas. Sidhe-sheep⁶ precisam de uma mão firme. Não firme como Ro, que fazia bullying, menosprezava e era tirânica, mas firme de uma forma que não ocorresse a debandada do rebanho. O medo e a dúvida são motivos principais para o estouro da boiada. Kat deveria ter dito algo como, que bom que elas eram todas muito mais fortes que Rowena. Até mesmo uma criança pode ver o que está acontecendo na sala lá em baixo. As sidhe-seer estão com medo. Rowena está morta. Dublin está uma bagunça, devastada por motins e cheia de monstros. Um dos mocinhos acabou por ser o cara mau. Suas vidas mudaram muito rapidamente, em muitas maneiras para elas lidar. Elas são alvos fáceis, seduzidas pelo líder mais forte, mais persuasivo e isso significa que Kat precisa se tornar um, rápido.

Antes que alguém muito menos competente faça.

Alguém como Margery, que está acompanhando a multidão com os olhos apertados, como se tivesse um termômetro na bunda, tirando a temperatura. Ela é um ano mais velha que Kat, e fazia parte do círculo íntimo de Ro, quando a velha bruxa estava viva. Ela não vai tolerar uma mudança de guarda que não a inclua. Vai criar problemas em cada chance que puder. Espero que Kat saiba como ela pode ser traiçoeira. Qualquer pessoa que estivesse perto de Ro por mais de um segundo-assim-tem algo seriamente assustador sobre ela. Eu sei. Eu era a mais próxima dela de todas. Política Sidhe ovelhas. Cara, eu odeio. Elas enredam como teias de aranha pegajosa. Adoro viver por mim mesma!

Ainda assim, sinto falta da abadia de vez em quando. Especialmente quando eu penso sobre biscoitos e outras coisas. Ouvindo vozes no fundo quando você cochila é bom. Sabendo, mesmo se você for mal entendida, você não está totalmente sozinha no mundo não é a pior coisa.

Kat está certa: o Sinsar Dubh trancado e enfeitiçado debaixo nossa abadia não era nada comparado com o que temos agora sob o nosso piso.

O problema é que não se parece mais com o Sinsar Dubh.

Toda a mais escura magia e poder da raça Fae não está mais presa entre as camadas de um livro. É o corpo de um príncipe Fae em toda a glória, nu, alado. E se você nunca viu um príncipe Fae antes, isso é de cair o queixo, de arregalar os olhos, a mente embaralhar pela quantidade de glória.

É só uma questão de tempo antes que alguém o liberte.

Kat nem sequer fez o caminho em torno da verdade assassina ainda: muita gente sabe que ele está lá agora, cheio até o teto com cada pedacinho da magia mortal da raça Fae.

⁶ Aqueles que seguem indicações sem questionar. Sheep significa ovelha em inglês.



Conheço pessoas. Eu vi todas as formas e tamanhos que elas vêm. Alguém vai ser idiota o suficiente para acreditar que pode controlá-lo. Alguém vai encontrar um caminho pelo gelo.

Jericó Barrons é apenas um de uma série de diferentes pessoas que caçavam o Sinsar Dubh por milhares de anos. Nenhum deles sabia onde estava. Se eles soubessem, teriam descido em nossa abadia na idade das trevas, quando um uma torre redonda de pedras empilhadas era tudo o que escondia a entrada para nossa cidade subterrânea. E eles teriam derrubado pedra por pedra, em ruínas, até que conseguissem o que procuravam.

Agora, um monte de seres humanos e Fae sabem exatamente onde a arma mais poderosa já criada está armazenada.

As pessoas falam.

Logo, o mundo inteiro vai saber que está aqui.

Eu bufo, imaginando hordas descendo sobre nós, desenfreados, furiosos, brandindo armas. Disputas em que sidhe ovelhas estúpidas estarão mais ocupadas sobre a melhor forma de lutar, do que dar a volta e lutar. Eu suspiro.

Kat olha para cima.

Eu paro de respirar, abraço meus joelhos apertados no meu peito e fico perfeitamente imóvel.

Depois de um momento, Kat balança a cabeça e volta para a conversa.

Eu suspiro novamente, mas mais suave.

Ela fez seu segundo erro.

Confrontada por algo que não podia explicar, fingiu que não estava lá. Cara, muito avestruz?

Ah, sim. Apenas uma questão de tempo.

Esperei alguns minutos para que as coisas esquentassem mais uma vez, aproveitei a comoção e congelei a imagem para fora.

Eu adoro me mover da maneira que faço.

Não posso imaginar a vida de outra maneira.

Sempre que algo está me incomodando, tudo o que preciso fazer é me aproximar da cidade, espionar todos os Joes caminhando em câmera lenta, e eu imediatamente me sinto um milhão de vezes melhor.

Tenho o emprego mais legal no mundo.

Eu sou uma super-heroína.

Até recentemente, eu era a única que conhecia.

De acordo com minha mãe, eu não fiz a transição de criança normal de engatinhar para caminhar. Fui empurrando para trás, contando os dedos rechonchudos e arrulhando alegremente enquanto ela mudava minhas fraldas (eu nunca vi qualquer razão para chorar quando alguém está limpando coco fora de você), ao que ela pensou inicialmente que fosse tele transporte⁷. Um segundo eu estava no chão da sala, o próximo eu desapareci. Ela estava com medo que os Fae tivessem me levado, eles costumavam fazer isso para sidhe-seer se as descobrissem, até que ela

⁷ É o processo de moção de objetos de um lugar para outro com a transformação da matéria em alguma forma de energia e sua posterior reconstituição em outro local, baseado na famosa lei $E=MC^2$.



me ouviu remexendo na despensa tentando conseguir um pote de comida de bebê aberto. Foi creme de milho. Eu me lembro. Ainda amo creme de milho. Embora não seja muito combustível. Eu queimo o açúcar em energia, em pouco tempo.

Nunca cheguei a ir para a escola.

Você não quer saber como ela me impediu de sair de casa. Não existem muitas opções com uma menina que pode se mover mais rápido do que você pode piscar. E nenhum deles é PC⁸.

Não sou mais a única super-heroína em Dublin, o que irrita a fodida porra fora de mim, mas estou chegando lentamente a conclusão que poderia ser uma coisa boa.

Eu estava ficando complacente. O que se transforma em desleixo, se você não tiver cuidado. Entediada, também. Não é muito divertido sempre ser a melhor e mais rápida. Um pouco de competição mantém você em seus dedos, faz você se esforçar mais, viver melhor.

Eu sou tudo sobre isso: viver grande.

Quero viver um momento de glória, enquanto sou jovem. Não quero quebrar peça por peça, perder a cabeça e morrer enrugada e velha. Pelo estado atual de nosso mundo, eu não tenho certeza que qualquer um de nós tem que se preocupar com isso.

No topo da minha lista de caras para bater estão Jericó Barrons e seus homens. Assim como eu, eles são super velozes e super fortes. Tanto quanto odeio admitir isso, eles são mais rápidos. Mas eu estou trabalhando nisso.

Barrons pode me pegar do nada, no ar (cara, por que o ar não é espesso?⁹ As coisas que as pessoas dizem!), Enquanto eu estou congelando o quadro, que é como chamo o modo que me movimento. Eu começo no ponto A, faço uma foto mental de tudo ao meu redor, acerto o combustível, e em um piscar de olhos estou no ponto B. só tem algumas desvantagens. Um, eu estou constantemente machucada de correr para as coisas em alta velocidade, porque algumas das coisas que eu fixo em minha grade mental não são estacionárias, como as pessoas, os animais e Fae. Dois, congelar o quadro necessita de uma tonelada de alimentos para combustível. Eu tenho que comer constantemente. É uma dor na bunda coletar e carregar muita comida. Se eu não comer o suficiente, fico mole e vacilante. É patético. Eu sou um tanque de gasolina que está cheio ou vazio. Não há meio tanque comigo. Sabe aqueles filmes onde as pessoas usam cartuchos de munição em seu corpo? Eu uso barras de proteína e Snickers.

Pelo menos uma vez por noite eu batalho em Chester, local subterrâneo de Dublin quente por festejar marcar o que quer seja sua fantasia e é o caminho para uma chance de imortalidade, propriedade de Barrons e operado pelo almofadinha Ryodan, e eu começo a matar todos os Fae por ali, fora dele. Geralmente, leva cinco segundos para os seus homens mostrarem-se, mas eu posso fazer muito em cinco segundos.

Chester é uma zona segura. Matar Fae é proibido lá, não importa o que eles façam. E eles fazem algumas coisas doentes.

Matar seres humanos, no entanto, não é proibido em Chester. Isso é um grande problema para mim, então eu continuo dando dor a Ryodan e não vou parar.

⁸ PC.: Politicamente correta.

⁹ Jogo de palavras entre "pick me from thin air" ("pega-me no ar") y "thick air". "Thin" y "thick" são opostos: um significa fino, y o outro grosso.



Uma dessas noites, eu vou ser mais rápida que ele, mais rápida que todos eles.

Então, vou matar todos os Fae em Chester.

Em segundo lugar na minha lista de concorrência são os Fae que eu caço. Alguns deles podem se tele transportar. Eles chamam isso de — peneirar. — Eu não compreendo a física disso. Só sei que é mais rápido do que congelar o quadro. O que me preocuparia mais, se eu não tivesse a Espada da Luz, uma das duas armas que podem exterminar suas bundas imortais, e eles me deixam em paz a maior parte do tempo. Ela-que-não-vou-nomear tem a outra arma, a Lança.

Meu estômago dói de novo. Enquanto eu abro uma barra de proteína, eu decido começar a pensar nela como —aquela pessoa, — abreviado para AP. Então, talvez, minha mente vai deslizar sobre os pensamentos de —AP— sem enjoo ou chutes no estômago.

Por fim, estão os príncipes Unseelie. Eram quatro. Cruce está fora de cogitação por enquanto. Dois estão, em geral, em Dublin, não mais sob o domínio do Lorde Master, o que os torna muito mais perigosos do que costumavam ser. Começaram a lutar com outros e são surpreendentes por conta própria. Existem grandes problemas vindo daqueles dois. Não podem somente peneirar, olhar para eles faz você chorar sangue. E se você tiver relações sexuais com eles... Bem, não! Disse o suficiente. Cultos estão se formando em torno deles. Ovelhas estão sempre procurando um novo pastor quando o terreno fica difícil.

Eu não me testo contra os príncipes. Mantenho distância. Durmo com a minha espada na mão. Tomo banho com ela. Nunca deixo ninguém tocá-la. Amo minha espada. É minha melhor amiga.

Eu matei o outro príncipe Unseelie. Sou a única pessoa que conseguiu. Dani mega O'Malley matou um príncipe Unseelie! Tenho que amá-la. O único problema é agora os dois que sobraram tem um ódio perverso por mim. Eu espero que eles estejam muito ocupados lutando uns com os outros para vir atrás de mim.

Minha vida consiste principalmente de olhar por minha cidade. Manter o controle sobre tudo o que está mudando. Amo saber os detalhes, espalhando as notícias importantes ao redor. Eu não sei o que Dublin faria sem mim.

Eu dirijo um jornal chamado The Daily Dani, que eu lanço três vezes por semana. Às vezes, faço uma edição especial se algo grande acontece. Coleta mensagens que ficam no Correio Central, a partir de pessoas que tem problemas com a difícil tarefa de matar Fae. Eu gosto de dar o bote e salvar o dia! Eu levo meu ritmo seriamente, como o Inspetor Jayne e os Guardiões que patrulham as ruas à noite. Dublin precisa de mim. Eu não estou a ponto de deixá-la para baixo.

Publiquei meu primeiro livro, Dani Faz Dublin: o ABC da AWC. Dancer me ajuda a imprimir e distribuir. Os comentários foram ótimos. O único problema é, sempre que eu aprendo coisas novas, que é tipo, sempre, eu tenho que lançar uma edição revisada. Eu já estou na quinta.

Algumas das pessoas que eu ajudo são casos perdidos reais, com medo da própria sombra. Posso dizer, só de olhar, que não vão sobreviver muito tempo. Isso me deixa triste, mas faço tudo o que posso.

Decidir aparecer no Correio Central agora, ver se alguém deixou notas para mim.



Arrematei minha barra de proteína em duas mordidas e embolsei o invólucro. Não sei por que não jogar o lixo, considerando que as ruas estão cobertas de detritos dos motins quando a noite cai, mas acrescentar a ele me faz mal.

Estreito o olhos, olho rua abaixo até onde posso ver, traço cada obstáculo em minha grade mental até que tudo se encaixe no lugar: carros abandonados, as portas abertas à espera de bater-me se estou uma polegada fora, postes rasgado na calçada, com pedaços de concreto ligados na base e tiras de metal fora que vão matar minhas canelas, se eu não tomar cuidado, mesas arremessadas pelas janelas de pubs bloqueando as calçadas. Você entendeu.

Eu respiro profundamente, defino esse lugar sidhe-seer livre na minha cabeça e caio em uma maneira diferente de ser. Ro pediu para tentar explicar para ela, talvez para descobrir como fazer se ela se esforçasse o suficiente. A melhor que posso dar é esta: é como pegar todo o seu ser mentalmente e empurrá-lo para o lado, até que, de repente, você é... outra coisa. Eu mudo para Daniveloz, eu acho. A pressa é megaintensa e, bem... não posso imaginar a vida sem isso, porque não há tal coisa como a vida sem isso.

Eu faço agora, mudo duro e rápido, e então eu sou inteira, livre e perfeita. Vento no meu cabelo! Congelar o quadro! Não posso sentir meus pés, porque tenho asas sobre eles! Eu torço o meu rosto em concentração e empurro mais duro, mais rápido, cada nanosegundo vai contar se vou bater.

Bato em um muro.

Quando fodido veio isso?

Como poderia ter perdido na minha rede?

Meu rosto adormeceu e não posso ver. O impacto me tira o congelamento do quadro e envia-me para um tropeço cego. Quando finalmente consigo equilíbrio, ainda não sou capaz de me concentrar. Bati na parede com tanta força que fiquei temporariamente cega. Meu rosto vai ficar preto e azul por dias, os olhos inchados. Que constrangedor! Eu odeio andar com todos os meus erros na cara, aí para qualquer um ver!

Perco segundos preciosos tentando me recuperar e tudo o que posso pensar é: coisa boa que era uma parede, não um inimigo. Eu sou um pato sentado agora e é minha culpa. Sei mais do que levar de cabeça quando estou congelando o quadro. Você pode se matar dessa maneira. O corpo pode ter um impacto muito pior do que o rosto. Você vai empurrar nariz em seu cérebro, se não tiver cuidado.

—Gafe, Mega,— murmuro. Ainda não posso ver. Limpo meu nariz sangrando na manga e vou sentir o que bati.

—Esse é o meu pau, — diz Ryodan.

Puxo minha mão. —Gah!— Eu sufoco. Posso sentir meu rosto de novo, porque, assim, ele está em chamas. Que tipo de universo que me faz chegar exatamente no nível fodido de sentir o que eu acho que é uma parede e colocar a mão sobre um pênis?

Então, me lembro é Ryodan e faço uma careta. —Você fez de propósito!— Acuso. —Você viu a minha mão para fora e pisou direito para ela!

—Eu faria isso por que, pequena?



Ryodan tem a forma mais irritante de fazer perguntas sem a inflexão correta no final. Sua voz não sobe em tudo. Eu não sei por que isso me irrita muito. Só faz. —Para envergonhar-me e eu me sentir estúpida! Sempre de olho na vantagem, não é? —Ryodan me deixa totalmente louca. Não posso suportá-lo!

— Tropeço é um eufemismo, — diz Ryodan. —Eu poderia ter matado você. Puxe a cabeça para fora, pequena. Olhe onde está indo.

Minha visão está finalmente começando a clarear. —Eu. Estava. Olhando, — digo irritada. — Você entrou no meu caminho.

Olho para ele. Cara, é alto. O poste que funciona está bem atrás de sua cabeça, sombreando o seu rosto, mas esse é o jeito que ele gosta. Eu juro que ele encena cada lugar que vai, para manter a luz em suas costas por algum motivo. Ele está usando esse meio sorriso fraco que geralmente tem, como se estivesse perpetuamente divertido por nós, simples mortais.

—Eu não sou uma simples mortal, — digo, irritada.

—Não disse que você era. Na verdade, é precisamente porque você não é simples que está no meu radar.

—Bem, me tire da lá.

—Não posso.

Tenho a sensação de afundar. Não muito tempo atrás, Ryodan me localizou quando estava pendurada em cima da minha caixa d'água favorita e disse que possuía um trabalho para mim. Recusei-me, é claro. Desde então, digo que ele preencheu a vaga com outra pessoa.

Eu não quero me encontrar com Ryodan e seus homens. Tenho a sensação de que não poderia retroceder. Você simplesmente continua caindo.

Claro, isso não me impede de bisbilhotar Chester. Você tem que conhecer a concorrência, saber o que eles estão fazendo. Ele quer algo de mim, eu quero saber o que. Semana passada encontrei uma entrada para o clube que aposto que ninguém, além de mim e os seus homens, conhece. Acho que eles pensaram que estava tão bem escondida que não precisavam se preocupar em protegê-la. Eu nunca havia visto... algumas coisas! Meu rosto fica quente de novo, lembrando.

—Estive esperando você se apresentar para o trabalho, Dani. Você deve ter encontrado um problema que eu não sei.

Apresentar para o trabalho, o meu traseiro. Eu não respondo a ninguém. A maneira como ele diz a última parte, faz parecer que ele está me vigiando e sabe todos os problemas que tenho ou não. —Vou dizer mais uma vez. Nunca vai acontecer.

—Você não entende. Eu não estou te dando uma escolha.

—Você não entende. Eu estou escolhendo. Você não é meu chefe.

—É melhor esperar que eu seja, garota, porque você é um risco na minha cidade. E só existem duas maneiras que eu lidar com variáveis não controladas. Uma delas é oferecendo um emprego.

O olhar que ele me dá deixa claro que não quero saber o que é a segunda opção. Limpo mais sangue do meu nariz e bufo. —Achei que a cidade era de Barrons, — digo.



Ele ignora minha brincadeira. — É um risco que não vou correr. Você é muito rápida, muito forte, e muito estúpida.

—Não há nada estúpido sobre mim. Eu sou rápida e forte, no entanto. —Enfeito. —Melhor do melhor. Dani Mega O'Malley. É como me chamam. A Mega. Ninguém tem nada contra mim.

—Claro que eles têm. Sabedoria. O senso comum. A capacidade de diferenciar entre uma batalha que vale a pena lutar e atitude de hormônios adolescentes.

Bah! Eu não tenho atitude! Eu não preciso! Eu sou a coisa real, uma super-heroína cem por cento! Ryodan sabe exatamente como entrar debaixo de minha pele, mas eu não estou dando a ele a satisfação de mostrar isso. —Os hormônios não interferem nos meus processos de pensamento, — digo friamente. —E, como se meus fodidos hormônios adolescentes— são diferentes dos seus? Fale sobre o sujo falando do mal lavado. —Depois da minha visita clandestina na semana passada, eu sei uma coisa ou duas sobre Ryodan.

—Você é humana. Hormônios prejudicarão você em cada turno. E você é muito jovem para saber sobre mim.

—Não sou muito jovem para saber de nada. Eu sei que você e os outros caras são todos do sexo o tempo todo. Eu vi aquelas mulheres que mantêm — apertei minha boca fechada.

—Você viu.

—Nada. Não vi nada. —Eu não escorrego com frequência. Pelo menos não costumava fazer. Mas as coisas estão estranhas recentemente. Alterações de humor como um camaleão em um caleidoscópio. Eu fico sensível e acabo dizendo coisas que não deveria. Especialmente quando alguém fica me chamando —pequena— e mandando em mim. Sou imprevisível, mesmo para mim. Ele morde.

—Você já esteve no nível quatro. — Os olhos estão assustadores. Então, novamente, este é Ryodan. Seus olhos são muito assustadores.

—O que é o nível quatro?— Digo inocentemente, mas ele não está comprando por um minuto. Nível quatro é como algo saído de um filme pornô. Eu sei. Eu via um monte deles, até recentemente, até alguém que não dá nada por mim me deu uma bronca, como se AP se importasse. É estúpido pensar que, só porque alguém grita com você, ela se preocupa sobre como você está crescendo e o que você está se tornando, que ele se importa.

Ele sorri. Odeio quando ele sorri. —Pequena, você está flertando com a morte.

—Você vai ter que me pegar primeiro.

Nós dois sabemos que é um desafio vazio. Ele pode.

Ele trava o olhar em mim. Recuso-me a olhar para longe, mesmo que sinta como se ele estivesse vasculhando meus registros da retina, revendo tudo o que eu já vi. Longos segundos passaram. Eu levanto o queixo, enfio a mão no bolso das calças de brim e aperto meu quadril. Alegre, irreverente e entediado, meu corpo diz. —Caso ele não esteja recebendo a mensagem a partir do olhar no meu rosto.

—Eu senti uma brisa na parte privada do meu clube semana passada, — diz ele finalmente. —Alguém passando rápido. Pensei que seria Fae, que não quisesse ser visto por algum motivo,



mas não foi. Foi você. Não é legal, Dani. De nenhuma maneira. Estou falando seu idioma bem o suficiente para penetrar nessa cabeça dura, suicida adolescente.

Reviro os olhos. —Bah, velho amigo, por favor, não tente falar como eu. Minhas orelhas vão cair! —Dei um sorriso arrogante, cem megawatts. —Não é minha culpa que você não pode se concentrar em mim quando eu passo. E é tudo bobagem com esta adolescente? Eu sei quantos anos tenho. Você precisa lembrar? É por isso que continua jogando para mim como uma espécie de insulto? Não é, você sabe. Catorze está no topo do mundo.

A próxima coisa que sei que ele está no meu espaço, engolindo tudo. Mal deixando espaço para mim. Eu não vou ficar por aqui para isso.

Eu congelo a imagem em torno dele.

Ou eu tento. Eu empurro completamente em frente a ele, batendo a testa no queixo. Não é difícil também. Congelar o quadro nele deveria ter dividido minha cabeça novamente, não fez cócegas, como um tropeço.

Eu trombei Mega-inversa.

Conseguí recuar um passo ou dois. Eu nem mesmo fiquei fora do alcance do braço.

O que, fodido?

Estou tão desconcertada pela falha que fiquei aí, parada como uma idiota. Até este exato momento, eu não estava certa de que sabia como soletrar a palavra F, muito menos fazê-lo. Fracasso, com um grande e gordo F. eu.

Ele agarra meus ombros e começa a puxar-me. Não sei o que ele pensa que está fazendo, mas não vou a qualquer lugar perto de Ryodan. Eu explodi em uma Dani-granada, toda punhos e dentes, e 10 tipos de você-não-quer-me-prender-quando-me-encurrular.

Pelo menos eu tento.

Dou um soco mole antes de me impedir, não vou telegrafar qualquer notícia mais catastrófica para um cara que não perde um truque e não hesitará em usar qualquer fraqueza contra mim.

O que há de errado comigo?

Será que ele fez algo para mim? Como me quebrar?

Supervelocidade- se foi.

Superforça- se foi.

Eu estou tão fraca como um Joe e... ew! Presa nos braços do Ryodan. Fechada. Como estivéssemos prestes a dançar, ou nos beijarmos.

—Cara, você gosta de mim ou algo assim? Fique longe de mim!

Ele olha para mim. Posso ver a mente trabalhando por trás de seus olhos. Não gosto quando a mente de Ryodan trabalha enquanto está olhando para mim.

—Lute, pequena.

Eu inclino meu nariz em um ângulo desafiador, projeto meu queixo na melhor inclinação “foda-se”. —Talvez eu não sinta como ele. Você disse que não há nenhum ponto. Você fica me dizendo quanto você é grande e responsável.

—Nunca parou antes.



—Talvez eu não queira quebrar uma unha,— pareço indiferente, como, para encobrir que eu apenas tentei lutar. E fugi. E pela primeira vez em, bem, sempre, estou... norma-

A palavra gruda como uma rebarba dura espetando na parte de trás da minha garganta. Não posso tossi-la. Eu não consigo engolir.

Está tudo bem. Não preciso ser capaz de dizer isso. Não é verdade. Nunca será.

Eu nunca estive nessa palavra. Não faz parte da minha realidade. Provavelmente só esqueci de comer o suficiente. Faço uma contagem apressada mental do meu consumo de combustível durante as últimas horas: 11 barras de proteína, três latas de atum, cinco latas de feijão preto, sete Snickers. Ok, então o meu menu está no limite, mas não o suficiente para drenar o meu tanque de gasolina. Piso no pedal novamente.

Ainda não me movo. Imóvel é comigo. Estou meio assustada.

Ele está segurando a minha mão, olhando para minhas unhas curtas que AP pintou de preto a noite que descobriu a verdade sobre mim. Não sei por que eu não tirei ainda. Ele lasca como louco em algum momento, com toda a luta que eu faço.

—Você não tem unhas para quebrar. Tente novamente.

—Larga a minha mão.

—Me obrigue.

Antes que eu pudesse forçar uma resposta enérgica e brilhante, minha cabeça está de volta, minha coluna é curvada como um arco, a face Ryodan no meu pescoço.

Ele me morde.

O fodido me morde!

Direto no pescoço!

Presas na minha jugular. Eu o senti, afiado e profundo, afundando em mim. Dói.

Ryodan tem dentes! Eu não imaginava, o que eu pensei que vi no telhado da outra noite, quando ele estava me dizendo que havia um trabalho para mim!

—O que você está fazendo? Você é um vampiro ou algo assim? Você está me transformando? —Estou horrorizada. Estou... intrigada. Quanto mais forte eu poderia ser? Vampiros são de verdade? As fadas são. Suponho que se abrir a porta do armário. Tudo vai saltar para fora agora. AP sabe sobre isso? Barrons é um vampiro? O que está acontecendo aqui? Cara, meu mundo ficou muito mais interessante!

De repente, estou cambaleando, resistindo nada e parecendo um catavento bêbado fazendo isso. Isso me irrita, me faz parecer desajeitada na frente dele. Limpo uma mancha de sangue do meu pescoço e reflito. Quando foi a última vez que alguém derramou meu sangue? Talvez nunca. Claro, eu golpeio a mim mesma. Mas ninguém mais faz. Não mais.

Sangrando? Desajeitada? Lenta? Quem sou eu?

—Sei o seu gosto agora, pequena. Conheço o seu perfume como eu sei do meu. Você nunca vai ser capaz de passar de novo sem eu saber que é você. E se eu pegar você nos níveis mais baixos do Chester... ou em qualquer lugar no meu clube para qualquer assunto...

Empurro meu olhar de minha mão a seu rosto.

Ele sorri para mim. Há sangue em seus dentes.



Fato: é apenas errado sorrir para alguém tendo seu sangue nos dentes. Ofende até os ossos. Onde estavam suas presas? Será que ele tem presas? Implantes naturais ou cosméticos? Você nunca sabe com as pessoas nos dias de hoje. Eles não retraem com um ruído seco bem audível como na TV, ou teria ouvido. Tenho super ouvido. Bem, às vezes. Como quando eu também tenho super velocidade e super força. Que costumava ser o tempo todo. Até exatamente agora.

—... Não me deixe...

Seu olhar com aquele oscilar enervante que ele tem às vezes. Acho que é porque ele me olha de cima e abaixo tão rápido que não posso me concentrar nos olhos mudando de direção, só vejo uma espécie de arrepio ocular. Pergunto-me se eu posso fazer também, super velocidade em uma única parte de mim, como talvez tocar com um dedo super rápido. Eu preciso praticar. Supondo que eu tenha super rapidez novamente em tudo. O que há de errado comigo? Será que eu parei? Como eu poderia parar? Eu não parei!

—... A menos que você esteja trabalhando para mim e não contra mim. Esse é o negócio. — Ele é frio. Gelado. E sei, mesmo sem ele dizer, que a segunda opção é: morrer. Trabalhar para mim ou morrer. Isso me irrita grandemente.

—Você está me dando um ultimato? Porque isso não é tão legal. — Não demonstro desdém. Estou desdém. Eu pisco 17 dos meus 35 Olhares Mortais. Eu os cultivo! Eles veem uma adolescente com mais coisas acontecendo do que eles sabem lidar, por isso, tentam bloqueá-los, fechá-los, fazê-los se sentir mal só por serem o que são. Posso até ajudá-lo. Direito do dançarino, os adultos tem medo das crianças que carregam.

—Se crescer significa parecer com você, — digo: — nunca vou fazer isso. Eu sei quem sou, e gosto. Não vou mudar por ninguém.

—Um dia, garota, você vai estar disposta a hipotecar sua alma maldita por alguém.

—Eu não acho que você deve dizer 'maldita' em torno de mim. Caso você esqueceu, tenho apenas 14. E notícias rápidas, cara, eu não tenho alma. Não existem bancos. E não há qualquer moeda. Logo. Nunca. Irá. Acontecer.

— Não tenho certeza de que poderia ser mais cheia de si.

Cortei o olhar presunçoso. —Estou disposta a tentar.

Ryodan ri. No instante em que ele faz, eu pisco de volta para o que eu vi no nível quatro na outra noite. Ele estava rindo em seguida, também. O olhar no rosto da mulher e o barulho que estava fazendo quando ele fez aquela coisa que ele estava fazendo- Bah! Cara velho! Bruto! O que há de errado comigo?

Ele está olhando para mim, rígido.

Ele me faz querer pestanejar.

Ryodan olha para as pessoas diferente de todos que eu conheço. Como se tivesse visão de raios X ou algo assim e soubesse exatamente o que está acontecendo dentro dos crânios das pessoas.

—Não há mistério, pequena. Se viver o suficiente, saberá o que estão pensando, — disse. — Os seres humanos são previsíveis, possuem padrões. Poucos evoluem além deles.

Hein? Ele não apenas respondeu o meu pensamento. Nenhuma fodida maneira.



—Eu sei o seu segredo, Dani.

—Não tenho segredos.

—Apesar de toda a arrogância, você não quer que ninguém a veja. Não realmente. Menina invisível. Isso é o que você quer ser. Eu me pergunto por quê.

Eu o empurro com as duas mãos e congelo com tudo que tenho.

Funciona desta vez! Ponto-A, é bom ser eu! Vento no meu cabelo! Mega em movimento! Pular prédios altos em um único salto!

Bem, talvez essa última parte seja um pouco de exagero, mas ainda...

Zooooooooom! Eu voo pelas ruas de Dublin. Quando bato na parede próxima, bate-me frio.

Capítulo 2

—*Ice Ice Baby*¹⁰

Desde que durmo como um morto, eu desperto pensativa. Não importa dormi ou fui nocauteada. Estou sempre reflexiva no início, porque não posso sacudir o sono tão rápido quanto a maioria das pessoas. Meus sonhos emaranham com o mundo real e leva um tempo para que eles se derretam, como pingos em calhas no sol da manhã.

Não desta vez.

Vim da inconsciência como um arame farpado: um segundo para trás, o próximo de quatro, então estou com minha espada na garganta de Ryodan.

Ele a derruba. Ela voa para fora da minha mão e cai na parede de seu escritório.

Eu invisto após a queda na parede mesmo, mas quem se importa? Minha espada está na minha mão de novo. Minha coluna contra a parede, lâmina para fora em minha frente, sem tirar os olhos dele, esperando ele tentar tirar de mim novamente. Vai através de seu coração se ele fizer.

—Podemos fazer isso todos os dias, se você gosta, — diz ele.

—Você me nocauteou, — digo com os dentes cerrados. Estou louca, cuspiendo, meu rosto está pulsando os dentes feridos. É uma maravilha que eu tenho alguma esquerda.

—Correção. Eu estava em seu caminho. Você bateu. Eu disse a você para ver onde está indo.

—Você é mais rápido do que eu. Isso significa que supostamente você deveria conceder direito de passagem.

—Não somos carros. Bonito. Eu não cedo. Nunca. —Ele coloca um pé em torno de uma cadeira e chuta-a para mim. —Sente-se.

—Foda-se.

—Sou mais forte, mais rápido, e falta à emoção humana que você leva. Isso me faz seu pior pesadelo. Sente-se. Ou eu vou fazer você sentar.

¹⁰ Música de Vanilla Ice. <http://www.youtube.com/watch?v=rog8ou-ZepE>



—Eu posso pensar em um casal pior, — murmuro.

—Você quer jogar. Eu não acho que você vá gostar.

Eu acho que acabou. Estou preocupada por antes, quando parei. Se acontecer de novo e ele descobrir? Estou duplamente preocupada porque ele me nocauteou, frio, no meio da imagem congelada. É óbvio que não posso escapar se ele não quiser me deixar ir. Estou em Chester, seu território, todos os seus homens nas imediações. Mesmo se Barrons estiver por perto, não vai me ajudar. Tenho certeza que ele tem AP me odiando agora.

Fiz um balanço da habitação. Nunca estive em seu escritório antes. Telas de LED servem como molduras do esconderijo, alinhando todo o perímetro do teto, piscando de uma zona para outra. A partir daqui Ryodan observa. Estou nas entranhas de seu clube.

—Como cheguei aqui?— Não há uma resposta possível. Estou tentando ganhar mais tempo para me orientar. Cautelosamente eu toco meu nariz, sinto a ponta. Está assustadoramente bulboso e mole.

—Eu carreguei você.

Ele me deixa louca. Quase não consigo respirar. Ele me derrubou, me pegou como um saco de batatas, carregou-me pelas ruas de Dublin e arrastou-me no meio de todas as pessoas assustadoras e Fae que pendem em Chester, provavelmente todo mundo olhando para mim e sorrindo. Não fui impotente por um longo período de tempo.

Fato: ele poderia fazê-lo novamente se quisesse. Mais e mais. Este cara de pé na minha frente podia me encadear, pior que tudo que minha mãe ou Ro já fizeram para mim.

Decido que a coisa mais sábia é ser indulgente até que ele me deixe sair. Então, vou comer tudo o que puder chegar a minhas mãos, me testar, ter certeza que estou trabalhando direito, entocar em algum lugar seguro e ficar quieta por um tempo. Vou gastar o meu tempo na clandestinidade, trabalhando para ser mais rápida e mais forte, para que eu nunca tenha que colocar-me em um momento como este de novo. Eu pensei que estes tipos de dias se foram para sempre.

Sento-me.

Ele não olha presunçoso como eu teria. Ele me dá... um olhar de aprovação ou algo assim.

—Não preciso de aprovação, — digo, irritada. —Não preciso de ninguém.

—Fique assim.

Eu franzo o cenho para ele. Não entendo Ryodan em nada. —Por que estou aqui? Por que você me trouxe para Chester? Vá direto ao ponto. Tenho coisas para fazer. Agenda lotada, você sabe. Estou na demanda.

Olho em volta. O escritório é feito de vidro sólido, paredes, teto e piso. Ninguém pode ver, mas você pode olhar para fora. É estranho caminhar sobre um piso de vidro. Como se o chão estivesse caindo fora de seu mundo com cada passo que você dá. Mesmo sentada, você sente uma espécie de vertigem.

Eu olho para baixo. Hectares de pista de dança debaixo de mim. O clube tem vários níveis, talvez uma centena de camarotes em duplex, cada um com seu próprio tema. Seelie, Unseelie, e seres humanos se juntam e fechando quem sabe o tipo de acordos. No pós-muro em Dublin,



qualquer coisa que você queira, pode obter em Chester por um preço. Por um segundo eu esqueço que ele está lá, fascinado por ver todos entre meus tênis de cano alto. Eu poderia sentar aqui por dias, estudar, ficar mais esperta. Listar todas as castas Fae, espalhar a notícia ao redor da cidade, o que eles são, como podem ser derrotados, ou pelo menos escapar ou prendê-los até que eu possa chegar lá para matá-los com a minha espada. Isso é uma grande parte de por que eu estive tão determinada a chegar dentro de Chester. Como posso proteger minha cidade se eu não conseguir avisar todos sobre todos os perigos? Tenho um trabalho a fazer. Preciso de todas as informações que eu conseguir.

Há um macho Seelie na pista de dança, loiro e bonito como V'lane foi antes de largar o glamour e revelar-se como Unseelie. No próximo camarote, mais uma casta inferior de Fae escuro que eu nunca vi antes, brilhante, molhado e segmentado, com Ew! Os diversos segmentos estão desmoronando e correndo fora em uma centena de diferentes direções, como baratas! Eu odeio baratas. Eles começam a desaparecer nas pernas das calças das pessoas. Levanto meus pés do chão e sento de pernas cruzadas sobre a cadeira.

—Você vê tudo.

Não é uma pergunta, não vou responder. Olho para ele, cruzo os braços e espero.

Aquele sorriso novamente.

Sobressaio meu lábio inferior desafiadoramente. —O que eu sou? Como uma piada ambulante para você? Por que sempre sorri quando olha para mim?

—Você vai descobrir. — Ele se move à mesa, abre uma gaveta, pega uma folha de papel e entrega para mim. —Preencha e assine isso.

Eu a pego e olho para ele. É uma solicitação de emprego. Eu o olho. —Cara. Mundo Pós-apocalíptico. Quem faz solicitações de emprego?

—Eu faço.

Reviro os olhos para ele, então. — Quanto vai me pagar?— Eu me inclino.

—Amigo. Mundo Pós-apocalíptico. Quem segue fazendo dinheiro.

Eu sorrio. Mostrou o primeiro sinal de qualquer senso de humor. Então, me lembro de onde estou e por que. Eu amasso e jogo para ele. Salta em seu peito.

—Você está perdendo tempo, garota. Quanto mais cedo você fizer o que digo, mais cedo você pode sair daqui. —Ele vai para sua mesa, pega outro e alcança para mim com uma caneta.

Eu relaxo. Ele planeja me deixar partir. Talvez até mesmo em breve.

Eu deslizo sobre o pedido. Tem os espaços habituais: nome, endereço, data de nascimento, educação, história prévia de trabalho, lugares para assinatura e data. Pedido mais extravagante que já vi, com o nome de Chester trabalhado em uma beira ornamentada emoldurando a página.

Todo mundo se apega a algo quando o mundo se derrete. Suponho Ryodan gosta de ter seus detalhes de negócios tudo ao quadrado, não importa o caos à sua porta. Não é como se ele me matasse para preencher a coisa estúpida, concordar em fazer o que ele quer, então, correr daqui e ir para o esconderijo subterrâneo. Eu suspiro. Escondendo-Me. Eu estou com saudades dos dias em que eu era a única super-heroína na cidade.

—Se eu preencher isso, vai me deixar ir embora?



Ele inclina a cabeça.

—Mas eu tenho que fazer algum tipo de trabalho para você?

Ele inclina a cabeça novamente.

—Se eu fizer esse trabalho, acabamos? Para sempre? Apenas o trabalho, certo? —Eu tenho que ser convincente, ou ele vai descobrir que eu planejo desaparecer.

Mais uma vez ele me dá esse aceno imperial que é quase um aceno de cabeça, como se ele estivesse inclinando-se a reconhecer a minha existência insignificante.

Eu não pergunto a ele o que o trabalho é, porque não tenho a intenção de fazê-lo. Nunca vou ser a solução para os problemas de ninguém novamente. Cruzei linhas para Ro. Grandes linhas. Linhas profundas. Ela está morta. Eu sou livre. A vida começa agora. Eu o estudo. Ele é perfeito silêncio, com a luz atrás do rosto, como de costume, características em sombra.

Vomito se ainda gostar dele. Antes de ele atacar.

Algo está acontecendo aqui, maior do que estou vendo.

Meu rosto dói. Meus olhos estão inchados, o da esquerda está tentando fechar. —Você tem gelo?— preciso ganhar tempo para descobrir o que está acontecendo. Além disso, se ele buscar gelo, posso bisbilhotar através do escritório.

Ele me dá um olhar que eu já vi em homens antes, especialmente para mulheres: queixo para baixo, olhando de baixo, sobranceiras acima, um sorriso levemente zombeteiro. Há algo no olhar que não entendo, mas o desafio é inconfundível. —Venha aqui, — diz ele. —Eu vou te curar.— Ele está sentado atrás da mesa, me olhando. Ainda assim, tão quieto. É como se ele não estivesse nem mesmo respirando.

Eu olho para ele. Não sei o que fazer com ele. Parte de mim quer levantar, ir em torno dessa mesa e descobrir o que ele está falando. —Você pode fazer isso? Minhas contusões e cortes irem embora? —Estou sempre batendo, meus músculos estão constantemente tensos por excesso de uso. Às vezes eu queimo os meus sapatos e raspo a pele dos meus pés. Eles ficam velhos.

—Eu posso fazer você se sentir melhor do que já sentiu na vida.

—Como?

—Há alguns segredos, Dani O'Malley, que você aprende apenas por participar.

Eu considero isso. —Então. Você tem o gelo?

Ele ri e aperta um botão na mesa. —Fade. Gelo. Agora.

—Certo, chefe.

Alguns minutos mais tarde, estou sentada com uma bolsa de gelo na metade do rosto, olhando ao redor para preencher o pedido estúpido de Ryodan. Estou quase pronta e preparada para assinar quando tenho uma estranha sensação na mão, a que segurava a página.

É minha mão esquerda, a mão da espada, que ficou preta pouco tempo depois, na noite em que esfaqueei um caçador, atravessando o coração e o matei. Ou melhor, à noite eu pensei que matei um caçador. A verdade é que não estou realmente certa do que fiz, mas não estou prestes a publicar uma retratação. O público precisa acreditar em certas coisas. Quando voltei, para tirar fotos dele para The Daily Dani, mostrar as pessoas, ele se foi, completamente. Nenhum traço permaneceu. Nem uma única gota de sangue negro em qualquer lugar. Barrons diz que eles não



podem ser mortos. Após o incidente, pensei que ia perder minha mão. Minhas veias ficaram pretas, e minha mão inteira fria como um bloco de gelo. Eu tive que usar luva por dias. Sidhe sheep disseram que eu tenho veneno sumagre¹¹. Raro por essas bandas, mas costumavam haver alguns. Não sei se as sombras comeram tudo. Pergunto se eles fizeram, se eles tem coceiras na barriga. Agora está tudo formigando e estranho. Eu observo, perguntando-me o que mais poderia dar errado comigo. Talvez esfaquear o caçador fez algo para mim. Talvez por isso eu parei. Talvez existam coisas piores no horizonte.

Isso não é assim comigo! Otimismo é comigo. Amanhã é o meu dia. Você nunca sabe que grandes aventuras esperam na próxima esquina!

—Pequena, você vai sentar o dia inteiro sonhando acordada, ou assinar a maldita coisa.

Isso é quando eu vejo. Estou tão atordoada, minha boca se abre, estava comendo moscas por um minuto.

Eu quase assinei!

Ele deve ter sentado ali, rindo, seu traseiro de fora para dentro, congratulando-se.

Minha cabeça encaixou. —Então, o que exatamente a mágica na margem dessa coisa faz?— nunca vi nada parecido. E vi um monte de feitiços. Ro era uma profissional para eles. Alguns realmente desagradáveis. Agora que estou vendo, não acredito que perdi isso. Inteligentemente enfiado na borda, ornamentos pretos são formas exuberantes e símbolos, deslizando, em constante movimento. Um deles está tentando rastejar para fora da página e no meu colo.

Eu amontoei e joguei para ele. —Bela tentativa. Não.

—Ah, bem. Foi possível você assinar. Era a solução mais simples.

Ele está completamente imperturbável. Eu me pergunto, será que alguma coisa o agita, faz perder a calma, ficar quente sobre algo, e gritar? Eu não posso vê-lo. Eu acho que Ryodan desliza pela vida com o mesmo humor friamente divertido o tempo todo. —O que teria feito de mim, se eu assinasse?— Eu pergunto. Curiosidade. Eu tenho de sobra. Mãe jurou que ia ser a minha morte. Algo tem que ser. Existem coisas piores.

—Alguns segredos

—Sim, sim, blá, blá, participando e tudo bobagem isso. Tem.

—Bom.

—Não quero saber de qualquer maneira.

—Sim, você quer. Você não pode ficar sem saber as coisas.

—Então, e agora?— Estamos em um impasse, ele e eu. Eu suspeito que o seu —pedido— foi realmente um contrato. Um contrato vinculativo, do tipo que entrelaça sua alma e a enfia no bolso de alguém. Eu ouvi falar deles, mas nunca acreditei que eram reais. Se alguém tivesse uma maneira de costurar uma alma em um negócio, seria Ryodan. Jericó Barrons é um animal. Animal sem lei. Ryodan não. Amigo, é uma máquina.

—Parabéns, pequena, — diz ele. —Você passou no meu primeiro teste. Você ainda pode começar o emprego.

¹¹ Arbusto que produz um óleo chamado urushiol que não é venenoso, mas que em contato com a pele produz uma reação alérgica e a criação de uma erupção aparece a partir 24 a 48 horas após o contato.



Eu suspiro. —Este vai ser um longo dia, não é? Você servem almoço por aqui? E eu vou precisar de mais gelo.

Um porta. Eu nem sabia que estava lá na parede de vidro do escritório, abriu, revelando um elevador de vidro.

Chester é muito maior do que eu pensava. Como nós entramos no elevador para descer, estou fascinada com a vista.

E um pouco preocupada.

Que ele está deixando-me ver significa tanto quanto se eu assinar seu pedido estúpido ou não, ele acha que me pressiona.

O escritório de vidro não é o único lugar onde ele pode ver as coisas. É a ponta do iceberg, e, cara, eu quero dizer iceberg, como em megatons de coisas escondidas sob a superfície. A parte central do clube Chester's, metade interior, uma dúzia de níveis, o público vê apenas um décimo. Essa parte principal, onde todo mundo sai, dança e faz acordos com o diabo é construída dentro de uma estrutura muito maior. Ryodan e seus homens vivem atrás dos muros do clube em que estou começando a olhar como uma grande cidade subterrânea, de onde estou. Todas as paredes são de vidro em dois sentidos. Eles podem ir a qualquer nível, por elevador ou passarela, e ver tudo o que está acontecendo a qualquer momento. Seriamente pensado ao projetar este lugar. Não há nenhuma maneira que eles construíram tudo, desde que os muros caíram no último Halloween. Eu me pergunto há quanto tempo está aqui, sob o polido, chamativo e glamoroso Chester's que existia, ponto quente para estrelas de cinema, modelos e super ricos. Gostaria de saber se, como a nossa abadia, seu mundo subterrâneo esteve sob mudança exterior por milênios.

Não poderia estar mais impressionada. É tão brilhante que eu estou ciumenta. Isto é bisbilhotar elevado a um nível de perícia techno-nerd.

—Gosta do que vê, pequena.

Eu pego minhas cutículas, fingindo tédio.

O elevador para e as portas abrem. Acho que deve estar pelo menos um quilômetro abaixo Dublin.

A primeira coisa que me bate é o frio. Puxo meu casaco mais apertado, mas ele não faz muita coisa. Amo a aparência de couro. Odeio o isolamento dele.

Segunda coisa que me bate é o silêncio. Na maior parte do Chester você pode ouvir as batidas fracas de algum tipo de música ou conversa, 24/7. Pelo menos algum tipo de ruído branco. Este nível é como a morte.

Terceira coisa é quanto está escuro.

Ryodan está me esperando do lado de fora do elevador.

—Você pode realmente ver lá fora?— Será que ele tem outro superpoder além de mim? Eu vejo bem no escuro, mas não no escuro como breu.

Ele acena com a cabeça.

Eu odeio Ryodan. —Bem, eu não posso. Então, ligue algumas fodidas luzes. Além disso, as sombras?

—Eles não me incomodam.



As Sombras não o incomodam. Sombras comem de tudo. Eles não discriminam. —ponto para você. Elas me incomodam. Luzes. Pronto.

—As luzes não estão funcionando por aqui.

Antes que eu possa desenterrar um fora, ele remove uma lanterna do bolso e me entrega. Mais legal que eu já vi, em forma de bala. É pequena, prata, elegante, e quando eu ligo, ilumina o corredor além do elevador como o sol.

—Amigo, — eu digo com reverência, —você tem os melhores brinquedos.

—Fora do elevador, menina. Temos trabalho a fazer.

Eu segui, o ar como uma geada.

Eu costumava pensar que haviam apenas seis níveis em Chester's. Agora eu sei que são pelo menos 20, eu contei no caminho para baixo. O nível que estamos no detém três subclubs muito diferentes. Eu vislumbrei as coisas através das portas abertas de clubes que ninguém de 14 anos de idade, deve ver. Mas então, essa tem sido a história da minha vida.

O frio está cada vez pior, quanto mais longe no corredor vamos, como fazemos por um par de portas altas. Ele corta meu casaco longo, corta minha pele. Eu tremo e meus dentes começam a bater.

Ryodan olha para mim. —Quanto frio pode receber antes de morrer.

Grosseiro e direto ao ponto. Isso é Ryodan. —Não sei. Eu vou te dizer quando achar que estou passando.

—Mas mais frio que a maioria dos seres humanos.

Como de costume com ele, não é uma pergunta, mas eu aceno de qualquer maneira. Eu posso ter mais de tudo que a maioria dos seres humanos.

Ainda assim, no momento em que paramos em frente ao par de portas fechadas no final do corredor, estou sofrendo. Eu estive batendo meus pés a cada passo para 50 metros. Eu começo a correr no lugar, para manter o sangue circulando em minhas veias. Minha garganta e pulmões queimam com cada respiração. Posso sentir a pressão a frio para o outro lado dessas portas como uma presença. Olho para Ryodan. Seu rosto está fosco. Quando ele levanta a sobrelha, o gelo quebra e bate no chão.

Eu balancei minha cabeça. —Não posso.— De jeito nenhum eu vou lá.

— Acho que você pode.

—Amigo, eu sou incrível. Sou mesmo tudo isso às vezes. Mas tenho limites. Pense no meu coração batendo.

A próxima coisa que eu sei é que sua mão está no meu peito, como se estivesse sentindo-me.

—Saia de mim!— Eu digo, mas ele algemou a outra mão em volta do meu pulso. Balancei a cabeça e inclinei o rosto, como se não pudesse nem mesmo olhar para ele. Não posso impedi-lo. Não com palavras ou ações. Posso deixá-lo fazer isso, e acabar logo.

—Você é forte o suficiente.— Ele deixa cair a mão.

—Não sou.— Foi uma manhã difícil. Às vezes gosto de me testar. Hoje não. Não depois da minha gagueira anterior.



—Você vai sobreviver.

Olho para ele. Estranho, tão louca como ele me faz, tão imprevisível quanto ele é, eu acredito nele. Se Ryodan acha que consigo, quem sou eu para discutir? Ele é infalível ou algo assim. Descobri que ia colocar mais fé no diabo do que em qualquer deus.

—Mas você vai ter que fazê-lo em velocidade máxima.

—Fazer o quê?

—Você vai ver.— As portas duplas são altas e esculpidas. Elas parecem pesadas. Quando ele toca a maçaneta e abre a porta, os dedos são imediatamente envolvidos em gelo. Quando puxa a mão, pedaços de pele congelada são deixados no punho. —Não pare quando estiver lá. Nem mesmo por um segundo. Seu coração vai durar apenas enquanto você estiver em movimento. Pare e você está morta.

Ele podia entender tudo que a partir de uma palma no meu peito? —E eu vou lá por quê?— Eu não posso ver uma única razão para correr tal risco. Eu gosto de viver. Eu gosto muito.

—Pequena, Batman precisa de Robin.

Cara. Eu fiquei toda mole e derretida e engoli um suspiro sonhador. Robin para seu Batman! Parceiros de super-heróis. Em muitas versões, Robin fica muito mais forte. Ele poderia me conquistar se tivesse dito isso primeiro. —Você não quer que eu trabalhe para você. Você quer um parceiro super-herói. Essa é uma história totalmente diferente. Por que você não disse?

Ele entra na sala e odeio admitir isso, mas estou impressionada que ele pode fazer isso. Eu não posso e sei disso. A explosão fria de matar chegando através da porta aberta me faz querer chorar de dor, fugir, quero virar e correr para o outro lado tão rápido quanto puder, mas ele só segue adiante. Ele não se move fluido, como de costume. É como se ele estivesse empurrando-se em concreto, por pura força de vontade. Eu me pergunto por que não vai mais rápido, do jeito que está me dizendo para ir.

Que ele possa fazê-lo me provoca. Sou eu que vou ser uma covarde? Vou ser ultrapassada por mim mesma? Este é Ryodan. Se nunca serei capaz de vencê-lo, tenho que correr riscos.

—O que estou procurando?— Eu digo, os dentes batendo, meu espírito congelando a imagem. Eu realmente não quero ir para lá.

—Qualquer coisa e tudo. Absorva todos os detalhes. Olhe para qualquer pista. Eu preciso saber quem fez isso com os clientes do meu clube. Eu garanto proteção. Eu forneço. Se a notícia disto sai...

Ele não terminou a frase. Não precisa. Não pode sair. Chester's tem que ser terreno seguro, sem exceções, ou ele vai perder o negócio. E Ryodan não é desses homens que vai tolerar a perda de algo que seja seu, por qualquer motivo. —Você quer que eu brinque de detetive para você.

Ele olha para mim. Seu rosto está coberto com gelo. Racha na costura dos lábios quando fala. —Sim.

Eu não posso deixar de perguntar. —Por que eu?

—Porque você vê tudo. Você não tem medo de fazer o que é preciso e não fala uma palavra a ninguém.

—Falar como se soubesse uma coisa ou duas sobre mim.



—Eu sei tudo sobre você.

O frio que recebo dessas palavras silenciosamente entregues é quase pior do que o que está saindo do clube. Conheço pessoas. Ryodan não fala demais. Não joga fumaça no traseiro de outras pessoas ou blefa. Não pode saber tudo. De nenhum jeito fodido ele sabe tudo. —Pare de falar. Preciso me concentrar, se você quer que eu coloque meu supercorpo e supercérebro a trabalhar ao mesmo tempo. Isso é um monte de magnitude-Mega.

Ele ri, eu acho. O som é liso e tinindo, como gelo em sua garganta.

Eu direciono a lanterna para o clube escuro. Centenas de seres humanos estão congelados, meio girando, meio sexo, meia morte, misturado com uma casta de Unseelie que só vi uma ou duas vezes: a casta que serviu como guarda imperial do Lorde Master. O quarto é decorado em homenagem a sua classe, todo vermelho e preto, com cortinas de veludo vermelho fosco e gelo salpicado das cadeiras de veludo preto, sofás de couro vermelho, prateleiras acolchoadas e um monte de correntes em cada peça de mobiliário. Tiras de couro. Lâminas afiadas. Com poças de gelo negro no chão. Sangue humano.

Tortura. Assassinato. Pessoas abatidas.

Ele cai e eu só olho um segundo, tentando obter um controle sobre o meu temperamento. —Você deixa isso acontecer. Você deixa as pessoas serem mortas por esses monstros!

—Eles vêm aqui por vontade própria. A fila para o meu clube na noite passada envolveu cerca de dois quarteirões da cidade.

—Eles estão confusos! Seu mundo inteiro apenas derreteu!

—Você soa como Mac. Isto não é novo, pequena. Os fracos sempre foram alimento para os mais fortes.

O nome dela é um chute no estômago. —Sim, bem, mamãe me ensinou a não brincar com a comida antes de comer. Cara, você é um psicopata fodido.

—Cuidado, Dani. Você precisa de uma casa de vidro em seu próprio país.

—Eu não tenho um lugar como Chester's.

—É uma famosa citação.

—Não é muito famosa, se eu não sei.

—As pessoas que vivem em casas de vidro não deve atirar pedras. Talvez você queira falar sobre sua mãe.

Eu desviei o olhar. Vou embolsar minhas pedras por pouco tempo. Pelo menos até que eu saiba com certeza exatamente o que sabe sobre mim.

Eu viro minha atenção de volta para o quarto, e minha tensão se derrete, substituída por uma emoção antecipatória. Eu adoro mistérios. Maneiras de testar o meu cérebro! Dancer e eu fazemos quebra-cabeças lógicos. Ele me vence, às vezes. Dancer é a única pessoa que já conheci, que acho que poderia ser mais esperta do que eu. O que há com esse lugar? O que aconteceu? —Você tem câmeras aqui?, — Digo.

—Eles pararam de trabalhar quando tudo ainda estava normal.

Como se algo fosse —normal— nesta câmara de tortura. Agora, é ainda mais estranho.



Cada pessoa e Fae no quarto está congelada, silenciosa, branca, estatuetas de gelo. Ornamentos idênticos de cristais de gelo como diamantes se estendem de suas narinas; exalam congelado. Ao contrário de Cruce, que está contido dentro de um bloco sólido de gelo, essas pessoas parecem que, de alguma forma, foram congeladas onde estavam. Eu me pergunto se eu batesse em um dos Fae ele seria destruído.

—Você acha que o Rei Unseelie fez isso?

—Não há razão que eu possa ver, — diz Ryodan. —Ele não é do tipo que perde tempo com coisas pequenas. Apresse-se, pequena. Não é um piquenique ficar em pé aqui.

—Por que você está?

—Não tomo nada como garantido.

Significa que ele acha que é possível que um deles não esteja completamente congelado. — Você está me observando.

—Eu assisto as costas dos meus funcionários.

—Parceira— Eu corriji, e nem gosto disso. Fiquei lisonjeada quando me chamou de Robin do seu Batman, mas eu já superei. Isto é o que ele é: alguém que dirige um lugar onde os seres humanos são mortos para diversão Fae.

Eu salvo. Ele condena. Isso é um abismo entre nós, nenhuma ponte vai alcançar. Vou olhar para isso. Mas não por ele. Pelos seres humanos. Os lados têm que ser tomados. Eu sei onde estou.

Ficarei por dentro, pensando sobre quantas pessoas em Dublin precisam de um pouco de ajuda para sobreviver, e, assim como sou perfeita, queimo livre, e eu deslizo lateralmente congelando pontos de referência como se deslizesse em um sonho.

Movendo-me como faço, torna ver as coisas um pouco difícil. É por isso que eu estava na porta, olhando tanto tempo, coletando observações à distância. Mesmo congelando o quadro, o frio provoca dor intensa em todos os ossos do meu corpo. Quando passo por ele, digo, —Qual é a temperatura aqui?— Planejo conseguir a resposta no meu caminho de volta.

—Nenhum termômetro pode saber, — diz ele ao meu ouvido, e eu percebo que está congelando o quadro, também. Ele está bem ao meu lado. —Não toque em nada. Está muito frio ao toque.

Eu circulo um guarda Fae em alta velocidade. Em torno dele, à procura de pistas. Se o Rei Unseelie fez isso, por que escolher aqui? Por que congelar os próprios guardas?

—É este o único cl-clube que tem g-gelado?— balbucio com frio.

—Sim.

—Q Quando?— Eu golpeio meu pé na hipervelocidade, chateada que estou balbuciando. Não importa se é por causa do frio, que me faz uma soar maricas. A próxima coisa que sei, é que vou murmurar.

—Oito dias atrás.

Poucos dias depois de Ryodan encurralar-me na minha caixa d'água. Eu empino a cabeça. Acabei de ouvir um som em uma sala completamente congelada. Eu volto para onde estava quando ouvi e vou em pequenos círculos, ouvindo, rígida.



Silêncio.

—D-Você ouv-iu-isso?— Eu me viro para cuspir. Meu rosto está ficando dormente e mais difícil de mover os lábios. Eu circundo uma mulher humana, congelada no meio do sexo. Não é geada que virou branco. Ela está coberta de geada forte, o tipo de gelo que se acumula em uma noite fria de nevoeiro. Acima de tudo está uma camada de gelo claro espessa uns bons centímetros.

—Sim. — Ryodan passa voando por mim. Cautelosamente, circula a sala em lados opostos, observando tudo com muito cuidado.

É difícil ouvir bem quando tem muito vento em seus ouvidos de mover-se como nós. Ryodan e eu temos que praticamente gritar cada vez que estamos falando. —Como um gemido de alta-p-p-frequência, — eu digo. Não vou ser capaz de ficar no quarto por muito mais tempo. Lá estava ele de novo! De onde estava vindo? Eu passo pelo subclub mais e mais rápido. Ryodan e eu fazemos oitos entre os congelados, tentando isolá-lo.

—Você f-sentiu isso?— Eu pergunto. Alguma coisa está acontecendo... Eu sinto uma vibração, como se o chão tremesse, como tudo estivesse... mudando.

—Porra!— Ryodan explode. Em seguida, as mãos estão na minha cintura, e ele está jogando-me sobre o ombro como aquele saco de batatas estúpido de novo, e se movendo mais rápido do que eu jamais consegui mover-me em toda a minha vida.

É quando eles começam a estourar, como fogos de artifício. Fae e os humanos explodem, enchendo o ar com estilhaços de cor de carne congelada.

Um após o outro, eles golpearam com violência, e com cada nova explosão, os próximos batiam mais forte. O mobiliário está explodindo também. Sofás em estilhaços de madeira congelada e pedras duras de pedaços de recheio. As estantes explodem em pedacinhos de fragmentos de metal. Parecem mil metralhadoras disparando.

Um par de facas passam rapidamente, perseguido por uma dúzia de picadores de gelo.

Eu enterro meu nariz em Ryodan. Meu rosto tomou socos suficientes para o dia. Não estou no clima para qualquer coisa afiada nele. Algo bate atrás da minha cabeça, em meus braços e em volta do meu crânio. Eu odeio estar por cima do ombro, mas ele é mais rápido do que eu. Eu tenciono, bombardeada por pedaços, esperando uma dessas lâminas de aparência desagradável ou picaretas para afundar em mim.

Estamos no meio do corredor, quase no elevador. Os outros dois clubes começaram a explodir, também. Eu ouvi um enorme estrondo e percebo que o chão está rachando abaixo de nós.

Pedaços do teto começam a cair.

No elevador, Ryodan atira-me de seu ombro para o compartimento em um movimento suave.

Eu explodir para fora. —Essa coisa fodida vai explodir e você quer que eu esteja nele?

—Isso vai durar o suficiente para tirá-la daqui.

—Brutamontes-fodido-do-caralho! Eu dou 50 por cento de probabilidades! Eu farei isso!

—Eu vou levá-la.



Eu estou no ar, por cima do ombro, de volta no elevador. O teto do corredor está descendo agora, a moldura, gesso, vigas de aço. Ele vai ser esmagado. Não que eu me importe. —E você?

Seu sorriso é cheio de dentes. Assusta-me. —O que, pequena, você se importa?

Ele bate as portas fechadas com as próprias mãos e eu juro que ele dá um empurrão de baixo.

Eu disparo para Chester's.

Capítulo 3

"Quando o gato não sai..."¹²

Sob circunstâncias normais, teria bisbilhotado através do escritório de Ryodan, mas meu dia não foi normal e estava em um estado de espírito irritado.

Duas coisas estavam na minha mente: chegar o mais longe possível de Ryodan enquanto ele estava ocupado morrendo (espero), e matar muitos Fae dentro do Chester's que estivessem no meu caminho.

O clube —bom— ficou desprotegido. Hoo-fodido-rah.

Seus homens passaram zunindo por mim tão rápido que meu cabelo disparou em linha reta no ar cinco, seis, sete vezes, menos Barrons, que não é muito de sair do lado da AP. Sem dúvida, estavam indo para o nível gelado, para salvar o chefe. Impedi-lo de ser esmagado. Com alguma sorte, todo o clube entraria em colapso em uma pilha de escombros e mataria todos eles.

De alguma forma eu duvidava.

Eles eram como Barrons. Eu não tinha certeza de que poderiam morrer. Se assim fosse, provavelmente seria apenas por uma única arma, escondida dentro de uma caixa invisível, em um planeta invisível, com uma atmosfera que iria queimar qualquer coisa viva instantaneamente, com um zilhão de anos-luz de distância.

Mas eu sabia que algumas coisas que poderiam morrer.

E a minha mão da espada tem uma coceira permanente.

Matar Unseelie me dá uma corrida que é quase tão intensa como congelar o ponto de referência. A única coisa que falta é AP em minhas costas, mas eu sei que, se AP estiver na minha volta, vai estar tentando enfiar uma lança no meu coração.

Sobrecarregada em adrenalina e raiva, eu golpeei e cortei o meu caminho através do subclub que me incomoda mais: aquele em que as garçonetes se vestem como crianças de escola, saias curtas e plissadas xadrez e meias brancas, blusas brancas nítidas e vivas e com pontos de colarinho engomado.

Crianças. Eles são as maiores vítimas da queda. Existem muitos deles escondidos nas ruas, sem nenhuma ideia de como sobreviver.

¹² "When the cat's away": canção de Kylie Minogue. <http://youtu.be/EEIc3D6krp4>



Em Chester's, as mulheres adultas se vestem como crianças para o comércio de favores por pedaços de carne Unseelie, a última droga no mercado. Tem poderes de cura épicas, e, temporariamente, dá aos humanos a força extra e resistência. Ouvi dizer que faz sexo muito intenso, também. As coisas que as pessoas estão dispostas a fazer para um estímulo alto e rápido, comer pedaços de carne de nossos inimigos! Faz-me querer bater cabeças.

Então, eu faço.

Dou algumas cotoveladas sobre as garçonetes também. Metade delas são aqueles estúpidos Vejo-voce-no faery, garotas que sopram a frase estúpida aos outros cada vez que partem, como se ir a Faery fosse algo a aspirar, em vez de algo como evitar dez variações da peste negra.

Elas deviam estar nas ruas, ajudando-nos a lutar e reconstruir nosso mundo. Em vez disso, estão aqui, convivendo com o inimigo, se vendem por um tiro na imortalidade. Eu não acredito nesse disparate. Eu acho que os Unseelie contribuíram, que se comer bastante carne Unseelie, eventualmente, vai tornar-se imortal, também, e pode sair com eles em todas as ocasiões sociais Faery.

Matei até o último Fae no subclub infantil, ignorando as garçonetes gritando para eu parar. Algumas pessoas simplesmente não sabem o que é bom para eles.

Há sangue negro em minhas mãos, gosma no cabelo, e meus olhos estão tão inchados das colisões anteriores, que mal posso ver, mas não preciso ver muito. Eu tenho um dispositivo de busca onde os Fae estão. Percebo os Unseelie. E matarei.

Eu sinto um grande mau atrás de mim, pior do que qualquer um dos que eu matei até agora, exalando todos os tipos de poder. Giro a espada, pronta para o golpe mortal, viro e trago minha lâmina cortando abaixo...

E perco!

O Unseelie, adiantou-se, esquivou flexível atrás de meia dúzia de mesas de distância. Ele vira o longo cabelo preto sobre um musculoso, tatuado no ombro e assobia para mim.

Eu investi atrás dele, sem sequer pensar, e estou prestes a bater quando percebo o que ele é.

Eu mudo de direção no meio da investida e esquivo para trás, pés pedalando ar. Droga, droga, droga, um dos príncipes Unseelie me encontrou!

Esta é uma batalha que não levei adiante até hoje! Não estava esperando por isso, porque eu nunca ouvi falar de nenhum dos príncipes passeando em Chester!

Bati em uma mesa, cai para trás, fico de quatro e lanço-me embora. Estou prestes a descobrir se posso congelar-quadro mais rápido do que ele pode peneirar. Abri uma barra de cereal, enfiei metade na boca e comecei a mudar as marchas, quando o príncipe Unseelie diz, - Moça, que diabos você está fazendo? Você já deu uma olhada ao redor?

Estou vendo através das fendas do inchaço no meu rosto, e minha visão é um pouco fraca, mas eu escaneei o lugar rápido. Toda a atividade no clube parou. Fae e humanos estão alinhados na sacada, olhando para mim de todos os níveis.

Eu sintonizei com o que eles estão dizendo.

—Louca. Garota burra.



—Alguém precisa colocar a cadela para fora.

—Eu não vou perto dela. Você viu seu movimento? Você vê o que ela está segurando?

—A Espada de Luz, — um Fae diz friamente. — Nossa Espada.

—Tire dela!

—Como ela ousa?

—Mate-a agora.

—Eu aposto que pode peneirar mais rápido do que ela pode matar, — uma rosna.

Eu tiro meu cabelo dos olhos, de quatro, todos os músculos tensos, à espera. Nós vamos descobrir, com fodida certeza.

—Quem permitiu que... que...essa coisa humana repugnante... aqui? Onde está o nosso anfitrião? Este é um terreno neutro!

—Ele fez um juramento. Ele falhou!

Eu não posso ajudar, mas sorrio. Assumindo que Ryodan sobreviva à queda, ele vai ficar seriamente chateado. Eu só realizei exatamente o que ele tentou — contratar—e prevenir. Arruinou sua reputação. Agora, o clube inteiro sabe que Ryodan não pode garantir a segurança em Chester. Todo Dublin dentro de uma hora. Eu poderia muito bem imprimir uma edição especial do The Daily Dani, e transmitir. Bom. Quanto menos pessoas vierem a Chester's, menos morrerão.

Eu olho para trás, para cara que o eu pensei inicialmente que fosse um príncipe Unseelie. O momento em que ele falou, eu relaxei. Agora que estou em câmera lenta novamente, eu vi as diferenças.

Quase matei um ser humano. Bem, um ser humano que está em processo de se tornar algo mais. Se não tivesse falado, eu ainda não teria certeza de quem era, mas nunca ouvi falar de um Fae chamar ninguém de—moça.— Eu não acho que eles se rebaixariam, nem mesmo por falsidade.

É o escocês que apareceu na minha festa na caixa d'água na mesma noite que Ryodan.

Eles se enfrentaram, toda a hostilidade erichando, dando-me tempo para escapar. Parecia que estava lá para me ajudar ou para foder com Ryodan. Qualquer que seja, o torna bom para mim.

Esse cara tem problemas tão grandes quanto os meus, talvez maiores. Acredito nele. Ele não gosta de Ryodan. E ele tem algum amuleto sério. Eu posso sentir calafrios no ar ao seu redor. Ele poderia ser um as valioso na minha manga. Se ele for confiável.

—Você é um MacKeltar, certo?

—Christian, — diz ele.

—Seus tios não são algum tipo de bruxos ou algo assim? Eles ajudaram a caçar o Sinsar Dubh.

—Druidas, moça. Não bruxos.

—Você pode lutar?

Ele me dá um olhar zombeteiro. —Eu não preciso. Eu posso levá-la daqui sem levantar um dedo.

Grande conversa. Eu decidi deixá-lo tentar.



Ele fica ao meu lado e nos dirigimos para a porta. Entre o que ele parece, e minha espada e, a cada ocupante de Chester's recua de volta quando passamos. Eu não posso evitar um pouco de arrogância.

Assobios, vaias e ameaças nos seguem.

Mas ninguém faz um movimento.

Eu poderia me acostumar com isso. Quem precisa de AP? Eu tenho o que parece um príncipe Unseelie ao meu lado e ninguém, mas ninguém, nem mesmo os Unseelie-mexem com seus príncipes. Ah, sim, esse cara vai ser uma grande vantagem na minha fila. Dou uma olhada de lado para ele.

Se conseguir ultrapassar que ele parece com o mais terrível de todos os Unseelie.

Além dele, eu pego um vislumbre de mim mesma no espelho. Entre os hematomas, inchaço nos olhos, cortes e sangue de todas as cores, eu não estou à procura de algo quente.

Lanço um olhar atravessado pelas pálpebras inchadas e memorizo rostos na saída.

Nas ruas, no meio da batalha, às vezes você tem que fazer escolhas difíceis. Às vezes você não pode salvar todos.

Os seres humanos que pendem em Chester's nunca vão estar no topo da minha lista.

Capítulo 4

*"Eu quero uma garota com uma mente como um diamante"*¹³

Estou atraído por ela.

Ela tem 14. E estou atraído por ela.

Sou oito anos mais velho. Onze, se você contar os três anos que passei tentando escapar dos espelhos Fae. Oito ou 11: qual a diferença? Faz-me um Highlander seriamente fodido.

Ou seja, lá o que eu sou.

Ela é uma confusão sangrenta, literalmente. Coberta com vísceras e sangue coagulado de assassinato, o nariz coberto de sangue seco, que está machucado, e ela vai ter dois ferozes olhos negros antes do anoitecer. É tarde demais para o gelo derrubar o inchaço.

E ela está em chamas.

Luz brilha seu rosto delicado, maltratado, brilho nos olhos verdes. Ela tem um cabelo encaracolado vermelho, que cai até o meio das costas. Tudo nela é brilhante e intenso. E está consciente e investido no mundo da maneira que a maioria dos adultos nunca estará. Eu sei. Já fui assim, também. Passou quando eu comecei a ouvir a verdade nas mentiras de todos, foi o meu maior problema. Ela faz tudo 110 por cento, com todo o coração.

Isso é o que me pega.

Atração não é sempre sobre sexo. Às vezes, trata-se de algo muito mais sutil, e muito maior.

¹³ "I want a girl with a mind like a diamond": começo da canção: "Short Skirt/Long Jacket" de Cake.



Eu assisti sua luta.

E algo agitou dentro de mim, algo que pensei que estivesse morto.

Não é o meu pau. Que está trabalhando muito. Melhor do que nunca. Sempre duro. Sempre pronto.

O que agitou é como chuva suave em um dia quente de verão. Doce. Terno. Algo que eu costumava ser. Com meu clã. Com os meus sobrinhos e sobrinhas.

Ela me lembra da minha Highlands onde nunca poderei voltar.

Eu sei exatamente o que ela será um dia. Inverno sangrento, ela é.

Dignidade. Esperança. Segurança.

Pena que não estarei mais aqui.

Capture-a agora.

—Quatorze— Eu rosno. Eu fiquei bom em discutir com a voz dentro da minha cabeça. Eu tenho um monte de prática. Um príncipe Unseelie não daria uma segunda reflexão sobre a idade. Um príncipe Unseelie veria apenas que ela tem as peças certas, e tempero de sobra. Quanto maior a luta, melhor a festa.

—Por que todo mundo fica dizendo isso como se fosse algum tipo de insulto fodido? Como, talvez, conseguirei esquecer por um minuto?, — Diz, irritada. —Nossa! Eu nunca vi tantas pessoas obcecadas com a minha idade!

Dani eriçada é algo a ver. Eu sorrio.

Ela dá um passo cauteloso longe de mim. —Cara, você está planejando me comer ou algo assim?

Meu sorriso desaparece. Eu desvio o olhar.

Eu uso uma máscara. Um rosto que não é meu.

Costumava ter o que as mulheres chamam de um sorriso matador.

Agora, tenho um sorriso assassino.

—Porque Ryodan já me mordeu uma vez hoje. Não estou no clima para mais dentes em qualquer lugar.

Ryodan mordeu? Mais um motivo para matá-lo. Eu olho para ela, esvazio o rosto de qualquer expressão. Não há nenhum ponto em tentar olhar tranquilizador. Esse cara não pode atraí-la. —Sem morder. Prometo.

Ela aperta os olhos para mim, desconfiada. —Cara, o que você é? Unseelie ou humano? O que aconteceu com você?

—Mac aconteceu.— Ela encolhe quando digo isso, e me pergunto por quê. Eu culpo Jericó Barrons, também. Se sobreviver ao que estou me transformando, vou matar os dois. Ondas de ódio através de mim, densas, negras e sufocantes. Se não fosse por eles, ainda seria o mesmo. Então, novamente, se Mac não tivesse feito o que fez, eu não estaria aqui. Então, novamente, se Barrons não tivesse feito o que fez, ou melhor, deixou de fazer, Mac não poderia ter me transformado nisso. Barrons não verificou minhas tatuagens antes de realizar um ritual Druida perigoso, então ele me abandonou nos espelhos para morrer. Quando Mac me achou nos



espelhos, ela me alimentou com Unseelie para me manter vivo. É impossível decidir qual deles culpar mais. Então, eu responsabilizo ambos e estou ficando mais feliz com isso todos os dias.

Vi Mac algumas noites atrás, no lado oposto do Chester, parecendo loira, bonita e feliz. Eu quero tirar tudo o que for brilhante, feliz, belo, torcê-lo em estreitamento e estrangulá-la com ele. Ouvi-la implorar, e matá-la de qualquer maneira, amando cada minuto.

Mais tarde naquela noite, olhei-me no espelho por um longo tempo. Braço inclinado atrás da cabeça, arranhando as costas com uma faca, coça o tempo todo, agora desfrutando a lâmina de sangue quente na minha pele, percorrendo minha espinha em meu jeans. Eu costumava odiar sangue. Agora eu poderia banhar-me nele. Leite da mãe.

—Sim, ela faz isso, — Dani concorda com um suspiro. —Ela me aconteceu, também.

—O que ela fez para você?

—É mais parecido com o que ela vai fazer comigo, se me pegar, — diz ela. —Não quero falar sobre isso. Você?

—Não quero falar sobre isso.

—Coisas melhores para falar, de qualquer maneira. Então, o que você estava fazendo em Chester's?

Boa pergunta. Não tenho ideia sangrenta. Acho que o número elevado de Unseelie reuniu algo em meu sangue. Não sei por que estou na metade dos lugares que eu vou. Às vezes, nem lembro das horas que antecederam. Eu só tomo consciência de que estou em algum lugar novo, sem memória de quando decidi ir ou como cheguei lá. —Eu queria uma cerveja. Não existem mais muitas opções em Dublin.

—Não brinca,— ela concorda. —Não apenas para cerveja, para tudo. De que lado você está?, — Diz ela sem rodeios. —Humano ou Fae?

Boa pergunta. E não tenho uma boa resposta.

Não posso dizer a ela que não discrimino. Desprezo todos. Bem, quase. Há essa ruiva de 14 anos de idade, com uma mente como um diamante. —Se você está perguntando se eu protegi suas costas, moça, eu fiz.

Ela estreita os olhos e me olha fixamente. Nós estamos do lado de fora do Chester's, em uma piscina de luz. O céu está tão nublado parece anoitecer, às três da tarde. Eu recebo uma súbita imagem nossa de cima: uma jovem esbelta, com cara de menina delicada em um longo casaco de couro preto, as mãos nos quadris, olhando para um príncipe Highlander-e-Unseelie. A imagem é dolorosa. Eu deveria ter a boa aparência de um estudante universitário de 22 anos de idade, com um sorriso assassino e um futuro brilhante pela frente. Nós conspiraríamos, planejaríamos e combateríamos o bom combate em conjunto. Essa versão de mim cuidaria dela. Certifique-se que ninguém faz para ela, o que a voz na minha cabeça diz, o Unseelie primeiro pegaria sua espada sem que ela faça. O que uma parte de mim quer fazer, também. Fúria enche-me. Por eles. Por mim. Por tudo. —Você nunca tira essa espada fora do corpo, certo?

Ela recua um passo, as mãos indo aos ouvidos. —Amigo, minha audição funciona muito bem. Você não precisa gritar.



Eu não sabia que era. Mas um monte de coisas saem de forma diferente do que quero dizer agora. —Desculpe. Eu só estou dizendo, você percebe o que vai acontecer com você se um dos Unseelie pegar você. Certo?

—Nunca vai acontecer, — diz ela com ar satisfeito.

—Com essa atitude, vai. O medo é saudável. O medo é bom. Ele mantém você nos dedos do pé.

—Sério? Porque acho que é um desperdício de tempo. Aposto que você não teme nada, — diz ela com admiração.

Toda vez que olho no espelho. —Claro que sim. Você ficará desleixada e escorregará, e um deles vai pegar você. Apagá-la.

Ela inclina a cabeça, os olhos apertados no meu rosto. Muitas pessoas não me olham mais no rosto mais. Não por muito tempo, de qualquer maneira. —Talvez você não seja todo príncipe Unseelie ainda. Talvez possamos, assim, elaborar algum tipo de acordo.

—O que você tem em mente?

—Eu quero fechar Chester's. Queimar. Exterminar.

—Por quê?

Ela corta um olhar de desprezo e descrença. —Você viu lá! Estão monstros fodidos! Odeiam os seres humanos. Os usam, comem e matam. E Ryodan e seus homens deixam!

—Digamos que fechamos o lugar, queimamos para o chão. Eles só encontrarão outro lugar para ir.

—Não, não, — ela insiste. —Eles vão tirar a cabeça para fora. Vão sentir o cheiro do café filtrado e ver que os salvamos!

Uma onda de emoção, exageradamente doce, como lírios em um funeral, me inundou, incha minha língua com um gosto familiar e repugnante. Ela é dura, inteligente, capaz, uma assassina fria, quando precisa ser.

E ela é tão inocentemente sangrenta.

—Eles estão em Chester's, porque querem estar em Chester's. Não se engane sobre isso, moça.

—Se nenhuma fodida maneira.

—De toda fodida maneira.

—Eles estão confusos!

—Eles sabem exatamente o que estão fazendo.

—Eu pensei que você fosse diferente, mas você não é! Você é como Ryodan! Assim como todos. Prontos para cortá-los fora. Você não vê que algumas pessoas precisam se salvar.

—Você não vê que a maioria das pessoas está além da salvação.

—Ninguém está além da salvação! Ninguém! Sempre!

—Dani.— Eu digo o nome dela ternamente, saboreando a dor que ela me faz sentir.

Eu viro e vou embora. Não há nada para mim aqui.



—Então, é isso?, — Ela grita depois de mim. —Você não vai me ajudar a lutar contra qualquer um? Bah! Ovelhas! Vocês são todos fodidas ovelhas grandes e gordas balançando as bundas gordas!

Ela é muito jovem. Muito inocente.

Humana demais. Para o que estou me tornando.

Capítulo 5

“Nossa casa é uma muito, muito, muito linda.”¹⁴

—Faminta?- Diz Dancer enquanto golpeio a porta e lanço minha mochila e meu MacHalo na poltrona.

—Morrendo de fome.

—Genial. Comprei hoje.

Dancer e eu amamos "comprar," quer dizer saquear. Quando era uma menina, estava acostumada a sonhar que me esqueciam dentro de um grande mercado logo depois que fechasse, ninguém ao redor, o que significava que podia ter tudo o que quisesse.

Esse é o mundo agora. Se for suficientemente forte para desafiar as ruas, e tiver sacolas suficientes para entrar nas lojas escuras, tudo o que puder carregar é seu. A primeira coisa que fiz quando os muros caíram, foi ir a uma loja de artigos esportivos e lotar uma bolsa de lona com tênis. Queimo rapidamente.

—Encontrei um pouco de fruta enlatada-, diz.

—Amigo!- está ficando mais difícil de encontrar. Existem muitas dessas coisas asquerosas nas prateleiras. -Pêssegos?- digo com otimismo.

—Essas pequenas laranjas estranhas.

—Tangerina-. Não é minha favorita, mas é melhor que nada.

—Encontrei coberturas para sorvete, também.

Fico instantaneamente com água na boca.

Uma das coisas que mais sinto falta é o leite e todas as coisas que ele faz. Pouco tempo atrás, em uns municípios do oeste, umas pessoas possuíam três vacas que as Sombras não comeram, mas outras pessoas tentaram roubar e atiraram entre si. E às vacas. Nunca entendi essa parte. Por atirar nas vacas? Todo leite, manteiga sorvete e muuuu, fora de nossa vida para sempre! Ri dissimuladamente. Vi a mesa e a extensão de comida e ri ainda mais.

-Está esperando um exército?

—É um. Sei como come.

E ele está fascinado por isso. Às vezes somente senta e me observa. Antes me incomodava,

¹⁴ “Our house is a very very very fine house”: parte da canção “Our house” de Crosby, Still, Nash & Young. http://www.youtube.com/watch?v=NZtJWJe_K_w



mas agora nem tanto.

Detono a festa, depois nos atiramos na poltrona e assistimos filmes. Dancer tem todo cabeamento para a energia, com gerador mais silencioso que já vi. Ele é inteligente. Sobreviveu à queda sem nenhum poder, sem família e sem amigos. Tem dezessete e está sozinho no mundo. Bom, tecnicamente tem família, mas está toda em algum lugar da Austrália. Com partes da realidade Fae fatiando tudo, sem os aviões voando e ninguém que dirija um navio, eles bem poderiam estar mortos.

Se não estiverem.

Perto da metade do mundo está. Sei que ele pensa que estão mortos. Não falamos disso. Sei pelas coisas que não diz.

Dancer estava em Dublin conhecendo o Departamento de Física no Trinity College, tratando de decidir onde faria faculdade quando os muros caíram, deixando-o isolado e sozinho. Estudou em casa com vários tutores, é mais inteligente qualquer um que conheci, terminou o colégio faz seis meses, fala quatro idiomas fluentemente e pode ler três ou quatro mais. Sua família é humanitária, muito rica por dinheiro velho. O pai é ou foi algum tipo de embaixador, a mãe uma doutora que gastava o tempo organizando cuidados médicos grátis para países necessitados. Dancer cresceu por todo mundo. Diverti-me envolvendo meu cérebro sobre seu tipo de família. Não posso acreditar como se adaptou bem. Estou impressionada.

Às vezes observo quando ele não está me olhando. Apanha-me agora.

—Pensando em como estou quente, Mega?- brinca.

Giro meus olhos. Não temos esse tipo de coisa entre nós. Somente passamos momentos juntos.

—Falando de quente...

Giro ainda mais os olhos, porque se ele finalmente dirá algo a respeito de quanto estou mais linda desde que a Mulher Cinza roubou meu aspecto e devolveu um pouco mais, vou daqui. Esteve bem até agora em não comentar. Eu gosto dessa maneira.

Dancer é... Dancer. É minha zona segura. Não há pressão aqui. Somos duas crianças em um mundo de merda.

—... deveria usar um pouco de água quente. Mega, é um desastre. Consegui fazer a ducha funcionar. Vá tomar um banho.

—É só um pouco de sangue...

—Um balde. Possivelmente dois.

—...e um par de contusões.

—Parece como se fosse golpeada por um caminhão. E fede.

—Não!-, digo indignada. -Saberia. Tenho superolfato.

Olha-me duramente. -Mega, acho que tem tripas no cabelo¹⁵.

Levanto a mão, irritada. Pensei que tirei todas enquanto vinha para cá. Remexo meus cachos e puxo uma peça larga e gosmenta.

¹⁵ N.T.: impossível ler isso e não fazer um trocadilho infame com Eduardo e Mônica do Legião Urbana que "a menina tinha tinta no cabelo" kk



Olho com nojo, pensando que deveria cortar o cabelo realmente curto, ou começar a usar uma boina de beisebol todo o tempo, logo vejo que ele parece como se estivesse por vomitar as bolachas, e começamos a rir.

Rimos tanto que não podemos respirar. Estamos no chão, apertando nossos lados.

Tripas no cabelo. Em que tipo de mundo estou vivendo? Sempre fui diferente, via coisas que outras pessoas não viam, mas nunca pensei que estaria sentada em uma poltrona, em um refúgio contra bombas clandestino, com câmeras de segurança e alçapões e armadilhas explosivas ao redor, passando o tempo com um gênio de dezessete anos (quente!), que garante minha sobrevivência com outras coisas além de proteínas e barras de caramelo (ele diz que não estou obtendo minerais e vitaminas para uma adequada saúde óssea) e sabe como fazer uma ducha funcione em Dublin logo depois da queda.

E joga xadrez, também.

Para o filme quando vou para a ducha. Pego uma muda de roupa no caminho.

Este lugar é do Dancer, não o meu. Mas mantém coisas abastecidas para mim, em caso de passar por ali. Como eu, tem um montão de outros alojamentos, também. Tem que ir mudando nesta cidade, para aumentar a possibilidade de sobreviver, e deixar as coisas cuidadosamente quando for, assim sabe se alguém invadiu o território quando não estava. É um mundo de cão-comer-cão. A gente se mata entre eles por leite.

A água quente dura quatro gloriosos minutos. Esfrego o cabelo, enrolo-a em uma toalha e estudo o rosto no espelho com vapor. Eu vejo as contusões. Sei a progressão: do negro ao violeta, do violeta ao verde, logo parece hepático por um tempo. Olho sobre as contusões. Travo meus olhos com o reflexo e não desvio a vista. O dia que olhar para outro lado começa perder a si mesmo. Nunca vou me perder. É o que é. Lide com isso ou mude.

Tiro a toalha, penteio o cabelo com os dedos, visto um jeans, uma regata, e observo um par de botas de combate. Dancer trouxe para mim. Disse que não ia romper estes revestimentos tão rápido. Vou tentar.

Pego outro prato com rodela de laranjas insignificantes no meu caminho de volta à poltrona, abro um pote de creme de marshmallow e as cubro, depois cubro tudo com chocolate.

Dancer e eu começamos os trabalhos. Colocou o filme outra vez enquanto eu tiro o jogo de mesa. Deu-me uma surra por horas no Go Bang ¹⁶ a última vez que passei por aqui, mas estou me sentindo com sorte esta noite. Inclusive aceito generosamente um segundo movimento restringido quando ganho a volta por abrir o jogo.

Faço algo que não fiz em muito tempo. Baixei minha guarda. Estou bêbada pela fruta e creme de marshmallow e pela emoção de ganhar no Go Bang. Estive a noite toda acordada, e meu dia foi longo e cheio de incidentes.

Além disso, Dancer tem armadilhas explosivas ao redor de todo o lugar, quase tão boas quanto as minhas. Empurro a mochila longe do caminho e durmo na poltrona, ponho debaixo da

¹⁶ O objetivo do jogo é você tem de arranjar as pedras pretas ou brancas um após o outro que podem estar em vertical, horizontal ou na ordem diagonal. Você pode jogar este jogo com o computador ou outro jogador. O jogo de Gobang é que o número de movimentos possíveis é muito grande. Mesmo se só colocamos pedras perto de pedras existentes bastante logo no jogo há mais de 100 movimentos possíveis.



bochecha, espada na mão.

Não é algo que eu acordaria, mas movo minha cabeça um pouco, estreito os olhos e observo ao redor.

Grandes homens que dão medo me rodeiam.

Pisquei, tratando de esclarecer minha visão. É difícil, quando os olhos estão ainda mais inchados do que estavam quando dormi.

Vagamente me dou conta de que sou o alvo de um círculo de metralhadoras.

Sento rapidamente e estou a ponto de congelar o quadro, quando uma mão me golpeia tão forte de volta à poltrona o marco de madeira quebra detrás dos meus ombros.

Ataco acima e sou empurrada de volta.

Um dos homens ri. —As crianças não sabem quando ficar quietas.

—Ela aprenderá.

—Aposto que sim. Se ele deixá-la viver.

—Ele está seguro como a merda que não deveria. Não depois do que fez.

—Dani. Dani. Dani.

Estremeço. Nunca ouvi ninguém dizer meu nome tão suavemente. Repugna-me em todos os sentidos.

Impõe-se sobre mim, braços cruzados sobre o peito, antebraços com cicatrizes escuras contra as mangas enroladas de uma impecável camisa branca. Pesados braceletes de prata cintilam nos punhos. A luz golpeia atrás da cabeça, como de costume.

— Não pensou seriamente que eu deixaria você se livrar disso-, disse Ryodan.

Capítulo 6

"Quebrarei essas correntes que me prendem".¹⁷

—Estar ferido é uma coisa estranha — Diz Ryodan.

Não digo nada. Está drenando toda minha energia me manter ereta, apesar das correntes que me prendem. Estou em algum lugar no Chester's, em uma sala com paredes de pedra. Sinto o ritmo distante dos graves na sola dos sapatos. Se não tivesse supersentidos, não seria capaz de sentir. Porque é tão leve, sei que estou muito abaixo da parte pública do clube, provavelmente na base. Isso significa que os níveis mais baixos não devem ter ficado tão danificados na explosão de ontem como esperava.

Eles puseram um saco sobre minha cabeça quando me trouxeram. Onde quer que seja, eles não querem que consiga encontrar a saída. Uma dedução lógica é que planejam me deixar viver. Não colocam um saco na cabeça de alguém que nunca mais vai ver algo. Uma lâmpada de baixa

¹⁷ "I will break these chains that bind me": parte da canção "Today My Life Begins" de Bruno Mars.
<http://www.youtube.com/watch?v=sJ0uYpzf5XU>



intensidade ilumina a sala detrás dele; ou não. Apenas luz suficiente para vê-lo parado a uns metros de distância.

—Algumas pessoas desmoronam quando são feridas, — diz ele. — Caem na apatia e no desespero e nunca se recuperam. Esperam toda a vida por alguém que venha e os resgate. —Ele se move de uma maneira estranhamente fluída, não congelando o quadro, também não caminhando como um Joe¹⁸; um ondulação de músculos e uma cascata de vento. Então ele estava em minha frente. —Mas outros... bem, eles não fogem da dor. Eles passam instantaneamente do insulto à fúria. Eles arrasam tudo à vista, o que geralmente acontece destruindo a mesma coisa que os feriu. Como é, causa dano colateral.

Ele tira o cabelo do meu rosto com as duas mãos, deslizando as palmas sobre minhas bochechas. Toma tudo o que tenho conseguir reprimir um estremecimento. Força-me a levantar o queixo. Resplandeço meu melhor sorriso de cem Megawatts.

Travamos nossos olhares. Não vou desviar o olhar primeiro.

—Não magoou quando sua mãe a deixou em uma jaula como um cão e a esqueceu por dias, enquanto ela estava fora com um da sua interminável lista de namorados.

—Tem uma imaginação realmente fértil.

Ele agarra um punhado de cabelo perto do meu couro cabeludo e usa para evitar que olhe para outro lado, como eu fodidamente planejei. Quando ele alcança um dos bolsos de meu casaco, e puxa uma barra de Snickers, minha boca enche de água. Lutei tanto com ele e seus homens na casa de Dancer que estou drenada. Tenciono minha coluna como pau de vassoura, assim não cedo nas correntes que me seguram na parede. Fingir é um jogo que sou boa.

Ele abre com os dentes. Cheiro o chocolate e meu estômago dói.

—Quantas vezes se encolheu na jaula, presa por uma coleira no pescoço, esperando, perguntando se ela lembraria esta vez, perguntando-se o que poderia te matar primeiro, se a fome ou a desidratação. Quantos foram; cinco dias em que ela te deixava às vezes. Sem comida, sem água. Dormindo na própria...

—Você quer se calar agora.

—Quando estava com oito, ela morreu enquanto você estava presa. Rowena não a encontrou por uma semana.

Essa é a história. Não digo nada. Não há nada a dizer. As coisas eram realmente simples nessa jaula. Só duas coisas importavam na vida: ser livre ou não. Se for livre, não há nada a preocupar-se. Se não for, vai chutar a merda fora de tudo ao redor até que seja.

—Às vezes os namorados brincavam contigo.

Não dessa forma. Nunca dessa forma. Sou virgem e levo isso a sério. Vou perder a virgindade de maneira realmente épica algum dia, quando estiver preparada. Vou atravessar algumas experiências fodásticas para compensar as de merda de quando era uma menina. Por isso é que queria dar a V'lane ou talvez Barrons quando fosse maior o suficiente. Alguém estelar. Quero estar com alguém que a faça uma noite para recordar.

—Estamos, como, filosofando Ryodan? Porque se for assim, aqui vai a minha. Foda-se. O

¹⁸ Ela cita algumas isso algumas vezes. É como se ele não caminhasse como outra pessoa comum



passado é passado.

—Corrói você.

—Apagado. Não significa nada.

—Nunca poderá escapar disso.

—Posso escapar do vento.

—A ferida que se recusa a assumir é a que nunca cura. Você derrama vitalidade a ferveras e nunca sabe sequer por que. Vai te enfraquecer nos momentos críticos, quando precisar ser forte.

—Não tenho isso, certo? Vai me torturar até a morte falando. Mate-me agora. Termina com isso. Mas use algo rápido e limpo. Como um motosserra. Talvez uma granada.

Ele toca minha bochecha. —Dani.

—isso é pena, Ryodan? Porque não preciso. Penso que é mais duro que isso.

Os polegares roçam minha boca e me dá um olhar que não entendo. Cabeceio sua mão longe.

—Pensa que vai me prender em uma parede, então parar aí e me dizer por que está bem que seja quem sou? Por toda a merda que aconteceu quando era jovem que está bem que me tornasse o que sou? Amigo, não tenho problema com o que me converti. Eu gosto.

—Rowena te fez matar o primeiro humano com nove anos de idade.

Como diabos sabe estas coisas? Ela fez um jogo. Disse que queria saber se poderia 'zumbir' ali e verter um pouco de leite extra no cereal de Maggie sem que ela me visse. É óbvio que pude. Maggie morreu, sentada na mesa do café da manhã. Ro me disse que foi uma coincidência, que era velha e teve uma parada cardíaca. Quando estava com onze, descobri a verdade. Ro odiava Maggie, porque ela esteve reunindo as sidhe-seer para escolher uma nova Gran Mestra. Encontrei os diários da velha bruxa. Ela escrevia crônicas de tudo o que fazia, como se pensasse que um dia seria imortalizada e as pessoas desejariam ler suas memórias privadas. Eu tenho todos esses diários agora, guardados em um lugar seguro. Envenenei Maggie esse dia com o 'leite' que adicionei ao cereal. Fiz muitas outras coisas que também não entendia.

—Palavras relevantes aqui: Rowena me obrigou. Superei faz um longo tempo.

—Divertido, sua forma de falar está mudando, pequena. Está mais como uma adulta.

—Amigo, — adiciono.

—Vai ser difícil quebrar você.

—Me deixe te dar uma pista: substitui a palavra 'difícil' por 'impossível'.

Ele tira o Snickers da embalagem. Oferece um pedaço.

Afasto a cabeça. Não vou comer como um animal encadeado.

—Quando encontrarmos a seu namorado, vai mudar de opinião.

Minhas tripas se desenredaram e quase caio nas correntes pelo alívio, mas bloqueio meus joelhos, assim não posso. Ele disse 'quando', o que significa que não o encontraram. Eu não telegrafo a menos que passe. Estava assustada de que pegassem Dancer. Deve ter ido enquanto eu estava dormindo. Ele tem horários estranhos, vai às vezes até que se sente bem para voltar. Não posso encontrá-lo quando quero. Às vezes não o vejo por dias. É bom saber que está a salvo



em algum lugar. Eles não o têm. Só a mim. Posso lidar com isso. Cortei meus dentes com isso¹⁹. Dancer...bom, até que os muro caíram, viveu uma vida encantada. Não quero que tenha que lutar com estes homens.

—Ele não é meu namorado.

—Até quando vamos fazer isso, Dani?

—Até que se dê conta que não vai fazer nenhum bem.

Ele sorri fracamente e dá a volta. Na porta, faz uma pausa e põe a mão no interruptor da luz como se estivesse me dando uma escolha. Como se tudo o que tivesse que fazer fosse dar um olhar que dissesse —: Por favor, não me deixe na escuridão — e ele não o faria.

Levanto o dedo do meio, grande e notoriamente, com as mãos encadeadas sobre minha cabeça.

Ele me deixa sem minha espada, na escuridão.

Não me preocupo.

Conheço Ryodan. Se alguém me matar, será ele. Isso significa que este lugar está protegido de Sombras e Faes, ou nunca me deixaria aqui.

Estou faminta e cansada. Fecho os olhos e jogo um velho jogo comigo mesma, um que aprendi jovem.

Finjo que tenho um travesseiro gigantesco e cômodo em meu estômago, enchendo-o suavemente, absorvendo o ácido, resultado da fome extrema. Finjo que estou deitada em uma cama macia e suave em um lugar perfeitamente seguro onde ninguém pode me ferir.

Pendurada nas algemas ao redor dos meus punhos, durmo.

—Que acreditava que ia acontecer, Dani? —diz Mac.

Entorto os olhos, abro uma fresta e grunho. AP está aí, parada e minha frente.

Faço uma verificação rápida. Não posso ver a lança, mas sei que está em algum lugar nela. Não vai a nenhum lugar sem ela.

—Não é justo — digo. — Não pode me matar enquanto estou acorrentada. Amiga, tem que me dar ao menos à oportunidade de lutar. Solte-me. —Não vou brigar com ela. Mas posso correr. Posso escapar do AP até o fim dos dias.

—Não entendo, Dani —diz, — sabia que matar todos esses Fae na frente de milhares de testemunhas a colocaria na lista negra de cada pessoa e Fae poderosa nesta cidade, Ryodan e seus homens na primeira linha. Queria virar a mais procurada de Dublin?

—Não é como se você não o fosse por um tempo, e sobreviveu.

—Com Barrons em minhas costas. Você irritou a sua potencial versão do Barrons.

Sou deliberadamente obtusa. —Christian MacKeltar? Ele não está zangado comigo.

—Ryodan.

—Ryodan não é Barrons e nunca será!

—Certo. Mas ele estaria em suas costas se você deixasse. Em vez disso, não só antagonizou

¹⁹ Expressão que significa ganhar experiência precocemente. Ou faz referência a primeiras experiências.



descaradamente com ele, mas também o colocou em uma situação em que tem que te castigar. Desafiou-o em frente de toda a cidade. Dani, Dani.

—Em qual fodido lado está? E por que não está tentando me matar?

—Não preciso. A cidade inteira está fazendo fila esperando. Dani! Dani!

—Têm que me pegar primeiro. Por que segue dizendo meu nome dessa maneira?

—Acorda, você está presa —diz AP, — sei que não é estúpida. O que está fazendo? Dani! Dani!

—A mesma coisa que sempre fiz. Posicionando-me. Não dando pé atrás. Inclusive se não tiver todas as respostas, e não posso imaginar como vou sair desta, vou sair desta.

Ainda estou esperando a lança através de minhas tripas. Em lugar disso AP sorri e diz — Segure esse pensamento.

—Acorde, Dani!

Minha cara pica como se alguém tivesse esbofeteado. Entorto os olhos, abrindo-os quando pensei que já estavam abertos.

Jo está parada em minha frente. Minhas bochechas pinicam. As esfregaria, mas estou encadeada.

—Aonde foi AP? —digo confusa.

—O que? —diz Jo.

Lambi os lábios, ou tentei. A boca está tão seca que a língua não faz nenhuma diferença. O lábio inferior rachado e com uma crosta de sangue seco. A base de meu crânio dói. Devo ter batido em um desmaio, ou golpeei na parte de atrás da cabeça quando estava lutando com os homens de Ryodan.

—Sinto ter te golpeado, mas estava assustada que seu estivesse...OH, Dani!O que te fez? Bateu em você!E então eu bati também! —Parecia que ela começaria a chorar. Tocou meu rosto gentilmente e estremei.

—Me solte!

—Vou matá-lo — sussurrou, e algo nas palavras suaves me surpreendeu. Como se ela estivesse ficando toda sedenta de sangue, convertendo-se em mim.

Tratei de imaginar se AP era um sonho, ou Jo, ou ambas. Tenho os sonhos mais estranhos às vezes. Como se AP realmente pudesse incomodar-se em tentar me aconselhar. Devia saber que era um sonho, instantaneamente pelo fato de que não estava me matando.

—Corri para ele, — como bater. Duas vezes. Por isso minha cara está tão golpeada. —Bom, essa é a maior parte da razão.

—Está defendendo Ryodan? Olhe o que fez! Dani, Lavou o cérebro? Está desenvolvendo Síndrome de Estocolmo?

—Que diabos tem a ver Estocolmo com isto? Não é uma cidade na Suécia?

Rodeia-me com os braços e está totalmente em meu espaço. É incômodo com minhas mãos presas sobre minha cabeça, os tornozelos acorrentados no piso. Ela me abraça e não posso tirá-la porque estou presa.

—Amiga! —encolho o corpo completamente, tentando deslocá-la. Ela é teimosa, curvando-



se completamente sobre mim. —O que está fazendo?

Quando ela se empurra para trás, posso ver que está chorando. Devo estar muito mal.

—Por que fez? —Ela sorve e limpa o nariz com o dorso da mão.

—Falamos e falamos sobre isso, mas não posso imaginar. Você não agitou somente uma bandeira vermelha na frente do nariz de um touro. Aproximou-se despreocupadamente, direto nele golpeou na cara e então dançou em seus chifres. Dani, No que estava pensando?

Suspiro. As pessoas fazem as perguntas mais estúpidas. Às vezes não estão pensando. Só fazem. Alguns momentos são muito dourados para passar por cima. Você joga, e paga. Sempre estive bem com isso.

Observo-a com suspeita. Jo não pode estar aqui. Não nas vísceras do Chester's. —Você não é real — digo.

Ela sente minha testa. —Tem febre.

Sei. Estou derretendo de suor e congelando de frio. Sempre tenho febre quando estou perigosamente faminta. É outra debilidade fodida. Tantas superforças. Tantos limites. Não deixo que as pessoas saibam a respeito deles. —Devo ter pego um resfriado — digo.

Tenho comida armazenada em cada bolso, mas com as mãos atadas sobre a cabeça não posso obter nem uma dentada.

— Pegue uma barra de proteína de meu bolso e me alimente. —Se isto realmente está acontecendo, vou me fortalecer e minha temperatura corporal volta ao normal. Se isto for um sonho, ao menos vou sonhar o sabor da comida. Não tenho nada a perder e tudo a ganhar. — Suponho que não viu umas chaves para estas algemas jogadas perto, em algum lugar conveniente? —Digo sem esperanças, Ryodan não se descuida.

Quatro barras de proteínas mais tarde, sei que não estou sonhando. Minha cabeça ainda palpita, mas está começando a esclarecer. AP não era real.

Mas Jo sim.

Ela me diz que ouviu em todas as partes que peguei um montão de Faes sem ajuda de ninguém no Chester e logo passei toda presunçosa com um príncipe Unseelie. Margery insistiu que o príncipe Unseelie me matara, e conseguiu convencer a muitas sidhe-sheep a me descartar, levando as coisas onde Rowena deixou, difamando meu nome.

Kat viu as coisas de forma diferente. Ela fez um pouco de investigação antes de tomar uma decisão. De acordo com testemunhas, o 'príncipe' que caminhou comigo não estava usando um torque. Os príncipes Unseelie têm torques prateados ao redor do pescoço, que brilham como se fossem radiativos. O colar parece ser parte deles, inseparável como as tatuagens e as asas. Isso disse a Kat tudo o que precisava saber: Se o príncipe não estava usando um torque, deveria ser Christian quem me escoltou fora.

Não estou segura de como fez o seguinte salto dedutivo, mas estou feliz de que fizesse. Ela enviou um grupo de garotas ao Chester's para me buscar, acreditando que Ryodan foi atrás de mim e me capturou.

Surpreende-me como agiu rápido. Talvez Kat vá fazer o bem pelas sidhe-seer. —Como se deu conta de que eu estava perdida tão rápido?



—Esteve aqui por três dias, Dani.

Estou surpresa. Estive acorrentada aqui embaixo por três dias? Não questiono por que estava faminta.

—Como diabos me encontraram? Imaginei que estava enterrada na barriga do Chester's ou algo assim.

—Está. Vi Ryodan sair do elevador escondido na parede de fora do clube. A porta não fechou completamente e deslizei nele quando ninguém estava olhando.

Fechei os olhos e suspirei.

Há três enganos nessa oração. (1) Ryodan não é visto se não quiser. (2) As portas neste lugar não ficam abertas jamais. (3) Ninguém desliza nelas sem que seja notado.

A única maneira em que Jo visse Ryodan sair do elevador é se ele deixou.

O que significa que não puderam encontrar a meu 'namorado' nos últimos três dias. Mas certo que ele encontrou alguém para usar contra mim.

Dentro de minhas pálpebras, vejo Jo acorrentada, golpeada.

Ryodan nem sequer teve que deixar o clube. Só sentou e esperou por quem quer que me buscasse primeiro.

Abri os olhos. —Sai daqui, Jo — digo. — Agora

—Nenhuma de vocês vai a nenhuma parte. —diz Ryodan enquanto dá um passo das sombras.

Capítulo 7

“Eu caio aos pedaços”²⁰

Sou absurdamente fácil de quebrar se souber que lugares pressionar.

Se você leu alguma historia em quadrinhos, sabe que os heróis tem uma vulnerabilidade: a sociedade que protegem.

Jo é parte de minha sociedade. O fato é, qualquer shide-sheep encadeada a meu lado eu cantaria completamente diferente. Bom, possivelmente não Margery.

Em realidade, acredito que inclusive ela também.

O difícil saber que posso suportar mais que o resto. Como esse estúpido coelhinho que aparecia nos comerciais todo o tempo, tomo um gole e sigo chutando. E golpeando. E respirando.

Não é verdade para o resto. Morrem tão facilmente.

Além disso, não temo ao descanso final. Imagino que seja só outra aventura.

Tento falar com Ryodan sobre prender Jo.

Ele não escuta.

Jo fica louca quando tenta agarrá-la. Gritando, chiando e chutando. Realmente me

²⁰ “I Fall To Pieces”: da canção “Fall To Pieces” de Velvet Revolver. <http://www.youtube.com/watch?v=9JhsUFuqbCM>.



impressiona como luta.

Acredito que ver Dublin ser destruída no Halloween, ver nossa amiga Barb ser levada pelo Sinsar Dubh e uma máquina sem emoções para destruir tantos, além de viver em um mundo onde tem que sacudir os sapatos antes de vesti-los para assegurar de que uma Sombra não te coma, antes de que possa dizer “OH, Merda” está afetando a mente de Jo.

Ela estava acostumada ser como Kat, sempre centrada e cuidadosa das decisões, sem uma palavra dura para ninguém.

—Vou matar você, bastardo, não vai escapar desta! — Está gritando. - Deixe ir! Tira suas mãos de cima, filho de cadela!

Ryodan a acorrenta a meu lado. Ela luta, mas é como ver uma mosca golpear contra uma janela tentando sair. Sabe que nunca funcionará.

A olho. - Alguma outra ideia brilhante? Possivelmente traga uns bebês para torturar a próxima vez.

Ela sacode violentamente as correias. Estamos unidas a uma parede de pedra.

—Sorte com isso. — Se não pude romper com minha super força, ela tem as possibilidades de uma bola de neve no inferno. Acredito que encantou o metal. Acredito que encantou tudo. Quero saber onde aprendeu seus feitiços para poder me inscrever em um curso avançado. Se estivesse aqui estaria, bom, pior do que estou. Como me manteve inconsciente por três dias? Deixou-me em um modo inanimado? Realmente tenho que fazer xixi.

—Tentava ajudar — diz ela.

—Deveria ter me golpeado com um taco de beisebol na cabeça. Teria me liberado de minha miséria — Poderia ficar aqui para sempre, até que ela veio e se ofereceu como arma.

Ryodan está de pé a nossa frente, as pernas abertas, e os braços cruzados. É um tipo grande. Pergunto-me se Jo sabe de suas presas. Pergunto-me o que é. Pergunto-me por que ela o olha assim. Ela o odeia.

Separei as perguntas sem sentido e fui ao ponto. Adiar está em terceiro lugar em minha Lista de Estupidezes. Por fim, termina onde não quer estar, fazendo exatamente o que não queria fazer, só que perdeu todo o tempo no meio, onde poderia ter se divertido. Inclusive pior, provavelmente estive em um humor estressado e irritado todo o tempo que o evitou. Se souber que algo é inevitável, faça e termine com isso. Prossiga. A vida é curta.

Se ele torturar Jo, cederei.

Eu sei.

Ele sabe.

Portanto, torturá-la é uma grande perda de tempo. Dele. Meu. Dela.

—O que quer de mim, Ryodan? — digo.

—É momento de decidir, Dani.

—Está surdo? Disse, o que quer de mim?

—Deve-me uma compensação.

—Amigo, o mato já está preparado. Por que insiste nisso?

—Vivi muito tempo, pequena, e nunca ouvi ninguém mutilar o idioma Inglês tanto quanto



você.

—Quanto tempo seria? – diz Jo.

Bocejo, grande e dramaticamente. – Sigo esperando. Como um arbusto. – Sorrio e me retorço.

Entrecerra os olhos como se estivesse pensando. Como se não tivesse decidido o que quer de mim ainda. Isso me preocupa. Deveria ser singelo: quer que trabalhe para ele. Sei que não é brilhante como eu, por isso o ajudo.

—Revisarei seu pequeno mistério de gelo, Ryodan. Ficaré no topo de minha lista de prioridades. Libere-nos.

—Já não é assim simples. Complicou todas as coisas, como uma merda quando decidiu me desafiar publicamente. Ninguém faz isso e vive.

—Sigo respirando por aqui – digo.

—Poderia deixar de dizer merda em frente a ela? Só tem treze – diz Jo.

—Quatorze – corrijo irritada.

—Meus homens a querem morta. Estão me pressionando por uma execução dramática, no clube. Dizem que é a única forma de acalmar aos clientes do Chester's.

—Sempre quis ir muito bem – digo. – Possivelmente poderia incluir foguetes, né? Acredito que alguns ficaram no posto em O'Clare.

—Ninguém executará ninguém – diz Jo. – É uma menina.

—Não sou uma maldita menina. Não acho que nasceu assim.

—Disse que acreditava que poderia ser útil – diz Ryodan. – Que posso te controlar.

Gemi e retorci as correntes. Ninguém me controla. Não mais.

—Dizem que nunca responderá a ninguém. Nem sequer Barrons está de meu lado.

Não há dúvida, porque AP diria a Barrons que dissesse a Ryodan que me matasse. Ou a deixasse.

—São oito contra um – diz.

—Oito contra dois – diz Jo. – Se contar suas irmãs sidhe-seers, (e mais te vale que o faça), são oito contra milhares.

—Seus números diminuiram severamente – diz Ryodan.

—No mundo, somos mais de vinte mil.

—Não sabia isso – digo a Jo. - Por que não sabia isso? – a Ryodan, digo: - Amigo, me mate ou me libere.

—Se a mata – disse Jo – Invocará a ira de todas as sidhe-seer do mundo. Vão caçá-lo. Dani é uma lenda entre nós. Não a perderemos.

—Se decido matá-la – diz Ryodan – ninguém saberá o que aconteceu a vocês duas.

Pisquei, repetindo uma e outra vez mentalmente o que Jo disse, mas não posso ouvir o suficiente.

—Sério? Sou uma lenda? Em todo mundo me conhecem? Repete! – Chio. Não fazia ideia. Poderia haver um pouco de fanfarra em meu corpo depois de tudo. Levanto um quadril.

—Deixe-a ir – Jo diz a Ryodan. – E ficarei em seu lugar.



—Diabos, não ficará! – Explodo.

—Se oferece ficar aqui. Presa. Comigo. Em troca dela – um sorriso aparece nos lábios.

—Sempre e quando me tiver como refém, ela se comportará.

—Diabos que não ficará! – repito, já que ninguém reagiu como deveria, como, me obedecendo. Ou prestando um pouco de atenção.

—Não esqueci o que fez a meu celular, sidhe-seer – diz Ryodan.

—Estava tirado fotos em nossa propriedade. É privada – diz Jo.

—Estão em minha propriedade. É privada.

—Não tirei fotos. Tentei recuperar algo que é nosso. Que não possuía direito de tomar.

—Não sou alguma coisa. Sou uma menina – digo.

—Ela não tinha direito de matar os clientes do meu clube. Ela foi advertida. Repetidamente.

—E sabe como ela escuta bem. Não deveria ter trazido a seu clube e deixá-la só com uma espada. Poderia ser tão estúpido?

—Homem, deixem de falar como se não estivesse aqui!

—Sidhe-seer, é um bom intercâmbio – diz a Jo, e voz fica muito suave. Suave com Ryodan nunca é bom.

—Deixe-me tomar seu lugar. Só é uma menina.

—Não sou uma menina! E ela não vai ficar aqui. Ninguém fica aqui! Exceto, possivelmente eu!

—Entende o que significaria – diz a Jo, como se eu não estivesse tendo um ataque de fúria em uma parede atada com correntes. – Se ela cometer um mínimo engano, está morta.

Sinto o sangue abandonar meu rosto. Sempre cometo enganos. Engano é meu segundo nome, depois de Mega. Não posso não me equivocar. É o que faço.

—Entendo.

—Não fala sério! – grito. – Nem sequer sabe do que fala! Ela não tem ideia de como são vocês. Além disso, ela nem sequer me importa. Pode matá-la. Assim poderia também deixá-la ir.

—Se cale Dani – diz Jo.

—Teria que assinar uma solicitação de emprego. – diz Ryodan.

—Não assine Jo! Tem algum tipo de feitiço.

—Serei mantida como refém ou contratada? – diz Jo.

—Faltam-me garçonetes. Algumas delas foram – Ryodan me olha – danos colaterais do outro dia.

—Não matei humanos.

—Duas delas comeram tanto Unseelie que aparentemente não pôde diferenciar – diz Ryodan.

Matei humanas? Quanto Unseelie comeram?

—Quer que seja garçonte? – diz Jo, horrorizada, como se fosse um destino pior que morrer.

– Tentei servir na escola. Não posso. Derrubei os pratos. Tomei bebidas. Sou uma pesquisadora. Uma linguista. Vivo em minha mente. Não atendo mesas.

—Convenientemente, tenho duas solicitações à mão – Ryodan pega uns papéis do bolso.



—Por que duas? Eu não vou servir nada – digo à defensiva.

—Tenho que servir Fae? Receber encomendas? Trazer coisas a suas mesas? – Jo não parece capaz de entender. Como se preferisse ficar presa a atender mesas.

—E meus homens. Ocasionalmente, suponho, inclusive a mim. Com um sorriso – ele olha de cima abaixo lentamente. – O uniforme ficará bem. Temos um trato – No típico estilo do Ryodan, sua voz não se eleva na última palavra. Sabe que têm um trato. Pode ler Jo como um livro sem capa.

Minhas correntes cham enquanto forço com tudo o que tenho. Não colocará Jo a trabalhar em seu tolo clube. Ela tem um rosto tão delicado e lindo que pode usar o cabelo muito curto como está e parecer quente. Inclusive esses estúpidos óculos que usa para ler ficam bem, porque fazem seu rosto parecer mais anguloso. Ela tem algo etéreo. Não vai usar uma saia curta, uma blusa branca apertada, meias e saltos de menina. Não servirá a ele e seus homens! Chester's a engolirá como a uma roupa e cuspirá sangue e ossos.

—Não, Jo – digo sinceramente. – Não se atreva.

—Temos um trato – diz Jo.

Ele a desprende, passa a “solicitação” e uma caneta.

Ela apoia na parede e assina sem sequer ler.

Ele dobra e devolve. – Pega o elevador para cima, por onde veio. Lor te esperará ali. Dará um uniforme. Começa essa noite. Tem uma única missão, fazer aos clientes felizes.

—Lor está esperando – diz Jo. Ela passa uma mão pelo cabelo curto e o olha de uma forma que me surpreende, com tanta coragem. – Acreditei que disse que seus homens nos queriam mortas.

—Se não entregar a solicitação assinada, farão. Sugiro que te assegure que a veja quando as portas abrirem.

—O que acontece com Dani?

—Estará logo acima.

—Ela vem comigo agora – diz Jo.

—Nunca. Me. Diga. O que. Fazer – Ryodan volta a falar suavemente, e não sei Jo, mas me dá calafrios quando fala assim.

—Sai daqui, estúpida maldita sidhe-sheep! – digo. – Estarei bem. Teria estado melhor se não tivesse aparecido! – É seu dono agora. Tem um estranho feitiço nela. Incomoda-me tanto que tremo.

Depois de que Jo se vai, Ryodan se volta para mim com sua forma fluída. Não se movia assim em frente à Jo. Caminhava lentamente com ela.

Vejo uma faca prateada na mão.

—Amigo, não precisa me cortar. Assinarei a maldita solicitação. Só me dê uma caneta – Tenho que sair daqui. Tenho que salvar Jo. Ela ficou na linha de fogo por mim. Não posso suportar.

—Pequena, quando aprenderá.

—Surpreenderiam as coisas que sei.

—Pode ser que possa sair de uma rede, mas mover-se em areias movediças não funciona.



Quanto mais luta, mais afunda. Lutar só atrasa a inevitável derrota.

—Nunca fui derrotada. Nunca serei.

—Rowena era uma rede. — Toca minha bochecha com a mão que sustenta a faca. Vejo um brilho prateado a milímetros de meu olho. — Sabe o que sou.

—Uma grande moléstia em meu traseiro.

—Areias movediças. E está dançando nelas.

—Amigo, o que há com a faca?

—Já não me interessa a tinta. Assinará meu contrato com sangue.

—Acreditei que disse que era uma solicitação — digo.

—É-o, Dani. Para um clube muito exclusivo. Para o que é meu.

—Não sou de ninguém.

—Assina.

—Não pode me obrigar.

—Ou Jo morre. Lenta e dolorosamente.

—Amigo, por que segue falando? Desencadeie-me e já me dê o maldito contrato.

Há uma guilhotina em meu pescoço. Ouço sussurrar enquanto rasga o ar. Há um nome gravado na lamina: JO. Vejo-o em minha periferia com cada passo que dou. Vai me deixar louca.

Depois de que assino o maldito contrato, tenho uma toalha na mão, porque a palma segue sangrando onde me cortou — e me deixa ir. Só assim. Desprende braços e pernas, oferece para me curar, ao que digo que me beije o traseiro, me escolta ao elevador e diz que eu vou a minha atual versão de lar.

Espero que diga que tenho que mudar ao Chester's para que possa me vigiar, como Barrons fez com M—em, AP.

Espero que vire um maníaco do controle.

Não espero que me devolva à espada e me mande para casa com um casual aviso de que devo me apresentar ao “trabalho” amanhã às oito. Diz que quer que veja outra coisa.

Odeio isto.

Ele não está me cantando as mil e uma regras de Ryodan como acreditei que faria.

Deu-me todo tipo de cordas para que me pendure. Eu faço os nós. E me movo muito rápido. É inevitável que, em algum momento, me enrede em tanta corda, com uma ou duas voltas em meu pescoço.

Como tirei Jo disto?

Quatro de seus tipos enormes me esperam quando saio do elevador. Olho ao redor em busca do Barrons e AP, enquanto sacudo meu contrato escandalosamente ante eles, para que não me machuquem antes de tirarem de mim e guardarem onde quer que eu tenha que roubá-lo eventualmente. Já não tenho barras de proteína e não estou com humor para incomodar. Felizmente, AP não está à vista.

Chego ao banheiro com escolta pesada. O que acreditam que farei? Explodir o lugar? Não posso. Não tenho minha mochila. Nem um Mac-Halo. Não o trouxeram quando me apanharam no Dancer. Olharia por uma janela, mas o clube não tem nenhuma. Meus ossos me dizem que é de



noite. Não me arriscarei com as Sombras. Nego-me a morrer assim estupidamente. – Preciso de uma lanterna – digo, saindo do banheiro.

A pessoa grunhe e se afasta. Os outros me escoltam pelo lugar. Recebo um olhar de cada Fae que cruzamos. Vejo morte em seus olhos.

Algo estranho me ocorre na saída.

Um quadro mental se forma em minha mente e me transforma, e eu gosto.

Agora, enquanto saio e vejo todos os rostos furiosos, humanos e Fae, uma parte completamente diferente de mim se irrita e muda sem que eu tente, de fato, estou segura de que resisto, e não gosto, porque de repente vejo meu mundo com o que parece com novos olhos.

Eu não gosto destes olhos. Vêem as coisas más.

Os Fae me odeiam. E muitos humanos também.

Os homens de Ryodan me querem morta e não tenho ideia de por que estou viva.

AP, OH Merda, Mac, a melhor amiga que jamais tive, Mac, que fez um bolo de aniversário e me abraçou e foi genial comigo, e vendeu parte da alma à Mulher Cinza para me salvar, que também me odeia. Quer me matar porque matei a sua irmã seguindo ordens de Rowena, antes de saber que Mac existia.

A vida de Jo pende de uma corda sustentada por minhas mãos.

E tenho uma ideia que nunca tive em meus quatorze anos de vida (E pensei muito!), e está um pouco imprecisa (provavelmente porque preferiria não ouvi-la) e diz algo assim:

Santo céu, Dani, o que fez?

Sempre naveguei a vida como em um barco a toda velocidade, sentindo as emoções, o vento em meu cabelo, bruma em meu rosto, me divertindo. Nunca olhando para trás. Nunca vendo o que passa ao redor ou detrás de mim.

Estes novos olhos vêem minha debilidade. Vêem o que sobra quando passo.

Outros barcos destruídos, gente saltando às ondas.

Gente que me importa. Não falo de Dublin, minha cidade que sempre manteve tranquila e impessoal sem rosto real. Estas pessoas tem rostos.

Passamos por Jo. Ela já está vestida, em seu novo posto, junto com outras garçonetes, sendo treinada. Ela sim fica linda de uniforme. Olha-me enquanto passo, meio exasperada, meio me pedindo que me comporte. Seu treinador me lança adagas. Pergunto-me se as garçonetes que matei eram suas amigas.

—Não deveriam ter comido tanto Unseelie – murmuro em minha defesa.

Tento voltar para a forma que era antes de descer do elevador, voltar para a Dani “Mega” que não se preocupa com nada.

Nada ocorre.

Tento novamente.

Sigo sentindo a brisa dessa guilhotina.

Um dos homens do Ryodan, Lor, me dá uma lanterna. – Deus – digo. – Obrigada. Toda uma lanterna contra a cidade das Sombras.

—Foram-se. Em sua maioria.



Ponho os olhos em branco. – “Maioria” vai bem contigo porque, como não comem o que vocês são. Por que será?

Lor não responde, mas tampouco esperava que fizesse.

Logo que chegamos à porta, volto a me transformar.

Posso superar o que for.

Inclusive a mim mesma.

Capítulo 8

“E estou faminta como o lobo”²¹

Acendo uma lanterna, e me dirijo à loja mais próxima que tiver Snickers nas prateleiras, para assim repor provisões. Tenho o estômago vazio e dói de fome. Esse é um sentimento que me esforço por evitar. Especialmente quando minha cabeça dói tanto.

Pus gelo nela, mas, se estive fora por três dias, é muito tarde. O gelo só funciona se utilizado imediatamente. Procurei por meu cabelo, encontrando a inflamação, a parte ferida no pescoço que causava tanta dor e suspirei, me perguntando quando golpeei e com o que.

Certas pessoas pensam que, como sempre estou sendo golpeada, sou uma gluttona para a dor. Não sou, simplesmente é a forma que é minha vida.

Como pensei, é noite, assim, as ruas estão, em sua maioria, desertas. As pessoas fazem as “compras” durante o dia. Esses que caçam de noite, fazem isso precisamente... caçam. Vêm em manadas, armados até os dentes e vão atrás de qualquer Unseelie que possam encontrar.

Muitos dos caçadores têm desejo de morrer. Não sabem como viver no mundo da forma que é agora, assim tomam riscos loucos. Acabei resgatando vigilantes por todos os lados. Às vezes se encontravam com Jayne e, antes que qualquer um pudesse dizer, “não disparem, somos humanos” fazem vítimas. Todo mundo tem dedos inquietos perto do gatilho.

As coisas que mudaram desde que os muros caíram em outubro passado. Há sete meses as ruas eram fáceis. Espera de noite, mata alguns Fae, logo mata um pouco mais. Os Unseelie eram fáceis de pegar surpresa porque tinham uma pobre opinião sobre os humanos.

Não nos viam como uma séria ameaça.

Fazem agora.

Estão em guarda agora, mais perigosos, difíceis de enganar e impossíveis de matar, a menos que seja Mac, uma sombra, ou eu. As sombras eram canibais. Vida é vida. Eles não discriminam. Temos humanos lutando contra Fae, humanos lutando contra humanos, Fae lutando entre si, e todos tratando de nos desfazer das sombras.

Detenho-me um pouco e começo a caminhar, perdendo força. Preciso de comida

²¹ “And I’m hungry like the wolf”: da canção “Hungry Like The Wolf” de Duran Duran.
<http://www.youtube.com/watch?v=rz5TWTSzLpU>



imediatamente. Comi tudo o que estava nos bolsos. Três dias de fome fizeram um show de mim.

Movendo a espada ao redor de meu quadril (levei meses aperfeiçoando esse movimento... e é suaaaaave!). Entro em uma loja com as janelas gastas, as estantes todas no chão, a caixa registradora aberta e derrubada. Não vejo porque as pessoas se incomodariam em roubar dinheiro, não te consegue nada. Os olhos das pessoas estão abertos finalmente, o dinheiro é tão inútil como sempre foi.

Estava acostumada a me surpreender quando era pequena que todo mundo trocava pedaços de papel, que todos concordavam que significavam o mesmo, quando todo mundo sabia que não significavam nada. Foi à primeira conspiração adulta que fui consciente. Fez-me pensar que talvez os adultos nunca seriam meus chefes. Sou a pessoa mais inteligente que conheço. Exceto, talvez, Dancer. Não sou arrogante. É uma verdadeira dor no traseiro a maioria do tempo.

“Comprar” hoje em dia, consiste em um pouco do que está acostumado e o real: o sistema de troca.

Roydan treina os bartenders e garçonetes no Chester's para pegar algo que queira para si ou que precise intercambiar. Se tiver algo grande que ele esteja interessado, dará uma linha de crédito. Escutei que recebe favores dos Fae em troca de um lugar onde pudessem caçar humanos.

Embora odeie Jo trabalhando no Chester's, de certa maneira estou agradecida porque pode ter uma melhor visão interna.

Descobriria o que motiva Roydan e quais as debilidades. O tipo devia ter algum ponto débil em sua armadura. Todos possuíam uma kriptonita.

Rodeio um montão de roupas e cascas (sombas de merda odeio!) e me dirijo à seção de doces.

Esta vazio.

Nenhum Snickers.

Nada para o que importa.

Dirijo-me para os corredores

As prateleiras estão vazias.

Meu estômago rosna. Zangado. Meus joelhos não estão tremendo, mas estão perto.

Giro a lanterna para dar uma varredura ao redor da loja.

O lugar foi limpo.

Eu gostaria de deixar sair um melodramático suspiro, mas é um gasto de energia que não posso permitir. Já não estou balançando a espada ou saltando de um pé a outro, da forma que estou acostumada a fazer. Não estou movendo meu cabelo, não preciso fazê-lo.

Minha vida acaba de ficar mais difícil. Quando é uma Super esportista como eu, precisa de um enorme tanque de gasolina, que não tenho, por ter um metro cinquenta e oito e três quartos na primeira hora na manhã, ou precisaria viver em uma cidade com muitos postos de gasolina.

Meus postos estão secando.

Está bem. Previ isto. Dancer também. Escondi alguns fornecimentos de comida, água, e suplementos médicos, em muitos lugares escondidos ao redor de Dublin faz meses.

Dancer e eu estivemos construindo essas reservas em nosso tempo livre nas últimas



semanas. Não sabe onde estão todos meus esconderijos, e não sei onde mantém os seus. Dessa maneira, se algum de nós for torturado, não podemos entregar à água. Tentei dizer às Shede-sheep que fizessem, mas pensaram que estava louca.

Diziam que com mais da metade da população desaparecida, haveriam muitas coisas para que durasse um bom tempo. Disse que alguém ia monopolizar a distribuição da comida.

Amigo, no sistema de troca, a comida e água são o prêmio. Disseram que todo mundo estaria tratando de sobreviver. Disse que não duraria e não leram *O Cântico para Leibowitz*²², veem como são as tendências das pessoas?

Disseram, O que tem a ver *O Cântico Para Leibowitz* com comida? E eu disse que deveria começar às chamar Shide-simplistas em lugar do Shide-sheep? Tenho que traduzir tudo? Não podemos usar metáforas para algumas coisas?

Odeio sempre ter razão. Murmuro em minha cabeça. Falar requer respirar e respirar requer gasolina que não tenho.

Caminho fracamente longe da loja e quase tenho um fodido ataque do coração, quando vi o Príncipe Unseelie ali de pé, quase nas sombras. A parte de fora está coberta com a luz da lua, mas a lua não brilha da mesma maneira que antes dos Fae. É raramente a mesma cor de noite a noite.

Esta noite tem uma luminosidade entre púrpura e prateada, fazendo parte dele uma silhueta negra e a outra metade lavanda metálica.

Este tatuado, é bonito, misterioso e exótico e faz que meu coração palpitar de uma maneira que não tem nada que ver com medo.

Minha espada cintila. Minha lâmina é longa e de alabastro²³. Fecho o cotovelo para que o braço não trema.

—Tranquila, moça.

—Merda, deixa de aparecer furtivamente dessa maneira!

Como pude não ouvir? Christian e Roydan podem me desestabilizar dessa maneira. Fico louca. Tenho super ouvido. Minha escuta é tão boa que posso escutar o ar deslocar-se quando outras pessoas se movem, merda.

Ninguém aparece furtivamente para mim. Os dois fizeram isso essa noite na caixa d'água, e Christian fez novamente.

²² É um romance do escritor americano Walter M. Miller, Jr.. Foi publicado em 1960, e é um dos livros de ficção científica mais traduzidos para outros idiomas¹

²³ Esta substância, o "alabastro" das escrituras é denominado frequentemente alabastro oriental, uma vez que os exemplares mais antigos vieram do Oriente. O nome grego alabastrites parece ser derivado da cidade de Alabastron, no Egito, onde a pedra era explorada, mas a localidade provavelmente deve o seu nome ao mineral; a origem do nome do mineral é obscura, e sugeriu-se que pode ter tido uma origem árabe. O alabastro oriental era muito apreciado para a produção de pequenos frascos de perfume ou os vasos de unguento, chamados alabastra; conjectura-se ser esta uma possível origem do nome. O alabastro foi empregado também no Egito para o fabrico de vasos canopos e vários outros objetos sagrados e funerários. Um esplêndido sarcófago esculpido em um único bloco de alabastro oriental translúcido de Alabastron encontra-se no museu de Soane, em Londres. Foi descoberto por Giovanni, em 1817, no túmulo de Seti I, perto de Tebas, Egito, e comprado pelo senhor John Soane, havendo sido previamente oferecido ao Museu Britânico.

Quando é cortado em lâminas finas o alabastro é translúcido o bastante para ser usado em janelas, tendo sido assim utilizado, em igrejas medievais, especialmente na Itália.

O alabastro de calcite pode ter duas origens: um depósito estalagmítico, do assoalho e paredes de cavernas calcárias, ou um tipo de travertino, depositado similarmente em nascentes de água calcárea. A sua deposição em camadas sucessivas produz a aparência bandada que o mármore apresenta frequentemente quando visto em corte, sendo então designado como o ónix-mármore ou o alabastro-ónix, ou às vezes simplesmente como ónix - um termo que deve, no entanto, ser restringido a minerais siliciosos.



Apareceu em frente a meu metro e meio de estatura sem que eu notasse.

—Baixa. A. espada.

—Por que faria isso? —está ficando erótico, como os outros UP²⁴s. Minha antiga-melhor-amiga Mac os chama Fae morte-por-sexo porque podem matar com sexo. E esse é o melhor cenário. O pior caso? Convertem em Pri-ya como fizeram com Mac. Deixam viva, totalmente viciada em sexo, insaciável e louca. Os outros Ups me encurralaram uma vez, mantiveram-me entre eles, e me fizeram coisas que eu não gosto de pensar.

Não quero que o sexo seja dessa maneira. Como se fosse algum animal indefeso. Já tive suficiente de animais indefesos para o resto de minha vida.

O que Christian está emitindo não é uma décima parte do que os outros UPs têm, mas é mau.

—Nunca te faria mal moça.

—Diz o Príncipe Unseelie. —Mas seguro a espada, e a mantenho contra a perna. Não estava segura de quanto tempo seria capaz de sustentá-la de todos os modos.

Os músculos em seu rosto se contraíram, como se estivessem lutando para formar sua expressão, raiva parece vencer, e penso que chamá-lo Príncipe Unseelie pôde ter sido erro de julgamento muito pequeno de minha parte. Tive muitos deles ultimamente.

—Diga meu nome moça.

Cubro meus ouvidos e o olho como: Que diabos? Sua voz saiu tão grande como uma casa.

—Diga meu fodido nome! —um trovão soou no céu. Envolvi os braços ao redor de minha cabeça para silenciar a voz. Em momentos como estes. Odeio meu super ouvido. Levanto o olhar. Não há nenhuma tormenta armando-se. É ele Influenciando o clima, como a realeza Fae.

Olho para baixo. Formam-se camadas de gelo nas calçadas ao redor dele, um brilho de cristais empoeira as botas negras e a parte baixa do jeans esta congelada.

—Christian — disse.

Respira profundamente, como se algo ferisse quando digo o nome, e fecha os olhos. O rosto se contrai ficando suave como Silly Putty ²⁵recém-saída da casca, logo se contrai de novo. Perguntei-me se o tocasse, poderia moldar sua forma, talvez estampar algumas caricaturas da seção de comics do periódico. A ponto de rir histericamente de novo!

—Diga de novo moça.

Se evitar que se converta todo UP sobre mim, de acordo.

—Christian. Christian. Christian.

Ele sorri fracamente. Ou acredito. Merda, não posso descobrir o que está passando por seu rosto. Não mais do que posso descobrir como é que consegue passar despercebido frente a...

—Benditos fragmentos de farinha! —De repente me dou conta— Pode peneirar! Está se convertendo em um completo UP com todos os super poderes. Cara! O que mais ganhou?

²⁴ Príncipes Unseelie

²⁵ silly Putty é um brinquedo com base em polímeros de silicone, que apresentam propriedades físicas anormais. Ele salta, mas quebra quando golpeado fortemente e também pode fluir como um líquido.





Se era um sorriso, acabou de desaparecer. Não parecia tão feliz como eu estaria se estivesse recebendo todo esse poder. Posso apostar que seu tanque de combustível não fica sem gasolina.

Estou tão ciumenta que poderia cuspir. Mas isso também requeria energia.

Move-se para frente saindo das sombras, e vejo que está carregando uma caixa sob o braço.

—Vou matar Roydan. —diz.

Desembrulho meus braços ao redor de minha cabeça. Estamos em tons normais de conversa de novo. Coloco a espada debaixo do casaco.

—Boa sorte com isso, se descobrir como, me deixe saber, certo?

—Pegue isto. — empurra a caixa para mim.

Tento descobrir o que é, debilitada pela fome e escorrega graças a uma camada de gelo. Capturo-a no momento que toca o chão, desajeitada! Reconheço a cor e a forma agora que estou segurando, e acendo como uma árvore de natal.

—Christian! —grito. Direi seu nome tantas vezes quiser. Gritarei do alto de caixas de água. Merda, vou compor uma canção alegre para ele e cantarei por toda Dublin.

Acabou de entregar uma caixa de Snickers! Rasgo a embalagem, rompo a barra meio congelada na metade e meto na boca lateralmente.

Quando puxo o cabelo fora do rosto e levanto o olhar para agradecer com a boca cheia, se foi.

Três barras de chocolate depois, me dou conta do que acaba de acontecer.

Sento na calçada, coloco as barras em meus bolsos e mochila e digo:

—Ah, cara.

Christian sabia quanto precisava de comida. Observa-me e me pergunto por que e quanto. Pergunto-me se está aí fora neste momento, me olhando de algum lugar sem que me dê conta. Amigo, tenho um Príncipe Unseelie me espiando. Genial.

Com o tanque cheio de novo, movo-me para o castelo de Dublin. Três dias era muito tempo. Havia muito trabalho que fazer. Um ritmo para seguir. O trabalho de um super-herói nunca termina. Entre patrulhar as ruas de minha cidade, imprimir e distribuir o jornal, matar Unseelie, manter um olho em Jo e a outras Shide-seers — e agora trabalhando para Roydan todas as noites, cada noite— faltarão horas no dia!

—Onde demônios esteve? —O inspetor Jayne diz no instante em que me vê— Tenho Unseelie amontoados em cada jaula. Concordamos que viria três vezes por semana e mataria com a espada, e quando consegue, não te vejo em cinco dias! Cinco sangrentos dias! Se não levar as responsabilidades a sério, meus homens tirarão a espada.

Fica olhando a prega de couro onde a espada está guardada, detrás de um grande casaco que roça os cadarços do sapato. É maio e quase muito quente para usar meu casaco de couro negro preferido. Logo terei que deslizar a espada nas costas e lutar com todo mundo olhando-a, cobiçando-a. Pelo menos agora ninguém sabe que a possuo. Mas de novo, minha reputação está começando a me preceder.

Jo disse que era uma lenda!

—Só tenta, cara — rebolei para o jardim de treinamento, entre ele e seus homens. Uma



dúzia deles estão armados, suando o fedor da tormenta. O super olfato é uma dor no traseiro às vezes. Estão trabalhando duro. Pergunto-me por que. É noite. Usualmente tem seus homens caçando a noite, patrulhando, mantendo as ruas a salvo.

Olhamo-nos.

Acalmou. Sempre faz. Acha difícil me olhar e permanecer zangado. Vê os próprios filhos em mim. Jayne tem um ponto muito fraco quando se trata de crianças.

Ele e a esposa adotam órfãos por todos os lados. Não sei como alimenta todos. Mas Jayne não é nenhum idiota. Suspeito que também tem algumas provisões escondidas.

Até hoje parecia que todos estávamos jogando sob as mesmas regras. Pegue muito, mas deixa algo.

Já não existem regras. Alguém está limpando as prateleiras. Isso não é civilizado.

—Maldita seja, Dani, estava preocupado!

—Acabe com isto, Jayne. Cuido de mim muito bem. Sempre fiz.

Coloca esse olhar que sempre me faz sentir incômoda, como se estivesse a ponto de me dar um abraço paternal ou limpar uma mancha de sangue em minha bochecha. Estremeço.

A mão da espada está picando e estou pronta para aliviá-la.

—Estou aqui agora, deixa de perder tempo. Que Unseelie quer morto primeiro?

—Sabe por que não estamos caçando esta noite?

Eu não gosto das adivinhações, então o olhei.

—Não há espaço nas jaulas. Faça espaço. E não vá até acabar.

Olha de novo a dobra nas costas, sob meu casaco logo, faz o de sempre. Olha seus homens, me olha de novo, todo frio e especulativo. Não está vendo uma menina. Está vendo um obstáculo.

Conheço Jayne muito bem. Ele nem sequer o sabe que faz.

Está se perguntando se eles poderiam tirar a espada. Perguntando-se se deixaria seus homens me matar para consegui-la. Se disser isso, negaria até o final dos dias.

Pensa que realmente se preocupa comigo, em certo nível sim. Pensa que gostaria de me levar para casa com sua esposa para fazer parte da família, me dar o tipo de vida que está seguro nunca tive.

Mas há um problema de metro e meio de metal brilhante entre nós, e é um metro e meio de imenso poder. E tudo muda. Não sou uma menina. Sou o que está entre ele e o que quer pelas razões corretas. E esta muito seguro que não fará algo muito mau pelas razões corretas.

Minha espada e a de Mac são as únicas armas que podem matar Fae. Isso as faz sem dúvida nenhuma o ingresso mais quente em, não só toda Dublin, mas no mundo. Uma parte de Jayne é como Barrons. Quer matar Fae, e tenho a arma que precisa para isso.

Não pode evitar, é um líder, e um muito bom. Cada vez que me vê, instantaneamente avalia o que acredita que pode tirar de mim. E algum dia talvez faça algum movimento.

E não me contarei contra ele.

Eu faria o mesmo.

Dou-me conta quando decide que não vale a pena o risco, porque não está seguro de algum de seus homens morram, inclusive ele. Mantenho essas dúvidas em mente. A parte subconsciente



onde tudo isto toma força.

Diz algo amável, mas não absorvo. Jayne é um bom homem, muito bom, mas isso não o faz menos perigoso.

Algumas pessoas pensam que sou um pouco psíquica com meus outros super poderes. Não sou. Somente vejo a forma que telegrafam. Recoelho pequenas pistas que outros não, como quando os músculos de seus dedos esticam quando olham minha espada, como se imaginassem que seria, ou quando sua cabeça cai para um lado quando agradecem que seja minha responsabilidade e não deles.

É incrível como consciente e subconsciente parecem estar tão divididos, como se não se comunicassem entre si. Como se sentimentos competitivos não pudessem viver dentro de ti.

Amigo, vivem o tempo inteiro. Sou uma bola emocional de ping pong entre as raquetes: Um dia não posso esperar para ter sexo, no seguinte penso que sêmen é a coisa mais asquerosa do mundo. Na segunda-feira estou louca pelo Dancer, na quinta-feira o odeio porque me importo.

Simplemente sigo adiante, enfocando nos sentimentos mais frequentes e trato de manter a boca fechada quando são outros.

Mas a maioria das pessoas tem ego e eu vivendo, em diferentes andares na casa de sua cabeça, em diferentes peças, fechei as portas que os comunicavam, e prendem tabuas contra elas, porque acreditam que são inimigos jurados que não podem conviver juntos.

Ro pensava que todo o assunto de consciente/subconsciente estava relacionado com, porque sou dessa forma. Dizia que tenho a condição neurológica chamada Sinestesia, com todas as regiões de meu cérebro falando entre si.

A velha bruxa sempre estava me psicanalizando —mais com ela como a psicopata e eu a que estava sendo analisada. — Dizia que meu Ego e meu Eu são melhores amigos, eles só não vivem no mesmo andar, eles compartilham a cama.

Estou bem com isso. Libera espaço para outras coisas.

Tira de cima. Desconecto, e faço o que sei fazer melhor.

Matar.

Capítulo 9

*"E tudo vai boom, chicka boom, boom-boom, chicka boom"*²⁶

—O que é este lugar? — perguntei a Ryodan.

—Tem um montão de lugares ao redor da cidade, pequena.

Não digo "Sim". Ultimamente, todo mundo parece saber tudo a meu respeito, de todos os modos. E ele não diz: "Bom, eu também." Quando Ryodan desperdiça palavras, faz da pior

²⁶ "And it all goes boom, chicka boom, boom-boom, chicka boom": Parte da canção "Chick-A-Boom" de Van Morrison.
<http://www.youtube.com/watch?v=EWESAvGOWes>



maneira possível. Fica todo filosófico. Fazendo-me bocejar. Existem observações dos fatos que te mantêm com vida, como compreender Jayne, e filosofar. Coisas muito diferentes. O primeiro eu entendo.

Estamos de pé em uma plataforma de carga de concreto, fora das portas comerciais em um armazém industrial na zona norte de Dublin. Ryodan nos trouxe em um Humvee militar. Está estacionado atrás de nós, apenas visível na noite, negro sobre negro, rodas e tudo, com janelas escuras. É algo que teria dirigido. Se tivesse encontrado um. Mas não consegui. É puramente rude. E pensava que os automóveis de Barrons eram geniais.

Começo a investigação. Não existem luzes acesas ao redor do edifício. —Amigo, tem proteção contra Sombras?

—Não precisa. Não tem nada vivo dentro.

—O que acontece com as pessoas que vão e vêm?

—Só durante o dia.

—Amigo. Noite. Estou aqui.

Ele me olha, olha minha cabeça, e os lábios tremem como se estivesse tentando não começar a rir. —Não precisa disso... qualquer merda que seja.

—Não vou morrer pelas Sombras. É um MacHalo — O primeiro que fiz esta manhã foi passar onde Dancer vive e pegar minhas coisas.

O MacHalo é um invento genial. Só em Dublin salvou milhares de vidas. Foi nomeada em honra a quem costumava a ser minha melhor amiga, Mac, a pessoa que inventou o capacete de bicicleta coberto com luzes LED, dianteiras, laterais, traseiras. Acrescentei algumas faixas ao meu para uma melhor cobertura em modo rápido. Sempre me perguntei se poderia fazer modo rápido através de uma Sombra, sem ela. É o último em proteção contra Sombras. Ouvi que estão indo agressiva e rapidamente por todo mundo. Todos em Dublin têm um. Por um tempo fiz e entreguei aos sobreviventes todos os dias. Algumas pessoas dizem que as Sombras deixaram Dublin. Que se moveram a pastos mais verdes. Mas as Sombras são furtivas e só precisa uma para te matar instantaneamente. Não vou correr nenhum risco.

—O que tem este lugar em comum com seu clube? —digo.

Ele me dá um olhar que diz: "Amigo, se soubesse, teria procurado sua ajuda insignificante?"

Ri dissimuladamente.

—Algo engraçado aqui.

—Você. Todo irritável e de saco cheio porque existe algo que não sabe. Teve que chamar os mega serviços da Mega.

—Alguma vez te ocorreu que estou usando você por razões que seu cérebro humano inferior não pode começar a entender.

É outra de suas perguntas que não soa como uma pergunta. É uma tática muito irritante, oxalá tivesse pensado nisso antes. Agora, se começo a fazer, parecerei uma imitadora. É óbvio que me ocorreu que haviam segundas intenções. Todo mundo tem. Agora sou a que fico toda irritável e de saco cheio. Entro em modo observação, abaixo as penas de pato do casaco, assim tenho mais probabilidades de ser uma conversadora que de conseguir encher o saco. O humor é o melhor



amigo de uma garota. O mundo é um lugar divertido.

Acredito que as portas duplas do armazém tem uns dez metros, uma entrada quase o dobro de largura, os quatro painéis das portas deslizantes. O metal ondulado está desprendendo um frio tão intenso que meu fôlego congela a umas baforadas do rosto e pendura no ar como pequenas nuvens geladas. Quando bato em um, tilinta para o chão em uma camada de gelo, e minha mente anexa um modelo para um padrão: Vejo a camada de gelo acima da calça jeans de Christian. Considero por um momento, e logo descarto. A realeza Fae pode afetar minimamente o clima a seu redor. A palavra chave aqui é "minimamente." Isto é algo importante. E Christian não é nem sequer um Fae puro-sangue.

As portas estão cobertas com gelo claro. Procuro minha espada.

O peito de Ryodan está contra minhas costas, e mão sobre a minha no punho da espada, antes que processe que se moveu. Fico totalmente quieta, nem sequer respiro. Está-me tocando. Não penso quando fica tão perto de mim. Só acende estática em minha cabeça a todo volume e me concentro em me afastar o mais rápido possível. Viajar em um carro com ele é uma merda. Compartimentos fechados. Lata de sardinhas elétrica. Baixar as janelas não ajudou nem um pouco. Isto é uma situação dez vezes pior.

—Amigo — Subo o volume em minha posição estática.

—O que está fazendo, Dani?

O rosto está realmente perto do meu pescoço. Se me morder de novo, vou chutar o traseiro.

—Estava pensando em cravar o gelo, ver o quanto é grosso.

—Quase cinco centímetros.

—Me solte.

—Solte a espada. Ou não deixarei mantê-la.

Foda-se, pode pegar minha espada como Jayne nunca pôde. Como só os Príncipes Unseelie podem. Mais uma razão por não suportar Ryodan. —Não posso soltar a espada até que tire a mão da minha. Muita pressão? —digo com irritação.

Soltamos ao mesmo tempo. Fulmino com o olhar, ou onde acredito que esta, mas não está ali. Encontro-o a seis metros de distância, perto de uma porta de tamanho normal. Abre-a. o rosto instantaneamente congela. —Pronta? —diz.

—Não se mova dessa maneira diante de Jo.

—O que faça com Jo não é de sua incumbência.

—Será melhor que não faça nada com Jo. Fiquei na linha como um bom soldado — Um robô que sempre me irrita. Apresentar-se para trabalhar às 20:00. Bah. Notícias: Como se não tivesse meus próprios planos. Como se não passasse horas caçando Dancer e não estivesse com dois jornais da Dani atrasados e não houvesse passado a maior parte do meu maldito dia trabalhando em um, depois de sair zumbindo a abadia para me assegurar de que Jo está bem. possuía algum furo seriamente estranho para mim sobre o novo e segmentado Unseelie, mas além disso não quis falar muito. Acredito que está muito furiosa comigo. Nada novo. Se não houvesse nenhuma sidhe-sheep furiosa comigo, não saberia quem era, ou se a Terra ainda estava orbitando o sol. — Estou me comportando. Ela está a salvo. Simplesmente deixe-a em paz.



Ele sorri fracamente. —Ou o que, pequena.

—Sabe uma coisa, amigo, se não colocar um ponto de interrogação ao final das perguntas, não responderei mais. É de má educação.

Ri. Odeio quando ri. Tenta me colocar de volta no nível pornô do Chester's e isso simplesmente me dá nojo, assim deixo estático em minha cabeça novamente.

Congelo o quadro na frente dele tão rápido que seu cabelo voa pelo ar. Asseguro-me de ir através de um montão de pó, e dou um pequeno toque adicional com meu calcanhar quando passo zumbindo, de modo que sai disparado diretamente ao nariz (um truque que aperfeiçoei no monastério!). Ele espirra. Igual a uma pessoa normal. Estou meio surpresa de descobrir que respira, na verdade.

O frio se choca contra mim como uma parede de tijolos, e por um segundo não posso respirar.

Então o sinto nas costas, a centímetros de meu pneu traseiro metafórico como se ele estivesse fazendo um desenho de meu congelamento de quadro. Isso causa uma desagradável sensação de formigamento. Aquece meu temperamento e é fácil respirar de novo.

Como o primeiro cenário que mostrou, um silêncio gelado enche o espaço, como essas manhãs com neve fresca recém-caída, quando ninguém mais está acordado e o mundo está mais calmo do que nunca pensou que poderia estar, até que dá o primeiro passo que rui no amontoado de neve. Sempre quis ter uma travessa briga de bolas de neve com alguém em manhãs como essas, mas ninguém nunca foi capaz de manter o ritmo. Lançar bolas de neve às pessoas é como derrubar latas de uma cerca com uma pistola de ar comprimido.

Passo voando através do armazém, dando uma olhada em tudo, fascinada apesar de ser ordenada e mandada aqui. Eu adoro um bom quebra-cabeça. O que está congelando estes lugares e por quê?

Umás quantas dúzias de Unseelies estão congelados no estacionamento da entrada.

Ryodan tem operários de castas inferiores trabalhando para ele. Um montão de Rhino-boys congelados no meio da ação. Igual ao subclub no Chester, o lugar é extremamente frio. Faz meu coração sentir-se monótono e apertado. Não deixo de me mover, não me deterei por nada.

Os Rhino-boys estão congelados, carregando e descarregando paletes e caixas, a pele cinza coberta de branco, envernizada com uma camada transparente de gelo. O que quer que aconteceu com eles passou rápido. Não tiveram nenhuma advertência. As expressões geladas são completamente normais.

Bom... tão normal como poderia ser um Unseelie alguma vez. Acredito.

Passo zumbindo ao redor de dois corpulentos, examinando os rostos rugosos de rinocerontes, bocas adormecidas com as presas descobertas, analisando esse pensamento.

Ocorre-me que, talvez suas expressões não sejam normais. Estou apoiando minhas hipóteses no que sei dos humanos, de como nossos rostos reagem. Christian é a prova de que não posso fazer isso. Não posso nem imaginar quando Christian está sorrindo.

A lógica exige que elimine a hipótese de que os Rhino-boys não tiveram advertência. Um Rhino-boy pode olhar apavorado? Não sei. Talvez demonstrem o medo com algo tão pequeno e



estranhamente Fae como uma diminuição do brilho nos tons do arco-íris nos pequenos olhos brilhantes, e a geada branca está ocultando. Nunca me dei conta de como parecem seus rostos quando mato. Em geral, estou muito ocupada procurando o próximo para apunhalar. Repentinamente, quero encontrar um esta noite e comprovar. Qualquer desculpa para matar um Unseelie é uma formidável.

O que faria algo como isto?

E por quê?

Tem que ser um Fae, porque simplesmente não posso ver um humano construindo uma pistola de raios congelantes que funcione a esta escala, só para ser um sentinela.

Por outro lado... não posso eliminar a possibilidade.

Até agora, os lugares que vi congelados são exatamente os de lugares que eu mesma teria congelado. Se tivesse uma arma tão perversamente genial.

A maioria das pessoas não pode acreditar que alguém pode mover-se como eu, lutar e ouvir como eu, pode existir. Portanto, não posso descartar a possibilidade de que alguém possa ser tão inteligente que descobriu como construir uma enorme pistola de raios congelantes e que é capaz de reduzir a temperatura dos lugares para esfriar os objetos no espaço. Com tempo suficiente, acredito que Dancer poderia conseguir. Ele é tão inteligente!

Caralho. Tenho os fatos e nenhuma conexão. Não posso deduzir nada. Ainda.

De repente, vejo além das figuras congeladas.

O armazém está cheio de caixas, gavetas e paletes, amontoados por toda parte. Uma pilha de coisas eletrônicas congeladas que se parece com algum tipo de equipamento de áudio. Talvez para o clube, supus. As caixas estão empilhadas até o teto, e outras sendo empilhadas quando aconteceu o que quer que seja.

Tudo está congelado. Cada parte disso.

Pergunto-me se podemos descongelar e salvar algumas das coisas comestíveis. As pessoas vão morrer porque ele é um porco ambicioso.

Estou tão de saco cheio que quebro uma caixa quando passo zumbindo. —Ups — digo, toda inocente como se fosse um acidente. Lascas de madeira, de dois por quatro, saem voando em todas as direções.

Armas automáticas explodem entre os restos e deslizam pelo piso congelado, onde chocam contra um Unseelie congelado que se rompe como pequenos duendes de cristal.

Está bem, então essa caixa possuía armas. Isso só significa que chutei a caixa errada. Estou tão segura de que ele é o imbecil que está monopolizando a comida que chuto outra, sem sequer dissimular que foi por acidente esta vez. Mais armas.

Vou arrasando tudo. Cada vez que destruo uma caixa ou um caixote para abri-la, e contém munições ou armas, fico mais furiosa. Suponho que ele escondeu a comida antes de me trazer aqui. Estou a ponto de chutar o quinto caixote, quando Ryodan repentinamente me tem pendurada no ar pelo pescoço de meu casaco, me carregando como um saco de batatas sobre o ombro de novo, me tirando a toda velocidade pela porta, me joga contra um poste de telefone e diz: "Que diabos passa com você?" no preciso instante em que todo o edifício explode.



—Amigo, está armando esses lugares para que explodam? —digo no caminho de volta ao Chester's. — Se trata de outra de suas estúpidas provas? Tenho que resolver seu pequeno mistério nos enormes três segundos que consegui examiná-lo antes da cena voe em mil pedaços? —O edifício inteiro explodiu para fora, por uma quadra da cidade. Mal tivemos tempo de congelar o quadro para fugir da área metralhada.

—Perdi uma grande quantidade de bens móveis nas duas explosões. Não sacrifico nada que seja meu e que poderia me beneficiar.

—O que se traduz em que enquanto for útil, já que pensa que sou sua, não vou conseguir o... — Arrasto um dedo ao longo do pescoço.

—Pequena, poderia simplesmente me incomoda para te matar.

—Bem atrás de você, chefe.

Ele sorri, e sinto que começo a sorrir em resposta, e isso me enche, assim olho pela janela e me concentro realmente na paisagem que posso distinguir na rosácea luz da lua, que não é muito, porque as Sombras levaram tudo o que vale a pena olhar aqui fora. Tenho três esconderijos ao final deste caminho e um contrabando grande. Não sabia que Ryodan também se refugiava aqui. Abandonarei este distrito logo que consiga tempo para me recolocar.

—Observações — diz ele.

—Quatro guardas imperiais Unseelie foram à única semelhança que isolei, constantes das duas cenas. —Estavam de pé, armados, nas portas de embarque, fiscalizando a entrega.

Ele me dá um olhar atravessado. —Bem. Isso foi, algo assim como, uma frase completa. Com substantivos, verbos e tecido conjuntivo. Ininterruptos. Palavras elaborada.

— Amigo, Sloopy.²⁷ Deveria ter omitido essa parte do tecido conjuntivo.

— Nada mais.

Olhei-o. Odeio suas perguntas-sentenças. Não vou responder mais.

Ri.

— Nada mais?.

Sua voz se eleva no “mais” um centésimo mais alto que na palavra “nada”, uma única concessão para alguém como eu, com super audição, já que outra pessoa nunca seria capaz de perceber. Ainda assim, é uma concessão. De Ryodan. Um pouco mais estranho que água no deserto.

— O gelo se depositou por si mesmo. Talvez como geada. Definitivamente, como dura geada. E gelo limpo por cima de tudo. A geada dura é estranha. O gelo branco vem do congelamento da névoa. O que estava fazendo a névoa no interior de ambos os edifícios?

— Como as salas explodiram?

Penso de novo. Tudo aconteceu muito rápido; ficamos fora, ele bloqueou minha visão, estava mais concentrada em conseguir que tirasse o olhar de mim que em qualquer outra coisa. Não gosto, mas reconheço.

²⁷ Além de bêbado, desleixado



— Não posso tirar nenhuma conclusão, as circunstâncias são as que são.

Ele me olha atravessado outra vez.

— Falando contigo, amigo, penso que poderia conseguir todas estas fodidas estupidezes muito mais rápido. A comunicação é bastante difícil quando nem todo mundo está tentando.

— Isso não é verdade. Me dê sua mão.

— Não.

— Agora.

Sem saber como, estou dando minha mão.

Diz algo suave em um idioma que não entendo. Meu braço puxa para cima. Vejo com horror como minha mão passa pela lateral do Humvee²⁸, com a palma para cima.

Deixa cair um Snickers nela, murmura algo e a mão é minha outra vez. Pergunto-me em que momento, como e por que, meu apetite fodido se converteu em algo que está acima de todos outros negócios.

— Come.

Penso em atirar a barra de chocolate em seu rosto ou pela janela. Nego-me a deixar que os dedos fechem ao redor.

Mas estou certa de que poderia usar isso contra mim.

Ele freia, para no meio da estrada, volta-se para mim, agarra o pescoço do meu casaco, tira-me voando pelo meio de nossos assentos e se inclina. Olhos fechados. Estamos uns oito centímetros de distância e acredito que a única razão que meu nariz encosta o dele é porque um dos suportes do MacHalo está batendo em sua testa. Meu traseiro já não toca o assento.

Nunca vi olhos tão vazios quanto os dele. Os da maioria das pessoas são repletos de emoções, com linhas ao redor, como cicatrizes de guerra. Posso dizer, olhando aos adultos, se passaram a vida rindo, chorando, ou ressentidos com todo mundo. Ouvi mães dizerem, quando os filhos põem caras estranhas, “Cuidado, seu rosto poderia ficar assim”. E acontece de verdade. Na maturidade, a maioria das pessoas tem escrito no rosto o que foi sua vida, golpes e beijos, para que todo mundo veja. Colega, muitos deles deveriam se envergonhar! Por isso rio muito. Se meu rosto ficar assim, prefiro que eu goste do que vejo.

Quanto a Ryodan, é como olhar o diabo. É óbvio que o que ele sente é o mais absoluto “nada”. Desumano. Amigo, gélido.

— Não voltarei a machucá-la a menos que você me obrigue, Dani.

— É o único que pode definir o conceito de “fazer mal”. Ultimamente, há uma enorme margem de manobra neste país a respeito disso.

— Não é necessária nenhuma margem de manobra.

— Porque você aniquila.

— Outra dessas palavras bonitas.

²⁸ O Humvee, como é mais conhecido esse tipo de automóvel, pode ser usado para o transporte de cargas ou tropas, plataforma de artilharia, ambulância, suporte aéreo, entre outras funções – ao todo ele possui 18 modelos diferentes para uso militar





— Amigo, o que é que acaba de me fazer?

— Dei o que precisa, mas é muito teimosa para pegar.

Fecha meus dedos ao redor da barra de chocolate, com a sua por cima. Não posso puxar a minha com rapidez suficiente.

— Come, Dani.

Deixa-se cair de novo no assento, põe o Humvee em marcha e fica em movimento.

Mastigo a barra de chocolate apesar do sabor amargo na boca, pensando que estava acostumada a ser invisível.

— Os super-heróis não são invisíveis - diz. — Somente enganam a si mesmos.

Girando a cabeça para os edifícios intermitentes, levanto o rosto e mostro a língua.

Ri.

— Espelho retrovisor, pequena. Tome cuidado. Sua cara poderia ficar assim.

Dirijo-me à rua, em volta das caixas dos jornais recém-impressos (eu adoro o cheiro da tinta!) em carrinhos de compra maltratados e cada minuto do tempo é meu outra vez. Posso correr com o carro, e com uma palmada colar os papéis nos postes mais rápido do que poderia fazer embora estivesse montada em um foguete. Minha moto é por prazer, para relaxar por um tempo, quando não tenho nada mais pesando sobre mim, quando não estou, como sempre, salvando o mundo. É por isso que não entendo muito de como dirigi-la.

O aviso de Ryodan que preciso me apresentar todas as noites às 20:00 em ponto ainda está soando nos ouvidos, me deixando louca. Por que tem que me torturar todas as noites fodidas? Estas malditas situações estúpidas são como desculpa para meter-se comigo?

Dirijo ao oeste, começo minha rota habitual. É pouco depois da meia-noite. Não deveria levar mais que umas poucas horas; vou começar a procurar Dancer novamente. Estou um pouco preocupada com ele. A maioria das vezes que saiu sem me dizer, foram só uns dias. Não conheço todos os lugares ao igual a ele não sabe todos meus, mas vou seguir procurando.

Tenho alguns postos, postes e bancos que as pessoas procuram com frequência, como se distribuí-se em jornal normal, esperando as últimas atualizações. As pessoas, provavelmente, estão um pouco preocupadas com o atraso. Tenho informação importante a compartilhar esta noite.

Olho meu jornal, orgulhosa dele. A tinta é fresca e limpa, e parece realmente profissional.

O jornal da Dani

21 de maio DCM

Nova casta de Unseelie!

Atualizem o Manual DDD!

GHEGANDO ATÉ VOCÊ EXCLUSIVAMENTE PELO TDD²⁹, A ÚNICA FONTE PARA AS ÚLTIMAS NOTÍCIAS DENTRO E FORA DE DUBLIN!

Amigos, hoje descobri um tipo completamente novo de Unseelie no Chester!

²⁹ The Dani Diary -TDD



Decidi chamar de Papa Roach³⁰ e não me refiro à banda!

Tomem nota: de 90 cm a 1,20 de altura, com uma cor marrom-violeta brilhante, corpo segmentado, seis braços, duas pernas e a menor cabeça que vi até agora, do tamanho de uma noz, com pequenos olhos como caviar. Pode decompor-se em segmentos que são do tamanho de baratas que se arrastam dentro da roupa e se metem debaixo da pele, LITERALMENTE!

Se vir esta coisa chegando, corra como alma que leva o diabo, porque ainda não encontrei a maneira de acabar com ele. Pode levar uma lata de spray para cabelo, ou encher uma garrafa de spray com gás e levar sempre um montão de fósforos em cima (eu tenho uma tocha). Desta forma, se ficar encurralado, pode borrifá-los e colocar fogo. Provavelmente não matará, mas as mantém ocupadas enquanto corre.

Seguirei informando, Dublin!

Dani, curta e grossa!

Não conto o pior, que Jo me disse esta manhã: que algumas das garçonetes do Chester's incentivam aos insetos para que se metam sob a pele. Não quero dar nenhuma ideia. Este Unseelie tem uma especialidade: alimenta-se da gordura humana. Abracadabra, servida uma micro cinturinha! Olá insetos, adeus celulite! Você não gosta das coxas com covinhas? Inseto para acima. Os muros caíram a tempo suficiente para que as pessoas consigam cumprir sua ideia utópica de magreza ou essa sexualidade amplificada por rodear-se de tanta realza Fae, com a promessa de uma imortalidade potencial, e a ênfase pela moda e a beleza nunca foi mais extremo.

Jo me disse que uns garçons estavam muito orgulhosos de ter um. Está virando um símbolo de status ou algo assim, como as extensões de cabelo ou silicone nos seios. Jo me disse que os garçons afirmavam que não matam humanos, só comem gordura, e que dificilmente podem senti-los na pele.

Acho que é mentira. Que se ligam a eles porque estão cada vez mais famintos por humanos que pela gordura. Acredito que experimentam tudo o que seus "anfitriões" vivem: o prazer, a dor ou o que seja. Os Unseelie estão nos machucando e nós permitimos. Invadem nosso corpo e coletam informação interna, em seguida, informam Papa Roach, que provavelmente informa aos príncipes Unseelie sobre a melhor maneira de aproveitar-se de nós. O que essas garçonetes idiotas pensam que significa? Que o inseto retornará ao próprio corpo e a deixará toda gostosa e magra? Que se não houver dano aparente não há armadilha?

Amigo, é um Unseelie! Sempre há uma armadilha.

Dobro uma esquina, para a primeira parada, com meu carrinho de supermercado chacoalhando, quando vejo um dos papéis da semana passada ainda pendurado, com a brilhante cor branco-rosada sob a luz da lua, o que me surpreende. As pessoas sempre tiram ou levam para casa, ou onde quer que seja. Geralmente poucos sobram.

À medida que me aproximo, dou-me conta que não é meu papel.

Que caralho? O que está em meu poste? As pessoas sabem que devem deixar as notas no Escritório Geral de Correios.

Coloco-me em modo rápido, encostando meu nariz a ele.

Estou tão assombrada que meu queixo cai ao chão.

O jornal de Dublin

³⁰Papa Roach: literalmente, Batata Barata, mas faz referência a grupo americano com um vídeo muito famoso de sua canção "De humanos e de insetos" no que saía uma garagem cheia de baratas.



20 de maio DCM

A ÚNICA FONTE DE NOTÍCIAS ACREDITÁVEIS NA NOVA DUBLIN, APRESENTADO PELO
WECARE³¹! TRAZENDO TODAS AS NOTÍCIAS QUE IMPORTAM!

NÓS OS AJUDAREMOS A SOBREVIVER!

WECARE

Bah, como puderam plagiar tanto? Arranquei o panfleto ofensivo do meu poste e deixei cair à coisa ao chão, embora meus olhos estejam assustados. “O jornal de Dublin” e não “O jornal de Dani”? Talvez pudessem ter uma ideia um pouquinho mais original. Como um santo imitando um macaco, imitaram a introdução! Quase nem trocaram as palavras fodidas!

Como copiaram rapidamente.

Não se deixe enganar pelos jornais de IMITAÇÃO. O Jornal de Dublin é o ÚNICO jornal que você sempre precisará. PODEMOS DEVOLVER SUA ELETRICIDADE E ÁGUA!!!

Una-se a nós!

A diferença dos jornais de IMITAÇÃO, WeCARE oferece todas as notícias importantes, direto a você, não importa quanto difícil seja chegar a sua “porta”.

NÃO se exponha as ameaças terríveis nas ruas para ler um muito INFLADO PANFLETO JUVENIL que se gaba de nos aconselhar a aproveitar os fogos de artifício e as batalhas!

WeCARE virá a você.

WeCARE brigará as batalhas por você.

WeCARE o manterá a salvo e na luz.

Quem se preocupa com você? Nós.

WeCARE.

- Buh!

É tudo o que posso chegar a dizer.

- Buh!- digo outra vez.

Não suporto ler até o fim. Faço uma bola e amasso até formar uma bola dura e pequena. Finalmente me acerto para balbuciar

- Imitação? - estou tão chateada que nem posso amaldiçoar. Mal posso falar. - Muito inflado? Quem escreve esta idiotice?

Mantive Dublin segura e informada, desde outubro passado! Meses de entregar mantimentos e fornecimentos às pessoas muito assustadas para sair dos esconderijos. Meses de lutar contra monstros, encontrar e recolher crianças pequenas que ficaram órfãs no Halloween, quando os pais estavam fora celebrando e não voltaram para casa porque foram devorados por Sombras ou algum outro Unseelie. Meses de reunir às pessoas e levá-las ao Inspetor Jayne para aprenderem a brigar.

Ninguém mais se incomodou em seguir adiante e ajudar às pessoas a sobreviver.

E agora isto?

Vou me ofender por um pouco de papel que está fingindo que sou o que pretende?

³¹ WECARE: significa “nos importa”, mas está como o nome de uma organização



— Algo muito grave do tipo chutes-no-traseiro vai acontecer - murmuro. - Quando descobrir de quem diabos é o We-fodido-CARE.

Passei as horas seguintes zumbindo ao redor da minha cidade, rasgando as estupidezes dos meus postes e colocando O Jornal do Dani.

Usaram meus postes. Nem usaram seus próprios lugares para pôr os panfletos.

Chegaram a MINHAS pessoas usaram MEUS postes. Fodidos imitadores estúpidos. Estou tão enlouquecida, soltando vapor. Se alguém estivesse olhando de acima, somente veria um movimento indefinido deixando duas colunas de pura irritação e muito saco cheio saindo detrás das orelhas.

Imagino que manhã será um dia melhor.

Ultimamente, parece que tudo o que imagino está errado.

Capítulo 10

“Febre Aranha o gato”³²

Veio a mim por quatro noites, murmurando meu nome.

Kat, diz ele, e faz que essa sílaba seja uma deliciosa melodia, que nem mesmo um coro de orquestra divino de todos os anjos no céu poderia competir.

Repica meu nome na linguagem dos Unseelie e faz minhas orelhas zumbirem até que a mente esteja vazia de todo pensamento, até que meus olhos são incapazes de contemplar qualquer visão, exceto ele. É tão bonito, que olhá-lo me faz chorar, e quando limpo as lágrimas das bochechas, as mãos estão pintadas de vermelho por sangue.

Ele me acorda, mas não acordo.

Leva-me a um lugar que é tão perfeito, sereno e livre de preocupações que quero ficar ali para sempre.

Kat, diz ele, meu nome é Cruce. Não V’lane. Estava tão cansado de usar seu rosto dourado brilhante. Ele nunca foi a metade do Fae que sou. Estou com você no sonho, não é lindo? Não se sente divina aqui comigo? Não precisa me temer. Não sou o que pareço.

Estou em perigo.

Terrível perigo.

E não posso dizer a uma alma, porque todas me olham para que as guie, para ser forte e mostrar o caminho.

Sou a esperança.

³² “Cat Scratch Fever”: canção de Ted Nugent. A expressão “cat scratch fever” faz referência ao sexo. <http://www.youtube.com/watch?v=Zh0iDVsmLqw>



Temo que “a espera” logo estará longe de toda esperança

Julgaram Rowena tão terrivelmente! Não têm ideia do que enfrentou. Deus sabe quantos anos ela resistiu a torturas similares, antes de sucumbir! Quem sabe que tipo de pessoa foi antes do Sinsar Dubh manipular sua mente. Aconteceu cada noite como me acontece? A escuridão debaixo de nossa fortaleza de pedra foi diretamente a sua cabeça, coração, sua cama, enquanto estava dormindo e tentava passar o pesado manto das regras?

Não posso evitar me perguntar se isto não aconteceu por um milênio. Se o rei Unseelie soube, quando enterrou seu mortal alter ego debaixo de nossa terra sagrada, e nos encarregou de cuidar, quando fundiu nosso sangue com o dele para nos fazer mais forte, ou se esse beijo do mal em nossas veias o que nos fez débeis? Quanto inferno na terra causou. Quantas vidas de mulheres arruinariam. Quantos humanos morreriam um dia.

Pergunto-me se, milhares de vezes antes de mim, uma mulher esteve na posição que ocupo, assumiu a liderança da Ordem e imediatamente foi submetida à prova de vontade mais forte: ser assediada pela sedução insidiosa do Sinsar Dubh.

Pegue, me liberte, seja invencível, salve o mundo.

OH, o canto da sereia do poder. Inclusive eu, a quem o poder não importa, não sou imune.

Não acredito que alguma vez foi silencioso aqui embaixo. Nem por um momento!

Não acredito que nenhuma Grande Mestra alguma teve tempo livre.

É notável que o mantivemos oculto por tanto tempo!

Ele veio para mim à primeira noite que o Rei Unseelie o aprisionou debaixo de nossa casa. Dormi, e enquanto era vulnerável, veio para mim em sonhos. Veio cada noite após.

Tratei com pílulas para dormir. Só me drogavam, ficando mais vulnerável aos prazeres da tentação.

Ele me mostra, em toda sua glória. Mostra que é mais bonito como Cruce e sempre foi. V'lane foi uma imitação pálida do assunto real. Cruce é negro e branco, brilhante e duro, forte e perfeito. Envolve asas de veludo ao redor de mim e me faz sentir coisas que nunca imaginei.

Estou de acordo com Margery.

Quero que essa câmara cheia de concreto, aço ou chumbo, algo que possa bloquear o caminho entre ele e eu.

Não sei uma décima parte dos feitiços de Rowena. E ela ainda falhou.

Nem sequer posso fechar a porta!

A noite que O Livro foi posto para descansar, deixei a câmara de celebração, com meu coração sentindo-se mais agitado do que senti em muito tempo. Finalmente o Sinsar Dubh estava fora das ruas, e embora o método de confinamento não fosse o que esperei, imaginei uma pausa. Um tempo de descanso e reconstrução, um tempo precioso e necessário para chegar a acordos, com tantas mudanças em nossas vidas, as matanças infinitas, tempo para sofrer a perda de tantas de nossas irmãs.

Não se supunha que acontecesse.

Ele vem para mim com promessas e mentiras, com sua beleza e desejos acionados e diz que sou tudo o que precisa. Diz que eu, e só eu, posso governar a seu lado, e que meu dom especial de



empatia emocional me faz uma mulher capaz de compreendê-lo verdadeiramente, em um grau profundo; nesse nível estranho e intransigente de vínculo emocional que, como Príncipe Unseelie, deve ter, ou ficarei louca sem isso. Diz que sou seu único parceiro possível e que esperou uma eternidade para me ter.

Reclama que foi acusado injustamente, e estamos enganados. Diz que não é o Sinsar Dubh. Alega que, no momento que foi aprisionado no bloco de gelo, o Rei tomou tudo.

Diz que estamos sendo enganados por um governante inteligente, astuto e irritante que não se importa com os filhos, nunca se importou, e só ama sua concubina e uma vez a teve em seus braços de novo, reclamou o poder do Sinsar Dubh também. Diz que a concubina ainda não é completamente Fae, e que o Rei recuperou os feitiços, assim pode reatar o trabalho, que foi todo um jogo de poder na câmara essa noite.

Diz-me que foi feito para parecer como um vilão novamente, para que não tivéssemos que procurar muito pelo Rei Unseelie, para que assim nos preocupássemos com conter o único príncipe capaz de detê-lo quando ele disser que nosso mundo é dispensável, o que Cruce me assegura que o rei fará algum dia, e não muito longe no futuro.

Fala que devo ser a salvadora da humanidade. Quando estiver preparada, me mostrará o caminho para liberá-lo. Que só eu sou suficientemente forte, no nível suficiente, para ver a verdade quando está a minha frente, suficientemente inteligente para tomar as decisões difíceis.

Ele fala com língua bífida³³ e sei!

Ainda estou perdendo a batalha.

Acordo pela manhã cheirando-o. Saboreando em minha boca, sentindo a língua em sua pele. Cheia dele, como um homem jamais me encheu; corpo, mente e alma. Fazemos amor e eu resisto, mas de algum jeito, não resisto. Nos sonhos, digo não, mas faço de todos os modos e amo cada momento delicioso e que carboniza almas. Acordo gozando uma e outra vez com meu amante invisível. Estremecendo com calor.

E necessidade.

E vergonha.

Minhas irmãs contam comigo. Sou a líder.

Como sobrevivereei? Como impeço que venha para mim? Devem ter feitiços para bloqueá-lo, conjuros, runas para pôr ao redor de minha cama! Talvez devesse deixar a abadia, agora, antes que seja muito tarde. Posso deixar as minhas irmãs? Atrevo-me a deixar minhas irmãs? Se não for agora mesmo, alguma vez voltarei a ter força de vontade para ir, ou descerei uma noite, com mãos trêmulas nas barras, disposta a fazer o que for para libertá-lo?

Quantos morreram a noite em que Rowena deixou o Sinsar Dubh saiu, quantas mortes pesaram sua consciência? Inclusive, estava consciente nesse momento, ou já fora corrompida completamente?

Quem governaria se eu for?

Não há garantias de que a próxima mulher seria mais forte que eu, ou mais capaz de resistir à sedução. Quanto duraria Margery, diante de tal tentação? O quanto ficaria cruel com o poder do

³³ Em inglês "forked tongue", significa fazer falsas promessas o falar desonestamente.



Sinsar Dubh enegrecendo o coração?

Que Deus me ajude, devo ficar.

Devo ganhar esta guerra silenciosa e invisível, sem ninguém, sendo a mais sábia.

Que Deus me ajude.

Capítulo 11

*“Problemas adiante, problemas atrás”*³⁴

—Aqui está — diz Jo enquanto passo arrogantemente pelo subclub de crianças. — São quase oito e trinta. Supostamente deveria chegar às oito. —Estava maquiada. Nunca está maquiada. E fez algo brilhante nas pálpebras e entre os seios. Estou furiosa. Não sei por que mudou. Estava bem antes.

As palavras “supostamente deveria chegar” me irritam até esfolar. São insultos amontoados sobre a injúria. Tive um dia asqueroso. Está tomando todo meu autocontrole esconder o quanto me mata ver Jo atendendo mesas, vestindo uma curta saia caqui, servindo aos Fae. Mas me controlo, porque permitir que uma parte disso apareça, quem sabe o que Ryodan poderia fazer? O tipo é tão imprevisível como um Buraco Fae Interdimensional³⁵, essas peças da fraturada realidade Fae que flutuam por aí, e nunca sabe que está dentro, até que esteja afundada até o traseiro em jacarés.

—Mac está te procurando — diz.

Bisbilhoto ao redor grosseiramente, tentando procurar cada subclub do Chester's de uma vez.

—Está aqui?

—O que? —Jo olha em branco, e me dou conta que devo ter falado em alta velocidade. Isso acontece às vezes, quando me agito. Começo a vibrar, e acredito que todas as pessoas ouvem o gemido agudo de um mosquito.

—Está aqui? —Baixo a velocidade por um segundo para falar e logo acelero o bisbilhotar.

—Não. Foi com Barrons faz meia hora. Vai ter um traumatismo cervical se não baixar a velocidade dos movimentos da cabeça, Dani. É arrepiante quando faz isso. Não se viram por pouco. Se tivesse chegado à hora, não seria assim. O que acontece? Ficou branca como um lençol.

Se tivesse chegado à hora.

Mac veio aqui para me buscar? Estava me caçando? Sabe que supostamente devo chegar a “trabalhar” às oito?

Sinto-me enjoada. Preciso fazer o sangue voltar para minha cabeça. Às vezes acredito que

³⁴ “Trouble ahead, trouble behind”: parte da canção de “Casey Jones” de The Grateful Dead.
<http://www.youtube.com/watch?v=OY5pHkTqLHw>

³⁵ São buracos que estão flutuando pelo espaço e fazem as pessoas atravessarem dimensões. Num momento está na terra, no outro, em qualquer lugar.



meu coração e minhas veias aceleram sem o resto de mim, e se afastam de meu rosto. É o único que explica o quanto fico estúpida quando me zango ou me preocupo. Mas claro, os homens funcionam da mesma maneira com seus pênis, e não podem acelerar, então possivelmente seja um falha de projeto dos humanos.

Sensação intensa? Já! Morte cerebral instantânea.

—Onde diabos está minha bebida, vadia? Quer algo de mim ou o que? —grunhe um Unseelie em uma mesa próxima. Quer dizer isso, literalmente.

—Me diga que não está comendo Unseelie — digo.

—Ew! Nunca! —diz Jô, como se não pudesse acreditar que perguntei.

—Fez reflexos no cabelo?

Toca-o, com um sorriso tímido.

—Uns poucos.

—Nunca teve reflexos. E não usa maquiagem.

—Às vezes sim.

—Como, nem uma vez em todo o tempo que a conheço. E nunca a vi com coisas brilhantes nos seios.

Ela começa a falar, mas sacode a cabeça.

—Está se arrumando para estes estranhos?

—Putá, disse, onde está minha bebida?

Olho o Unseelie. Olha Jo de cima abaixo, lambendo os lábios finos e desagradáveis, como se ela fosse a seguinte comida. Muito pessoal.

Um Unseelie acaba de chamar Jô de puta. A pressão aumenta em meu esterno. Minha mão vai ao cabo da espada. Antes que possa fechar um dedo ao redor dele, estou encurralada por uma montanha de homens com atitudes do tamanho de avalanches. Estar no meio de quatro dos homens do Ryodan é como estar de pé em uma geleira, enquanto é eletrocutada. Nunca senti algo assim, exceto por ele, e Barrons.

—Esse Unseelie chamou Jô de puta — digo. Claramente, o Unseelie merece morrer.

—O chefe diz que, se matar um Fae em sua área protegida, a garçonne morre na sua frente, muito lentamente —diz Lor. — Depois matamos você. Nunca mais a lembraremos. Nunca voltaremos a intervir. Está sobre sua cabeça, menina. Controle o temperamento ou a matará. Você. Somos meramente a arma que a matará. E somos criativos como a merda quando se trata de mortes lentas.

Os olhos de Jo estão enormes. Ela vê seus rostos. Sabe o quanto sou temperamental.

Suspiro e solto a espada.

—Wow, cara, nunca te ouvi formar tantas frases completas, tipo, nunca. Está realmente loquaz esta noite. —A força bruta é a forma normal de Lor lutar com as coisas. Sua ideia de sedução é capturar e sequestrar. Não quer atrair a atenção do amigo. Termina em sua cama, queira ou não. Dou um olhar sinistro. Está me dizendo que me controle, e a única forma que me imagino fazendo isso dentro do Chester's seja possivelmente me matar a golpes ou me nocautear.

—Cadela, vadia, onde está minha bebida de merda?



A fúria quase explode meu crânio. Meu cérebro esvazia. A mão da espada se torce, cheia de sangue e impaciência.

Jo me olha e se afasta.

Depois vai buscar, entregar e trabalhar para um Unseelie. Que não a está respeitando. Nunca vou sobreviver a isto.

Mas ela precisa. Eu também.

Afasto-me, e abro o passo entre os caras com os ombros, me assegurando de dar uma boa cotovelada em Lor quando passo.

Grunhe.

Pisco para ele.

Diz.

—Menina, precisa que seu traseiro cresça logo.

—Que engraçado. Acredito que todos os outros precisam que os traseiros deixem de crescer.

—Como a um cavalo, querida, alguém vai te domar.

—Nunca. Vai. Acontecer.

Estou tão aborrecida que vou enlouquecer, sentada no escritório de Ryodan. Pensei que sairíamos para investigar, procurar pistas sobre o que está congelando estes lugares. Até agora o que vejo em comum é Ryodan. Os dois lugares que foram congelados eram dele, como se alguém tivesse observando ele e à escória da sociedade que protejo: Fae e humanos que amam Fae. Penso que se, seus lugares forem suficientemente congelados, e houver um rumor, as pessoas começarão a evitar Chester's. O clube poderia morrer por falta de clientes.

—A gente só pode esperar — digo com nojo. Ryodan nem sequer reconheceu que falei. Movo-me na cadeira e dou um olhar enraivecido à parte superior de sua cabeça.

Está trabalhando em documentos.

Esteve fazendo papelada por mais de uma hora. Que tipo de documentos é necessário neste mundo alterado?

Não falou quando entrei, assim, não disse nada.

Estivemos sentados aqui, em um silêncio total por uma hora, sete minutos, e trinta e dois segundos.

Tamborilei uma caneta contra a borda da mesa.

Não serei eu que falarei a primeira palavra.

—Assim, por que merda estou aqui uma vez mais? —digo.

—Porque mandei — diz, sem levantar a cabeça da coisa estúpida que esta trabalhando.

—Vai me fazer arquivar depois? Sou Robin para seu Batman, ou uma estúpida assistente temporária aqui para ajudar a apontar seus lápis? Não temos coisas melhores a fazer, como resolver um mistério? Quer mais lugares congelados? Só estamos esperando que aconteça?

—Robin e uma estúpida assistente chegariam na hora.

Endireito-me para sair da posição curvada, tamborilando mais rápido.

—É disso que se trata? Está me castigando porque cheguei tarde?



—Garota inteligente. Deixa de tamborilar essa caneta. Está me enlouquecendo.

Tamborilei mais rápido. Ele também está me enlouquecendo.

—Assim, se na próxima vez chegar a tempo, não terei que sentar aqui e te olhar fazendo coisas estúpidas que não posso acreditar que faça?

A metade da caneta, a parte que não está em meu punho, de repente é pó plástico. Pisquei, olhando-o.

Não o vi mover-se, de tão rápido que esmagou a lapiseira. Agora vejo pequenos pedaços de plástico azul no fio de sua mão, tinta manchando o papel que está trabalhando. Sento-me até mais ereta. Tenho muito a competir se alguma vez serei tão rápida quanto ele.

—Faço o que faço, Dani, porque o mundano faz o mundo dar voltas. Quem controla o funcionamento diário controla a realidade de todos outros.

—É por isso que está roubando toda a comida?

—Ah, por isso teve esse ataque de quebrar caixas. Não. Acumulo armas. Alguém mais está acumulando comida. Isso é muito mundano inclusive para mim. Eu armo à multidão, alimento a cobiça. Alguém mais está se preparando para fazê-los passar fome.

Dou um olhar de admiração, apesar de tudo.

—Sabe o que esta acontecendo? —Soube antes de mim.

—Alguém começou a esvaziar as lojas faz um tempo. Onde esteve?

—Como, encadeada no calabouço de alguém. Amigo, podemos, por favor, fazer algo antes que eu morra de aborrecimento? Temos um mistério a resolver!

Olha-me. Como pude alguma vez pensar que o rosto era imperturbável? Este diz frases completas.

Ponho os olhos em branco.

—Tem que estar brincando.

Inclina a cabeça, esperando.

—Sério vai fazer o que eu diga?

Ele cruza os braços sobre o peito.

Quase me afogo com a língua ao tentar sair. Mas farei qualquer para não ter que sentar em seu escritório toda a noite. Observar os Unseelie de meus sapatos está me envelhecendo. Tomei notas mentais como louca. Meu jovem corpo precisa de um pouco de ação. Há um cabo elétrico dentro de mim, ardendo sob minha pele. Se não descarregar, morrerei. Tragam a noite! As coisas acontecendo ali fora e eu presa aqui!

—Chegarei. A. Tempo. Na. Próxima. Vez.

—Bem. A próxima vez não terá que sentar em meu escritório a noite toda.

Sete horas depois, penso que Lor pode ter razão. Eu poderia quebrar. Sete horas de aborrecimento e sou um atoleiro de boa disposição, pronta para fazer virtualmente algo que garanta uma mudança de cenário. Posso lutar com as prisões. Com o aborrecimento, não. Meu cérebro se adianta a meus pés e eu não gosto de pensar onde estou indo. Só vou.

Às seis da manhã em ponto, Ryodan levanta os olhos e diz.

—Esta noite as oito, Dani.



Dou um olhar feroz e me dirijo para a porta. Não abre. Fulmino-a com o olhar. Toda uma noite desperdiçada. Mais segundos passam, enquanto espero que meu carcereiro me liberte.

Não existem muitos crimes em meu livro. Ou muitos pecados.

Mas no topo dessas duas listas está matar o tempo. Divirta-se com ele, faça algo genial, jogue, trabalhe duro se quiser, mas faça algo. Matar tempo é um aborto, vida que nunca chega a ser vivida, ida, só ida. Uma jaula e um colar mataram muitíssimo tempo.

Justo quando estou a ponto de estourar, ele faz algo e a porta se retrai dentro da parede lisa de vidro.

Quando saio rapidamente, ouço dizer.

—Desperdiçou meu tempo, Dani. Eu desperdicei o seu.

Volto como um raio, mãos na cintura.

—Isso é merda! Nem sequer foi proporcional!

—Raramente será.

—Trinta malditos minutos me custaram nove horas e meia?

—A forma que me trata é a forma que eu a tratarei. Como sou maior e mais poderoso, imagino que sempre será pior.

—Oh, agora coloca tudo proporcionado. Se será um imbecil tanto quanto é grande e velho, amigo, isso é uma séria imbecilidade. Não é justo. Não pode ser completamente desproporcionado num minuto e toda essência pró quo³⁶ no seguinte.

—Posso ser o que quiser.

—OH, a puta historia de quem é quem? —explodo. — Essa é minha linha.

Ele ri e seu rosto muda. De repente não parece tão velho. Parece feliz. Livre. Totalmente diferente. Vejo linhas ao redor dos olhos de rir que nunca notei antes. Minha mente retrocede direito ao nível quatro e o vejo detrás dessa mulher uma vez mais, e ele geme como fez essa noite, logo ri, e quase me sinto chateada recordando. Não sei o que me acontece. Desejaria nunca ter descido ao nível quatro! Fico parada ali e o olho boquiaberta.

A porta fecha em meu rosto.

—Chegou cedo.

Dou um olhar rebelde. É óbvio que acredita que chego cedo por ele. Não é assim. Mac estava no Chester's ontem à noite às oito. Acho que está me caçando. Como não posso chegar tarde para evitá-la, preciso chegar cedo.

—Quebrei o relógio. Acreditei que estava na hora.

—Não usa relógio.

—Viu? Sabia que havia um problema. Só sairei para procurar um. Voltarei amanhã. Na hora.

—As joias se destroem na batalha. A única concessão que faço é o bracelete que Dancer me deu, ajustado ao braço. Além disso, sem ele por aí, dando ordens, possivelmente poderia progredir com a investigação.

—Nem sequer pense.

³⁶ Expressão latina que significa "isto por aquilo".



Caio em uma cadeira no escritório, penduro uma perna de lado.

—O que vamos fazer esta noite. —digo como ele. Sem inflexão no final.

—Ah, Dani, se somente aceitasse todas as instruções tão bem.

—Você cansaria.

—Você também. Existem outros três lugares congelados em Dublin.

—Três! —Endireito-me na cadeira. — Todos são seus?

—Lugares locais. Sem nenhuma relação comigo.

Merda, aí vai minha teoria sobre ele ser o alvo, junto com a esperança de que Chester's possa ter uma morte lenta.

—Baixas?

—Em torno de cinquenta, entre os três.

—Humanos ou Fae?

—Humanos.

—Todos humanos?

Assente.

Assobio. Cinquenta pessoas mortas. A raça humana segue recebendo golpe atrás de golpe.

—Então, por que se importa? Não aconteceu em seu território. Nada seu foi prejudicado ou destruído.

—Tenho outras razões para desejar detê-lo.

—Como o que? Move-se rápido como eu. Pode superar. Pode roubar mais para recuperar o que foi congelado. Assim, qual é o problema? —Que motivos têm alguém como ele?

—Os muros entre nossos reinos foram destruídos no Halloween. Depois as coisas mudaram. As leis humanas da física já não são leis, são ilusões. É possível que partes de Faery estejam se manifestando espontaneamente, sangrando para nossa realidade. É possível que esteja acontecendo aleatoriamente, instantaneamente, e sem advertência. Não vi surpresa no rosto de ninguém em nenhuma das minhas propriedades. Cria uma imagem maior, inclusive para as pessoas que podem mover-se como você ou eu.

Endireito-me em completa atenção, os pés no chão, sem que goste disso absolutamente.

—Quer dizer que, se acontecesse em lugar em que eu estivesse de pé, estaria viva em um segundo, morta no seguinte. Nem sequer saberia. Só morreria! —Minhas mãos formam punhos. Estou tão espantada que preciso brigar agora mesmo.

—Exatamente. Morte instantânea. Sem advertência. Sem consciência. Não sei o que há em você, mas isso me ofende como a merda.

Sem chamadas de glória, sem batalha épica! Teria uma morte completamente sem significado. Pior, nem sequer experimentaria. Quanto perderia, passar toda a vida querendo morrer, e nem sequer saber que aconteceu? Acredito que a Morte é como o último nível de um jogo. E se o que Ryodan está dizendo é verdade, e congelo, nunca chegarei ao último nível. Serei eliminada da existência no penúltimo nível. Quero jogar esse último nível quando for o momento. Quero saborear tudo, inclusive a morte.

De repente estou cento e dez por cento dedicada a resolver este mistério. Mais cinquenta



peças mortas, junto à possibilidade de uma morte desprovida completamente de significado são uma poderosa motivação. Não estará nos livros de história, a menos que morra de maneira espetacular. Esmago pensamentos e os vomito.

—Bom, antes de mais nada, os humanos no subclub estavam um pouquinho ensimesmados com coisas como serem torturados e morrer, assim é compreensível que não notassem que estavam a ponto de morrer de outra maneira surpreendente e inesperada, e segundo, não posso dizer com certeza como parece a surpresa no rosto de um Unseelie, mas tenho uma ideia genial: descerei, e matarei uns poucos agora mesmo e compilaremos um pouco de dados empíricos.

Não me incomodo em mencionar que já caeei e matei a meia dúzia de diferentes tipos esta manhã, depois que sai, mas ainda não pude decidir o que significavam as expressões. Os rostos simplesmente não funcionam como os nossos.

Quando ele não se digna em me honrar com uma resposta, digo.

—Três novos lugares? —O que acontece se o “sangrado” começa a acelerar? Poderia haver uma dúzia de lugares congelados logo. Supondo que isso é o que está acontecendo, como merda vamos detê-lo?

—Todos congelados ontem à noite com poucas horas de diferença. Dois deles já explodiram. Ponho-me de pé de um salto.

—Amigo, temos que ir ao terceiro, antes que também exploda!

Capítulo 12

“A vida é uma estrada, quero percorrê-la toda a noite”³⁷.”

Atravesso a Ponte Halfpenny em câmera lenta, como uma pessoa qualquer.

Não aprendemos nada novo na última escultura de gelo. Igual às outras, explodiu pouco depois que chegamos. Congelei o quadro para sair dali através da metralha de carne torcendo que não fossem partes de dedos e rostos que falhei em salvar.

Os novos lugares que foram congelados não têm nada em comum, que possa ver. Dois eram desses pequenos pubs subterrâneos que surgiram por toda a cidade, e um ginásio que três pessoas foram congeladas fazendo ioga no meio de um montão de vasos de cristal. Que estranho é isso? Gente fazendo ioga em tempos como estes!

Até o momento, foram um clube subterrâneo no Chester’s, um armazém nos subúrbios da cidade, dois pequenos pubs no centro da cidade e um ginásio. Humanos, Unseelie e guardas Imperiais em alguns lugares, mas não em outros, assim o que está acontecendo não parece estar apontando a uma determinada pessoa como Ryodan ou a um grupo de vítimas. Com cada cena que vejo, isto parece mais um evento aleatório e espontâneo.

³⁷ “Life is a highway, I wanna ride it all night long”: Parte do coro da canção “Life Is A Highway” de Rascal Flatts. <http://www.youtube.com/watch?v=2IKctERdPI8>



Estou caminhando, o que não estou acostumada a fazer, porque estou pensando muito, e quando penso muito, além de congelar o quadro, choco com um montão de coisas. Minhas contusões estão desvanecendo, e às vezes tento ter minha cor normal como por um dia inteiro. Estou muito hiperativa para dormir. Fico assim algumas vezes, e não posso fazer nada a respeito mais que aguentar. Preciso de algo para fazer ou enlouquecerei.

Encontro Dancer em seu lugar favorito, um apartamento de cobertura no lado sul do rio Liffey. As duas paredes exteriores são janelas sólidas do piso a teto que dão à rua. Quando chego ali, ele está estendido em um tapete, sob a luz do sol sem camisa, os olhos fechados e óculos no chão junto a ele.

Dancer vai ser um homem grande algum dia, se ganhar peso. A última vez que nos medimos, estava trinta e cinco centímetros mais alto que eu, comprido e magro. Esquece-se de comer. Seu cabelo é escuro com um pouco ondulado e nunca o corta até que o atrapalha, então me pede que corte. É suave. Eu gosto que chegue ao queixo como agora, afastado do rosto. Quando usa óculos, que é virtualmente cada minuto que está acordado, porque é muito míope (odeia-os, e antes que os muros caíssem ia fazer o Lasik³⁸), parece como um geek atraente. Nunca direi isso a ele! gosto das mãos. Os pés são gigantescos! Os olhos não são verdes ou azuis, são água-marinha, como se fossem pintados pelos Fae. Tem melhores cílios que eu.

Quando o vejo não digo: “cara, onde esteve, estava começando a me preocupar”, porque Dancer e eu não fazemos isso um com o outro. Ele sobreviveu aos muros caindo por si mesmo. Assim como eu. E não digo: “O que aconteceu na noite que Ryodan apareceu e me levou, onde desapareceu?” Não importa. Estamos aqui agora. É como se, de algum jeito, soubéssemos em nossas vísceras que nunca será muito tempo, que o outro vai atravessar a porta um dia, eventualmente.

Ele se apoia em um cotovelo quando a porta se fecha. Sabe que sou eu porque precisei desarmar dez armadilhas caça bobo antes de chegar à porta. Ninguém mais pode atravessar uma de suas ratoeiras sem tropeçar com algum alarme. Bom, exceto Ryodan, que parece ser a exceção a cada maldita regra.

Aperta-me um pouco o coração quando o vejo. Nunca tive irmãos, mas acredito que ele é como um irmão para mim. Nunca posso esperar para vê-lo de novo, conto todas as ideias que pensei, as coisas que vi, e recebo sua opinião a respeito de tudo. Às vezes, quando nos vemos não podemos deixar de falar por horas e horas e estamos tão emocionados que começamos a tropeçar nas palavras, tentando dizer tudo muito rápido. Considero falar sobre as cenas congeladas e o mistério que estou investigando, mas não quero que Dancer seja maior no radar de Ryodan do que já é. Que Ryodan saiba que existe me deixa louca. Quero Dancer a salvo. E o conheço. Se tiver a mais mínima pista de um mistério tão grande quanto este, começara a bisbilhotar em todo tipo de lugares que poderiam levá-lo a ser assassinado. Não importa o quanto estou super impressionada de como é inteligente. Ryodan é pior que a queda dos muros ou o derretimento do mundo. Não sobrevive se ele não quiser que faça.

—Mega, estive pensando...

³⁸ LASIK (acrônimo do Laser-Assisted in Situ Keratomileusis) é uma cirurgia laser para corrigir a vista.



—Parem as impressas! Preciso tirar uma edição especial do Jornal do Dani?

—É possível.

Ele sorri e sorriu de volta. Os pensamentos de Dancer têm resultados estelares. Não acreditaria nas bombas que pode construir. Às vezes fazemos coisas explodirem simplesmente por diversão. Já sabe, coisas que precisam voar de todos os modos, como lugares onde um montão de Sombras estavam acostumadas a esconder-se e que talvez retornariam algum dia como pássaros em uma rota de migração, se ainda estivessem ali.

— Refleti a respeito dos bebês de Papa Roach —diz.

—Sim? —Deito-me sob o sol junto a ele, apoiada em um cotovelo também, a sua frente. Eu adoro ser capaz de ver seus olhos sem lentes no meio. É um gosto estranho.

—Sabe quanto tempo podem permanecer separados de um corpo, seja Papa ou humano?

—Não. Dancer, finalmente encontrei *Scream 4*³⁹. Quer assistir esta noite?

—Vi ontem à noite — diz distraidamente, passando a mão pelo cabelo, deixando-o de forma engraçada e totalmente sexy, e posso saber pela maneira que os olhos estão fora de foco que está perdido em pensamentos e não é consciente das coisas ao redor. Fica muito assim.

—Viu sem mim? —Sinto-me machucada. Dancer e eu adoramos filmes de terror. Enchemos-nos deles porque nos fazem rir. Têm uma maneira de colocar o mundo em perspectiva. Estivemos procurando *Scream 4* durante um tempo, planejando vê-lo. Dancer não está acostumado a ver filmes sozinho, não que eu saiba.

—Mas verei de novo. Estava bom.

—Genial. —Ainda me sinto machucada, apesar de não haver razão para isso. Verá comigo esta noite. E se viu ontem à noite, também? E se viu com outra pessoa? Não me importam essas coisas. O que passa quando não estou perto não tem nada que ver comigo. — O que há com Papa Roach?

—Estourá-los não funciona. Nem colocar fogo. Mas o que acontece se impedirmos de retornar a um corpo? Qualquer corpo. Humano ou dos seus. Isso não resolveria o problema? Nosso objetivo é evitar que entrem em mais pessoas. São imortais, e o tempo é muito importante para perder correndo atrás de milhares deles com a espada. Assim, comecei a pensar em um resistente plástico em spray do qual seja impossível escapar? Revesti-los e impedindo a capacidade de unir-se a nada. Trabalhei em uma fórmula. Uma vez esteja terminada, podemos encher esses pequenos tanques de fertilização que roubamos da loja de ferragens e testar. Já improvisei um par de pulverizadores que se adaptem.

Assim, aí onde estive. E quando terminou de trabalhar ontem à noite viu um filme para relaxar. Não é grande coisa.

—Tenho algo que endurece em meio cm de espessura. Ainda estou tentando transformar de gel para o perfeito grau de solidez. Acredito que encontrei uma maneira de acrescentar ferro à mescla sem deixar muito rígida. Como se unem os segmentos Papa? Tentáculos? Ventosas? Como se metem sob a pele humana? Pode pegar um para testarmos?

—É o melhor, sabe — digo.

³⁹ *Pânico 4*



—Não, você é a melhor — diz e sorri, e repetimos umas vezes. Ele acredita que sou a melhor porque realmente posso apanhá-los. Nasci com meus dons. Dancer está sempre pensando, tentando encontrar maneiras de melhorar as coisas. Sobreviver à queda sem poderes especiais e sem amigos me assombra um montão.

Relaxamos no chão, porque sol em Dublin é pouco comum, e falamos de tudo, exceto coisas como onde estive quando ele estava em qualquer outro lugar. Não conto que estive em um calabouço durante quase quatro dias e ele não pergunta. Gosto disso nele. Os amigos não constroem jaulas entre si.

Vemos o sol movendo-se através do céu, e às vezes ele levanta para me trazer coisas para comer. Diz que esteve revisando as lojas e quase todas foram limpas. Tenho que parar três vezes de quase soltar a língua sobre as coisas congeladas que vi.

Quando é quase sete, começo a ficar ansiosa, e isso me deixa furiosa, porque não quero ir, mas alguém mais está dirigindo meus fios e preciso. Tenho que chegar ao Chester's suficientemente cedo para evitar Mac, mas não tão cedo, que Ryodan fique todo arrogante a respeito.

Suspiro.

—Algo a preocupa, Mega? —diz Dancer.

—Tenho que cuidar de algumas coisas.

—Pensei que íamos ver um filme. Encontrei uma caixa inteira de Skittles⁴⁰ no aeroporto. E jerky⁴¹. É o melhor.

Bato em minha testa. Skittles, jerky e um filme. O que eu estava pensando, dizendo: ei, vamos ver um filme esta noite. Minhas noites já não me pertencem. Alguém mais as possui. Isso não é apenas um gosto amargo. Para alguém como eu é suicídio. É irrelevante que queira ir trabalhar no mistério do gelo e evitar que mais gente inocente morra. Não posso suportar que Ryodan diga quando, como e onde fazer. Quase me faz não querer trabalhar nisso absolutamente. Odeio ser controlada.

Não posso não ir ao Chester's, porque não sei o que Ryodan fará a Jo se não me apresentar, e não há maneira que corra o risco de descobrir. Não sei se viria me buscar aqui, destruiria a TV e o DVD, levaria Dancer e o meteria no calabouço. Nunca sei o que esse cara fará a próxima vez.

Mas uma coisa está fazendo claramente.

Arruinando minha vida.

Entro de repente no escritório de Ryodan. —Estive em jaulas suficientes na vida — digo. Alterei-me durante todo o caminho, falando comigo mesma sobre a injustiça de tudo.

Ele levanta os olhos dos papéis.

—Trabalho de escritório! Santos maços duplicados! Isso é tudo o que faz? Não me admira que queira que venha tanto, animar sua aborrecida vida com o super-entusiasmo da Mega. —

⁴⁰ São balas coloridas de sabores variados

⁴¹ Carne seca





Estou muito zangada, tremendo e os papéis do escritório se agitam com a brisa. Quando fico muito zangada, causo uma espécie de deslocamento de ar que faz, em pequena escala, o que os Fae fazem em grande escala, mas não posso afetar a temperatura. Faço às vezes para assustar as pessoas, desestabilizá-las. Isso costumava incomodar muito Ro.

Ele segura um papel antes de voar pelo escritório. —Algo aconteceu.

Como faz isso? Fazer perguntas sem que soem como perguntas? Pratiquei e não é fácil. As cordas vocais querem subir no fim de uma interrogação. Tentei me reprogramar. Não porque tenho a intenção de começar a agir como ele (não a seu redor), mas porque acredito que é bom me desafiar, substituir a compulsão. Aprender mais autocontrole.

Meu cabelo está voando ao redor da cabeça em uma nuvem, atrapalhando os olhos. Empurro para trás com as mãos, desejando que Dancer e eu pudéssemos estar comendo jerky e passando um tempo genial.

—Sim! Como, poderia ter uma vida! Poderia ter planos para coisas que entram em conflito com a estúpida regra de apresentar-me-para-trabalhar-todas-as-noites-as-oito! Ninguém mais tem que trabalhar todas as noites! Talvez pudesse ter umas noites livres para fazer o que quiser. É malditamente muito a pedir?

—Tem um encontro.

Outra não pergunta, mas a palavra “encontro” no mesmo pensamento que Dancer me faz dizer: — Hein?

Ryodan fica de pé e me diminui. Vivo em um mundo de gente que é mais alta que eu, mas Jo acha que vou crescer mais. Meço-me muito. Não quero ficar estancada em um metro cinquenta e nove para sempre.

—Mencionou planos. Não disse quais.

—Não é seu maldito assunto.

—Tudo é meu assunto.

—Não minha vida pessoal. É por isso que se chama pessoal.

—Trata-se do namoradinho.

—Não fale dele. Nem sequer pense nele. E não é pequeno. Deixa de chamá-lo pequeno. Um dia vai ser maior que você. Espere e verá.

—Este não é momento brincar de casinha e ficar boba por um menino que não sabe o que fazer com o próprio pênis.

Ele me faz pensar no pênis de Dancer. O pensamento é tão incômodo que começo a saltar de um pé a outro.

—Quem disse algo a respeito de pênis? Quero ver um filme esta noite!

—Qual.

—Como poderia isso importar?

Ele me dá um olhar.

—Scream 4. Feliz?

—Não é muito bom.

—Dancer disse que era — digo zangada. Todo mundo viu, menos eu?



—Demonstra o que sabe.

—Tem algum problema com Dancer?

—Sim. Ele é a razão por ter um humor de merda esta noite, e tenho que aguentar. Assim, conserte o humor de merda ou consertarei Dancer.

Minha mão vai ao punho da espada. —Nem sequer pense em tentar tirar algo que é meu.

—Não me faça fazê-lo.

Suas presas deslizam para fora. Sacudo a cabeça e assobio. —Amigo, o que é?

Ele me olha longamente e fixamente e vejo algo nos olhos que quase entendo, mas não o faço. É um olhar que sinto como que devesse conhecer, mas simplesmente não posso entender. Há mais que uma brisa no pequeno e fechado escritório que geralmente posso gerar, e me dou conta que ele está tremendo, também, e fazendo vento, também. Estou mais que irritada. Há algo que eu possa fazer que ele não? Quando olho para baixo através do chão de cristal, vejo que todo mundo debaixo de nós se move a câmera lenta. Estamos congelando o quadro. Não me dava conta que me movi tão rápido.

Ele retorna a câmera lenta primeiro.

Demoro um segundo mais em controlar o temperamento. Quando consegui desacelerar, caí em uma cadeira e pendurei uma perna em um lado. Manifesto minha raiva em todos os idiomas conhecidos pelo homem. A linguagem dos sinais é minha língua nativa.

Ryodan é como o oceano. É o que é. E não mudará. Não tem sentido lutar contra a maré. Esta baixa. Flui. Sou levada por ela. Ele me prendeu e não está disposto a me soltar.

—Então, o que fazemos esta noite? Chefe. —Ponho toda a irritação na última palavra.

Aí está o olhar de novo. Mistério para mim. Às vezes posso lê-lo como um livro, outras somente vejo em seu rosto dois olhos, um nariz e uma boca.

Ponho os olhos em branco. —O que?

—Surgiu algo. Ia falar pra você. -Ele volta para a papelada, me despachando. — Pode ir.

Sento-me com as costas retas. —Sério? Fala sério?

—Fora do meu escritório, pequena. Vá ver seu filme.

Não posso chegar à porta suficientemente rápido. Abro-a de um puxão.

—Mas tome cuidado com os lugares congelados. Ouvi que são mortais.

Faço uma pausa na soleira, me enfurecendo novamente. Senti felicidade por um pestilento segundo antes que viesse e esmagasse. —Precisava dizer isso. Não pode evitar, verdade? Acha que a única coisa que pode acontecer é chover em um cortejo⁴². Algumas pessoas sabem desfrutar do cortejo porque, amigo, a chuva sempre vem.

—O homem sábio assegura a sobrevivência antes de desfrutar dela. O tolo morre desfrutando-a.

Os Skittle, jerky, e Dancer estão me chamando. Abro uma barra de chocolate, saltando de um pé a outro. —Mas o que acontece se o homem sábio jamais chega à parte de desfrutar? — Tenho um montão de experiências não vividas esperando por mim. Às vezes, quero ser o que sou.

⁴² Refere-se a expressão inglesa "rain on my parade", utilizada para falar de uma situação em que alguém arruína os planos de outra pessoa.



Ter quatorze e ser livre.

—Talvez o homem sábio saiba que estar vivo é a parte de desfrutar.

—Mais lugares foram congelados desde ontem à noite? —Deveria ter mantido a boca fechada. Não deveria ter perguntado. A responsabilidade acrescenta peso e anos aos meus ombros quando ele assente com a cabeça.

Ele esfrega sal na ferida. —Mas talvez tenha sorte, verá um filme com o namoradinho, e não acontecerá nada. O lado positivo disto é, se algo acontecer, nunca saberá.

Porque estaria morta imediatamente. Lado positivo, meu traseiro. Ryodan sabe exatamente como provocar.

Ponho os olhos em branco, fecho a porta e sento. Terei quatorze depois. Como provavelmente o ano que vem. Quando tiver quinze.

Sem levantar o olhar, diz: — Disse que saísse daqui, pequena.

—Cancela seus planos, amigo. As pessoas estão morrendo. Temos trabalho a fazer.

Isto é o cúmulo, na saída para lado sul de Dublin, onde as coisas são rurais.

Detrás de uma cabana que mal consegue manter-se em pé, com um alpendre e um teto inclinados que parecem a boca de uma pessoa velha desdentada, um homem, uma mulher e um menino pequeno estão congelados, lavando a roupa com a forma antiga que Ro estava acostumado a lavar as roupas de Gran Mestra. Dizia que isso a mantinha humilde. Não havia nem um osso humilde no corpo rechonchudo da velha bruxa, nem sequer um cabelo bom em alguma parte.

As mãos do homem estão congeladas em um tanque antigo e tem alguma espécie estranha de metal congelada sobre os ombros, como parte de uma estrutura que segura à cabeça enquanto você dobra o pescoço. O menino está congelado, golpeando uma colher contra o fundo de uma panela amassada. Não me permito ver o menino por muito tempo. Mata-me quando morrem. Nem chegou a ter uma vida. A mulher foi congelada enquanto levantava uma camisa de um balde de água e sabão. Estou à borda da grama, tremendo, absorvendo tantos detalhes quanto posso a distância, me preparando para congelar o quadro. Se esta cena se comportar como as demais, vai explodir logo.

—Como descobriu este? —Entendo os pubs e o ginásio, porque estavam em Dublin e Ryodan sabe tudo o que acontece na cidade. Mas estes são granjeiros lavando roupa no campo.

—Sei de tudo.

—Sim, mas como?

—imaginei que havia terminado com o interrogatório.

—Amigo, notícia de última hora. “Imaginar” nunca funciona comigo.

—Observações.

—Sabiam que vinha, o que quer que seja. —O que me faz sentir muito melhor. Posso deixar de me preocupar com morrer sem prévio aviso. Apesar de o menino estar olhando a panela nas mãos, as bocas dos adultos estavam abertas, o rosto crispado. — O viram e gritaram. Mas, por que não correram? Por que ela não deixou cair à camisa que estava lavando? Não tem sentido.



Congela-os levemente antes de congelá-los por completo? Poderiam ter uma pequena reação, mas não ser capazes de mover-se por completo? Aproximou-se sigilosamente das outras pessoas, nas outras cenas, por detrás?

—Preciso de respostas, menina, não perguntas.

Sopro. Fica nebuloso, mas não congela. —Não está tão fria como as outras cenas.

—É mais velha. Está descongelando.

—Como sabe isso?

—Há uma gota de condensação na ponta do nariz do homem que está a ponto de cair.

Entrecerco os olhos. —Não vejo nenhuma gota pestilenta. Não pode ver isso de tão longe, com clareza. —Tenho super olhos e não posso ver.

—Ciumenta, pequena. —Deixa que a última palavra se eleve a centésima parte de uma nota, como algumas vezes faz quando quer me contentar. Há um sorriso em sua voz. Isso me incomoda mais.

—Não há uma maldita forma que possa ver uma gota de água daqui!

—Há outra deslizando entre os seios da mulher. Justo em cima da sarda, no esquerdo.

—Amigo, não me pode superar tanto em ver!

—Posso te superar em tudo. —Me dá um olhar que normalmente vejo no espelho.

De repente, estou totalmente zangada. —Então suponho que não precisa de mim, e estou perdendo tempo. —Dou a volta e vou pisoteando ao Humvee. Mas, antes de dar cinco passos, ele está em meu caminho, avançando sobre mim, os braços cruzados, me olhando estranho. — Não estou de humor, Ryodan. Fora de meu caminho!

—Ser necessário é nocivo.

—É bom ser necessário. Significa que é importante.

—Significa que há um desequilíbrio de poder. Não faltavam sugadores de vida antes dos muros caírem. Não é responsável pelo mundo só porque é mais capaz.

—É óbvio que sou. Isso é o que as pessoas mais capazes fazem.

—Poderia me pedir que te ensine.

—Hein? —Esta noite está ficando apressadamente estranha. — Ensinar, como se estivesse dando uma aula ou algo assim? Como vai chamar: “Você Também Pode Ser um Sociopata 101”?

—Seria mais uma classe de pós-graduação.

Começo a rir. Seu senso de humor me surpreende. Então lembro quem está falando e me contenho.

—Quer ser mais rápida, mais forte, mais inteligente. Peça-me que te ensine.

—Não vou pedir nada. E pode ser mais rápido e mais forte. Agora. De maneira nenhuma é mais inteligente.

—É sua escolha. Mas de a volta, porque não vai sair. É noite, e sabe o que isso significa.

—Que está escuro?

—Está comigo até o amanhecer.

—Por que o amanhecer? É um vampiro ou um zumbi, ou algo que não pode suportar a luz?

Ele se afasta, congelando o quadro, aproxima-se da cena. —Eu gosto de sexo para o café da



manhã, pequena. Como cedo e com frequência.

Aqui estou eu, pensando em coisas normais, sobre pessoas congeladas e o muito que ele me incomoda, então me golpeia nos olhos com coisas de sexo para o café da manhã e, em um abrir e fechar de olhos, meus hormônios fazem essa coisa louca que fazem às vezes, e começam a lançar imagens por todo o interior de minha cabeça, e cada uma é mais vergonhosa que a anterior. E não posso fechar meus olhos internos, porque em realidade não existem, e os hormônios são mais teimosos e imprevisíveis que inclusive eu.

Oxalá nunca tivesse visto filmes pornográficos ou visto Ryodan “tomando o café da manhã”, porque então as imagens não seriam tão gráficas e difíceis de esquecer.

Mas aí está ele, em detalhes gráficos porque sei exatamente como parece nu, o vi. Sei como seu corpo se move. Tem um montão de músculos. Cicatrizes, também. Sei que ri quando faz sexo, como se o mundo fosse um lugar perfeito. E quando fiz isso, minhas mãos se fecharam em punhos, porque pensei em tocar seu rosto, como se talvez pudesse apanhar a alegria em minhas mãos e retê-la. Tive todo tipo de malditos pensamentos estranhos e estúpidos ali no nível quatro. Poderia dar uma surra em mim mesma por ter visto. Não entendo os hormônios. Não entendo por que os pequenos insetos quentes perceberiam um velho como ele.

—Vem?

Sacudo-me mentalmente, acelero e me movo lateralmente.

Nada acontece.

— Esta brincando — murmuro.

—Pequena, por que segue aí? —Ele está congelando o ponto de referência ao redor do trio congelado. — Poderia explodir a qualquer momento.

Não me movo, pensando no quanto espero que sim, para que ele não descubra que perdi meus superpoderes de novo.

—Tenho que, uh, usar o, uh... — Faço um gesto para o bosque atrás de mim. — Preciso de um pouco de intimidade. Volto em seguida.

Como esperei, enquanto estou nos arbustos, tentando fazer xixi, as pessoas lavando explodiram.

A viagem de volta a Dublin é comprida e silenciosa.

Capítulo 13

*"A pior parte de ti sou eu"*⁴³

Estou no teto de um edifício, entre partes de concreto, metal retorcido e vidros quebrados, que alguma vez foram do Chester's. O clube agora é subterrâneo. Em geral, há uma linha de

⁴³ "The very worst part of you is me": Parte da canção "Lying From You" de Linkin Park. <http://www.youtube.com/watch?v=4bjDbQSuoE0>



bloqueio, mas são quatro da manhã e tudo o que queria estar ali entrou faz mais de uma hora. Acredito que muitas pessoas morreram para quebrar este espaço adicional permanente, porque eu não vi sair ninguém.

Um Humvee negro para.

É o que esperei.

Odiava estar no alto, o que é irônico, tendo em conta que sou um Highlander. Ou era?

Estou acostumando às alturas. A vista é melhor. A gente vê mais, e ao mesmo tempo pode ser invisível. As pessoas não procuram muito, nem sequer em tempos como estes, quando já deveriam saber que nunca se sabe o que há no céu sobre você, preparando-se para alimentar-se, talvez um caçador ou uma sombra. Ou eu.

Vejo-a sair do Humvee. Ela está saltando de um pé a outro enquanto caminha, movendo-se para os lados e para frente ao mesmo tempo, comendo uma barra de chocolate. Nunca vi ninguém com tanta energia. O cabelo é castanho fogo à luz da lua. A pele luminosa. Ela tem pequenas curvas doces e pernas longas. Os traços são de porcelana fina, as expressões se mostram precipitadas sob a pele, como minha nova febre em forma de tatuagens Unseelie sob a minha.

Mas é o coração da garota que me chama.

É grande e se eleva acima dela descarado. Corpo rígido. Passos duros. Parecem tão errados juntos. Estão falando. Ela está olhando-o, como se ele estirasse até o último de seus nervos. Bom. As mãos pairam perto do punho da espada, e sei o que está pensando. Ela despreza Chester's. Mal pode suportar estar no mesmo lugar que um Fae sem matá-lo. Odeia-os. A todos eles.

É uma categoria em que logo vai me incluir.

O proprietário do Chester's olha para cima.

Estou profundamente camuflado nas sombras do teto, lançando um feitiço de glamour, um novo poder que teste, tentando fazer meu rosto mais aceitável para ela.

Concentro em projetar um denso véu escuro e vazio para que não possa me ver.

O olhar se detém justo onde estou, e ele lança esse olhar presunçoso e petulante, claro que esse é olhar da maior parte do tempo. Penso que, embora possa perceber uma perturbação na noite onde estou, em realidade não pode me ver, quando inclina a cabeça dessa maneira arrogante, imperial, tão característica desse imbecil.

A raiva desce sobre mim, grossa, intensa e sufocante, e durante uns segundos me deixo cair em um lugar onde tudo é um negro opaco, um lugar que é mal e nós gostamos. Alegro-me de saber que vou ser um Príncipe Unseelie. E digo, traga esse poder.

E digo, me deixe ser guerra.

Deixo a cabeça cair para trás, e minha juba desliza sobre os ombros. Cortá-lo não é porra pequena. Durmo, acordo e está aí de novo. Viro o rosto para a lua e aspiro com avidez. Quero deixar cair a quatro patas, na baía, como um animal selvagem, bêbado, faminto e forte, uma besta que poderia foder todos os dias sem cessar, se pudesse encontrar alguém que pudesse tomar com tanta força e durante tanto tempo quanto pudesse dar. Amo a lua anelada Unseelie e sei como responder. Posso cheirar a morte na cidade, por toda parte, e é embriagador. Cheiro sexo e a



necessidade, a fome, e esta humanidade está tão foddidamente amadurecida e doce para roubá-la, brincar com ela e comê-la. Posso recolocar meu pênis em minha calça jeans. Está dolorosamente duro. E a Terra é redonda.

Olho para baixo, estreitando os olhos. Minhas botas são uma crosta de gelo. No teto se formou um círculo branco de neve e gelo brilhante, em um raio de cinco metros a meu redor. Deslizo ligeiramente, passando pela beira do teto, a neve rangendo, giro sobre minhas costas. Isto é muito mais fácil porque não tenho que usar meus pés.

Ele não é o que está fingindo ser com ela.

Observo todo o tempo. E estarei ali quando deixar de fingir. Serei seu colete antibalas, seu escudo, seu fodido anjo caído, queira ela ou não. Finge que é quase humano. Não é mais humano que eu. Finge ser amável, como se as pessoas estivessem seguras estando perto dele, e não mostra suas presas pela mesma razão. Finge que o termo "Efeito Martelo" não foi cunhado para ele, que estamos seguros com ele. Até que deixamos de estar.

Até que está morto.

O diabo brincando de homem de negócios: ele espera o momento, reúne informação, processa-a, e quando toma uma decisão, o martelo cai e todos os que incomodam, ofendem ou simplesmente respiram de maneira equivocada, morrem.

Não dará um adiamento para a execução. Ninguém consegue. As únicas coisas que são importantes para ele, são os outros de sua espécie.

Ela pensa que ele não é um animal como Barrons. Que é mais civilizado. Ela tem razão, está mais gentil. Mas isso só o faz mais perigoso. Com Barrons espera-se realmente estar fodido. Com o Ryodan não o vê vir.

Ele a trata como se tivesse quatorze anos e ele fosse um adulto normal, agindo como se tivesse colocado sob a asa. Ele necessita de suas habilidades de detecção, como Barrons com Mac, e ela está se apaixonando por ele, como Mac. Ele está alinhando as fichas, por isso cairão mais facilmente quando ele quiser empurrar, conservando a energia, por isso não terá que persegui-la até que esteja preparado para matá-la.

Um bastardo como ele, somente tem um uso para as mulheres. E ela não é o suficientemente maior. Entretanto, não posso decidir o que seria pior, que a mate antes de ter idade suficiente, ou que espere e a converta em uma mais na lista interminável de mulheres.

Ela não é esse tipo de garota, o tipo de elo de uma corrente sem fim. Recebe-se um presente assim uma vez na vida. E se colocar as mãos, existe um lugar especial no inferno para você.

Ela se separa dele e de repente dá um salto adiante. Ri. Sorrio.

Tiro minha faca, retorço o braço por cima do ombro e arranho as costas com ela. Riscos de sangue. Suspiro de alívio, mas não durará muito tempo. Dormir é uma verdadeira merda. Minhas costas coçam todo o tempo, e os medicamentos humanos não funcionam em mim. Giro para seguir rasgando-me.

Minha faca golpeia o osso com um ruído surdo. Toco-a com a lâmina serrada da faca, mas não posso olhar vê-lo de um bom ângulo. Eu não tenho nenhum amigo que se alegre de ver, ninguém vai me dar uma mão. Tentei conseguir que meu pai as serrasse de minhas costas. Disse



que estão unidas a minha coluna vertebral e que podia morrer. Não acredito. Nada pode me matar. Mas coçam. Quero que se vão, quase tanto como estou começando às desejar.

Asas fodidas.

É curioso como as coisas funcionam. Dani matou um príncipe Unseelie para salvar Mac e eu termino por me converter no substituto do príncipe assassinado. Mas não é culpa dela, mas de Mac. Primeiro pela necessidade de me salvar. Depois, por me obrigar a comer algo que nunca teria comido se estivesse em meu juízo perfeito.

Pergunto-me se minhas asas serão tão grandes quanto às de Cruce. Pergunto-me o que sentiria ao sobrevoar o céu noturno, acompanhado por ele e pelos outros dois. Tenho uma visão em minha cabeça: vejo-nos, os quatro, descendo sobre a cidade, batendo asas negras no ar, enchendo o céu, donos do mundo. Posso escutar o som que fazemos, quando dos quatro emana um timbre profundo de nossos corpos. Há uma canção especial, horripilante, que os príncipes Unseelie cantam; às vezes aparece em minha cabeça enquanto durmo. A chamada à Caça Selvagem arde em meu sangue.

De volta à esquina de um pequeno edifício de tijolos, no teto onde estão albergadas as saídas de calor, me apoio contra e esfrego as costas de lado a lado no canto, me arranhando, olhando à medida que avançam para uma porta de metal no chão.

Ele a alcança e caminham juntos de novo.

Ela desliza através da noite. Ele a perfura como uma luva de boxe com laminas de barbear nos nódulos. Quando ela passa, o mundo é um lugar melhor. Ele vai deixando rastros sangrentos sobre um cemitério de ossos.

Levanta à porta, a luz resplandece do buraco do chão e ela desce: meu anjo em um inferno sórdido.

Ele se abaixa na borda e a observa descer e, por um instante, vejo uma expressão descontrolada em seu rosto.

Isso dá calafrios, mesmo em uma criatura tão fria quanto eu.

Conheço esse olhar. Vi em minha própria face.

Então, o filho da puta me olha e, desta vez, não resta dúvida alguma de que me vê. Olha diretamente aos olhos e inclina a cabeça, com um sorriso zombador. Devolvo com frieza. Minha inclinação de cabeça diz: "Sim, sim, eu te vejo também. Tenha muito cuidado."

Não posso decidir se o que me deixou ver era real ou outro de seus jogos. Eles não o chamam de mestre da manipulação por nada. Barrons quebra-cabeças. Ryodan as vira do avesso. Barrons te fode. Ryodan faz você se borrar. Ele aperta os botões e reordena as coisas, de acordo com seu interesse privado, com a frieza de um sociopata.

Eu gostava mais quando pensava que a mataria.

Tenho que deixar de me arranhar.

Quero essas asas. Vão fazer a luta que se aproxima seja fácil.

Ele é um homem morto caminhando.

Se ele não levar a sério o que mostrei e brincar comigo, brincaré com um malvado príncipe Unseelie.



Vou matá-lo muito antes dele matá-la.

Sei como trabalham homens como ele.

Estou me convertendo em um.

Se o que me mostrou é real, mostrou ao príncipe Unseelie errado. Porque o que me ensinou é que vê nela as mesmas coisas nela eu.

Ele sabe que vale a pena esperar.

E quando chegar o momento, tem a intenção de ser o primeiro. É por isso que a mantém perto. Para aqueles de nós que vivemos para sempre, uns anos não são muito tempo de espera.

Não por algo vale que valha a pena esperar. Não por uma garota das de uma vez na vida.

Uns anos são uma mera piscada para homens como nós, para quem as mulheres se enrugam docemente, como cabaças podres depois do Halloween. O sexo não é fácil para mim. Sempre me contendo. As mulheres humanas são frágeis.

Esta não é.

A vê como eu: aos dezessete anos, aos vinte, aos trinta. Sobreposto sobre os quatorze anos de agora, vê à mulher que se converterá.

E está marcando o terreno.

Por cima de meu-fodido-cadáver.

E não posso morrer.

Mas sei que um de sua espécie morreu recentemente, e sei como. Ouvi que existe um Caçador por aí, no céu noturno, que gosta da realeza Unseelie.

Logo vou ter asas para encontrá-lo.

Meus superpoderes voltam para mim em três quadras do Chester's. Sei, porque bati os dedos em hipervelocidade contra a coxa todo o caminho de volta. Finalmente consegui. Ainda não consigo que sejam só os olhos, como Ryodan, mas pratiquei e consegui que certas partes do corpo acelerem por curtos períodos de tempo. O único problema é que o lugar onde a parte se religa a meu corpo fica um pouco dolorida, como se os músculos em modo-rápido e os músculos em modo-lento liderassem uma fodida-batalha-ou-o-que-seja-que-façam entre si.

Mas não é como se pudesse sentar no Humvee com o colega, que certamente adoraria saber que às vezes me sinto impotente, e praticar isso de congelar quadro a quadro todo meu corpo. Se parasse repentinamente, eu poderia sair voando diretamente através do para-brisa, exibindo um montão de cortes durante dias, além dos golpes habituais.

O olho, irritada.

— Por que você nunca se machuca? - O que ele é? A exceção de tudo? E se for assim, como posso ser também?

— Tendo algo e outras bobagens - diz. Em outras palavras, não consigo saber por que não estou no círculo mais próximo a ele. Bem. Não quero estar ali de todos os modos.

— Tem algum tipo de unguento mágico, amigo? Porque seria justo que compartilhasse esse tipo de coisas.



Ele para na calçada em frente ao Chester's. Salto do Humvee no segundo que estaciona, e imediatamente começo a saltar de um pé a outro, de lado a lado, para frente e para trás, para me assegurar de que tudo está bem de novo. De maneira nenhuma entraria no Chester's sem superpoderes. Puxo uma barra de chocolates como um látego, e devoro sem mastigar, seguida de mais três em rápida sucessão, armazenando energia.

— Não somos feitos para a noite? Que mais tem para mim?

Acabo de passar uma hora em uma lata de sardinhas com um Ryodan eletrificado, depois de perder meus poderes. Ele satura os espaços pequenos, como se tivesse dez vezes mais energia que o resto das pessoas contém no corpo. Está zangado comigo por não inspecionar a cena antes de explodir. Estou zangada comigo mesma também, mas não é como se tivesse outra opção. Sem superpoderes, não vou a nenhuma parte perto dessas cenas. Foi uma viagem pestilenta. Quero um pouco de tempo a sós, ou com Dancer. Recarregar-me. Estar com ele é bastante simples e quase perfeito.

Ele não respondeu e o olhei. Está olhando para o teto de um edifício no outro lado da rua e tem um olhar divertido, satisfeito, no rosto. Procuro as sombras da linha do teto, mas não posso descobrir o que está olhando. Não há nada ali.

— Amigo, está me escutando? Olá? Pelo menos sabe que estou aqui?

Ele segue olhando telhado, como se estivesse vendo algo que não posso. Sinto-me como uma gota estúpida de condensação do tipo não-estou-certo-mas-acho-que-estava-ali.

— Sempre sei que está aí, Dani. Provei seu sangue. Sinto-a todo o tempo.

Certo. Isso me preocupa.

— Refere-se a quando estou perto - esclareço para ele.

— Como acha que a encontrei na casa do namoradinho?

— Terá que olhar melhor se acha que é pequeno.

— E tão frágil.

— Deixa de falar dele. Ele não é da sua conta. O que estava dizendo? Que você pode me encontrar em qualquer lugar? Em qualquer momento? - Há uma resposta correta e outra incorreta a esta pergunta.

— Sim.

Essa é a resposta errada. Enlouqueço. Estou sem fôlego.

— Sacana, Mentiroso.

Ri e me olha.

— Quer jogar esconderijo, pequena? - ronrona com uma voz que nunca ouvi usar antes, e de fato, transforma em uma pergunta.

Suas presas estão fora.

— Tio, é um estranho... o que seja. - Estou quase sem palavras.

Ri de novo e não posso suportar olhá-lo, assim parto para a porta no chão que é a nova entrada do Chester's.

Ele sustenta a porta para mim. Suspiro de maneira visível enquanto desço pela escada. Odeio Ryodan.



Estou caminhando pela pista de dança, atalhando em linha reta, diretamente para as escadas que se dirigem ao escritório, para fazer o que quer seja, quando a vejo.

Está se movendo através da pista de dança principal com Jericó Barrons atrás, e parece que se dirigem a um dos subclubs, embora não posso imaginar por que. Mac não gosta de estar aqui mais que eu.

Congelo.

Odeio vê-la. Odeio não saber o que está acontecendo em sua vida. Não gosto do que fiz. Entretanto, não posso mudar, assim não tem sentido sentir.

Ryodan choca contra minhas costas, me lançando para diante, entre a multidão.

— Andando? - digo com irritação, enquanto me separo de um corpulento Rhino-boy que chia as presas amareladas para mim.

Como de costume, não perde um detalhe. Seu olhar faz essa espécie de tremor ocular fixando em todas as partes do meu rosto.

— Pensei que Mac e você fossem amigas.

— E somos - minto.

— Pois vá cumprimentá-la.

Merda, odeio que se dê conta.

— Possivelmente tivemos uma pequena briga.

— Pequena? Meu traseiro.

— Deixa de farejar em meus assuntos.

— Aprende a não levá-los escritos na cara, pequena. Somente em privado, comigo e com ninguém mais. Precisa seriamente de um pouco de treinamento. Se os estampar assim, é só questão de tempo que alguém use suas vísceras de polipasto⁴⁴.

—Amigo, quem utiliza palavras como vísceras? Ou polipasto?

—Diga-me o que aconteceu.

Planto-me ante ele, as mãos na cintura.

— Não é seu assunto, e isso é o início e o fim do tema. Poderá se meter em algumas coisas, e em outras não. Mantém sua pessoa de merda fora dele.

Ele me olha estranho.

— Você disse de merda. Não fodida.⁴⁵

— Isso é o que tem a acrescentar a tudo o que acabo de dizer?

— Quer privacidade nisto? Eu darei. Vê como é fácil? Se quiser algo, peça, e verá que posso ser um homem generoso. Quando me tratam bem. Se alguma vez descobrir o que é isso.

Move-se diante de mim e se dirige ao escritório.

Não posso aguentar, olho para trás, para Mac. Sorrio e chuto a mim mesma por fazê-lo, mas houve um momento em que adorava acordar todos os dias em Dublin, diferente de agora, porque



⁴⁴ espécie de grua que funciona com cordas e polias.

⁴⁵ É um trocadilho no original; Dani sempre usa "feck" que é uma maneira desvirtuada e mais gíria que "fuck", que é o que usa agora; ambas significariam Merda ou fodido, mas digamos que a segunda com mais correção "gramatical" heheh



sabia que ela estava ali, em Barrons Livros e Quinquilharias ⁴⁶ e que faríamos algo genial nesse dia, quando fez um bolo de aniversário e me deu presentes, víamos filmes ou lutávamos costas contra costas; nunca tive algo assim antes e, às vezes, sinto-me como um cão sem lar sob a chuva e os trovões, enlameado e frio, olhando um elegante Collie pela janela, dormindo em uma cama para cães perto do fogo e com um nome escrito na tigela que está ao seu lado, e me pergunto como seria...

— Bah! Se goste mais, covarde. - Tenho dentes de cão grande, mordo como um, e conheço as regras: se ficar dentro, acaba com colar e esterilizado.

Levanto e volto repassar quadros atrás de Ryodan, quando uma comoção generalizada na direção da Mac me faz parar, permanecer como em câmera lenta e olhar para trás.

Há um novo tipo do Unseelie esta noite no Chester's, e som de uma espécie como saída de um filme de terror. Parecem fantasmas anoréxicos, que poderiam vagar em torno dos cemitérios, rompendo e abrindo caixões e alimentando-se de cadáveres em decomposição. Estão envoltos em capas negras com capuzes para que não possamos ver seus rostos, não estão de pé, nem andam, mas deslizam sobre o chão. Vislumbro um brilho de osso nas mangas. No interior dos capuzes vislumbro a pele pálida, sem sangue, e algo negro. Uns vinte deles estão no subclub em que Mac e Barrons acabam de entrar. Fazem-me pensar em corvos negros, esses que, na chegada de uma tormenta, pousam em árvores por toda parte, esperando que a destruição comece para que possam abater-se sobre os moribundos, arrancando a carne do osso com os bicos afiados. Estou segura, de repente, de que não têm bocas normais. E é igualmente certo que preferiria nunca descobrir o que realmente têm.

Voltam-se para Mac, todos ao mesmo tempo, como se fossem uma unidade ou algo assim, e é totalmente horripilante, e começam a emitir um chiado que coloca a todos os nervos do meu corpo ao limite.

Não há serpentes na Irlanda. Não porque São Patrício as expulsou como as pessoas costumam dizer, mas porque é uma ilha e por outras questões climáticas. Quando eu era menina, as serpentes me fascinavam porque nunca vi nenhuma. Tirei férias depois que mamãe morreu e Ro me libertou, antes de ela começar a me controlar também, e fomos a um montão de museus e zoológicos. Vimos uma serpente cascavel. O movimento da cauda possuía o mesmo efeito sobre mim, que estes encapuzados Unseelie com seu chiado. Esse ruído seco e poeirento provoca algum tipo de resposta familiar em mim, e me faz pensar que talvez a memória genética realmente exista e que certos sons só dão vontade de correr como o demônio.

O que são? Como é que nunca os vi antes? Qual é sua presa favorita? Como se alimentam? Como podem ser eliminados? Melhor ainda, por que estão todos o mais longe possível da Mac, como se ela tivesse a versão Unseelie da peste bubônica ⁴⁷?

As pistas de dança entre nós estão lotadas. Não consigo uma boa panorâmica. Deslizo

⁴⁶ É a super livraria que meu lindo(Barrons kk) deu pra Mac no fim do livro cinco.

⁴⁷ **Peste negra** é a designação pela qual ficou conhecida, durante a Baixa Idade Média, a pandemia de peste bubônica que assolou a Europa durante o século XIV e dizimou entre 25 e 75 milhões de pessoas, sendo que alguns pesquisadores acreditam que o número mais próximo da realidade é de 75 milhões, um terço da população da época.

A doença é causada pela bactéria *Yersinia pestis*, transmitida ao ser humano através das pulgas (*Xenopsylla cheopis*) dos ratos-pretos(*Rattus rattus*) ou outros roedores.



lateralmente em modo-rápido, passando através de Lor e Fade que estavam custodiando a parte inferior das escadas, me assegurando de dar uma boa cotovelada em Lor, rindo quando rosna, depois paro na parte superior das escadas e olho para baixo. A vista daqui é muito melhor.

Os fantasmas estão chiando ainda mais forte, deslizando de volta conforme avançam para Mac e Barrons, mas é Mac para quem esses capuzes escuros se voltam.

— Interessante - diz Ryodan perto do meu ouvido. - Terá que se perguntar por que parece que não podem sair do seu caminho rápido o suficiente. Nunca vi isso antes.

Ryodan não gosta de Mac. Nunca gostou. Ela se interpôs entre ele e seu melhor sócio.

Lanço um olhar.

— Vou contar um segredo, Ryodan. Se se meter com ela, Barrons te matará... — deslizo meu dedo pela garganta - ...assim. Mas não só isso, Barrons te chutará a bunda quando você cair.

Ele sorri fracamente.

— Serei condenado. Está louca pelo Barrons.

— Eu não estou louca por...

— Está. Está no seu rosto. Qualquer um pode ver.

— Às vezes, chefe, engana-se.

— Eu nunca me engano. É como se estivesse em uma placa publicitária: "Dani O'Malley acha Jericho Barrons quente"⁴⁸. Minha oferta de te ensinar segue em pé. Estará salva de vergonhas futuras. Se posso ver em seu rosto, ele também.

— Ele nunca viu - queixo-me, e então me dou conta que acabo de admitir. Ryodan é tão complexo para se expressar, que te faz dizer coisas que não queria dizer. - Talvez peça a Barrons que me ensine - murmuro e me afasto das escadas, em direção ao escritório. Dou um golpe em seu peito. - Amigo, se mova. Tento chegar a algum lugar aqui.

— Ninguém além de mim irá te ensinar, nunca, Dani.

Toca-me antes que eu veja, tem a mão debaixo do meu queixo, virando meu rosto para cima. O calafrio é instantâneo e incontrolável.

— Isto é inegociável. Assinou um contrato comigo garantindo exclusividade. Não vai gostar do que acontece se tentar quebrá-lo.

Fulmino com o olhar, me perguntando que diabos assinei realmente. Tenho uma espécie de remota esperança de não ter que descobrir nunca.

— O que estamos fazendo aqui? Conversando ou trabalhando? Temos mais a fazer, ou não?

Dou uma olhada por cima do ombro enquanto o empurro.

Barrons está de pé diante da Mac, como um escudo e me permito o rápido brilho de um sorriso. Ryodan tem razão, tenho que aprender a ocultar o que sinto. Ela está a salvo. Ela sempre estará a salvo com Barrons no tumulto. Não tenho que me preocupar com Mac. Somente por aquilo que ela poderia fazer algum dia. Prefiro isto a ter que me preocupar com ela, por isso virtualmente tudo está bem em meu mundo.

⁴⁸ E ele é mesmo haha



Capítulo 14

"Toc, Toc, golpeando na porta do céu"⁴⁹

Parece que Ryodan não possuía o esquadrão trapaceiro para eu me encarregar. Não haviam outras cenas congeladas a visitar, assim me fez ficar no escritório com ele.

Queria voltar a sair e examinar os escombros da cena do depósito que explodiu a outra noite, procurar pistas cuidadosamente (pensando que podia mover meus esconderijos ao mesmo tempo), mas ele me disse para escutar todas as pessoas e Fae através do piso de cristal e pensar que algum deles poderia ser responsável pelo que estava acontecendo.

Eu disse: amigo, disse que acredita que está acontecendo espontaneamente, como se alguma parte do Faery estivesse filtrando-se. Agora quer que observe indivíduos como se pudessem fazê-lo. Qual das duas é?

Ele disse que as duas e voltou para a papelada. Não acredito que sinta o mesmo sentido de urgência que eu, já que só humanos foram congelados ultimamente, e nenhum deles em sua grama. Se não começar a mostrar um pouco de ação de pesquisa, serei forçada a trabalhar nisso em meu próprio tempo, e não sei como abrir espaço para tudo, além de dormir a cada tantos dias mais ou menos.

Mac se foi bastante rápido. Pareceu ficar realmente nervosa pelo que estava acontecendo com os ECZs. Isso é Espectros Come-zumbis para abreviar, porque assim é como parecem. Tinham imundície e teias de aranha nas capas, pistas de em onde se refugiavam. Relaxei quando ela se foi. Logo fiquei tensa de novo, ao ter que observar Jo por aí no pequeno sub-clube, mostrando muita perna aos Unseelie, e não há dúvida de que estavam gostando. Eu gostaria de ter pernas como Jo algum dia, curvilíneas, suaves e bonitas.

Sem cicatrizes!

Ela seguia olhando o escritório de Ryodan com um estranho olhar, toda ofegante, como se soubesse que estou aqui acima. Não sabia que sentia tantas saudades! Isso me fazia sentir mal por não passar mais tempo com ela. Algumas vezes olhava muito as escadas, como se estivesse à espera que, possivelmente, eu descesse.

Observei, com a mão da espada coçando todo o tempo, porque haviam tantas coisas no clube caçando humanos que necessitavam que as assassinasse. Para o amanhecer, estava fervendo pelos pensamentos reprimidos e homicidas de sidhe-seer, e nem um pouquinho mais sábia com respeito a quem ou o que estava detrás dos congelamentos.

Duas coisas boas resultaram das horas que me sentei aí até que ele finalmente me deixou ir. Aprendi perto de quatro classes novas de Unseelie e compus meu próprio Jornal da Dani. Decidi limpar um pouco visualmente, fazê-lo mais profissional antes de imprimi-lo.

Agora, sentada em minha torre favorita, leio minha cópia escrita uma vez mais, revisando

⁴⁹ "Knockin' on Heaven's Door" é um single de Bob Dylan, lançado na trilha sonora do filme Pat Garrett & Billy the Kid. É uma de suas canções mais famosas, regravação por diversos artistas, dentre os quais a banda Guns N' Roses e a cantora Avril Lavigne, que também lançaram a canção individualmente. <http://www.youtube.com/watch?v=sJ4lpGaffhI> http://youtu.be/-W0rj02kt_c



antes de ir à imprensa.

O Jornal de Dany

Maio 24, 1 DCM

Trazido a vocês exclusivamente por

DANI MEGA O'MALLEY aliás

Importo-me

e, a diferença da IMITAÇÃO,

Recém chegados, sempre fui

SUA ÚNICA FONTE CONFIÁVEL PARA AS ÚLTIMAS NOTÍCIAS EM DUBLIN E AO REDOR!

Quem trouxe os fatos sobre o que aconteceu desde que os muros caíram? Eu.

Quem os buscou, deu comida e notícias em seus esconderijos quando estavam com muito medo para deixá-los? Eu. Quem levou mensagens, procurou membros perdidos da família, e os trouxe para casa com vocês se estivessem vivos? Dani Mega O'Malley.

Quem cavou nos escombros em busca de carteiras e identificações, e devolveu suas coisas para que pudessem sofrer? Não foi uma organização irresponsável que conseguiu a maior parte das primeiras "notícias" sendo mordaz com respeito a mim. Essas não são notícias. Isso é calúnia. Dou fatos que podem usar.

Quem matou seus inimigos e ensinou como lutar nos últimos sete meses? Quem reuniu crianças e levou a um lugar seguro? Não esqueçam o que sabem que é verdade só porque alguém mais apareceu, imitando MEU periódico, clamando loucuras. Não vi energia ou água funcionando ainda, que não fosse acionada por gerador, e, amigos, posso conectar isso por vocês.

MeImporta⁵⁰

Sempre será assim, Dublin.

A Dani!

Não faço contestações e não tenho cartas de amor dentro de mim, assim isto terá que servir. Quando imprimir e colar, vou me esconder e dormir como os mortos por dez horas. Estive acordada dois ou três dias. Sempre esqueço até que estou a ponto de cair na rodada.

Sentei em minha caixa de água, olhando à cidade, observando o sol sair. O ar está limpo como nunca estive antes que o muro caísse. Tem uma neblina, mas não tóxica como costumava ser. Adoro viver em uma cidade Portuária. Uma vez, com nove anos, viajei escondida em um barco de pesca. Não puderam desfazer-se de mim até o final do dia, porque precisavam da apanhada do dia. Finalmente terminaram me deixando sentar à frente, o vento em meu cabelo, o vento salgado em meu rosto. Os cais sempre me fascinaram, com os grandes navios indo e vindo dos lugares, contos de aventuras e emoção apanhados em seus cascos como cracas! Agora estão aí, mortos na água como tudo mais. Tenho um bom esconderijo em um deles. Decidi que não estive por um tempo e dormirei um pouco ali mais tarde.

A cor do céu é de platina, o mar cor de ardósia e o rio Liffey está deslizando através da cidade, metálico. A prata se derrama sobre tudo. Tira-me o fôlego!

Poderia admirar por horas, mas tenho trabalho a fazer.

As pessoas tem memória curta. Ficam cegos pelo medo, e facilmente deslumbrados.

⁵⁰ Um trocadilho com o outro jornal, que chama-se WeCare (nos importa).



Especialmente durante épocas de guerra, quando o mundo começa a parecer tão escuro e arenoso e coisas brilhantes começam a parecer mais brilhantes. Tenho que continuar recordando coisas que sabem que são verdade.

Dublin e eu, somos ervilhas na grande vagem. Esta é minha cidade e meu periódico, e não quero renunciar a nada do que é meu sem lutar.

Nunca perdi uma briga, ainda.

Bom, só com esse Ryodan idiota. E não há maneira de que ele esteja atrás da WeCare. Ele é como a antítese da WeCare. É, como, Não-Nos-Importa-Uma-Merda envolto em um Te-Comeremos-Para-O-Almoço também.

Aí vai meu humor de novo. Isso é tudo o que preciso. Um pequeno pensamento a respeito dele. Tenho que “trabalhar” de novo esta noite, como algum tipo em câmera lenta, caminhando com dificuldade com as massas e, a injustiça de todo isso é que, agora que o mundo se fundiu, ninguém tem que trabalhar mais. Exceto eu.

Sinto um arrepio, me dou conta de que não posso dormir com os mortos, quando perder o sentido porque tenho que colocar um alarme. Eu. Tenho que me levantar em uma hora precisa!

Jamais prestei atenção ao tempo. Dancer diz que desfrutei de um luxo que a maioria das pessoas jamais desfrutou. Ele odeia os relógios e tudo o que tenha a ver com o tempo. Diz que as pessoas já perderam muitos dias, e que a maior parte delas vivem no passado ou no futuro, mas nunca no presente, sempre dizendo coisas como: “Não sou feliz porque “x” aconteceu ontem, ou serei feliz de novo quando “e” acontecer amanhã”. Ele diz que o tempo é o último vilão. Não entendo isso, mas provavelmente seja porque até este condenado momento, nunca tive que olhar um relógio para nada. Levantava quando sentia vontade. Dormia quando sentia vontade.

Se tiver sorte, poderei fazer quatro a cinco horas de sono antes de precisar voltar a “trabalhar”.

Estou aterrada pelo horror de tudo isso. Os relógios de pulso estão gastando minha vida na direção de outra pessoa.

Isso é tão errado.

Levanto devagar e com cuidado, sem me esticar. Fico quieta, sentindo o barco balançar gentilmente nas ondas. Adoro dormir em meu navio. Enchi de armadilhas até não poder mais. Fui apanhada por uma delas hoje, são tão boas! Nem sequer abro os olhos, porque levo um tempo começar a me mover. Algumas vezes, meia hora. É por isso que coloquei meu alarme as sete ao invés de sete e meia.

Meu alarme.

Foi isso que me despertou?

Não lembro de desligá-lo.

Procuro por meu celular. O sinal pode estar morto, mas ainda reproduz música e jogos. E tem um estúpido alarme.

Encontro um obstáculo entre meu celular e eu que se parece como...

—Aiy-eeeeeeee! —Faço um som que não sabia que podia fazer, parte ofego, parte grito, e levanto de um salto da cama, os olhos abrindo-se imediatamente. O que acaba de sair de minha



boca é tão garotinha que me faz encolher, assim agarro minha espada e a balanço.

Ele a pega de minha mão e ela cai através do piso.

Nem sequer posso dizer nada por um sexo. Digo, um segundo⁵¹.

Este é como meu pior pesadelo em todo mundo! Isto é pior que os ECZz me perseguindo, além do Diabo e os príncipes Unseelie!

Ryodan está na cama junto a mim!

Sentado aí, parecendo satisfeito! Estamos na cama, juntos! Ele está me dando um débil sorriso e um olhar zombador. Suponho que estava me vendo dormir. Ronquei? Estava esparramada em minhas costas com a boca aberta? Não tenho ideia de quanto tempo ele está aí! Como entrou? Como diabos passou todas as armadilhas? Obviamente terei que inventar umas novas!

Tento empurrá-lo fora da cama. É como tentar mover uma montanha. Golpeio-o. Como uma menina. Nem sequer uso meus super poderes. Assumindo que os tenho no momento, os malditos inconstantes. Que bem há em ser um super-herói, se for só uma parte do tempo ou sabe-se quando?

Ele pega minha mão e a prende.

Não posso soltar minha mão.

—Amigo, me dê um pouco de espaço aqui! Preciso de espaço quando acordo! Não posso respirar! Se mova!

Ri e quero me arrastar sob os lençóis, me enterrar profundamente, me esconder e pensar que este é só um mau pesadelo que terminará logo.

—Fora de minha cama!

Quando me solta e fica de pé, o colchão se eleva dez cm do seu lado. Não posso acreditar que não o senti sentar-se. Sim, posso acreditar. Durmo profundamente.

—Está atrasada para o trabalho, pequena.

—Que horas são? —olho amplamente ao redor, em busca do meu celular. Estou tão confusa pelo sono custo a funcionar. Vejo-o fim da mesa junto à cama. Parecem migalhas.

—Quebrou meu celular!

—Estava destruído quando cheguei aqui. Deve ter quebrado quando o alarme soou.

—Não é como se fosse minha culpa — digo aérea, tirando o cabelo do rosto com as mãos. — Nunca tive que usar um alarme antes.

—Estou dando merda.

—Está aqui!

—Isso é porque está atrasada para o trabalho, pequena. Vista-se.

A roupa bate em meu peito.

Percebo que estou usando meu pijama favorito. São de flanela e têm patos. Possivelmente ele não notou. Não posso suportar. Este é meu lugar. Deveria ser privado.

—Quarto do capitão. Muito luxuoso. Se mova. Temos coisas a fazer. —Fala com a porta e se dirige ao deck. — Bonito pijama, pequena.

⁵¹ Jogo de palavras entre "sex", "sexo" e "sec", abreviatura de "second", "segundo" em inglês.



Leva-me a uma igreja.

As igrejas me deixam nervosa. São como dinheiro, uma conspiração da fé. Como se todos estivessem de acordo em acreditar que não só há um Deus, mas também vem e olha pelas pessoas, sempre e quando visitarem certos lugares, façam altares, queimem muitas velas e incenso, e façam um senta-levanta-ajoelha e outros rituais extravagantes que fariam um aquelarre⁵² de bruxas não parecer como se tivesse um TOC⁵³. Logo, para complicar mais, algumas pessoas fazem rituais, subconjunto A, e outras pessoas fazem rituais, subconjunto B, C ou D, e assim sucessivamente até uma infinidade de denominações, e chamam a si mesmos de coisas diferentes, por isso negam o direito de alguém mais ao céu se não fizer os mesmos rituais. Amigo. Estranho. Imagino que, se houver um Deus, ele ou ela não está prestando atenção ao que construímos ou se seguirmos alguma regra elaborada, a não ser dando uma olhada por nossos ombros, vendo o que fazemos cada dia. Vendo se pegamos esta grande aventura chamada vida e se fizemos algo interessante com ela. Imagino que as pessoas mais interessantes são as que conseguem ir ao céu. Quero dizer, se eu fosse Deus, essas seriam as pessoas que quereria comigo. Também imagino que ser eternamente feliz seria eternamente aborrecido, assim tento não ser muito interessante, inclusive que seja difícil para mim. Preferiria ser uma super-heroína no inferno, chutando toda classe de traseiros de demônio, que um anjo no céu, flutuando por aí com um sorriso beatífico no rosto, tocando um harpa joaninha todo o dia. Amigo, me deem tambores e grandes pratos! Eu gosto do tamborilar e do barulho.

Então, Ryodan me leva a uma igreja e fico fora olhando, estancada.

Mentalmente reviso os lugares que vi congelar até agora: o sub-clubes do Chester's, um depósito nos subúrbios da cidade, dois pequenos pubs clandestinos, um ginásio, uma sede rural de Laundromat e, agora, uma pequena congregação em uma igreja.

Fico um momento olhando a entrada alta de portas duplas, absorvendo os detalhes, porque não tenho pressa em entrar. O frio que emana do interior é brutal, pior que qualquer cena até agora. Meu fôlego queima todo o caminho aos pulmões, inclusive com uns quarenta e cinco metros entre a frente da igreja e eu, ali onde as pessoas estão reunidas no altar, em uma congelada cena de natal. Oito homens, três mulheres, um sacerdote, um cão de pé, e um ancião sentado no órgão. Escutei que mais homens que mulheres sobreviveram ao Halloween, e em muitos lugares rurais as mulheres se tornaram uma tentadora comodidade, com os homens tropeçando uns com outros para conseguir uma. Os tubos do órgão atrás do altar estão entalhados com pedaços de gelo, e do teto caem enormes estalactites. Há uma névoa congelada pendurando ao redor de todo o interior. O sacerdote está de pé atrás do altar, olhando os outros, braços levantados, como se estivesse no meio de um sermão.

— Está mais frio que o resto, o que sugere que aconteceu mais recentemente, a temperatura ambiente e todo o resto se incluem — digo, e quando falo, meu fôlego cristaliza em pequenas nuvens que penduram no ar. Estremeço com uma repentina e incontrolável sacudida. — Raios, está frio!

⁵² Lugar onde as bruxas celebram reuniões e rituais.

⁵³ Transtorno Obsessivo-Compulsivo.



—Muito frio para você.

O olho. Quase houve uma marca de pergunta ao final dessa.

—Amigo, se preocupa por mim? Sou indestrutível. Quando soube desta?

—Fate a encontrou há uns quarenta minutos. Passou pela igreja fazia dez minutos, e não estava congelada. Quando voltou, estava.

—Então, sim, é a mais fresca em que estivemos até agora. —Dou-me conta que ele não está entrando na igreja em câmara lenta como fez nas cenas anteriores. Suponho que está frio inclusive para ele.

Inalo e exalo, rápido e duro, meus pulmões gritando, preparando meu sortimento de adrenalina.

—Vamos.

Encolho-me mentalmente, mudo de velocidade e entro congelando quadro.

Existe frio, e depois algo pior. Este frio me apunhala e retorce, contraindo cartilagem. Desliza-se através dos músculos e tendões, perfurando os nervos. Mas esta cena é a mais fresca de todas, e se houver algum lugar no que encontrar provas, é aqui, antes que a temperatura comece a elevar e as coisas mudem. Se mudarem. Não sei o suficiente.

Rodeio o pequeno lugar, tremendo. Gaguejei de frio em outras cenas, mas nunca tremi enquanto congelava o quadro. Acredito que tremer é genial porque é a forma do corpo congelar o quadro a um nível molecular. Suas células sentem que a temperatura é muito fria para você, e o cérebro te faz vibrar a cada minuto para gerar calor. Assim, estou tipo, congelando o quadro duas vezes agora mesmo, a um nível celular e sobre meus pés. O corpo é uma coisa brilhante.

Olho os primeiro rostos.

Estão congelados com as bocas abertas, caras contorcidas, gritando, igual às pessoas do Laundromat. Estas pessoas viram chegar também. Todos, exceto o sacerdote, que parece surpreso pelas pessoas, o que me diz que, seja o que for, veio de trás do sacerdote, e veio rápido, porque sua cabeça nem sequer está virada. Ele deve ter reagido aos olhares em seus rostos. Aquilo deve ter aparecido e os congelou simultaneamente, ou ele teria tempo para começar a olhar atrás de si.

Sinto-me um pouco melhor sobre o quer que esteja acontecendo porque, agora, duas vezes, as pessoas o viram. Isso significa que tenho oportunidade de sair do caminho se vier em minha direção.

—Guarda tuas observações e respira — diz Ryodan em meu ouvido. — Reúne. Informação. E. Sai.

O olho pela forma que falou. Logo que faço, entendo por que ele segue parando e começando. Seu rosto está sólido como gelo. Faz crack quando acrescenta:

—Encontre. A. Maldita. Urgência.

Meu rosto não está congelado. Por que o seu sim? Estico-me sem pensar, como se fosse tocá-lo ou algo assim, e ele afasta minha mão.

—Não. Toque. Nada. Nem sequer. A mim. —O gelo faz e refaz pedacinhos em seu rosto quatro vezes antes que ele termine a frase.

Envergonhada, movo-me rapidamente, reúno meus pensamentos e me concentro nos



detalhes. Não tenho ideia de por que quase o toco. Não há explicação para meu comportamento. Acredito que ele colocou algum tipo de feitiço sobre mim com sua solicitação.

O que está acontecendo nestes lugares congelados? Por que está acontecendo? Alguma parte inumanamente fria do Faery realmente está filtrando-se? Entendo por que Ryodan pensa que é assim. Em cada cena, nada parece ter sido roubado. Não vejo denominadores comuns. Nada foi comido. Machucado. Então, por que aconteceu? Considero cada uma destas cenas congeladas como um crime. As pessoas estão mortas. Os crimes requerem motivos. Zumbo de um lado a outro, tento discernir algum indício de motivo, uma pista de uma mente consciente atrás disto. Olhando de perto, procurando pequenas feridas, algo assim como dentes magros como uma agulha. Estão drenados de fluidos corporais que certos Fae consideram deliciosos? O pensamento me faz pensar em uns quantos Fae que devia ter matado. Se tivesse feito, tudo estaria bem entre Mac e eu. Ela jamais saberia. Ainda não sei por que não fiz. Não era como se quisesse ser apanhada.

Não vejo sinais de dano.

Logo o vejo e é um golpe instantâneo ao coração.

—Aw, merda! —digo.

Não me importo muito quando os adultos são assassinados, porque sei que tiveram uma vida. Viveram. Tiveram sua oportunidade. E, com esperança, morreram lutando. Mas as crianças... bem, as crianças me matam. Nem sequer conseguiram conhecer o lugar louco, maravilhoso e surpreendente que é o mundo! Nem sequer conseguiram ter aventuras.

Esta não conseguiu nenhuma absolutamente. Ela nunca passou mais à frente do cenário de: “Deus, eu adoro que tenho leite”.

Uma das mulheres está sustentando um bebe com um halo de cabelo encaracolado, vermelho como o meu, aconchegada na curva do braço. Ela tem um pequeno punho envolto ao redor do dedo da mãe e está congelada olhando sua mamãe como se fosse o anjo mais formoso e mágico no mundo, que é exatamente como me sentia a respeito da minha antes que tudo virasse tão... sim, bom. Tão...

E algo louco acontece que não entendo, mas vou começar a fazer o que o resto do mundo faz e culpar meus hormônios, porque estava acostumada a ser a mais genial das geniais até que comecei a ter períodos.

Fico toda sentimental, como alguma classe de frouxa que acredita nesses comerciais de cartões de felicitações, e penso em mamãe, e embora ela tenha feito coisas que outras pessoas acreditariam horríveis, entendo por que me manteve em uma jaula. Não havia muitas opções, não possuíamos muito dinheiro, e não era sempre má comigo. Fazia para me manter a salvo. Jamais a culpei por me manter em uma jaula com uma coleira.

Só desejava que deixasse de esquecer-se de mim.

Como se ela não quisesse me recordar.

Ou possivelmente, desejou não me ter.

Mas não foi sempre assim conosco. Lembro de me sentir loucamente querida. Lembro quando era diferente. Simplesmente jamais pude recuperar.



E de repente, está essa estúpida coisa fria no canto dos meus olhos, no meu coração, como se tentasse chorar ou algo, e não choro, e aquilo congela no segundo que começa, e minha cabeça dói, me estico e seguro o pequeno punho envolto ao redor do dedo de sua mãe, meu coração se aperta e logo tenho esta horrível pressão nos ouvidos e, depois, algo dentro de mim me dá um suave som de respingos, e de repente não posso respirar e sinto tanto frio que suponho que deve ser como ser deixada nua no espaço.

O frio me corta, arranca minha pele, me assassina, congela.

O frio toma novos significados, e só quando acredito que o entendo, como se fosse algum tipo de estado completo do ser dentro do qual eu poderia existir, dá cambalhotas ao meu redor, e me queimo em todas as partes e estou quente, e estou quente, estou tão maldita e incrivelmente quente que começo a tirar a roupa e não posso fazê-lo suficientemente rápido, porque me sinto pesada, lenta e estúpida, e me dou conta de que, de algum jeito, voltei para câmera lenta!

Foi quando a toquei? Foi por isso que ele me disse que não tocasse nada? Tocar algo tão frio poderia debilitar a capacidade de ir a câmera rápida? Como sabe isso, se for verdade? Debilitou-o alguma vez em alguma parte e é assim como sabe? Então, por que aquilo não o matou?

Está muito frio em câmera lenta, sério, como o espaço exterior.

Tento congelar o quadro de novo.

Caio sobre meus joelhos. Devo ter esperado muito tempo. Talvez o instante em que caí foi muito longo.

Deus, o piso está frio! Dói, dói, dói! Só pensei: — Deus. — Não uso essa palavra. Acredito? Encontrei a fé aqui, sobre meus joelhos, agora, ao final? Isso me parece um pouco hipócrita. Não vou morrer como uma hipócrita. Começo a rir. Não estou tremendo. Estou quente. Estou tão quente.

Inclusive agora, tento absorver mais detalhes. Curiosidade. O gato morre. Pode ser que isso passe. É como um vazio aqui. Algo está mau, algo falta, e não pude sentir em câmera rápida, mas não entendo o que é. As coisas ao meu redor, as pessoas e tudo se parecem... de algum jeito planos, desprovidos de um ingrediente essencial que daria multidimensionalidade.

— Ry... — Não consigo dizer seu nome.

Escuto-o gritar, mas não posso entender as palavras e soa estranho. Como se ele estivesse falando contra um travesseiro.

Tento tirar as calças. Preciso tirar isso. Estão frios, tão frios. Tenho que tirar tudo. Estão tão frio que estão queimando a pele. Ele está lutando contra mim, tratando de mantê-los sobre mim. Sai do meu caminho, tento dizer, mas nada sai. Preciso tirar isso. Se conseguir tirar, talvez isso fique bem.

Tudo que posso pensar é...

Ajudem-me! Penso em minha cabeça.

Meu coração está indo. Convoca toda a energia em um último pulsar violento para “vai a merda”, mas só obtém um suave bater.

Não posso morrer assim. Tenho coisas a fazer. Minha aventura recém começou. Tudo fica



negro. Vejo a Morte. Não é tão fascinante. É uma marreta⁵⁴.

Aw, merda. Sei o que é a rigidez cadavérica. Sei que meu rosto vai ficar quieto. Estou escolhendo como.

Procuro uma risada do fundo, onde sempre estou meio rindo de todas as maneiras porque, estar vivo — Amigo!, — é a maior aventura no mundo. Que passeio foi. Curto, mas estupendo. Ninguém pode dizer que Dani Mega O'Malley não viveu enquanto esteve aqui.

Sem arrependimentos!

Dani foi.

Capítulo 15

“Garota quente na cidade”⁵⁵

Perco o rastro deles por um minuto, distraído por uma mulher Unseelie nas ruas que tem o que o Highlander em mim considera partes repugnantes, mas o príncipe em mim acredita que são as adequadas. O sexo se tornou condenadamente estranho. Incrível. Mas estranho. Ela está a umas quantas quadras ao sul da igreja, e está desprendendo feromônios que fazem meu pênis fique plano em meu estômago, e quando me dou conta do que aconteceu com Dani, tenho uma razão a mais para odiar Ryodan e a todo o fodido mundo, como se precisasse.

—Não! —rujo enquanto me apresso à borda do teto. Isso é o mau de ser metade-raça. O Highlander em mim quer tomar as escadas. O Unseelie em mim quer usar asas.

Muito mau que não tenho nenhuma ainda.

Meu coração toma a decisão sem mim e tenta chegar à maneira mais rápida. Salto.

Amaldiçoo enquanto caio em quatro pisos e abraço o impacto. Contrário ao que ela pensa, não posso peneirar ainda, assim não posso atravessar a parede. Que classe de idiota rompe todos os ossos no momento que sua garota o necessita mais? Até agora estive encantado de não poder peneirar ainda. Acredito que é o ponto sem retorno. O dia que puder desaparecer da existência e retornar com um mero pensamento, já não serei humano.

Giro a metade do ar, tento cair sobre meus pés.

Estou surpreso quando funciona. Descubro novas coisas sobre mim mesmo todos os dias, a maioria das quais me desgosta, mas é uma mudança bem-vinda. Meu centro de equilíbrio mudou. Giro e realinho impecavelmente. Meus ossos parecem ter desenvolvido uma incrível resistência de borracha. Meus joelhos dobram ligeiramente, reverenciando de uma forma indistintamente humana para absorver o impacto. Aterrisso como um bonito gato. Olho meus pés, que estão intactos e funcionando perfeitamente, e tudo no que posso pensar é: maldito inferno, acabo de cair quatro...

⁵⁴ Tipo de martelo.

⁵⁵ "Hot child in the city", é uma canção interpretada pelo Nick Gilder. http://www.youtube.com/watch?v=El6iQ2_dvIc



—Tire-a FORA daí! AGORA, fodido idiota!

Minha cabeça levanta.

Alguns adolescentes usando óculos estão de pé fora da igreja, olhando dentro, gritando ao Ryodan. Não tenho ideia de quem é ele ou de onde veio. Mas acaba de dizer minha frase, embora teria dito sem a parte de “fodido” e com muitos mais “Merda”.

As mãos do menino parecem punhos, e estão contra a soleira da porta da igreja. Seu rosto e cabelo estão congelados, e estão tremendo violentamente.

Empurro-o, apartando-o com o ombro.

—Ela não precisa de você. Humano sem valor. Suma.

Ele grunhe.

Rio. Para me olhar na cara e grunhir, precisam grandes bolas.

—Felicidades para você, menino. Agora, vai a outra parte e morra antes que decida colocar essas grandes bolas que acha que tem por sua garganta. —Entro na igreja, para resgatar Dani e matar Ryodan por levar uma flor de estufa a uma zona ártica.

O frio me golpeia como uma parede de tijolo e me detém. Uma sólida camada de gelo se forma em minha pele. Quando flexiono os músculos, o gelo se rompe e cai no piso, um tilintar de cristais. Dou outro passo e congelo, a meio passo esta vez, enquanto ainda estou em movimento.

Passei uma pequena eternidade na prisão Unseelie, e nunca tive este problema, e estava inumanamente frio lá. Sou metade príncipe Unseelie. Não acreditei que houvesse algum lugar muito frio para mim. Como pode esse imbecil do Ryodan tolerar, se eu não posso?

Dou outro passo, congelado de novo, quebrando e retrocedo. Não farei nenhum bem em me congelar como homem ficar inútil para ela. Não entendo como é que isto está acontecendo. O frio no reino do Rei Unseelie congelou minha alma e me fez odiar o estar vivo. Isto é pior. Não teria acreditado que houvesse algo pior. Há algo familiar neste lugar, esta cena, este frio. Déjà vu. Desprezo este frio. Faz-me sentir mal no centro de meus ossos. Vazio, oco, de algum jeito... imperfeito. Entrecerro os olhos, olhando ao redor.

Dani!

Ela está no piso, e não é o frio o que me tira o fôlego. Suas calças estão enredadas ao redor dos joelhos. Veste um sutiã negro e roupa íntima com pequenos crânios e caveiras sobre eles. Está açoitando braços e pernas e gritando incoerentemente.

Não posso chegar a ela. Minha garota está meio nua e morrendo e não posso chegar a ela!

Empurro adiante.

Congelo.

Quebro o sentimento e retrocedo.

Merda!

Ela está tentando tirar o resto da calça e ele está lutando contra, tratando de mantê-los postos. Precisa sair daqui. Por que está esbanjando tempo tentando manter a roupa posta?

—Traga comigo! —demandando.

—Não congele o quadro com ela! — o menino grita nas escadas. Tem bons pulmões. — Se te mover rápido, a matará!



—Que merda você sabe — diz Ryodan.

—Tudo o que pode saber sobre hipotermia! E estou disposto a apostar que nenhum de vocês pode dar calor. Traga para mim se quiser que viva! Deixa de tentar colocar a roupa. Não vai ajudar!

—Foda-se, menino — diz Ryodan, mas deixa de tentar vesti-la e a recolhe. A calça caem ao piso. Está quase nua em seus braços. Não posso ver além da raiva vermelha em meus olhos.

—Não a mova mais do que o necessário! Aquilo forçará sangue-frio a seu coração e terá uma nova queda de temperatura corporal! —grita o menino.

Ryodan caminha com ela realmente lento.

Ela deixou de sacudir-se.

Não está fazendo nenhum som agora, tampouco. Ficou frouxa. Seus braços e pernas caem pesadamente, como uma boneca de trapo com cada passo que ele dá. Se a mata, vou sangrar e comê-lo pedaço por pedaço, com molho para carne.

É tudo o que posso fazer para manter meus pés onde estão e não atacá-lo enquanto passa. Gloriosas e formosas cenas de morte e destruição, campos de batalha e câmaras de tortura, agrupam-se em minha mente, tentadoras, sexuais, me incitando a golpear, atropelar e arrasar tudo em meu caminho, sem importar as consequências, porque não existem consequências para o que estou me convertendo.

Quando passa a meu lado, meus punhos jorram sangue. Mas não brigo por ela. Se o fizer, poderei matá-la. Isso me converteria em algo pior que um príncipe Unseelie.

—Você! —O menino me golpeia com um dedo. — Preciso de sacos de dormir, um lençol de alumínio, e compressas quentes. Loja externa no Ninth and Central. Consiga-me açúcar, gelatina e água, se puder encontrá-la. Não perca tempo se não encontrar. O mesmo para o gerador. Agora!

—Não faço coisas para humanos!

Mas arrancaria a maldita lua do céu por ela.

Quando retorno com lençóis e compressas quentes, ela está na calçada, no lado oposto da rua da igreja.

O menino com óculos está em roupa íntima. Aparentemente, o imbecil não usa nenhuma.

A raiva me golpeia. Luto por controle. A parte humana de meu cérebro sabe exatamente por que tiraram a roupa. Para poder acomodá-la entre eles. Ela precisava do que eles possuíam. Está enroscada em uma posição fetal, enrolada nas calças deles, as camisas e jaquetas. A parte Unseelie de meu cérebro não compreende nada mais que dois pênis muito perto do que é meu.

O menino está em cima dela, em suas mãos e joelhos, com o rosto roçando a dela como se estivesse beijando-a.

Ryodan parece como se estivesse a ponto de arrancar sua cabeça. Enquanto me aproximo, vejo que o menino está respirando sobre seu nariz e boca, deixando que a respiração vague para as fossas nasais dela. Estou me sacudindo de raiva. Minhas mãos parecem punhos de novo, sangrando por apertar tão forte.

—Segue enroscando-se — diz Ryodan.

—Instinto de toca. As pessoas que estão congelando fazem quando estão a ponto de morrer.



—Deixe-a morrer — digo ao menino, — e te matarei de todas as maneiras que puder assassinar um humano, trago-te de volta e faço de novo uma e outra vez.

—Conseguiu o que preciso? —O menino passa uma mão atrás de si, ignorando minha ameaça. — Lençol de alumínio. Agora. E cuidado quando a moverem — diz sobre o ombro. Como se soubesse que dois maníacos homicidas estão observando cada um de seus movimentos e o querem morto por estar tão perto dela. — Nada abrupto.

—Por que alumínio? —Quero saber exatamente o que está fazendo para poder fazer quando houver uma próxima vez. Diria que não vai haver, mas, desde que os muros caíram, sempre há uma próxima vez.

—Super isolamento. Retém o calor. Mantém todo o resto fora.

Ryodan e eu a pomos gentilmente sobre o lençol, logo o menino se estica sobre ela de novo. Ela não se move. Nem sequer posso ver o peito elevar-se e cair. Está pálida e quieta como um cadáver. É um acendedor perturbador. Nunca vi um príncipe Unseelie, mas suspeito que são assim: brancos, frios e lindos.

—Está respirando?

—Quase não. Seu corpo está usando tudo o que tem para manter cérebro e órgãos funcionando. Precisa urinar.

—Não pode saber isso, maldito seja — diz Ryodan.

O menino não gira a cabeça nem olha, só segue falando por cima do nariz dela.

—Ela come e bebe constantemente. Sua bexiga sempre está, pelo menos, parcialmente cheia. Seu corpo está gastando energia preciosa tentando evitar que a urina na bexiga se congele. Precisamos que essa energia esteja dirigida ao coração. Portanto, precisa urinar. Quanto mais rápido, melhor. Precisa estar consciente para conseguir, a menos que tenham um cateter à mão.

—Desperta-a — grunhe Ryodan.

—Não vai colocar um cateter — grunho.

—Farei o que for para salvar sua vida. Vocês. Condenados. Idiotas — diz o menino.

Abre compressas quentes e as mete nas axilas e virilha. Logo se estica junto a ela.

—Nos enrolem em sacos de dormir.

Olho Ryodan e ele me olha, e, por um segundo, acredito que é possível que ambos matemos ao menino. Ryodan tem uma expressão de pedra maior que de costume, se isso for possível sem virar concreto, e suas presas estão fora. Sob o olhar. O pênis de Ryodan está tão grande quanto o meu.

—Por que, no condenado inferno, não usa roupa íntima? —Para um príncipe Unseelie, um pênis exposto é um chamado de batalha.

—Irrita. Muito pequena e apertada.

—Foda-se — digo.

—Amigos. Superem — diz o menino. — Nos enrolem. Querem que ela morra?

—Jamais deveria tê-la levado aí. Vou matar você por isso — digo a Ryodan enquanto ajuda enrolar um menino quase nu com minha garota.

—Disse que não tocasse nada — diz Ryodan. — Sabia que a faria perder a velocidade.



Recordei a cada cena que fomos. E espero, Highlander. Quando achar que está preparado.

—E todos sabemos o quanto ela escuta — diz o menino secamente.

Ryodan dá um olhar que faria que os homens adultos, armados e psicopatas se calarem.

—Não havia motivo para tocar nada.

—Obviamente pensou o contrario — diz o menino, completamente imperturbável.

—Estava com ela. Imaginei que podia tirá-la.

—Imaginou mal, imbecil — digo.

—Não pensei que a afetaria tão rápido quanto fez. Não me fez nada quando tentei.

—Ela não é como você. E calem-se, os dois — diz o menino, e põe sua cara sobre a dela de novo, respirando, cavando as mãos ao redor de seus rostos para manter o ar quente.

—Por que está fazendo isso? — digo.

—Ar quente. Hipotálamo. Regula a temperatura interna e ajudará a levantar a consciência.

Preciso que esteja consciente para que possa urinar.

—Eu teria esfregado para esquentá-la. Restaurar a circulação.

—Brilhante. Teria matado. Seu sangue está muito frio. Isso teria parado o coração.

—Não entendo por que se despiu — diz Ryodan. Olho. Está fazendo o mesmo que eu. Aprendendo o que fazer se acontecer novamente. Sairíamos correndo com ela, tentando levá-la a um lugar quente. E, de acordo com este menino, a mataríamos.

—Os vasos sanguíneos incham. Ela pensou que estava quente. Os excursionistas são encontrados todo o tempo mortos nas montanhas, nus com a roupa dobrada nas cercanias. Confundem. O cérebro tenta ordenar-se no meio do caos.

—Como sabe tudo isso? — Detesto que saiba e eu não. O transforma em um homem melhor para ela nesta situação. Quero ser o melhor homem para ela em todas as situações.

—Mãe era uma doutora. Quase morri de hipotermia nos Andes uma vez.

—Eu quase te matei — diz Ryodan.

—Ela não pode te escutar — diz o menino.

—Não estava falando com ela.

—Dê-me mais compressas quentes — diz o menino. — Raios, está tão fria!

—Faz umas quantas semanas. Quase te matei.

O menino dá um olhar. Penso: que merda dá a um menino assim jovem as bolas necessárias para me grunhir e dar ao imbecil um olhar como esse?

Ryodan diz: — Eu estava nas sombras de um beco em que caminhava. Não tinha me visto. Ela teria morrido esta noite se houvesse te matado.

—É isso, como, uma desculpa? —mofo.

—Ela ofega de horror cada vez que te vê, Highlander?

Desenrosco umas asas que ainda não estão aí e vaio.

—Ambos falam muito — diz o menino. — Calem-se. Não me façam dizer novamente.

Calamo-nos, o que é histericamente gracioso.

De repente nos vejo de cima. Faço isso todo o tempo agora. Acredito que é porque estou perdendo minha humanidade e é a maneira de marcar minha descida ao inferno. Observo que há



só um homem humano nesta cena e não sou eu.

Vi uma radiante mulher, que tem mais curva sob a roupa do que supus, e pela maneira que Ryodan está olhando, ele tampouco imaginou. Ela está sem sangue, azulada, enroscada com força nos braços de um adolescente semi-despido que poderia, deveria ter sido eu. Mantendo vigília sobre ela estão dois monstros, de distintas raças, mas monstros igualmente.

A Morte à esquerda.

O Diabo à direita.

O menino parece como eu nesta idade, exceto pelos óculos e uns quantos centímetros a mais. Cabelo escuro, grande sorriso, amplos ombros, o menino vai ser ajeitado. Se sobreviver a próxima semana.

No momento, lutando com força contra isso.

Ele está em um saco de dormir com ela, sustentando-a. Ela tem crânios e caveiras na roupa íntima. Eu adoro aquilo além da razão.

Da forma que vejo, se não for Ryodan no próximo beco escuro, serei eu.

Capítulo 16

“Luto contra a autoridade e a autoridade sempre ganha provavelmente sempre ganhará.”⁵⁶

Faço um novo descobrimento totalmente assombroso.

Morrer é a parte fácil.

É voltar para a vida é uma merda.

Em um segundo me fui. Nem sequer existo.

Ao seguinte, estou inflamada de dor.

Ouço vozes falando, mas sinto como se alguém tivesse empilhado pesos sobre meus olhos e nem sequer tento abri-los. Dói tanto que quero perder a consciência outra vez. Gemo, miserável.

—Disse que podíamos movê-la, assim vamos. Agora. Levamos a meu lugar.

É Christian. Pergunto-me o que está fazendo aqui.

—Ela não vai a nenhum lado com você. Ela vem comigo. Se te enganar e não for seguro agora, menino, você morre.

Esse é Ryodan. Mas a quem chamou menino? A única pessoa que conheço que chama 'menina' sou eu.

—Não corro riscos com ela. É seguro.

—Dancer? — Murmuro.

—Tranquila, Mega. Quase morreu. —Fecha a mão em torno da minha e aperto. Gosto de sua

⁵⁶ “I fight authority and authority always wins probably always will”: Fragmento da canção “Authority Song” de John Mellencamp.
<http://www.youtube.com/watch?v=wsEwK69LXjQ>



mão. É grande e transmite tranquilidade e segurança. É o tipo de agarre que diz, tenho você se quiser, mas te deixarei ir, se quer correr por um tempo. —Ela não está indo a nenhum lugar com vocês dois. Vem comigo, — diz ele.

—Merda que sim! Christian explode, e vejo luzes cintilando detrás das pálpebras pela imensidão de sua voz e a dor em que me encontro.

Ryodan diz, — Ela está frágil e não tem o que precisa para protegê-la.

—Eu não estou frágil, — murmuro. — Nunca sou frágil. —Abro meus olhos e a ligeira luz da rua quase parte minha cabeça. Maldição, estou frágil.

—Ao inferno, não estou.

—Eu entrei direto no seu lugar e a tirei de lá.

—Eu não estava nesse momento. Ou não conseguiria.

Ryodan ri. —Insignificante humano.

—Ela vem comigo, — diz Christian.

—Amigos, sinto-me realmente doente, — digo. — Qual está mais perto?

—Meu lugar, — diz Christian.

—O inferno que está, — diz Ryodan.

—Você nem sequer sabe onde está, — diz Christian.

—Eu sei tudo.

Dancer diz — Chester's.

E eu digo, — Leve-me ali, rápido. Estou morrendo de fome e congelando.

Quando entramos no Chester's, o ruído quase parte meu crânio de têtpora a têtpora. Estou tão doente que cambaleio. Ryodan diz a Lor que consiga mantas quentes e leve a um quarto em algum lugar acima. Espero que seja a prova de ruído. Conhecendo Ryodan, será. Como Batman, ele sempre tem os melhores brinquedos. Não importa onde vou agora. Só preciso deitar. Quero que deixem de me fazer caminhar, mas insisti que me deixassem caminhar, porque odeio ser carregada, mas estou fingindo. Cada músculo que tenho está queimando e com câibras. Não posso pensar claramente.

—Tirem o menino daqui, — diz Ryodan a outros de seus homens.

Dois homens entram e fecham as mãos em seus braços.

—Deixa Dancer em paz! —digo

—Está bem Mega. Tenho coisas a fazer, de todas as maneiras. Se cuide, Escutou? —Me olha fixamente, e por um segundo, quero que todo mundo vá e me deixe sozinha com ele. A vida é tão fácil com Dancer. Quero perguntar como terminou na rua comigo. Quero saber o que aconteceu. Alguém salvou minha vida esta noite. Quero saber todos os detalhes.

Mas não o quero aqui. Não no Chester's. Não quero a mancha disto nele.

—Vejo você à noite? —digo.

Ele sorri. —Isso espero, Mega. Temos um filme para ver.

—Tirem-no daqui. Agora, — ladra Ryodan.



Dancer me impressiona fodidamente quando sacode as mãos fora dos braços e diz realmente calmo, — Posso sair sozinho. —Ele não sacode testosterona da pele como um cão molhado. Não vira um estúpido touro arrojando os chifres ao redor. Ele só cuida de si mesmo.

O olho ir, mas Ryodan está de repente me virando, me dirigindo como se eu fosse um kart. Ordena bruscamente, água quente e gelatinas, e diz a Christian que foda-se e saia de seu clube.

Christian ri e se instala em banco no subclub mais próximo às escadas.

Enquanto coxeava pelas escadas, vejo uma coisa estranha. Ryodan para por um segundo e olha para trás. Estava olhando o subclub, e como se pudesse senti-lo ou algo, Jo olha para cima, diretamente para ele. Quase como se estivesse esperando por esse momento. Como se houvesse uma espécie de faixa de borracha entre eles, e ela pudesse o sentir puxar. Acredito que seus reflexos são ainda mais dramáticos do que eram uns dias atrás, dourados sobre o cabelo escuro. Ela está brilhante entre os seios outra vez; não notaria, mas o brilho faz olhar ali! E está usando bonitos braceletes nos braços. Ela nunca usa joias. Inclusive doente como me sinto, penso que Jo parece bem. Ryodan dá um imperceptível assentimento e ela fica realmente quieta e seca as mãos na saia e traga tão forte que posso ver a garganta trabalhar daqui.

Eles se olham e nenhum afasta o olhar.

Depois de um longo momento, Jo assente de volta.

E eu penso Que diabos? Ela é empática como Kat? Como sabe o que ele disse? E o que estava disse, de todas as maneiras? E por que está passando a bandeja a alguém mais?

Então minhas pernas estão saindo de debaixo de mim, porque já fingi tanto quanto pude, e ele me tem antes que bata no piso, me carregando, e nem sequer luto, porque me sinto muito miserável.

Eles me levam a um quarto a poucas portas do escritório de Ryodan e me colocam em uma cama. Enterro profundamente no suave colchão. Suspiro com alívio e desvaneço.

Ryodan enche o saco no que não pode ser mais de três minutos depois, me levantando e me forçando a beber uma gelatina líquida morna.

A princípio não quero, mas parece como o céu.

—O que aconteceu? —digo. —Eu, tipo, morri e voltei? —Que aventura! Pergunto-me se isso será colocado em minha lápide quando morrer. Pergunto-me quantas vezes poderei chutar o traseiro da Morte durante a vida. O quanto isso é escandalosamente genial?

—Bebe.

—De onde saiu Dancer? —Meu estômago retorce. —Ah, está machucando o estômago.

—Deixa de tragar. Toma pequenos goles.

Vejo outra coisa estranha quando ele vira um segundo copo de gelatina líquida morna.

—Amigo, treme muito?

—Estou muito gelado.

Lor ri e dá um olhar. —Ou muito quente. Sai daqui. Eu me encarrego.

Ryodan olha meu copo vazio. Eu já esvaziei um jarro e quero mais.

—Eu farei, — diz Lor. —Vai fazer o que precisa, chefe.



Pergunto-me o que precisa fazer, por que está tremendo. Se for sua debilidade, quero saber tudo. Que pena que esteja a ponto de desmaiar outra vez.

Ryodan levanta — Cuide-a. — Ele sai.

Lor diz, — dorme menina. Voltarei antes que perceba. Com barras de chocolate.

Desabo entre os travesseiros, me enrosco e suspiro. Barras de chocolate. A vida é doce. Tudo o que tenho que fazer é deitar aqui, onde é quente e acolhedor e esperar por elas. As mantas quentes são para mim. Alguém está trazendo barras de chocolate.

Vou dormir por dias.

Pergunto-me que aconteceu. Estou morrendo por falar com Dancer. Mas terei que esperar.

Estou à deriva, a ponto de desfalecer de novo, quando de repente me irrita, golpeada por uma certeza que me enche o saco de todas as formas.

Já sei por que Ryodan deu esse olhar a Jo!

Porque eles estão em seu escritório agora mesmo, falando sobre mim! Conspirando, com Jô, totalmente preocupada comigo, porque quase morro.

E eles estão tentando imaginar o que fazer comigo, porque não sigo as regras e estive a ponto de me matar esta noite. Odeio quando os adultos têm estúpidas reuniões sobre mim! Eles sempre terminam lendo a cartilha e me entregando uma lista completa de novas regras que ninguém em são julgamento poderia obedecer, a maioria delas nem sequer lógicas ou inteligentes.

Como diabos eu deveria saber, que se tocasse uma coisa pequena, deixaria de congelar o quadro? Por que ele não me disse isso? Nunca teria feito!

Pensando em como não fui eu a que quase conseguiu me matar esta noite, realmente foi ele, começo a fumar por dentro e a esquentar com pura fúria. Arrasto-me debaixo do montão de mantas, pego a espada, tropeço para a porta e cambaleio no corredor. Olho de acima abaixo, mas não vejo ninguém. Porque todo mundo já está em seu escritório, me desrespeitando.

Deslizo pelo corredor, dando tombos de uma parede a outra, usando para estabilizar até chegar à porta, estampo minha mão onde sempre o vejo estampar a sua e a porta desliza, abrindo-se. Nem sequer espero a porta terminar de abrir, antes de começar a soprar minhas reclamações.

—Não é minha culpa que quase tenha morrido, amigo. É sua culpa, e assim é commmmooooOOHHHH Arg! —Sacudo a cabeça, horrorizada E... E... E...Horrorizada.

Minha boca pendura aberta, muda.

Ryodan olha sobre seu ombro para mim.

Jô está aí, mas não estão falando. Ela está dobrada sobre a mesa com a saia para cima. E ele está fazendo essa coisa que desejaria nunca ver que ele faz. Santo agente de viagens!

Eu, como, passei por um túnel do tempo ou algo assim? Quanto tempo levei para chegar até aqui? Os adultos não fazem outras coisas antes de chegar a este ponto? Como talvez abraçar, beijar, preparar por um momento? Movo-me rápido e tudo, mas, cara! Pensei que algumas coisas teriam que ser agradáveis, um pouco lentas, talvez dar a oportunidade de estar pronta para o que está acontecendo!



Jo ofega e fica vermelho brilhante. —OH! Dani! Sai daqui!

Estou vendo mais de Jo do que jamais quis.

Eles não estão falando sobre mim.

Eles nem sequer estão pensando a meu respeito.

Como se nem sequer estivesse jazendo a umas poucas portas pelo corredor, em meu leito de morte, com obviamente ninguém preocupando-se comigo para nada!

—É uma traidora! Dormindo com o inimigo! O que está errado com você? Isto é muito duro para meus olhos!

—Volta para cama, Dani, — diz Ryodan, me olhando estranho.

Odeio-o e a odeio e odeio esta estúpida porta retrátil.

Nem sequer posso batê-la ao sair.

Acordo me sentindo incrível. Normalmente acordo confusa e zangada.

Penso que talvez devesse quase morrer mais vezes. Não tenho nem ideia de por que me sinto tão bem, mas adoro, assim me estico, espremendo tudo o que consigo. Meus músculos estão totalmente lisos, felizes e relaxados, e não sinto nenhuma contusão em nenhum lugar, o que é impossível. Isto parece como um corpo completamente novo! Imagino que estou em algum estado antes de despertar que nunca estive, onde o cérebro ligou, mas o corpo segue adormecido. Sinto barras de chocolate na cama comigo, derretidas em meu ninho quente. Uma esmagada entre minha bochecha e o travesseiro, e outra grudada em meu traseiro. Desgrudo as duas, abro uma e como sem abrir os olhos, completamente feliz. Poderia me acostumar a isto. Sem dor pelos variados golpes e contusões, tomo o café da manhã na cama.

Então, lembro onde estou.

Chester's.

E o que vi antes de dormir.

Ryodan fazendo coisas sujas com Jo.

Em seu escritório.

Argh!

Tipo, Jamais vou poder olhar esse escritório outra vez! Como serei capaz de sentar em seu escritório agora?

Estou tão zangada que disparo de repente sobre a cama, engolindo a última metade da barra de chocolate tão rápido que obstrui minha garganta.

Começo a asfixiar, quando de repente um punho se choca contra minhas costas. Minha boca se abre e a metade de uma destrocada barra de chocolate vai dar na parede de cristal com um pegajoso splat! de chocolate. É muito bruto para mim tão cedo. Meu estômago levanta e trato de mantê-lo abaixo.

Sim, isto é mais tipo acordada. Toda fodida e confusa. Quando vivia na abadia, Ro me disse que possuía dores de crescimento, e que os super-heróis têm pior que o resto das pessoas. Ela disse que por isso é que precisava dormir tão forte e tão profundo e despertar tão lentamente,



porque meu corpo tem que fazer mais trabalho para me reparar a nível celular. Tem sentido cientificamente.

—Poderia ajudar, menina, — diz Lor detrás de mim, — se mastigasse mais de uma vez antes de engolir.

—Nunca mastigo mais de uma vez. Não seria capaz de comer o suficientemente rápido se fizesse. Teria que gastar todo o dia mastigando. Teria os músculos da mandíbula do tamanho dos bíceps do Popeye.

—É muito jovem para saber quem é Popeye.

Quando passa a maior parte da infância em uma jaula, na frente da televisão, sabe quem todos são. Posso cantar as canções de Green Acres⁵⁷ e de Gilligan's Island⁵⁸. Inclusive sei quem foi That Girl⁵⁹. Aprendi tudo no mundo por olhar televisão. Há muita psicologia aí dentro se prestar atenção, e eu era um público cativo. Ro dizia que consegui todo meu melodrama por crescer dessa maneira. Que penso que a gente deve ser maior que a vida, como nos programas. Homem, claro que sim! Mas não precisei que a TV me dissesse isso. A vida é uma eleição: pode viver em branco e preto, ou pode viver em cores. Eu tomarei cada tom do arco íris e os zilhões no meio! Levanto da cama, agarro a espada e me encaminho para a porta.

Lor está em minha frente, os braços cruzados sobre o peito. -O chefe não disse que podia ir.

—Eu não disse que seu chefe podia fazer sexo com Jo, — digo de uma maneira realmente calma, mas por dentro estou fervendo. Não sei por que me sinto tão traída. Por que me importa? São adultos. Os adultos nunca têm sentido. Jo nem sequer gosta dele. E sei que a ele, ela não importa uma merda.

—Querida, o chefe não pergunta a ninguém por quem foder.

—Bom, ele não vai fazer com Jo outra vez. Sai do meu caminho. Se mova-. Vou dizer a ela que não vou falar nunca mais se voltar a ter sexo com ele. Vou fazê-la escolher, e vai escolher a mim.

—Assim pode começar alguma merda?

—Sim-. Nem sequer tento negar. Estou pronta para golpear cabeças e não me vou sentir melhor até que faça alguém tão miserável quanto eu.

Ele me olha. Inclino a mandíbula para um ângulo mais crédulo, e posso dizer que ele está tentando não rir.

—O que? Pensa que sou divertida?- Estou muito cansada das pessoas sorrindo assim. Minha mão tocou o punho de minha espada. Fechou em sua mão. Todos eles são mais rápidos que eu. - Não sou divertida. Sou perigosa. Só espera e verá. Não cresci completamente ainda, mas quando fizer, vou golpear seu traseiro de uma ponta do Chester's até a outra. Espera e verá.

⁵⁷ Uma comédia americana estrelada por Eddie Albert e Eva Gabor como um casal que se desloca de Nova York para uma fazenda rural do país.

⁵⁸ A ilha dos birutas

⁵⁹ Série americanas dos anos 60.



Deixa ir a minha espada e se move de meu caminho, rindo. -Vai, menina. Levanta algum inferno. Esteve aborrecido por aqui ultimamente.

Em meu caminho até a porta, penso que possivelmente poderia gostar de Lor. Ele vive em cores, também.

Quando voo ao lado do escritório de Ryodan, penso que sinto uma brisa e giro realmente rápido, pronta para brigar se precisar, mas não há ninguém ali. Sacudo minha cabeça e salto pelas escadas, congelando o quadro aos flancos entre os degraus porque tenho tanta energia esta manhã, observando a pista de dança enquanto me movo. Está cheia e o lugar balança. Parece que, ou não dormi muito ou dormi o dia inteiro até a noite seguinte, porque aí está Jo, atendendo mesas no subclub para crianças, parecendo toda pernas longas e... minha mãe! Entrecebro os olhos sobre o corrimão para ela. Feliz. Ela está, tipo, brilhando! O que pensa? O que está vivendo, alguma espécie de conto de fadas? Não é. Estas fadas mutilam e matam, e o tipo com que está tendo sexo permite. Como pode brilhar por isso? Nem sequer havia romance nem nada. Somente... Deus! Nem sequer quero pensar nisso. Não posso rasgar essa lembrança de dentro de meu crânio suficientemente rápido!

Congelo o quadro através do clube, hiper-rápida, golpeando pessoas fora do caminho da direita e esquerda. Escutar os grunhidos ao redor me faz sentir melhor a respeito das coisas.

Quando paro a sua frente, parece sobressaltada e furiosa. A respeito de que demônios ela tem que estar irritada comigo?

Pega a última bebida da bandeja, apoia sobre um guardanapo em frente a um Rhino-boy e sustenta a bandeja contra o peito, os braços ao redor dela, como se fosse um escudo ou algo.

—Traidora.

—Dani, não faça isto. Não aqui. Não agora.

—Você fez isso lá em cima-, digo, apontando meus braços na direção do escritório de Ryodan. -Sem preocupar-se nem um pequeno segundo a respeito de mim aqui e agora. Todo o tempo que estive virtualmente morrendo, você estava tendo sexo duas portas abaixo, com o tipo do qual me salvou. De seu calabouço. Tipo, onde estava me mantendo prisioneira. Lembra?

—Não é assim.

—O que? Não estava no calabouço? Ou você não veio me resgatar? Não me diga que não estavam fazendo sexo. Vi o que vi.

—Não acreditei que ia machucar você, e não o fez. Não machucou nenhuma das duas.

—Tem-nos trabalhando aqui para ele, como cães! Está servindo Fae, e eu estou correndo por aí com sua maldita coleira! Alimenta às pessoas com Fae, Jo. Os mata!

—Ele não faz. Ele dirige um clube. Não é sua culpa se as pessoas querem morrer. O que se supõe que ele faça? Fale para que não façam? Comece um serviço de assessoramento no Chester's? Que espera dele, Dani?

A olho fixamente, com incredulidade. -Tem que estar me fodendo! Vai defender? Muito síndrome de Estocolmo, Jo?- ironizo.

Move-se a uma mesa vazia e começa a limpá-la, empilhando pratos sujos na bandeja. Fico mais furiosa que ela esteja limpando para estes monstros. Duplamente zangada por que parece



tão bem fazendo. Jo ficando mais linda. Não entendo. Ela antes estava completamente feliz usando jeans e uma regata e nada de maquiagem, só passando o momento com as garotas. Tínhamos festas em pijamas e olhávamos filmes. Agora é toda Jo super glamorosa. Odeio-o.

—Pensei que não sabia o que era isso.

—Pesquisei e, amiga, deixa mal. Esta deixando que foda você de todas as maneiras. Quanto pensa que vai durar? Pensa que vai te trazer flores? Pensa que vai estar, tipo, estável com o dono do Chester's?

Empilha uma pequena torre de copos na bandeja e me dá um olhar exasperado. -Podemos não fazer isto justo agora?

—Certo. Se me disser que nunca mais vai ter sexo com ele, irei. Justo agora. Fim da conversa.

Sua boca aperta. Enquanto limpa a mesa com um trapo úmido, levanta olhar para o escritório dele. Me enche o saco o quanto seu rosto suaviza quando levanta os olhos. A tensão se desvanece e parece como uma mulher apaixonada. Odeio isso. Odeio ele.

Olha-me.

—Não, Dani. Não prometerei. E fique afastada. Não é seu assunto. Estas são coisas de adultos entre adultos. — Gira e se dirige ao bar com a bandeja lotada. Na distância ouço os Fae dando ordens, tratando de chamar a atenção, mas não me importa. Eu quero sua atenção.

Congelo a imagem atrás dela rápido e forte, causando uma brisa malvada no subclub e quase golpeando a bandeja de sua mão. Ela tem que trabalhar duro para apanhá-la. Quase não consegue. Ryodan não é o único que fode às pessoas e às coisas.

—Não se afaste. Não terminei ainda.

—Sim, fez.

Vaio em seu ouvido, — Não entende? O tipo nunca vai te amar. Não está conectado dessa maneira. Ele está te usando e vai te desprezar, depois, será como uma peça de papel higiênica suja que ele já não deseja.

Respira e me dá um olhar sobre o ombro que malditamente me mata.

Afogo-me em um instantâneo ódio de mim mesma, por dizer o que acabo de dizer. E o ódio porque sei que é verdade. Jo nunca será capaz de manter o interesse de Ryodan. Ela é muito boa. Limpa e agradável por dentro. Não tem uma parte de malícia, engano ou sentimentos cruel, nada mau nela. Não é o suficientemente complicada para ele. Ele é assim de retorcido. Escolhi a pessoa equivocada para brigar. Deveria ter escolhido ele. Ele vai machucar a e eu nunca vou me perdoar. Assim, aqui estou, machucando-a primeiro. Amigo, muito estúpida?

— Pensa que não sei isso? — Se não estivéssemos no Chester's, estou muito segura de que a umidade em seus olhos começaria a deslizar pelas bochechas.

De repente, sou miserável por dizer algo sobre isso. Quero abraçá-la. Quero fugir. Não quero ferir Jo. Deveria ter mantido a boca fechada. Não posso manter a boca fechada. Os adultos são tão estranhos. Mas não entendo! —Então, por quê? Por que faria algo que sabe que vai terminar mal? Por que alguém faria algo que sabem que vai ferir?

—É muito jovem para falar sobre este tipo de coisas.



—Aw, vamos, Jo, sou eu. Nunca fui jovem. A vida não passou dessa maneira para mim. Conta-me.

—É complicado.

—Como se todo o resto não fosse. Diga.

Não diz nada, assim fico parada e espero. Um comprido silêncio normalmente faz que as pessoas falem algo.

Estende-se. Finalmente olha para outro lado, como se estivesse envergonhada e, tão suave que é quase como se estivesse falando consigo, não para mim, diz, — Cada manhã ele vem ao alto das escadas e olha abaixo, ao clube, e fica aí, tão grande, poderoso e gostoso e... — engole fortemente, como se a boca ficasse totalmente seca. — Sexy. Deus, tão incrivelmente sexy. — Seus olhos ficam com um estranho, intenso olhar, como se estivesse lembrando algo, faz um som suave e não diz nada por um segundo. — E é engraçado. Sabia que ele é engraçado? Deve saber. Passa muito tempo com ele.

Minhas mãos viram punhos. Certamente sei. Não sabia que ela sabia. O que é o que fazem? Fazem brincadeiras entre si, como Dancer e eu?

Sua expressão distante, vendo uma lembrança. — Cada manhã, quando o turno termina, assinala uma mulher na multidão e assente para ela. Sobe as escadas, e quando eventualmente aparece no clube, parece como... — Treme como a pele arrepiada. — E se pergunta que é o que fez para que ela pareça assim. Vê-a caminhando por aí, sorrindo, movendo-se diferente de como se movia antes que fosse com ele, e sabe que algo aconteceu lá encima que a fez sentir-se mais viva que nunca, que ela chegou a estar da maneira que espera estar com um homem, embora seja somente uma vez na vida. Um homem tem que ver as mulheres de uma certa maneira para que seja assim. Tentei não pensar nisso, mas não consegui. Jurei que se ele alguma vez me desse esse assentimento, não iria.

—Amiga, chamada para despertar. Já foi.

—Sei.

Ela está brilhando outra vez, como se tivesse ganho algum tipo de prêmio, em vez de ter sido escolhida por um psicopata de classe Para ser seu lubrificante descartável.

—Por que ele?- Não entendo e quero. Não quero sentir como se Jo fosse uma traidora. Perdi Mac. Não quero perder Jo, também. — Sabe como ele é!

—Não é um mau homem, Dani.

—Uma merda.

—Tudo não é branco e preto como quer que seja.

Algumas coisas são, e Ryodan é mais negro que negro. Ele é um dos tipos maus, ponto, fim do tema. Estou zangada. Ela precisa despertar e sentir o cheiro do café queimando, antes que toda a maldita cafeteira incendeie. —E quando vier a essas escadas amanhã e escolher alguém mais? — Digo. —É questão de tempo, Jo. Sabe que fará. Você estará aqui parada, toda sonhadora, como agora, e será a garçonete ao lado que ele escolherá e nunca subirá as escadas outra vez, porque um cara como esse não aperta o botão de replay. Quando termina, termina. Como se sentirá nesse momento?



Gira.

Sigo-a, agarro o cotovelo, faço-a parar. — Bem? O que pensa, Jo? Que é especial? Que será a que o mudará? Me dê uma maldita pausa! Pensa que ele e você vão escolher estampados chineses juntos? Registrar pratos e talheres?

Inala como se se esquecesse de respirar, quando recordou não podia respirar suficientemente rápido. — Sei o que estou fazendo, Dani.

— Bem, então me pode explicar isso. Porque é certo que parece com cada sombra de estupidez de onde estou parada!

Ela esta distante outra vez, falando suavemente, como se eu nem estivesse aqui. Inclusive com meu super ouvido, me inclino para escutá-la.

— Há homens com que constrói um futuro, Dani. E depois, homens que sabe, se envolvendo, que esta somente fazendo uma lembrança. Sei a diferença.

Não parece assim para mim.

— Algumas memórias valem o preço. Lidarei com isso.

Mas não fará. Sei que não. Conheço Jo. Ela é brilhante e boa, e tem o coração de uma guerreira, mas não tem gelo e lâminas de barbear dentro de onde se supõe que está sua alma. Ela ama. E não sabe como pegar de volta quando precisa, porque há vezes, tão seguro como a merda que tem que fazer. Tem que agarrar com as mãos e colocar de volta, antes que alguém o transforme em facas e o use para te cortar em pedaços. Ela não será capaz de lutar com isso nada bem. E terei que limpar a confusão que ele fez, e matá-lo. Para. — É muito estúpida para viver e não vou falar mais. Precisa tirar da cabeça⁶⁰.

— Precisa parar de julgar a todos.

— Não sabe uma merda sobre mim. E prefiro julgar às pessoas, antes de ser uma maricas que não pode decidir nada sobre as pessoas ou coisas, e fica absorvida em toda classe de merdas estúpidas.

— Dani, por favor, não.

— Meus ouvidos estão cheios. Não posso escutar nada mais! — Giro e começo a congelar o quadro. Não sei o que me faz levantar o olhar. O tipo de sensação de elasticidade, como se estivesse fundida em minhas tripas, e como se algo acima das escadas estivesse atirando do lado oposto.

Ryodan está parado acima das escadas, me olhando. E penso no que Jo disse a respeito dele sendo poderoso e lindo.

Travamos olhares.

A minha diz, "Não a escolha mais. Deixe-a em paz."

A dele diz algo que não entendo. Depois, faz essa coisa de tremor ocular sobre mim e entendo um claro: "Vai para casa, pequena."

Ele olha atrás de mim, para Jo.

E assente.

⁶⁰ Se refere a tirar a cabeça de seu traseiro.



Capítulo 17

“Estas garotas caem como fichas de dominó”⁶¹

Você e eu, não somos tão diferentes, diz Cruce enquanto se move dentro de mim. Ambos nascemos para liderar.

Trato desesperadamente de despertar. Estou no Sonho e ele me tem em suas asas. Ele esteve ali no momento em que dormi, esperando ao final de um caminho de mármore branco em um jardim de deliciosas rosas de cor sangue. Recosta-me sobre elas, esmagando as pétalas de veludo. Preparo-me para os espinhos.

Não deve lamentá-lo, Kat. O sol não faz quando se levanta.

Ele entra profundo, me enchendo completamente, fazendo que cada terminação nervosa de meu corpo vibre com êxtase erótico. Arqueou as costas e sussurrou de prazer.

Governaremos o mundo e eles nos amarão. Salvaremos.

—Sonhando comigo, minha doce Kat?

Como uma bola de neve caída⁶², meu mundo de sonho se rompe e lembro por que pedi a Sean que passasse a noite comigo na abadia. Por que o fiz entrar em minha habitação pela parte traseira. Para me salvar de Cruce. Para me manter conectada ao mundo que conheço e amo.

Rolo nos braços de Sean e me pressiono contra ele, tremendo com um medo que finjo é desejo. Fazemos o amor rápido, forte e duro. Nunca sabe que estou tratando de apagar a alguém mais.

Alguém que faz que acabe com mais força. Melhor. Mais.

Sean, meu amor, meu amigo da infância, meu amor adolescente, meu companheiro da alma. Nunca conheci a vida sem ele. Compartilhamos o cercado e fomos a nosso primeiro dia de escola juntos. Pegamos sarampo na mesma semana, passamos nossa primeira gripe amontoados sob as mesmas mantas frente à televisão. Tivemos acne e nos desfizemos dela. Ele estava ali à noite em que tive meu primeiro período, e eu estava ali o dia em que sua voz começou a mudar. Sabemos tudo um do outro. Nossa história é rica e extensa. Amo seus olhos escuros, seu cabelo negro e sua clara pele irlandesa. Amo a forma como usa um suéter de pescador⁶³ com jeans gastos e sempre tem um sorriso rápido. Amo quão fortes são seus braços depois de anos de puxar as redes de pesca e a forma como move seu corpo de longos membros, como luz quando está perdido em um bom livro, a forma como se sente quando se move dentro de mim.

—Está bem, carinho? —Aparta a bagunça de cabelo de meu rosto.

Apoio minha cabeça em seu peito e ouço o batimento de seu coração, sólido e seguro. Às vezes acredito que ele tem um certo toque de meu dom sidhe-seer, porque me lê tão bem. Ele soube de minha empatia emocional desde que éramos crianças. Nada de mim o incomoda, um

⁶¹ “These girls fall like dominoes”: canção de Nicki Minaj. http://www.youtube.com/watch?v=Q_-GiF77St0

⁶² Esferas cheias de água com efeito de neve dentro.

⁶³ Suéter tipicamente irlandês, geralmente de cor branca e com desenhos de oitos na malha.



estranho dom naqueles que entendem completamente o que faço. Poucos podem mentir para mim. Percebo seus conflitos internos, a menos que não sintam culpa nem escrúpulos ante nada, e tive a sorte de encontrar só com um punhado desses em minha vida... ultimamente, todos eles em ou perto d Chester's. Não sei a verdade, só que há uma mentira. Preciso um homem extremamente honesto para que me ame. Esse é meu Sean. Aprendemos a confiar no outro completamente antes de ter a idade suficiente para ter aprendido a suspeitar.

—O que há se não posso fazê-lo? —Digo. Não entro em detalhes. Com Sean não são necessárias muitas palavras. Terminamos as frases do outro desde que fomos jovens. Fomos virgens quando fizemos amor pela primeira vez. Nunca houve ninguém mais para nenhum dos dois.

Agora tenho um amante invisível que viola tudo o que aprecio. Fazendo que deseje a ele e não a meu Sean.

Ri.

—Kat, carinho, pode fazer qualquer coisa.

Meu coração se sente como uma pedra em meu peito. Ardo de vergonha e engano. Fiz amor em meus sonhos com delicioso detalhe de outro homem e o tenho feito todas as noites durante uma semana. Tomei-o em minha boca, o senti na entrada de meu útero, lugares que eram só de Sean.

—Mas, o que acontece se não posso? O que acontece se cometo enganos que custem vidas?

Ele roda sobre seu flanco e me atrai para ele, acoplando-se como uma colher. Pressiono contra ele. Encaixamos perfeitamente. Como se estivéssemos esculpidos na mesma peça de madeira, procedente da mesma árvore.

—Silêncio, minha doce Kat. Estou aqui. Sempre estarei. Juntos podemos fazer o que for. Sabe. Recorda nossos votos.

Puxo seus braços com mais força ao redor de mim. Fomos jovens, tão jovens. Tudo era simples então. Tínhamos quinze anos, éramos delirantes e loucamente apaixonados, encantados com nossos corpos em desenvolvimento, crescendo juntos ao unísono. Escapamos ao Paradise Point junto ao farol, vestidos como se fora nosso dia de bodas e tomamos mutuamente os votos. Vínhamos de famílias desestruturadas, famílias temperamentais, e aprendemos só de vê-los. Muita paixão queima. A ternura se funde. Sabíamos o que nos levou a ficar juntos. Não era nada excepcional. Sentido comum, de fato.

Se você se debilitar, eu serei forte. Se você se perder, eu serei seu caminho a casa. Se desesperar, trarei alegria. Amarei até o fim dos tempos.

—Amo você, Sean O'Bannion. Nunca me abandone.

—Cavalos selvagens, Kat. Não poderiam me afastar nem um centímetro. Você é a única para mim. Sempre. —Há um sorriso em sua voz.

Fazemos amor uma vez mais, e esta vez, quando as asas escuras tratam de me escurecer, fracassam. Não há ninguém mais na cama comigo, só meu Sean.



Observo-o vestir-se enquanto o amanhecer pinta retângulos brancos ao redor das pesadas cortinas. Tenho alunas jovens na abadia e não estamos casados. Tínhamos começado a fazer planos para nos casar antes que os muros caíssem, mas nossas famílias interferiram. Os O'Bannions tentaram detê-lo. Quando se deram conta de que Sean não faria conta, tentaram fazer cargo e convertê-lo no espetáculo da década.

Um O'Bannion se casa com uma McLaughlin!

Teria sido um grande passo para minha família. Fomos criminosos de pouca importância. Sua família controlava quase todo o submundo da máfia do Dublin. Eu cresci com Sean porque minha mãe era sua babá.

Lutamos duramente contra nossos pais durante meses antes de que os muros caíssem e trilhões morreram.

Incluindo nossas famílias. Onde mais estariam a não ser nos distúrbios, observando o caos, tentando tirar proveito da anarquia?

Não posso fingir que lamento suas mortes, e não me sentirei envergonhada de admitir que não é assim. As únicas mortes que lamento é de meus dois meio irmãos que sobreviveram à queda, só para serem assassinados por Sombras. Rowena não nos ensinou a comer carne Unseelie a tempo para que pudesse salvá-los. Meus pais e outros irmãos eram corruptos até a medula. Às vezes as pessoas nascem na família equivocada. Sean e eu demos as costas faz anos. Mas nossas famílias nunca deixaram de nos pressionar e nunca aceitaram deixarem-nos ir. Estava acostumada a me preocupar tanto pelo que fariam a Sean, como poderiam tentar obrigá-lo a entrar nos negócios da família, mas agora essas preocupações são coisa do passado.

É hoje e somos livres!

Logo que consigamos um momento de tranquilidade, e um sacerdote, planejamos nos casar. Algumas das garotas esperam que celebremos uma preciosa cerimônia aqui na abadia. Umas bodas em tempos como estes pode ser algo inspirador, mas não converterei minhas bodas em algo para outros. É entre Sean, Deus e eu.

Quando ele sustenta meu rosto entre suas mãos e me beija, sinto seu coração, tanto com meu peito como com meu dom. Ele é feliz. É tudo o que necessito.

Pergunta-me se o receberei de novo esta noite e sorrio e o beijo.

—Sim, e todas as noites depois desta e sabe muito bem. Se está pescando elogios, meu querido Sean, tenho milhares para você.

Mas quando se vai, minha risada morre e olho a cama.

Deveria dizer o que está acontecendo. Desejaria isso dele. Lutaria por ele na noite contra meu inimigo invisível. Permaneceríamos unidos como um.

Conheceria todos os segredos de sua atormentadora súcubo, para derrotá-la melhor.

Mas não posso. Simplesmente não posso. Aconteceu antes que pudesse detê-lo na primeira vez. Tive um conhecimento carnal e íntimo de outro homem. Senti coisas com Cruce que nunca senti com Sean. E odeio a mim mesma e não posso dizer. Simplesmente não posso.



Assim estou caminhando a casa como uma pessoa qualquer em câmara lenta, zangada, mas tendo problemas para me concentrar em estar zangada porque meu corpo se sente muito bem. Minha mente está mal-humorada, mas meu corpo está dizendo: "Hey, amiga, vamos *jogar!*".

Chuto uma lata pelo beco e a envio voando dentro de uma parede, e sim quero dizer dentro dela. Esmaga-se e fica incrustada entre os tijolos, e rio. Algum dia alguém vai ver e dirá: "amigo, o que aconteceu aqui?". Deixo pistas sobre mim por toda a cidade, inclinando esculturas e luzes quebradas até formar D's retorcidos que significam Dani, Amiga e Perigosa⁶⁴, deixando meu cartão de apresentação para que as pessoas vejam. É meu Bat sinal, fazendo saber ao mundo que há alguém aí fora, vigiando, preocupando-se.

Tenho todo um dia pela frente e quase não posso acreditar! Sente-se como nos velhos tempos. Penso o que fazer comigo mesma. Tão estúpido como soa, resisto a trabalhar no mistério do gelo durante o dia porque Ryodan está tomando uma grande parte de meu tempo cada noite. Mas não posso me dar o luxo de ser estúpida quando a vida das pessoas está em jogo. Seguro seria genial se pudesse usar o supercérebro do Dancer nisto!

O problema é que também deveria ir à abadia para checar a situação. Passou um tempo desde que estive ali e as sidhe-sheep podem meter-se em problemas mais rápido do que eu demoro para mexer o traseiro e dizer baa. Tenho uma sensação preocupante sobre elas que não consegui me livrar.

Logo está o Inspetor Jayne. Estou bastante segura de que estou atrasada para uma sessão de limpeza.

Perambulo por Temple Bar, tomando meu tempo, absorvendo minha cidade, tentando decidir como priorizar meu dia. De certa forma estou me deleitando com o simples feito de que, para variar, a escolha é minha! Estava acostumado a amar esta parte da cidade antes que os muros caíssem, tantas coisas geniais aconteciam aqui cada noite com os turistas e os pubs e Faes novos aos quais espiar e matar. Descobri como era viver nestas ruas depois que mamãe morreria. Sem colar, sem jaula. Só uma velha bruxa louca a quem aprendi a manter um pouco assustada de mim todo o tempo.

Logo chegou Mac e as ruas ficaram ainda mais geniais. Não há nada como ter uma companheira super-heroína com quem andar por aí. Especialmente uma que era parte irmã, parte mãe e inteiramente minha melhor amiga.

Agora, como o resto de minha cidade, Temple Bar é um desastre. Automóveis abandonados, amassados e despojados, estão subidos às calçadas, abrindo um estreito corredor no meio da rua para circular. Há vidros quebrados por toda parte procedentes de janelas e luzes quebradas; logo que pode dar um passo sem que ranja. Jornais, lixo e cascas do que estava acostumado a serem pessoas voam pelas ruas. Em um dia cinza e chuvoso pode luzir realmente sombrio, se não sobrepuser um futuro brilhante. A mamãe do Mac está à frente de uma espécie de Programa de Reflorestamento, e ouço que seu papai está trabalhando em um Programa de Limpeza, assim

⁶⁴ Em inglês "Dani, Dude and Dangerous".



como ser mediador de conflitos e essas coisas, e um dia Dublin voltará a estar cheio de vida e de craic⁶⁵ uma vez mais.

Passeio frente à fachada vermelho brilhante do Temple Bar do distrito e o sinto antes sequer de virar a esquina. Detenho-me instantaneamente.

É como uma brisa soprando para mim de uma geleira.

Considero não virar a esquina. Não investiguei nenhuma destas cenas sozinha. Poderia empurrar Ryodan para aqui de noite e fingir que acabamos de encontrá-la. Não é que haja grandes mudanças entre a fase "recentemente congelado" e "congelado por uns dias." Além disso, se virar a esquina e encontro meninos mortos, arruinará meu dia completamente.

Minha experiência próxima à morte está fresca em minha mente. Se tivesse sozinha na igreja ontem à noite... Esse é um pensamento estranho. Não posso me imaginar morta. Olho a meu redor e para cima. Segundo o que posso ver, estou sozinha. Christian não pode estar me espiando todo o tempo. Assim, como que, se for, ninguém saberá que não sou sempre uma super-heroína. Se ficar e algo mau me acontece, bom, meu coração poderia parar, e não ter ninguém por aqui para me salvar.

—Gaah! Relaxe! —Acabo de desgostar comigo mesma. Nunca me retiro e não necessito reforços. Nunca fiz. Um super-herói não é algo ao que pode jogar em ocasiões... é algo que é. O tempo completo, todo o tempo, todos os dias.

Empurro meu casaco comprido para trás, desfrutando do som de couro que faz, tiro minha espada e viro a esquina, pronta para a ação. Minha espada se cristaliza até ficar branca e meus dedos endurecem com um frio instantâneo.

Em meio da rua há um desses automóveis de luxo que Mac gosta tanto, totalmente congelado, brilhante como um diamante sob a luz do sol. Um braço congelado aparece pela janela aberta do lado do condutor. Um tipo está pendurando com o corpo meio fora do lado do passageiro, como se tivesse tentado sair ou algo assim, a boca aberta em um grito, os olhos fechados, o punho no ar como se estivesse tratando de lutar contra algo. Não há meninos. Isso é um alívio. Parece que só há duas baixas esta vez. Esse é outro alívio.

Estudo, absorvendo os detalhes.

Esta cena não está tão fria. É brutal sim, mas nada comparado com a igreja ou o sub clube do Chester's. Mais como a cena do tanque. Imagino que ao estar fora, as vinhetas congeladas se esquentam mais rápido. Pão comido!

Pausa profundamente um par de vezes, fixando tudo em meu quadriculado, me preparando para congelar o quadro.

Justo quando deixo quase perfeita, exatamente quando tenho quase tudo posto em seu preciso lugar e estou me preparando para trocar as velocidades com facilidade, pessoas começam a gritar detrás de mim e armas começam a disparar.

As balas podem me ferir. Não sou tão super-heroína. Isto me assusta e faz que me lance a congelar o quadro antes do esperado. Isso é ainda mais perigoso que avançar com a cabeça por diante!

⁶⁵ Uma expressão irlandesa que se refere, entre outras coisas, à diversão.



Estalo em forma selvagem, e tento controlar a mim mesma, mas é difícil fazê-lo uma vez que estou me movendo tão rápido. Giro vertiginosamente como demônio da Tasmânia bêbado e me estrelo contra o lateral do automóvel congelado.

Isso me tira do quadro congelado, mas não me toma tão de surpresa esta vez ou o frio não é tão mortal como foi na igreja, ou um pouco de ambas as coisas, porque acerto para me lançar de novo a congelar o quadro tão rapidamente como caí. Entretanto, não posso controlar meus pés, porque não comecei bem, e uma vez mais me choco contra o automóvel e esta vez as pessoas dentro explodem como granadas pulverizando milhões de lascas de gelo e resulto metralhada orvalhada rosa congelada.

Lascas de gelo duras como o diamante atravessam cada centímetro de minha pele exposta. Uma grossa adaga de gelo tão grande como um cão quente perfura meu jeans e se afunda em minha coxa, e outra empala meu ombro.

Uma vez mais sou tirada do quadro congelado e me ponho de pé de novo, e quando o faço, as lascas de gelo entram mais profundamente em meu corpo pela pressão da rapidez com a qual me movo e dói tanto que caio instantaneamente sem pensar. Reflexiva, somente tentando deter a dor.

Começo a me congelar até a morte.

Impulsiono-me para cima de novo.

Ouch! Merda, Merda, Merda, *dói!*

Abaixo, morrerei.

Acima, só desejo fazer.

Permaneço no quadro congelado, volto a tropeçar com o estúpido automóvel, ricocheteio, vou a toda velocidade para outro automóvel, e dou tudo o que tenho em um violento esforço por sair da zona fria. Não posso sentir minhas mãos. Não posso sentir meus pés. Merda, não posso acreditar que fiz isto! Quem estava gritando e por que estavam disparando?

Empurro, empurro, empurro com todas minhas forças!

Derrubo-me de barriga para baixo na rua. Adagas de gelo remoem profundamente. Mas não me importa. Estou fora. Tornei a virar a esquina onde se está o suficientemente quente para viver. Consegui. Ao menos as centenas de lascas que tenho cravados agora se derreterão. Possivelmente já começaram ou estou sangrando muito, porque algo quente e úmido corre por toda minha pele.

Estou fora de perigo de morte iminente. Não congelarei até morrer. Agora só tenho que me preocupar em sangrar.

Custa três tentativas me arrumar isso para rodar sobre minhas costas, e quando consigo, estou ofegando pior do que faço quando congelo o quadro por uma hora, e estou tremendo como uma folha. Há sangue em meus olhos. Tento piscar para apartá-la. Amigo, isso foi um grande desastre! Que vergonha! Alegro-me de que ninguém tenha visto!

Avalio minha situação sem me mover. Estou severamente cortada. Minha pele arde onde posso senti-la. As maiores ameaças a minha sobrevivência são os orifícios da coxa e do ombro, ou que serão buracos quando o gelo termine de derreter. Precisarei enfaixá-los rápido. O problema é



que não posso sentir minhas mãos. Fecho os olhos, tentando me concentrar em mover os dedos. Não ocorre nada.

—Ah, Dani.

Levanto a vista para ver o Inspetor Jayne inclinado sobre mim. Nunca me alegrei tanto de vê-lo em toda minha vida.

—Agora sim o tem feito, verdade?

—B-b-barra de c-c-chocolate — Me acerto para balbuciar.

Ele sorri, mas o sorriso não alcança seus olhos.

—Em m-m-m-i b-bol... — Minha voz desvanece. Nem sequer tenho energia para dizer bolso. Dou um olhar ofegante e faminto e sei que ele compreende.

Ele olha além de mim. Dou-me conta de que estou rodeada de Guardiões. Bem, podem me levar ao Chester's e ajudar a me curar!

—Tem-na? —diz Jayne.

—Tenho-a, Capitão.

Congelo-me em uma forma que não tem nada que ver com automóveis ou pessoas congeladas. Intento me pôr de pé, mas só tenho o êxito de me agitar sobre o pavimento como um peixe parado na praia.

—N-n-não se atreva...

—Passaram seis dias, Dani.

Seis dias? Quanto tempo dormi no Chester's?

—Deveria ter vindo. Se tivesse mantido sua palavra, poderia ter tentado suportar. Mas não vou permitir que o destino de nossa cidade descansa em mãos caprichosas. Agora a espada é nossa, pelo bem de Dublin. Tiramos muitos mais deles das ruas que você. Com o tempo entenderá que sempre devia ter sido assim.

—T-t-você...

—Não tente recuperá-la. Sua primeira advertência é a última. Não a tratarei como uma menina se o fizer.

—T-t-te m-matarei! —Explodo. Ainda não posso sentir minhas mãos ou meus pés, mas sinto minha cabeça. Está a ponto de explodir. Não tem direito. É *minha* espada!

—Não declare uma guerra, Dani. Não ganhará.

Intento dizer que é melhor que me mate aqui mesmo porque não há maneira de que possam manter minha espada longe de mim. Recuperarei no segundo em que volte a me pôr de pé. Não há lugar na Terra, merda, não há nenhum lugar em todo o céu ou o inferno onde eles estarão a salvo de mim outra vez! Mas estou muito aturdida para falar. Enjoada. Minha visão está ficando estranha.

—Está sangrando terrivelmente, capitão. Viverá?

—É dura — diz Jayne.

—Possivelmente deveríamos fazer algo.

—Não podemos ajudá-la, nem sequer um pouco, ou ela será capaz de recuperá-la.



Caio sobre o pavimento, incapaz de fazer algo para detê-los. Estou vulnerável, completamente a sua mercê.

E ele não tem misericórdia alguma.

Não terei nenhuma por ele quando chegar o momento.

Vai deixar-me aqui, para viver ou morrer por minha conta. Nunca o perdorei. Nunca esquecerei.

Partem. De qualquer jeito me deixam no meio de uma rua suja como um cão atropelado por um automóvel, sangrando, indefesa e sozinha. Morta se outro veículo aparecer. Recordarei isso também, quando o encontrar. Amigo, ao menos poderia me ter transladado à calçada, fazer embolar uma camisa ou algo para pôr de travesseiro debaixo de minha cabeça.

Algo muito mau acontece nesse momento. Pior ainda que tudo o que me aconteceu nos últimos dias.

Sinto-me enjoada e estranha, e de repente é como se estivesse fora do meu corpo, me olhando. Mas a eu atirada na rua tem cabelo comprido e loiro, e está olhando a eu ruiva com lágrimas nos olhos e dizendo que ainda não pode morrer porque tem pessoas para proteger. Ela tem uma irmã chamada Mac em seu lar na Geórgia, e acaba de deixar uma mensagem, e se morrer, Mac deverá caçar seu assassino porque é teimosa e idealista, e também morrerá. Mas não pareço ser capaz de sentir nada sobre o que está acontecendo, e nada disto parece real, assim que me afasto como Jayne fez.

Meu estômago se agita e vomito até as tripas no meio da rua. Nem sequer posso ficar de joelhos para fazê-lo. Deitada de costas, sujo-me toda. Não a eu loira que é o fantasma da Alina, mas a verdadeira, a Dani ruiva que realmente jaz na rua pensando se esta vez morrerá. E se houver algo úmido em meu rosto que não seja sangue ou vômit... Nah. Não é.

Eventualmente volto a sentir as mãos e os pés. Suponho que descongelaram. Procuro uma barra de chocolate. Faço-me um novelo na rua, como cada barra de chocolate que tenho e planejo minha vingança.

Não declare uma guerra, disse ele, e não farei.

Não preciso.

Ele já o fez.

Capítulo 18

*"Eu posso ser seu herói, baby"*⁶⁶

A encontro tropeçando pelas ruas, sangrando. Se não fosse por todo esse cabelo, talvez não a reconhecesse. Está coberta de sangue, sobre a roupa, emaranhando os cachos, seco no rosto. O

⁶⁶ Parte da canção *Heroe* de Enrique Iglesias. <http://www.youtube.com/watch?v=koJlIGDlmiU>



casaco comprido está rasgado e pendurado em farrapos nos ombros. Parece que passou por uma cortadora.

Não vejo a espada em nenhuma parte. Olho ao redor, não há nada brilhante na rua à exceção dela.

Rujo e ela põe os braços ao redor da cabeça e cai de joelhos, e lembro quanto ruído sou capaz de fazer e me chuto. Ensurdeci uma mulher humana com quem tive sexo recentemente. Também quebrei seu braço. Não foi minha intenção. Não posso me acostumar ao que está acontecendo. Tente viver toda sua vida de uma maneira, depois mude abruptamente. Não é fácil recordar o que é cada maldito segundo.

Exceto enfurecer. Disso, estou consciente todo o tempo. Nunca diminui, nunca para. Os momentos de bloqueio onde perco partes de tempo estão mais frequentes, e duram mais tempo.

Ela se derruba na rua. Lanço-me do teto, aterrisso sobre meus pés, e a seguro em meus braços. Onde estava quando ela precisava? Fodendo outra mulher sem rosto. Tratando de acalmar a constante luxúria.

Ela é muito leve contra meu peito.

Não me surpreende sentir que estou tremendo. Estou tocando minha deusa.

—OH, moça, o que fez agora? —Afasto o cabelo de seu rosto. Há tanto sangue que não posso ver o que está causando. Como pode caminhar? Põe-me louco que esteja nesta cidade, sem um guardião ou um consorte, sempre entrando em problemas. Quero tranca-la em algum lugar onde possa mantê-la a salvo para sempre. Algum lugar branco, brilhante e belo, onde nada de mau nunca aconteça.

Seu cérebro tem mais músculos que o corpo, e menos senso comum. a paixão pela vida empurra os membros além do que deveriam ir. Vai queimar até converter-se em cinzas se não encontrar alguém ou algo que a leve a zero e a recarregue. Precisa cair com tanta força como vive, ou morrerá jovem. Não posso suportar o pensamento de que morra. Se soubesse como, a converteria em Fae para que nunca morresse. Não importa que eu odeie sê-lo, ou que ela também odiasse. A imortalidade é a imortalidade.

Corro com ela, me movendo gentilmente. Levo-a onde a imaginei mil vezes, mas sabia que não podia levá-la. Ainda sei. Vou de todas maneiras.

Só uma vez mais antes que me converta no vilão deste lugar, antes que me transforme no quarto e último príncipe Unseelie, quero ser seu Highlander. E seu herói.

Ela lembrará, quando não sobrar nada de mim que valha a pena recordar.

Não posso esperar crescer o suficiente para deixar de ter dores de crescimento de super-herói. Despertar confusa e zangada todo o tempo fede. O cabelo está em meu rosto e incomoda tanto, que por um segundo estou a ponto de arrancar o couro cabeludo, tentando tirá-lo dos olhos, e está emaranhado, então meu bracelete enrosca nele e há algo range...

—Ew — Digo com irritação, logo alguém mais tem suas mãos em meu cabelo, tratando de desenredar gentilmente meu pulso do cabelo.

Quem? O que? Onde?



Sempre estou fazendo revisões mentais quando acordo, tentando recordar o que aconteceu antes de dormir, para poder conectar onde estou e como cheguei aqui. A primeira vez que fugi da abadia (cara, um milhão de vezes maior que minha jaula com mamãe!), constantemente ficava inconsciente, porque não podia superar o quanto longe e rápido era capaz de correr, e o enjoo me transformava em um acidente de trem em quadro congelado. Nunca estou muito segura quando acordo, se fui dormir ou se só sumi na inconsciência uma vez mais. Depois, esse maldito Ryodan também me nocauteia, e agora tenho que adicionar isso a minhas preocupações quando acordo.

As lembranças golpeiam minha cabeça. Zango-me tanto que arranco o bracelete de minha cabeça com um montão de cabelo, e procuro freneticamente minha espada, mesmo sabendo que não está em meu quadril ou em outro lugar.

Um homem amaldiçoa. Meus tímpanos vibram dolorosamente e sinto como se minha cabeça pudesse explodir.

Abro os olhos.

—Christian, baixa o volume! —Afasto o cabelo do rosto e levanto o olhar. Estou deitada em uma cama e ele está sentado junto a mim, me olhando. Algo é diferente. Não parece tão arrepiante. Retiro o que disse. Sim, parece, mas, ou estou melhorando em ler suas expressões, ou ele está melhorando ao fazê-las, porque há uma parte de remorso nos olhos iridescentes. Cara. Os olhos agora são completamente Fae! Não eram a última vez que vi.

—Sinto muito, moça. Mas quase liberei o bracelete. Arrancou um pouco de cabelo. Devia ter esperado um segundo mais. —Ele pega a mecha de cabelo que arranquei da raiz e alisa entre os dedos. Os cachos se formam instantaneamente. — Teimosos como a cabeça em que saíram — murmura. Então, faz a coisa mais estranha. Põe no bolso. Possivelmente o cara coleciona cabelo. Tenho maiores preocupações na cabeça.

—Ele levou minha espada! O maldito roubou minha espada! —Não posso acreditar. Não tenho maneira de matar meus inimigos. Poderia caçá-los todo o dia... e fazer absolutamente nada quando os apanhar. Fico tão louca que não posso suportar. Tento me levantar da cama, mas minhas pernas não estão cem por cento.

—Quem levou sua espada?

—O Inspetor Jayne. Vou matá-lo.

—ELE FEZ ISTO?

Tenho uma enxaqueca instantânea, caio para trás, cubro minha cabeça com os braços e me coloco debaixo dos travesseiros.

Ele suspira tão alto que ainda posso ouvi-lo, inclusive com meus ouvidos cobertos.

—Sinto muito, moça. O fez?

Não vou tirar as mãos dos ouvidos. Penso em dizer que sim para que vá atrás de Jayne por mim, mas não gosto de mentir a menos que a recompensa seja enorme. As mentiras são como bichinhos brincalhões, multiplicam-se como coelhos e saltam e saltam como loucas e logo tem que tentar contê-las.

—Eu mesma me cortei, mas foi sua culpa. Pegou-me de surpresa e congelei o quadro muito rápido. —Falando de cortes, não me sinto tão mal como me sentia, e parece que já não sangro.



—Quer ajuda para matá-lo?

Soa um pouco muito ansioso. Ansioso como um maníaco homicida.

—Não preciso de nenhuma fedida ajuda — Digo zangada. Meus tímpanos doem. — Não quero dizer que sua ajuda fede ou algo. Sua ajuda é completamente genial. Simplesmente quero fazer sozinha.

—Sairia daí abaixo, moça?

—Poderia, tipo, nunca mais gritar? Está-me matando. Tenho super audição. —Indico a cabeça. — Onde estou? —Estou em uma nuvem de travesseiros de pluma e edredons, em uma cama alta, no canto de uma peça enorme.

—Minha casa.

Olho ao redor. Um ótimo lugar. Refugiou-se em um armazém industrial remodelado, um desses com uma sala de estar gigante sem paredes, somente aquelas que você cria com os móveis e outras coisas. Há um montão de tijolos e pisos de madeira e dutos de aquecimento expostos, toneladas de luz derramando-se das janelas altas, e uma enorme televisão de tela plana 3D em frente a um enorme sofá de aspecto cômodo. Há uma mesa de bilhar, algumas velhas máquinas de jogos e um bar genial, uma cozinha com acessórios de aço inoxidável, e não há prateleiras ou instrumentos de tortura à vista. É o tipo de lugar pelo qual um universitário morreria... pena que ele já não é, mas ouça, todos temos coisas que precisamos fingir. Não existem coleções de facas ameaçadoras. Não há vermelho nem negro, suas cores favoritas. O lugar não é para nada o de um príncipe Unseelie.

Um raio de luz rosada brilha sobre mim e levanto o olhar. A cama está debaixo de uma claraboia, o sol está se pondo e tem uma dessas estranhas e novas tonalidades Fae, um brilhante laranja rosado. Poderia me esparramar nesta cama e olhar as estrelas na noite. Eu gosto de estar metida no canto, com paredes nas costas e à direita, deixando dois lados para defender. Parece cômodo. Faz-me pensar em rearranjar alguns de meus quartos.

Sou fascinada pela maneira como outras pessoa vivem, e amo olhar casas de outras pessoas.

—Aw, homem, se alguma vez for embora, me mudarei aqui!

—Você gosta, moça? —diz, e sua voz soa estranha. Grossa e estranha.

O olho e me agito.

—Tenho alguma coisa no meu rosto? —Está me olhando com força, intensamente, e não parece como se pertencesse a este lugar de tijolo e madeira iluminado pelo sol. Pertence a algum lugar na escuridão, com navalhas, a ponto de fazer algo realmente desagradável.

—Não. Seu rosto é adorável, moça. A luz do entardecer fica bem em você — Ele estica uma mão para meu rosto e fico realmente quieta.

—Cara, está me assustando.

Ele me olha, mas é como se não estivesse me vendo, então sento, com sua mão a dois centímetros de meu rosto e olho pensando em animais selvagens. Sobre como eles atacam se cheirarem o medo, não que sintam, mas quando está olhando um príncipe Unseelie, mesmo que sabe que começou como humano, é difícil prever o que acontecerá depois. Este não é um



cenário que posso fixar no meu quadro mental e atravessar congelando o quadro. Este curso de obstáculos tem muitas variáveis desconhecidas.

Ele deixa cair à mão sem me tocar, levanta-se da cama e vai para a cozinha. Apoia os punhos na ilha e se inclina com as costas para mim. Está maior que quando o vi pela primeira vez em minha torre de água. A parte traseira da camisa está manchada de sangue e a coluna pressiona de uma maneira estranha e nodosa contra ela. É horripilante.

Deslizo para a saída da cama, pensando que andarei passando por aí, quando me dou conta de que não tenho roupa suficiente para levantar. Estou de sutiã e calcinha. Volto a afundar e levanto os joelhos. Não que queira atrair atenção a esse fato, mas olhar ao redor não produz resultados.

—Onde está minha roupa?

—Destruída.

Ele me despiu! Também deve ter me lavado, porque não estou coberta com sangue. Sagrado arame elétrico! Um Fae Unseelie morte-por-sexo que está tendo todo tipo de problemas de temperamento me despiu e me limpou.

—Tem uma outra roupa que possa usar?

—Não use esse tom comigo.

—Qual?

—Esse que pensa que sou alguma classe de monstro predador que abusa das crianças. Não sou um monstro, e você não é uma criança. A despi, moça. Limpei e curei você. Nunca a machucarei.

—Como me curou?

—Alimentei-a com meu sangue.

Meu reflexo de arcadas é instantâneo e incontrolável. São secas e ruidosas. A diferença de muitas outras pessoas que conheço, beber sangue não me parece para nada genial. Enoja-me. O mesmo comendo carne Unseelie; nunca fiz, e nunca farei. Mantere-me virgem de carne Unseelie toda minha vida. Nem sequer me tenta a possibilidade de que poderia me fazer mais forte e mais rápida do que já sou. Cara, tem que marcar limites na areia em algum ponto e manter. É especialmente importante quando a areia segue mudando sob seus pés.

—É potente. Funciona melhor que a carne Unseelie. Umas quantas gotas em sua boca e... — Se vira e sorri. Acredito. As tatuagens passam por debaixo da pele do rosto, escurecendo as planícies e vales, dificultando decidir o que significa esse giro de lábios. — Só há uma pergunta: preferiria morrer?

Essa é fácil para mim. Nunca preferiria isso. Sob nenhuma circunstância. Escolherei a sobrevivência a qualquer preço. Sempre.

—Não. Obrigada pelo sangue, cara. Significa muito. —Odeio admitir a próxima parte, mas estou bastante segura de que é verdade. — Salvou minha vida. Não esquecerei. —Devolvo o sorriso, depois, simplesmente me sento tentando não olhar boquiaberta sua reação. Ele muda totalmente e vejo o Highlander que foi. Os olhos se viram marrons e brincalhões, e parece como o



charmoso universitário mais uma vez; as tatuagens retrocedem do rosto. Inclusive os músculos mudam, suavizam, e de repente o corpo é mais humano.

Ele me lança uma barra de chocolate. Pego, abro e mordo, e começo a fazer planos para recuperar minha espada. Conheço Jayne. Sabe que se sobrevivi, irei atrás dela, assim a levará a algum lugar onde acredita que não posso entrar. Não querará desperdiçar muitos homens custodiando-a, porque os quer nas ruas, brigando. Desperdiço um par de segundos tentando decifrar onde a levaria, e me dou conta de que não preciso. Tudo o que tenho que fazer é espiá-lo e seguir até onde levar aos Fae que apanha para sacrificar. Não posso acreditar que seja tão estúpido para realmente pensar que será capaz de mantê-la.

—Fique aqui e conseguirei um pouco de roupa — diz Christian.

Vai com grandes pernadas, movendo-se facilmente com longos membros, não deslizando na estranha maneira dos príncipes. No outro lado da sala larga, procura em um armário e puxa uma calça de pijama de flanela de amarrar à cintura, e um enorme suéter de pescador cor nata.

Me visto sob os lençóis, atando a cintura alta e enrolando as pernas e braços umas cem vezes. Quando me lança um par de meias emboladas e se dirige para a cozinha, estou distraída, ainda pensando no Jayne, e as perco. As meias passam junto a mim, golpeiam a parede e caem na fenda. Giro e estico a mão, buscando-as.

Levo um segundo para descobrir ao redor do que fecho a mão.

Cabelo. Unido a uma cabeça. Há uma cabeça no estreito espaço entre a cama e a parede. Congelo, horrorizada e enormemente enojada.

Solto a mão de um puxão e simplesmente fico sentada ali, tragando o assustado som que está tentando abrir caminho por minha garganta, e o olho por cima do ombro. Ele está cantarolando uma estranha canção tão baixo que se parece muito à música que toca no Chester's e desaparece dentro de uma despensa ao lado da cozinha.

Obrigou-me a baixar a mão e procurar provas, sem jamais afastar os olhos da porta da despensa.

—Tenho fome, Christian — exclamo. Quando ele responde, posso fazer uma boa conjectura em relação à profundidade da despensa, quer dizer, o quanto ele está profundamente aí dentro. Quanto tempo tenho para descobrir que merda está acontecendo aqui?

A cabeça tem um pescoço preso, e efetivamente, um corpo. Está nu, é uma mulher e humana. Está dura pelo rigor da morte, e gelada.

Apenas me permito respirar. Ouço caixas sendo movidas em prateleiras.

—Sinto muito, moça, terei mais para você em um segundo. Pensei que haviam uns Snickers aqui, mas só encontrei Almond Joy⁶⁷.

Tiro a mão da fenda de um puxão, e volto ao centro da cama, e quando respondo pareço relaxada e brincalhona.

—Aw, amigo, segue procurando. Sabe quanto amo meus Snickers.

As caixas deixam de mover-se.

—Aconteceu algo, moça?

⁶⁷ Melhor chocolate de coco com amêndoas desse mundo heheh. Da hershey's.



Há uma mulher morta colocada entre a cama e a parede. Normalmente, diria que acontecem muitas coisas e seria muito enfática a respeito, mas estou no apartamento de um assassino, usando seu pijama sem sapatos, e não tenho a maldita espada que mata Faes porque o maldito do Jayne roubou, assim não tenho pressa por fazer isso agora mesmo.

Não há maneira de que tenha dado algum indício. Minha entrega foi perfeita.

—Não, nada. Só que morro de fome! —Outra mentira perfeita. Pode ser que não faça frequentemente, mas me destaco em mentir como faço na maioria das coisas.

Ele sai da despensa e me olha. O Highlander se foi. É um príncipe Unseelie por completo, com olhos iridescentes tintos de carmesim.

—OH, moça, Mac nunca disse, verdade?

—Dizer o que?

—Sou um detector de mentiras andante, Dani, minha querida.

—Ninguém é.

—É herança, como seus dons sidhe-seer.

—Os que vou usar para chutar seu traseiro na próxima semana.

—E essa foi uma grande mentira. Achou-a, verdade? Sabia que devia ter tirado. Mas estava aqui, e sangrando tanto, e precisava tirá-la da cama. Salvá-la era tudo o que importava.

—Assim, a empurrou a um lado da cama e pensou que não notaria? Meteu-a em uma fenda!

—Minhas mãos são punhos. A vergonha disso. Morta e descartada como uma camisinha usada. Se não tivesse derrubado as meias, nunca saberia. Teria ido, pensando que Christian é genial por me salvar e não teria descoberto que estava na cama junto a uma mulher morta, comendo e me vestindo sem sequer vê-la a sessenta centímetros de distância. — Cara, é um maldito doente.

—OH, Dani, meu amor — diz, deslizando para a cama. — Realmente não tem ideia.

Capítulo 19

*“Estou sozinha”*⁶⁸

Corro para congelar o quadro, sem sequer pensar. Não fixo nenhuma coisa em minha grade mental. Espero fazer um montão de dano, quebrar tudo que golpear, sem nocautear a mim mesma, porque tenho a sensação de que, se o fizer, despertarei amarrada em um gancho, com um louco Ex-Highlander a ponto de fazer coisas seriamente fodidas.

Se ele puder peneirar-se, sou carne morta.

Chego à porta, mas ele está em minha frente, braços estendidos, agachado, parecendo como se estivesse a ponto de arremeter contra mim e me derrubar. O rosto está contorcido pela ira, tatuagens caleidoscópicas correm sob a pele. Os olhos estão completamente negros. Para completar a imagem de príncipe Unseelie faltam somente uma força radioativa e enormes asas

⁶⁸ “I Stand Alone”: canção do Godsmack. http://www.youtube.com/watch?v=OYjZK_6i37M



negras estendendo-se, preparando-se para me esmagar em um abraço mortal. Retrocedo freneticamente e ele se lança.

Então, estou no chão e ele está sobre mim, e sei, no segundo que me golpeia, que Christian é muito mais forte que eu, tanto que não tenho nenhuma oportunidade de vencer. Não posso acreditar a força que sinto em seu corpo! A parte Unseelie entrou em ação com intensidade. Não é só o poder gotejando dele. Está-se convertendo em sexo puro, igual ao resto deles. Balanço minha cabeça, tentando clareá-la. Penso em coisas horríveis, como a mulher morta metida no espaço entre a cama e a parede, e como não quero acabar como ela.

Estou deitada de costas, tem meus pulsos e está esticando minhas mãos sobre a cabeça. Amaldiçoo, luto e chuto, mas é como lutar contra um muro de concreto. Nada, e cara, quero dizer nada, parece ter algum impacto nele. Dou uma cabeçada. Ele ri e deixa cair o rosto em meu ombro, e me cheira!

Mordo a orelha, tento arrancá-la da cabeça. O sangue enche minha boca, me fazendo fazer arcadas, e a solto.

—Dani, Dani, Dani — diz como se nem sentisse. — Não lute contra mim. Não precisa lutar contra mim. Nunca te farei mal. Não a você. Você é minha estrela resplandecente mais brilhante.

Não sou um nada resplandecente mais brilhante de ninguém! Ele é um lunático declarado!

—Sai de em cima de mim! — Estar perto do Fae morte-por-sexo está me fazendo coisas perversamente más. Coisas que não gosto de sentir. Minha boca está seca, e estou vendo essas imagens gráficas presas dentro do meu crânio. Christian. Nu. Fazendo as coisas que vi Ryodan fazer. E quero e não quero ver e tenho que sair daqui agora! — Pode sentir? Ou está tão morto por dentro como essa mulher? Por que se incomodou em me salvar? Para poder me matar mais lento?

—Não é assim. Ficaria quieta e me escutaria por um segundo?

—Não há nada que possa dizer que importe!

—É difícil falar quando estou te tocando.

—Cara, deixa de me cheirar! Isso é simplesmente grosseiro. Sai de em cima de mim!

—Não posso. Fugirá.

—Se realmente não a matou, vai me soltar. Confie em mim para que mude de opinião. Dê-me espaço para respirar.

—Se te deixar solta, sentará e me escutará, moça?

Está relaxado, porque de certo modo estamos negociando, mas é um detector de mentiras e sei que não posso responder essa última pergunta, assim, pego minha melhor oportunidade e dou uma joelhada nas bolas com tudo o que tenho. Não há briga suja quando está lutando para ganhar.

Ele ruge tão forte que minha cabeça está a ponto de partir. Logo, sai de cima de mim e parece um novelo, uivando. Dei joelhadas antes. Tenho que fazer às vezes por aí nas ruas. Nunca vi um reagir tão mal. Pergunto se foi porque estava duro como uma rocha quando o golpeei, assim tive que me retorcer realmente forte para chegar as bolas e cheguei a elas e provavelmente esmaguei seu... uh, sim, Mega, agora é um bom momento para correr.



Saio voando pela porta com tanta força que desapego as dobradiças.

Esta manhã, quando deixei Chester's depois de quase morrer e voltar para a vida (acredito que foi esta manhã, passo tanto tempo inconsciente ultimamente, que nunca estou certa se estive fora umas horas ou uns dias) estava tentando decidir o que fazer com a raridade de um dia completo de tempo livre. Mas quase fui assassinada mais uma vez, desta vez por uma pessoa congelada explodindo, Jayne tomou minha espada, desmaiei pela perda de sangue, fui limpa por um príncipe Unseelie e bebi seu sangue, encontrei uma mulher morta virtualmente na cama comigo e agora estou de novo nas ruas, e maldição se não é hora de me apresentar para trabalhar!

Não posso decidir qual dessas coisas é pior.

Cara, dia pestilento. Tempo livre, meu traseiro. Apenas sobrevivi.

Salto de pés descalços, congelando o quadro com tudo o que tenho, esfolando os calcanhares, esperando que Christian peneire no ponto em minha frente. Sabendo que se fizer, vou tão rápido que nocautearei contra ele, e provavelmente despertarei morta. Sabendo que não tenho a única arma que me protegeria dele, porque Jayne pegou.

Entretanto, Mac tem uma.

Aposto que posto pegar.

Da forma que vejo as coisas, tenho três opções.

Ir a Chester's, usar Ryodan como escudo contra Christian enquanto o faço me ajudar a recuperar a espada.

Ir diretamente atrás de Jayne, sabendo que Christian está me seguindo.

Ir atrás de Mac e pegar a espada. Barrons poderia estar no caminho. A quem estou enganando? Barrons definitivamente estaria no caminho, e inclusive se não estivesse e pegasse a lança, ele viria atrás de mim. Então teria Christian me caçando, Ryodan zangado comigo por faltar ao trabalho, e Barrons respirando em meu pescoço.

Um dia em minha vida. As coisas que tenho que aguentar.

Sempre estou pensando que as coisas são tão ruins quanto podem ser e ficam piores. Quase me bato contra algo na rua, uma dessas malditas variáveis que saem de meu ponto de referência previsto, como as pessoas, os animais e os Fae.

—Fora de meu caminho, humana! —vaia.

Quero sair do quadro congelado e chutar o traseiro deste monstro até a morte. Não a vi desde a noite que Mac me salvou, e a obrigou a me devolver meu bom aspecto. Quase morri essa noite também. Quase morro muitas vezes. Os super-heróis fazem.

—Não se meta no meu caminho, velha cadela feia! —vaio de volta à Mulher Cinza.

Logo ela se foi por seu caminho e eu pelo meu. Foi caçar e matar, e eu tenho um comichão que não posso arranhar. Minha mão se fecha sobre nada na cintura.

Preciso de minha espada como preciso respirar.

Desvio para uma loja de artigos esportivos, coloco os pés em sapatos, pego um enorme pulôver de lã para por em cima do suéter, porque está condenadamente frio para maio, e me



lanço de novo rumo a minha melhor oportunidade de êxito. Enfrentar ao Jayne e seus homens com Christian tentando me matar é um tiro débil. Não tenho nem ideia de onde levou minha espada. Há momentos, como disse Ryodan, quando Batman precisa de Robin. Bom, eu não preciso de Ryodan, mas certamente ele fará as coisas mais fáceis. Pode cuidar das minhas costas como Mac costumava fazer. Não tenho tempo para orgulho. Quero resultados e sei como obtê-los. Sempre está me dizendo que peça. Esta noite vou pedir.

Sinto-me nua sem a espada.

Exposta. Está me fazendo perder o equilíbrio de tal maneira que nem sequer sei quem sou sem ela.

Quando entro bruscamente no escritório de Ryodan, estou a milhões de quilômetros por minuto, pés e boca. Cada um dos seus homens franze o cenho no caminho, inclusive Lor, e não tenho ideia de por que. Suponho que Ryodan mandou ficarem zangados comigo ou algo. Nunca sabe o que virá depois com ele.

Deixo sair o que aconteceu com o automóvel congelado e Jayne, e digo que temos que ir recuperar minha espada agora mesmo, tipo neste mesmo instante.

—Se acalme, pequena — diz sem levantar a cabeça da estúpida papelada. — Está desordenando meu escritório. —Papéis estão voando ao redor dele.

Desço do hiper modo e ele levanta o olhar. Está me olhando de forma estranha. Levo um segundo para perceber. É como se estivesse olhando um estranho. Um que não gosta e que está pensando em matar. Por que diabos está zangado comigo?

—Cheira ao Highlander. Todo o clube pode cheira-lo em você. Está usando sua roupa.

Não acredito que alguma vez o ouvi falar tão suavemente.

—Amigo, a quem importa? Não ouviu nada do que falei? O inspetor Jayne tomou minha espada!

—Explica por que está usando sua roupa.

Mais suave ainda. Se meu temperamento não estivesse tão quente, teria me dado um calafrio. Não entendo. O que faz o que visto ter algo a ver com o é, de fato, relevante? Como poderia possivelmente importar? Nem sequer entendo por que o registra! Mas posso dizer pela expressão no rosto que não vai ceder até que explique, e se não recuperar minha espada logo, vou enlouquecer. Também sei que se disser que Christian matou uma mulher e eu era a seguinte, não dará nenhuma atenção ao problema de minha espada, irá atrás do Christian, quando preciso que vá atrás de Jayne. Não estou segura que possa pegar Christian. Não com o que está se transformando. Mas com minha espada, sei que posso.

—A explosão rasgou minha roupa. Ele me deu algo da sua.

—Estavam juntos na explosão.

—Ele me encontrou depois.

—E a trocou na rua.

—Hein? —Estou frustrada. Isto não é onde esperava que a conversa fosse absolutamente.

—Esclarece onde a trocou.



—O que merda tem isso a ver com alguma coisa?

—Me responda.

— Em uma loja de conveniência. É por isso que chamam assim. Para que possam ser, tipo, convenientes.

Seu olhar treme para cima e abaixo de mim.

—Se as lascas de gelo rasgaram sua roupa tanto que precisava se trocar, eu pensaria que as lesões seriam maiores.

O olho com a boca aberta, desconcertada. Alguém tomou minha espada e ele quer falar sobre o que estou usando e onde me vesti, e que não pensa que pareço suficientemente ferida!

—Ele me curou. Estava sangrando muito. Santo furacão apressado, como chegou a meu lado tão rápido? —Ryodan já não está atrás da mesa. Está parado virtualmente sobre os dedos de meus pés. Nem sequer o vi mover-se. Ou senti uma brisa ou algo!. — Me dê um pouco de espaço pessoal!

Ele deixa cair à cabeça para frente e me cheira.

—Curou-te como?

Qual é a coisa com todo mundo me cheirando? Se Dancer também começar, estou fora daqui.

—Bebi sangue. Tem um problema com isso?

—Três.

—Hum?

—Tenho três problemas com isso.

—Essa foi uma pergunta retórica. Possivelmente não pode me ouvir falar ou algo, assim direi novamente: Jayne tem minha maldita espada. Estou profundamente metida na merda sem ela e preciso dela de volta. Vai fazer algo ou não?

Justo assim, ele está de volta atrás da mesa, a cabeça inclinada sobre a papelada, me ignorando.

—Não.

Estou incrédula.

—O que? Por quê? Sabe que irei atrás dela eu mesma! É isso o que quer?

—Jayne passou por aqui faz umas horas.

—Isso exigiu um maldito montão de sangue-frio! Deixou-me para morrer. No meio de uma rua. Nem sequer me deu uma maldita barra de chocolate. Disse o quanto eu estava mal? Por que não veio me ajudar?

—Parece bem para mim.

—De que lado está?

—Disse por que tomou a espada, e concordou em não matar nenhum Fae em cinco quadras de meu clube. Isso é mais do que você faz.

—Por que concordaria com isso? Jayne odeia todos os Fae!

—Ele sabia que você viria para mim e pediria que a ajudasse a recuperá-la.



—E está de *seu* lado? —Como ele se atreve a predizer meus movimentos e impedi-los, enquanto estou ocupada morrendo e sendo perseguida por um maníaco homicida! O que era sua culpa para começar!

—A verdade é, pequena, prefiro-a sem ela.

—Por quê?

—Não pode matar meus clientes. E agora, talvez, começará a ter cautela. Ou ao menos aprender como soletrá-la.

Fulmino a cabeça inclinada com o olhar.

—Estou pedindo ajuda, chefe. Continuamente me diz que o faça, e estou pedindo isso.

—A resposta é não.

—Também disse que a forma que você me trata é como vou tratá-la.

—O que estou fazendo errado?

—A resposta é não.

—Tem que estar brincando! — Bato o pé hiper-rápido, esperando possivelmente quebrar o piso estúpido.

Não diz nada. Só segue trabalhando no que seja.

—Sabe o que, amigo? Se não me ajudar a recuperar a espada, você e eu terminamos! Resolve o mistério do gelo sozinho. —Finjo, não vou renunciar a isso. — Não vou trabalhar para você. Você não me ajuda, eu não te ajudo.

—Jo. —Nem sequer levanta a cabeça. Só murmura seu nome.

—Não me importa se segue atirando isso. Só dê minha espada! E não faça mais acordos com as pessoas sobre mim em minhas costas!

—Esse não é nosso acordo. Assinou um contrato. A vida de Jo é só um de muitos preços que deveria redimir. Há repercussões pelas ações. Não pode se afastar de mim, Dani. Não esta noite. Nunca. Não é quem está tomando as decisões. Sente-se. —Está-se levantando uma vez mais, e uma vez mais não o vi mover-se. Chuta uma cadeira para mim. — Agora.

Às vezes, penso que todos no mundo sabem algo que não sei. Que todos estão em algum tipo de conspiração, e que se somente soubesse essa única coisa secreta, as coisas que os adultos fazem que me desconcertam teriam perfeito sentido.

Outras vezes, penso que sei algo mais que todo o resto do mundo, e é por isso que nada do que fazem tem sentido. Porque não sabem, e todas as ações se derivam da lógica defeituosa. A diferença da minha.

Contei isso a Mac uma vez e ela disse que não o que todos outros sabem; o ingrediente perdido era que eu ainda não entendia minhas próprias emoções. Eram novas e estava conhecendo-as pela primeira vez. Disse que nunca levava em conta os sentimentos das demais pessoas, assim é obvio que tudo o que os adultos faziam me parecia misterioso e estranho.

Eu disse: amiga, acaba de dizer que não os entendo, então como posso levá-los em conta?

Ela disse: não pode, assim só aceita que os anos de adolescência são uma enorme mistura de merda de insegurança, confusão e fome. Tenta sobreviver sem morrer.



Maldito seja isso. Exceto pela parte da insegurança. Bem, sem minha espada, mais a parte da insegurança.

Logo que me sento, Ryodan diz:

—Sai daqui.

—Muito bipolar?

—Vá tomar banho e troca de roupa.

—Não cheiro tão mal — digo zangada.

Ele escreve algo, e vira à página em algo estúpido que está lendo.

—Amigo, onde quer que vá? Não posso ir a nenhum lado sem minha espada. Não posso correr mais rápido que peneirar. Cada Fae que há em seu clube tem uma ereção por me matar. Quer-me morta? Faça você mesmo e termina com isso.

Ele apunhala um botão.

—Lor, vem aqui.

Lor entra voando, como se estivesse grudado do outro lado da porta.

—Escolta a pequena para que limpe a merda e tire esse fedor dela.

—Seguro, chefe. —Franze o cenho.

Devolvo o gesto.

Lor aponta através do chão de cristal.

—Vê essa loira ali abaixo com os seios grandes? Estava a ponto de ter sexo.

—Um, sou muito jovem para ouvir esse tipo de coisas, e dois, não o vejo carregando um pau para golpea-la na cabeça, assim que como conseguiu?

Atrás de mim, Ryodan ri.

—Está arruinando minha noite, querida.

—O mesmo digo. Não é a vida no Chester's genial.

Capítulo 20

*"Tenho alma, mas não sou um soldado"*⁶⁹

Não sou Sinsar Dubh, Kat. Ele enganou todos. Preciso te salvar.

Cada noite que Cruce me levou dentro Do Sonho, fez a mesma afirmação. As mentiras têm o brilho e a consistência da verdade. Se minha empatia emocional funciona com Fae, uma prova que não tive ainda a oportunidade de realizar de forma satisfatória, recebo sinais tão conflitivos dele que meu dom é em vão.

Agora, completamente acordada depois de outra noite de sonhos diabólicos, atravesso as portas duplas de mais de trinta metros de altura, vários centímetros de espessura, pesando toneladas, mas não olho duas vezes. Meus olhos são só para ele. Não me parece estranho que não

⁶⁹ *I've got soul but I'm not a soldier: canção do The Killers. <http://www.youtube.com/watch?v=tAykeo0f8gE>*



possamos fechar as tais portas. O estranho é que somos capazes de abrir: diminutos mortais manipulando as carruagens dos deuses.

Encontro-me na posição que as gêmeas Meehan ocuparam recentemente, os punhos fechados nas brilhantes barras da jaula de Cruce, olhando a figura congelada.

Ele é Guerra. Divisão. Brutalidade. Crimes atrozes contra a humanidade. Como um evento no campo de batalha, e a personificação em uma jaula, ele é isso e mais. Quantos humanos caíram ante os cascos assassinos deste ardiloso cavaleiro do apocalipse?

Quase a metade da população mundial, segundo a última recontagem.

Cruce derrubou os muros entre nossas raças. Se não fosse por ele, nunca teria acontecido. Ele organizou os jogadores, dando um empurrão onde e quando foi necessário, pôs o jogo em movimento, logo galopou sobre o tabuleiro como um anjo vingador, agitando aqui e revolvendo ali, até que começou a Terceira Guerra Mundial.

Não deveria estar aqui com ele.

Entretanto, aqui estou.

Disse mentiras piedosas a mim mesma enquanto fazia o caminho debaixo da abadia, no fundo de nossa cidade oculta, me movendo através de um enganoso labirinto de corredores e criptas e intrincados túneis sem saída. Disse-me que devia determinar se a jaula está segura, e que ele ainda esta dentro. Que o verei e me darei conta de que não é mais que uma pálida imitação dos sonhos; que o olharei e me livrarei da escravidão que o ser dos sonhos me sustenta. Que, de algum jeito, ver como estava não poria a ele, mas a mim, em liberdade.

Meus joelhos tremem. O desejo resseca a boca e engrossa a língua.

Não há liberdade para mim aqui.

Tão perto dele, desejo me despir, dançar grosseiramente ao redor da jaula e ansiar as notas de uma melodia desumana que nem sei como conheço. Tão perto dele devo morder a língua para evitar gemer de necessidade.

Tão perto dele me sinto como um animal.

Olho minhas mãos nas barras, pálidas e brancas dedos finos aferrando as resplandecentes colunas, e em minha mente só posso vê-las envoltas ao redor dessa parte de Cruce que me converteu em uma adúltera. Enroscadas como estavam ontem à noite e a noite anterior e a noite anterior. Vejo a curva dos lábios enquanto sorrio. Vejo minha boca suave e redonda enquanto tomo dentro dela.

Encontro meus dedos dançando suavemente sobre os botões de pérola da blusa e as afasto rapidamente. Tenho uma vergonhosa visão de minhas garotas descobrindo a nova Gran Mestra pulando nua ao redor da jaula de Cruce. É erótico. É horrível.

A liberdade aterroriza você porque nunca se permite nada, disse Cruce ontem à noite nos sonhos. Não sou o único em uma jaula. A vergonha que sente não é por mim, mas porque sabe que também está em uma jaula, e é sua própria criação. Sentiu as mais escuras emoções de outros desde menina, sabe que monstros espreitam dentro deles, e confunde suas paixões com monstros. Não é o mesmo, minha querida Kat. Não é o mesmo absolutamente.



Diz que reprimo a paixão. Que eu não me permito sentir nada disso. Que meu amor por Sean é uma mentira. Que procuro comodidade e segurança e não sei o que é o amor. Diz que escolhi Sean porque ele tampouco sente paixão. Diz que não corremos um para o outro no amor, mas sim fugimos das coisas com medo. *Se libere, diz. Veem a mim. Escolha-me.*

Deus, me ajude. Caminho em um vale de trevas e necessito sua luz para me guiar.

Abro as mãos e retrocedo. Nunca devo voltar aqui.

Construirei um bloqueio de truques mentais em minha cabeça, como fiz quando era jovem e precisava me proteger das emoções selvagens e prejudiciais de minha família.

Enquanto me viro, ouço um ruído tão pequeno que quase perdi. Não quero voltar. É quase impossível me obrigar a sair deste lugar.

Entretanto, vou. Sou a Gran Mestra aqui. A cavernosa sala, iluminada por uma camada de tochas nas paredes, parece vazia. Não há nada ali além de uma laje de pedra, a jaula de Cruce e eu. Se compartilhei esta sala com outros, eles estão atrás da laje ou no lado oposto da jaula. Ocultos. Calados. Esperando que vá.

Consciente de minha posição na abadia, afasto o olhar do príncipe de gelo e tranquilamente caminho pela circunferência da jaula, a cabeça reta, os ombros erguidos.

Viro à esquina.

—Margery — digo. Está frente ao lugar onde, faz uns momentos, eu fiquei. Se não tivesse feito ruído, eu nem saberia.

—Kat.

A hostilidade se agita dentro de mim em ondas quentes. As emoções de outros têm temperatura e cor, e quando são intensas, textura também.

As emoções de Margery são vermelhas, febris e complexamente elaboradas como um favo de abelhas, com centenas de pequenos enganos, irritações e ressentimentos escondidos em cada pequeno lugar. Sei algo sobre o ressentimento: é um veneno que você mesma bebe, esperando que outros morram.

Estive classificando as emoções dentro de categorias a vida toda. Navegar pelos corações dos que me rodeiam é um campo minado. Há pessoas que vejo uma só vez e evito para sempre. As emoções de Margery são profundamente conflitantes e perigosas.

Pergunto-me, se pudesse ler minhas próprias emoções, elas também seriam quentes, vermelhas, um favo de mentiras e ressentimentos. *Mas eu não quero!* Grita minha alma.

—Perguntava-me se algo na rede nos passou despercebida— diz. — Temo que não esteja bem contido.

—O que estava fazendo eu. O que faço.

—As grandes mentes.⁷⁰—Ela oferece um sorriso tenso. Suas mãos se aferram às barras, os nódulos brancos.

Não adiciono a esperada "pensam igual" porque não o fazemos. Ela tem fome de poder. Eu desejo a simplicidade. Teria sido feliz sendo a esposa de um pescador, em uma cabana junto ao mar, com cinco filhos, gatos e cães. Ela seria um grande Napoleão.

⁷⁰ Vem da expressão inglesa "great minds think alike", que significa "as grandes mentes pensam igual".



Avaliamos uma à outra com receio.

Acaso ele a visita?

Faz amor com ela?

Não posso perguntar se ela sonha com ele, e se isso for o que a trouxe até aqui nesta manhã chuvosa e fria. Se for assim ou não, afirmará que não, logo dirá a toda à abadia que eu sim, que estou sendo corrompida e devo ser substituída.

Ela usará algo contra mim para tomar o controle da abadia. No centro de minha prima, Margery Annabelle Bean-McLaughlin, há uma grande, absorvente necessidade. Estava ali quando fomos meninas, quando jogávamos juntas e ela quebrou os joelhos de minhas bonecas e me roubou pequenos tesouros. Nunca entendi. Observo seus nódulos brancos. Aperta as barras da jaula como se estivesse espremendo a vida de algo.

—Seus pensamentos?

Ela umedece o lábio inferior, parece como se estivesse a ponto de falar, logo para. Espero e depois de um momento, diz:

—E se o Rei pegou o livro? Quero dizer, tirou de Cruce antes de congelá-lo.

—Acha que é possível? —digo, como se fosse uma pergunta perfeitamente razoável. Como se eu não soubesse que neste momento estão nos estão dizendo as mesmas mentiras.

Ela olha Cruce e a mim. Os olhos são painéis, anunciando as emoções. Observa Cruce com terna e privada comunhão. Me olha como se eu não pudesse compreender nada dela, ele, ou do mundo que vivemos.

—Você não tem dons — sussurrou quando tínhamos nove anos e ouvimos pais me elogiando por salvar à família de um traidor nos infinitos planos e traições que eram nossas vidas. Meus pais estavam acostumados a me levar a reuniões de "negócios" com o mais sórdido de Dublin, e me observavam com cuidado, para ver quem me deixava mais incômoda. — Está maldita, tem falhas e ninguém nunca vai amá-la!

Todos estes anos, e vejo a mesma brincadeira em seus olhos. OH, sim, ele também a está visitando pelas noites.

Não sou só adúltera, sou barata. Uno essa ideia a um tijolo ao redor do coração e cubro com argamassa para preparando para o próximo tijolo que puder usar. Estará em seu caminho quando ele vier esta noite. Meu Sean estará na cama junto a mim.

Ela encolhe os ombros.

—Possivelmente não sabemos o que realmente aconteceu aqui essa noite. E se o rei nos enganou?

—Por que faria isso? —digo.

—Como posso adivinhar seus motivos?

Preciso saber qual a profundidade de sua corrupção.

—Está pensando que deveríamos liberar Cruce?

Uma mão flutua ao peito como em alarme.

—Acredita que deveríamos? —Um brilho ardiloso nos olhos. — Sabe como?



Ela sempre foi mais fraca que eu. Ele não é mais que uma mancha mais negra no sangue já corrupto.

—Acredito que temos descobrir uma maneira que a rede do Rei Unseelie volte a funcionar. Acredito que a câmara deveria ser cheia com concreto, a rede reativada, as portas fechadas, e toda a cidade por baixo de nossa abadia cheia de chumbo.

Quase cambaleio ante a esmagadora fúria da resposta emocional, embora os lábios formem a mentira docemente.

—Tem razão, Katarina. Como sempre, como todo mundo sabe, tem razão.

Ofereço minha mão e ela pega, como fazia quando éramos meninas, entrelaçando nossos dedos. Quando pulávamos corda, ela sempre atirava curta. Possuía fortes sentimentos desencontrados a meu respeito quando era jovem, que a faziam difícil de ler. Estilhacei quatro dentes antes de deixar de pensar que da próxima vez seria diferente.

Saímos da sala de mãos dadas, como se estivéssemos fortalecendo uma à outra com amor ao invés de manter o inimigo perto.

Capítulo 21

“Sou um vaqueiro, monto um cavalo de aço. Sou procurado...”⁷¹

Não temo nada. Nunca fiz.

Mas algumas coisas seriam completamente estúpidas de fazer. Nada que ver com medo. Trata-se de lógica e praticidade. Olhe o mundo, avalie as oportunidades de sobreviver à luz das circunstâncias atuais, e escolha o curso que oferece a melhor oportunidade do que queira.

Como, digamos, continuar respirando.

Estou de pé fora do Chester's, olhando uma luz na escassa iluminação do amanhecer. O céu é um grande banco de nuvens tormentosas. Será um dia úmido e sombrio. Feliz maldito mês de maio em Dublin. Frio, também. Estou começando a me perguntar se o verão alguma vez vai chegar.

Pendurando de um lado da luz há um pôster. Primeiro, quando saí do clube, pensei que os We-Fodidos-Care publicaram outro periódico nas poucas horas que passei me limpando e sentada no escritório de Ryodan, fazendo absolutamente nada mais que fulminar com o olhar a parte superior de sua cabeça enquanto ele trabalhava, tentando não pensar em que estúpido propósito elogiei o seu estúpido escritório tão recentemente; tipo, desinfetou ou algo assim? Todo o tempo que estive ali, nem sequer me olhou. Nem quando finalmente me disse que podia ir. Sei que pareço bizarra na roupa que Lor me deu depois da ducha, mas vamos, supere já. Não precisava me ignorar todo o tempo para me sentir mais estúpida do que já sinto.

⁷¹ *“I’m a cowboy, on a steel horse I jogue a rede. I’m wanted...”*: “Wanted Dead Or Alive” do Bon Jovi.
<http://www.youtube.com/watch?v=SRvCvsRp5ho>



Voltando para o pôster... apesar do que estou usando, e apesar de que não tenho minha espada, congelaria o quadro pela cidade e arrancaria todos.

Exceto o WFC⁷² não publicou este periódico.

Algo pior fez.

O volante preso ao poste é de qualidade de pôster. Olhando daí, meu rosto me devolve o olhar à cor, completamente de posição frontal e de perfil.

E penso: quando tiraram fotos? Estudo, tentando recordar a última vez que usei essa camisa. Acredito que foi quatro ou cinco dias atrás. Não há forma de não saber quem é. Qualquer um poderia me reconhecer em um segundo. Ou estavam muito perto de mim, e de algum jeito eu não sabia, o que é inconcebível, ou alguém mais fotografou por eles, ou possuíam uma lente incrível. Pareço bastante bem. Bom, exceto pelo olho arroxeadado e o lábio partido, mas eu quase não vejo esse tipo de coisas em meu rosto. Estou acostumada ao terreno, quem nota as árvores no bosque? Entreceiro os olhos.

—Maldição. Está brincando?

Havia tripas em meu cabelo quando tiraram. Suspiro. Um dia vou ter o cabelo limpo e não terei machucados. E um dia, Ryodan se desculpará por ser um completo imbecil comigo todo o tempo.

A mensagem é direta e ao ponto.

PROCURADA

Viva

Se for humano, imortalidade é a recompensa

Se for Fae, governará junto a nós

Ela já não tem a espada, está indefesa

Não há informação a respeito de onde me levar quando me encontrarem.

Os príncipes Unseelie. Os malditos estúpidos contrataram a alguém para me matar. Sempre quis que todos conhecessem meu rosto, mas não desta maneira!

—Indefesa, meu traseiro. —OH sim, estão furiosos comigo. E não estão muito ocupados brigando entre eles para me caçar. Ou me vigiar constantemente.

Olho pela rua.

Um pôster se agita em cada poste que fica em pé, tão longe como posso ver. Imagino que empapelaram a cidade com eles.

—Aw, Merda.

Logo me ilumino. Cara, valho a imortalidade e o co-governo! Puseram um preço incrivelmente alto a minha cabeça! Porque sou, tipo, incrivelmente perigosa!

Quero estar com Dancer, recrutar ajuda para recuperar minha espada. Levou quase uma hora despistar Lor. Ryodan o tem me seguindo, convertendo-o em minha sombra protetora. Se o

⁷² WJC: sigla do We-Jodidos-Care



tivesse em minhas costas, Lor e eu não teríamos que nos suportar. Finalmente arrumei isso para distraí-lo com o que mais gosta: loiras com seios.

Arranco o pôster e faço uma bola. Se não estivessem aí, já teria partido correndo pela manhã, com ou sem espada, tendo minhas chances. Isto foi uma chamada de atenção difícil e não desejada.

Ela já não tem a espada.

Gah, malditos! Precisavam espalhar, verdade? Suponho que Jayne já está utilizando, e o rumor chegou aos príncipes.

Está indefesa.

Precisava sublinhar essa palavra, fazê-la maior que o resto e em vermelho também? Quero dizer, que parte de indefesa precisa de ênfase? A palavra em si é suficientemente má! Toda a maldita cidade estará me buscando logo. Cada malvado aí fora que alguma vez golpeei, todos que ameacei ou simplesmente irritei, estão a ponto de saber que já não posso matá-los. Já sabem que não posso correr mais rápido que peneirar. Mas ter a espada sempre inclinou a balança a meu favor. Evitou que tentassem.

Sinto-me exposta, parada na rua. Algo poderia peneirar atrás de mim, me agarrar e a briga começaria. Eu ganharia? Que tal se houver uma dúzia deles? Que tal se os humanos vêm por mim com um pequeno exército? O que acontece se os mesmos príncipes vêm?

Gah, estou me perguntando o que aconteceria! Eu não faço isso! Perguntar o que aconteceria é para adultos. Perguntam-se o que aconteceria até se não fazem nada, e morrem sem sequer viver.

Dou a volta e olho para o Chester's.

Logo viro e olho a rua.

Frente a mim, altas possibilidades de morte. Atrás de mim, uma jaula.

Odeio jaulas. Para a maioria das pessoas, são construídas a partir do medo e por eles mesmos. Eu não. A minha foi forjada de impotência. A da maioria das crianças estão construídas disso.

Assim, se resume a isto: morte ou jaula.

Sorrio. Cara, sou uma super-heroína. Não há competição.

Faço um sinal obscuro com os dedos aos lados da rua e me deslizo lateralmente para congelar o quadro, arrancando os pôsteres ao passar.

Vou em busca do Dancer e o encontro me procurando, tipo, em pouco tempo. Acho graça, porque, quais as probabilidades de estarmos nos procurando na imensidão que é Dublin e realmente nos encontrarmos? Mas sempre nos encontramos. Como ímãs.

Quando o vejo, sorrio. Está caminhando pela rua no cinza amanhecer, brilhando como uma estrela virando uma supernova. Não posso olhá-lo diretamente. Tenho que jogar rápidas olhadas pela extremidade do olho. Há uma bolha de luz tão brilhante ao redor dele que é cegadora. Trás lentes de sol sobre os óculos e parece como uma espécie de menino Mutante X com um super poder próprio, como dizemos Super Cérebro.



—Cara! —digo.

—Você gosta? Espera, me deixe apagar. —Joga com algo perto da cintura e a luz diminui a algo mais parecido ao que meu Mac-Halo lança.

O olho. A roupa é brilhante. Jeans brilhante, camisa brilhante, inclusive boina brilhante. A roupa pendura de seu alto e desengonçado corpo como algo saído dessas revistas de moda, perfeição informal. Uma vez mais, o cabelo está ficando longo. Vai pedir-me que corte logo. Eu gosto desses momentos. Cuidamo-nos como os macacos puxando piolhos. As pessoas subestimam uma boa revisão.

—Nova declaração de moda? —brinco.

—Pensando em seu guarda-roupa, Mega — diz. — Estava trabalhando no spray para Papa Roach, quando de repente tive esta ideia de proteção contra Sombras. preciso borrifar sua roupa com uma base refletiva, desenhei um arnês de luzes que funciona com um sistema de baterias e escuta isto: se auto carrega com o movimento! —Brinca com um aparelhinho na cintura, com a expressão atenta de um menino gênio jogando com artigos eletrônicos. De repente, a cabeça se eleva e sorri, e simplesmente devolvo o sorriso, porque quando Dancer sorri assim todas minhas preocupações desaparecem.

—Pela maneira como se move, nunca se apagará. Testei, se mantém carregado com meus movimentos por dias. Suponho que um bom congelamento de quadro carregará por uma semana. Isso significa que, quando for à cidade Sombra, pode dormir facilmente, usando-o.

Estou sem fala. Dancer pensou em mim, pesando prós e contra de minha vida, para poder melhorá-la. Passou o tempo trabalhando em algo, não para salvar Dublin, como o spray de Papa Roach, mas para mim. Brinco com o bracelete em minha mão. Ele também me deu isso. Senti medo quando o fez, porque temi que ficaria sentimental comigo, mas isso foi quando começamos a passar tempo juntos, quando não sabia que Dancer nunca fica sentimental. Não deixamos que esse tipo de estupidez se interponha entre nós. Usar um pouco de seu tempo para melhorar a vida de alguém mais é, tipo, a coisa mais genial que pode fazer por alguém. Quase não posso suportá-lo, faz-me tão feliz.

—É o Melhor — digo.

E esta vez ele não me diz isso de volta, diz:

—É o que acha? —Como se quisesse ouvir novamente, assim digo de novo e seu sorriso fica maior.

Depois de um segundo, nota o montão de pôsteres que esqueci que estava segurando.

Faz um som de desagrado.

—Mega, estive arrancando essas coisas por horas. Tropecei com um dos grupos que os colocavam e os segui, arrancando-os. Um montão de Rhino-boys os colocavam. É verdade? Alguém pegou a espada? —Me olha de acima a abaixo, procurando. Pestaneja como se acabasse de me notar pela primeira vez e me envergonho tanto que é só o que posso fazer para não congelar o quadro agora. Sinto-me tão estúpida!

Esqueci do que estava usando!

Minha mandíbula se sobressai e digo tensamente:



—É tudo o que me servia. Ryodan me fez trocar. Não tenho nada a ver com este traje. Não o escolheria em um milhão de anos!

Dancer me está olhando como se eu fosse um alien do espaço exterior. Simplesmente poderia afundar na rua, arrancar o concreto, por em cima da cabeça e me esconder. Ponho os braços por cima do peito, cruço os pés pelos tornozelos e giro um pouco, tentando me fazer menor, para que não haja muito de mim para ver.

—Sei que pareço estúpida, de acordo? Foi um dia realmente mau para mim, e tenho maiores problemas em minha mente do o que estou usando, assim deixa de me olhar como se fosse uma espécie de geek que se vestiu assim para o Halloween, porque não tive opção já que Christian me deu seu estúpido pijama e Ryodan disse que cheirava a...

—Christian deu seu pijama e cheirava? Espera um minuto, Christian *usa* pijama?

—Só precisei do pijama porque despertei em sua cama só de sutiã e calcinha, toda minha roupa destruída, de outra maneira nunca usaria — esclareço quando me dou conta de quanto a primeira parte pareceu estranha.

—Bom, isso explica as coisas.

Amo isso em Dancer. Sempre me entende, sem que tenha que falar e falar e dizer como o ponto A chegou ao ponto B.

—Tudo o que digo é que esta não é minha declaração de moda, assim não use contra mim.

—Está bem, Mega. Parece ótima.

—Pareço estúpida. —Estou tão mortificada que poderia morrer de vergonha.

—Parece mais velha. Dezesseis ou dezessete. Se usasse maquiagem, provavelmente dezoito.

Acredito que estou aniquilada. Nunca estive aniquilada antes, mas conheço a definição e imagino que assim deve ser como se sente. Não é desconcertada ou perplexa. As palavras têm sutis matizes. Faz um ano ou dois, poderia estar atônita. Esta é uma classe diferente de bloqueio. Sim. Acredito que estou aniquilada.

—Bom — digo e aliso a saia.

Gah! Maldição! O que minhas mãos estão fazendo? Realmente acabo de alisar a saia! Estou me tornando um tipo de insípida? Nem sequer uso saias! Mas quando Ryodan me fez trocar, a única coisa que puderam encontrar que servia era, o traje de garçoneiro do subclub de crianças, e estava tão furiosa pelos pôsteres, depois tão feliz de ver Dancer, que esqueci completamente que estava usando uma saia curta, blusa justa e sapatos de colegial com saltos que eram horríveis para congelar o quadro, mas haviam coisas mais importantes a fazer que entrar em uma loja e trocar de sapatos, como arrancar meu rosto de cada maldito poste da cidade. Os pés são pés algumas vezes; se estão funcionando isso é o bom suficiente.

—Quem roubou sua espada, Mega? E como alguém sequer tirou isso?

Meu ânimo obscurece imediatamente. Zango-me tanto que minha mandíbula trava e não posso falar por um segundo.

—Jayne — solto finalmente entre os dentes. Esfrego os músculos da mandíbula e afrouxo a boca. A super força é uma porcária às vezes, quando está em cada um dos músculos do corpo. Quando tem uma câibra muscular, é algo grave. Pode durar um longo tempo. — Esse maldito



Jayne pegou e me deixou para morrer. Fui ferida por uma dessas... — Tudo o que Dancer sabe das cenas de congelamento é o que viu a outra noite, e ainda não havia explodido quando me tirou de lá. Ao menos, não acredito. Ocorre-me que não estou segura. Preciso perguntar a alguém depois. — Acabei ferida, e Jayne pegou enquanto não podia fazer nada para detê-lo. Fui ao Ryodan e disse que precisávamos recuperar minha espada e ele se recusou. Disse que gostava mais sem ela.

—Cara!

Em uma só palavra, Dancer acaba de me dar toda a justificada indignação e zangada ofensa que a situação merece.

—Sei, certo?

—O que está pensando? É a Mega. Não se tira as garras de Wolverine!

—Sei, certo?

—Cara! —diz de novo.

Olhamo-nos com compaixão, porque os adultos estão muito fodidos e nunca vamos acabar como eles.

Então sorri.

—O que estamos esperando? Vamos recuperá-la.

Desde que os muros caíram, Dublin se parece muito como um set de filme para mim.

É o silêncio. A cidade é um lugar fantasma com ocupantes ilegais que se escondem nos escombros, com rifles engatilhados. Às vezes, vejo o branco dos olhos brilhando para mim através das janelas tapadas. Se forem humanos, tento falar com eles. Nem todos são receptivos. Há alguns verdadeiros loucos por aí, tão horripilantes como alguns Unseelie.

Antes que os muros caíssem, quando eu estava acostumado a pedalar ao redor dos distritos em minha bicicleta transportadora, quando as sidhe-seers se faziam passar por um serviço internacional de mensageiros dirigido por Ro, a cidade estava cheia com um constante ruído branco. Era difícil, inclusive com minha super audição, distinguir entre o congestionamento de automóveis e ônibus, saltos populares nos paralelepípedos e cimento, os aviões aterrissando e decolando, barcos atracando na baía. Os celulares me deixavam louca. Havia dias que tudo o que ouvia era o som impreciso de alertas de mensagens de texto, alertas de correios eletrônicos, chamadas, canções, jogos.

Ainda assim, tão irritante como podia ser, era música para meus ouvidos, lembra os complexos da cidade que amo. Agora, só existem as notas planas dos soldados partindo, os monstros caçando, e o ocasional gorjeio lastimoso de algo que morre.

Dancer e eu corremos pelas ruas, contando piadas, rindo como loucos. Passar tempo com ele é o único momento em que posso me esquecer de totalmente de mim mesma.

Viramos uma esquina e nos encontramos com um contingente do Rhino-boys.

Quando nos veem, uns deles grunhe em um rádio.

—Tenho-a, chefe, ela está em Dame e Trinity.

Olho sobre o ombro, fixo minha grade mental, pego Dancer, deslizo lateralmente e congelo o quadro para sair daí.



Um curto tempo depois estamos rondando ao redor do exterior do Castelo do Dublin, silenciosos como dois ratos metendo-se em uma cozinha em busca de queijo.

Os olhos de Dancer estão brilhantes de emoção. Nunca congelei o quadro com ele antes. Disse que era a coisa mais genial que ele fez e que quer fazer outra vez. Isto costumava fazer Mac quase vomitar quando fazia com ela.

Depois de passar por uma loja departamental e trocar minha roupa por um traje mais genial de jeans, tênis e um novo casaco de couro, paramos em um de seus refúgios que eu nem sequer sabia que tinha e pegamos alguns explosivos. Alguns dos melhores planos são os mais simples, menos capacidade para enganos. Ele vai criar uma distração fazendo algo explodir, enquanto eu entro para procurar minha espada. Pegarei a espada, ele, e iremos. Depois me pavonearei por Chester's esta noite as oito e todo mundo verá que não pode se meter com Mega. Ryodan verá que não o necessito para nada.

—Tinha razão — diz Dancer. — As jaulas estão repletas de Unseelie esperando para serem assassinados.

Rio.

—Jayne não sabia no que estava se colocando quando pegou minha espada. Eu sabia que ele não possuía tempo suficiente para matar o que capturou em seis dias. A única maneira que posso fazer é em hiper velocidade.

Caminhões cobertos estão estacionados perto do lugar de treinamento. Rodeamos por atrás. Corpos frescos de Unseelie estão empilhados na parte traseira de um, ainda gotejando. Isso significa que alguém está usando minha espada neste momento, e está perto. Meus dedos se curvam, doloridos por sustentá-la. Não sei onde Jayne dispõe os corpos. Tem-nos em caminhões em alguma parte. Conheço a rotina. Fui parte dela por longo tempo. Seus homens patrulham as ruas, capturam todos os Unseelie que podem pôr as mãos e os encarceram em celas de ferro em edifícios atrás do Castelo de Dublin. As instalações estão vigiadas, porque várias vezes no passado uma ou outra facção Fae contratou humanos para tentar liberar alguns, ou todos.

Quando as jaulas começavam a encher-se e eu possuía tempo livre, passava por aí, fatiava Unseelie, carregavam os corpos e os levava aos caminhões. Funcionava rápido e eficiente.

Mas só porque mato em super velocidade. Nenhuma pessoa comum pode entrar em uma jaula cheia do Unseelie em câmara lenta, armado sozinho, seja a Espada de Luz ou não. Estaria em pedaços enquanto apunhalava o primeiro Fae.

Agora, Jayne está obrigado a separar cada Unseelie, tirar da jaula, matar, separar o seguinte, matá-lo, e assim sucessivamente durante vários dias. Precisar de um contingente de tempo integral para executar. Requererá dúzias de homens para me substituir. E já estava escasso.

—Mega, sei onde está a espada — diz Dancer.

—Eu também.

Quando mato Unseelie, faço tão rápido que não há tempo para que os Unseelie próximos reajam. Morrem rapidamente. A maioria deles, inclusive antes de saber o que está acontecendo.



Mas pela forma como Jayne está fazendo, têm que estar aí, observando os outros serem assassinados durante horas, vendo a morte aproximar-se.

Odeio os Fae. Mas há algo em saber que simplesmente estão aí, encerrados, vendo seus amigos morrerem a uns poucos metros de distância, à espera de ser assassinado, isso me faz sentir... Decomposta. Não que devemos misericórdia, eles não nos mostraram nenhuma, mas imagino que se for matar algo, deve fazer de forma rápida e sem dor, se não, está tão doente quanto o que está matando.

Não preciso recuperar minha espada só por mim. Preciso recuperá-la porque sou a melhor pessoa para fazer este trabalho. Jayne precisa tirar a cabeça do traseiro e ver isso. Esta é um maldito massacre prolongado.

Os olhos do Dancer já não brilham. Parece tão sombrio quanto eu. Decido que vou fazer uma demonstração de boa fé quando recuperar minha espada.

Ficarei e matarei, tirarei tudo da miséria de forma rápida e limpa.

Logo Jayne e eu vamos nos sentar e ter uma séria conversa.

Olho Dancer e ele assente.

Dirigimos para os gritos.

As portas de aço onduladas estão totalmente abertas no armazém, deixando espaço suficiente para que dois semirreboques entrem e descarreguem se desejarem. Olhar dentro do edifício onde Jayne está matando todos os Unseelie não é a parte difícil.

Não ser visto se alguém aparecer é o complicado.

O pór de concreto é de metro e meio de altura, e deslizei ao longo dele até que estou parada realmente perto da entrada, só com os olhos e o cabelo aparecendo pelo lado, enquanto avalio a cena e começo a construir minha grade mental. Inclusive a menor parte de mim mostrando-se me e faz sentir muito exposta. Ter cabelo vermelho é como levar um letreiro de néon às vezes. Um loiro escuro se mesclaria com o fundo, um castanho camundongo combinaria bem com o amanhecer escuro, mas meu cabelo nunca desvanece na escuridão, a menos que tenha como pano de fundo um céu carmesim.

Dancer está em algum lugar no alto, pondo explosivos. Em momentos como estes, desejaria ter um clone para poder fazer as coisas geniais que estou fazendo e, além disso, estar com ele. Amo fazer as coisas voarem. Mas minha parte do trabalho consiste em entrar correndo, pegar minha espada e nos tirar rapidamente daqui.

Tinha razão quanto ao contingente para controlar a matança, embora Jayne provavelmente manteria muitos ao redor da espada em todo momento, só para protegê-la de mim.

Como se isso fosse suficiente!

Jayne tem duas dúzias de homens com ele, levando armas automáticas, envoltos em munições. Estão de pé na parte interior da entrada em alerta máxima, observando cada movimento que faz. Odeio as pistolas. As armas automáticas podem arrojear uma chuva de balas, quase impossível evitar.



Isso é por que preciso da distração. Preciso que a maioria deles se vá antes que esteja disposta a entrar congelando o quadro, lançar-me contra Jayne e sair fazendo um caminho em zigue-zague, o mais difícil possível para que alguém dispare contra mim.

Levanto o olhar, explorando os tetos ao redor. Não há franco-atiradores ali. Se eu fosse Jayne, teria ao menos seis homens nos tetos, me buscando. Mas é por isso que eu sou a Mega e ele não.

Jogo uma olhada ao interior e vejo minha espada. No passado, Ro me tirou, às vezes, quando era mais jovem. Mas quando toda a merda começou a bater no ventilador com Mac, peguei de novo e nunca deixei que ninguém a tocasse outra vez. Uma vez, na batalha, vi Mac lançar a lança a Kat para que usasse. Cara, ela é uma mulher melhor que eu. Nunca vou compartilhar minha arma. É minha segunda pele. Não posso suportar ver que alguém mais a toque, sustentando-a, usando-a. É minha e ele a levou, e não tinha direito. Não me sentirei como eu mesma até que a tenha de volta.

Os gritos não são tão maus neste momento, porque Jayne não está matando um Fae. Mas enquanto observo, seus homens trazem um Rhino-boy até a frente do armazém perto do píer e o lançam sobre os joelhos rechonchudos ao chão diante dele.

Jayne retira o braço, balança a espada e o decapita ordenadamente.

Não. Eu solto uma risadinha.

Como em seus sonhos. Vejo que vai sair errado mesmo antes que ele o faça.

—Santos pés palmados, vai agachar — murmuro.

O Rhino-boy se retorce e se agacha no último segundo e minha espada se aloja em uma de suas presas amarelas.

Suspiro. Para que Jayne pensa que são suas presas além de bloquear golpes na cabeça? Bom, também os usam para empalar, mas sobre tudo para proteger seus crânios e pescoços.

O Rhino-boy está enfurecido. Chiando e grunhindo, quase se liberta. Alguém dispara, logo os homens do Jayne o põem de novo no chão.

Ele tira a espada da presa e quando sai tropeça. Em alguma parte um Unseelie ri a gargalhadas.

Jayne recupera o equilíbrio, levanta seu braço e baixa à espada uma vez mais.

Estremeço.

Jayne é forte. Mas os Unseelie são feitos de tendões e cartilagem e uma estranha estrutura óssea onde menos se espera encontrá-la, e cortar suas cabeças não é tão fácil como parece que deveria ser.

Agora a espada está à metade de caminho de seu grosso pescoço e do Rhino-boy está brotando uma substância viscosa verde, está chiando como um porco, agitando os braços e as pernas rechonchudas, e centenas do Unseelie enjaulados começam a gritar de novo.

Jayne serra a coisa com a espada e eu quase vomito. Seus homens não parecem muito mais felizes. O ruído é ensurdecedor. Os Rhino-boys estão emitindo um chiado contínuo e agudo, pequenos Fae alados (os que nos fazem rir até a morte!) estão repicando de fúria e fazem deslumbrantes desdobramentos de luz tentando escapar das jaulas de ferro, Unseelie



semelhantes a centopeia retorcidas entrem seus companheiros de jaula, e o som que fazem é como várias toneladas de cascalho caindo sobre folhas de metal, sendo arrastadas por cima. Fantasmas abatidos e magros entram e saem do estado sólido, emitindo um gemido agudo. O som é tão grande que sinto sua vibração no chão do píer de concreto sob minhas palmas.

Jayne finalmente consegue matar o Rhino-boy que está cortando, e se volta para um de seus homens para receber uma toalha para limpar a viscosidade e o sangue. Olha para as jaulas, sua expressão sombria. Rio sem alegria. Sem dúvida tem uma nova apreciação pelos rápidos serviços de moi⁷³! Não é fácil entrar em um armazém cheio de monstros condenados e matar todos. Mas cada um que voltar para as ruas, em última instância, matará dezenas, possivelmente centenas ou milhares de seres humanos, em sua existência imortal. É o que fazem. São eles ou nós.

Verifico meu telefone celular. Meu relógio está em contagem regressiva. Tenho sete minutos antes que Dancer detone as cargas. Preferia uma só explosão, mas Dancer queria vários lugares, para dividir melhor os homens do Jayne e aumentar nossas probabilidades de entrar e sair sem problemas e facilmente.

Olho minha espada. Estou obcecada. Sei. Não importa. Há coisas piores do que estar obcecada. Como, digamos, Jo com Ryodan. *Duh*. Que esquisito é isso?

Os homens do Jayne esvaziaram uma jaula toda, menos os pequenos Fae morte-de-risada. Agora apanham as pequenas e brilhantes harpias com uma rede e lançam as redes ao chão frente à Jayne. Os Fae delicados e bonitos gritam e agitam os punhos enquanto Jayne desce a espada uma e outra vez. Fazendo a cena ainda mais macabra, os homens na área imediata, incluindo o bom inspetor, riem sem poder fazer nada, muitos deles dobrados de risada, até que o último Fae morre.

Os Unseelie enjaulados rugem e uivam.

Porque sou uma sidhe-seer, posso sentir os Fae em meus ossos, em minha medula, nesse estranho centro frio/quente de meu cérebro que outras pessoas não têm.

Antes que os muros caíssem, quando havia menos deles no mundo, minha percepção era um farol de cristal transparente, me advertindo se um deles se aproximava muito de mim, muito antes que estivesse suficientemente perto para ser uma ameaça. Mas desde que os muros caíram, há tantos deles ao meu redor e que meu alarme Fae está soando constantemente, 24/7⁷⁴. Como qualquer outra sidhe-seer que quer permanecer calma, ou simplesmente dormir um pouco, aprendi a silenciá-lo. Se não encontrar a maneira de baixar o volume, enlouquecerá. Não é só um alarme interno dizendo: "Atenção, um Fae está perto." Move-se junto com um brilho de raiva pura, de uma diretriz primária de matar, matar, matar, e fazê-lo agora mesmo, neste mesmo instante, inclusive se tiver que usar suas próprias mãos para destruí-lo. Não é algo que possa reprimir. É muito forte. As mulheres de mais idade na abadia dizem que é como ter o pior sufoco sanguíneo imaginável, uma onda hormonal de pura fúria homicida. Não quero viver tempo suficiente para ter sufocos. A puberdade já é bastante má.

⁷³ Em francês, que significa mim ou faz referência à pessoa que está falando.

⁷⁴ 24 horas por dia, 7 dias por semana



Meu sensor Fae está completamente apagado agora. E inclusive assim, sinto: um Unseelie muito poderoso está perto, muito perto para minha comodidade.

Para que possa penetrar a barricada de silêncio que construí ao redor, seu poder tem que ser enorme. Subo o volume um pouco, tentando determinar quem, o que e onde. Com tantos Unseelie no armazém, leva uns segundos isolar ao recém-chegado.

Aí está!

Expando minha consciência, tomando sua medida.

Antigo. Mortal.

Sexo. Fome. Ira. Fome. Sexo. Fome. Ira. Fome.

Sinto, mas não posso vê-lo.

Os pelos na parte traseira de meu pescoço são pequenas agulhas em minha pele.

De repente, uma sombra se move no amanhecer sombrio, úmido e está aí, do outro lado do píer, o cabelo e os olhos apenas visíveis. Estamos um frente ao outro, não mais de dez metros de concreto entre nós.

Não é Christian esta vez. É um dos príncipes Unseelie puro sangue. Por outra parte, depois de encontrar a mulher nua morta entre sua cama e a parede, não estou segura de que seja uma distinção importante.

Fico tão imóvel quanto a mulher morta do Christian.

Não está me olhando. Está olhando Jayne. Parece completamente inconsciente de mim. Considero escapulir fora de sua vista e me encolher sobre meus joelhos, me concentrar com força em não ver todas essas imagens sexuais gráficas nas paredes internas de meu crânio, como as que estou vendo agora.

Fome. Necessidade. Sexo.

Mas não posso escapulir para baixo, porque não me atrevo a afastar os olhos disso. Sou muito perigosa para deixar que príncipe me capturar, me transformar em Pri-ya e me controlar! Esse é o argumento que deveria ter apresentado a Ryodan! Sem a espada, os príncipes podem me tomar como refém, me converter em uma de suas enlouquecidas escravas sexuais e me usar como uma arma contra ele. Aposto que ele teria me ouvido se eu dissesse isso, mas não pensei porque estava muito zangada.

Exploro a borda do cais, mas só vejo um príncipe. Onde está o outro? Sustentando a cabeça perfeitamente imóvel, entrecerrando os olhos, baixo o olhar para meu relógio. Tenho mais de quatro minutos antes da primeira explosão.

Como me encontrou tão rápido? Bom, não me encontrou, mas aparentemente sabia onde procurar. Passamos junto a mais Rhino-boys sem perceber, e eles chamaram para informar de meu paradeiro?

Olho fixamente, contendo a respiração, tentando decidir se devo cair de joelhos agora ou simplesmente seguir sem respirar ou me mover. Olho enquanto observa Jayne, que está matando outro Unseelie, e de repente tenho uma epifania total: não veio aqui para me buscar!

Veio por minha espada.



Agora que já não sou a guardiã da espada, os príncipes em realidade têm a oportunidade de tomá-la e destruí-la. Não podem resistir a oportunidade de eliminar uma das duas únicas armas que podem matar aos Fae. Não me tirou porque eu sou a Mega, mas acredita que pode roubar de Jayne, porque ele não tem nenhum poder especial. Não é mais que um homem.

O pior de tudo é que provavelmente esteja certo. Possivelmente possa peneirar-se e tomá-la antes que Jayne sequer saiba o que aconteceu. É um Unseelie, o que significa que na realidade não será capaz de tocá-la, porque os Fae Escuros não podem tocar as Relíquias de Luz e vice-versa, mas estou disposta a apostar que tem algum tipo de plano para isso.

Sou rápida, mas não posso vencer a um peneirar. Essa é a razão que preciso tanto de minha espada. Com todos os peneiras que enfureci, sou uma garota morta caminhando sem ela.

Imagino todos os cenários possíveis, começando pelo pior. Eu gosto de fazer dessa maneira, assim posso terminar no pensamento feliz e apontar a isso.

Um: o príncipe Unseelie peneira, e mata todos. Tem a uma dessas groupies Pri-ya com ele, cuja cabeça não é visível porque está em algum lugar mais abaixo fazendo algo totalmente repugnante, e ela pega a espada, e ele se peneira com ela a sustentando.

Dois: o príncipe Unseelie me vê, peneira-se e me mata.

Três: o príncipe Unseelie me vê, peneira-se, me sequestra e converte em Pri-ya. Nego-me a seguir esse pensamento. Em resumo: qualquer outra versão em que o príncipe Unseelie me encontra termina mal.

Quatro: caio de joelhos e me escondo. Nunca saberá que estou aqui. As bombas do Dancer explodem em rápida sucessão. Entro congelando o quadro e tomo minha espada enquanto todos estão transtornados. Mato ao príncipe Unseelie em um desdobramento deslumbrante de destreza e graça. Sonetos são compostos ao meu respeito.

Sorrio. Eu gosto dessa.

Volto minha atenção à situação do momento e me dou conta que a Realidade, a cadela impaciente, tomou a decisão por mim. Faz isso frequentemente. Está muito ocupado planejando a vida, então ela tem a coragem de seguir adiante e acontecer antes que esteja preparado. Antes de sequer ter a oportunidade de apontar bem!

É um dos cenários negativos.

O príncipe Unseelie me viu.

Capítulo 22

"Sua mente está alterada, é como se a escuridão fosse luz"⁷⁵

Quanto mais assustada estou, mais me sinto viva.

⁷⁵ Your mind's in disturbia, it's like the darkness is light": da canção "Disturbia" da Rihanna.
<http://www.youtube.com/watch?v=E1mU6h4Xdx>



Deveria paralisar em uma poça de terror, mas a adrenalina coloca um pau de vassoura em minha coluna.

Se o príncipe Unseelie se aproximar uns poucos metros de mim, paralisarei de qualquer maneira, tenha uma coluna sobrecarregada ou não. Ninguém é imune à realeza Fae. Ninguém tem proteção alguma contra eles. A realeza Seelie mantém seu letal erotismo principalmente apagado ao redor dos humanos como cortesia. Os Unseelie se deleitam em utilizá-lo sobre nós com toda sua força. Os príncipes já converteram em Pri-ya a centenas de mulheres. Ninguém sabe o que fazer com elas. As pessoas não podem decidir se as prendem, ou as matam misericordiosamente. O último que ouvi é que as mantinham encerradas no que costumava ser um recinto psiquiátrico.

Meus superpoderes são inúteis contra os príncipes. Todo esse sexo, necessidade e fome limpam sua mente de tudo exceto a luxúria ao qual está disposta a morrer. Vi Mac em seu pior momento, quando era Pri-ya. Ela é a única pessoa que conheço que foi recuperada dessa condição mentalmente destruída. Uma coisa é ter o corpo enjaulado. Não posso pensar em nada pior que perder a prudência. Olho Jayne, desesperada por minha espada. Neste momento a está usando para fatiar a morte outro Unseelie aos gritos, exclamações e rugidos de uma audiência. Sem a distração do Dancer, não há forma de que consiga passar todos esses Guardiões e suas armas. Olho meu relógio. Ainda ficam três minutos e meio!

—Ouça, cara, tudo bem? —digo toda indiferente ao príncipe Unseelie, enquanto tiro a trava de uma granada Dancer alterou, meses atrás, para causar uma explosão cegadora e retardada. As uso como granadas de Sombras, escondidas em uma bola de carne imortal. Quando estávamos em um de seus refúgios antes, enchi meus bolsos com todo tipo de coisas. Coloco uma barra de chocolate em minha boca com a outra mão e digo. — Olhe isto. Saiu da espada antes que Jayne tomasse. O que acredita que é?

Lanço-a alto, diretamente sobre o píer. O príncipe faz exatamente o que estava segura que faria: apanha-a. Um humano reconheceria o que lancei, mas estou apostando que ele não o fará. Se fizer ou não, sua reação não é para nada o que esperava. Imaginei que no pior cenário, lançaria sobre o ombro.

O imbecil a lança diretamente de volta para mim!

Como uma idiota, eu também a apanho. Acredito que há duas classes de pessoas na vida: aquelas às que pode lançar algo e que instintivamente se agacharão e afastarão de um golpe, e aquelas que instintivamente pegarão. Sempre fui aquelas que pegam. Escolherei a ofensiva frente à defesa qualquer dia. Bisbilhoto enquanto congelo o quadro e avalio minha situação: Jayne não tem ideia de que estamos aqui, porque não pode nos ouvir sobre o estrondo que os monstros enjaulados estão fazendo. A granada em minha mão vai explodir em cinco, quatro, três...

—Não, você pega — digo, e a lanço alto, de volta para o príncipe.

Ele a pega, fecha a mão ao redor, e vejo um brilho de luz no punho. Logo abre a mão e pó negro cai ao chão. Se pudesse decifrar a expressão, bem poderia ter acabado de me dar um sorriso de satisfação total.

Bom, merda. Do que é feito? Aço galvanizado?



De repente sei onde está o segundo príncipe, porque a temperatura no espaço atrás de mim caiu uns quatro graus ou algo assim. Os pelos na parte posterior de meu pescoço congelam e tremo.

Lanço-me a congelar o quadro em sentido inverso, mas ele me bloqueia, e me choco contra seu frio e poderoso corpo.

Merda, Merda, Merda! Lanço-me para diante. Está aí frente a mim. Giro e me inclino, mas me choco contra ele de lado. Fazemos esta coisa de avançar/bloquear umas dez vezes mais, comigo abarrotando minha boca com barras de chocolate. Estamos nos movendo como em um baile orquestrado. Parece ler os pequenos indícios de meu corpo, antecipando meus movimentos. A coisa é diabolicamente rápida! Tudo o que posso distinguir é um matagal de longo cabelo negro e o brilho de tatuagens caleidoscópicas que correm sob sua pele escura.

Atiro-me ao chão e rodo me afastando dele, logo me ponho de pé em um salto, mas pega atrás e me puxa para ele outra vez. Não posso deixar de tremer. Tenho que me afastar. Faz um som contra minha orelha que ouvi um montão dos homens do Ryodan fazerem no nível quatro quando estavam todos tendo sexo, baixo, áspero e tenso. Ouço-me emitindo um ruído que nem sequer sabia era capaz de fazer.

Viro uma Dani-Granada, brigando com tudo o que tenho. Não acontecerá desta forma!

Golpeio, chuto, mordo. Não briga em resposta. Envolve os braços a meu redor por trás e me mantém pressionada contra o corpo com força, esperando a fúria converter-se em algo mais.

E o faz.

Estou perdendo a mim mesma!

Posso sentir a mente afastando-se!

Estou me convertendo em algo que não quero ser e não posso deter! É isto o que Mac passou? Como suportou? Três príncipes de uma vez, e também Cruce!

Não quero isto! Não se supõe que seja assim! Supõe-se que perderei minha virgindade de algum modo impressionante, super espetacular e sensacional. Não assim!

Mas tudo em meu interior está ficando pegajoso como um rico, quente e aveludado fondue de chocolate que é tão espesso, doce e delicioso que quero nadar nele, deixar que cubra minha cabeça, leve-me a um lugar onde já não tenha que pensar e onde simplesmente possa ser sem ter que me esforçar sempre para manter-me em cima, proteger e ganhar todo o tempo.

Quero me despir aqui na rua. Quero fazer de todas as formas, de pé e encostada, de cachorrinho e montada à inversa. Longo cabelo negro está enredando ao redor de meu pescoço, deslizando como seda quente. Seus braços ao redor de mim parecem como a melhor dança lenta que imaginei, não é que imagine coisas como dançar lento com Dancer nem nada, mas estou tendo dificuldades para respirar bem, minha respiração está ficando superficial e fica presa em minha garganta.

Faz um som, como escuros sinos de vento em uma tormenta, formoso e frágil. A inquietante melodia raspa minhas terminações nervosas, convertendo cada uma em uma pequena massa de malha orgásmica.



Estou perdida. Pressiono contra ele. É duro onde sou suave, e quase perfeito em todos os sentidos.

—OH, Dani, minha querida, não está me dando uma só razão para esperar que cresça. Está-me dando mil razões para não fazê-lo.

É Christian! Estou tão feliz que seja ele, não um dos outros príncipes! Volto-me em seus braços e inclino minha cabeça para trás.

—Olá, Christian! —Sorrio. É mais bonito que os outros príncipes. Estou feliz de que ele me tocou. Também tomarei aos outros, mas o quero primeiro. — Quero crescer. Agora. Se apresse.

—Não. Desse. Modo.

Estico a mão e puxo a cabeça do Christian para baixo para beijá-lo, mas ele a afasta de um golpe. Zanga-me. Agarro de novo. Empurra-me e tropeço.

Nesse momento me esbofeteia. Duro, no rosto. Meus ouvidos ressonam pela violência do golpe. Umedeço os lábios e dou um olhar. A dor não é o que preciso. Preciso dele para acalmar minha dor. Sou virgem, mas meu corpo sabe como mover-se, o que fazer. É um pouco vergonhoso, mas ao mesmo tempo eu gosto. O sexo é poderoso. Faz todas as células super vivas. Como não sabia isso? Quero explorar. Quero aprender de dentro para fora, como todo o resto que faço. Sinto-me incrível! Como se estivesse a ponto de aprender coisas das que não tenho ideia e que vão me mudar para sempre. Quando isto acabar, serei uma mulher. Já não serei uma menina. Estou fascinada pela ideia.

Não estou pronta para isso!

Estou correndo para isso, não posso chegar aí o suficientemente rápido.

Esbofeteia-me outra vez.

—Deixa de me olhar assim. Se zangue comigo. Odeie-me pelo que te faria. Matarei você se continuar me olhando assim! Vou fodê-la até que morra! —vaia.

Repentinamente, o príncipe Unseelie que estava ao outro lado do píer está de pé, ombro a ombro com ele. Começam a discutir em Unseelie e não posso entender uma palavra do que estão dizendo, mas entendo o tom. O outro príncipe está zangado.

Um terceiro príncipe se peneira. Ou um segundo, se estiver contando Christian como um quase-príncipe. Parecem tanto, que me pergunto se possivelmente ele já passou pela mudança final no pouco tempo da última vez que o vi. Ontem, estar tão perto dele não me afetou desta forma. Aconteceu algo durante a noite? É porque há mais de um príncipe aqui e potencializam uns aos outros? Realmente acaba de dizer algo estranho sobre esperar por mim? Meu cérebro é um desastre. Nenhum de meus circuitos está funcionando.

Não posso fazer frente aos príncipes. Apesar dos meus poderes de super-herói, aqui sou nada. Estou tão frágil, indefesa e condenada como qualquer outra pessoa. Sou uma vítima disposta, pronta, esperando ansiosa ser destruída. Sei com uma parte de minha mente o quanto isso é horrível, mas com outra parte de minha mente, uma muito maior, não me importa. Ser uma vítima do prazer eterno soa como o estado de existência mais perfeito que jamais poderia imaginar.



Olho-os. Minhas bochechas estão molhadas. Quero desviar o olhar, mas não posso. Limpo o rosto e as mãos saem ensanguentadas por minhas lágrimas. Tento retroceder, mas há super cola na base das botas. O feitiço que Christian começou está tecendo ao meu redor outra vez, e não posso fazer nada para detê-lo. Estou de pé a três metros de distância de três Fae morte-por-sexo e não vejo nenhum modo de escapar. Christian realmente poderia me proteger deles, inclusive se eu não quisesse? Porque se aproximarem sequer um centímetro, não vou querer que o faça.

—Fique atrás de mim, menina — grunhe Lor de algum lugar detrás. Parece que os meros pensamentos sobre Ryodan conjuraram seus homens. Se pudesse me mover, afrouxaria de alívio. Não posso. Fico aí.

Lor me agarra e empurra atrás dele. Tem meia dúzia de seus homens ao lado e me rodeiam.

Enfrentam aos príncipes, e justo quando todo o inferno está a ponto de desatar entre eles, um dos homens do Jayne ladra uma forte ordem porque nos viram, e os Guardiões giram as armas em nossa direção.

Então os Unseelie presos nas jaulas devem ter vistos príncipes de pé aí fora, porque começam a rugir e uivar com toda força, suponho que tentando fazer que os liberem.

Nesse momento, é quando a primeira das bombas do Dancer explode.

Capítulo 23

“Minha coisa linda, linda. Quer te congelar?... Aqui vem o Homem de Gelo”⁷⁶

Dancer pôs as bombas nos pisos superiores, porque tentamos não destroçar edifícios inteiros, a menos que sejam ninhos e precisem ser demolidos.

Quando as cargas começam a explodir, os tetos voaram pelo ar, um após o outro, e os escombros caíram como chuva sobre nós.

Vidro, tijolos e partes de gesso orvalham a rua. O ar está tão cheio de pó que não posso ver por uns segundos.

Todos começam a fugir e esquivar, cobrindo as cabeças, inclusive os príncipes Unseelie. Suponho que ser imortal não faz você gostar de ser golpeado por uma prancha de concreto mais que a qualquer outra pessoa. Assim, todos começam a procurar refúgio, exceto Jayne e seus homens, que já estavam de pé dentro do armazém e não precisaram.

A detonação das bombas não funciona como eu planejei. Supunha-se que os Guardiões olhariam para fora quando explodissem, e não veriam ninguém porque eu estaria escondida. Logo, supondo que fossem caçar a quem quer que estivesse colocando as bombas nos edifícios dos arredores, e eu ia encarregar-me do Jayne e de quem ficasse.

⁷⁶ “My pretty pretty thing. Dou you want to freeze?... The Iceman cometh” da canção “Iceman” de Descenders. <http://www.youtube.com/watch?v=HRnJcIU4-g0>.



Ao invés, eles olham para fora e veem todos, porque estamos nos esquivando dos escombros que caem e estamos em câmera lenta, porque não podemos fazer rápido através da imprevisível e instável metralha de bombas.

Os Guardiões começam a tentar nos alinhar nas miras e ladram ordens para que fiquemos quietos e deixemos cair nossas armas, o que é ridículo, como se alguém fosse escutar, mas acredito que os maus hábitos não morrem facilmente. Ninguém fica imóvel ou deixa cair nada. E me pergunto, Jayne não entende que os príncipes Unseelie e eu queremos o que tem na mão e que mataremos por isso? Cara, se fosse ele, deixaria cair e fugiria.

Uma vez que estou bastante segura de que as partes maiores de teto caíram a terra, passo junto ao Lor, congelando o quadro para recuperar minha espada das mãos do Jayne. Só que me choco contra Lor porque o maldito é mais rápido que eu.

Logo ambos nos chocamos com dois príncipes Unseelie que não estavam ali dois segundos atrás e minha cabeça começa a enredar com pensamentos sexuais mais uma vez. Lor me agarra, e juntos nos afastamos congelando o quadro. Os príncipes jogam uma olhada em Lor e também desaparecem, deixando Jayne como um alvo fácil para mim. Tento rodear Lor congelando o quadro uma vez mais, e de novo me choco contra seu peito. Logo estamos procurando refúgio, porque uma chaminé acaba de cair ao chão e explodiu o lugar de tijolos.

—Por que todos o deixam sozinho? —digo zangada quando nos agachamos atrás do pír. — Tem algum tipo de spray que repele Faes? Alguma vez ouviu falar de compartilhar?

Ele me dá um olhar. Seu rosto está cinza de sujeira. Sinto o sabor do pó de argamassa na língua. As coisas ainda caem, mas a chuva de escombros está mais lenta. Dancer faz umas bombas excelentes!

—Por que simplesmente não me deixa recuperar minha maldita espada? — exponho o argumento que deveria ter exposto com Ryodan. — Se os príncipes me converterem em Pri-ya podem me usar contra vocês.

—Maior razão pela qual ele deveria tê-la matado. Mas não, ele a “contratou”.

—Não pedi para ser contratada. O fato é que não pedi.

—Logo me faz ser seu puto babá.

—Tampouco pedi ter um babá. —Indico a cabeça sobre o pír. Os príncipes estão tentando chegar a Jayne! Tento rodear Lor congelando o quadro, mas não avanço cinquenta centímetros. Choco-me com ele. O tipo é um muro. Não tem buracos por nenhum lado. A coisa está ficando aborrecida.

—Sai. Do. Meu. Caminho.

—A recuperarei por você.

—Por que faria isso? —digo com suspeita. O mais provável é que leve ao Ryodan, que a usará como influência para mandar em mim.

—O Chefe diz que tenho que mantê-la segura. Esteve me fazendo te seguir constantemente.

—Não. Eu notaria.

—Nunca viu quando ele a seguiu. E esteve fazendo por muito mais tempo do que acredita.

—Mentira.



—Nunca poderei ter sexo tentando mantê-la a salvo. É como um desastre de trens com esteroides.

—Não sou. —Usualmente sou mais genial que o genial. Foi um par de dias difícil. — Assim, tipo, se a recuperar, vai me devolver agora mesmo neste momento?

—Não acabo de dizer isso? Vá esconder-se em alguma parte e se cale, menina.

A Mega não se esconde.

—E uma merda.

—Não é possível que tenha o valor que ele acredita.

Não tenho ideia do que está falando, mas não tem nada a ver comigo, assim descarto.

Congelo o quadro para retornar com Jayne no segundo que ele libera meu braço. Esta vez não está esperando porque acredita que simplesmente esperarei como uma covarde que alguém mais recupere minha espada. Não. Rio quando o ouço insultar atrás de mim.

Me choco contra Christian a meio caminho pelas escadas do armazém, bloqueando meu caminho para Jayne.

Logo Lor me tem uma vez mais, e de certa forma me derreto sobre seu ombro, porque o golpe Fae morte-por-sexo do Christian está me fazendo coisas divertidas, mas se desvanecem quando nos afastamos dele, assim mordo Lor, porque odeio ser carregada como um saco de batatas. Se sentiu, não reagiu.

—Mantém-se afastada dos príncipes Unseelie.

—Estou tentando recuperar minha espada. Ele se interpôs em meu caminho.

—Falei que recuperarei por você.

—Quero recuperá-la eu mesma! —Quero olhar Jayne nos olhos quando a tirar. Deixou-me na rua para que morresse como um cão. Sem piedade. Nenhuma só gota.

Lor me deixa cair e me empurra contra um muro.

—Fade, Kasteo, venham aqui e mantenham-na longe de mim.

Logo tenho a dois de seus tipos em cima, um em cada braço, e congelo o quadro, ou tento, mas pesam tanto que termino fazendo círculos bêbados como um inseto moribundo sobre as costas, porque não posso levantar os pés de ambos de uma vez. Um ou outro seguem cravando os calcanhares. Chocamos contra o muro, tropeçamos uns com o outros e o tempo inteiro estou tentando ver o que acontece com Jayne e a espada.

—Deixem-me ir!

Não deixam. De fato, sequer reconhecem que estou falando, muito menos respirando. Penduram meus braços como pesos mortos, e eventualmente me tranquilizo o suficiente para deixar de tentar. Os exercícios de futilidade não são a minha praia. Poderiam me sustentar até que acabe o tanque de gasolina e seria logo. Um descuido, e sem dúvida alguém me lançaria sobre o ombro uma vez mais e me carregaria por aí ao invés de me dar uma barra de chocolate.

Depois de uns poucos minutos termino de pé, zangada como nunca antes, simplesmente observando.

E assim tenho assento de primeira fila quando o verdadeiro circo começa.



Os dois príncipes Unseelie originais seguem peneirando, tentando aproximar-se de Jayne. Cada vez que fazem, Lor ou um de seus homens está ali, bloqueando o caminho.

Christian também segue tentando chegar ao Jayne, e me dou conta de que ainda não pode peneirar-se. Está movendo-se em um modo próximo peneirar. Mesmo assim, é mais rápido que eu. Maldição. Ultimamente parece que todos são.

Jayne está girando em um círculo com minha espada em frente a ele, tentando evitar que alguém pegue.

Os Guardiões estão girando em círculos, apontando as armas, tentando fixar em algo. Boa sorte com isso. Nem sequer podem ver nada do que está acontecendo, só sentem o vento de todos os que congelam o quadro ao redor deles.

As centenas de Unseelie enjaulados grunhem e uivam, golpeando os pés, agitando as barras e fazendo um ruído ensurdecedor, e há algum tipo de Unseelie ali que começa a fazer um som que nunca ouvi antes. É enorme e discordante e me põe tensa, arrasta-se debaixo da pele e me faz querer sair dela. Não sou a única que se irrita.

—Que demônios está fazendo esse som? —grunhe Fade.

—Sei, verdade? —Quero cobrir os ouvidos, mas meus braços estão presos, assim apuro os dentes e começo a cantarolar com força.

Um príncipe Unseelie se materializa no meio do caos, Lor aparece frente a ele, chocam-se e se inclinam, logo batem contra meia dúzia de Guardiões que empurram Jayne, e de repente todos estão caindo pela borda do píer.

Quando Jayne cai, minha espada sai voando pelo ar, dando voltas, uma coluna de luz de alabastro. Fecho os olhos como se estivesse apanhando-a.

Está ali, para que pegue! Quase posso sentir seu perfeito peso golpeando minha palma.

—Deixem-me ir! —Quase arranco os braços do agarre, mas não me deixam ir. Estou obrigada a permanecer ali e observar enquanto os príncipes, Lor, uma dúzia de Guardiões e a última vítima Unseelie esperada tentam posicionar-se para apanhar minha espada quando cai. Um dos príncipes tenta abrir as asas, mas os quatro estão muito perto e não pode levantar-se. Os outros se peneiram no ar, Lor se lança em uma forma totalmente desumana e se chocam no ar com minha espada ainda indo para cima.

Como falei, um completo circo.

E aí é quando a parte do espetáculo de fenômenos de feira começa.

Estou de pé, os pulsos algemados por Kasteo e Fade, sem poder ir a nenhum lado sem perder um braço, e como não tenho nada com que cortar os seus, estou presa como uma mosca em super cola, quando de repente o ar em frente ao píer começa a brilhar, e tenho esta sensação que nunca senti antes em minha vida. Estive preocupada as vezes. Uma vez ou duas, como quando a Mulher Cinza me apanhou, de fato estava um pouquinho assustada. Estava me sugando a vida e podia sentir. Não há nada mal admitir quando está em um lugar tenebroso, enquanto não deixe que te desordene a cabeça. Mantive-me calma, inclusive tentei convencer Mac de que não fizesse nenhum trato com a maldita, porque a maior parte do tempo os acordos feitos sob pressão voltam e mordem o traseiro com dentes tigres de sabre.



Mas isto é diferente. Sinto pânico com P maiúsculo. Pânico louco, tolo e cego. De repente, sem razão aparente, estou me escondendo como um coelho no meio de um enorme campo aberto sem nenhuma cobertura por quilômetros, como se o céu acabasse de escurecer com falcões, voando asa com asa. A morte parece segura. Uma descida, uma agitação de asas, e desapareço. Tudo por algum ponto estranho no céu. Que merda? Estou entrando em pânico devido a um brilho no céu? Cara, o que está acontecendo? Dê-me um momento “Crepúsculo”, faz que eu também brilhe?

Estou dividida entre brigar para fugir e ficar quieta para que possa ver o que está acontecendo, porque não posso conceber nada que pudesse me fazer entrar em tal pânico e preciso ver! Estou cansada de que estes olhos percam todas as coisas excitantes ultimamente!

Dou-me conta de que não sou a única assustada. Todos o que estavam tentando conseguir minha espada de repente se afastam do píer como se corressem por suas vidas, e penso que significa que todos estamos de acordo que nós não gostamos dos inexplicáveis pontos brilhantes no ar. Vejo minha espada ainda voando para cima, mas está movendo-se lentamente, como se estivesse a ponto de descer. Se somente pudesse tirar Fade e Kasteo de cima de meus malditos braços, correria e a apanharia... bom, possivelmente. Não estou realmente segura disso, porque meus pés não estão obedecendo nada do que digo sobre mover-se para frente. Para meu desgosto, estão indo para trás.

Os príncipes desaparecem.

Jayne e os Guardiões estão correndo para nós.

Christian, Lor, e seus homens se afastam congelando o quadro, logo Lor substituiu os outros dois tipos e tem meu braço, e está me arrastando longe do píer.

Todos estamos retrocedendo, e sorrio quando me dou conta de que estamos retrocedendo juntos, ombro com ombro, em apertada formação. Jayne está junto ao Kasteo, que está junto ao Christian, quem está junto a um Guardião, e ao final estão os príncipes puro sangue, o que me assusta completamente, porque não posso imaginar nada do que eles se afastariam. Há mais bolas em seis metros de rua que no resto de Dublin, e estou orgulhosa de estar pendurando do saco de nozes⁷⁷. Podemos brigar entre nós, mas em momentos de perigo, brigaremos juntos. Cara!

Uma escura fenda aparece no centro do ponto brilhante. Meu pânico cresce exponencialmente. Voltaria e fugiria, mas estou ancorada por dois homens que poderiam sustentar o Titanic em um tsunami.

A fenda se alarga e expulsa uma espessa névoa. Tremo. A névoa congelada se converte em geada dura. Geada dura cobriu a cada pessoa que foi congelada e morreu.

Os Unseelies enjaulados gritam como banshees⁷⁸, e o que está fazendo esse horrível ruído do Inframundo finalmente chega a um crescendo infernal. As janelas que não quebraram com as bombas do Dancer explodiram agora, não em lascas e partes grandes, são literalmente pulverizadas, orvalhando as ruas com pó de vidro.

A fenda aumenta. Mais névoa sai, leitosa e fria. A temperatura baixa estrepitosamente.

⁷⁷ *Nut-sack: sinônimo de escroto.*

⁷⁸ *Banshee: fadas que anunciam a morte.*



—Esperem! —grita Jayne, e nos detemos.

Fade diz:

—Que demônios...?

O som cessa.

O mundo fica em silêncio.

Completamente.

Quieto.

Perdi minha audição? O crescendo do Unseelie me deixou surda? Nem posso ouvir minha própria respiração nos ouvidos, como quando nado debaixo da água. Olho Lor. Ele está me olhando e assinalando suas orelhas. Assinalo as minhas e assinto. Todos estão fazendo o mesmo. Ao menos, se eu perdi a audição, aconteceu o mesmo com todos.

Volto a olhar à fenda que se alarga e o silêncio opressivo cresce.

É pior que um vazio.

É. Horrível. Está. Jogando. Com. Minha. Mente. Está...

Vazio.

Desligado.

Parece como morrer.

Mas há algo...

Deslizo dentro do meu centro sidhe-seer e estendo tentáculos curiosos...

Recebo uma confusão de impressões, mas não posso encontrar palavras para elas, porque o que estou sentindo está além de minha compreensão. Como se fosse tridimensional e o que estou sentindo fossem seis ou sete dimensões. É...

Complicado.

Antigo.

Sensível.

Tento ler sua... bom, mente por falta de uma palavra melhor, e tudo o que recebo é um estranho brilho de... cálculo?

Alguma coisa está faltando. Algo está sendo procurado.

Olho Lor e vejo uma expressão em seu rosto que nunca vi antes e nunca pensei que veria.

Medo.

Preocupa-me. Muito.

Ele olha Fade e Kasteo e eles assentem. Ele aperta o agarre em meu braço.

A fenda se abre e isso sai.

Santo Deus, isso sai!

Parte 2

Não pode haver som sem movimento.

Não pode haver movimento sem som.



*Não há êxtase na música, só mudança.
Facilmente poderia ter chamado a Canção da Destruição.
Parece que alguém se sentia otimista em nomear os dias.
O livro da chuva*

Capítulo 24

“E o ritmo continua”⁷⁹”

Cruce veio esta noite, roubando meu sonho como sempre, separando meus lábios e coxas, me deixando perto do amanhecer em lençóis enredados, molhada com o suor do sexo e a vergonha.

Nos poucos momentos de descanso que arrebatou antes de me levantar, tenho um sonho aterrador.

Caminho à entrada oculta das catacumbas com o andar sem sentido de uma mulher morta e ressuscitada da tumba.

Margery bloqueia a porta de pedras que parece como qualquer outra parede a menos que esteja saiba seu segredo. Está voluptuosamente nua, cabelo e olhos selvagens, cheirando a ele... um aroma que conheço muito bem. Uma banshee mostra dentes afiados em uma gargalhada e diz que ele se foi. Cheguei muito tarde.

Com uma violência que não acreditava ser capaz, empurro-a a um lado, e quando ela se choca contra a parede, desaba ao chão e fica imóvel. Sangue brota detrás da cabeça, manchando pétalas de margarida vermelhas na parede.

Perplexa ante a hostilidade em meu coração, passo pela porta e balanço arrastando os pés.

Os túneis estão negros como a noite, me obrigando a medir às cegas uma passagem seguindo os úmidos muros de pedras. Este não é o subterrâneo que conheço: seco e bem iluminado, com tudo no lugar. Neste labirinto escuro e úmido, o musgo cresce densamente nas paredes e ossos rangem sob meus pés. O aroma da decomposição se mistura com algum aroma fecundo na brisa. Não há nada aqui que gere vento, a menos que uma coisa que não deveria estar agitando o faça.

Aperto meu xale um pouco mais e impulsiono para frente com pés mancando, passos dados e cambaleantes, cega, mas não de propósito. Rezo, e com a fantasia dos sonhos, a cruz de ouro que levo em meu pescoço começa a brilhar. Não mereço tal consolo nesta noite escura de minha alma!

Arrasto os pés por um tempo que não calculo através da escuridão, até que finalmente chego à câmara onde o erótico e mortal príncipe está congelado.

⁷⁹ “And The Beat Goes On”: canção do The Whispers. <http://www.youtube.com/watch?v=sIldMEPvUqA>.



Ali, não há escuridão que espreite, o musgo não cresce, a água não goteja. Não há ossos neste lugar proibido. Só carne. Carne extraordinária e deliciosa.

As paredes foram banhadas em ouro em minha ausência. A câmara está radiante com luz brilhante.

Cruze ainda está enjaulado!

Nu, imponente, com as asas desdobradas, ruge com raiva animal.

Em gelo sólido.

Choro de alegria. Meus temores foram em vão!

Com pernas trêmulas, me apresso para a jaula, celebrando que se mantém.

Falta uma das barras.

—Para. De. Vibrar. —Ryodan pega um papel no ar e o põe de novo sobre a mesa com um golpe.

Pergunto-me se limpa. Quantos traseiros estiveram sobre essa coisa? Nunca vou voltar a tocar.

—Não posso evitar — digo com a boca cheia de barra de chocolate. Sei como pareço: uma mancha de couro negro e cabelo. — Acontece quando estou realmente excitada. Quanto mais excitada estou, mais vibro.

—Esse é um pensamento interessante — diz Lor.

—Se quer dizer o que acredito que quer dizer, quererá calar a puta boca e nunca pensar de novo — diz Ryodan.

—Só digo, chefe — diz Lor. — Não pode me dizer que também não pensou.

Cinco dos homens do Ryodan estão no escritório, e é como estar em pé no meio de um raio de calor, encerrada entre eles. Jayne também está aqui, mas estou o ignorando totalmente, porque, tipo, se não fizer, teria que matá-lo com minhas próprias mãos e isso sujaria tudo, logo Ryodan provavelmente me faria esfregar todo o maldito escritório.

Nunca entendo a metade do que estes tipos estão falando, e não me importa.

—Pode me tocar se quiser — digo ao Lor magnanimamente. Estou tão cheia de adrenalina e excitação que me sinto francamente sociável. Elevo um de meus ombros para ele. — Prova. Parece realmente genial.

Todas as cabeças giram para mim, logo voltam a olhar Ryodan.

—Ele não é dono de meu maldito ombro. Por que o olham?

Lor explode em gargalhadas, mas não se estica para tocar meu ombro.

Não sei por que. Eu gosto de me tocar quando estou vibrando assim. Vibro o dobro. Se tivesse muito frio e começasse a tremer, estaria vibrando o triplo!

—Assim, o que merda vamos fazer para deter esta coisa? —Sorrio. Temos planos que fazer e aplicar. Tempos como estes contribuem meu desenvolvimento! Tiram o melhor de mim! Sou uma espécie de garota que está à altura das circunstâncias. Sinto-me tão emocionada e generosa de ter uma aventura tão genial para viver que estou achando difícil seguir zangada com as pessoas neste momento. Temos um inimigo que é maior e pior que algo que vi. Maldição, que bom estar viva!



Porque, tipo, por um segundo ali junto ao píer, não estava segura de que estaria. Não estava segura de que algum de nós conseguiria!

Falando do que aconteceu no píer...

Meu estado de ânimo muda e franzo o cenho. Ainda não tenho minha espada. Congelou. O armazém agora está cheio de Unseelie congelados, o teto coberto de estalactites⁸⁰, o solo sumiu com estalagmites⁸¹. Minha espada ficou congelada em uma estalactite no alto, e o lugar estava mortalmente frio para que qualquer um entrasse, frio como -morre-congelado-instantaneamente. Tivemos que deixá-la presa ali, em um pedaço de gelo enorme. Lor ordenou a Kasteo e Fade ficarem de guarda até que a cena descongelasse o suficiente para recuperá-la. Segundo o último que vi, os dois príncipes Unseelie ainda seguiam rondando. Se Christian estava ali, estava mantendo-se fora da vista. Nenhum sinal de Dancer. Não queria ir, mas Lor ameaçou me carregar como um saco de batatas sobre o ombro, e vendo que pode fazer tão facilmente como Ryodan, não vi sentido em me sentir miserável.

—É sua culpa — digo ao Ryodan. — Nunca devia permitir que Jayne ficasse com minha espada. Agora, quem sabe o que vai acontecer! Se a cena explodir como as demais... —Minha voz vai desvanecendo, porque não suporto a ideia de que minha espada estale em pedaços de alabastro.

—Esse é o menor de nossos problemas — diz Ryodan. —Diga-me exatamente o que aconteceu.

—Lor acaba de dizer — digo zangada. — Que mais quer saber?

—Quero escutar de você.

Rasgo a embalagem de outra barra de chocolate, e entre bocados repito a maioria do que Lor disse sobre a névoa e a dilatação da fenda. A sensação de pânico que todos experimentamos. Como repentinamente nenhum de nós podia ouvir nada, como se tivéssemos surdos.

—Então esta... esta... coisa que era duas vezes maior que seu escritório saiu.

—Coisa.

—Amigo, Lor não descreveu muito melhor. Quero dizer, vamos, “massa escura do tamanho de dois semirreboques, um ao lado do outro”?

—Tenta.

Franzo o cenho, pensando, e logo esclareço.

—Alguma vez viu o filme A Mancha Voraz⁸²? Foi assim. Só que era mais largo. E não sei se era viscoso e se levitava em lugar de rodar. E não sei se era denso. Mas não parecia como uma Sombra. Não se parecia em nada a uma Sombra.

—A Mancha Voraz.

—Filme velho, da época do cinema mudo.

—Não é tão velha — diz Jayne. — Vi quando era menino.

⁸⁰ **Estalactites** são formações rochosas (no caso aqui, são de gelo) sedimentares que se originam no teto de uma gruta ou caverna, crescendo para baixo, em direção ao chão da gruta ou caverna, pela deposição (precipitação) de carbonato de cálcio arrastado pela água que goteja do teto. Apresentam frequentemente uma forma tubular ou cônica.

⁸¹ **Estalagmites** são formações que crescem a partir do chão de uma gruta ou caverna que vão em direção ao teto, formadas pela deposição (precipitação) de carbonato de cálcio arrastado pela água que goteja do teto.

⁸² *The Blob*: filme americano de 1958.



—O que foi como, na época do cinema mudo, verdade? Nem sequer deveria estar falando comigo. Não fale. Nem sequer deveria estar aqui. Deveria matá-lo. Tem sorte de que não esteja matando-o neste momento. Deixou-me para morrer. —Olho Ryodan. — E você permite. Malditos. Todos vocês.

—Vim direto ao Chester's e disse a Ryodan onde estava —diz Jayne. — Não ia deixá-la morrer. Eu não gostei de te deixar. Precisava da espada. Não podia me permitir o luxo de deixar passar a oportunidade.

Disse a Ryodan onde estava?

—Falei que não fale comigo. E isso funcionou muito bem para você, verdade? Quantos anos acha que levaria para matar umas poucas centenas de Unseelie? —Fulmino Ryodan com o olhar. — E você não disse nada a respeito de que sabia onde estava. Tampouco veio. —Não importava que eu pudesse ter morrido?

—O chefe me enviou ao segundo em que Jayne apareceu — disse Lor. — Não estava quando cheguei. Estava seguindo seu rastro de sangue, mas desapareceu.

—Textura — diz Ryodan.

—Quer dizer, se possuía alguma? Não que eu pudesse ver.

—Então o que aconteceu.

—Entrou no armazém, todo pesado e arrotou névoa branca por toda parte, e não podíamos ver nada. Congelou todo o lugar, pior que qualquer lugar que vimos até agora. Quero dizer, amigo, estalactites brotaram do teto e o piso está coberto com estalagmites tão grossas que nem sequer pode caminhar por ali! Nunca vimos nada como isso nas outras cenas.

—Porque resultou mais congelado.

Considerarei isso no caminho de volta. Houve uma só diferença significativa que fui capaz de isolar.

—Haviam mais pessoas e Fae nesta cena que em qualquer uma que investigamos. Haviam centenas de Unseelie em jaulas, e todos acabaram congelados. É possível que fosse necessário mais gelo. Ou possivelmente a coisa estava mais potente hoje por alguma razão. Nós também acabamos congelados, mas foi só uma fina camada, e uma vez que nos movemos, rachou. Voltávamos a nos congelar assim que deixávamos de nos mover assim comecei a saltar e, como ovelhas que não podem pensar por si mesmas, todos me imitaram, logo estávamos todos ali na rua fazendo saltos de mariposa. Preocupava-me que a comoção pudesse fazê-la girar e vir atrás de nós, mas a coisa nem sequer nos notou. Foi como se fôssemos peixes e isso quisesse batatas fritas. Ou possivelmente, nem sequer fomos perceptíveis como alimento. Logo desvaneceu. Outra dessas fendas se abriu dentro do armazém, toda a névoa branca foi absorvida por ele e a coisa a seguiu. Uma vez que fechou, pudemos voltar a ouvir. Algo assim.

—Esclarece.

—Não havia nenhum ruído. Nada. Pensaria que o gelo em todos esses Unseelie poderia ter quebrado, ou rachado um pouco como faz o gelo quando assenta, porque estavam quentes antes de congelarem, mas não fez. Quando caminhamos, nossos sapatos não soaram da forma correta



no pavimento. Quando falamos... era liso. Era pior que plano. Havia uma sensação no silêncio. Uma sensação realmente má.

—Elucida — diz Ryodan.

—Acabo de fazer. Acredito que quer dizer que especule.

Lor sopra. Ryodan me olha. Nem sei por que me incomodo em responder às vezes. Possivelmente eu gosto de me escutar falar. Tenho um montão de coisas interessantes a dizer.

—Sabe como o som é realmente movimento, e a vibração é o que faz ruído? O que é, tipo, a total contradição ao efeito sobre as coisas, porque quando o mundo ficou em um silêncio mortal, ainda se movia sem fazer absolutamente nenhum ruído. Mas o que estou dizendo é que, depois que se foi, as coisas nunca voltaram para a normalidade. É como se as coisas não estivessem vibrando corretamente. Ou possivelmente as ondas sonoras não estavam ricocheteando nas coisas na forma como deveriam. Ou possivelmente as coisas que as ondas ricocheteavam não estavam bem.

—Sei, mais precisão.

Encolho os ombros.

—Tem dados suficientes para formar deduções conclusivas.

—Quanto tempo do momento em que apareceu até o momento em que desapareceu.

—Isso foi o estranho. Parecia como se estivesse acontecendo em câmera lenta, mas imagino que durou dois segundos de principio a fim. Chegou. Congelou. Desapareceu. —Às vezes não tenho o mais exato sentido do tempo, porque estou em uma espécie de intermédio entre câmera rápida e câmera lenta e nem me dou conta, o que faz as coisas ao redor parecerem estar acontecendo mais lentamente. Estou bastante segura de quando veio, porque estava tão tensa, que estava a meio caminho de congelar o quadro. Olho Lor, que assente.

—Dois ou três segundos como máximo, chefe. A névoa se precipitou, a coisa chegou, a névoa foi aspirada de volta e se foi.

—Assumo que era Fae —diz Ryodan.

—Inequivocamente — digo.

—É uma sidhe-seer. Isso significa que deveria ser capaz de obter uma leitura disso como Mac o fez com o Sinsar Dubh.

—Pude até certo ponto.

—Inteligência.

—Enorme consciência. Impressionante. —Desejaria ter sentido ao rei Unseelie. Teria algo com o que comparar.

—Emoção.

—Nenhuma discernível. Sem malevolência. Tive a impressão de que a destruição era um subproduto, não um fim. —Noto que todos estão me olhando estranho. — Amigo —acrescento e esboço meu melhor sorriso de marota guia de ruas à sala em geral. — Maldição, isso foi genial! — Tenho que vigiar minha tendência a ficar toda geek quando me emociono.

—Pensa que havia um objetivo.



—Havia... não sei... propósito no que estava fazendo. Pude sentir. Alguns Fae parecem simples quando me concentro neles com meu sentido sidhe-seer. São tolos, atuam por instinto, capazes de destruição ao azar. Depois, há coisas como Papa Roach, o Fae que se decompõe em pequenas partes. —Lembro, caso perdeu essa edição especialmente brilhante do Jornal da Dani. — Roach parece... estruturado. Tem planos. O mesmo ocorre com o Monstro de Gelo. Mas há uma grande diferença entre Roach e o Monstro de Gelo. Roach tem uma mente malvada. Esta coisa é... vasta em construção e propósito.

—Motivo.

Suspiro.

—Não tenho ideia. Só que havia um.

—Alguma ideia de por que escolheu esse lugar, ou por que congela as coisas.

—Nenhuma — digo. — Nem sequer tocou nada, por isso pude ver. Simplesmente flutuou sobre tudo. A menos que a névoa seja como seus dedos ou algo assim e aspire à força vital das pessoas com ela e inadvertidamente os congele no processo. Não há mais remédio, preciso de mais tempo com isso. Tenho que senti-lo mais tempo.

Jayne começa a amaldiçoar e diz que ninguém vai passar mais tempo com isso porque é muito perigoso, e inclusive Lor parece perturbado pela ideia de outro encontro com o Homem de Gelo. O que me lembra...

—Por que você teve medo? —digo. — Acreditei que nada o assustasse.

Lor me dá um olhar frio, como se não tivesse visto o que vi e diz:

—Do que está falando, menina? O que me preocupava era o quanto o chefe estaria zangado se essa coisa a matasse.

Mentira. Conheço estes tipos. Não importa outra coisa além deles mesmos, e ele estava assustado, o que significa que isso era uma ameaça para ele de algum jeito. Quero saber como. Quero saber qual é a cryptonita do Ryodan. Conheço algumas verdades universais como: aquele que pode destruir uma coisa a controla. Não que encontre prazer em destruir coisas, mas quando está contra a parede, saindo com ambas às armas abrindo fogo, essa é virtualmente sua única opção. Quero poder suficiente para anular um contrato, suficiente para renunciar meu trabalho, tipo, permanentemente. Estou pronta para a aposentadoria. Quero suficiente influência para tirar Jo do subclube de crianças, caso queira ir.

Ela fará. O dia que ele escolher alguém mais.

Em minha estimativa, não passará muito tempo absolutamente para isso.

Meia hora depois estou fora do Chester's, deslizando sobre buracos no pavimento escorregadio pela chuva, avançando em hiper velocidade, comendo barras de proteínas para me manter com energia. Estou esperando que Ryodan termine com qualquer maldito negócio que disse que precisava encarregar-se e que não podia esperar, para que possamos continuar com nossa investigação. Disse que me sentasse no clube, mas passar tempo no Chester's sem minha espada não é realmente possível e ele deveria saber melhor o que esperar.



Por outra parte, sem minha espada não estou me afastando muito. Odeio esperar por reforços, mas quero. Os príncipes Unseelie me assustaram.

Tenho um enorme pensamento cozendo sobre eles, uma ideia que desprezo, mas que tenho que ter em conta para o resultado final. Agora mesmo, mantenho em segundo plano onde não possa queimar muito.

Tenho tantos outros pensamentos explodindo dentro da cabeça, que espero que alguns deles apareçam pelas orelhas. Em um segundo estou tão emocionada por estar vivendo nestes tempos que quase não posso suportar, ao seguinte sou um molho de nervos porque minha gente está aqui nestas ruas e não têm ideia de que temos um grande Monstro de Gelo aterrador convertendo partes de nosso mundo em um profundo congelador! Tenho que correr a voz rapidamente, mas, o que digo? Se virem uma mancha resplandecente no ar, corram? Isso assumindo que sequer notem o ponto reluzente antes que sejam congelados!

O problema é que conheço às pessoas. Pode dizer que corram tudo o que quiserem, mas não há muitas pessoas que farão, até que acreditem que estão em grave perigo; que usualmente é muito tarde. Ficam boquiabertos, como as vacas, e se por acaso não sabe, as vacas estão muito boquiabertas. Havia uma grande manada fora da abadia, onde provava minha velocidade e habilidades de navegação depois que Ro me acolheu e estava bêbada com minha nova liberdade. O pasto das vacas era um grande lugar para praticar congelar o quadro, porque (a) as vacas se movem e são imprevisíveis, portanto difíceis de mapear como o mundo real, e (b) golpear uma vaca usualmente me machuca mais que à vaca. Possuía uma audiência bovina cativa todo o tempo. Mastigavam o alimento e giravam as grandes cabeças de ida e volta, me olhando como se eu fosse televisão. Se tudo o que eu tivesse que fazer fosse mastigar comida regurgitada e olhar outras vacas todo o dia, também estaria fascinada por mim. Demônios, assim aborrecida, estaria encantada por uma batalha de moscas em um bolo de excremento de vaca.

Mas, voltando às pessoas, as manchas resplandecentes não são suficientemente aterradoras para fazê-los fugir. E algumas pessoas, como as garotas de “te vejo no Faery” que estão no Chester’s 24/7, mostrando novas cinturas magras de marca Papa Roach, comercializando com sexo, competindo entre elas para ver quem pode comer suficiente Unseelie para fazer-se imortal e conseguir estar primeiro com os Fae, que deliberadamente ficariam se vissem uma mancha resplandecente, simplesmente porque era, tipo, bonita. Grrr, algumas garotas deveriam ser fuziladas. Eliminadas das opções de reprodução de todos outros.

Preciso de um par de fotos para pôr em meu jornal, mostrar às pessoas a espantosa finalidade do que faz o Monstro de Gelo. Preciso ir ao Castelo de Dublin, capturar algumas imagens. Logo tenho que ir ao quartel geral de TDD⁸³ e pôr a funcionar as imprensas! Amo imprimir meus jornais. Tenho o dobro de razões para tirar um rápido agora. Depois de ver os pôsteres de PROCURADA dos Príncipes Unseelie, as pessoas sem dúvida se preocuparão como loucos por mim! Preciso tranquilizá-las, fazer saber que ainda estou no trabalho.

—Você deve ser Dani!
Viro-me.

⁸³ TDD: “O Jornal da Dani”.



E me apoio em meus calcanhares e sigo girando. Daria voltas até a China se pudesse. Giro em uma rotação completa até que ela está as minhas costas uma vez mais e fico assim, tentando me acalmar. Não quero olhá-la. Não quero que veja meu rosto. Não esperava isto. Não estava pronta para isso. Merda, nunca estarei preparada para isto. Uma coisa é saber que ela está aí fora em algum lugar, junto com Mac. Outra coisa é ter que enfrentá-la.

Merda, Merda, Merda.

Pego uma máscara em meu rosto, dou a volta e começo o jogo de fingir.

—E você é Rainey Lane — digo. O mesmo formoso cabelo loiro das filhas, apesar de que foram adotadas. Mesmo porte bonito: a elegante mulher do Deep South. Está caminhando em uma fria e sombria tarde de Dublin, vestida como se a alguém se importasse se ela combinou as cores e está usando acessórios. Suponho que importa a Jack Lane. A diferença da maioria das pessoas casadas que vi, não que tenho visto muitos, parecem estar loucos um pelo outro. Vi nos álbuns de fotos da Alina. Vi nos de Mac. Vi fotos desta mulher sustentando as filhas quando eram pequenas. Estudei minuciosamente as fotos dela sorrindo junto a elas enquanto cresciam.

Da mesma maneira que está sorrindo agora.

Como se não soubesse que matei a sua filha. Suponho que não sabe. Suponho que a última vez que Mac falou com ela foi antes de descobrir que fui eu quem levou Alina a esse beco para morrer.

Por um segundo, tenho esta estúpida visão de como ela estaria me olhando neste momento se soubesse, e tira o ar dos meus pulmões com um chute e me deixa de pé aí muda. Tenho que apertar minhas vísceras para não vomitar. Odiaria, desprezaria, olharia como se eu fosse coisa mais asquerosa e horrível sobre a face da terra. Provavelmente tentaria me arrancar o rosto.

Em lugar desta... esta... Merda de amor maternal que brilha nos olhos como se eu fosse a melhor amiga de sua filha ou algo assim, não a assassina da outra filha. Pensei que Mac era o pior que enfrentaria um dia nestas ruas.

Sou asfixiada em um abraço antes de poder esquivar, o que demonstra o quanto estou transtornada. Em um bom dia, posso esquivar as gotas de chuva! Esqueço de mim mesma por um segundo, porque ela tem suaves braços de mãe, cabelo e um pescoço ao que quero abraçar. As preocupações se derretem nos peitos das mães. Ela cheira bem. Estou envolta em uma nuvem que é parte perfume, parte de algo que ela passou que persiste na roupa e parte de algo indefinível que acredito que são os hormônios maternos que a pele de uma mulher não cheira até que criou bebês. Tudo combina para fazer um dos melhores perfumes do mundo.

Depois de que minha mamãe morreu e Ro me levou a abadia, estava acostumada a passar zumbindo pela casa cada par de dias. Ia ao quarto de mamãe para cheirar seu travesseiro. Possuía uma capa amarela bordada com patinhos ao longo das bordas como meu pijama favorito. Um dia o aroma simplesmente desapareceu. Cada vestígio dele desapareceu sem deixar rastro. Nem um pequeno rastro para meu super olfato. Esse foi o dia em que soube que ela nunca voltaria.

—Solte-me! —Expulso-me violentamente de seu abraço e retrocedo, franzindo o cenho.

Ela sorri, brilhando como uma das lanternas superalimentadas do Ryodan.

—E deixe de sorrir! Nem sequer me conhece!



—Mac me contou tantas coisas sobre você que sinto que sim.

—Bom, isso é simplesmente estúpido de sua parte.

—Li o último Jornal da Dani. Jack e eu não ouvimos falar desses insetos. Esteve fazendo um trabalho maravilhoso mantendo todos informados. Aposto que é muito trabalho para você.

—E? —digo suspeitosamente. Ouço um “mas” vindo.

—Mas realmente já não precisa, querida. Pode relaxar e deixar que os adultos assumam.

—Sim, claro. Não estavam os adultos a cargo quando caíram os muros? E não estiveram a cargo depois? Fazendo um verdadeiro trabalho, não?

Ela ri, e o som é música para meus ouvidos. Risada de mamãe. Derrete-me como nada mais pode. Suponho que porque ouvi tão pouco da minha. Acredito que fiz minha mamãe rir três vezes. Tudo antes que me "transportasse" pela primeira vez. Possivelmente aconteceu uma ou duas vezes depois disso. Tentei. Memorizava coisas graciosas que via na TV enquanto ela não estava. Via musicais, aprendia canções alegres. Nada do que fazia estava bem. Rainey Lane está olhando com mais aprovação do que minha mamãe alguma vez fez.

—Bem. Não, espere. Não o faça. Não pode estar aqui fora sozinha. Encontrarei alguém que a escolte onde quer que vá. O que faz caminhando sozinha por Dublin? Não sabe nada? Há todo tipo de monstros nas ruas! Vai escurecer logo! —Alguém tem que colocar algo de sentido nela.

—Não é a mais doce, preocupando-se por mim? Mas não é necessário. Jack está à volta da esquina, estacionando, carinho. Há muitos escombros nas ruas para estacionar mais perto. Sigo dizendo ao Sr. Ryodan que precisa limpar a frente do clube, mas ele não conseguiu fazer ainda. Suponho que talvez tenhamos que ajudá-lo com isso. É um homem ocupado, já sabe, com muito de que encarregar-se.

—O crime consome muito tempo, verdade?

Ela ri e tenho minha primeira suspeita de que poderia ser totalmente distraída.

—Não é engraçada? O Sr. Ryodan um criminoso. Esse bom homem. —Sacode a cabeça, sorrindo como se eu fosse mais graciososa. Sim, distraída. — Dani, querida, estive esperando encontra-la. Mac também. Por que não janta conosco amanhã a noite?

Sim, claro. Espeto de Dani no menu, servida com uma guarnição de verduras. Não. Os três se alternariam para me golpear até a morte uma vez que Mac me delatasse?

—Há algumas pessoas que eu adoraria que conhecesse. Há uma maravilhosa nova organização na cidade que esteve fazendo coisas fabulosas, provocando algumas mudanças reais.

Lanço um grande olhar melodramático e assediado aos céus, logo novamente para ela.

—Não pode estar falando do WeCare. Por favor, me diga que não está falando do WeCare.

—Bom, sim. Ouviu falar de nós! —Está radiante uma vez mais.

—Nós? Gah! Por favor, me diga que não é parte deles! Não pode ser parte deles! Sabe que me odeiam?

—Nós não a odiamos. WeCare não odeia ninguém. Interessa-nos reconstruir e ajudar. O que te deu essa ideia?



—Nós. —Está-me matando. Mac também é parte deles? — Cara, como, possivelmente a forma como copiaram meu jornal, apoderaram-se de meus postes e imprimiram todo tipo de mentiras a meu respeito.

—Casualmente sei que na realidade indivíduos superiores no WeCare estão ansiosos por conhecê-la. Pensam tanto em você como Mac.

Bem, genial, assim que eles também me querem morta. Indivíduos superiores. Encantador. Podem ficar na cauda atrás do Christian. Quem está atrás dos príncipes Unseelie.

—Pensam que poderia ser uma enorme vantagem. Eu também acredito.

Dou uma olhada.

—Possivelmente deseje voltar a verificar os fatos. Acredito que esteja perdendo alguns. As pessoas a cargo de organizações não me consideram um ativo. Nunca fizeram, nunca farão. — Odeio as organizações. As pessoas precisam ser livres, capazes de respirar e tomar as próprias decisões sobre as coisas, não ser alimento da política partidária. A rotina adormece o cérebro. A repetição é pasto para as ovelhas.

—Sra. Lane, que bom vê-la de novo — diz Ryodan, e quase caio. Não só não o ouvi aproximar-se, e está sendo educado. Ryodan nunca é educado.

Torço o rosto, estudando.

—Amigo, sente-se bem?

—Melhor que nunca.

—Por que está, tipo, fingindo ser amável?

—O Sr. Ryodan sempre é amável. Foi um adorável anfitrião enquanto nos alojamos no Chester's.

—Não se alojaram no Chester's, foram reféns. —O que acontece a todos que não podem ver as coisas pelo que são?

—Ele e seus homens nos estavam mantendo a salvo, Dani. O Sinsar Dubh ia contra as pessoas que Mac amava.

—A porta de seu quarto estava bloqueada? Cara, isso a faz um refém — digo.

—Nossa porta nunca foi bloqueada.

Hein?

—Sim, mas, sequer sabia como sair? Ele tem uns painéis complicados.

—O Sr. Ryodan nos mostrou como dirigir as portas.

Hein?

—Sim, mas haviam guardas fora. Mantendo-os dentro.

—Para nosso amparo. Fomos livres para ir e vir. Escolhemos ficar. A cidade era perigosa quando o livro estava solto. Jack e eu estamos muito agradecidos pela ajuda do Sr. Ryodan durante esses tempos difíceis.

Franzo o cenho para Ryodan, que leva um arrogante sorriso. Provavelmente lançou algum tipo de feitiço, como o que fez no Hummer quando me obrigou a pegar a barra de chocolate murmurando palavras estranhas. Ele faz as pessoas de marionete. Escravos cabeças ocas. Eu não.



—Sabe que está me obrigando a trabalhar para ele mantendo Jô como refém? —digo a Rainey. Ela precisa despertar e cheirar o café.

—Refere-se a essa formosa jovem garçonne? Vi a maneira como o olha. Está louca por ele — diz Rainey.

E isso me zanga ainda mais. A mãe de Mac pode dizer que Jo está estupidamente louca por este psicopata só olhando? Gah! Só gah! Acima de tudo, o psicopata tem Rainey tão enganada que já não tem sentido sequer falar com ela! Não que a falta de sentido me faria calar.

—Sabe que tem clubes privados sob o Chester's onde...?

—Acabo de falar com o Barrons — Ryodan me interrompe. — Mac está a caminho para reunir-se com você, Sra. Lane. Deveria chegar a qualquer segundo.

Dou um olhar suspeito. Provavelmente está mentindo. E sabe perfeitamente bem que não me arriscarei a descobrir.

Rainey me dá um cálido sorriso.

—Dani, ela estará tão contente de vê-la! Esteve a buscando por semanas.

Com certeza que sim.

Fixo minha grade mental para congelar o quadro, faço como as pessoas em *A Lei do Revólver*⁸⁴ e vou a Merda.

Capítulo 25

“Não sei quem está detrás dessa máscara”⁸⁵”

—O que está fazendo?

—Por que se importa? —Tenho a agressividade presa em minha garganta e nem sequer sei por que. Às vezes só estar de pé junto a Ryodan me faz sentir dessa maneira.

—Porque, se o que está fazendo não tem sentido, está desperdiçando meu tempo.

—Cara, tem olhos? Estou coletando evidências. —Finalmente! Estive tentando dar uma segunda olhada às cenas que explodiram por uma maldita eternidade, mas as coisas seguem surgindo, como quase morrer. OH, e quase morrer uma vez mais. Nunca há um momento aborrecido no Mega-verso. O Monstro de Gelo me assustaria muito mais se meu mundo não estivesse repleto de monstros de todo tipo, desde mais ou menos meu nascimento: grandes, pequenos, humanos, não.

—Em bolsas Ziploc.

—Acredito que são Glad⁸⁶.

⁸⁴ *A Lei do Revólver: Gunsmoke, série de TV americana dos anos cinquenta.*

⁸⁵ “I don't know who he is behind that mask, canção de Batman do Jan & Dean. http://www.youtube.com/watch?v=wycZO1u_YVA

⁸⁶ Trocadilho entre “o Glad”, marca das bolsas que Dani usa, palavra que em inglês significa estar alegre ou contente com algo. Neste caso poderia interpretar como que Dani diz: “Acredito que estão encantadas” daí o comentário do Ryodan: “Para mim parecem imparciais”.



—Para mim parecem imparciais.

Começo a rir dissimuladamente e logo paro. Este é Ryodan. Odeio Ryodan. Imbecil, mentiroso, enganador. Enganando as pessoas para que pense que é realmente agradável, assim eu pareço estúpida.

—Acha que minha espada já descongelou?

—Não.

Inclino-me e recolho. Sei uma coisa ou duas sobre mim mesma. Vejo muito. Mas as vezes, perco pequenas coisas acontecendo. Daí meus imparciais ziplocks. Encherei um em cada cena. Entrarei no fundo do centro gélido dos escombros da explosão, recolherei punhados de detritos congelados, empacotarei, e etiquetarei tudo prolixa e ordenadamente. Mais tarde, Dancer e eu examinaremos cuidadosamente as bolsas ziplock e procuraremos pistas. Puxo um Sharpie⁸⁷ do bolso e escrevo na folha branca: “Armazém, Norte de Dublin”. A coloco cuidadosamente na mochila pendurada no ombro. Compilar meus ziplocks tem perfeito sentido para mim.

—Não tem sentido. Poderia examinar minuciosamente os restos aqui mesmo na cena.

—Amigo, peço que explique a si mesmo?

—Pequena, alguma vez não é irritável.

Revolvo entre os escombros, me assegurando que tenha um pouco de tudo, dando as costas, porque às vezes olhá-lo é mais do que posso suportar.

—Certo. Tipo, quando não estou ao redor de um imbecil. Estamos investigando, ou tendo uma conversa toda pessoal? Porque tenho assuntos para me encarregar hoje e você está desperdiçando meu tempo. Logo vai escurecer.

—Observações.

—Tenho duas. A cena quebrou em pedacinhos e tudo segue frio.

—Dê-me algo que possa usar.

—Oxalá pudesse, chefe, mas isto é... bom, um desastre. —Movo-me para frente e atrás sobre os calcanhares, tiro cabelo do rosto e o olho. O sol já está quase ao nível do horizonte, atrás de sua cabeça, fazendo este estranho efeito de halo ao redor do rosto, como não! Estou surpresa que não cheire a enxofre. Provavelmente, tem um tridente vermelho e chifres ocultos sob seu cabelo. Fazendo tudo mais estranho, o sol tem uma brilhante cor dourada (graças aos fae por mudarem tudo em nosso mundo), e ele parece... OH, a quem importa como parece? Por que sequer estou notando?

Afasto o olhar, me concentrando na investigação. Temos um Fae que sai de uma fenda e chega com um montão de névoa. Congela tudo no caminho e logo volta a desaparecer por outra fenda. Um tempo depois, a cena explode. Mas, por quê? Essa é a grande pergunta. Por que congela o que congela, e por que a cena explode depois? E por que precisam de diferentes lapsos de tempo para que os diferentes lugares explodam?

Sinto o chão com minha palma. Está congelado. Há um frio que não dissipou. Pergunto-me se alguma vez o fará. Seria de certa forma genial se não fizesse. Poderia limpar o terreno, construir uma casa e não precisar de ar condicionado. Embora fedesse no inverno.

⁸⁷ Sharpie: marca-texto, marcador.



Contemplo a cena. Onde o armazém costumava estar, há montões de tijolos derrubados, cimento e quadros estilhaçados, com vigas retorcidas, estantes de aço por toda parte, algumas dobradas, algumas apontando direto para o céu. Partes de carne Unseelie estão grudados a quase todas...

Golpeio minha testa.

—Santa coleção inestimável de cachecóis⁸⁸ etruscos, não se movem! —exclamo.

Há um som afogado em algum lugar sobre minha cabeça.

—Cachecóis etruscos?

Brilho silenciosamente por dentro. Algumas conquistas significam mais que outras. Sou oficialmente a Melhor. Agora e para sempre.

—Amigo, vigia seus sinais de interrogação. Acabo de tirar um.

—Não tenho ideia do que está falando.

—Admite, perdeu sua maldita eterna compostura.

—Tem uma obsessão com uma ilusão a respeito de como termino minhas orações. O que merda são os cachecóis etruscos?

—Não sei. É só outro dos ditados do Robin. Como: “Santos morangos, Batman, estamos em uma roubada!”

—Morangos.

—Ou: “Santos Kleenex, Batman, estava exatamente sob nossos narizes e arruinamos!”

Há outro som afogado sobre minha cabeça. Poderia seguir por horas.

—Olhe este, é um de meus favoritos! “Santo metal oxidado, Batman! O chão. É todo metal. Está cheio de buracos”. Já sabe, “holey⁸⁹”. —Solto uma risadinha. Tem que amar quem escreveu Batman. Deviam estar sentados aí, fazendo rir todo o tempo. — Ou: “Santa bola de cristal, Batman, como viu isso vir?” — Olho para ele.

Está me olhando como se tivesse três cabeças.

Dou-me conta da verdade.

—Santos tapetes prostrados, mentiu! Nunca sequer leu Batman, verdade? Tipo, nem um só exemplar. Nem viu um episódio na televisão! Isso era, tipo, sua única qualidade redentora e nem sequer era certo. Esteve fingindo que somos sócios super-heróis e não sabe nada a respeito do Robin! —Não é de estranhar que não seja divertido passar o momento com Ryodan. Estou tão desgostada que não o suporto!

Rodeio minha irritação e volto para as coisas importantes.

—As partes de Unseelie estão imóveis. Mortos como os humanos. Olha. Os Unseelie não morrem. Nada, exceto minha espada e a lança de Mac podem matá-los a tal nível. Os Unseelie são imortais. Pode cortá-los em rodela e cubos com armas humanas, e os pedaços se moverão sempre. Estes não se movem. Esta coisa os está matando. E nunca notamos. —Ideias preconcebidas. Enganam cada vez mais. Quando algo quebra, espera ver coisas mortas. Talvez haja alguma verdade no que está por trás da força da vida das pessoas. De uma forma como as

⁸⁸ No original “snood”, objeto similar a um cachecol de forma circular que se localiza sobre a cabeça.

⁸⁹ Trocadilho entre “santo” (“holy”) e “buracos” (“hole”). Dani utiliza a palavra “holey”, que parece muito similar a “holy”.



Sombras, esvaziando-os, mas em vez de deixar vestígios, deixa corpos congelados. — E nota algo mais: nenhuma das peças, humanas ou Unseelie, está apodrecendo. Por que isso?

—Porra, se sei.

—Sei, certo?

—E não notou antes.

Fulmino com o olhar.

—Você tampouco. E tentei revisar as cenas duas vezes, mas me fez sentar em seu escritório enquanto fazia papelada. A terceira vez que estava pensando em voltar a comprovar uma cena, topei com uma fresca e quase explodi. —Ponho-me de pé e caminho longe para ter um bom olhar de pássaro da destruição. Pego o novo telefone que peguei para substituir o que quebrou e tiro umas fotos. — Então — digo zangada—, agora aonde?

Enquanto nos dirigimos para a igreja em que quase morro, dou-me conta de que Ryodan esteve me mantendo tão ocupada fazendo as perguntas que quer que responda, que não consegui fazer nenhuma das perguntas que eu quero que me responda.

—Então, o que aconteceu quando congelei essa noite? Quando voltei a mim, Dancer estava ali comigo e Christian. Falando de inesperado. Como Dancer chegou lá? Quem me salvou?

—Eu a tirei da igreja, ou morreria ali mesmo no chão.

—Para começar, você me levou a igreja e não me advertiu o que aconteceria se tocasse algo. Você é o porquê quase morri, amigo. Então, quem me salvou?

—Tive que levá-la devagar ou teria uma recaída na temperatura.

—Sim, mas, Dancer o informou da recaída? Porque isso parece algo que ele saberia.

—Porque riu antes de perder a consciência.

—A morte é uma aventura. Vivi grande. A rigidez da morte faz o rosto ficar tenso. Assim, quem soube como me descongelar?

—A morte é um insulto.

—Pelo menos uma afronta — acordei. — Acredita que minha espada já descongelou? Provavelmente deveríamos ir ver.

—É muito jovem para rir quando está morrendo. E não. Não acredito que sua espada descongelou. Se concentre.

—Não sou muito jovem para nada.

—Em algumas sociedades isso seria verdade. Diferentes lugares. Momentos diferentes. Seria suficientemente maior para ser esposa e mãe.

—Esse é um pensamento horrível. Assim, Dancer me salvou.

—Eu não disse isso.

—Assim é como sei. Possivelmente poderíamos usar secadores de cabelo para derreter o gelo ao redor de minha espada.

—Precisa se desfazer dele. É um passivo. E esqueça a maldita espada. Estou me ocupando disso.

Volto-me rapidamente para ele, os punhos na cintura.



—É um ativo! É meu melhor amigo! Não sabe nada a respeito de Dancer!

—“Nada” é a palavra chave aqui. Porque isso é o que é. Nada. É só um humano.

—Mentira, Dancer é o Melhor!

—Usa óculos. Aposto que isso funciona muito bem em batalha. Não, espera, não briga. Nunca fará. Muito frágil. Uma espetada com um pau afiado, e suas vísceras derramariam por toda a rua. Sayonara, humano.

—Suas vísceras não vão se derramar em nenhum lugar. É super inteligente e... e... é super, super inteligente...

—Que tipo de nome de merda é Dancer, de todos os modos.

—... e pode construir algo. Ele fez minhas granadas contra as Sombras e fez esta rede de luzes que se carrega com o movimento, e totalmente supera ao MacHalo! Além disso, tudo o que Batman tinha era um grandioso disfarce e os melhores brinquedos e as ideias mais inteligentes, e todo mundo sabe que é o maior super-herói de todos os tempos! Além disso, eu também sou só uma humana.

De repente, Ryodan está de pé a dois centímetros de mim, a mão sob meu queixo, sustentando meu rosto para o seu.

—Nunca vai ser só algo. Um tsunami nunca pode ser "só" uma onda.

—Solta meu queixo.

—Eu gosto disso em você. As ondas são banais. Os tsunamis remodelam a Terra. Nas circunstâncias adequadas, inclusive civilizações inteiras. —Pisca. — Vai ser uma tremenda mulher algum dia, Dani.

Nunca soube que minha mandíbula era suficientemente flexível para golpear o pavimento. Meus braços nem sequer são suficientemente compridos para voltar a recolhê-la. Apanhar moscas nela, e uma merda, poderia colocar um caminhão em minha boca neste momento. Ryodan acaba de, tipo, fazer um elogio? O inferno congelou? As aves estão voando para trás? Faz-me sentir tão incômoda em minha própria pele, que sinto desejo de me esfolar. Uma lua crescente está atrás da cabeça, o rosto é todo sombras.

—Maldição, amigo, sei. Todo mundo sabe. Sou a Mega. Como a abreviatura de “Alfa e O”. Encolho os ombros, e o empurro para passar.

Ri.

—Pode ser que tenha que lutar contra alguém mais para obter esse título.

—Se mova — digo zangada. Estou tão atrasada com o trabalho que não posso suportá-lo. — Só me tem por tempo limitado esta noite. Preciso tirar um Jornal. As pessoas precisam saber do Homem de Gelo. —Fixo minha grade mental e deslizo em modo congelar o quadro.

—Vai fazer matarem ao moço, Dani —diz Ryodan detrás de mim.

—Apodreça no purgatório, cara. Batman nunca morre. Dancer tampouco o fará.

Quando chegamos à igreja, ponho os olhos em branco.



Cinco Seelie estão de pé, em frente à catedral demolida, em meio dos escombros, partes de livros de hinos destruídos com páginas por todos os lados como se chovessem do céu, partes do órgão, e outros refugos diversos.

—Acha que minha espada já descongelou? —digo, fazendo um punho ao redor do espaço vazio onde deveria estar o punho de minha espada. Vejo os Fae que podem peneirar-se, e somente posso pensar em como não tenho minha espada. É óbvio, tenho esse pensamento mais ou menos cada dois segundos de todas as formas.

—Pequena, é um disco riscado.

—Bom, poderia ser.

Os Seelie estão falando, e embora saibam que estamos aqui, ignoram-nos por completo. Eu também os ignoro. Apesar de serem tão lindos que tenha que arrancar meus olhos de seus rostos. Não vou cometer o mesmo engano que cometi com V'lane. Ser absorvida por quanto são lindos. Pensar que são diferentes dos Unseelie. Só porque são dourados e de veludo, com olhos iridescentes e bonitos. Christian também é bonito. Mantém mulheres mortas junto a sua cama.

Sinto um grande poder vindo de pelo menos um deles, mas estão apagando. Isso me preocupa. Os Fae não silenciam, a menos que planejem algo mau, tentando fingir ser algo que não são para fazer nos preocuparmos menos, quando deveríamos estar muito, muito preocupados.

—Malditos Fae. Eu gostaria que todos se fossem.

—Então o que faríamos para nos entusiasmar.

Rio. Ele tem um ponto. Puxo meu telefone e tomo uma foto da cena, planejando tirar meu ziplock a seguir, rodear aos faeries e trabalhar.

De repente, há uma perturbação no ar em minha frente. Toma um segundo para que o pó assente em meu cérebro. Um dos Fae acaba de tentar peneirar-se para mim para fazer quem sabe o que. Ryodan chegou antes e chocaram. O Fae parece como um gato zangado, olhos entreabertos, a coluna vertebral tremendo, olhos iridescentes cintilando fogo. Vi este no Chester's. Tem um gosto pelas mulheres humanas e as estúpidas ovelhas estão loucas por ele, com suas apertadas calças de couro e camisas abertas, e cabelo liso e pele dourada.

Ryodan está de pé entre isso e eu, pernas estendidas, braços cruzados. É uma montanha. Nada passará por cima dele se não quiser. Incomoda-me que precise dele aí. Com minha espada, nenhum Fae se atreveria a lançar-se sobre mim! Estou acostumada a mais respeito que isto. Isto irrita.

O Fae diz todo rígido:

—Sua altura não permite que sua forma seja capturada em pequenas caixas humanas. A anã me dará a caixa.

Anã? Moi? Meço ao menos um metro sessenta com meu tênis!

—Não sou uma anã. Sou jovem e sigo crescendo. E as chamamos câmeras, imbecil.

—Qual altura — diz Ryodan.

—O nosso. O seu. Tudo o que vive. Dê-me a caixa ou a anã morre.

—Só tenta — digo. — Melhores faeries que você tentaram. Piores também. Todos deliciosos. Com ketchup. E mostarda. E uma guarnição de rodela de cebola.



—Deveria tê-lo deixado em ketchup —diz Ryodan. — Às vezes menos é mais, pequena. —Ao Fae diz—: A Rainha Aoibheal.

—Nunca foi nossa verdadeira rainha. Ela se foi. Temos um novo líder. Nossa luz sagrada, o Rei R'Jan.

—Os Fae são matriarcais —diz Ryodan.

—Fomos. Decidimos que é tempo de um novo reinado. Se não fosse pelos defeitos de uma mulher, muitos de nossa raça não teriam morrido, nem seguiriam morrendo. Se não fosse por sua idiotice, as abominações não teriam sido liberadas. Ela nem sequer era Fae —diz com desdém. — Começou sua vida como um de vocês! A indignidade disso, ter sido governado por uma mortal disfarçada...

—Suficiente, Velvet — diz R'Jan. — Não explicamos aos seres humanos. Mata à anã e me traga a caixa.

—Eu não sou uma anã. —Minha mão fecha onde costumava estar o punho de minha espada.

—Falta algo, anã? —diz um dos cortesãos de pé com o novo “rei”, e todos riem. Suponho que todos viram os malditos pôsteres de Procurada. Tiro uma fotografia mental de seu rosto e o marco para morrer. Algum dia, em algum lugar, fada.

Velvet acaba de começar a ventilar suas queixas.

—Ela nos obrigou a conceder direitos aos humanos, que nunca tiveram direito. Não mais. É um novo reinado. Uma nova era. Já não estamos debilitados por uma rainha débil.

—Falei “suficiente” — diz R'Jan. — Se devo dizer isso uma vez mais será o último que ouvirá por dez mil anos. Não desfrutará onde os passará.

Dou a R'Jan uma piscada de cumplicidade.

—Vai dar um “tempo fora”, amigo?

Velvet parece horrorizado.

—Se for o suficientemente idiota para se dirigir ao Rei R'Jan, fará assim e não de outra maneira! “Meu Rei, Senhor, Amo e Professor, seu servo suplica que conceda permissão para falar”.

—Wow. Totalmente ilusório aí.

—Boa sorte com isso — diz Ryodan. — Ela não suplica para falar, ou para fazer algo. Pode encerrá-la como quiser, e nunca vai acontecer.

Sorrio. Não tinha ideia de que pensasse tão bem de mim.

Logo se foi. Também Velvet.

Fico aí um pouco insegura porque Ryodan não telegrafou uma só intenção antes que ele e o Fae desaparecessem. Nem sequer estou segura de quem levou quem. Ou se um escapou e o outro perseguiu. Tudo o que sei é que ambos se foram.

Movo-me de um pé a outro, olhando R'Jan e os três cortes restantes, ele me olha e eu trato de pensar em algo a dizer. O melhor que me ocorre é:

—Assim, por que estão aqui, de todos os modos?

—Matem à anã — diz R'Jan.



Saco duas barras de chocolate e coloco na boca, pacote e tudo, e dou uma mordida com super força que faz explodir o envoltório para que possa tragar um pouco de chocolate e obter uma rápida animada, porque não tenho espada e quem demônios sabe onde foi Ryodan. Mastigo, engole, cuspo os envoltórios, e fixo meu quadro, quando de repente Ryodan retornou.

Está de pé justo frente a R'Jan.

—Nestas ruas — diz tão friamente que quase expiro pela pura frescura disso. — Eu sou o Rei, Senhor, Amo e Professor. Você é o “isso”.

Logo deixa cair o corpo morto do Velvet a seus pés.

Capítulo 26

“É uma vida dura”⁹⁰”

—Fez-me um favor. Velvet era uma moléstia — diz R'Jan. — Falava muito e muito frequentemente, dizendo poucas coisas de importância.

Ryodan olha aos cortesãos restantes do Rei e diz:

—Farei três “favores” mais. Basta dizer uma palavra. Correta ou incorreta. Não me importa.

Os cortesãos o olham com desprezo. Inquietamente. Poderíamos ter fingido durante horas e nunca ter chegado à posição de força que Ryodan estabeleceu com uma só ação. Estou aprendendo com ele. Nunca confessaria, entretanto.

R'Jan abre a boca e logo a fecha, inseguro de que Ryodan não acaba de dizer que vai matar aos outros três cortesãos se disser uma só palavra mais. Tipo inteligente. Tampouco estou segura de que Ryodan não queria dizer isso. Como merda matou Velvet? Estudo o cadáver Fae, mas não vejo feridas óbvias. Não há cortes O... espera um minuto, são essas umas poucas gotas de sangue em sua camisa? Deslizo furtivamente para a esquerda para ver melhor, mas Ryodan se move como se houvesse uma ligadura entre nós, bloqueando-o convenientemente. Não tenho dúvidas de que foi para que não soubesse. É tão malditamente reservado!

Tem minha espada em alguma parte? Mac emprestou a lança? Nunca! Obviamente tem outra arma que mata Fae, e a quero. O imbecil. Ocultou algo por muito tempo. Quando perdi minha espada, bem poderia me ter dado o que acabou de usar. Estou tão zangada, que poderia cuspir. Ele sabe como matar Fae. Não é de estranhar que seja tão intrépido. É mais rápido que eu, mais forte e tem uma arma que mata Fae. Estou longe desses dias onde eu era a maior e pior dos super-heróis da cidade!

Abruptamente, sinto meu cérebro cheio de imagens sexuais gráficas! Estou quente e incômoda em meu jeans. Maldição! R'Jan é um príncipe, um Fae morte-por-sexo. É ele a quem senti silenciando-se para não atrair a atenção sobre o pequeno séquito, mas agora que a merda

⁹⁰ “It’s the hard-knock life”: canção do musical Annie. <http://www.youtube.com/watch?v=-0bOH8ABpco>.



golpeou o ventilador, vai utilizar qualquer arma ao seu dispor. Suponho que quer fazer isto para chegar a Ryodan.

Mas R'Jan está olhando Ryodan como se esperasse que isto estivesse atuando sobre ele. Hum? Pensava que eles eram heterossexuais e que seu erotismo assassino só funcionava no sexo oposto. Dou-me conta de que foi uma hipótese estúpida. Apenas nunca vi os príncipes Unseelie perto de homens e V'lane sempre manteve silêncio ao redor dos seres humanos. Não há razão, qualquer que seja o mecanismo, para que não funcione em ambos os sexos.

—De joelhos, humano. —R'Jan ondeia sua juba dourada imperiosamente. — Se arrastará ante seu Rei.

Ryodan ri.

—Isso é tudo o que tem.

Fico atrás, escutando, sem intenção de me aproximar. É tudo o que posso fazer para não começar a me despir. OH, maldição, estou fazendo! Meu casaco está no chão e estou tirando a camisa! Faço um som de protesto, mas não soa assim absolutamente.

—Apaga! —diz Ryodan sem sequer me olhar. — Está incomodando a Dani. E ninguém incomoda a Dani além de mim.

—Falei “de joelhos” — diz R'Jan, como se não pudesse acreditar que Ryodan seguisse de pé ali.

—E eu disse “vai a Merda”. Apaga ou morre.

R'Jan corta tão de repente que estou tremula, fria e miserável, como se estivesse tomando sol junto a uma piscina e tivessem soltado um iceberg em cima.

—Por que está aqui — diz Ryodan.

R'Jan diz apertadamente:

—Que diabos é você?

Muito boa pergunta. Isso eu me pergunto.

—Se me der à resposta equivocada uma vez mais, sua morte. —Chuta o corpo sem vida do Velvet.

R'Jan faz uma careta. Ao contrário dos Unseelie, as expressões dos Seelie têm sentido para mim. São similares às nossas, suponho que porque passaram tanto tempo nos espreitando.

—Algo está matando a nossa gente.

—Não sabia que contavam aos Unseelie como dos seus.

—Visitou outros lugares... além do Dublin. Também matou Seelie.

—Esteve em Faery.

—Duas vezes. Como se atreve uma abominação a entrar em nosso reino? Nunca sofreu a presença de um Unseelie no Faery!

A temperatura cai e reteso, procurando um brilho no ar. Já estava mais frio perto da igreja que no resto do Dublin, mas agora as páginas dos hinários dispersos por toda a rua brilham com uma fina camada de gelo. Também vejo Ryodan olhando ao redor. Neve começa a cair. Dou-me conta de que a fúria de R'Jan e a do Ryodan estão produzindo. Sacudo a neve dos ombros nus, logo dou um salto, envergonhada. Estava tão fascinada pelas coisas que estavam acontecendo,



que não percebi que usava só meu sutiã. Recolho minha roupa e coloco a camisa por sobre a cabeça. Odeio aos Fae.

A R'Jan digo:

—Cruce viveu no Faery por centenas de milhares de anos e vocês nunca se deram conta. Havia um Unseelie no Faery para você, sentado o junto a sua Rainha. Espera! —Rio-por baixo. — Esqueci. Ela tampouco era sua rainha. Era humana. Cara, assim de estúpidos?

—Falarei com você—diz R'Jan ao Ryodan. — Quando a anã estiver em silêncio.

Ponho-me erguida, esperando a defesa do Ryodan.

—Cale-se, pequena.

Desinflo-me.

—Está certo de que é Unseelie — diz Ryodan a R'Jan.

—Eu disse que era — digo indignada.

—Inequivocamente.

—Eu usei, tipo, a mesma palavra!

—O que é esta "abominação"? —diz Ryodan.

—Não sei. Nunca precisamos saber a respeito de nossos vis irmãos.

—Entretanto, se preocupa o suficiente para estar aqui. Em uma rua escura de Dublin. O novo rei dos Seelie em pessoa.

Ser chamado de novo rei Seelie parece apaziguar R'Jan. Afasta o olhar e não diz nada durante um segundo. Logo estremece.

—Isso traz a morte final a nossa espécie.

—Como a lança e a espada — digo.

—Disse que a calasse.

—Responde.

—Ela não pode entender o que é ser Fae.

Ryodan não diz uma palavra. Dá um passo para frente e R'Jan imediatamente dá um elegante passo atrás, como se estivessem fazendo um baile coreografado.

—Um dia, humano...

—Pode ser que queira reconsiderar a forma como me chama.

—... vou esmagá-lo sob meu calcanhar e...

—Até que chegue esse dia fictício, respondera a mim quando falar. —Dá um passo sobre o corpo do Velvet, diminuindo a distância entre eles.

R'Jan retrocede.

—No que difere morte final do que faz a espada — diz Ryodan.

—Seus débeis cérebros não foram preparados para compreender a grandeza de ser D'Anu⁹¹.

Ryodan cruza os braços, esperando. O tipo tem uma presença impressionante. Quero ser como ele quando for maior.

—Não terá cérebro absolutamente em três segundos. Dois.

⁹¹ Danu ou Dana é a mãe de Dagda, pertence aos deuses da vida, a luz e o dia. Seus seguidores eram conhecidos como Tuatha Dé Danann (Fae). Considerada deusa da literatura; também recebia o nome do Brigit. Mais adiante já em época cristã, para acabar com a tradição celta, os cristãos a converteram na Santa Brígida.



R'Jan diz apertadamente:

—A lança e a espada acabam com a vida imortal. Cortam a conexão que mantém unida nossa matéria e a dispersa no ar.

—Me diga algo que não saiba.

—Inclusive se morrermos, aquilo do que somos feitos ainda está por aí, flutuando. Sentimos todos os nossos semelhantes através de todo o tempo, as impressões no tecido do universo. Somos indivíduos, e mesmo assim uma meada, vasta e gloriosa. Não pode saber o que é pertencer a uma entidade tão enorme e divina. Esta... esta... coisa... seja o que for, está podando nossa árvore. Faz mais que só separar nossa matéria. Não dispersa nada no vento. Nada. É como se aqueles aos que tomou nunca tivessem existido. Suas vítimas são... apagadas. Não podem começar a perceber o quanto isso é doloroso para nós. A morte, inclusive pela espada e a lança, deixa-nos conectados. Esta abominação está amputando nossa raça, membro por membro!

O Monstro de Gelo está tirando a existência aos Fae ao nível mais profundo de todos. Tinha um pouco de razão com minha teoria da “força vital”!

—Tem um forte incentivo para querer que seja detido.

Interpreto a expressão de R'Jan como um real “duh”.

—O que faz que seja muito valioso para você.

R'Jan lança um olhar incrédulo.

—Não poderia eliminá-lo, e tampouco negocio com porcos e tolos.

—O eliminarei. E me pagará generosamente pelos serviços prestados, quando e como disser para passar a fatura. E, um dia, ajoelhara ante mim e me jurará lealdade. No Chester's. Ante uma audiência Fae.

—Poderíamos ter foguetes — digo com entusiasmo.

—Nunca — diz R'Jan.

—Sou um homem paciente — diz Ryodan.

Penso nisso depois, enquanto escavamos entre os escombros, encho minha bolsa ziplock e a meto na mochila. Mastigo uma barra de chocolate para ter mais espaço.

—Você não é paciente. Aponta algo e fixa sobre isso como um míssil. É a pessoa mais prepotente e manipuladora que conheço. E eu conheci Rowena.

—A paciência e a perseverança não são mutuamente excludentes. Não tem nem ideia de quanto sou paciente. Quando quero algo.

—O que quer alguém como você? Mais poder? Mais brinquedos? Mais sexo?

—Todo o anterior. Todo o tempo.

—Maldito ambicioso.

—Pequena, me deixe dizer algo. A maioria das pessoas passa seu tempo neste mundo só vivendo pela metade. Vagam através dos dias em uma nuvem de responsabilidades e ressentimento. Algo acontece não muito depois de nascer. Entram em conflito sobre o que querem e começam a adorar aos deuses equivocados. Deveria. Piedade. Igualdade. Altruísmo. Não há nada que você deveria fazer. Faça o que quiser. A piedade não é a forma da Natureza. Ela é



uma assassina em igualdade de oportunidades. Não nascemos iguais. Alguns são mais fortes, mais preparados, mais rápidos. Nunca peça perdão por isso. O altruísmo é um conceito impossível. Não há ação que possa fazer que não surja de como quer se sentir sobre si mesmo. Não sou ambicioso, Dani. Estou vivo. E feliz disso cada maldito dia.

—Terminamos aqui? Tenho que tirar um jornal. —Ponho os olhos em branco quando digo, para que não veja o quanto do que acaba de dizer me afeta. Acredito que poderia ser a coisa mais inteligente que o ouvi dizer a alguém. — Ouça, acha que minha espada...

—Pelo amor de Deus, não.

—Deus, amigo. Só perguntava.

Paramos em mais duas cenas de Dublin que foram congeladas, primeiro o ginásio, logo um dos pequenos pubs subterrâneos. É um enorme buraco no pavimento, com partes de concreto torcidas em perigosos ângulos. Não há ninguém para isolar a zona e assegurar-se de que as crianças que vagam por aí não caiam nele. Felizmente, não há tantas vagando como depois do Halloween. Tiramos a maioria das ruas. Alguns se negaram a entrar, escolhendo ficar clandestinamente. Tem que respeitar isso. Esperar que a família de outra pessoa tenha piedade de você, sabendo que realmente não é parte dela. Pergunto-me o quanto serão selvagens em uns poucos anos. Não posso esperar para ver no que se converterão. Acredito que em uns poucos anos serão um tremendo exército. Crescer sozinho te faz duro.

Até que os muros caíssem, não sabia que existiam tantos lugares debaixo de Dublin. Costumava pensar que eram uns poucos rios subterrâneos, um par de criptas como as da Igreja de Cristo e St. Patrick's, e possivelmente uma ocasional adega. Dublin tem muitos segredos. Desde que os muros caíram, descobri todo tipo de lugares subterrâneos. Nós, os irlandeses, somos muito ardilosos, gostamos de ter múltiplas formas de sair de uma situação difícil. E por que não? Olhe quanta gente tentou nos dominar, e por quanto tempo!

Espio o buraco cheio de escombros.

—Amigo, como vou conseguir uma bolsinha de restos?

—Chefe, temos um problema.

Olho sobre o ombro. Um dos homens do Ryodan está ali de pé, parecendo zangado. É um que não vejo frequentemente. Nunca ouvi ninguém dizer seu nome. Penso nele como Sombra porque desliza dentro de uma sala sem agitar o ar. Quase passa despercebido, o que é uma façanha, tendo em conta que é quarenta e cinco centímetros mais alto que eu e deve pesar uns cento e trinta e oito quilogramas. Observa tudo, como eu. Não fala muito, não como eu. Alto e musculoso como o resto deles, marcado de cicatrizes como o resto deles, o cabelo como a noite e olhos da cor do uísque em um copo.

—Escuto.

—O maldito Highlander mestiço levou a espada.

—O que? —explodo. — Christian levou minha espada? Disse isso e disse que provavelmente estivesse descongelada! Disse que precisávamos verificar! Que demônios acontece, amigos? Não podem guardar uma miserável espada de um miserável meio-humano?



Sombra me olha.

—Quase se converteu completamente em um príncipe Unseelie e possuía um lança-chamas, menina. —Para Ryodan, acrescenta—: Lor e Kasteo estão muito queimados.

Um maldito lança-chamas! Por que não pensei isso? Ou melhor que me ocorreu foi um miserável secador de cabelo. Tenho que começar a pensar em escalas maiores! Devolvo o olhar. Estou tão furiosa que minha cabeça está cheia de pura raiva.

—Não entende, quando eu estava em sua cama, encontrei uma mulher morta colocada entre a cama e a parede! Agora quer ver-me e o deixaram levar minha espada! O que se supõe que faça agora? Ryodan não compartilhará qualquer que seja a maldita arma que tem! Como se supõe que proteja a mim mesma? Não podem fazer nada bem? Uma pequena espada! Isso era tudo o que precisavam vigiar! E por que não pensamos nós em um lança-chamas? Alguém tem um cérebro de entre todos vocês, amigo? Lança-chamas! Brilhante! Machucou a minha espada?

—Quando estive na cama do Christian — diz Ryodan em voz baixa.

Fico boquiaberta.

—Amigo, tem um caso grave de audição seletiva, do tipo que ignora todas as coisas importantes! A quem importa quando estive na estúpida cama? Como merda matou Velvet? Esteve escondendo coisas! Tem que aprender a compartilhar suas armas!

—Quando.

Há algo na forma como pronuncia essa única palavra que me faz tremer, e eu sou difícil de esmagar.

—Não me troquei em uma loja! Bem, corra! Preciso da espada. O que vai fazer para recuperá-la?

Nunca vi a cara de Ryodan ficar tão lisa. É como se congelasse até esvaziar a expressão. Tampouco o ouvi falar em um tom tão suave e sedoso.

—Leve-a de volta ao Chester's e a prenda. Eu recuperarei a espada.

Sombra me olha sério. Como se fosse minha própria Parca⁹². Não.

Deslizo uma mão no bolso. Tiro a trava de uma granada. Começo a contar porque tenho que calcular o tempo perfeitamente. Não vou ser encerrada em nenhum lado. Nada mais de jaulas para Dani Mega O'Malley. Uma fração de segundo antes de que exploda, lanço a bomba à calçada em frente a eles. Detona com a brilhante chama Mata-sombras que Dancer fabricou para mim.

—E uma merda que o fará.

Saio dali congelando o quadro com tudo o que tenho.

Capítulo 27

“Porque estou um passo mais perto da borda e estou a ponto de romper”⁹³

⁹² uma das três deusas (Cloto, Láquesis e Átropos) que fiavam, dobravam e cortavam o fio da vida.

⁹³ 'Cause I'm one step closer to the edge and I'm about to break": da canção "One Step Closer" do Linkin Park. <http://www.youtube.com/watch?v=pmUTBDuUGz8>



Acredito que deixei uma nova marca pessoal.

Possuía muitos incentivos. A expressão no rosto do Ryodan era diferente a tudo o que vi antes. Pior que quando matei todos esses Fae no Chester's e ele me prendeu no calabouço. Muito pior.

Enquanto estou congelando o quadro, penso em como ele arruinou minha vida desde o segundo em que pôs um pé em minha torre de água e disse que havia um trabalho para mim. Devia ter imaginado. Acredito que a razão que está tão furioso com respeito a Christian e Dancer é porque está preocupado que tenha um namorado super-herói que chutará o traseiro de um lado ao outro de Dublin, e o fará romper esse pequeno e asqueroso contrato que me fez assinar. Não quer nenhum outro muito perto de mim porque interfeririam com sua habilidade de usar-me para seus próprios propósitos. Christian é um competidor físico. E Dancer poderia matá-lo usando o cérebro.

Ele não entende que não estou interessada em um namorado super-herói.

Eu vou ser a super-heroína que chuta seu traseiro de um lado a outro de Dublin.

—OH, doce e maldito dia — digo encantada ao redor de um bocado de chocolate, antecipando. Amendoins e chocolate ficam presos em minha garganta e quase não posso engolir. Estive comendo muitas barras de chocolate ultimamente porque estou em muito movimento e isso é tudo o que tenho à mão. Estou com um grande desejo de sal. Algumas vezes, quando como muito açúcar, começo a ficar obcecada com a carne em conserva e repolho de minha mãe, com pão de alecrim fresco e batatas e cebolinhas e... Santas Cachoeiras Ashleagh, a boca está cheia de água!

Entro em uma loja de comestíveis. Vazia. Dirijo-me três quadras ao norte à loja Paddy's. Vazia. Corro dez quadras ao sul para ir ao Porter's. Também completamente vazia. O que daria por um saco de batatas fritas! Inúteis no que diz respeito a um golpe de energia, mas um alegre desfile do dia de São Patrício ⁹⁴em minha língua! Virtualmente estou babando, tão faminta por algo mais que um chocolate. Uma lata de feijões. Deus, inclusive o atum me deixaria feliz!

Supero. É energia perdida. Não há outra comida agora, e o que aprendi em uma jaula é que, ou lute pelo que quer ou não pensa nisso. E se conquistar, faça realmente, espreme-o com cada matiz, cada suculento sabor, aroma, contato. Não tenho tempo para esse tipo de indulgência neste momento. Tenho um louco príncipe Unseelie me perseguindo com minha própria espada. Tenho ao louco dono de um clube noturno aí fora que pensa que tem que me demonstrar algo e quer me prender para fazê-lo. Tenho uma sanguinária ex-melhor amiga que quer me matar. Tenho um Monstro de Gelo matando a todo tipo de inocentes.

Posso lutar com os três primeiros. Dublin tem que saber sobre o último!

Tenho vários lugares na cidade onde posso imprimir um jornal. Não levará muito tempo ao Ryodan encontrar todos, assim sei que não disponho de muito tempo. Se posso imprimir mil e

⁹⁴ (387 — 17 de março de 461) foi primeiramente um missionário cristão, sendo depois sagrado bispo e santo padroeiro da Irlanda, juntamente com Santa Brígida de Kildare e São Columba. É considerado o Apóstolo da Irlanda



distribuí-los, a notícia se espalhará rapidamente. Logo me dedicarei ao assunto de como recuperar minha espada do Christian.

Encaminho para o velho Edifício Bartlett ao sul do rio Liffey, zumbindo sobre a ponte Há'Penny, congelando o quadro paralelo à água. As estrelas brilham sobre ela, cristais de gelo em uma lâmina de prata. Tudo está beijado com o novo matiz lavanda metálico que os Fae trouxeram com eles.

Uns segundos depois, passo rapidamente pelas portas duplas, puxo minha mochila em uma mesa e ligo as impressas, soprando as mãos para esquentá-las. Instalo minha pequena mini impressora e a conecto ao telefone para imprimir as fotos que tirei todo o dia. Minhas mãos estão duras pelo frio. Acredito que o Homem de Gelo está começando a arruinar o clima, ou algo. Usualmente em maio temos uma mínima de quatro graus e uma máxima de quinze. E eu tenho mais calor porque, bom, corro a todas as partes. Mas estive fria o dia inteiro. Parece como se fora não fizesse mais de três, ou um abaixo de zero. Desejaria que este lugar tivesse uma lareira como Mac tem no Barrons Livros e Curiosidades. Estive evitando essa parte da cidade por semanas. Não posso suportar o pensamento de vê-la ir e vir, sabendo que estou morta para ela. Sabendo que nunca voltarei a pôr um pé dentro do BB&B e rirei com ela, sentindo que encaixo em alguma parte. Desejaria ter um lugar como Mac tem no Barrons Livros e Curiosidades.

—Desejos. Cavalos. Maldita perda de tempo. —Estava muito tempo só, desde menina, e de noite às vezes não havia nada na televisão e o silêncio era dez vezes maior que nossa casa. Estava acostumada a falar comigo mesma para enchê-lo. Também era faiscante, sempre em dia com as últimas notícias e as coisas, porque estava presa em uma jaula, olhando-a todo o tempo. Possivelmente daí saiu meu amor por divulgar. Havia tanto a dizer e ninguém a escutar. Agora, tenho a toda à cidade! Mantenho um monólogo enquanto trabalho em meu jornal, principalmente ventilando minha irritação com as circunstâncias atuais.

Não tenho tempo para escrever algo realmente entretido, algo que trato de fazer sempre que tiro um Jornal da Dani, porque qualquer escritor que se preze sabe que tem que dar às pessoas pão e circo, junto com a informação que precisam para salvar o próprio traseiro. Do contrário, não lerão. Havia uma série na televisão quando tinha nove anos a respeito de como escrever e manter às pessoas lendo e eu estava fascinada por ela, porque sabia que algum dia escreveria minhas memórias.

Não fazia ideia de que começaria a ter um periódico quando com somente treze anos e que publicaria um livro quando tivesse quatorze!

O Jornal da Dani

NOVO MONSTRO SOLTO EM DUBLÍN!!!!

O HOMEM DE GELO assassina a centenas!!!

LEIAM TUDO SOBRE ISSO!

E POR CERTO, NÃO ESTOU INDEFESA. AMIGOS, SE VOCÊS PENSAREM QUE ESTOU INDEFESA, EXPERIMENTEM. TRAGAM-NO! TENHO TODO TIPO DE ARMAS SECRETAS NA MANGA!



Ouviram de mim, antes que de ninguém mais!

Há um grande e malvado Unseelie solto em Dublin, congelando pessoas até a morte. Apenas se tem advertência de que está por aparecer em seu espaço. Atacou igrejas, pubs, ginásios, armazéns, pátios rurais, e pontos no meio da rua. Nenhum lugar está fora de seu olho! Têm que ter muito cuidado. Ao menos, se estiver prestando atenção, verá uma espécie de ponto brilhante no ar, logo se abre uma fenda, derrama-se a névoa e o monstro sai. Em, tipo, só dois segundos congela tudo a seu passo, CAUSANDO MORTE INSTANTÂNEA e logo desaparece.

Mantenham o perfil baixo, mantenham-se afastados das ruas!

Te mantereí em dia, Dublin.

OH, e se topar com uma das cenas congeladas, se afaste... explodem!

—Não valem a pena.

Quase saio de minha pele, como creme dental saindo de um tubo que foi apertado muito forte. Esperava que Ryodan me encontrasse primeiro.

Congelo o quadro.

E me choco contra Christian.

—Agora sou um peneira completo, garota. Nunca mais será mais rápida que eu. Estava me deixando louco que pudesse fugir de mim. Já não mais. —Suas mãos se fecham em minha cintura, e tento me retorcer até me libertar, mas é como ter tornos de ferro mordendo meu corpo, fechando-se sobre osso. O olho. O ligeiro contorno de uma torção é luminosa em seu pescoço. Seus olhos são fogo iridescente. Se a loucura tivesse uma cor, estaria dando voltas aí.

—Humanos — diz friamente, e seu rosto é como gelo cinzelado. Pele pálida contra cabelo como meia-noite. Brilhantes tatuagens correm pelo pescoço, rodeiam a mandíbula, descem pelo corpo, uma tormenta caleidoscópica debaixo da pele. — Adoentados. Estúpidos. Medrosos de sua sombra. Por que se incomoda com eles? Por que perde tempo? Vale muito mais que isso.

—Cara. Eu sou humana. Dê-me minha maldita espada. Não é sua.

—Não, não é. Está além do humano. Você é o que a raça deveria aspirar a ser. —inclina-se, cheira meu cabelo e sussurra. — Mantém-se afastada de Ryodan. Odeio quando cheira como ele. Revolve meu estômago.

Procuo em meu cérebro uma maneira de sair desta. Com minha espada. Tem-na em alguma parte? Deixo cair minhas pálpebras, olho a parte inferior do corpo. Não quero telegrafar. Não a vejo por nenhuma parte. Jeans, botas, um suéter de pescador cor nata que se estica sobre ombros muito mais largos do que eram. Para dar apoio à estrutura de asas que está desenvolvendo? Sente falta de ser quem era? É por isso que se veste assim? Não há sinal visível de nenhuma arma, mas está muito além de precisar de uma arma. Ele é uma arma. Há sangue no suéter. Não quero saber por que.

—Você também é humano, recorda? —Obviamente, com alguma parte de seu cérebro. Os príncipes Unseelie raramente usam roupa.

—Já não, Dani, minha doce querida. Sabe como estou tão seguro? Sou um detector de mentiras. Falei: “sou humano” e ouvi minha própria mentira. —Ri e há loucura ali.



—É o que escolhe ser — digo. De repente, não posso respirar porque suas mãos se deslizaram sobre minhas costelas e está apertando com tanta força que acredito que vão se romper.

—NUNCA escolheria esta Merda!

—Ow! Controle o volume, Christian! E está me machucando!

Ele solta imediatamente.

—Está bem, garota? Sangram os ouvidos? Fiz que os ouvidos da última mulher sangrassem. Também seu nariz. E seu... bom, isso não está nem aqui nem ali.

—Deixe-me ir. Tenho coisas a fazer.

—Não.

—Olhe, se for tentar me matar, termina. —Ponho ambos os punhos em frente ao rosto. — Levanta os seus!

Ele me olha.

—Por que faria isso?

—Olá, Senhor Mantenho Mulheres Mortas Colocadas Ao lado de Minha Cama!

—Tentei. Explicar. Isso. Não escutou. Fugiu de mim. Por que fugiu de mim? Não sigo dizendo que nunca te farei mal?

—Matou-a?

—Não.

Dou um olhar. Não preciso ser um detector de mentiras para ver através disso. Estava ali no furtivo deslizamento de seus olhos.

—Tenta de novo.

—Bem. Certo. Matei-a. Mas não tive intenção. E não a matei, matei.

—OH, já vejo. Enquanto não a matou, matou, tudo está bem.

—Sabia que entenderia — diz, como se não estivesse sendo completamente frívola. Não estou certa de que siga entendendo as matizes humanas. Acredito que está muito longe.

—Toda ouvidos.

Encolhe os ombros.

—Não há muito que dizer. Estávamos tendo sexo e de repente estava morta.

—Só assim?

—Só assim. Foi à coisa mais condenadamente estranha. Nem sequer sei o que fiz.

—Suas mãos não estavam, como, ao redor de sua garganta ou sustentando uma faca ou algo?

—Não. Por isso a mantive. Queria examiná-la para averiguar o que fiz para não voltar a fazer. Não é como se pudesse estar sem sexo pelo resto de minha vida. Já que posso sobreviver sem ele umas poucas malditas horas. Um segundo ela estava ótima e eu também, e estava fazendo sons realmente quentes enquanto eu estava... desculpe, provavelmente não queira ouvir sobre isso. Não estou tentando deixá-la ciumenta, moça. Logo ela não estava se movendo e não tem ideia do quanto foi inquietante. Bom, principalmente. Mas não inteiramente. Acredito que o Unseelie em



que estou me convertendo estava excitado, porque uma vez que ela deixou de mover-se foi como...

—Muita informação! Não posso ouvir! —Começo a cantarolar para cobrir o som de sua voz. Ciumenta? Do que está falando?

—Distraí-me e a deixei na cama para pesquisar depois, e a encontrei sangrando e trouxe para minha casa. Não queria que a visse e se desgostasse. Ia averiguar o que fiz quando fosse.

—Descobriu?

—Ainda não tenho ideia. Não há nenhuma marca nela, em nenhuma parte. Pensei que possivelmente fui muito rude e a machuquei por dentro, mas, se fiz, haveriam machucados externos em alguma parte, e não há nenhum. Possivelmente possa ver. Estive considerando uma autópsia, mas não conheço nenhum encarregado de funerária. Você sim?

Diz como se fosse uma pergunta normal. Como se ele fosse à pessoa investigando um homicídio, não quem o cometeu.

—Não. —Pergunto-me que tão louco está. — Se incomoda tê-la matado?

Ele parece horrorizado.

—É óbvio que sim! Não quero matar nada. Bom... em realidade isso não é completamente certo. Sim quero matar coisas. Muitas coisas. Principalmente Ryodan ultimamente. Posso me perder em horas de relaxante névoa de pensamentos assassinos sobre esse idiota.

—Não brigarei com você nisso — digo.

—Mas não o faço. Ao menos não até agora. E se não descobrir o que fiz esta vez, não posso me parar no futuro.

—Onde está minha espada — digo como Ryodan, sem sinal de interrogação ao final. Estou começando a entender por que o faz. É uma sutil demanda em lugar de uma pergunta. A gente responde instintivamente, contra seu melhor julgamento. Esse é Ryodan, sempre jogando com as possibilidades, as usando a seu favor.

Christian sorri e por um segundo vejo um traço de quem era. Agora que seu rosto completou a maioria da transição a príncipe Unseelie, suas expressões são mais legíveis. Suponho que os músculos não estão sempre brigando, tentando formar uma expressão. Tem um sorriso deslumbrante, quase matador, mas não completamente. É o sorriso de um homem que poderia ter qualquer mulher que quisesse na cama, mas que simplesmente poderia matá-la enquanto está ali.

—Tem que admitir, o lança-chamas foi condenadamente brilhante, verdade? Derrubei a coisa direto da estalagmite e fritei os homens do Ryodan. Nem sequer ocorreu a eles. Malditos idiotas. Se quiser algo, pegue.

—Fez mal a minha espada? Espera um minuto! —Dou-me conta de algo que não posso acreditar que tenha tomado tanto tempo notar. — Não está me fazendo sentir como se estivesse me convertendo em Pri-ya!

—Descobri como silenciar. É tão fácil como ligar. Tudo o que tenho que fazer é isto.

A excitação sexual me golpeia, e me ouço fazer um som tão embaraçoso que poderia morrer de vergonha.



Ele evita que me afunde no pavimento, me sustentando fisicamente, as mãos na minha cintura.

—Moça, não me olhe dessa maneira. Por outro lado, faz. Sim. Sim. Exatamente assim. Princesa me mata.

—Apaga, Christian! Quero escolher minha primeira vez!

Paraliso no chão, piscando, aturdida.

Christian se foi.

Sem suas mãos me sustentando, caí como uma caixa de papelão molhado. Sento-me ali, olhando ao redor, mas sem ver nada, tentando esclarecer minha cabeça. Ou se foi completamente ou está se silenciando uma vez mais. Mas as sequelas persistem.

Sua voz flutua para baixo, de algum lugar nas vigas do teto sobre minha cabeça.

—A primeira vez, né? Estava bastante seguro, garota, mas eu gosto de ouvi-lo de você. Esperarei. Eu também quero que escolha sua primeira vez. Será chocolate e rosas. Música e doces beijos. Tudo o que uma garota sonha. Quero que seja perfeito para você.

Fico vermelho beterraba. Ninguém, mas ninguém fala de minha virgindade exceto eu!

—Sai de meus planos para perder minha virgindade! Não é seu assunto.

—É meu assunto, e só meu. Mas não vamos falar disso. Ainda.

Sinto como se acabassem de me golpear na cabeça com uma frigideira. Está brincando? Christian decidiu em sua meio louca mente de príncipe Unseelie que vai ser tipo, meu namorado e ser, tipo, o primeiro? Amigo, tenho quatorze anos e ele é um príncipe Unseelie! E é dez anos mais velho que eu! Abro a boca para dar uma reprimenda e endireitar as coisas entre nós, quando penso em como ter um príncipe Unseelie apaixonado por mim não poderia ser tão má ideia, e fecho a boca uma vez mais. Ele poderia ser difícil de dirigir, mas todas as armas são boas, e Christian com uma coleira seria como, a arma definitiva. Especialmente contra Ryodan.

Pergunta-a é: posso pôr uma coleira? E se conseguir, serei capaz de sustentar seu colar quando realmente importar?

Escolho minhas palavras com cuidado. Príncipe e detector de mentiras para piorar as coisas. Se posso pôr uma coleira nele, posso fazer algo! Será como dançar em um campo minado. Estou fascinada pela ideia. Que maneira de me pôr à prova.

—Obrigada pela compreensão, Christian — digo.

—Não há problema. Bom, sim há. Mas me encarregarei disso. Por agora.

—Os outros príncipes Unseelie me assustam.

—Deveriam. São pesadelos andantes! Não acreditaria algumas das merdas doentes que fazem.

Não passo a ironia por alto como acontece a ele. Um segundo é consciente de si mesmo como um príncipe Unseelie, ao seguinte atua como se fosse o mais afastado disso. Não digo: “Sim, acreditaria, amigo, porque você também faz coisas doentes”. Lançar calúnias não me dará mais pontos.



—Sinto-me tão insegura sem minha espada. —Olho teto com os olhos entreabertos. O Edifício Bartlett costumava ser um antigo armazém antes de ser convertido. Deixaram as vigas de aço expostas quando se mudaram. Não o vejo aí em nenhuma parte.

Logo está frente a mim, inclinando-se em uma reverência formal.

—Sua espada, minha senhora. Teria destruído o céu e a terra para recuperá-la para você. — Sustenta-a sobre ambas as mãos, apresentando-me. Olha-me e devolvo o olhar, medindo a loucura em seus olhos. Sinto umidade pressionando nos cantos de meus, como se fossem começar a sangrar. Pressiono a ponte de meu nariz com força. Não posso deixar de olhá-lo. É como se seus olhos fossem feitos de prata líquida sobre arco íris, como as tatuagens caleidoscópicas sob sua pele, como um rio no fundo deles, como se eu pudesse tropeçar e me inundar no mais profundo. Sinto-me enjoada.

—Não me olhe direto nos olhos, garota. Pare! —Dá um suave golpe sob o queixo, me sacudindo para romper o contato visual. Arrasta os dedos sobre minha bochecha, e quando a mão sai ensanguentada, lambe-a. — Nunca olhe nos olhos muito tempo. Machuca as pessoas. —Logo sorri. — Notará que posso tocar a relíquia. Preocupava-me não ser capaz.

Baixo o olhar à relíquia Seelie em suas mãos, um dos quatro talismãs Fae que só os humanos e aqueles da Corte da Luz podem tocar. Poderia tomá-la, afundar a lâmina através de seu coração e me liberar dele para sempre.

Estendo-me para tomar minha espada.

Ele a afasta.

—Um pequeno obrigado seria agradável.

—Christian, é o Melhor — digo. — Primeiro salvou a vida e agora devolve minha espada quando ninguém mais sequer me ajudaria.

—O imbecil certamente não.

—Certamente não — coincido e uma vez mais tento pegar minha espada. — Ninguém se preocupa comigo como você.

—OH, moça, não tem nenhuma maldita ideia — diz quase em um sussurro. —Vejo você por dentro.

—Posso tê-la agora? —Quero-a tanto que minhas palmas picam.

Ele inclina a cabeça e me olha, então gira como um príncipe Unseelie, como se sua cabeça e seu pescoço não estivessem conectados da forma correta. Dá-me calafrios.

—Não estará pensando em me matar com ela, verdade, moça?

—Claro que o faria. Mas não vou fazer. —Não agora mesmo, de todos os modos.

Seu sorriso é cegador.

—Bom, porque tenho outro presente para você esta noite. Sei que você gosta de salvar humanos, assim vou ajudar. Pode considerá-lo como um de meus muitos presentes de bodas antecipadas.

Piscada. Huh? Ou acerto em mascarar minha surpresa, ou ele nem sequer notou a expressão em meu rosto, porque simplesmente segue falando.



—Os príncipes Unseelie conhecem essa coisa que saiu pela fenda no armazém. Chamam-no Gh'luk-ra d'J'hai.

—Que diabos significa isso? —Também, presentes de bodas? Perdeu completamente o parafuso?

—É difícil de traduzir. Os Unseelie têm quarenta e nove palavras para gelo, e há um matiz em d'J'hai que não estou seguro de entender. Vagamente, chamaria o Hoar Frost ⁹⁵King.

—O Hoar Frost King — repito. — O que é? Como mata? Funcionará a espada? —Assumindo que alguém pudesse aproximar-se sem congelar até a morte.

—Não sei. Mas conheço um lugar onde poderíamos descobrir. Se houver respostas em alguma parte, estarão aí. Pega a espada, moça. Eu não gosto que esteja desprotegida. E sei que não me quer perto todo o tempo. Não é que possa culpá-la, com o monstro no que estou me convertendo.

Estendo ambas as mãos para tomá-la. Quase não posso me conter. Estou tremendo de emoção.

Ele se inclina e põe a espada sobre minhas palmas.

Fecho os olhos e suspiro com êxtase. O peso do aço frio em minhas mãos é... bom, melhor do que acredito que deve ser o sexo! É como ser amputado de ambos os braços e acreditar que terá que aprender a viver sem eles, logo recuperá-los de forma perfeita. Amo minha espada. Sou invencível com ela. Não conheço nenhuma maldita parte de medo com esta coisa em minhas mãos. No fundo, onde meu sangue corre um pouco mais estranho que das outras pessoas, as velocidades mudam e me deslizo de novo até um alinhamento perfeito. Sou uma com a espada. Estou completa.

—OH, e aí está a mulher que será algum dia — murmura Christian. — Paixão suficiente para dirigir um exército. Não que tenha um. Ainda.

Pode ser que queira um príncipe Unseelie com coleira, mas precisamos pôr as coisas em claro.

—Nunca me vou casar.

—Quem disse algo de casar-se?

—Cara, presentes de bodas antecipadas.

Olha-me como se eu estivesse louca.

—Quem disse algo sobre presentes de bodas?

—E eu não quero um exército Unseelie para dirigir.

—Exército? Dani, meu formoso fogo fátuo⁹⁶, do que está falando? Estava te contando do Hoar Frost King. Vem ou não? É uma noite perfeita para estar vivo. Temos um monstro que apanhar. —Ele pisca um olho. — E esta noite não sou eu.



⁹⁵ Hoar Frost -> Geada Branca, geada intensa que propicia a cristalização de gelo na superfície, normalmente ocorre em locais com temperaturas abaixo do ponto de congelamento, também chamada de Geada Cristalizada

⁹⁶ Fenômeno consistente aparentemente na inflamação de certas matérias (fósforo, principalmente) que se elevam das substâncias animais ou vegetais em putrefação, e formam pequenas chamas que veem andar pelo ar a pouca distância da superfície, encontram-se nos lugares pantanosos e nos cemitérios.



Cara. Às vezes isso é tudo o que pode dizer.

Capítulo 28

*"Subo ao alto e caminho até a beirada para ver meu mundo abaixo"*⁹⁷

Uma boa líder conhece seu mundo.

Eu não sei nada de meu mundo.

Bom, isso não é completamente certo.

Sei que a cento e cinquenta passos de onde estou olhando pela janela do closet da Rowena há uma serena pérgola com árvores com formas e com um pavilhão ladrilhado, bancos de pedra e um lago refletivo que a Gran Mestra Deborah Siobhan O'Connor, que morreu a nove séculos, construiu para a meditação em tempos de crise. Suficientemente longe da abadia para outorgar privacidade, suficientemente perto para ser utilizado com frequência, o lago prateado faz tempo foi usurpado por rãs gordas em folhas de nenúfares⁹⁸ e em uma noite suave de verão, em meu antigo quarto, três pisos acima da Rowena e dois ao sul, elas me enfeitiçaram para dormir com seu preguiçoso barítono ah-uuups durante muitos anos.

Também sei que há quatrocentas e trinta e sete salas na abadia, em uso de conhecimento comum. Sei de vinte e três adicionais somente na planta principal, com mais nas outras três e sem dúvida, inumeráveis mais das que não sei nada absolutamente. A fortaleza labiríntica é um formigueiro de passadiços ocultos e painéis escondidos, pedras, vigas e chaminés que se movem, se conhecer o segredo de seu funcionamento. Logo está o Metrô. Assim é como sempre vi a abadia: o piso Superior, onde o sol brilha nos painéis das janelas e assamos e limpamos e somos mulheres normais, e o Metrô onde uma cidade escura gira e se retorce, com corredores, catacumbas e abóbadas, e só o doce Senhor sabe que mais. Ali, aquelas de nós no Haven nos convertemos em algo mais às vezes, algo antigo em nosso sangue.

Sei que a quatrocentos metros atrás da abadia há um celeiro com duzentos e oitenta e dois estábulos onde as vacas, cavalos e porcos alguma vez estiveram alojados. Sei que a uma enérgica caminhada de distância há uma leiteria que albergava ao redor de quarenta vacas leiteiras, com uma despensa refrigerada onde fazíamos manteiga e nata. Sei que há dezessete filas de cinco camas que fazem um jardim de vegetais de oitenta e cinco níveis detrás da leiteria que uma vez cresceram o suficiente para manter aos milhares de ocupantes da abadia além do suficiente para vender no povo por uma boa soma.

Todas estas coisas que conheço, pertenciam a um mundo diferente.

O mundo em que vivo já não é um mundo que conheça.

⁹⁷ "I walk up on high and I step to the edge to see my world below": da canção "The World I Know" do Collective Soul.
<http://www.youtube.com/watch?v=n7TLTjqUyog>

⁹⁸ Planta aquática



São quatro e meia da manhã. Envolver-me mais apertadamente com meu xale e olho pela janela, aos nodosos carvalhos que projetam largas sombras e os raios de lua que entrecruzam a grama em ramificações gradeadas. Minha vista reconfortante do jardim ornamental está bloqueada por uma dessas perigosas aberrações da física que Mac chama Buraco Fae Interdimensional; BFI para abreviar, uma abreviatura conveniente. Este tem a forma de funil de um tornado cristalino e brilha com um tom lilás leitoso, seu exterior opaco e facetado reflete a luz da lua. À luz do dia, essas diáfanas facetas são difíceis de distinguir dos arredores, complicado por suas extremas variações de forma, textura e tamanho. Vi BFIs maiores que nosso campo traseiro, e menores que minha mão. Este é mais alto que um edifício de quatro pisos e mais largo.

A primeira vez que ela me disse seu nome para eles, ri. Isso foi quando minha família acabava de morrer e eu estava ébria de liberdade. Pela primeira vez em minha vida, quando todos estavam preocupados com os muitos novos monstros soltos, eu me sentia gloriosa e delirantemente segura. Meus monstros desapareceram. Estiveram tentando me tirar uma vez mais da abadia, minha mãe com um evidente brilho triunfal nos olhos no último jantar de domingo, e eu estava segura de que ela e meu pai finalmente tinham dado com algo que Rowena queria o suficiente para renunciar para mim. Durante anos, a diminutiva Gran Mestra comandou minha cega devoção simplesmente por ser um baluarte entre eles e eu.

Os BFIs já não são motivo de risada. Nunca foram. Este foi descoberto faz uma semana, dirigindo-se diretamente para nossa abadia. Perdemos dias rastreando seu progresso, tentando conceber formas de desviá-lo. Nada funcionou. Não é como se um BFI pudesse ser tirado de curso com um ventilador gigante. Sou a líder deste enclave, e mesmo assim sou incapaz de fazer algo tão simples como proteger de ser tragado por uma peça fraturada do Faery! O BFI não é nem sequer um inimigo inteligente. É simplesmente um acidente das circunstâncias.

Depois estão os inimigos inteligentes com os quais tenho que me preocupar. Os pensantes, os ambiciosos cujo piso Superior nunca coincide com seu Subterrâneo, que sem dúvida agora estão falando do depósito de infinito conhecimento e poder que o mundo agora sabe que temos encerrado sob nossa fortaleza, custodiado por duzentas e oitenta e nove mulheres incrivelmente ineptas com idades compreendidas dos sete anos até Tanty Anna, de cento e dois.

Estão a meu cargo. Confiadas a meu cuidado.

Não vejo fim para elas que não implique o sacrifício desventurado!

Preciso de mais sidhe-seers. Preciso fortalecer nossos números.

Ontem à noite, reuni minhas garotas ao redor do BFI quando estava a um mero quilômetro e meio da abadia. Esboçamos seu curso com noventa e nove por cento de certeza: entraria em nosso lar. As únicas perguntas foram quanto da capela sul junto às câmaras da Rowena engoliria em um instante, e arrasaria cada centímetro quadrado de nossa abadia ou deixaria a ocasional pilha de escombros, talvez uma brilhante parede vermelho vivo de pé aqui e ali?

Dada sua velocidade de movimento, tomaria quase uma hora completar seu passo de um extremo ao outro. Fomos capazes de riscar o tempo e a trajetória de destruição tão exatamente porque já deixou centenas de quilômetros de fina cinza pelo caminho. Campos de terra estavam



adornados com profundos sulcos de terra queimada. Grandes edifícios foram reduzidos a pequenas montanhas de brasas pós-apocalípticas.

Um crematório à deriva, o BFI em curso de colisão com nossa abadia continha um fragmento de mundo de fogo, um inferno urgente capaz de reduzir imediatamente concreto a cinzas. Se entrasse em nossas paredes, nos deixaria sem lar. Por não dizer o que tal calor poderia fazer a certo cubo de gelo sob nossa fortaleza.

Tentamos enfeitiçar, desviar, destruir, prender a um lugar. Passei todo o dia revisando os antigos livros que Rowena mantinha na biblioteca do quarto, embora estivesse bastante segura de que era inútil. Ainda tenho que encontrar sua verdadeira “biblioteca”. Esta é outra coisa que sei, porque a vi carregando livros em momentos de crise que não estão em nenhuma parte. Ainda.

Minhas garotas choraram ao final. Estávamos cansadas e acaloradas e logo seríamos pessoas sem lar. Tentamos tudo o que sabíamos.

Logo um Humvee negro chegou e três dos homens do Ryodan saíram.

Com Margery.

Os homens ordenaram nos retirar a um perímetro seguro. Usando magia escura que nos desconcertou, ancoraram o BFI à terra a dezoito metros de nossos muros, onde permaneceu imóvel. Onde, asseguraram-me, permanecerá imóvel para sempre.

—Mas não o quero aí — falei. — O que devo fazer com isso? Não podemos movê-lo?

Olharam-me como se tivesse cinco cabeças.

—Mulher, salvamos de uma destruição segura, e quer criticar como fizemos? Usa a maldita coisa como um compactador de lixo. Incinera os mortos e inimigos. O Chefe adoraria ter algo assim de perto do Chester's. É um fogo que nunca se apagará.

—Leve isso então!

—A única forma é cortando a soga. Faz e passará diretamente através da abadia. Se alegre que ele não decidiu que o quer, ou este lugar estaria perdido. Dublin está do outro lado de seus muros. Mantenham a porta aberta. Ryodan estará aqui em uns dias para dizer o que deve.

Depois de que se foram, Margery levantou o punho no ar e chamou à celebração de que o perigo foi evitado e vivemos para lutar outro dia. Minhas garotas se congregaram ao redor, jubilosas, aplaudindo. Eu fui empurrada e esquecida no tumulto.

Ryodan virá em poucos dias.

Para me dizer o que devo.

Durante anos me escondi atrás destes muros, tratando de ser o mais insignificante possível. Despretensiosa. Passada por cima. Era feliz caminhando pelos campos, sonhando acordada com Sean e o futuro que teríamos, estudar a magia sidhe-seer e ocasionalmente guiar às garotas com gentil sabedoria, elogiando a Deus por minhas benções.

Amo esta abadia. Amo estas garotas.

Viro e caminho além da visão transparente de Cruce, que esteve sentado no divã de meu closet e me observando desde que os sinos tocaram na hora das bruxas⁹⁹, quatro horas e meia

⁹⁹ Hora das bruxas: hora do dia onde as criaturas sobrenaturais (bruxas, demônios e espíritos) aparecem e quando a magia negra é mais efetiva.



atrás, alado e nu como só ele pode estar. Seco a testa com um lenço, secando o brilho de suor que é constante nos últimos tempos. Como Sean não pôde vir ontem à noite, não dormi em dois dias. Sem desanimar, Cruce encontrou uma maneira de me atormentar desperta. Felizmente, somente é capaz neste momento de uma débil transmissão de seu aspecto. Não pode me falar ou me tocar. Ou certamente teria feito. Deslizo meu olhar sobre ele com a menor agitação em minha respiração.

Começo a me vestir.

Ontem à noite minha prima foi uma melhor líder que eu.

Porque não conheço meu mundo.

Chegou o momento de mudar isso.

A viagem a Dublin é longa e silenciosa. Já não há estações de rádio para escutar e não levo um telefone ou um iPod.

O dia foi árduo, com Margery presidindo a abadia como se estivesse a cargo, montando a onda de adulação por sua salvação de último minuto, condimentando seus comentários salgados sobre minhas muitas falhas com frases incendiárias calculadas para incitar às garotas e fazê-las sentir como se as estivesse restringindo como Rowena fazia. Observei-a e pensei: Posso levar a quase trezentas meninas, jovens e mulheres de idade avançada à guerra? Mais tarde, disse. Devemos brigar inteligente e duramente, não intrepidamente.

Inteligente e duramente nos deixaria sem casa, replicou ela. É pela audácia que a abadia ainda se mantém em pé.

Nesse ponto ela tem razão, mas aqui, entre nós e pelo destino de minhas garotas, é um problema mais profundo. Não importa. Para obter o controle, Margery levaria às sidhe-seers a sua morte, porque para ela, a liderança não é sobre o bem-estar delas, a não ser o seu. Ironicamente, seu narcisismo a faz carismática onde não sou. Em meu caminho à cidade, reflito sobre a necessidade de encanto em minha gestão para as garotas. É claro que uma decisão espreira: abdicar a liderança ou mudar em mais formas das que estou segura de que posso sobreviver.

Chego ao Chester's depois das dez, surpreendida ao encontrar uma fila que abrange três demolidas quadras da cidade. Não fazia ideia de que tanta gente jovem estivesse viva em Dublin, ou que poderia encontrá-los fazendo fila como se fosse uma noite comum de terça-feira, como se fosse o novo Temple Bar. Não sabem que o mundo está infectado e morrendo? Não sentem os cascos retumbantes dos Cavaleiros do Apocalipse? A gente esteve sem arreios por agora, embora me sorriu sedutoramente desde meu divã antes de eu ir. Outro está sendo reconstruído. Logo voltarão a ser quatro.

Deixo meu automóvel em um beco e caminho para o final da fila, resignada a converter o que indevidamente será uma noite inteira de espera em uma lição sobre meu novo mundo.

Assim que comecei a dizer olá a meus novos companheiros, uma mão se fecha em meu antebraço por trás.

—Ryodan te verá agora.



É um de seus homens, alto, musculoso e com cicatrizes como o resto. Escolta-me para o início da fila, sobre protestos e promessas, da paquera até o grotesco. Enquanto descendemos para o clube, elevo as barreiras para defender meu empático coração.

A música me golpeia, vibrante, visceral. As emoções removem com força, apesar de meus esforços para desviá-las. Tal fome nua, tal atormentado desejo de conexão e relevância! Mas estão tratando-os na forma equivocada. Aqui, vejo a mesma definição da loucura: acudir ao Chester's, procurando amor. Por que não ir ao deserto, esperando encontrar água?

Seria melhor saquear uma loja de ferragens e esperando conhecer outro ladrão no processo; ao menos saberiam que ele era um homem responsável e capaz, com a intenção de reconstruir algo. Ou roubar uma biblioteca! Qualquer homem que lê é bom. Procurar um grupo de oração; apareceram por toda a cidade.

Na superfície, cada pessoa que passamos parece mais feliz que a seguinte, mas eu sinto tudo: dor, insegurança, isolamento e medo. A maioria não tem ideia de como sobreviverão depois desta noite. Alguns perderam tantos seres queridos que já não se importam. Vivem em isoladas zonas de casas e edifícios abandonados sem televisores e não há maneira de manter-se ao dia com as ameaças no mundo, as quais estão evoluindo constantemente. Sua diretiva principal é simples: não dormir sozinho esta noite. Estas são pessoas que só recentemente puderam descobrir algo que queriam saber com o simples toque de uma tela. Agora, nus de suas camadas externas, suas defesas atravessadas, estão à deriva e escorando-se seriamente.

E não posso evitar me perguntar...

Poderia chegar a eles? Poderia, de algum jeito, reuni-los em um só lugar e formá-los para um propósito? Sinto-me enjoada com a ideia. Não são sidhe-seers... mas são jovens e fortes, e impressionáveis.

Uma mulher dança, a cabeça para trás em simulado êxtase, sorrindo, rodeada de homens e Unseelie. Tenho um traço de seu coração quando passamos e sei que ela acredita que um homem nunca a amará a menos que ela sempre o faça sentir-se bem. Renunciou ao direito a ser uma pessoa com necessidades e desejos, e se converteu em um receptáculo para encher as necessidades de um amante. Se for tão brilhante como uma mariposa e tão sexual como uma leoa em temporada de cio, será apreciada.

— Isso não é amor — digo enquanto passamos. — É um negócio. Deveria cobrar por isso. Deveria obter algo em troca.

Quando era jovem, comecei a classificar as pessoas com um sistema numérico: do um ao dez, o quanto estão quebrados? Ela é um sete. Seu coração poderia ser curado, mas seria necessário um homem intensamente comprometido e muito tempo. Poucos são tão afortunados. Menos ainda são almas as gêmeas como meu Sean e eu.

Enquanto subimos ao segundo piso, olho o subclube e vejo Jo, vestida como uma menina católica de idade escolar. Eu não gosto das brincadeiras a minha fé, e ainda estou inquieta por sua decisão de trabalhar aqui, mas ela fez apaixonados argumentos, fortemente comprometida com sua missão de reunir inteligência em sua fonte mais rica. Ainda tem que me contar algo que me faça sentir que submetê-la a este poço negro vale a pena. Conheço uma coisa sobre as pessoas: de



quem e com o que nos rodeamos é quem e no que nos convertemos. Em meio a pessoas boas, é fácil ser bom. Mas em meio de gente má, é fácil ser mau.

Quando chegamos à parte superior das escadas, meus olhos são atraídos para o subclub onde os garçons vestem somente calças justas de couro negro e um arco, revelando vastas extensões de pele bronzeada e musculosa, e em outros casos, generosos peitos nus. Só os belos são contratados aqui. Minha respiração está presa. Um dos garçons tem umas costas lindas, uma adorável maneira de mover seus membros largos. Poderia vê-lo caminhar por horas. Sou uma mulher, e aprecio um homem com umas boas costas. Estou aliviada porque não é Cruce. Não me perverteu tão completamente para que já não encontre atrativos nos homens humanos.

Minha escolta me guia por um corredor de paredes de cristal liso a minha direita e esquerda, sem interrupções, exceto por juntas quase inexistentes. As salas aqui são feitas de cristal de duplo sentido. Dependendo de como esteja ajustada a luz em cada sala, pode ver para dentro de fora, mas não ao reverso, ou para fora de dentro, mas não o inverso. Ouvi de Dani uma descrição dos níveis superiores do Chester's, assim sabia que devia esperar um piso de cristal transparente, mas esperar e caminhar sobre ele são duas coisas muito diferentes. Às pessoas não gostam de ver o que há debaixo. Entretanto aqui no Chester's o dono o obriga a ver com cada passo que dá em sua herança. É um homem calculista e perigoso. E vim aqui esta noite a determinar minha dívida, pagá-la e superá-la.

Minha escolta se detém frente a uma parede aparentemente lisa e apoia a mão sobre ela. Um painel de cristal se move a um lado com um vaio hidráulico. O peso da palma em meu pescoço me guia dentro de uma sala escura.

—O Chefe estará com você em um minuto.

Posso ver para fora por todos os lados, acima e abaixo. Da caixa de cristal do Ryodan, ele estuda seu mundo com olho nu e câmera. O perímetro da sala, o teto, está alinhado com centenas de pequenos monitores, com três filas de profundidade. Observo. Há câmeras enfocadas em cada sala, quase de todos os ângulos. Algumas salas são sórdidas além de minha consciência de tais atividades. Este é o mundo que devo conhecer se for dirigir minhas garotas.

A porta chia ao abrir atrás de mim e não digo nada, espero que ele fale. Quando não faz, estendo meu dom empático para percebê-lo. Não há ninguém mais comigo na sala. Dou-me conta de que alguém deve ter aberto a porta, viu-me, não a ele, e se foi. Continuo com minhas observações dos monitores, girando lentamente enquanto absorvo rostos, ações, oferecimentos. Devo observar às pessoas como se nunca os tivesse conhecido.

A mão em meu ombro tira um pequeno grito involuntário.

Volto-me rapidamente, assustada, e estou contra o peito de Ryodan, com seus braços gentilmente ao redor de mim. Falaria, mas sei que só gaguejaria. Não havia ninguém nesta sala comigo. Não ouvi a porta abrir-se de novo. Como, então, que ele está aqui?

—Tranquila, Katarina. Não a salvei do dano de ontem à noite para machucá-la esta noite.

Olho um rosto que é ilegível. Deste homem, se diz que tem três expressões e só três: brincadeira divertida, cortês distancia ou irritação. Diz-se que, se zangar, está morto.

Abro meu dom da empatia.



Estou sozinha nesta sala.

Não posso encontrar palavras para dizer. Decido usar as que tenho.

—Estou sozinha aqui.

—Não de tudo.

—Não existe.

—Toque-me, Katarina. Diga-me que não existo. —Ele roça minha bochecha com um beijo e tremo. —Gira sua cabeça para mim, e a beijarei como uma mulher deveria ser beijada. —Espera, com a boca roçando minha bochecha, que me vire, embora ligeiramente, abra os lábios e aceite sua língua. Tremo de novo. Este homem não me beijaria como eu gosto de ser beijada, mas sim como ele faz. Sua maneira é muito dura, demandante, perigosa. Sua maneira não é amor. É paixão e queima. Incinera. Só deixa brasas com tanta segurança como o BFI que seus homens ataram em minha abadia a noite anterior.

Quando me afasto, ele ri e deixa cair seu abraço solto. Dou-lhe um olhar penetrante.

—Obrigada por enviar a seus homens para prender o fragmento do Faery. Eles falaram de um pagamento. Não temos muito. O que pode oferecer nossa abadia em pagamento por tão generosa ajuda?

Ele sorri fracamente.

—Ah, então assim é como estaremos. Fala eloquentemente para ser alguém que não disse uma palavra até que teve quase cinco anos.

Não ficarei desconcertada. Assim, sabe que não tive voz por anos depois de ter nascido. Muitos conhecem a história. A dor das emoções do mundo me afligiram ao nascer. Eu fui um bebê terrível, uma menina horrível. Chorava sem cessar. Nunca falava. Me encolhia em uma bola e tentava escapar da dor do mundo. Chamaram-me de autista.

—Obrigada.

—Até que chegou Rowena e ofereceu um trato a sua família.

—Não devia falar de mim mesma, mas sim de como posso pagá-lo.

—Ela te tiraria de sua concha autista, mas aos dezoito anos de idade seria dela. Iria viver à abadia. Seus pais aproveitaram a oportunidade. Desesperavam-se por sempre sossegar seu pranto.

Às vezes, inclusive então, Sean esteve ali. Às vezes, no delírio de minha dor, havia-se encolhido junto a mim e disse: “Menina, por que chora?”. Lembro de momentos de silêncio então. Ele punha seus braços gordinhos ao redor de mim e, por um curto período de tempo, a dor se ia.

—Como fazer uma grande aliança com os maiores criminosos e mais desagradáveis, se sua única filha casadeira estava defeituosa? —digo secamente.

Ele ri.

—Aí está, detrás dessa eterna serenidade. A mulher que sente. O curioso é que eu também pensei que estava sozinho neste quarto. Até que disse isso. A carência de emoção aqui não é só minha. —Seu sorriso desvanece e me olha diretamente aos olhos com um olhar tão penetrante,



direto e incômodo que me faz sentir como um inseto em um tabuleiro, preparado para a dissecação. — Não me deve nada mais.

Pestanejo.

—Mas ainda não te paguei.

—O fez.

—Não, não fiz. Não te dei nada.

—O preço não foi requerido de você.

Dá-me um calafrio e quase não posso respirar. Este homem é perigoso. Inteligente. Assustador para mim.

—De quem foi requerido? Eu sou a responsável. Eu sou a que falhou. Sou a que deveria conduzi-las a um lugar seguro, portanto deveria ser eu e só eu a que pague um preço!

—O engraçado a respeito ao pagamento, é que não é o comprador dos bens ou serviços o que põe o preço. É o vendedor. Esse sou eu. —Agora seu rosto é duro e frio.

—Que preço estabeleceu? —Domino minha respiração para que seja lento e casual, esperando sua resposta.

Ele se move para meu lado, me guia para o cristal e dirige minha atenção para baixo.

—Tive dificuldade encontrando pessoal ultimamente. Meus garçons morrem continuamente.

A pele de minhas costas começa a arrepiar-se.

—Há um clube em particular que é difícil de manter com pessoal. O Clube do Smoking constantemente requer substituições.

É o subclube onde os garçons vestem ajustadas calças de couro negro, colete e servem com o torso nu.

—Seu Sean foi o suficientemente bom para cobrir um posto por um tempo.

A bÍlis se eleva na parte posterior de minha garganta.

—Meu Sean não pertence aqui.

—Talvez. Mas inclusive você tem que admitir que parece bem com o uniforme.

Olho para onde ele está assinalando. As costas que admirei ao subir conheciam minhas mãos sobre seus ombros enquanto ele se movia dentro de mim. Tenho feito cócegas muitas noites enquanto ele dormia. Massageei-a quando ele trabalhava muito com as redes. Beije cada músculo e cada curva. É, de fato, lindas costas.

—Quanto tempo?

—Não decidi.

—Não me faça isto.

—Por quê?

—Ele é... —detenho-me e suspiro. Este homem não entenderia nada do que diria.

—Adiante.

—Sean é minha alma gêmea.

—Alma gêmea.

Ri de mim. Ri de Deus.



—Tais coisas são sagradas.

—Para quem? Seu Deus pode amar as almas gêmeas, mas o homem não. Tal casal é vulnerável, sobre tudo, se forem tão idiotas para permitir que o mundo os veja brilhantes e felizes que são. Seus riscos aumentam dez vezes mais em tempos de guerra. Há dois cursos que pode tomar um casal em tais circunstâncias: entrar no profundo do país e esconder-se tão longe da humanidade como é possível, esperando que ninguém os encontre. Porque o mundo sim os separará.

Equivoca-se. Não sabe nada das almas gêmeas. Mesmo assim, não posso deixar perguntar.

—E a outra?

—Afundar-se até o pescoço no fedor, a imundície e a corrupção de sua existência devastada pela guerra...

—Quer dizer comportar-se como delinquentes comuns. Preferiria como animais desumanos? Por que faz isto?

—Quero que olhe, Katarina. Que veja as coisas como são. Deixa cair seu tapa olhos e levanta a boca-de-lobo a nível de seus olhos; admite que está nadando na merda. Se não reconhecer a cagada que se dirige a toda velocidade pelo deságue para você, não pode esquivá-la. Têm que confrontar cada desafio juntos. Porque o mundo sim os separará.

—É manipulador, cínico e vil.

—Culpado de todos os cargos.

—A vida não é como você a vê. Não sabe nada do amor.

—Estou intimamente familiarizado com os caprichos do destino em tempos de guerra. Foram meus melhores e piores séculos.

—Isso não é amor.

—Não disse que é. —Ele esboça um sorriso, dentes brancos reluzindo nas sombras. — Prefiro a guerra. As cores são mais brilhantes; a comida e a bebida são menos usuais, e por isso muito mais doces. As pessoas são muito mais interessantes. Estão mais vivas.

—E mais mortas — digo bruscamente. — Perdemos quase a metade do mundo e você o acha interessante? É um porco. Bárbaro e cruel. —Afasto-me. Tive o suficiente. Se este for seu preço, então sou livre para ir. Não devo nada mais. Já tomou tudo.

Movo-me para a porta.

—Deve contar, Katarina. Se quiser ter alguma esperança.

Detenho-me. Ele não pode saber. Não há maneira que pudesse saber.

—Contar o que a quem?

—Sean. A respeito de Cruce. Deve contar — Se não disser a Sean que Cruce está fodendo enquanto dorme, isso destruirá o que tem com ele com maior segurança do que o poderia fazer qualquer trabalho em meu clube. Isso, aí abaixo. —Assinala Sean servindo um bebida a uma bonita e quase nua Seelie. — É um buraco no caminho, uma prova de tentação e fidelidade. Se Sean a ama, passará com grande êxito. Cruce é uma prova para sua maldita alma.

Volto-me rapidamente, a mão agarrando minha garganta.

—Em nome de Deus, do que está falando?



Procuo em seus olhos e vejo que, de algum jeito, ele conhece minha mais profunda vergonha. Eles têm um sorriso secreto e uma certa divertida resignação. Como se tivesse visto as estupidezes da humanidade a sua frente tantas vezes, que começaram a... não doer, mas possivelmente sim a perturbar. Como se se cansasse de ver os ratos do labirinto chocar-se com as mesmas paredes uma e outra vez. Amplio meu dom empático, empurro com tudo o que tenho e mesmo assim não posso sequer sentir que ele está na sala comigo. Não há nada onde ele está de pé.

Não me incomodo em discutir com ele. Sabe. De algum jeito, sabe. Possivelmente possa ler os pensamentos como eu leio as emoções. É uma ideia assustadora.

—Por que não posso te sentir?

—Possivelmente a carência não seja minha. Possivelmente esteja dentro de você.

—Não. —Disso estou segura. — Há algo mau em você.

Outra vez esboça esse sorriso.

—Ou algo bom.

Possivelmente tomo o caminho do covarde. Ou, possivelmente, tomo o caminho honroso. Não posso me decidir. Minha cabeça parece uma confusão. Mas me mantenho afastada do Clube do Smoking e subo o capuz de minha capa. Não enfrento meu Sean enquanto vou. Se ele me contar, discutiremos. Se não, não faremos. Digo-me que estou respeitando limites, preservando sua dignidade. Aqui é onde ele estará ao invés de em minha cama nas noites que virão.

O preço de salvar a minha abadia é uma parte de meu coração, e a maior parte de minha coragem. Isso é o que Ryodan pediu.

Meu Sean enfrentará à tentação, sozinho, todas as noites no Chester's, e eu a enfrentarei, sozinha, na abadia, em minha cama.

Este não é um mundo que alguma vez quis conhecer.

Capítulo 29

"Na sala branca"¹⁰⁰

Uma noite quando Mac e eu estávamos matando Unseelie costas contra costas, ela teve uma espécie de crise e começou a chorar e gritar enquanto fatiava e cortava. Disse que ia enviar a todos diretamente de volta ao inferno porque roubaram tudo o que importava. Disse que conhecia sua irmã, tudo sobre ela, e que ali era onde estava o amor, em conhecer e compartilhar, mas acabou que Alina tinha um namorado que nunca foi mencionado e toda outra vida da que ela não sabia nada, e não só Alina não a amava, mas sim toda sua existência até a data foi uma

¹⁰⁰ "In the white room" : da canção "White Room" do Cream. http://www.youtube.com/watch?v=dCc00pX_pFA



grande, enorme e gorda mentira. Seus pais não eram seus pais, sua irmã provavelmente não era sua irmã, ninguém era o que parecia, nem sequer ela.

Nos diários da Rowena, que eram crônicas de seu repugnante e malvado reinado, encontrei o diário da irmã de Mac. Tenho perto de quatrocentos diários escondidos com o emblema da Gran Mestra com brasão em couro de pelica verde escuro. Estava com oitenta e oito quando morreu, apesar de não parecer um dia mais de sessenta. Possuía um Fae que mordiscou por décadas encerrado em uma abóbada sob a abadia. Matei-o quando descobri.

Quando descobri o diário da Alina, arranquei páginas e as dava a Mac às escondidas, tentando compensá-la por silenciar a voz de sua irmã e mostrar que ela foi o mundo inteiro da Alina.

—Por que merda estamos aqui? —digo zangada. Nem sequer estaria pensando em Mac se não estivéssemos aqui. Christian me peneirou ao redor da cidade, me ajudando a colar meus Jornais nos postes. Permite que toque meu dedo mindinho para isso. Ele segue tratando de pôr os braços ao meu redor. Seu último peneirar nos depositou em diagonal ao Barrons Livros & Curiosidades, com a rua entre nós.

Sinto vontade de vomitar.

Não estive aqui desde a noite em que Mac descobriu a verdade sobre mim. À noite em que assou um bolo, pintou minhas unhas e me salvou da Mulher Cinza, só para terminar pronta para me matar com suas próprias mãos uns minutos depois.

Em meio da cidade em ruínas, Barrons Livros & Curiosidades se mantém intacta. Penso uma bênção silenciosa: que sempre seja assim. Este lugar tem algo. Como se sua mera existência significasse que o mundo sempre terá esperança. Não posso explicar por que me sinto dessa forma, mas todas as pessoas que conheço que alguma vez a visitaram, todas as outras sidhe-seers, sentem o mesmo. Há algo diferente, algo extraordinário nesta ilha, nesta cidade, nesta rua, neste preciso ponto. Parece quase como se alguma vez, faz muito tempo, algo terrível quase aconteceu nesta longitude e latitude, e alguém pôs BB&B sobre a brecha para evitar a possibilidade de que voltasse a ocorrer alguma vez. Enquanto os muros se mantenham e o lugar seja tripulado, estaremos bem. Rio baixo, imaginando-o assim como parece aqui e agora, em tempos pré-históricos. Não parece tão improvável.

À esquerda e à direita, a rua pavimentada está varrida. Não há restos de distúrbios fora do estabelecimento do Barrons. Não há cascas deixadas pelas Sombras abarrotando-se. Não há lixo. Os suportes de vasos se alinham na rua pavimentada e há pequenas plantas tratando de crescer neles, lutando corajosamente contra o frio fora do comum. A entrada ao edifício alto e de tijolo está banhada de escura cerejeira e bronze, polida até obter um grande brilho. O lugar é o Velho Mundo e o urbano como o amigo em si mesmo, com pilares e grade de ferro forjado, uma grande e pesada porta com luxuosas luzes aos lados e uma travessa pela qual estava acostumada a entrar correndo e algumas vezes entrava e saía, entrava e saía, só para ouvir tilintar a campainha sobre a porta. Soava realmente genial em câmara rápida, me fazia rir.

Uma tabuleta grafite à mão pendura perpendicular à calçada, suspensa por uma elaborada vara de bronze atarraxada ao tijolo sobre o oco da porta, balançando-se na ligeira brisa.



Luz âmbar brilha detrás dos painéis de vidro com um indício de verde.

É tudo o que posso fazer para não ir, bater na porta, e dizer: “Tudo bem, amigo?”.

Nunca baterei nessa porta outra vez.

—Nos tire daqui — digo zangada.

—Não posso. É aqui onde precisamos estar. E que demônios é isso?

O olho. Está olhando o teto do BB&B, onde dúzias de enormes refletores brilham para a rua. Tenho que retroceder uns passos para ver além deles e ver o que ele está vendo, porque sou muito menor. Fico boquiaberta.

—Que demônios estão fazendo os ZCF aqui? —Todo o teto está coberto de Zumbis Come Fantasmas. Enormes abutres anoréxicos, com corpos encurvados de forma horripilante e aspecto sombriamente gasta que desafia a descrição, amontoam-se nas volumosas túnicas negras, empoeiradas de terra e teias de aranhas, imóveis. Carniceiros, juntos ombro com ombro, estão tão fixamente quietos como uma vigília por um morto. Não estou segura de sequer havê-los notado se Christian não os tivesse. Não estão chiando e de alguma forma é pior que estejam em silêncio. — Por que estão no teto de Mac dessa forma?

—Como merda saberia? Perdão, moça. Quis dizer, como saberia?

—Pode dizer “merda” quando estou aqui. Todos fazem. E deveria saber, porque é Unseelie.

—Não completamente, não ainda e não originalmente. Um montão de não. E só porque o resto dos homens nesta cidade são porcos, não significa que eu seja. Esse é outro “não” para você. Estou bem feito de “não” esta noite. Tampouco sou o monstro que está sendo caçado.

Dou um olhar. Seus olhos estão selvagens. Este é um homem que está seriamente na borda, balançando-se, dando voltas.

—Então, o que fazemos aqui? —Tento trazer um pouco de foco de volta à conversa.

Não me responde. Simplesmente se afasta a grandes passos, diretamente para a livraria, e quando estou a ponto de congelar o quadro para sair dali porque não há maneira que entre, inclusive se não houver ninguém em casa, ele gira e se dirige pelo beco entre o BB&B e a Zona Escura vizinha.

—Se quer deter o Hoar Frost King, terá que vir comigo, garota. Levarei a biblioteca do rei Unseelie. Se houver respostas, encontrará ali.

A biblioteca do Rei Unseelie!

—Santos bibliófilos que pegam emprestado, Vamos! —Dou um último olhar aos ZCF e congelo o quadro para alcançá-lo. Se Mac estiver na livraria, não notará o borrão que acaba de passar pela porta. Tremo enquanto o sigo. É uma noite condenadamente fria. Mais que nada no mundo, quero deter o Hoar Frost King. Tenho que fazê-lo. Dublin está ficando decididamente congelado e tenho a terrível sensação de que será muito pior.

Quando Christian atravessa a parede de tijolos do edifício em diagonal à parte traseira do BB&B, o primeiro à esquerda da Zona Escura, e desaparece, derreto-me no piso em um ataque de risada. Lanço uma pedra para o ponto onde desapareceu. Ricocheteia no tijolo e bate



continuamente na pavimentação. Sinto-me como na estação de trens do Harry Potter, especialmente quando ele aparece à cabeça fora da parede e diz impacientemente:

—Vamos, garota. Este dificilmente é meu lugar favorito.

Aproximo-me da parede e a estudo, tentando decidir se seria capaz de encontrar o ponto outra vez sem saber exatamente onde estava. Sua cabeça desaparece. Não conseguiria. Quero escrever uma grande X com giz nela, caso precise outra vez, mas também revelaria sua localização para todos outros, pelo fato de que “o X que marca o lugar” e todo isso, assim retrocedo na metade da rua e fixo a cena em meu quadro mental, de forma permanente. Tenho esse tipo de cor. Se arquivar algo deliberadamente, sempre posso encontrá-lo de novo. O difícil é lembrar-se de arquivá-lo deliberadamente. Normalmente estou tão excitada pela vida que vivo esquecendo de fotografar.

Logo o sigo. Cara! Entro em uma parede de tijolo! É a coisa mais estranha que senti. Como se fosse uma esponja e eu fosse uma esponja, e por um segundo todas nossas partes de esponja são uma e não só tenho calça quadrada¹⁰¹, tudo em mim é quadrado porque sou parte da parede, logo sou eu de novo e a parede de certa forma me expulsa do outro lado em uma sala completamente branca.

Piso branco, teto branco, paredes brancas. Dentro da sala branca há dez espelhos. Simplesmente assim. Parados ali, no ar. Pode rodeá-los completamente. Nada que eu possa ver os sustenta. São todos de diferentes tamanhos e formas, em diferentes quadros. Algumas das superfícies de vidro são escuras como o breu e não pode ver nada. Outros formam redemoinhos com névoa prateada, mas as coisas que se movem em suas nebulosas sombras são muito rápidas e estranhas para definir.

—Bem — diz. — Estão onde os deixei.

—Onde mais estariam?

—Estavam pendurados na parede. Mesclei-os para que se alguém mais sabia aonde foram, se perderem. Que iremos costumava ser o quarto da esquerda. Agora é o segundo da direita.

Olho ao redor uma última vez, não sei, possivelmente procurando estorninhos cansados¹⁰², mas não há nenhum, e entro em espelho atrás dele. Ponho-me toda esponja uma vez mais e esta vez é como atravessar um montão de coisas, e quando estou começando a ficar um pouco tensa a respeito, me perguntando se todas minhas partes voltariam a juntar-se, sou expulsa para as costas do Christian.

—Ooof! O que está fazendo, parado aí bloqueando o espelho?

—Cale-se, acreditei ouvir algo.

Ponho minha super audição em alerta.

—Não ouço nada, e posso ouvir tudo.

—Há coisas aqui — diz. — Nunca sabe o que pode encontrar.

—Coisas más?

—Depende de sua definição. E de quem é. Ser um príncipe tem suas vantagens.

¹⁰¹ Referência ao Bob Esponja, cujo nome em inglês é *Spongebob Squarepants* (Bob Esponja Calças Quadradas).

¹⁰² Referência à letra da canção que dá título ao capítulo.



Olho ao redor.

—Onde estamos?

—A Mansão Branca.

—Duh, como se alguma vez o tivesse averiguado — digo, porque estamos em outra sala branca. — Todo o lugar é assim aborrecido? Os Fae alguma vez usam pintura, possivelmente um pouco de papel de parede?

Ele replica brandamente.

—Cara, está tilintando como um sino.

Para abruptamente, e me dou conta de que estava rindo. Estou começando a entender como interagir socialmente com um príncipe Unseelie.

—A Mansão Branca não é aborrecida, moça. Nunca é aborrecida. É a grande herança que o Rei Unseelie construiu para sua concubina. É uma história de amor que vive e respira, testamento da mais brilhante paixão que alguma vez ardeu entre nossas raças. Pode seguir as cenas se tiver tempo suficiente e estiver disposta a arriscar a perder uns quantos séculos.

Ouvi da Mansão Branca por andar escutando às escondidas, mas nunca prestei muita atenção à conversa. Sempre estive mais interessada no Sinsar Dubh.

—A que se refere com pode seguir as cenas?

—Seus resíduos ainda estão aqui. Amaram-se tão intensamente que momentos de suas vidas foram gravados na estrutura da mansão. Alguns dizem que o rei a desenhou assim, porque se um dia a perdesse, ele poderia viver aqui com o resíduo dela. Alguns dizem que a mansão foi construída em sua memória e é uma criatura viva, com um grande cérebro e coração, ocultos em algum lugar da casa. Não tenho desejo de acreditar isso porque significaria que a Mansão Branca pode ser assassinada, e ela nunca deveria morrer. O registro do maior amor na história da História se perderia, com inumeráveis artefatos de miríades de universos que nunca poderiam ser juntados outra vez. Este lugar é um lar, uma história de amor e um museu, tudo em um.

—Assim, onde está a biblioteca?

—Verá, moça — diz com ternura, como se eu nem tivesse aberto a boca, como se estivesse procurando uma lição de amor, e não é assim. — O Rei Unseelie se apaixonou por uma mulher mortal. Ela era sua razão de ser. Cada momento decisivo dele ocorreu por ela, e só em sua presença ele conhecia a paz. Era sua mais brilhante estrela. Ela o fez um homem melhor, e para os homens que sabem o quanto fundamental e profundamente estão viciados, esse tipo de mulher é irresistível. A ideia de que ela viveria menos de um só século, era mais do que ele podia suportar, assim resolveu convertê-la em Fae como ele, para que pudessem viver juntos para sempre. Enquanto ele trabalhava em seu laboratório, tentando aperfeiçoar a Canção da Criação, precisava mantê-la segura e viva. Sabia que poderia levar eras aprender como exercer o poder da criação.

Se ele fosse humano, poderia denominar especulativo esse brilho divertido nos olhos iridescentes de Christian enquanto se assentam em mim. Não posso olhar muito tempo tentando decidir porque cruzamos nossos olhares brevemente e meus olhos já estão jorrando sangue. O cara está ficando mais potente com cada minuto. E mais estranho. Como se estivesse pensando que ele e eu somos como o Rei Unseelie e a concubina, uma espécie de amantes desventurados.



—E onde disse que estava a biblioteca?

—Construiu para sua amada um campo de jogos de infinitas proporções, escondido em um seguro bolso da realidade onde ela poderia estar para sempre, sem mudar. Sem envelhecer. Estaria segura. Nada, nem ninguém poderiam sequer machucá-la. Ele nunca teria que preocupar-se com perdê-la. —Sua voz desce a um sussurro, como se tivesse esquecido que estou aqui. — Sempre estariam juntos. Almas gêmeas. Nunca estaria sozinho. Nunca se perderia na loucura, porque ela nunca falharia em encontrá-lo e trazê-lo de volta.

—Cara, sua história é fascinante e tudo, mas, onde está a biblioteca? Está desperdiçando tempo. Temos que deter o Hoar Frost King.

—Se ficasse aqui, Dani, minha luz de amor, nunca morreria. Nunca teria que me preocupar que alguém te faça mal. Nunca.

—Se, e eu teria, tipo, quatorze anos para sempre. Eu gostaria de crescer uns centímetros mais — digo irritada. Em mais de uns quantos lugares. Se tentar me manter aqui em algum tipo de crença lunática de que sou sua rainha, pintaremos este lugar com uma classe totalmente nova de resíduo: seria guerra na Mansão Branca.

—Esqueci isso. —Sussurra. — Vamos, garota. Vamos procurar a biblioteca?

—Cara, pensei que nunca perguntaria.

Saímos da sala branca sobre pisos de mármore branco e entramos em um brilhante corredor com janelas de teto a piso que se estendem para tetos abobadados, a doze metros de altura. Ali vejo meu primeiro resíduo. Além das altas janelas há uma formosa mulher em um jardim nevado, dobras de seda em um vestido vermelho sangue derramando-se sobre um banco de mármore branco. Com o rosto pressionado contra suas mãos, chora.

—É a concubina do rei — diz.

—Pensei que disse que estavam loucamente apaixonados. Por que está chorando?

—Cansou de estar sozinha enquanto o rei trabalhava em seus experimentos. Esperou-o centenas de milhares de anos, só, exceto por aquelas poucas criaturas nas quais ele confiava, e suas visitas ocasionais.

Christian me conta o resto da história enquanto giramos por corredores e corredores. Estou fascinada apesar de mim mesma. Quem pensaria que lugares tão fantásticos existiam lado a lado com nosso mundo, acessíveis através de portais ocultos e espelhos? Minha vida é tão condenadamente interessante que quase não posso suportar!

Passamos sobre pisos de mármore cor limão em asas ensolaradas com altas janelas que emolduram brilhantes dias do verão, por pisos de quartzo rosa que refletem tons violeta postas de sol mais à frente, através de azulejos de bronze que serpenteiam através de salas que não têm janelas, só cadeiras majestosas, enormes e dignas de reis, sofás e camas. Há chaminés aqui tão altas como uma pequena casa, com tetos mais altos que as torres das catedrais.

—Quanto esse lugar é grande?

—Alguns dizem que continua eternamente, que o rei criou uma casa que cresce constantemente.



—Como encontra algo?

—OH, e aí está o problema, moça. É difícil. As coisas se movem. Não ajuda que o rei criou iscas. Para proteger melhor seus perigosos diários, semeou múltiplas bibliotecas dentro da casa. Barrons acredita que encontrou o verdadeiro repositório. Não o fez. Vi os livros que roubou. Vieram do Estudo Verde do rei.

—Como sabe você onde está a verdadeira biblioteca?

Vacila.

—Algo neste lugar me chama — diz finalmente. — Estive apanhado por um tempo na penteadeira do rei, e pude sentir a atração da casa além desse lugar. O resíduo em suas câmaras era tão forte que a realidade e a ilusão rabiscaram por um tempo. Algumas vezes ouvia sussurros enquanto dormia, e nessas vezes sonhava que era o rei, caminhando por meus corredores. Sabia onde estava tudo, como se fosse eu quem criou esta casa. Inclusive entendi como as coisas se moviam. Algumas dessas lembranças se mantêm. Outras não são tão confiáveis. Mesmo assim, sei que por um corredor carmesim que sempre será encontrado ao final de um corredor bronze, há uma sala de música com milhares de instrumentos que tocam a si mesmos quando giram a chave dentro da porta, como uma caixa de música gigante. Sei que há uma vasta área na ala cobalto onde não há gravidade, e estrelas pintadas a tudo ao redor, onde às vezes levava a sua amada e criou universos no ar para sua diversão. E sei isso porque ele temia que outros Fae pudessem encontrar os diários que levava, cheios de notas sobre seus experimentos, trouxe-os para a Mansão Branca. Diz-se que encerrou a receita para cada Unseelie que criou alguma vez, e incontáveis mais não nascidos, que cinzelou uma advertência sobre a entrada quando se foi. É por essa inscrição que pode saber que é a verdadeira biblioteca.

—O que diz?

Detém-se

—Veja você mesma, moça.

Levanto o olhar, e um pouco mais. Estamos parados para fora de umas portas que são quase idênticas a aquelas em nossa abadia, na entrada da câmara onde Cruce está preso. Símbolos estranhos brilham com um inquietante fogo negro azulado, cinzelado na pedra ao redor das portas, com símbolos muito maiores esculpidos sobre o arco.

—Não posso ler. Não está em Inglês.

Christian se move de um lado ao outro do arco, pressionando vários símbolos, e depois de um momento, as portas deslizam abertas silenciosamente.

—Diz: “Lê-os e chora”. Vem, moça. Temos que encontrar uma agulha em um palheiro.

A biblioteca do rei é o lugar mais louco que jamais vi.

Christian desaparece no segundo em que entramos pela porta. Eu fico parada na entrada, apanhando moscas com minha boca aberta. A vista parece seguir imensamente, entre irregulares e zigzagueantes prateleiras de livros, diminuindo até um pequeno ponto negro que parece estar a quilômetros de distância. Entro, fascinada.



Apesar das portas descomunais, posso estender meus braços tanto quanto é possível e as pontas de meus dedos roçam as paredes de livros em ambos os lados. Alinhadas com prateleiras, cubículos e escritórios embutidos que se abrem sobre dobradiças invisíveis e que estão cobertos por mais livros, frascos e quinquilharias, cada superfície horizontal está apoiada sobre ângulos desiguais e absurdos que desafiam a física. As coisas nestes suportes não deveriam ficar sobre elas. As prateleiras de livros se inclinam e se abatem sobre mim em alguns lugares, o que significa que os livros deveriam estar caindo sobre minha cabeça. As paredes se elevam para um teto além de minha linha de visão. É como estar no fundo de um irregular abismo de livros e há milhões deles em todas as cores, formas e tamanhos.

Aqui, a passagem entre as prateleiras se amplia a seis metros, ali se estreita até apenas o suficientemente para que possa girar e me forçar a passar através deles. Mastigo uma barra de chocolate atrás de outra enquanto entro mais no lugar amalucado.

Há suportes de livros que se ramificam, perpendiculares à passagem principal com só dois centímetros de espaço entre eles.

—Ninguém poderia sequer tirar um livro de algum destes! —digo irritada. — Como se supõe que procuremos?

—Um Fae poderia. —Sua voz flutua para baixo, de algum lugar por cima de mim. Suponho que está peneirando-se de cima abaixo pelas prateleiras.

Passo por uma porta baixa, a parte superior da qual é um suporte de livros invertidos. Deveriam estar caindo sobre minha cabeça quando passo baixo eles. Há uma placa de bronze no teto junto a eles, suponho que diz que seção é, mas não posso ler o idioma. Estico-me e tiro um da prateleira. Tenho que puxar, como se o livro estivesse fixado com cola ou algo, e sai com um pop molhado. A capa verde pálida é suave e coberta de musgo, e o livro cheira a madeira depois de uma chuva da primavera. Abro e me dou conta de que não tem sentido me trazer aqui. Não posso ler uma palavra. Está tudo em algum outro idioma e não tenho ideia de qual é. Nem sequer Jo poderia traduzir isto.

Estou a ponto de fechá-lo, quando a frase na parte superior da página se levanta e começa a arrastar-se através dela como uma centopeia. Rio baixo, até que para na margem da página como se estivesse dando coragem para algo, logo se lança do livro com um grande salto e começa a serpentear para cima por meu braço. Aparto a mão bruscamente para tirar isso de cima, mas se afunda nele com letras bicudas e se agarra. Belisco o traseiro da frase com a outra mão e a tiro de minha pele como a uma sanguessuga, volto a pô-la sobre a página bruscamente e fecho o livro com um golpe. Parte dela pendura para fora, e ondeia nervosamente para mim com o que parece ser hostilidade. Devolvo o livro à prateleira invertida sobre minha cabeça, com a zangada oração por diante, contando com a base pegajosa para mantê-lo em seu lugar. Tudo que eu preciso é uma frase severamente destruída e com raiva de mim.

Abro o seguinte livro que tiro com mais cautela. O mesmo acontece, só que desta vez, um parágrafo completo salta da página no segundo que o abro e aterrissa sobre meu estômago. Golpeio-o, mas as palavras são pegajosas como teias de aranha e só tenho êxito em esparramá-las



sobre minha camisa. Então todas começam a separar-se e passam os seguintes minutos tratando de apanhar a todas e coloca-las de volta no livro, mas cada vez que abro, algo mais sai.

—Não está se metendo com os livros Boora-Boora, verdade, Dani? —diz Christian, de algum lugar muito longínquo. — Está terrivelmente silenciosa ai embaixo.

—O que são os livros Boora-Boora?

—Aqueles cujas palavras saem das páginas. São nomeados por seu mundo de origem. Nada funciona como se supõe que tem que ser ali. —Emite um som que é parecido a uma risada afogada. — Tem que tomar cuidado, picam como as formigas vermelhas se se zangarem.

—Ai! Poderia ter me dito isso antes! —logo que disse a palavra “picar”, começaram a fazê-lo. Pego-as com o livro que se supõe que devem estar. Escapolem sob uma pilha de manuscritos instáveis e desaparecem. Suspiro, esperando que não fossem uma parte crítica de algo que alguém deva buscar em algumas centenas de anos, e devolvo o livro a prateleira invertida. — Então, não são todas as palavras autopropulsadas dessa maneira?

—Alguns dos livros são só livros. Malditamente poucos, entretanto.

—Encontrou algo ai em cima?

—Ainda não.

—Cara, não posso ler nada. Sou imprestável aqui.

Espero, mas não há resposta. Entrecerro os olhos para o teto. Poderia estar em qualquer parte, peneirando-se de prateleira em prateleira. Quando disse que ia me levar a biblioteca do Rei Unseelie, esperava algo como a que temos na abadia. Inclusive, se pudesse ler qualquer dos idiomas que os livros do Rei Unseelie estão escritos, tomaria uma eternidade procurar neste lugar, sem mencionar um par de zilhões escadas. Foi estúpido vir aqui. Entretanto, não me arrependo, porque agora sei como entrar na Mansão Branca. Cara! Que lugar mais perfeito para me esconder por um tempo se precisar. E há tanto a explorar. Quem sabe que tipo de coisas úteis poderia encontrar aqui!

Vago pela passagem entre as prateleiras, periodicamente chamando Christian. Não responde. Os livros estão empilhados em montões ao azar ao longo dos lados, e tenho que tomar cuidado de não me chocar com eles. Tenho o pressentimento de que, se despejar uma pilha e meia dúzia se abrirem de repente, nem sequer meu rápido congelamento de quadro será capaz de acompanhar tudo o que sair. Abro alguns livros mais no caminho, a curiosidade e eu sendo as melhores amigas e tudo isso. Um joga uma fumaça acre no segundo em que levanto a capa, me fazendo espirrar, e volto a fechá-lo de um golpe. Outro tem gordas aranhas marrons com patas peludas que brotam das páginas! Esmago as que conseguem sair. Outro tem vídeos em lugar de palavras, mas as imagens são tão estranhas que não posso dar sentido.

Encontro um mini laboratório em meio dos montões, cobertos com placas similares às do Petri¹⁰³ e garrafas e recipientes tampados.

¹⁰³ Uma **placa de Petri**, ou **caixa de Petri** é um recipiente cilíndrico, achatado, de **vidro**, metal ou **plástico** que os **biólogos** utilizam para a cultura de micróbios. O nome foi dado a este instrumento de laboratório em honra do bacteriologista alemão Julius Richard Petri (1852-1921) que a inventou em 1877 quando trabalhava como assistente de Robert Koch. É constituído por duas partes: uma base e uma tampa.

Normalmente, para se usar em microbiologia, a placa é parcialmente cheia com um caldo líquido de ágar onde estão misturados alguns nutrientes, sais e aminoácidos, de acordo com as necessidades específicas do metabolismo do micróbio a estudar. Depois de



—Christian! —grito outra vez, enquanto estudo os conteúdos visíveis através do grosso vidro ondulado.

Obtenho uma resposta esta vez, mas é tão longínqua que não posso entendê-la.

—Cara, a menos de que esteja procurando algo, esta é uma total perda de tempo! Preferiria voltar a Dublin, investigar.

—Resiste, moça. —Vem a resposta longínqua. — Acredito que tenho algo.

Uma das garrafas tampadas tem uma gota carmesim no fundo. Pego e a giro sobre minha mão, observando o líquido carmesim ondular. Cores de arco-íris passam roçando a superfície em desenhos caleidoscópicos. É tão formoso que quase não posso tirar meus olhos dela. Dou volta à garrafa e estudo a etiqueta na base. Sem ideia do que os símbolos hieroglíficos significam. Enquanto devolvo a garrafa a sua posição original, devo ter movido a tampa um pouco, porque capto um toque da essência de seu conteúdo e é como colocar o nariz direto no céu. São jasmins noturnos e pão recém assado, feito em casa, batatas e ar salgado, é o aroma do pescoço de minha mãe, pijamas recém lavados e o sol brilhando na pele do Dancer. É a essência de todas as minhas coisas favoritas envoltas em uma só. Juro que meu cabelo se eleva com sua brisa. Gemendo, puxei uma barra de chocolate, abruptamente faminta.

Está a curiosidade e está o gato.

Acreditaria que aprenderia.

Desentupo a garrafa enquanto mastigo.

Capítulo 30

“Na Corte do Rei da bruxa carmesim”¹⁰⁴

—Que diabos é esse cheiro? —diz Christian.

—Condenadamente impressionante, certo? —digo sonhadoramente. Fumaça carmesim forma redemoinhos na garrafa de vidro, parecendo tentativos tentáculos sobre a borda. O incrível aroma enche a biblioteca, fazendo me sentir enjoada. Quero me esticar, dobrar os braços atrás de minha cabeça, ser preguiçosa e desfrutar da fragrância. Quero compartilhá-la com Dancer. Nunca cheirei algo tão delicioso.

—Condenadamente nocivo — diz de muito mais perto do que estive em um tempo.

—Como pode dizer isso?

—Porque é.

o ágar solidificar, é aí colocada uma amostra contaminada pelo micróbio (alguns micróbios têm de ser colocados enquanto o ágar se encontra quente)

¹⁰⁴ Letra modificada do título da canção “In The Court of the Crimson King”, (“En la Corte del Rey Carmesi”) de King Crimson.
<http://www.youtube.com/watch?v=53q2YuKGejc>



Tentáculos carmesins saem da garrafa e formam redemoinhos sobre ela. Depois de um momento, começam a bater um contra o outro, giram em círculo e para trás, finos fios vermelhos entretecendo-se em uma forma defumada.

—Cara, cheira como o céu! Há algo mal com seu nariz. Possivelmente agora você só gosta dos aromas Unseelie. —Não posso esperar a ver que coisa genial sai disto!

—Cheira — diz ele diretamente sobre mim. — Como intestinos putrefatos. O que abriu? Um livro? — cai a meu lado, carregando uma pilha de livros sob o braço. Estou agradecida de ver que encontrou algo. — Uma garrafa? Cristo, moça, não pode ir abrindo garrafas ao azar neste lugar! Dê-me isso. Vamos ver o que fez.

A insinuação de um rosto está se formando na fumaça carmesim; queixo delicado e bicudo, enormes olhos rasgados nos cantos. Tento voltar a cabeça para olhar Christian, mas ela não está aceitando ordens. Está presa, ainda olhando o rosto que se materializa. Não posso me obrigar a olhar para outro lado, sem importar quanto tente. Tem-me hipnotizada. Nunca vi um rosto tão belo, cheirei algo tão delicioso. Quero estar em meio disso e respirá-lo profundamente.

Quando ele arranca a garrafa de minha mão, o feitiço se rompe. Quando vira para ler a etiqueta na base, uma nuvem de fumaça carmesim sai a fervuras, obscurecendo o corredor entre as prateleiras. Tentáculos me lambem, ásperos como pequenas línguas de gato.

Repentinamente, tudo muda.

Agora que já não estou sustentando a garrafa, posso cheirar o que cheirava. Saliva inunda minha boca, meu estômago se revolve, e estou a ponto de vomitar as barras de chocolate que acabo de comer. O rosto na fumaça já não é tão belo. Está se transformando em algo monstruoso ante meus olhos. Largas presas saem de seus lábios, cabelo ensanguentado se retorçe como serpentes.

—Cara, que merda abriu? —digo horrorizada.

A garrafa cai ao piso com um estrondo.

Meu sangue congela quando Christian pronuncia uma só palavra.

—CORRE.

Há poucas regras absolutas em meu mundo que não requerem pensamento. Muito próximo ao primeiro lugar da lista está: Se um príncipe Unseelie fugir disso, eu também vou. Nem sequer vou fazer perguntas. Simplesmente vou correr com todas as minhas forças.

Mesmo assim... não posso evitar tentar jogar uma olhada sobre o ombro. Sou a que o tirou. Tenho que saber o que é para poder caçá-lo e matá-lo.

—NÃO OLHE PARA TRÁS — ruge Christian.

Emballo minha cabeça entre os braços, tratando de sustentar meu crânio até afastar a repentina dor de cabeça.

—Deixa de gritar, cara, e nos peneire já!

Estou congelando o quadro, tentando seguir o passo, mas não conheço estes corredores. É um labirinto que não está em nenhum dos meus mapas. Tenho que desacelerar constantemente, fixar meu quadro no lugar e voltar a arrancar. O fedor da carne putrefata atrás de mim está



ficando mais forte. A pele na parte traseira de meu pescoço pica. Sigo esperando que o que nos persegue feche as geladas garras em minha nuca, arranque minha cabeça e me mate. Todos esses filmes de terror que vi com Dancer não me fazem rir agora. Estão enchendo minha cabeça com um milhão de mortes espantosas, cada uma mais horrível que a anterior. Ajudaria se soubesse o que é que nos está perseguindo. Desconhecido é sempre o mais assustador. Tenho uma imaginação tamanho Mega que pode fazer maravilhas.

—Peneirar não funciona dentro da Mansão Branca. Toma minha mão. Conheço estes corredores.

Seguro a mão, ignorando o gemido que emite. Ele entrelaça os dedos com os meus e sou atacada por uma onda de excitação.

—Silencia, Christian. Este não é momento para que fique todo Fae morte-por-sexo comigo.

—Sinto muito, moça. É só que é sua mão e há perigo, e o perigo sempre...

—Apaga, agora!

Posso respirar de novo. Não que queira. O fedor é sufocante e está aproximando-se rapidamente.

—O que está nos perseguindo?

—Traduzido a grandes rasgos, a Bruxa Carmesim.

—Como mata?

—Espero que nunca descubra.

—Poderia matar inclusive você, um príncipe Unseelie?

—Prefere-nos vivos. Uma vez manteve dois príncipes cativos durante quase cem mil anos antes que o rei a detivesse. Entre outras coisas asquerosas, tratou de produzir conosco. Não fazia ideia de que ele a guardara em sua biblioteca. Todo mundo pensou que destruiu à cadela.

—Por que tomaria cativo?

—Porque somos imortais, e uma vez que ela toma o que quer de nós, nossos corpos o regeneram. Logo ela toma de novo. Somos um suplemento que nunca termina. Simplesmente pode nos manter encadeados, sentar-se e tecer.

Tecer? A ideia de um monstro Unseelie tecendo é mais do que posso entender.

—O que é que quer de você — Uma nuvem de fumaça vermelha desliza sobre meu ombro.

— Depressa Christian! Temos que ir mais rápido! Tire-nos daqui!

Corremos pelos corredores de bronze, giramos pela ala de limão, até que finalmente patinamos para o mármore branco. Juro que posso sentir a Bruxa respirando em meu pescoço. Logo estamos na sala branca, correndo para o espelho, e não posso evitar, dou a volta de quando fico toda esponjosa.

A Bruxa Carmesim é a criatura mais repugnante que vi. Pior que a Mulher Cinza, pior que os príncipes Unseelie, inclusive pior que Papa Roach, e tenho um ódio especial pelas baratas. As baratas passam muito tempo no chão. Minha jaula estava no chão.

Cabelo ensanguentado e enredado emoldura um rosto branco como gelo, com ocos negros por olhos. Lambe as presas carmesim quando me vê olhando-a. Mas o verdadeiramente perturbador nela é o que vi. A parte superior do corpo é voluptuosa e está encerrada em um



espartilho de ossos e tendões. Não tem corpo inferior que eu possa ver. Um rasgado e incompleto vestido carmesim a segue.

E agora sei por que cheira a carne podre.

Seu vestido sem terminar é feito de intestinos.

Meu estômago se revolve de novo.

—Coleciona intestinos de príncipes Unseelie?

—Entre outros. Também tomaria os seus. Mas os seus apodreceriam antes.

—Pode ir mais rápido? —Eu gosto dos meus intestinos. Quero tê-los por muito tempo.

Saímos do espelho em uma explosão por volta do segundo salão branco e saltamos de cabeça ao espelho seguinte. Passamos através de múltiplos espelhos, perseguidos pelo aroma de carne podre.

—Uh, Christian, vai sair.

—Bem. Mais presas em Dublin. Irá atrás de alguém mais.

—Não podemos deixá-la solta em minha cidade!

—Você foi a que abriu a garrafa.

Cometi um engano. Muito grande. Mas resolverei. Apanharei e a matarei e farei minha cidade voltar a ser segura. Antes que faça mal a alguém. Não posso suportar a ideia de que gente inocente mora por minha estúpida curiosidade.

—Devia ter me advertido de não abrir coisas!

—Fiz. Logo estava essa coisa de “lê e chora” gravada sobre a porta. Que advertência não entendeu?

—Isso era sobre os livros, não as garrafas!

—Algumas advertências são unilaterais.

Logo estamos fora, e o frio me golpeia como a parede de tijolos que acabamos de sair. Tire-me o fôlego, e quando o recupero, sai em baforadas geladas no ar. Escorrego pelo beco sobre neve e gelo, e me choco contra o edifício em frente. Christian se choca contra mim. Sustentamos um ao outro e olho ao redor com incredulidade. Estou coberta com quinze centímetros de neve!

O Hoar Frost King congelou algo neste beco nas poucas horas em que não estivemos? Não pode fazer mais de doze graus abaixo de zero e a sensação térmica é assassina. Nunca faz tanto frio a noite! E nunca no espaço de umas poucas horas. Olho ao redor procurando uma escultura de gelo.

—OH, merda — digo, porque esta está a ponto de golpear o ventilador. A neve não é o único no beco.

Ryodan e Barrons estão detrás do BB&B, saindo do Bugatti Veyron¹⁰⁵ do Barrons. Eles me olham por um segundo, como se não pudessem acreditar o que estão vendo, logo o olhar do Ryodan se fixa onde estou segurando a mão do Christian. O solto como se fosse uma batata quente, mas a expressão em seu rosto não melhora.

—Não é o que pensa! Ele não vai ser meu namorado super-herói e chutar você...



105

N. R: amo os carrões do barrons hehehe



—Sim, sim sou — diz Christian.

—Não, não é — diz Ryodan. — E onde merda esteve. Não sabe os problemas que me causou.

—Amigo, só fui por, tipo, duas horas. E temos problemas maiores neste momento — digo.

—Não me diga. Toda a cidade está se convertendo em gelo.

—Que diabos estava fazendo na Mansão Branca? —demanda Barrons. — Quem te disse como entrar?

—Nunca mais irá a nenhuma parte sem mim — diz Ryodan. — Se for, a encerrarei em meu calabouço até que apodreça.

—Falando de apodrecer, penso que...

—Não mais. A partir deste momento vou pensar por você.

Enfureço-me.

—E uma merda que o fará.

—Sela a parede — diz ao Barrons. — E a tira daqui. É hora que o Highlander morra.

—Simplesmente tenta — diz Christian.

—Não vou a nenhum lado. Bom — corrijo. — De fato sim, e você também precisa. Todos temos que sair daqui. —Começo a congelar o quadro, mas bato contra Barrons e ricocheteio. O que acontece depois é tão rápido que não posso processar.

O fedor de carne podre enche o ar, e Christian e eu nos agachamos e partimos em direções opostas, porque sabemos o que vem, logo a Bruxa Carmesim sai da parede com uma explosão, sustentando o que parecem agulhas de tecer de dois metros de comprimento feitas de osso, como lanças nos flancos.

Transpassa Barrons e Ryodan com elas, se eleva no ar, arrastando seus intestinos detrás dela.

Capítulo 31

“Eu estou nadando Na fumaça das pontes que eu queimei”¹⁰⁶”

Fico de pé aí como uma idiota.

Deveria fugir antes que ela se volte contra mim, também, mas parecem ter brotado raízes congeladas nos meus.

Barrons e Ryodan jazem no beco, de costas, o sangue tingindo a neve em círculos cada vez mais amplos ao redor deles, e eu fico boquiaberta, pensando: Não podem morrer! Os super-heróis não morrem!

¹⁰⁶ “I’m swimming in the smoke of bridges I have burned”, da canção “Burning In The Skies” de Linkin Park.
http://www.youtube.com/watch?v=kh_YCSW5IPc



Crenças errôneas à parte, certamente parecem como se estivessem morrendo para mim. Nada pode ser mutilado assim e sobreviver.

A Bruxa Carmesim não só os perfurou, esfolou-os da virilha até o pescoço, e dividiu através do osso. De um rápido puxão arrancou os intestinos e órgãos internos dos corpos. É um movimento que teve centenas de milhares de anos para aperfeiçoar. Perfurar, esfolar, arrancar. Os peitos e cavidades abdominais estão abertos e vazios. A única forma como a cadela traiçoeira poderia fazer isto era tomando-os de surpresa.

Em que demônios estava pensando, parada aí dizendo outra coisa que não fosse: "Fujam"? Brigando como sempre, como se tivéssemos todo o tempo do mundo e sempre teríamos!

—Pensei que fossem agachar no último minuto — murmuro aos corpos. Ou que se afastariam, congelando o quadro mais rápidos que eu. Ou que possivelmente Ryodan usaria qualquer que seja a arma secreta que usou contra Velvet contra ela. Nunca, em trocentos anos, pensei que algo poderia verdadeiramente matá-los!

Mas ela saiu da parede como uma explosão, e suas lanças os atravessaram antes que qualquer de nós pudesse sequer reagir. Os corpos ainda se movendo, mas acredito que são só as últimas contrações que um corpo faz quando é traumatizado tão abrupta e completamente.

Ouçoo um estranho som de repico que me afeta da mesma maneira como fazem os chiados do ZCF, aterroriza-me em um nível primitivo. Está vindo por mim agora? Pego minha espada e giro rapidamente. Leva um segundo encontrá-la. Sigo o caminho de sangue.

Está acima.

A Bruxa Carmesim está empoleirada no teto do edifício detrás do BB&B, com cordas de vísceras pendurando sobre o lado em largos fios brilhantes, gotejando na calçada. As agulhas de osso que usou para esfolar Barrons e Ryodan são, na realidade, suas pernas que se dobram de forma estranha, de certa maneira como as pernas dianteiras de um louva-deus, e tem ganchos curvados nas pontas.

Com apêndices similares aos de um inseto, está tecendo as tripas à prega do vestido. Enquanto suas pernas de ossos repicam, as tripas se balançam sobre a borda, cortando, centímetro a centímetro, manchando com sangue os tijolos.

É tão perturbador que meu estômago se rebela e meu corpo tenta romper em pranto e vomitar ao mesmo tempo. Trago tudo e engasgo.

Ouçoo um som gutural seguido de um débil suspiro e olho os corpos.

—Vou matar a menina — diz Barrons fracamente.

Ryodan faz um som borbulhante como uma risada sangrenta. Não acredito que nem fiquem as partes para rir.

—Entre na fila.

Ambos desinflam e ficam quietos.

Observo estupidamente.

Morrem como super-heróis: fazendo brincadeiras. Como se fossem levantar amanhã e brigar outro dia. Sem medo. Com toda força até o maldito final.



Sinto como se alguém também tivesse me arrancado às vísceras. Já não posso suportar olhá-los, assim deixo minha cabeça cair, e fecho os olhos com força. Minha cabeça é uma confusão. Como cheguei aqui? Como foi que, decidir ir à biblioteca do Rei Unseelie terminou com Ryodan e Barrons mortos? Não posso entender. Quero dizer, sim posso, porque duh, posso seguir a cadeia de eventos, mas, que merda poderia ter previsto tal valente e absurdo desenlace? Como se supõe que tome pequenas decisões quando podem ter tão grandes e imprevisíveis resultados?

—Bom, isso foi imprevisto. —Christian rodeia os corpos e se move para mim, rindo. — Dois mortos, faltam sete. Pergunto-me se simplesmente podemos levar a cadela para eles. Mac, também.

Minha cabeça se levanta rapidamente. Está rindo. Eles morreram e ele está rindo. Começo a tremer.

—Se. Afaste. De. Mim.

—O que fiz, moça?

—Levou-me ali, isso é o que fez! Não me advertiu o suficiente. Só tenho quatorze anos! Não sei tudo! Não posso saber tudo! É mais velho! Supõe-se que deve me advertir sobre as coisas! E agora age como se fosse bom que estejam mortos!

—Pensei que queria Ryodan fora disto.

—Só queria que me deixasse em paz! E nunca quis que Barrons morresse! Aw, Merda, Mac! —digo em um lamento. Olho a parte traseira da livraria, agora inclusive mais miserável que antes. Mac está aí dentro. Quanto tempo passará antes que saia e encontre Barrons no beco, sangrado na neve? Quanto antes que também descubra minha cumplicidade nisto? Posso vê-la, encontrando-o, jogando-se sobre seu corpo, chorando. Outra trágica perda em sua vida.

Porque abri uma maldita garrafa.

Porque fui curiosa.

À noite em que Alina morreu, senti como se não estivesse... realmente ali. Nunca fui capaz de tirar a sensação de que algo mal acontecia comigo. Procurei nos diários da Ro de princípio ao fim, mas nunca escreveu uma maldita palavra sobre mim. Nunca. Faz-me pensar que possivelmente haviam outros diários que ainda não encontrei.

Mas hoje estou aqui.

Sofro a desagradável mudança que senti uma vez antes, à noite que fiz Jo ficar trabalhando no clube. A mudança em que me movo lateralmente para uma diferente forma de ser eu, vejo-me diferente, e eu não gosto. É a mudança em que sou um barco e há todo tipo de pessoas derrubadas em meu caminho. Não, não sou um barco. O que Ryodan disse que eu era? Um tsunami. Isso. Golpeando coisas e arrasando. Quando disse, ele não fazia ideia de que seria uma das coisas que eu arrasaria. Ou que não viveria para ver a tremenda mulher que vou me converter.

Sobre minha cabeça, as agulhas de osso repicam. Ouço o úmido golpe dos intestinos contra a parede enquanto são arrastados para cima. Deveria estar aterrorizada. Deveria estar fugindo por minha vida para que não me faça o que os fez. Deveria esconder os corpos para que Mac não os encontre e descubra o que fiz?



—Vamos, moça. Temos que sair daqui enquanto está ocupada. A Bruxa se obceca com sua malha, mas terminará logo — diz Christian.

Minhas pernas são feitas de cimento e tenho blocos de concreto em lugar de pés. Só sigo olhando do Barrons e Ryodan à livraria e vice-versa. Primeiro Alina. Agora Barrons. Não vai haver um lugar na face deste planeta no que Mac não vá me perseguir quando descobrir o que aconteceu aqui esta noite.

Olho Ryodan. Como pode estar morto? Quem vai dirigir Chester's? Quem vai controlar a esses perdedores Fae e humanos? Com Barrons e ele mortos, há algum lugar seguro em Dublin? BB&B e Chester's serão abandonados?

Uma mão se fecha sobre meu ombro e estou a ponto de saltar fora da pele.

—Temos que sair daqui, Dani. Está terminando.

O tiro de cima de mim violentamente.

—Nunca volte a me tocar, Christian MacKeltar!

Ele exala bruscamente e repentinamente, como se tivesse dado um murro no estômago.

—Não quer dizer isso.

—Teste-me. —Fecho minha mão ao redor do punho de minha espada.

—Eu sou o que devolveu isso, moça. Sou o que te cuida.

—Você é o que me levou a um lugar que não sabia que era tão perigoso como era. Pessoas terminaram mortas por isso. Ao menos chegou a tirar os livros que encontrou?

—Outras coisas estavam em minha mente. Estava em perigo.

Tudo por nada. Os livros foram atirados, esquecidos. Olho à parede. Certamente, poderia voltar a entrar, mas não posso ler nada das coisas da biblioteca, assim, qual é o ponto? E quem sabe que outra coisa poderia liberar ao abrir algo mais?

Levanto o olhar. O sangue goteja pelo lado do edifício. Enquanto a espantosa Bruxa tece, arranca um pequeno osso da confusão de tripas e órgãos e o mete em seu espartilho, tomando um momento para reacomodar os peitos de aspecto obscenamente humano. Logo para abruptamente e me olha, como se de repente se desse conta de que há mais presas no beco e que a estão olhando. Depois de um momento me descarta e volta para seus pontos, mas me sinto... Marcada de algum modo. Como se me tivesse arquivado em seu cérebro de inseto Unseelie.

—Como a mato? Servirá minha espada?

—Possivelmente. Mas nunca se aproximaria o suficiente. As agulhas são mais longas que a espada. Teria as tripas em seu vestido antes que sequer conseguisse movê-la.

—Disse que ela se obceca quando tece.

—Nem tanto.

O ambiente no beco traseiro muda abruptamente e levo um minuto para me dar conta por que. Uma luz acaba de acender-se na parte traseira do BB&B e está derramando pelas janelas, sobre a neve manchada de sangue.

Sei o que isso significa. Mac está movendo-se no interior, procurando Barrons. Imagino que não passará muito antes que olhe a parte traseira para ver se seu automóvel está aí.



Se Mac saísse por essa porta e tentasse me matar neste momento, não estou muito segura se brigaria bem.

Olho Barrons e Ryodan uma última vez. Tenho que corrigir isto de algum jeito. Tenho que equilibrar a balança e há muito contra mim.

—Se aproxime de mim outra vez e o matarei — digo, suave como Ryodan costumava falar. Congelo o quadro para a noite.

Capítulo 32

“Se eu tiver sorte, então minha língua vai ficar amarrada”¹⁰⁷

Passei os dois dias seguintes fazendo concisos Jornais da Dani que descrevem à Bruxa Carmesim e seu M.O.¹⁰⁸, à caça do Dancer, compilando o resto de bolsas ziplocks das outras cenas congeladas (exceto o clube debaixo do Chester's, ao qual não tenho nenhuma pressa por me aproximar), e enchendo minha mochila de amostras. São alguns dos dias mais miseráveis de minha vida. Subo e desço como um maldito elevador psicótico que está sendo controlado por algum maldito menino psicótico, pressionando botões de pisos ao azar. Um segundo estou me pavoneando, ao seguinte estou abatida.

Um minuto estou eufórica, porque nunca tenho que voltar a trabalhar. Minha vida é minha. Jo pode renunciar ao sub clube. Deixará de usar coisas brilhantes entre os seios e de deitar-se com Ryodan. Ao seguinte minuto, lembro que se os homens restantes do Ryodan descobrem que eu sequer tive uma mínima parte na morte de seu chefe, estou mais morta que todos os mortos de Dublin. Além disso, a Bruxa Carmesim está solta, o Hoar Frost King ainda está aí fora, Dublin está lentamente convertendo-se na maldita Antártida, Christian e eu não estamos em boas condições, e agora Mac tem o dobro de razões para me matar, assumindo que saiba.

Não posso decidir se ela sabe. Um minuto acredito que sim, ao seguinte não.

Os corpos desapareceram. Voltei na metade da noite para ocultá-los. Deveria tê-los escondidos imediatamente, mas não estava pensando claramente.

Além do sangue no beco e na parede de tijolo, não ficava nenhum rastro deles.

Ao princípio pensei que Mac os encontrou e levou a algum lugar para um enterro apropriado, mas logo decidi que não era assim, porque ontem a vi correndo pela rua para o Chester's, toda abrigada e tremendo no frio, e não parecia triste. Vi Mac triste. Sei como parece. Parecia um pouco tensa, mas pelo resto normal. Havia um rastro do ZCF atrás dela, chiando. Pergunto-me se, como os corvos, os ZCF são presságios da morte. Preocupa-me que estejam seguindo Mac. Sua tensão se deve provavelmente ao que está acontecendo em Dublin. Todos os que vejo estão tensos. E tremendo. Faz doze graus abaixo de zero em Dublin durante o dia,

¹⁰⁷ “If I stay lucky then my tongue will stay tied”, da canção “Lucky” de Seven Mary Three.
<http://www.youtube.com/watch?v=jPKuI5FGTks>

¹⁰⁸ M.O.: Modus Operandi; forma de proceder.



inclusive mais frio na noite. A neve esteve caindo, acumulando-se. A cidade não está preparada para dirigir este tipo de clima. Muita gente não tem energia onde estão alojados. Não sobreviverão a estas condições muito tempo.

Pergunto-me se a Bruxa Carmesim comeu os corpos de Barrons e Ryodan. Se costurou as tripas e logo juntou o resto. Acredito que teria cuspidos uns quantos ossos, mas possivelmente os necessitava todos para polir seu espartilho. Logo imaginei que Christian provavelmente retornou para pôr ordem e ocultar a evidência. Tentando ficar em bons termos comigo uma vez mais, ou algo.

Pergunto-me onde diabos está Dancer! Preciso do super cérebro para que me ajude a triturar os fatos de modo que possa evitar que minha cidade se converta em um iceberg. E, então, poder evitar que as pessoas sejam tecidas em um vestido.

Tenho dois lugares mais para buscá-lo, logo acabam os lugares.

Congelo o quadro por O'Connell, arrancando pôsteres do WeCare dos postes enquanto avanço. Estúpidos malditos idiotas estão tratando de aproveitar que as pessoas não tem energia, os animando a unir-se a suas reuniões de oração, a entrar em calor e "receber a marca". Não sabia o que isso significava até que vi um par de pessoas saindo de uma das Igrejas que as pessoas do WeCare designou como próprias, usando largas túnicas brancas sobre a roupa.

Carregavam bolsas de mantimentos enlatados e sorriam. Em minha experiência, qualquer outra pessoa além de sua mãe, que o alimento, vai querer algo em troca disso.

Zumbo para o penthouse do Dancer, onde nós gostamos de nos deitar sob o sol, desarmo suas armadilhas explosivas e indico a cabeça pela porta, chamando-o. O lugar está silencioso e vazio. Vejo se tem um pouco de comida na despensa porque estou morrendo de fome. Quando chego ali, caio na risada. Há uma nota presa a uma pilha de latas postas justo no meio do piso. É um criptograma. É como nos deixamos mensagens um ao outro.

Abro lata detrás lata de salsichas e me abarroto enquanto resolvo o quebra-cabeça que me diz onde está.

Há muitas coisas escondidas em Dublin, como na abadia. Quando comecei a vagar pela cidade, consegui um desses livros de turismo e visitei todos os lugares de moda como qualquer turista. Estava envergonhada de ser uma estranha em minha própria cidade, nunca tendo saído muito de minha jaula. Queria conhecer tudo o que todos conheciam, ver tudo com meus próprios olhos em lugar de ver na televisão ou ler sobre isso em um livro.

Fui a Trinity College e percorri todas as coisas geniais ali. Nunca cheguei a ir à escola, assim foi agradável ver as salas de aula, laboratórios e bibliotecas e as pessoas sendo sociais ao invés de reservados todo o tempo. Não podia entender crescer dessa forma. Mamãe me ensinou a ler. Ensinei-me o resto.

Passei pelos museus, pela fábrica de cerveja, passei o momento em Temple Bar, visitei as catacumbas debaixo da Catedral da Igreja de Cristo e a Igreja do St. Recheiam, e finalmente persegui os rios subterrâneos. Escutava quando os universitários falavam entusiasmados de seus



lugares favoritos e também fui ali. Prestei atenção quando as pessoas mais velhas falavam nas ruas a respeito de coisas que eram.

Assim é como encontrei o sub Dublin. Um par de velhos enrugados jogando damas junto ao Rio Liffey estavam acostumados a trabalhar para uma família mafiosa e sabiam algumas coisas interessantes. Debaixo de um restaurante, dirigido por um tipo chamado Rocky O'Bannion, este mafioso de grande fama que desapareceu ano passado na loucura da queda dos muros, encontrei-o. Um favo de túneis e criptas escondidas além de uma pilha de escombros e uma série de entradas gradeadas tão complexas que só alguém tão curioso como eu, ou um criminoso tratando de esconder corpos ou um espólio teriam passado. Dancer e eu fizemos mapas de partes, mas ainda temos muito que explorar.

Aí é onde o encontro agora, em uma das catacumbas subterrâneas, por um túnel paralisado (a menos que soubesse como encontrar o desvio oculto) além das portas de aço fechadas, com dobradiças na pedra, cheio de armadilhas explosivas.

A sala que está é larga e estreita e feita completamente de pedra, com esses velhos tetos abobados fórnix¹⁰⁹, suportado por enormes colunas, como só vi alguma vez em criptas antigas e na biblioteca da abadia. Tem luzes instaladas que imagino que são a pilhas, porque não ouço um gerador, e instalar um aqui embaixo daria muito trabalho. Está parado detrás de uma laje de pedra que estava acostumado a manter um cadáver, mas que agora está coberta de cadernos e envelopes, computadores portáteis, garrafas, copos, e queimadores. Se, este lugar é Dancer, só falta um televisor para ver filmes, uma geladeira e ducha, e conhecendo-o, provavelmente tem um esconderijo improvisado perto com todas as comodidades. Outra laje está repleta de garrafas de água e comida. Sua cabeça está baixa e está trabalhando em algo, perdido em pensamentos.

—Cara, isto é condenadamente incrível! —digo enquanto entro.

Dancer levanta o olhar e o sorriso que me dá é cegador. Todo seu corpo muda, como se estivesse pendurado em cabos pendendo do teto e acabassem de ser cortados. Seus ombros baixam, as extremidades deslizam mais suaves, os duros planos de seu rosto relaxam até formar o Dancer que conheço.

—Mega! —diz. Então diz de novo— Mega!

—Esse é meu nome, amigo. Não o gaste. —Entro me pavoneando a câmara e vejo que ele também esteve recolhendo coisas das cenas. Detrás dele está seu pièce de résistance¹¹⁰: um tabuleiro de mistério! Ampliou mapas e reconstruiu um enorme estudo topográfico do Dublin e as zonas periféricas e tem pinos e notas presos por todos os lados. Sorrio. Eu não poderia havê-lo feito melhor. — Este lugar é o Melhor — digo.

—Pensei que você gostaria. —Levanta as lentes, empurra para trás sobre o nariz e sorri. Seus olhos estão vermelhos como se tivesse estudando por muito tempo. É alto e magro e quase perfeito. Devolvo o sorriso e só sorrimos um ao outro por uns segundos, porque estamos tão felizes de nos ver de novo. É uma grande cidade. Às vezes me sinto sozinha nela. Então, vejo Dancer.

¹⁰⁹ Fornix: tipo de arco romano similar ao Arco do Triunfo de Paris.

¹¹⁰ Pièce de résistance: Atração principal.



Jogo minha mochila sobre uma mesa dobradiça próxima e puxo minhas bolsas ziplock e as fotos para adicionar a seu tabuleiro. Ele se aproxima e as classificamos em um silêncio feliz, roçando os ombros e sorrindo. Segue me olhando como se não pudesse exatamente acreditar que esteja ali. O sujeito está agindo como se realmente tivesse sentido saudades. Sempre estamos contentes de nos ver, mas algo é diferente hoje.

Começa a cravar minhas fotos das cenas no tabuleiro, e o olho, porque algo não tem sentido para mim, além do quanto ele está estranho.

—Não há tantos lugares congelados em Dublin! —Assinalo os pinos no tabuleiro.

—Não, faz umas semanas. Tem aumentado.

—Cara, só haviam dez. Tem, como, vinte e cinco pinos neste tabuleiro! Está me dizendo que quinze lugares mais foram congelados nos últimos dias?

—Mega, a última vez que a vi faz quase um mês. O dia que tentamos recuperar sua espada do Jayne.

Fico boquiaberta.

—Isso não foi faz um mês. Isso foi faz uns dias!

—Não. Não a vi durante três semanas, quatro dias, e... — Olhe seu relógio—... dezessete horas.

Deixo escapar um assobio baixo. Sabia que o tempo se movia diferente no Faery, mas não me ocorreu que a Mansão Branca fosse parte do Faery. Não é de estranhar que Ryodan estivesse tão zangado comigo! Faltei ao trabalho por semanas. Rio. Deve ter estado louco. Minha risadinha morre. Por um segundo esqueci que estava morto. Sinto-me chateada de repente, assim abro uma barra de chocolate e a como.

—Estava preocupado.

O olho. Está me olhando diretamente aos olhos, mais sério do que jamais o vi. Põe-me incômoda. Como se quisesse dizer algo e não soubesse o que.

Devolvo o olhar, e simplesmente nos encaramos por uns poucos segundos. Rebusco em meu repertório e saio com:

—Cara, supera. Sou a Mega. Nunca tem que preocupar-se comigo. Estive sozinha sempre. Eu gosto dessa forma. —Dou meu sorriso característico.

Consigo um sorriso débil em troca.

—Entendi a mensagem, Mega. Forte e claro. —volta-se, retorna à laje. Já não está movendo-se suavemente. Alguns desses cabos estão de volta. Eu não gosto desses cabos. Parecem... não sei, adultos para mim.

—Só digo, não se preocupe por mim. É estúpido preocupar-se comigo. Posso cuidar de mim mesma.

—Agora sou estúpido.

—Não disse que você é estúpido. Falei que era estúpido preocupar-se comigo.

—Mas como, o ato de preocupar-se, não deve ser confundido com a pessoa que o faz.

—Exatamente. Sou a Mega, lembra? Chuto traseiros por todo Dublin! —Não sei o que acontece. Não está respondendo bem a nada do que estou dizendo!



—A capacidade de defender a si mesma não tem absolutamente nenhuma relação ou relevância ao porte ou comportamento emocional de outros.

—Hein?

—Não me diga o que posso e que não posso sentir. Se tiver vontade de me preocupar com você, farei.

—Cara, não há necessidade de ser cortante.

—Não estou sendo cortante. Estou ofendido. Foi quase um mês. Entre esquivar do imbecil psicótico que a acossa dia e noite, analisar a evidência, e tratar de salvar esta cidade, estive frequentando cada cena congelada que aparece. As visitando duas e três vezes ao dia. Sabe por quê?

—Para reunir mais evidência?

—Estive esperando que se derretessem o suficiente para poder ver se você estava ali. Morta. Sem voltar a me falar jamais.

Fico olhando-o. Nunca falamos de coisas assim. Isto fede a jaula para mim. Como se houvesse outra pessoa com quem tivesse que reportar agora. Como se minha vida não fosse já propriedade de muitas outras pessoas.

—Recuperei minha espada agora — digo rigidamente. — Não vou ser congelada.

—Inválido. Essas duas declarações não têm relevância entre elas. Nenhuma. Zero. Nada de nada. Nada. A espada não a protegerá de ser congelada. Deixei notas para você na despensa de cada esconderijo que tenho e todos os seus que pude encontrar. Sabe o que escutei? Nada. Por quase um mês.

—Cara, tenho a imagem. Você não gostou de não poder me encontrar. Pena que não possa me pôr uma coleira, né? Possivelmente me colocar em uma jaula em alguma parte? —Está me zangando. Acredito que estamos tendo nossa primeira briga. Faz-me sentir doente do estômago.

—Desculpe-me por me preocupar com você.

—Cara, o que acontece? Isto não somos nós. Por que estamos nos arruinando?

—Me preocupar com você é nos arruinar?

—Preocupar-se é uma coisa. Tratar de me prender é outra.

Dá-me um olhar que simplesmente não entendo. Como se estivesse sendo obtusa quando ele é o único que está sendo obtuso. Acreditava que nossa forma de passar o tempo era clara, e bem definida. Somos super-heróis. Ele não está atendo-se ao guia. Se continuar desviando-se, vou saltar dos livros de quadrinhos.

—Meu engano. Não o farei de novo. —E assim, volta a ser Dancer, todo negócios. — Esse dia no castelo foi a primeira vez que consegui dar uma olhada ao que esteve congelando as coisas. Muito aconteceu após. Congela um novo lugar quase todos os dias. Ryodan e seus homens estiveram rasgando esta cidade te buscando. Ele aplainou a metade de meus lugares. Mudei-me aqui embaixo para me afastar dele. Vai mata-la quando a encontrar.

—Não se eu o matar primeiro — murmuro ao redor de um bocado de barra de chocolate, fingindo que já não o fiz. Quando tem um segredo ao que as pessoas te matariam, fica calada a respeito. Com todos. É óbvio, se estou aprendendo de meus erros, deveria matar Christian como



não matei a esses estúpidos faeries ceceantes que comeram Alina e me delataram a Mac. Estou um pouco irritada de que Dancer tornou a falar das coisas como se nunca sequer tivéssemos tido nossa primeira discussão, porque é uma grande coisa para mim. Vai tomar horas deixar de me sentir nauseabunda e confusa por dentro. Como quando estou confusa. Coloco outra barra de chocolate na boca.

—Inclusive Barrons se uniu à caça. Também essas garotas da abadia com as que às vezes se junta. A cidade segue ficando mais fria com cada novo lugar congelado. As pessoas estão caindo aos pedaços. Ninguém sabe o que fazer, como detê-lo, ou inclusive onde é mais seguro estar. —Dá um passo atrás e olha o mapa. — Até agora, não fui capaz de discernir o padrão. Temos que descobrir o que está procurando.

—O que quer dizer com “procurando?” — Essa foi exatamente a sensação que recolhi com meus sentidos sidhe-seer, mas Dancer não os tem. Começo a me sentir um pouco menos doente. Não sei se foram as barras de chocolate em meu estômago ou pensar no trabalho.

—A menos que esteja comportando-se de uma maneira aleatória e ilógica impulsionado por absolutamente nenhum imperativo biológico, o qual postula, é antitético para qualquer forma de vida inteligente, tem um propósito.

Sorrio brilhantemente, nossa briga esquecida. Tem que amar um tipo que diz coisas como “postulo” e “antitético”!

—Eu adoro estar com você! —digo.

Dá-me um olhar que é do antigo Dancer, mas um pouco cauteloso, assim aumento a voltagem em meu sorriso até que ele me devolve.

—Esse propósito pode ser suficientemente estranho — prossegue. — Para evitar a detecção, mas está aí. São nossos métodos que não são suficientes. Temos que sair de nossa caixa e processar os fatos sem prejuízos. Esta coisa não é de nosso mundo. Não segue nossas regras ou alguma lei da física. Parece ser capaz de abrir um portal onde quiser. Já o vi fazê-lo duas vezes.

—Viu de novo? —Estou tão condenadamente ciumenta que poderia cuspir.

—Estive vigiando ao WeCare, tentando descobrir quem é o chefe. Ninguém parece saber quem iniciou a organização. Faz umas noites, fui ver uma de suas reuniões de oração. A igreja onde estavam mantendo-se congelou quando estava a meia quadra de distância. Um minuto estavam cantando, ao seguinte não podia escutar nada. Parecia que todo mundo ficou em silêncio ou eu surdo. Parei na rua e observei. Fez exatamente o mesmo que no Castelo de Dublin. Saiu de um portal, encheu tudo de névoa, congelou, abriu outro portal, e desvaneceu.

Estremeço. Estava a meia quadra de distância! Que tal se tivesse chegado, tipo, um só minuto mais cedo? Então tenho um pensamento pior. Que tal se eu não tivesse sido capaz de encontrá-lo por um mês? Estaria congelando o quadro de uma escultura de gelo a seguinte, esperando que derretessem, me perguntando se perdi meu melhor amigo?

De repente estou envergonhada.

—Cara. Lamento ter ido tanto tempo.

Sua cabeça se dispara para cima e me dá um sorriso que me mata.

—Cara. Obrigado. Alegra-me que voltou.



—Ouvi que salvou minha vida na igreja essa noite. É o Melhor.

—Não, você é.

Sorrimos mutuamente pelo que parece como uma hora de céu, e assim de fácil, tudo está bem entre nós uma vez mais.

Começamos a tagarelar como loucos como se nunca nada tivesse acontecido. Conta-me as novidades sobre novas turmas formando-se na cidade. Conto sobre a biblioteca do Rei Unseelie. Não posso guardar esse tipo de coisas fascinantes. Posso dizer pelo brilho de seus olhos que está morrendo por vê-la.

Conta-me que um enorme BFI de fogo quase queimou a abadia até as cinzas! Evaporava ferro e concreto e se tivesse chegado à abadia, não sobraria nada. Mas os homens do Ryodan o detiveram, atando-o ao chão de algum jeito. Não gosto que esteja ali fora junto à abadia, preso ou não. Põe-me nervosa.

Conto sobre os livros Boora-Boora e ele cai na risada por perseguir as rebeldes frases. Conta-me como WeCare começou a pintar edifícios de branco para que as pessoas soubessem que é um deles, e se entrar e se inscrever, e assistir às reuniões, dão todo tipo de comida e coisas. Conto sobre R'Jan tratando de posicionar-se como rei dos Fae, e que o monstro de gelo tem um nome: o Hoar Frost King. Acredito que é o mais que nos contamos sobre os detalhes diários de nossas vidas. Conta-me que a comida está ficando realmente difícil de encontrar. Conto sobre os Fae totalmente inertes nas cenas e sobre como R'Jan disse que matava aos Seelie e Unseelie mais mortos que a morte, apagando todo registro de sua existência.

—Acredito que pode estar detrás da força vital das pessoas — digo.

—Mas, por que essas cenas? Como seleciona as que escolhe e por que as congela? E se quisesse a força vital das pessoas, por que não ir aonde estão reunidas as grandes massas? E em algumas destas cenas, só haviam poucas pessoas.

—Quer dizer, que por que congelaria o pequeno clube debaixo do Chester's quando poderia ter congelado todo o lugar?

—Congelou uma parte do Chester's?

—Esse foi o primeiro lugar congelado que soube. É a razão pela qual Ryodan me arrastou a este desastre.

—Isso não pode estar detrás da força vital. Também tomou uma torre da igreja. Não havia uma só pessoa ou Fae nesse lugar.

—Possivelmente só estava voando sobre essa agulha e a congelou acidentalmente. Ou possivelmente havia uma pequena força vital, como um camundongo aí, e se estava sentindo faminto.

Ele sorri.

—Possivelmente.

—Entretanto, duvido um pouco. Acredito que deveríamos as etiquetar por ordem de aparição. Possivelmente isso nos ajude a ver algo.

—O que me preocupa — diz. — É que nem sequer podemos dizer às pessoas algo simples como: fiquem em grupos pequenos e estarão bem. As pessoas tem medo da própria sombra,



Mega. Toda a cidade está na margem, os temperamentos estão crescendo, as pessoas se metendo em brigas por nada. Temos que descobrir o que está acontecendo, porque se não morrerem congelados, matarão entre eles. Perderam muito e estiveram assustados por muito tempo. Enquanto não estava, não houve Jornais da Dani e em tempos como estes, que a falta de notícias não são boas notícias. As pessoas precisam acreditar que alguém está nas ruas cuidando-os.

—O WeCare? Não estão tomando seu trabalho a sério? Cara, quando não estava, deveriam ter tomado o poder, pondo mais exemplares! Um periódico tem uma responsabilidade com a gente!

—WeCare somente está dizendo às pessoas que precisam é “tomar o branco” e tudo estará bem. A metade desta cidade está apressando-se às cegas para tomar a fé; a outra metade não os crê. Adicione a falta de comida e água, e o frio brutal, e vamos ter uma revolta em nossas mãos um destes dias.

Afasto meu cabelo do rosto e olho o tabuleiro de mistério. Conto vinte e quatro pinos. Minhas nove bolsas ziplock já não são representantes das cenas.

—Recolheu o resto?

Ele me dá um olhar que diz que tipo de idiota acha que sou, e um sorriso, e recolhe uma caixa do piso que está cheia de envelopes amarelos como os que há na laje.

—Estive analisando amostras das cenas, categorizando e isolando elementos em comum. Também fotografei.

Devolvo o sorriso, porque as grandes mentes pensam igual e é tão condenadamente genial ser duas ervilhas na Mega vagem.

Enquanto abre os envelopes, volto a pegar fotos das cenas aonde vão no nosso tabuleiro de mistério. Pensava que minha ideia da força vital estava correta, até que ele assinalou duas grandes falhas. Merda. É bom que tenha minhas bolsas “imparciais” de evidência. Começo a rir baixo, e relembro que Ryodan está morto. Por alguma razão, é difícil lembrar. Como se pensasse que ele era eterno ou algo assim. Não tenho ideia de por que parece como uma patada nos dentes cada vez que penso nisso. Claro, deixei sair à Bruxa, mas ele é o sujeito que falhou em esquivar. Eu não me movo tão rápido como ele, e arrumei isso para ir.

Oito horas depois, posso ver corretamente. Observar partes de escombros e estudar o mapa alternativamente está deixando meus olhos quadrados.

Estive acordada por três dias, alimentada por uma constante subida de açúcar das barras de chocolate e sucos, e a nuvem de algo em cima de mim me deixa louca. Culpa. A culpa é para os perdedores. A culpa é para pessoas que tem coisas estúpidas como remorso. Contemplo a noção de que possivelmente os remorsos são um processo de acumulo de tempo, tão inevitável como um armário cheio de roupa e mais bolsas dela no apartamento de cobertura. É a bagagem acumulada o que faz a pessoa envelhecer? Se for assim, precisam limpar seus malditos apartamentos de cobertura, mandar as coisas a lojas de segunda mão e lembrar como caminhar nus como meninos, pequenas barrigas sobressaindo, sempre preparados para uma boa risada. No segundo em que mate à Bruxa Carmesim, vou enviar minha culpa direto ao inferno, onde pode



arder. O problema é que estou entupida com ela até esse momento e está me deixando mais irritável que os hormônios. Não gosto de me sentir responsável pela merda. Como pequenas âncoras me retendo em meu feliz mar que tem uma aventura maior esperando além da seguinte onda.

Há um pouco de tudo nas bolsas plásticas. Lascas de madeira dos bancos da igreja, vidro esfumaçado, cabelo, partes de osso, tapete e couro, terra, plástico, comida, partes humanas, partes de Unseelie. Há pedaços de cristal branco e tiras de toalhas de mesa para ioga, partes de telefones, dente, joias, fragmentos de vários aparelhos eletrônicos, pedacinhos de barras de ferro, uma parte de tanque, prateleiras de metal. Papeis e envoltórios de plástico, partes de uma unha com um osso fundido, um aparelho de surdez, a metade de uma licença de dirigir e segue a lista. Fazemos uma lista dos conteúdos de cada uma das cenas, unimos ao tabuleiro da morte e tachamos tudo o que não estava em cada bolsa.

Ficam os “escombros misteriosos”, que é como decidimos chamar as coisas de terra no fundo de cada ziplock, metal e plástico.

—Estas coisas... não sei, não parecem estranhas para você, Mega?

Tomo uma parte de cristal em minha mão e o sustento por um segundo.

—Está mais frio do que deveria, como se ainda estivesse parcialmente congelado. Não esquenta, sem importar quanto tempo o sustente.

—Não, há algo mais. Não posso decifrar.

Espero. Não fui à escola e estou um pouco assombrada sobre quanto Dancer sabe. Se diz que há algo mais, é que é assim.

Ele medita em voz alta.

—Se não está atrás da força vital, como está selecionando as cenas? Poderia ser que a coisa não está atrás do plástico ou o metal, o que está em cada cena em alguma forma, a não ser um ingrediente no plástico ou o metal. A coisa pode estar caçando rastros infinitesimais de algo.

Empurro uma pilha de velhos ossos na borda da mesa de pedra, estico-me junto a eles, dobro os braços atrás da cabeça e mentalmente começo a reconstruir as cenas como eram antes de explodir, pensando que poderia ser mais fácil encontrar algo em comum antes que fossem reduzidas a pó.

—Como uma espécie de vitamina ou mineral teórico que precisa para obter algo que quer fazer?

—Ou um elemento comum nas cenas que a faz pensar que o que quer poderia estar nessa cena — diz Dancer.

—Huh?

—Poderia ser como um pescador, indo aonde haja água salgada, porque está procurando uma baleia. Nunca necessariamente encontraríamos uma baleia. Mas sempre encontraríamos água salgada. Se pudermos descobrir o que o atrai, estamos a metade de caminho de detê-lo.

—Ainda há três cenas das quais não temos amostras. As duas que R'Jan disse que congelaram no Faery e a que há debaixo do Chester's.



—Pode pedir ao Ryodan que nos ajude a conseguir amostras? Pelo que ouvi, quase todos devem algo a ele.

Todas minhas imagens mentais se rompem quando Dancer diz seu nome, e de repente estou vendo duas imagens ao mesmo tempo: Ryodan no nível quatro, rindo, fazendo sexo, mais vivo que qualquer pessoa que conheci exceto eu, e Ryodan, sangrando no beco, tripas pendurando de um lado do edifício, fazendo uma brincadeira enquanto morre, e estou tendo a ideia mais estranha, que cheguei a conhecê-lo!

—Sim, o fiz — murmuro, ficando em pé, porque se vomitar minha barra de chocolate, não vou estar deitada enquanto o faço.

—Fez o que? —diz Dancer.

Sempre briguei com ele e disse que o odiava.

—O merecia. Ele era o maldito mais arrogante e irritante que conheci!

—Merecia o que? Quem era?

Parece que também terei que começar a chamar AP ao Ryodan. Porque está fazendo meu estômago doer. Eu não gosto que não esteja no mundo.

—Isto significa que meu contrato expirou, ou algum dos tipos pode fazer-me cumprir? — Simplesmente, nunca se sabe com tipos como eles. Nunca quero voltar para Chester's, e não quero retornar a BB&B, assumindo que pudesse, porque agora é simplesmente B&B e os ingredientes críticos que faziam os dois lugares tão emocionantes e incríveis não têm nada que ver com os lugares em si.

—Que contrato?

Agora que esses ingredientes críticos se foram para sempre, tenho um mau pressentimento sobre Dublin, sobre todo o mundo. Como se o mundo pudesse ter inclinado em seu eixo e o colocado uma posição estranha, nova e não tão segura ao eliminá-los.

—Mega. —Dancer está parado frente a mim. — Me Fale.

—Não podemos pedir nada a Ryodan — digo.

—Por que não?

Esfrego os olhos e suspiro.

—Matei-o.

Acordei com o pescoço completamente dolorido e com um saco ziplock colado em minha bochecha com baba. Levanto a cabeça uns centímetros e olho por baixo de meu cabelo, esperando que Dancer não esteja me olhando, e quando o encontro olhando o tabuleiro de mistério, suspiro com envergonhado alívio.

Separo o saco do rosto, seco a baba com a camisa e esfrego as marcas na bochecha. Posso sentir a marca de um anel, além de um par de linhas dessas de fechamento. Nem sequer lembro de ter dormido. Mas, em algum momento, simplesmente deixei cair minha cabeça sobre as coisas que estava examinando e dormi. Umas quantas horas? Mais?

—Que horas são?

—Que dia, quererá dizer.



—Cara, me diga que não dormi tanto!

—Precisava. Entretanto, não estou seguro de que possa se mover. Nunca vi ninguém sentar-se em uma cadeira, deixar cair a cabeça sobre uma pedra e não mover-se por quinze horas. Pensei em deitá-la em um lugar mais cômodo. Fez-me mudar de opinião. —vira-se e sorri. Tem um lábio partido. — Não queria ser movida. Golpeou-me em sonhos.

—OH, cara, sinto muito! —Não tenho lembranças disso.

—Não se preocupe, Mega.

Meu estômago grunhe suficientemente alto para despertar aos mortos e ele diz:

—Tenho algo que guardei para você — Pinça em uma das bolsas no piso, puxa uma caixa e me lança.

Ilumino como uma árvore de natal.

—Maldição! Pop-Tarts! Onde encontrou Pop-Tarts? Não vi um em meses! —Inclusive antes que os muros caíssem, podiam ser difíceis de encontrar. — E são meus favoritos, chocolate com glacê!

Abro o pacote e mastigo com felicidade. Acabo com as duas primeiras em uma rápida inalação, logo diminuo a velocidade, para saborear cada uma das seis deliciosas e cheias de conservantes e açúcar que ficam. Quando os muros caíram, todas as coisas boas (todas as que são más para você), foram as primeiras que saíram das prateleiras. Os refrescos e bebidas foram realmente rápido. Doces, tortas, bolachas, bolos, coisas assim, foram as seguintes. Pop-Tarts, todos os cereais açucarados, também voaram das prateleiras. Sou tão culpada como a próxima pessoa. Divertido é que agora quase daria meu braço direito por uma comida quente feita de carne lentamente cozida, cenouras, ervilhas, pão e molho.

Mesmo assim, as Pop-Tarts estão perto do céu e Dancer as conseguiu para mim, o que as faz ter o dobro de sabor. Comi, e ele me conta tudo o que considerou e descartou enquanto eu dormia para que eu possa fazer buracos em sua teoria, se é que existem. Quando termina de falar, não estamos mais perto de uma conclusão do que estávamos antes que dormisse.

—Então, tudo o que ainda temos é que cada cena tem terra, algum tipo de plástico e metal.

—De fato, é terra, plástico e ferro. O metal em cada uma das ziplocks é principalmente ferro.

—Ferro é o que usamos para aprisionar aos Fae.

—Sei. Recorda quantos Unseelie foram congelados no Castelo do Dublin?

Assinto.

—Pensei que foi porque havia tantos.

—Também é a localização com a maior quantidade de ferro. Toneladas dessas coisas foram usadas para construir essas celas.

—Onde estava o ferro nas outras cenas?

—Velhas vias de ferrovia correm ao lado de onde estavam lavando a roupa no campo. Revisei os mapas e descobri que vias passam junto a quatro das outras cenas. Encontrei balas de ferro em duas bolsas. A torre da igreja tinha enormes sinos de ferro. O ginásio tinha parte de um bule de ferro e de campainhas do mesmo metal. Em outra cena, haviam vários automóveis velhos



com chassi de ferro. Já não os fazem assim. No Castelo de Dublin, todas essas celas. O teto de um dos velhos armazéns era feito de ferro. —Ele continua, detalhando cada lugar.

—Por que ferro? Por que não, digamos... aço. O aço não é ferro?

—O ferro se converte em aço. O que vejo é um predomínio do ferro sem processar, como as vias de trem, sinos e barras. Coisas antigas. Já não vê muito ferro. Vê compostos. O aço é mais forte e o ferro oxida. Sabe como as velhas vias que quase sempre estão vermelhas por isso?

—Acho que precisamos voltar para as cenas e ver se se levou o ferro?

—Não. Pergunto-me se o ferro está na água salgada. Se for o que o atrai.

—Mas o que é o que busca?

Encolhe os ombros.

—Quem sabe? A quem importa? Só quero saber duas coisas: como atraí-lo para nós e como nos desfazer dele. Suas metas são irrelevantes.

—Mas Fae odeiam o ferro.

—Sei. Isso é o que faz me perguntar se o está atraindo de algum modo. Não estou dizendo que vá para o ferro porque gosta. Possivelmente está tentando destruir o ferro ao congelá-lo. Possivelmente um dos Fae o convocou para destruir os únicos meios que temos para aprisioná-los. Possivelmente tratar de entender algo que pode abrir um portal multidimensional, navegar pelo céu, abrir outro portal e desaparecer, é um exercício de futilidade tão grande como tratar de adivinhar os motivos de Deus.

—Acredita em Deus?

—Amiga. Só Deus poderia ter criado à física.

Rio baixinho.

—Ou as Pop-Tarts.

Ele sorri.

—Vê. Aí está. Prova do divino. Toda a mancha de chocolate ao redor de sua boca.

—Tenho chocolate em meu rosto?

—Um pouco difícil com todas essas linhas de ziplocks em seu rosto, mas sim.

Suspiro. Algum dia estarei com Dancer sem intestinos no cabelo, roupa estranha, olhos machucados, nem sangue e sem comida no rosto. Provavelmente não me reconhecerá.

—Mas o que tem que esses dois lugares no Faery? —digo.

—O que acontece?

—Não há maneira de que haja ferro no Faery.

—Hipóteses. Potencialmente errôneas. Os muros caíram. Tudo se fraturou e Faery esteve sangrando para nosso mundo. Talvez partes do novo mundo estão sangrando para Faery e há vias ou sinos nessas partes. Precisamos de amostras do Faery.

—E como demônios conseguiremos? Por que simplesmente não tentamos atraí-lo com ferro e ver o que acontece?

—Esse é o plano B. Tentaremos conseguir amostras primeiro, e eu seguirei analisando estas coisas. Há algo que está escapando. Posso sentir em meu interior. Preciso de mais tempo com a evidência. Além disso, inclusive se conseguíssemos que viesse, o que faríamos com ele?



Precisamos saber o que o atrai e como detê-lo. Você consegue as amostras. Eu decifrarei o resto. Se não houver ferro em Faery, sabemos que retornamos ao ponto de partida um, sem ter que compilar toneladas de ferro e sem ter que encontrar um lugar para colocar tudo onde ninguém acabe ferido.

Ponho-me de pé e me dirijo para a porta.

Enquanto estou me afastando, ele diz:

—Não vá ao Faery sozinha, Mega. Faz um peneira fazer por você. Não podemos perder outro mês. Tenho um mau pressentimento sobre estes lugares congelados.

—Porque seguem explodindo?

Ele tira as lentes e esfrega os olhos.

—Não. Como se houvesse algo pior. Muito pior. Não posso explicar. É um pressentimento.

Conheço Dancer. Quando tem um pressentimento, o que isso realmente significa é que seu subconsciente está vendo algo que o cérebro consciente ainda não. Cada vez que me disse que tem um pressentimento, conseguiu chegar a uma epifania. Confio nele como não confiei antes em ninguém. Se quiser amostras e mais tempo, terá.

Dirijo-me para cima e para fora, para a noite de Dublin. Uma suave neve está caindo. A lua tem um anel vermelho sangue.

Há um lugar seguro para encontrar a um Fae peneira. Convenientemente, também é o terceiro lugar de que precisamos de uma amostra. Com sorte, retornarei em umas poucas horas com as últimas três ziplocks para completar nossa cadeia de evidências.

Minha sorte não foi muito boa ultimamente.

Capítulo 33

Quem é seu papai?"¹¹¹

Chester's. Maldição, odeio este lugar mais que antes. Esta noite, a fila de fora é uma loucura. Está graus abaixo de zero em Dublin, a neve começou a cair com intensidade, há um vento assassino levantando-se, e de todos os modos há cinco quadras de gente tremendo no exterior, envolta em várias camadas de roupa, amontoadas à espera de entrar.

Passo junto a eles em modo rápido, patinando em um ponto congelado, zumbindo ao redor de um dos porteiros humanos do Ryodan, que tem as mãos muito cheias controlando a multidão para me deter, salto a escada da entrada principal e irrompo através das altas portas negras para o clube.

Esta noite está vibrando igual à sempre: música retumbando, luzes cintilando, gente divertindo-se como louca. Temos algo congelando nossa cidade, matando inocentes em todas as partes, convertendo-a em uma zona ártica em junho, e isto é o que as pessoas estão fazendo a

¹¹¹ "Who's Your Daddy? Da canção Toby Keith. <http://www.youtube.com/watch?v=TVRzk3VWOKY>



respeito. Dançar, rir, embebedar-se, cheirar um pó, atuar como se os muros não tivessem caído, como se o mundo não tivesse perdido metade da raça humana, e nada tivesse mudado.

Fico na plataforma no interior da porta que tem vista para tudo por um segundo, com o cenho franzido, soprando minhas mãos, tentando esquentá-las. Preciso de luvas. E um cachecol e orelheiras. O cenho franzido não dura muito, porque me distraio de estar zangada com a canção que está tocando. É uma de minhas canções favoritas de algumas décadas, intensa no baixo, e está tão forte que faz vibrar as solas de minhas botas de combate, até minhas pernas e meu ventre. Meus ossos retumbam com ressonância. Eu adoro a música porque é malditamente genial. A música é matemática, e a matemática é a estrutura de tudo e quase perfeitas. Antes que tudo ficasse tão louco, Dancer me ensinava coisas sobre matemática que me deslumbraram.

Meu cenho franzido volta.

Jo está no subclub de crianças, vestida toda sexy, rindo de algo que alguma garçonete vulgar disse, movendo-se elegante e bonita com a música enquanto vai de mesa em mesa, conversando com os clientes e de vez em quando olhando ao redor, como se estivesse mantendo um olho sobre as coisas em geral, ou procurando alguém. Ainda tem esses reflexos e seios brilhantes. Estarei realmente feliz quando isso se for e volte a ser a Jo que conheço.

Vou fazê-la renunciar esta noite. Não devemos nada a um homem morto, e se os outros amigos pensam tentar fazer valer nossos contratos, bom, iremos de todos os modos e eles só poderão tentar.

Gemi e coloquei os olhos em branco, me dando conta de que não posso fazê-la renunciar esta noite, porque não posso dizer que ele está morto. Não posso dizer a ninguém que está morto. Só eu, Christian, e quem moveu os corpos, assumindo que não foi Christian, sabemos que eles foram assassinados. Só passaram três dias. Pode ser que as pessoas não digam que está morto por um tempo ainda. Conhecendo-a, ficará durante semanas, esperando que volte!

Sinto-me um pouco perturbada. Estive desaparecida quase um mês e ela não parece triste absolutamente. Não sentiu minha falta? Preocupou-se comigo?

Afasto esse pensamento e olho para o teto, observando as vigas, me perguntando que tipo de metal foi utilizado na construção do Chester's. Se este lugar for tão velho como parece, acreditaria que teria que ser ferro, porque não acredito que o método de fabricação de aço fora descoberto até tempos recentes. Bom, recente em termos do quanto este lugar é velho. Então, me pergunto quanto o ferro é velho. Logo me pergunto se Ryodan e seus amigos enfeitiçaram toda a confusão até que se uniu. Ou talvez criaram seu próprio tipo de metal ou o trouxeram consigo de qualquer planeta em que nasceram.

Pergunto-me quem está no comando agora que matei Barrons e Ryodan. Lor?

Como se meus pensamentos o tivessem conjurado, ouço dizer atrás de mim, muito perto de minha orelha:

—Ai, querida, tem atrevimento ao vir aqui.

Dou-me a volta para dizer receosamente: "O que quer dizer com isso?", mas ele não está aí quando completo minha rotação. Pergunto-me se imaginei, um produto de minha consciência culpada. Então, falo que, se realmente o ouvi dizer o que pensei que disse, só estava se referindo a



como Ryodan esteve me buscando há um mês e agora venho tão alegre, como se nunca tivesse desaparecido, e pensa que Ryodan vai acabar com meu traseiro por faltar ao trabalho durante tanto tempo. Porque, tipo, ele tampouco sabe que Ryodan está morto.

Por isso exatamente é que odeio às mentiras. No momento em que diz uma, sabe algo que ninguém mais sabe e tem que seguir constantemente lembrando que deve se comportar como se não soubesse, para que eles não decidam que está agindo estranho e descubram que sabe algo que eles não. Se fizerem, o colocam contra a parede e exigindo saber por que está agindo estranho, e você dirá algo estúpido e o usarão para se delatar. Então tudo sai e está em todo tipo de problemas! É muito mais fácil não dizer nenhuma mentira para começar.

Esta vez vai ser difícil fingir. Avisos do Ryodan estão por toda parte aqui. Demônios, Ryodan é Chester's! É, sem lugar a dúvidas, o lugar mais difícil em que poderia estar para fingir que não está morto. Mas preciso dessas amostras. O RFK¹¹² está congelando algo virtualmente todos os dias, e Dancer pensa que as coisas vão piorar.

Diviso um peneira no Clube do Smoking e sorrio. A Cadela Cinza. Esta é uma contra a que vou amar pôr minha espada e dar ordens. Mac prometeu não caçá-la, mas eu nunca fiz tão estúpido juramento, e, além disso, não estou caçando-a, só vou ameaça-la para que faça algo por mim. Com a mão abatendo-se sobre o punho de minha espada, risco o quadro o melhor que posso, tendo em conta que a maioria das coisas nela estão se movendo (não é que me importe golpear a todos estes idiotas com os cotovelos), e subo as escadas congelando o quadro. No último momento, me desvio do Clube do Smoking e me dirijo para Jo. Quero ver seu rosto quando me vir. Ver como fica contente de saber que estou viva. Deve ter ficado tão preocupada comigo quanto Dancer, e é correto tranquilizar sua mente.

—Dani! O que está fazendo aqui? —Jo fica branca como uma folha quando zumbo até me deter a sua frente. — Está louca?

Não é a reação que esperava. Onde está à expressão de alívio, o grande abraço, a emoção de ver-me com vida e de volta aqui?

—Do que está falando?

—Ryodan esteve buscando-a durante um mês! Quebrou seu contrato com ele!

—E segundo isso — digo irritada—, você deveria estar morta. Mas não está. O fato é que parece muito bem para mim. Suponho que dormir com ele a manteve viva, né? Esteve todo este tempo? Não cansou de você?

Ruboriza.

—Disse que não era justo descarregar seu desgosto para você em mim. Ryodan é um homem inteligente. Toma boas decisões. Não é impulsivo como algumas pessoas. —Dá-me um olhar intencionado.

Estou desgostada.

—OH, ele era um... uh, é um maldito santo agora?

—É um bom homem. Deveria dar uma oportunidade.

¹¹² HFK: Hoar Frost King.



—É um homem morto, isso é o que é! —digo bruscamente, porque não posso malditamente suportar ouvi-la defendê-lo.

—Poderia deixar de fazer ameaças a respeito dele cada vez que dá à volta? Está ficando velho. —Baixa a voz. — Tem que sair daqui antes que a apanhe. Nunca o vi como esteve, desde que não foi capaz de encontrá-la.

—Não tenho medo de Ryodan. —Gah, oxalá pudesse dizer isso a ele!

—Deveria. Empurrou-o muito longe esta vez, Dani. Não sei o que vai fazer quando te vir, e não estou segura de que possa detê-lo. Não acredito que me escute nem sequer com respeito a você.

Ele nunca vai descobrir por que está morto, mas isso não é com o que me obceco.

—O que quer dizer com “nem sequer a mim”, como se fosse de algum modo especial para ele?

Ela ruboriza e põe a expressão de olhar suave no rosto como uma boba apaixonada.

—Somos um casal, Dani. Passamos mais de um mês e somos exclusivos. Todas as garçonetes estão falando disso. Nunca pensaram que alguém... já sabe, conseguiria que um homem como ele sentasse cabeça.

Simplesmente a olho, piscando. Ryodan não é exclusivo com ninguém. Sentar cabeça? Os tornados aterrissam. Não se assentam. Deixam destruição no caminho. Não pessoas radiantes e felizes. Sinto-me doente por dentro, ante a ideia dele e Jo formando um lar juntos, fazendo planos para o futuro. Sim, como não. O que serei? Seu cachorro vira-lata? Sacudo a cabeça, me recordando uma vez mais que Ryodan está morto. Como consegue ela seguir me distraindo? Falar como se ele estivesse vivo está me confundindo.

—Já não vou falar com você. Tenho coisas a fazer. Possivelmente notou que Dublin está se convertendo no Polo Norte?

—É óbvio que sim. Você é a que se foi por um mês e não disse a ninguém que foi ao Faery com Christian.

—Hein? —Olho boquiaberta. — Como soube?

—Christian me disse.

—Christian-o-aterrador-príncipe-Unseelie passou por aqui e disse que eu estava bem?

—Não sei por que veio, mas me ouviu falando com o Cormac ontem no Clube do Smoking sobre quanto estava preocupada com você e me disse que vocês dois acabavam de retornar, e que estava bem. Não vou dizer nenhuma palavra a Ryodan, apesar de que contamos tudo. Mas não gosto que me ponha em uma posição em que preciso mentir. Agora sai daqui antes que ele desça! As coisas estão tranquilas esta noite. Eu gostaria que seguissem assim.

Contarem tudo? Ela está mal em todos os sentidos. Ryodan era o sujeito mais reservado que conheci. As coisas não estão tranquilas aqui; como de costume, são uma catástrofe iminente. E ele nunca mais voltará a descer.

Assim que estou me afastando de Jo, me dirigindo para o Clube do Smoking para recrutar os serviços da Cadela Cinza, alguém bate atrás de mim com tanta força que saio voando para uma



das colunas acanaladas na saída do subclub de crianças. Terminei abraçando-a, para evitar formar um atoleiro no chão. Golpeio com tanta força que terei outro olho negro e todo o lado esquerdo de meu rosto já está convertendo-se na mãe de todas as contusões. Penso: Quem merda se atreveria a me atacar quando estou carregando minha espada tão obviamente? Mac? Porque me odeia tanto que isso a fez estúpida? Não oculte minha espada quando entrei. Abri meu casaco de couro para que todos pudessem ver que é minha outra vez!

Afasto-me tropeçando na coluna e estou a ponto de dar a volta quando sou golpeada contra ela de novo. Esta vez, juro que vejo estrelas e escuto pássaros cuco assobiando. Minha mão se desprende do punho de minha espada, estou muito aturdida. Ouço Jo gritando atrás de mim.

—Basta já! Não faça mal! Basta já!

Sou golpeada contra ela de novo logo que começo a me mover. Desta vez, parto meu lábio contra a coluna. Isso me incomoda tanto que troco a modo rápido, tomo minha espada e a desencapo. Se for Mac, não quero machucá-la. Só quero fugir. Mas realmente tem que deixar de me empurrar na frente de todo o maldito clube. Tenho uma reputação a considerar.

Desaparece de minha mão antes que possa me virar. Sou golpeada de novo e mordo a maldita coluna pela quarta vez.

—Se mova uma vez mais e arrancarei seu puto coração.

Fico imóvel como as partes de Unseelie assassinado nas cenas congeladas. Não foi Ryodan que acabou de falar atrás de mim, porque ele, tipo que, foi estripado e morreu. Aparentemente, estou alucinando. Isso, ou um fantasma está me perseguindo. É de imaginar que o amigo retornaria de entre os mortos só para fazer minha vida miserável. Era todo um profissional nisso quando estava vivo.

Estou tão esmagada entre a coluna e o que seja que está atrás de mim que quase não posso respirar.

—Não pode estar aqui — digo. — Está morto.

Ele me golpeia contra a coluna uma vez mais e faço um chiado involuntário.

—Descobri sua existência quando estava com nove anos — diz. — Fade me disse que viu uma menina humana nas ruas que podia mover-se como nós. Ele argumentou, igual ao resto de meus homens, por te matar imediatamente. Raramente achei necessário matar crianças humanas. Não vivem muito tempo de todos os modos.

Isso certamente soa como Ryodan. Frio. Desprovido de inflexão. Possivelmente Ryodan tem um irmão gêmeo que eu não sabia nada. Se não, tornei-me completamente louca e estou sendo atormentada por uma consciência culpada de um modo estranho e incrivelmente real. Ele morreu. Vi acontecer. Não houve equívoco. Tentei mover a mão, pensando em limpar o sangue do rosto. Ele a esmaga em seu punho com tanta força que meus ossos se oprimem entre si.

—Falei que não se mova. Nem um cabelo da cabeça. Entende.

Outra característica do Ryodan. Sem sinais de interrogação. Odeio ser provocada, assim não digo nada. Um osso é quebrado em meu dedo mindinho. Com cuidado. Com precisão. Como se ele estivesse me mostrando que poderia rompê-los todos, um de uma vez, se desse a vontade. Cerro os dentes.



—Entendo.

—Quando tinha dez anos, Kasteo me disse que, de algum jeito conseguiu a espada. Uma vez mais, meus homens argumentaram para que tirasse isso e a matasse. De novo, senti que o cachorrinho que choramingava morreria muito em breve.

—Não sou um cachorrinho e não choramingo. Ai! Disse que não me movesse. Não fiz. Falei!

—Não o faça. E sim choramingará antes que termine a noite. Em um momento vou retroceder e deixá-la ir. Virará e me seguirá, caminhando atrás de mim. Não falará com ninguém. Não olhará ninguém. Se alguém que não eu falar, não responderá. Não moverá nenhuma parte de seu corpo que não seja absolutamente necessária para subir as escadas e entrar em meu escritório. Se desviar de minhas ordens de alguma forma, quebrarei sua perna esquerda diante de todo o clube. Se me enfurecer enquanto estou fazendo, quebrarei a perna direita. Então, a carregarei pelas escadas que atualmente estou te dando à opção de subir caminhando, e quebrarei seus dois braços. Confio em que fui claro. Responda-me.

—Tão claro como o chão de seu escritório. —Não pode estar vivo. Vi a Bruxa arrancar as tripas e costurá-las ao vestido. Certamente ele realmente não me romperia os braços e as pernas. Verdade?

A presença atrás de minhas costas desaparece e por um segundo me sinto abatida por quanto estou fria. Não me dei conta da quantidade de calor que ele estava desprendendo até que se foi.

Não há maneira de que esteja vivo. Ryodan não pode estar atrás de mim. Então, Barrons também está vivo? Como poderiam? Sei que são difíceis de matar e tudo isso, mas as pessoas não sobrevivem a serem estripadas! De onde conseguiram novas tripas? Alguém as tirou da Bruxa e os costurou de novo? Parecerá como o monstro do Frankenstein?

Não quero me virar. Não gosto de nenhuma das possibilidades às que enfrento. Se não for Ryodan, fiquei louca. Se for Ryodan, amigo, estou morta.

—Vire-se, pequena.

Não posso fazer meus pés se moverem. Não posso compreender que ele esteja de pé atrás de mim. Estou tremendo como uma folha. Eu! Que merda me acontece? Sou mais rude que os rudes! Não tenho medo de nada.

—Agora.

Respiro profundamente e me viro. Absorvo seu rosto, corpo, a forma como para, o olhar em seus olhos, o ligeiro sorriso arrogante.

Bem é Ryodan ou um clone perfeito.

Faço algo que não posso acreditar. Odeio os hormônios, odeio Chester's, e odeio Ryodan com toda minha alma. Nunca serei capaz de superar isto!

Explodo em lágrimas.

Ryodan dá a volta e sobe as escadas a grandes passos.

Arrasto-me miseravelmente atrás dele. Todo o maldito clube está vendo a Dani Mega O'Malley chorar e caminhar atrás do Ryodan sem dizer uma palavra, como um cão vagabundo. Não posso acreditar. Odeio minha vida. Odeio a mim mesma. Odeio meu estúpido rosto. Quero



explodir: “Quebrou minhas costelas e estou chorando pela dor que produziu uma delas ao perfurar meu pulmão, mas sou forte, chutarei o traseiro e estarei bem e logo chutarei o traseiro de todos vocês também!” para salvar minha imagem, mas estou bastante segura de que, se disser uma palavra, ele realmente quebrará minha perna. Limpo meus olhos com irritação. Meus estúpidos, suaves e traidores olhos, com seus estúpidos, sensíveis e traidores condutos lagrimais.

Todo o clube ficou em silêncio. Os habituais e os Fae criam um amplo caminho para que possamos passar. Nunca passei por uma longa caminhada da vergonha antes, e isso me irrita muito. Jo está de pé ali, pálida, o olhar indo de mim às costas do Ryodan, e de volta. Ela poderá ser a bola do mês, mas posso dizer pela expressão no rosto que tem medo de pressioná-lo. Gesticula: Se desculpe! Se submeta. Ou a destroçará!

Sobre meu cadáver. Mega não se submete. Passo junto ao Lor na parte inferior das escadas para subir à planta superior. Afasto meu rosto, porque não posso suportar que ele veja me comportando como um bebê. Inclina-se mais perto e diz em voz baixa, quase contra minha orelha:

—Querida, pode muito bem ter salvado sua vida com essas lágrimas. Pensava que possuía muito ego e muito pouco juízo para saber quando começar a chorar. Ele não suporta o choro de uma mulher. Destroça-o cada vez.

O olho. Ele pisca o olho.

Lanço fogo com meus olhos, porque não estou autorizada a usar a língua. Eles dizem: Não sou uma mulher e não estou chorando e não temo nada.

—Ele pode lutar com o fato de não ser capaz de controlá-la enquanto você permitir que o mundo acredite que ele faz. Ele é rei aqui, querida. Os reis não podem ser desafiados publicamente.

Ninguém me controla. Nunca, grunhem meus olhos. E desafio a quem merda me dê vontade, onde tiver vontade!

Sorri.

—Entendo, menina. Forte e claro. Só lembra o que falei.

Faço sobressair minha mandíbula e sigo Ryodan pelas escadas.

Vira-se para mim no segundo em que fecho a porta.

—Desligue. Você não chora. Espero que não chore. Pare. Neste maldito instante.

—Não estou chorando! Tenho algo em meus olhos de quando me golpeou contra a coluna. E espero que pessoas mortas fiquem mortas! Assim, suponho que fomos decepcionados, verdade?

—É assim como se sente? Decepcionada? Viu-me ser estripado e morrer, e agora que estou de pé diante de você, vivo, sente-se decepcionada?

—Acabo de ouvir, tipo, três sinais de interrogação?

—Não me foda neste momento! —Empurra-me contra a parede com tanta força que sinto o painel retumbar contra minhas costas.

—Não importa o que eu sinta! Nunca se importou. Só me dá ordens e espera que obedeça e o incomoda se não faço. Não sou nada para você, assim não diga que importa no mais mínimo o que sinto!



—A lealdade surge do que sente. Ou não. Não está na corda frouxa menina. Está sob a água, e minha mão está sobre sua cabeça, a mantendo abaixo. Assim, escolhe bem: 'D' é de decepção à ver-me. E de Morte. 'L' é de lealdade. E Vida¹¹³. Convença-me de que deveria deixá-la viver.

Seu rosto está a dois centímetros do meu. Está respirando com dificuldade, e sinto a violência nele. Lor disse que deveria usar minhas lágrimas para manipulá-lo. Não há forma de que rebaixe a essas profundidades de garota covarde. Sou tão grande e má quanto ele.

Ele está vivo. Está aqui. Intimidando-me. Sem dúvida, preparando-se para finalmente, depois que terminar de me matar, me ordenar que me apresente a trabalhar de novo.

Voltamos a sermos nós. Robin para seu Batman.

Está vivo.

Lágrimas se derramam dos meus olhos.

—Basta! —Golpeia-me contra a parede outra vez com tanta força que meus dentes estralam, mas as estúpidas lágrimas seguem vindo.

Ricocheteio e utilizo o rebote para colidir com ele com tanta força como posso. Ele agarra meu pulso quando o golpeio, e quando sai voando para trás, leva-me com ele. Chocamos contra sua mesa. Voo por cima dele, rodo e me ponho de pé de um salto, afastando o cabelo de meus olhos.

Golpeio minhas palmas contra a mesa e grunho.

—Não acha que faria se pudesse! Acha que eu gostei de parecer molenga na frente de todo seu maldito clube? Frente a você? É um maldito estúpido! O que estava fazendo fora dessa parede de todas as formas? Por que teve que estar aí nesse ponto exato quando saímos? Quero dizer, quem tem esse tipo de sorte de merda? Desde que comecei a me juntar com você, minha vida foi um completo e maldito pesadelo! Não podia simplesmente ficar morto?

Ele golpeia a mesa com suas mãos com tanta força que esta se racha no meio.

—Não. Me. Convince.

Fulmino-o com o olhar através das lágrimas.

—Não estou tentando! Eu não convenço a ninguém de nada. Aceita-me ou me deixa como sou! Mas não vou mudar por você, nem por ninguém mais e tampouco estou mentindo, e se pensar que rompendo meus ossos um a um vai conseguir algo, além de, tipo, me romper os ossos, boa sorte com isso!

Agora estou soluçando e não tenho nem ideia de por que. Só que parece como se, do momento em que saí da parede com a Bruxa Carmesim e a vi matar Barrons e Ryodan, estive atada em um grande nó doloroso, e no segundo em que o olhei e me dei conta de que estava vivo, real e verdadeiramente vivo, e que não teria que caminhar por aí pelo resto de minha vida com sua morte em minha cabeça, sem voltar a ver seu sorriso petulante outra vez, esse nó relaxou, e quando soltou, tudo em mim se desfez, todo meu ser exalou um suspiro de alívio, e em algum lugar, suponho que tenho um poço de lágrimas em meu interior, como se possivelmente todo mundo tivesse uma quantidade delas, e se nunca as deixar sair, no segundo em que uma só sai,

¹¹³ Em inglês, “decepção” e “morte” se escrevem com D (“disappointment” e “death”). O mesmo acontece com “lealdade” e “vida” com a letra L (“loyalty” e “life”).



abre uma comporta e não pode voltar a fechar. Por que ninguém me conta as regras da vida? Se soubesse que funcionava desta maneira, teria ido a um lugar privado, e chorado até esgotar minha cota! Isto é pior que começar a congelar o quadro com o pé errado. Esta é uma queda emocional incontrolável.

O olho e penso, demônios, se Alina pudesse levantar-se depois do que fiz. Mac teria a irmã de volta. E eu não andaria por aí todo o tempo, cada minuto de cada dia, odiando a mim mesma porque, embora esteja bastante segura de que Ro me fez algo essa noite que me transformou em uma espécie de autômato sem vontade própria, eu estava ali. Estava ali! Levei-a ao lugar onde morreu quando menti e disse que precisava mostrar algo muito importante, e eu sou apenas uma menina, assim ela confiou em mim! Fiquei parada nesse beco e observei como a irmã de Mac era assassinada por um Fae que eu poderia ter detido com um simples movimento de minha espada e nunca pude fazê-lo, e nunca poderei arrancar da parte traseira de meus olhos. Estará gravado a fogo em minha alma durante o resto da vida, se é que sequer tenho uma depois de toda a merda que fiz!

Feri Mac mais do que qualquer outra coisa em sua vida, e nunca poderei desfazer.

Entretanto... há uma fresta de esperança nesta nuvem: se Ryodan não estiver morto, Barrons tampouco. Pelo menos, Mac ainda tem Barrons.

—Matou a irmã de Mac — diz Ryodan. — Não posso acreditar.

Eu não disse isso.

—Mantenha-se fora de minha cabeça!

Passa por cima da mesa e está virtualmente em cima de mim. Empurra-me contra a parede, sujeita minha cabeça entre as mãos e me obriga a levantar o olhar para ele.

—Como se sentiu quando pensou que havia me matado.

Está olhando dentro dos meus olhos, como se não precisasse que eu respondesse, somente que pensasse. Tento me dobrar para que não possa pinçar em meus pensamentos, mas não me permite isso. Sustenta-me com firmeza, mas quase com gentileza agora. Odeio gentileza de sua parte. Prefiro brigar. Então sei exatamente onde estamos.

—Responda-me.

Não respondo. Nunca responderei. Odeio-o. Porque quando pensei que o matei, senti-me mais só do que me senti em muito tempo. Como se não pudesse suportar caminhar por esta cidade sabendo que ele não estava nela. Como se, de algum jeito, enquanto ele estivesse por aí em alguma parte, se eu alguma vez estivesse em verdadeiros problemas, sabia aonde poderia ir, e que enquanto possivelmente ele não faria exatamente o que eu queria que fizesse, me manteria viva. Me tiraria do que fosse para viver outro dia. Acredito que essa é a classe de sensação que obtém dos pais quando é criança, se tiver sorte. Eu nunca tive essa sensação. Eu me amontoava em uma jaula, e cada vez que ela se perfumava, maquiava e cantarolava enquanto se vestia, eu estava preocupada de que ela fosse me matar esta vez ao esquecer de mim. Desejava que seu novo namorado fora um nojo para que voltasse mais rápido para casa. Sei que, sem importar as coisas estranhas que Ryodan faz, nunca me esquecerá. É meticoloso. Há muito a dizer a respeito de ser detalhista. Ao menos em meu mundo. Sobre tudo quando sou um dos detalhes.



Não posso afastar o olhar. Como demônios pode estar vivo? Sinto como se ele estivesse revolvendo em meu cérebro. Ver a luz apagar em seus frios e claros olhos no beco detrás do BB&B quase me matou. Senti sua falta. Senti muito sua falta.

Ryodan diz com voz realmente suave:

—Decepcionada ou leal.

Não tenho intenção de morrer.

—Leal — digo.

Deixa-me ir e se afasta. Desabo para baixo, apoiada na parede, limpando as lágrimas do rosto. Dói tudo, o rosto, as mãos, o peito, as costelas.

—Mas vai ter que...

—Não tente negociar comigo agora mesmo.

—Mas não é justo que eu...

—A vida não é justa.

—Mas não posso suportar trabalhar todas as noites!

—Supere.

—Está me deixando louca! Uma pessoa precisa de tempo livre!

—Pequena, nunca se dá por vencida.

—Estou, tipo, viva. Como poderia? —Ponho-me de pé e sacudo o pó de cima. Minhas lágrimas se foram tão misteriosamente como vieram.

Ele chuta uma cadeira para mim.

—Sente-se. Há novas regras na casa. Tome notas. Viola uma e está morta. Confirma o recebimento.

Ponho os olhos em branco e caio na cadeira, passando uma perna de lado. A beligerância é minha.

—Estou escutando — digo com irritação.

Odeio às regras. Sempre me arruinam.

Capítulo 34

“Aonde pensa que vai?

Não sabe que está escuro fora?”¹¹⁴”

Avanço pelo corredor em câmera lenta insultando Ryodan, mas mantendo-o em voz baixa, já que ele está caminhando a meu lado.

As novas regras da casa são a maior pilha de M¹¹⁵ que tenha já ouvi. Segui-las vai me matar. Vai resultar literalmente em minha morte, porque não há maneira de que lembre fazer tudo o que

¹¹⁴ “Where do you think you’re going?”

Don’t you know it’s dark outside?”, da canção “Where Do You Think You’re Going” de Dire Straits.
<http://www.youtube.com/watch?v=V2nNZeULPIk>



ele quer que faça, enquanto faço um segmento de tudo o que não é permitido fazer. Além disso, do “Se apresente a trabalhar todas as noites as oito” está a regra mais ofensiva de todas: “Nunca mais deixará Chester’s sem um dos meus homens”.

—Assim, jamais estarei sozinha, tipo, nunca? —explodi, aniquilada. — Amigo, preciso do meu tempo pessoal. —Estive sozinha a maior parte da vida. Muita gente em meu espaço pessoal começa a me irritar depois de um tempo. Fico nervosa e estranha. E cansada também, como se me desgastassem só de estar ali. Tenho que estar sozinha, ou com uma pessoa como Dancer para me recarregar.

Ele não respondeu.

Outra que realmente me incomoda é que supostamente não devo questioná-lo, ou discutir com ele em público! Estarei morta pela manhã. A única maneira de uma bola de neve no inferno de ter êxito é se começar a usar uma focinheira, ou cortar minha própria língua.

—Pode me dizer o que quiser em privado — disse. — O que é condenadamente muito mais do que permito a alguém.

—Não quero tempo em privado com você.

—Que ruim — disse. —Planejo ter muito disso.

—Por que me incomoda? Por que simplesmente não esquece de mim e me deixa viver minha vida. —É estranho pensar que estive me vigiando desde meus nove anos. Nunca sequer o notei. Ele provavelmente me notou mais que qualquer outra pessoa, incluindo minha mãe.

Outra vez, não respondeu.

Caminho com ele até o fim do corredor no terceiro piso. Para em frente a um painel de vidro escuro e tira um capuz de tecido do bolso. Quando estende a mão para mim, retrocedo e digo:

—Está brincando, verdade?

Ele só olha para mim, até que arrebatou o capuz da mão, eu mesma coloco, e o permito guiar pelo braço.

Sofro a humilhação de ser cegada em silêncio, e me enfoco em absorver cada detalhe que posso. Conto os passos. Farejo através do pesado tecido. Escuto atentamente. Quando subimos a um elevador e baixamos, conto os segundos para poder decifrar a que piso está me levando quando finalmente tiver um pouco de tempo sozinha, e o terei. Não pode ter alguém sobre mim cada segundo de cada dia. Cansará disso. Preciso voltar com Dancer! Preciso falar com Ryodan a respeito de conseguir amostras, mas quando puxei o tema do Monstro de Gelo me disse que guardasse isso.

Quando chegamos a nosso destino e tira meu capuz, estou aniquilada de ver que Ryodan tem sua própria Sala de Guerra, e é obviamente do melhor, perfeição tecnológica, e faz que o nosso pareça estúpido! Uma vez mais estou ciumenta. Há computadores por todos os lados. CPUs, monitores, teclados e não sei o que, são a metade das coisas na sala, e eu sei um montão. Dancer ficaria louco aqui!

¹¹⁵ M: Merda.



Também tem um mapa, mas diferente do nosso, que é de papel, o seu é eletrônico, em um painel de vidro suspenso do teto, de aproximadamente seis metros de largura e três de altura. É um pouco tirado de um filme futurista. Tem muitas linhas, pontos e áreas triangulares marcadas em diferentes cores.

—Sente-se.

Deixo-me cair em uma cadeira atrás de uma enorme mesa de pedra que enfrenta o mapa. Há nove cadeiras ao redor da mesa. Pergunto-me quanto tempo tem esta sala aqui, quantos séculos estes caras, que parecem não ser capazes de morrer, sentaram-se nesta sala e planejaram coisas. Pergunto-me que tipo de coisas gostam de planejar. Golpes de estado? Catástrofes econômicas? Guerras mundiais?

—Assim, Barrons também está vivo — pesco.

—Sim.

—Cara, que demônios? Não sei qual é seu super poder, mas quero que quer que vocês tenham.

—Acredita nisso.

—Sei.

—Nem sequer sabe o que é. Entretanto, pegaria sem ver.

—Como, jamais morrer? É óbvio que o faria!

—E se tiver um preço.

—Amigo, estamos falando da imortalidade. Não há um preço muito alto!

Dá-me um débil sorriso.

—Pergunte-me de novo quando for maior.

—Huh? —digo. — Sério? Quando for maior posso ter o que for que vocês têm? Como, quanto maior? Quinze?

—Não disse que poderia ter. Falei que podia me perguntar. E não, não aos quinze.

—Amigo, me dê um pouco de esperança aqui.

—Acabo de fazê-lo.

Dá um golpezinho a algo em um controle remoto, e de repente já não estou vendo Dublin na grade. Ele afastou o zoom, e estou vendo um mapa dos países ao redor. Há pontos cravados na Inglaterra, Escócia, França, Alemanha, Espanha, Polônia, Romênia, e Grécia. Afasta-o ainda mais e vejo dois, um Marrocos e outro na Noruega.

Deixo sair um assobio baixo, horrorizada. Dancer e eu somente estávamos vendo a imagem pequena.

—Há mais de um Monstro de Gelo.

—Não necessariamente. Acredito que, se houvesse mais de um, estaríamos escutando provas litográficas de todo o mundo e não é assim. Até agora, está confinado nesta região.

—Preciso de amostras do Faery e do primeiro lugar que congelou no Chester'S.

—Explica.

—Dancer e eu revisamos toda a evidência. Há ferro em todas as bolsas e...

—Não.



—Não me deixou terminar.

—Não preciso. O ferro não tem nada a ver nisto.

—Como pode saber isso?

—Porque não há nenhuma só gota de ferro em nenhum lugar dentro nem perto do Chester's.

—Bom, de que demônios está construído este lugar?

—Irrelevante. Além disso — diz. — Se estivesse atrás do ferro, levaria as jaulas do Castelo do Dublin e não o fez. Congelou o lugar e desapareceu. Estudamos o mapa e as cenas por semanas. Não há um padrão, nada em comum. Coloquei meu melhor homem nisso, um profissional das peças chaves. Não pode encontrar um ponto para começar, não vê nenhuma ordem neste caos.

—Quem é seu profissional dos pontos chave? —Quero falar com ele. Fascina-me a teoria dos pontos chave. Se souber onde fazer as fichas de um dominó comecem a cair, é dono do dominó! É óbvio, Ryodan tampouco responde a essa pergunta, assim que conto a teoria do Dancer sobre água salgada e as baleias e de que possivelmente está sendo atraído por algo porque está procurando outra coisa.

—Possível. Mas não o ferro.

—Seus homens estiveram alojando faeries por, tipo, milhares de anos, verdade? Essa é a única razão que este lugar não tem ferro!

—Há outras coisas às que não gostam do ferro. Não só os Fae. Uma pessoa inteligente poderia descobrir que faltam um montão de coisas no Chester's. —Um débil sorriso aparece em seus lábios, e quase tenho a ideia de que está me desafiando a descobrir.

—Amigo, se fico presa aqui o tempo suficiente, farei. —Assinalo para o mapa. —Mostre-me Dublin outra vez. —Quando restabelece o mapa, digo—: Preciso do controle remoto.

Ele pressiona números nele, sem dúvida bloqueando os sistemas, logo me entrega.

—Deixe-me olhar o mapa por um tempo.

Quando se vai, encerra-me.

Horas mais tarde sigo olhando, não mais próxima a uma epifania, quando começo cheirar o aroma mais malditamente assombroso do mundo. Tento me concentrar no mapa, mas não posso. Coloco uma barra de chocolate na boca. Tem sabor de poliestireno¹¹⁶. Não cheirei carne recém-cozida em mais tempo que posso recordar. Nunca a comi na abadia! Em algum lugar no Chester's, alguma pessoa mimada está dando uma festança. Minha boca enche de saliva. Deslizo pela cadeira, deixo cair a cabeça para trás e inalo realmente profundo e lento, fazendo ruídos de lambar os lábios, fingindo que sou a afortunada destinatária. Cheira todo tipo de especiarias! Acredito que qualquer que seja o tipo de carne, está acompanhada de purê de batatas e algum tipo de verdura. Cheiro alho, sal e pimenta, manteiga! Cheiro cebolas e orégano e alecrim! Pensar neste tipo de comida é quase suficiente para me fazer chorar. Estou farta das barras de chocolate e barras de proteínas e coisas enlatadas. Estou tão faminta de comida caseira que nem sequer meus Pop-Tarts de chocolate dão no prego como antes.

¹¹⁶ isopor



Quando a porta se abre e Lor entra, empurrando um carro como os que vemos em hotéis para serviço de quarto, eu só me sento aí e olho, pensando: É esta uma nova maneira de me torturar? Não movo um músculo. Não vou agir como uma idiota. Ryodan provavelmente está a caminho para comer na minha frente só para me fazer sofrer.

Lor para o carro a uns centímetros das pontas de meus sapatos. Tenho que segurar os braços da cadeira para não sair de um salto e atacar o que estiver nesses pratos cobertos.

—O chefe diz que coma.

Levanta a tampa do prato maior e com certeza há carne crepitando como se acabasse de sair da churrasqueira, com acompanhamento de purê de batatas, mais uma mescla de verduras! Há uma terrina com pão quente saído do forno. E manteiga! Quase expiro da pura emoção. Como, o verdadeiro e toda uma jarra de leite! É a imagem mais bonita que acredito que já vi. Olho, contendo o fôlego.

—Está esquelética — adiciona.

—Isso é para mim? —digo com assombro. Ainda não me movo. Tem que ser um truque. A carne é bife de costela, perfeitamente rodeada com gordura. É grosso e tem marcas de churrasqueira e parece como se estivesse cozida à perfeição. Só comi duas vezes em minha vida. Uma vez quando mamãe se comprometeu (não funcionou, o sujeito a deixou, todos o faziam eventualmente), e outra vez quando conseguiu um novo trabalho que pensava que nos tiraria da Irlanda para sempre se economizasse tudo o que ganhava por três anos. Foi despedida depois de um mês e chorou até dormir cada noite durante semanas. Acredito que pensou que se pudesse nos tirar da Irlanda, tudo seria mais fácil. Sei que outras famílias sidhe-seer escaparam. A de Mac o fez.

Lor assente.

Saio da cadeira e me lançou sobre o carro em câmera rápida.

—Menina, se acalme. Poderia querer saborear.

Minhas mãos tremem quando levanto o garfo. Vou direto ao bife, fatiando uma grande parte. O primeiro bocado explode em minha boca, cheio de sucos de carne e pura e succulenta perfeição. Deixo-me cair na cadeira e fecho os olhos, mastigando lentamente, delicadamente ordenhando-o por cada sabor. Sirvo um pouco do cremoso purê de batatas e é o maldito paraíso! O pão está macio e quente por dentro, crocante por fora, e beijado por alecrim como o de mamãe. Pergunto-me quem cozinha por aqui. Pergunto-me onde está a cozinha. Vou roubá-los como louca se a encontrar. Passo manteiga no pão, logo a lambo e unto mais. Tomo um longo e frio gole de leite em minha garganta. Obrigo-me a contar até cinco entre cada gole e bocado. Ocorre-me que nunca vi Ryodan comer. Provavelmente coma como porco em privado. Provavelmente come bifes e leite todos os dias!

—A neve está se acumulando e a temperatura está baixando — diz Lor. — As pessoas estão fazendo fila por cinco quadras, tentando entrar. Os geradores e o combustível se tornaram escassos. As pessoas estão congelando até a morte. É junho em Dublin. Quem demônios acreditaria?

Mastigo reverentemente, escutando-o e olhando para um nada.



—Possivelmente não esteja depois de um elemento como o ferro ou algo. Possivelmente está depois de uma sensação. Possivelmente alguém estava tendo sexo em cada cena, Ou...comendo em cada cena, ou lutando ou rezando Ou... algo.

—Não tem sentido. Não havia vida no campanário.

Sabia. Só me esqueci por um segundo.

—Assim voltamos para o inanimado.

—Assim parece.

Muito rápido, minha comida se acaba. Tenho o melhor sabor em minha boca que jamais tive. Não voltarei a comer outra vez até que seja absolutamente necessário, e não vou escovar meus dentes por um tempo. Quero me deleitar no resíduo de minhas papilas gustativas até que não fique nada. Pode ser que nunca volte a comer este tipo de comida. Depois de recolher cada gota de suco de carne com os últimos restos de pão, Lor pega o carro e se vai.

Quase poderia me deprimir pela sobrecarga de rica comida. Digeri-la me atordoa por um tempo e me estico no chão, olhando para o mapa.

Não posso tirar de cima a sensação de que ainda não estou vendo o panorama completo. Estou deitada ali, olhando um enorme mapa, e sei que há algo nessas cenas que está me escapando ou que estou interpretando mal. Posso senti-lo. Como Dancer, tenho intuições e as escuto. Estava acostumada a passar, quando era pequena, que não podia me concentrar por todas as coisas que podia ouvir ao redor de mim. Quando Ro me acolheu, ensinou-me a bloquear meus ouvidos, silenciar o ruído e me enfocar. A velha bruxa passou umas boas coisas, mas nunca compensarão todas as maldades que fez.

Tiro plugues para os ouvidos de minha mochila. Dancer fez isso de um material que absorve o ruído melhor que os plugues padrão. Os coloco, desconecto-me do mundo, e começo a classificar meus feitos.

Um: não está depois do aço. Não há nada de aço no Chester's. Preciso levar essa informação ao Dancer LSP¹¹⁷.

Dois: não está depois da força vital, porque uma das cenas não tinha formas de vida e duvido seriamente que um camundongo fosse suficiente.

Três: terra, metal, e plástico são os únicos elementos físicos que todas as cenas tinham em comum.

Começo a reconstruir mentalmente cada cena que visitei, as etiquetando e depositando em uma das gavetas mais acessíveis do fichário de meu cérebro, ao lado de onde às vezes Dancer e eu jogamos xadrez sem tabuleiro. É uma parte importante exercitar seu cérebro, querer se manter ágil. Ser preparado é útil, mas se não for mentalmente ágil, não te levará a nenhuma parte, mas sim te deixará preso em seus próprios sulcos mentais.

Em primeiro lugar está o sub clube. Havia mais de cem humanos e Fae ocupados em várias atividades sociais e sexuais. Visualizo a habitação em detalhe, dos cavalos de tortura até os sofás, dos acoplamentos sexuais até a banda que estava tocando na esquina, a comida que estava sobre a mesa, as tapeçarias e os espelhos nas paredes. Procuro algo no clube que possa divisar

¹¹⁷ LSP: "logo que seja possível", em inglês "ASAP", "as soon as possible".



facilmente em cada uma das outras cenas. Possivelmente esteja caçando tapeçarias ou um determinado espelho. Soa estúpido, mas, quem pode dizer o que pode atrair a uma criatura como essa? Possivelmente está maldito e necessita algum objeto Fae sagrado para liberar-se. Nunca sabe com os Fae.

Em seguida está o armazém que foi congelado, povoado sozinho pelo Unseelie e cheio de gavetas e caixas com armas. O que havia nesse lugar que também estivesse no clube? Não havia tapeçarias ou espelhos à vista, mas possivelmente havia uma em uma gaveta em alguma parte detrás de toda a equipe de áudio e aparelhos eletrônicos.

Logo estão os dois pubs subterrâneos com as coisas usuais: bar de madeira, garrafas, goles, bancos, um enorme espelho atrás do bar, pessoas dançando, uns poucos jogando pool em um canto em um lugar, jogando aos dardos no outro. A madeira poderia ter vindo de qualquer parte: os tamboretes, o bar, os quadros emoldurados nas paredes, o piso. O plástico também poderia ter vindo de qualquer parte: tampas de garrafas, cadeiras, pratos, telefones, a lista segue e segue.

A academia tinha três pessoas em um edifício cheio de esteiras e máquinas elípticas e toda tipo de máquinas de pesos e mais ou menos vinte dessas terrinas leitosas de cristal para meditação. Suponho que a madeira nessa cena deveria ter vindo do emoldurado do edifício. Volto e também começo mentalmente a desarmar a estrutura de cada cena, para poder adicionar todas essas coisas à mescla.

—Isto é impossível — murmuro. É pior que procurar uma agulha em um palheiro. Estou procurando uma dúzia de agulhas em dúzias de palheiros diferentes que já nem sequer estão aí porque todos explodem. Por tudo o que sei, poderia estar somente atrás de um copo vermelho¹¹⁸! Têm copos vermelhos somente no Marrocos?

Reviso o resto das cenas e me dou conta de que preciso de mais informação das que aconteceram enquanto eu não estava para poder visualizar. Ryodan pode ter uma incrível Sala de Guerra, mas Dancer já tem listas feitas.

Lástima que estou encerrada.

Olho a porta. Não lembro de ter ouvido Lor fechá-la com chave. Lor gosta de agitar as coisas, mantê-las ativas.

Congelo o quadro para ela, verifico a maçaneta e sorrio.

—Dani, não acredito que esta seja uma boa ideia — diz Jo.

—Disse que não podia sair sem alguém dos seus. Escutando-a falar, ele e você são, como, duas ervilhas em uma Jo-vagem. Isso a faz uma dos seus. É ou não? Porque, conforme entendo, se o cara está se deitando com você todos os dias e não a considera uma dos seus, não só está sendo fodida, é uma estúpida. —Odeio manipular Jo. Quando seu coração está envolvido, é muito fácil. E seu coração está pendurando de sua manga quando se trata do Ryodan. — Cara, esteve fora recentemente? —pressiono. Temos que ir agora. Levou vinte minutos encontrar meu caminho de volta à parte do Chester's desde a Sala de Guerra. Tenho o mau pressentimento de que Ryodan

¹¹⁸ N. do T.: "red Solo cup", copos vermelhos descartáveis usualmente utilizados em festas. Existe uma canção do Toby Keith do mesmo nome na qual o copo é extremamente importante para o cantor.



não planeja me deixar ali por muito tempo, com todos esses computadores. Eu não o faria. Se realmente estivesse presa ali, é com isso com o que estaria me metendo neste momento, tentando hackear seus sistemas. — O mundo está caindo a pedaços. As pessoas estão morrendo! Só quero dar um recado rápido. Isso é tudo. Um diminuto e pequeno recado. Dificilmente tome muito tempo.

—Primeiro irei perguntar se está bem.

—Tem ideia de onde está? Porque não o vi em horas. Não é de manhã? Já foi à parte alta das escadas? Ainda a convoca dessa maneira para uma rapidinha sobre o escritório, ou graduou-a, tipo, fazendo em uma cama e tudo? O que tem ele, alguma espécie de sistema de lista progressiva? Se durar uma semana completa, faz em uma cadeira, e se duras duas...

—Agora só está sendo cruel — diz. — Pare.

—Só dizia. Eu gostaria de vê-la receber um pouco de romance real, Jo. Merece isso. É a garota mais bonita aqui e todos amariam ter um encontro com você. Sabe que ele tem bifés, leite, pão e essas coisas? Comi a melhor janta hoje. Alimenta-a dessa forma?

Ela tenta mascarar sua surpresa, mas não tem êxito.

—Já não está zangado com você?

—Não parece assim de onde estou.

—Bife?

Lambo meus lábios, ainda saboreando-o.

—De costela.

—Leite?

—Amiga. —concordo. — Olha, tudo o que quero fazer é ir ao Dancer e pegar as listas.

—Realmente te deu carne e leite hoje?

Riria, mas é triste. Todas estão tão condenadamente famintas por comida caseira. Quando a primavera começou a verdear as coisas na abadia, as garotas começaram a falar sobre cultivar verduras outra vez. Toda a produção acabou um mês depois da queda dos muros. Se quer assar algo, tem que ativar um gerador para acender o forno. Isso, ou ter qualquer tipo de instalação que Ryodan tenha aqui no Chester's, e inclusive assim, só pode assar coisas que não requeiram manteiga, leite ou ovos. Jo está quase tão furiosa porque ele me deu boa comida como está porque não deu romance.

—Ligaria e pediria a Dancer que as envie com um mensageiro, mas, amiga, não há telefones nem mensageiros. Podemos simplesmente ir? Retornaremos antes que alguém saiba que fomos. E se Ryodan e você realmente são "algo", não te fará passar um mau momento. Vai apreciar uma mulher com um pouco de coragem e independência! —Sim, claro. Ryodan despreza a coragem e a independência. Gosta dos bons e pequenos robôs.

—Deu-te algo mais?

Se eu tivesse sexo com alguém, e essa pessoa desse a alguém, além de mim, comida incrível, estaria absolutamente furiosa. Conforme eu vejo, a intimidade deveria outorgar privilégios. Se não



o fizer, é sozinho peltimidade¹¹⁹ como na televisão, com a gente sempre intercambiando casais e ferindo uns aos outros.

—Morangos frescos e sorvete — minto.

—Sorvete? Está brincando? De que tipo?

Está caindo água com neve quando saímos. Os automóveis abandonados brilham com uma capa de gelo. Árvores esqueléticas reluzem como se estivessem cobertas de diamantes. As tempestades de neve estão se acumulando. Há um grupo de pessoas fora do Chester's, mas é um grupo sombrio e calado e me dou conta de que não são festeiros tentando entrar, são pessoas procurando sobreviver ao que vem. Suponho que já permitiu entrar a todos os festeiros. Envoltas em mantas, vestindo gorros, orelheiras e luvas, estão pessoas que não têm geradores em casa, e o clima se tornou perigosamente frio, enviando-os às ruas em busca de uma fonte de calor antes que seja muito tarde.

Jo e eu olhamos às pessoas ao passar.

—Nos deixem entrar — dizem. — Só queremos entrar no calor.

Pode dizer que há calor no clube, e muito, porque a área sobre o Chester's está limpa de neve. O pavimento é um teto insuficientemente isolado, e o calor que irradia para cima mantém a neve derretida. Inclusive esse sinal nominal de calor é suficiente para manter as pessoas de pé por aí, desejando, esperando.

Há pessoas mais velhas aqui, sem nada que intercambiar por comida, bebida ou o privilégio de passar o momento no Chester's. Os grandes e musculosos porteiros que Ryodan usa fora do clube os devolvem na porta, e um grupo se moveu às ruínas de pedra e madeira livres de neve que costumava a ser o clube sobre a superfície. Têm fogo em latas. Reuniram madeira dos edifícios vizinhos e amontoaram. Parecem como se planejassem ficar um bom momento. Como até que consigam entrar. Parecem muito derrotados para brigar. Um grupo começou a cantar "Amazing Grace"¹²⁰. Antes que passe muito tempo, cinquenta vozes elevam em canto.

—Possivelmente, possa fazer entrar em razão a seu "namorado" e faze-lo deixar essas pessoas entrarem — digo.

—Farei — diz ela. — Ou poderíamos levá-los de ônibus à abadia.

—O que tem que o WeCare? Acaso não os importa uma merda? Não se supõe que dão geradores a mão direita e sinistra?

—Mesmo se estivessem fazendo — diz Jo. — Algumas destas pessoas são muito velhas para sair e conseguir o combustível suficiente para mantê-lo em funcionamento. Esteve longe por semanas. Muito mudou nesse tempo. O clima é tudo do que as pessoas falam. Sobreviver o último inverno não foi tão duro porque as lojas ainda estavam todas cheias, e as noites foram leves. Mas os fornecimentos foram varridos. Não esperávamos o inverno em junho. Todos os geradores desapareceram. As pessoas estão mudando. Estão brigando uns com os outros para sobreviver.

¹¹⁹ .N do T.: surge da mescla de duas palavras: pele e intimidade. Em inglês, seria "skintimacy".

¹²⁰ Amazing Grace: hino cristão do Século XVIII. <https://www.youtube.com/watch?v=ZoHTeNFYpwU>



Precisamos de um verão longo e caloroso para nos dar tempo suficiente para crescer e compilar comida antes que o inverno volte. Precisamos sair e conseguir fornecimentos em outros lugares.

—Vão morrer, Jo. Se não detivermos ao Hoar Frost King, vamos perder a outra metade de nosso mundo. —Olho para trás, para a multidão amontoadá ao redor das latas de fogo sobre Chester's. Uma mãe está ajudando seus meninos a aproximarem-se de um dos barris para que possam esfregar as mãos sobre as chamas. Pessoas mais velhas parecem muito frágeis para estarem caminhando através do gelo e da neve, observam aos meninos com olhos cansados que viram três quartos de século de mudanças, mas nunca nada como o que esteve acontecendo do último Halloween. Homens que parecem como se tivessem sido empregados de escritório em trabalhos de escritório antes que os muros caíssem mantêm o perímetro, rodeando as mulheres, os meninos e as pessoas mais velhas. Agora são todos deslocados. Sem trabalhos. Sem cheques de pagamento. Sem nenhuma das regras segundo as quais estavam acostumados a viver. Parecem exaustos. Desesperados. Isso me mata. Mudam a uma nova canção, outro hino. As pessoas precisam de fé em momentos como este. Não pode dar fé a alguém. Têm-na, ou não. Mas certamente pode tentar dar esperança.

Ela me dá um olhar desolado.

—Se alguma vez houve um momento para que nos deslumbrasse com sua genialidade, é agora.

—Estou trabalhando nisso. Mas preciso de material. Vamos. Voltaremos antes que alguém sequer note que fomos.

Giramos e começamos a caminhar pela rua. Vou ter que deixá-la na superfície. Não vou revelar nenhum dos segredos subterrâneos de Dublin. Mas a levarei tão perto como posso, e a deixarei em algum lugar protegido. A neve range sob minhas botas duas vezes, enquanto me afundo através da neve, gelo, neve, gelo. Ouço Jo atravessar três camadas porque pesa mais que eu. O céu está branco com grossos flocos caindo, formando redemoinhos em um desdobramento vertiginoso se levantar o olhar para segui-los muito tempo. Derretem sobre meu rosto, a única parte de mim que está exposta. Assaltamos o guarda-roupa do Chester's antes de sair, nos envolvendo em capas, colocando gorros, luvas e botas. Se este clima se mantiver, poderíamos terminar com três metros de gelo e tempestade de neve e em um dia ou dois fechará a cidade completamente. As pessoas que não pensaram em sair em busca de calor, congelarão, presas pela neve em seus esconderijos. Se o sol não começar a brilhar logo, esta coisa nunca derreterá. Simplesmente seguirá empilhando-se. O tempo está se voltando mais crítico com cada dia que passa. Não posso acreditar que perdi quase um mês completo na Mansão Branca com Christian! Falando disso, olho ao redor com cautela, revisando todos os tetos, me assegurando que a Bruxa não esteja sentada em um deles, tecendo, ou pior, pronta para lançar-se sobre nós. A maldita e louca cadela estripadora me põe os cabelos em ponta. Tremo.

—Temos que congelar o quadro, Jo. Toma minha mão.

Dá-me um olhar como se estivesse louca.

—Não há forma de que me faça isso! Especialmente não sobre gelo. A metade de seu rosto é um machucado e a outra metade está se recuperando de outro. Viu-se no espelho recentemente?



—Isso não é porque seja descuidada ao congelar o quadro. É pelo estúpido e imbecil do Ryodan.

—O estúpido e imbecil do Ryodan vai quebrar ambas as pernas se der um passo mais — diz Ryodan atrás de nós.

Viro-me rapidamente para ele.

—Por que está sempre me perseguindo?

—Sempre está me obrigando.

—Como segue me encontrando? —Tenho um farol intermitente em minha testa que envia um sinal direto para ele cada vez que desobedeço uma ordem? Nego-me a acreditar que desde que me mordeu, possa me rastrear aonde eu vá. Esse é um pensamento sufocante. É incorreto e injusto.

—Retorna dentro. Agora.

—Não me encontrou na Mansão Branca. —Uma lâmpada acende em minha cabeça. Estive ocupada com outras preocupações, ou teria trazido lembrado antes. — Não pode rastrear-me no Faery! —É por isso que estava tão zangado. Quase golpeio o ar com o punho de tão feliz que estou. Tenho uma zona segura. Se alguma vez precisar me ocultar dele, Faery é o lugar para ir. — E você é o que sempre está me fazendo fazer coisas que me fazem ter que fazer outras coisas que não são as que quer que faça. Não é minha culpa. Só estou reagindo a você.

—Ali está seu primeiro engano. Aprende a agir, pequena.

—Estou agindo. Estou tentando fazer algo sobre nossos problemas.

—E você, Jo — diz suavemente. — Deveria saber melhor.

—Deixe-a fora disto — digo.

—Ajudou-a a me desobedecer.

—Não o fez. Porque, verás, não desobedeci. “Disse que podia sair com um dos seus”. Está dormindo com ela todos os dias, e se isso não a faz uma dos seus, então, precisa deixar de se deitar com ela. Ou é ou não, e não pode ter os dois. Não tem a oportunidade de ter sexo com a pessoa e logo descartá-la. Assim. É Jo uma dos seus? Ou só outro pedaço de traseiro em sua interminável linha?

—Dani, pare — adverte Jo.

—Merda, não, não vou parar. —Estou tão zangada que estou vibrando. — Ele não a merece e você merece algo muito melhor! —Não ajuda que atrás do Ryodan as pessoas com as latas de fogo tenham mudado de canção uma vez mais, e agora estejam trovejando com uma comovedora interpretação de “Salve Glorioso São Patrício”, aplaudindo as mãos e golpeando as latas com partes de madeira, ficando todos buliçosos. Quanto mais forte cantam, mais esquento meu temperamento. — Sempre está pressionando todos outros ao redor, mas nunca ninguém o censura. Eu digo que já é hora. Ou importa ou não, e precisa dizer qual é. Quero saber qual é.

—Ela importa — diz Ryodan.

Jo parece pasma.

Isso me zanga ainda mais. Parece toda sonhadora e apaixonada outra vez. Qualquer um poderia ver que ela não é seu tipo.



—Mentiroso, não importa!

—Dani, quieta — diz Jo.

Conheço-o. Sei como me enganou. Está discutindo sobre coisas sem importância. É óbvio que ela é importante. Mas não disse “para mim”. Importa para o clube, por razões mercenárias, porque é uma garçonne.

—Importa-se, tipo, emocionalmente? A ama?

—Dani, pare agora mesmo! — diz Jo, horrorizada. Ao Ryodan diz—: Não responda. Sinto muito. Só ignora-a. Isto é tão vergonhoso.

—Me responda — digo a Ryodan. As pessoas dos hinos realmente estão passando bem agora, dançando e balançando, e quase tenho que gritar para ser ouvida. Mas está bem. Tenho vontade de gritar.

—Pela merda — geme Ryodan sobre o ombro. — Não podem ir cantar em algum outro lugar?

—Querem entrar — digo. — Vão morrer em sua porta porque é muito imbecil para salvá-los.

—O mundo não é minha responsabilidade.

—Obviamente. — Ponho vinte tipos de censura verbal nessa única palavra.

—Ela queria ir encontrar Dancer — diz Jo. — Acredito que é importante. Algumas vezes tem que confiar nela.

—A ama? — pressiono.

Jo geme como se fosse morrer de vergonha.

—OH, Deus, Dani, se cale!

Espero que ria de mim, que diga algo ofensivo, que me lance um insulto de volta em meu rosto, mas só diz:

—Defina amor.

Olho diretamente a esses claros e frios olhos. Há algum tipo de desafio ali. Não o entendo. Mas a definição que quer é fácil. Tive um montão de tempo em uma jaula para pensar nisso. Uma vez, vi um programa de televisão que dava a definição perfeita, e a digo agora.

—O cuidado ativo e a preocupação pela saúde e o bem-estar do corpo e coração de outra pessoa. Ativamente. Não passivamente. — Em resumidas contas, lembra dessa pessoa todo o tempo. Nunca a esquece. Tem em conta sua existência a cada hora de cada dia. Sem importar o que estiver fazendo. E nunca a deixa presa em algum lugar para morrer.

—Pensa no que isso abrange — diz. — Prover comida. Teto. Amparo dos inimigos. Um lugar para descansar e curar.

—Se esqueceu da parte do coração. Mas não esperava outra coisa. Porque não tem um. Tudo o que tem são regras. OH, e sim, mais regra.

Jo diz:

—Dani, não podemos só...

Ryodan a interrompe.

—Essas regras mantêm às pessoas vivas.

Jo tenta outra vez.



—Olhem, meninos, acredito...

—Essas regras estrangulam as pessoas que precisam respirar — digo, falando por cima dela. Ninguém a está escutando de todos os modos.

Repentinamente, ele me pega pela gola de minha roupa, pendurada no ar, meus pés pendurando sobre o chão, nossos narizes tocando-se.

—Segundo sua própria definição — diz. — Você tampouco ama ninguém. Um argumento poderia ser feito de que só faz uma dessas três coisas com as pessoas mais próximas a você: converte-os em seus inimigos, matas às pessoas que amam, ou faz que os matem. Cuidado. Está sobre um gelo mais fino do que jamais estive comigo.

—Por que estou perguntando se ama Jo? —digo friamente, como se não estivesse pendurada indefesa por minha camisa. Como se ele não acabasse de me lançar um malvado golpe baixo.

—Não é seu assunto, Dani — diz Jo. — Posso cuidar de mim...

—Tira a cabeça do traseiro e veja o mundo — diz Ryodan.

—Eu sim vejo o mundo — digo. — O vejo melhor que a maioria das pessoas sabe. Desça- me.

—... mesma perfeitamente. —Agora Jo também está soando um pouco zangada.

—E por essa mesma razão, é mais cega que a maioria — diz Ryodan.

—Isso não tem sentido. Amigo, ainda estou pendurada aqui. —Tento tocar o chão com a ponta dos pés, mas acredito que estou uns quantos centímetros por cima.

—Não vê o bosque por causa das árvores.

—Não há bosque. As Sombras o devoraram. Deixe ir. Não pode simplesmente pendurar às pessoas no ar quando quiser.

Solta-me tão abruptamente que tropeço sobre o gelo e quase caio, mas me pega e me põe sobre meus pés outra vez. Sacudo o braço para tirar sua mão.

—Não precisa haver amor — diz Jo. — Algumas vezes não é sobre isso.

—Então, não deveria estar se deitando com ele!

—Com quem me deito é meu problema — diz Jo.

—Eu não me “deito” com ninguém. Eu fodo — diz Ryodan.

—Obrigada por essa elucidação tão necessária — digo com irritação enjoativa. — Ouve isso, Jo? É fodida por ele. Nem sequer tem a decência de se deitar. Fodida. Lisa e sinceramente. —Estou além da ira. Estou vendo através de uma neblina vermelha. A maldita gente das latas de fogo está cantando tão alto que dificultam minha capacidade de pensar corretamente. Quero Dancer. Ryodan está me deixando louca. Jo é um caso perdido. Dublin está morrendo.

Não posso suportá-lo mais, assim golpeio Ryodan no nariz.

Todos nos congelamos de certa forma por um segundo, e nem sequer eu posso acreditar que acabo de fazer retroceder e golpear Ryodan sem advertência e sem provocação real. Ao menos não mais da que sempre me dá.

Então, Ryodan captura meu braço e começa a me arrastar de volta para o Chester's, parecendo mais zangado do que alguma vez o vi, mas Jo toma meu outro braço, tratando de detê-



lo, gritando com ele e gritando comigo. Estou escorregando e deslizando sobre o gelo, tentando tirar isso de cima.

Avançamos a tropeções através dos montões de neve, brigando um com o outro, quando repentinamente, o dia fica nebuloso e não posso ouvir nenhum som dos que estamos fazendo. Minha boca se move e nada sai. Tampouco posso ouvir às pessoas das latas de fogo. Nem sequer posso ouvir minha respiração em meus ouvidos. O pânico aperta meu peito.

Ryodan e eu olhamos um ao outro e temos um momento de perfeita comunhão, como Dancer e eu temos às vezes. Sem necessidade de palavras.

Parecemos do mesmo material. Na batalha não há outra pessoa com quem queira estar. Nem sequer Christian ou Dancer.

Agarro Ryodan e ele me agarra, e fazemos um sanduiche da Jo entre nós.

Então, saímos daí congelando o quadro como se o diabo estivesse em nossos calcanhares.

Ou mais precisamente, o Hoar Frost King.

Capítulo 35

“Ela me cegou com ciência”¹²¹

Como se estivéssemos encadeados juntos ou algo, Ryodan e eu paramos aproximadamente a três quartos da quadra. Avançamos o suficiente para escapar do perigo, mas permaneceremos o suficientemente perto para poder ver Chester's.

Para quando jogamos um olhar para trás, é muito tarde. A temperatura onde estamos parados acaba de cair uns trinta graus. O Hoar Frost King está desaparecendo em uma fenda no ar em cima da rua, a uns noventa metros de distância. A névoa é aspirada, a mancha escura volta para um portal, a fenda se desvanece e o ruído retorna ao mundo.

De certa forma. Jo está chorando, mas parece como se estivesse fazendo dentro de uma bolsa de papel debaixo de uma pilha de mantas.

Um dia, no campo perto da abadia, uma vaca me deu uma cabeçada no estômago porque me choquei com ela congelando o quadro perto e a despertei, assustando-a. Agora me sinto da mesma maneira: não posso fazer entrar ar em meus pulmões. Sigo tratando de inflá-los, mas estão tão planos como panquecas coladas. Quando por fim me acerto para respirar, é com um grande fôlego que soa oco e equivocado, e está tão frio que queima ao baixar.

Olho a rua com desalento.

Todos estão mortos.

Todos e cada um deles estão mortos.

A parte superior do Chester's é uma escultura de estátuas congeladas rodeada de gelo e silêncio.

¹²¹ “She blinded me with Science”, da canção de Thomas Dolby. <http://www.youtube.com/watch?v=V83JR2IoI8k>



—Merda, não! —explodo, gemendo ao mesmo tempo.

Onde, até uns momentos atrás, as pessoas estavam falando e cantando, preocupando-se e planejando, vivendo, pela merda, vivendo, não fica uma faísca de vida. Cada homem, mulher e menino que nos rodeava está morto.

A raça humana se reduziu em outras poucas centenas.

Hoar Frost King: 25. Humanos: 0.

Dublin será uma maldita cidade fantasma se isto seguir assim.

Fico olhando. Vultos, cavanhaques e pilares brancos, as pessoas estão cobertas de geada e logo lustrada com uma grossa camada de gelo brilhante. Pedacos de gelo penduram de suas mãos e cotovelos. Suas respirações são colunas geladas de cristais esmerilhados no ar. O frio que irradia a cena é doloroso, inclusive daqui, como se parte de Dublin acabasse de ser inundada no espaço exterior. As crianças estão congeladas, amontoadas ao redor das latas de fogo, esquentando as mãos sobre elas. Os adultos estão congelados, os braços ao redor uns dos outros, alguns cambaleando, outros aplaudindo. Está inquietantemente silencioso, muito silencioso. Como se toda a cena estivesse pesadamente desconcertada e todo o ruído estivesse sendo absorvido.

A meu lado, Jo está chorando de maneira suave e bonita. É o único ruído na noite, diabos, soa como se fosse o único ruído no mundo inteiro! É de imaginar que ela chore como um elegante gato. Eu choramingo como um cão mucoso, com grandes sons úmidos e de sucção, não com pequenos suspiros e miados. Fico aí em silêncio, tremendo, apertando os dentes e formando punhos com as mãos para evitar choramingar.

Retiro-me como o faço sempre que as coisas são muito para mim. Finjo que não há pessoas sob toda essa geada e gelo. Nego-me a permitir que o que aconteceu me toque, porque a dor não vai salvar Dublin. Finjo que são peças de um quebra-cabeça. Nada mais que evidências. É a maneira de evitar que ocorra de novo, se posso interpretar as pistas que deixaram. Mais tarde, de novo serão pessoas para mim e farei uma espécie de memorial aqui.

Eles só queriam calor.

—Deveria tê-los permitido entrar — digo.

—Especula por que veio a este lugar neste momento — diz Ryodan.

—Especular, meu traseiro. Amigo, é mais frio do que eles estão! E não é essa a pergunta do milhão de dólares? —Não posso olhá-lo. Se tivesse permitido entrar, não estariam mortos. Se eu não tivesse estado ali discutindo sobre coisas estúpidas e passando mais tempo convencendo-o para que os deixasse entrar, não estariam mortos. Tremo e fecho o botão superior de meu casaco, debaixo de meu pescoço e esfrego a geada da ponta do nariz. — Nossas vozes parecem ruins?

—Todo parece mal. Toda a rua parece mal.

—Isso se deve a que está mal — diz Dancer atrás de mim. — Massivamente mal.

Viro-me.

—Dancer!

Ele me dirige um ligeiro sorriso, mas não ilumina seu rosto como de costume. Parece cansado, pálido e tem círculos escuros sob os olhos.



—Mega. Alegro-me de vê-la. Pensei que fosse voltar. —Olha Ryodan, e logo a mim com uma expressão curiosa.

Movo a cabeça para um lado e encolho os ombros. O último que quero que faça é que fale sobre o assunto que disse que Ryodan morreu. Lê-me bem, como sempre. Mais adiante ruminaremos sobre como demônios Ryodan sobreviveu a uma evisceração.

—Estava voltando...

—Não, não era assim — diz Ryodan. — Agora vive no Chester'S.

—Não.

—Tive que ir a um lugar — diz Dancer. — E pensei que possivelmente veio por mim, mas não viu a nota que deixei.

Trato de dar um sorriso que diga quanto estou feliz de vê-lo, mas sai hesitante.

—Eu também, Mega.

Sorrio então, porque sempre estamos na mesma onda.

—Ela vive comigo — diz Christian, de algum lugar por cima de nós. — Sou o único que pode cuidá-la.

Olho para cima, mas não o vejo.

—Cuido de mim mesma. Não vivo com ninguém. Tenho minhas próprias guaridas. O que está fazendo aí acima?

—Rastreado a Bruxa. Tentando encontrar uma maneira de apanhá-la. É rápida, mas não peneira.

Enrijeço, e olho ao redor com cautela. Isso é tudo o que precisamos agora mesmo.

—Está aqui?

—Se trouxe essa cadela louca perto de mim outra vez. —Ryodan não termina a frase. Não precisa fazê-lo.

—Deixei-a no sul da cidade. Tecendo. Vai estar ocupada por um momento.

Há um repentino e plano movimento no ar, e instintivamente me faz agachar, como uma lebre ante um falcão. Acredito que o som feito pelos voadores alados da Caça Selvagem está marcado no subconsciente sidhe-seer. Estou polvilhada com neve negra.

—Christian, tem suas asas! —São enormes. São incríveis. Pode voar. Estou tão ciumenta que quase não posso suportar.

Ele inclina a cabeça e me olha. Não vejo nada humano em seu rosto.

—Não diga como se fosse uma puta vida maravilhosa. Não ouviu nenhum sino tilintando. O que ouviu foi o som de um demônio, não um anjo, recém-nascido. E como qualquer outro recém-nascido, precisa de colostro¹²². —Dá-me um olhar que suponho que é um sorriso. — OH, e você, doce pequena, é o leite da mãe¹²³.

De repente, parece com o mais lindo e arrumado sujeito que vi na vida, e pisca. Ele está de pé ali, um metro noventa e cinco de príncipe Unseelie com cabelo negro e pele bronzeada, com

¹²² . Líquido amarelado e opaco segregado pela glândula mamária durante o período final da gravidez e os primeiros dias depois do parto.

¹²³ N. do T.: em inglês, "mother's milk", expressão que refere a um pouco extremamente necessário.



asas gigantescas, aterradores olhos iridescentes e brilhantes tatuagens que se movem como uma tempestade debaixo da pele, mas estou vendo um bonito Highlander. Mais ou menos. Isto é novo. Não é uma explosão de sua natureza Fae morte-por-sexo. Esta é uma controlada...

—Está projetando glamour! —Golpeia-me com uma explosão de erotismo que quase me dobra os joelhos. Está aprendendo o controle, e rápido. Muito rápido para minha comodidade. Tomo minha espada. — Apaga!

—Por você. Hoje. Não sempre. E lembra quem te devolveu isso, moça.

—Toca-a, e cortarei as asas e as utilizarei para varrer o piso do Chester's — diz Ryodan.

—OH, a tocarei. E quando fizer, não será capaz de fazer uma maldita coisa para me deter — diz Christian.

—Ninguém vai me tocar — digo. — A menos que eu o diga. Não sou propriedade pública.

—O que acontece com todos vocês? —diz Jo. — As pessoas acabam de serem assassinadas frente a nós e todos estão muito ocupados discutindo...

—Humanos — interrompe Christian. — Uma perda de espaço, de todos os modos. —Olha Ryodan. — Está vivo. Lástima. Tinha a esperança de que a Bruxa acabasse com você para sempre.

—Não por acaso.

—Deveria tê-los deixado entrar — diz Jo ao Ryodan. — Então, não estariam todos mortos.

—Não me diga o que fazer — diz Ryodan, suave.

—Tem razão — digo. — Deveria tê-los deixado entrar. —O brilho de dor nos olhos de Jo me deixa louca. — E não se enfureça com ela.

—Certo, idiota — diz Christian. — Deveria tê-los deixado entrar. —Quando dou um olhar, encolhe os ombros. — Estou sendo solidário, garota. É parte de uma relação sã.

Ponho os olhos em branco.

—Não temos uma relação e não preciso do seu apoio.

—Se os tivesse deixado entrar, a coisa poderia ter entrado seguindo o que o atraiu para eles em primeiro lugar, e ter congelado todo o maldito clube — diz Ryodan.

Tem razão, mas não vou admitir.

—Não se zangue com ela — digo de novo. — Seja amável com Jo.

—Posso cuidar de mim mesma, Dani — diz Jo.

—Por difícil que possa parecer — diz Dancer. — Temos problemas maiores que seus egos. Ouçam. Temos que falar. Entremos. Está condenadamente frio aqui fora.

Ryodan o olha duramente um segundo e posso dizer pela expressão em seu rosto que não gosta do que está vendo com sua estranha visão de raios X.

—Qualquer coisa que tenha pode ser dita aqui. Agora.

—É tão idiota — diz Dancer. — Periodicamente tenho a breve ilusão de que poderia ser mais inteligente. Breve.

Jo e Christian olham Dancer como se pensassem que tivesse desejo de morrer. Ri, mas o mantenho baixo. Ryodan parece enormemente irritado e eu não estou de humor para ser carregada sobre um ombro. Quero ouvir o que Dancer tem para dizer, porque para que ele me busque, é importante. Olho para trás à cena congelada e perco a risada imediatamente. Todas



essas pessoas mortas fazem me sentir mal do estômago. Morreram em um segundo, sem razão. A morte é suficientemente má. Morrer por nada acrescenta sal à ferida.

Olho a escultura de gelo. Esta evidência está tão fresca como jamais estará. A manhã em que todos esses Unseelie foram congelados no Castelo do Dublin, não cheguei a examinar a cena. Quero me aproximar tanto quanto possa hoje, sem congelar o quadro porque aquela noite na igreja quando baixei a câmera lenta e quase morri, parecia que podia sentir melhor as coisas.

Movo-me pela rua, sabendo que me seguirão: Dancer porque quer me dizer coisas, Jo porque é... bom, Jo; Ryodan e Christian porque têm algum tipo de problema de propriedade sobre mim, como se eu fosse um super automóvel que ambos têm o título de propriedade. Estão tão enganados que é risível.

Abro meus sentidos sidhe-seer. Quase sou asfixiada por um sentimento de... equívoco. Como se às coisas congeladas faltasse um ingrediente essencial, como se já não fossem tridimensionais, só recortes de papelão parados na rua.

—Fala, menino — diz Ryodan ao Dancer.

Sei que Ryodan o irrita porque está deixando claro que fala comigo.

—Depois que se foi, Mega, fiquei sentado ali durante horas, olhando. Sabia que me faltava algo. Não estava olhando as coisas bem. Comecei a pensar em como cheguei Dublin o outono passado para visitar a Trinity¹²⁴ e ver o que me parecia seu Departamento de Física. Queria saber se eu gostava dos professores e laboratórios, se possuíam equipe suficientemente boa para o tipo de investigação em que planejava me especializar. Não que nada disso seja relevante agora. Agora é só um hobby. Nunca cheguei a revisar o lugar, porque dois dias depois que cheguei, os muros caíram e ir à universidade se converteu em um ponto bastante discutível.

—Pelo amor de Deus, acha que me importa quem é — diz Ryodan.

—O tipo é tão mau como diz, Mega — diz Dancer.

Paro uns cinco metros das pessoas congeladas e olho ao redor. Jo e Dancer pararam uns três metros mais atrás e tremem miseravelmente. Ryodan e Christian estão ao meu lado. Estou bastante segura de que Ryodan poderia ir mais longe que qualquer de nós, mas não faz. Quando exalo, meu fôlego se congela em uma coluna suspensa. Doem os ossos pelo frio e meus pulmões ardem. Não posso dar um passo mais sem congelar o quadro. Estremeço, assimilando tudo. Que elemento está presente nesta cena que também esteve presente em todas as cenas que foram congeladas? A resposta está aqui, me olhando na cara, se puder tirar os antolhos de minhas ideias preconcebidas e vê-lo.

Há madeira, plástico, metal e terra por toda parte. Mas eu sei que não é tão simples.

Não há espelhos. Não há tapeçarias. Não há paredes. Não há tapete. Não há móveis reais de nenhuma classe. Não há Unseelie. Uma cena bastante simples, realmente. Gente amontoadas ao redor de latas de fogo para manter-se quente. Havia fogo nas outras cenas? Ao igual à feia Mulher Cinza é atraída pela única coisa sem a que foi criada, a beleza, é o Monstro de Gelo atraído pelo calor que alguma vez poderá ter?

—Assim finalmente foi e revisou a universidade? —pergunto.

¹²⁴ Trinity: Trinity College, uma universidade de Dublin.



—Sim. Fui ao seu laboratório de análise óptica. O lugar é um sonho. Queria saber o que estava acontecendo às coisas que foram congeladas a nível molecular. Por que ainda estavam frios. Por que parecia mal.

Considero e refugio a teoria do fogo rapidamente. Ocorrem-me cinco cenas nas que não havia fogo presente. Escavo em minhas lembranças, procuro o arquivo onde pus as imagens reconstruídas das cenas e as pego em uma tela imaginária no interior de minha cabeça. Percorro-as enquanto escuto, para trás e adiante, as dividindo, analisando.

—O que encontrou?

—A Trinity estava mais ou menos intacta. Parece que as pessoas não roubam coisas que não respondem a suas necessidades mais imediatas. Fechei com cadeado tudo o que queria guardar para mim antes de ir. Têm sistemas laser Femtosecond ultrarrápidos! A configuração é doce. Quase tudo aquilo com o que sempre quis brincar está ali. Cara, têm um FT-IR ¹²⁵conectado a um microscópio infravermelho Nicolet Continuum!

—Cara — digo com admiração, embora não tenho nem ideia do que acaba de dizer. Volto a olhar além de minha tela mental para a cena em minha frente, me perguntando se estas pessoas também viram vir, como muitos dos outros. Devem tê-lo visto. Debaixo do gelo, suas bocas estão abertas, os rostos contraídos. Ao final estavam gritando. Silenciosamente, mas gritando igual.

—Com suficientes geradores funcionando, não houve nenhum tipo de espectroscopia que eu não pudesse realizar — diz alegremente Dancer.

—Que diabos é a espectroscopia? — diz Christian.

—O estudo da interação entre a matéria e a energia radiada — diz Dancer. — Queria excitar as moléculas para poder estudá-las.

—Que... excitante — diz Ryodan.

—Prefiro excitar mulheres — diz Christian.

—Isso me excita como a merda — digo. — Não riam do Dancer. Ele pode pensar em círculos ao redor de vocês. Provavelmente poderia descobrir como excitar suas moléculas e tirá-las.

—A excitação — diz Dancer. — Pode ser obtida mediante uma série de meios. Eu estava especialmente interessado na temperatura e na velocidade, interessado na energia cinética de nossos detritos das bolsas ziplock. Pensei que o estado fundamental dos átomos poderia me dizer algo.

Tem que amar a um menino que diz coisas como "cinética" e "detritos".

—O que é a energia cinética? — diz Jo.

—Tudo vibra, todo o tempo. Nada está imóvel. Os átomos e íons estão constantemente desviando-se de sua posição de equilíbrio — explica Dancer. — A energia cinética é a energia que um objeto possui devido a seu movimento.

—O som é um tipo de energia cinética — digo. Frequentemente me perguntei a respeito das propriedades de minha capacidade de congelar o quadro, por que posso utilizar a energia da maneira que o faço, de onde a obtenho, como pode meu corpo criá-la, mas não o de outra pessoa. Estou fascinada pelos diferentes tipos de energia, o que podem fazer, como tudo o que nos rodeia

¹²⁵ *espectroscopia óptica*



está em constante movimento, embora seja a um nível minúsculo. — Quando dedilha uma guitarra, as moléculas são perturbadas e vibram na frequência como vibram nessas circunstâncias. Sua energia cinética cria som.

—Exatamente — diz Dancer. — Outro exemplo de energia cinética é quando faz soar um chicote de várias maneiras específicas de movimento, o som que produz se deve a que uma parte do chicote está se movendo mais rápido que a velocidade do som, e cria uma pequena explosão sônica.

—Não sabia. —Agora estou ciumenta de um chicote. A velocidade do som é de mais de mil e cem quilômetros por hora! Eu não produzo explosões sônicas. Quero ser um chicote. Eu gosto da ideia de andar por aí fazendo explosões sônicas por toda parte. Não posso acreditar que nunca me dissesse isto antes.

—Será melhor que isto vá a alguma parte — diz Ryodan.

—Faz — digo. — Dancer não perde tempo.

—Está perdendo o meu.

Algo está mordiscando a borda de meu cérebro. Alivia-me saber que estas pessoas morreram rapidamente e sem sofrimento, porque acabo de calcular a trajetória mais provável do atalho do Hoar Frost King, de onde o vi desaparecer, e estava errada em minha primeira hipótese. Não há maneira de que estas pessoas o vissem vir. Nenhum deles estava olhando na direção que veio. Morreram instantaneamente, sem consciência do que os matou. Estou aliviada. A diferença de mim, a maioria das pessoas não parece querer viver sua morte em câmara lenta. Mamãe dizia que esperava morrer enquanto dormia, fácil e sem dor. Não foi assim.

—Nunca vai acreditar o que descobri — diz Dancer. — Estava olhando diretamente os resultados, e mesmo assim me negava a aceitá-lo. Segui revisando, verificando provas diferentes, provando diferentes objetos. Voltei e tomei mais ziplocks e também testei essas coisas. Os resultados foram os mesmos uma e outra vez. Sabe o que é o zero absoluto, verdade, Mega?

—Como, este lugar onde estou parada? —digo, mas não digo a sério, porque se o fizesse, não estaria parada aqui. Estaria morta. Franzo o cenho, estudando a cena, tratando de dar sentido a algo. Se não o viram vir, por que estavam gritando? Sentiram o mesmo pânico sufocante que eu senti no Castelo do Dublin antes que chegasse?

—Não é o zero absoluto só uma teoria? —diz Christian.

—Tecnicamente, sim, porque toda a energia nunca pode ser eliminada. A energia do estado fundamental segue existindo, embora o esfriamento por laser conseguiu produzir temperaturas de menos de uma bilionésima parte de um grau Kelvin.

—Uma vez mais, qual demônios é o ponto? —diz Ryodan. — Está dizendo que estas cenas estão sendo esfriadas até o zero absoluto?

—Não. A única razão que o mencionei foi ilustrar a conexão entre o frio extremo e a atividade molecular, e o fato de que inclusive no frio mais extremo possível, todos os objetos ainda têm algum tipo de energia.

—E? —diz Jo.



—A nível molecular, os escombros deixados pelo Hoar Frost King não têm absolutamente nada de energia. Nada.

—Isso é impossível! —digo.

—Sei. Fiz os testes uma e outra vez. Testei várias amostras de cada cena. Fui ao Castelo de Dublin, tomei partes do Unseelie da neve e os pus a prova também —diz. — Estão inertes, Mega. Não há energia. Não há vibrações. Nada. Estão imóveis. Mais mortos que mortos. As coisas que estive provando não podem existir, e, entretanto, tinha-as em minhas mãos! A física, como a conheço está sendo reinventada. Estamos na soleira de um novo mundo.

—Assim crê que é atraído pela energia e a come? Como combustível, possivelmente a utiliza para poder mover-se através das dimensões? —diz Jo.

Dancer sacode a cabeça.

—Não acredito que seja tão simples. A maioria das cenas que congelou não possuíam uma reserva impressionante de energia. Se procurasse energia, há um número infinito de lugares mais ricos nesse combustível. Minha hipótese é que a ausência de energia quando se desvanece é um efeito secundário, e possivelmente completamente involuntário do que esta fazendo, algo tangencial a seu objetivo primitivo.

—Tive a mesma impressão com meus sentidos sidhe-seer no Castelo de Dublin, que não era maligno, ou destruía intencionalmente. Senti que era enormemente inteligente e que estava à caça de algo.

—Qual o objetivo principal? —diz Ryodan.

Dancer encolhe os ombros.

—Oxalá soubesse. Não fui capaz de descobrir. Ainda. Estou trabalhando nisso.

—Bom, o que supõe que façamos? —diz Jo, olhando ao redor. — Tem que haver algo!

—Ficar parados, esperando que a maldita coisa decida aparecer enquanto estamos procurando, então golpeá-lo com o que tivermos na mão nos dois segundos que está aqui em nosso mundo? —diz Christian com desgosto. — Pelo menos eu sei o que a Bruxa Carmesim quer. Tripas, preferivelmente imortais. —Lança um olhar a Ryodan. — E sei o que utilizar como isca de peixe.

—Eu também — diz Ryodan.

—Do que estão falando? —diz Jo, seu olhar indo do Christian ao Ryodan. — O que é a Bruxa Carmesim?

Dou-me conta de que não viu meu Jornal da Dani. Tampouco sabe que Ryodan alguma vez esteve morto. Não tem ideia de que seu "namorado" é imortal. Guardo essa bomba para o momento perfeito. Também decido que vou passar muito tempo com Christian e Ryodan, esperando que a Bruxa venha atrás deles. Eu a deixei solta. Eu sou quem tem que enviá-la de volta ao inferno.

Ryodan diz ao Dancer:

—Trabalha mais rápido. Volta para seu laboratório e me encontre uma resposta. Dublin está se convertendo na Sibéria e a coisa acaba de depositar um montão de merda congelada em cima de meu clube.



—Ao menos não congelou a porta — digo. — Porque então não poderíamos voltar a entrar. Ryodan me lança um olhar que diz que ele sabe que eu conheço a forma de voltar a entrar.
—Prova com um lança-chamas — diz Christian. — Faz seu trabalho. Até que tudo exploda.
—Falando disso, alguma ideia sobre o que faz explodir as cenas? —pergunto ao Dancer.

—Acredito que cria uma espécie de vazio energético onde as coisas ficam instáveis. Como falei, a física não está funcionando bem. É possível que os objetos reduzidos a nada de energia sejam frágeis, e quando são alterados pelas vibrações dos objetos ao redor, explodam. A falta de energia também pode ser como uma falta de "cola" necessária para manter a matéria unida. Exceto que nestes casos estão cobertos de gelo. Uma vez que essa casca está comprometida, tudo se desfaz. Quanto maior for a perturbação das moléculas que rodeiam a cena, mais violenta será a explosão. Você entrando congelando o quadro para estudar a cena geraria uma perturbação de vibrações significativa.

Às vezes me escapam as coisas mais óbvias. Quantas cenas explodiram quando Ryodan e eu estávamos nos movendo em câmara rápida através delas, e eu alguma vez somei dois mais dois? Reflito sobre o que Dancer acaba de me dizer, mastigo com outros poucos fatos, mesclo tudo bem para ver o que obtenho.

O Hoar Frost King não deixa energia atrás de si quando desvanece. Extraí de tudo o que congela.

R'Jan disse que quando o RE atacou lugares no Seelie, os Fae não foram só assassinados, mas sim foram apagados como se nunca tivessem existido.

As duas vezes que vi aparecer à RE, todo o som desapareceu. Nenhum de nós podia ouvir nada. Dancer confirmou um terceiro caso de silêncio similar e as sequelas de som oco no evento do WeCare que foi testemunha.

Por que deveria desaparecer o som? Por que tudo deixava de vibrar no instante em que aparecia RE? Por que as coisas deixariam de vibrar? Por que estava sugando energia? O que é exatamente o que está fazendo RE? O que o atrai para onde está sendo atraído? Qual é o maldito fator comum? Até que o decifremos, não teremos esperança de detê-lo. Somos alvos fáceis.

Examino o quadro congelado ante mim. preciso de respostas e as necessito agora. Antes de ir à Mansão Branca, poderia ter tido um pouco de tempo para jogar com isto, mas desde que estive fora, as coisas em minha cidade se tornaram críticas. Há muita neve e o frio está fazendo muito extremo, e se o RE não matar às pessoas, o frio fará.

Quantas centenas, inclusive milhares de pessoas mais morrerão antes que decifremos como detê-lo? O que acontece se logo vai à abadia? E se se leva Jo? O que acontece se os geradores de todo o mundo ficam sem combustível e todos morrem encerrados, sozinhos?

Suspiro e fecho os olhos.

Estremeço-me. O que preciso ver está justo a minha frente. Posso sentir. Simplesmente não estou olhando com os olhos corretos, com os olhos claros que não sofrem conflitos. Preciso de um cérebro como o meu e olhos como os do Ryodan.

Concentro-me na parte traseira de minhas pálpebras, absorvo o cinza neles e me fecho em um casulo com isso. Construo um útero calmo onde posso começar o processo de apagar a mim



mesma, de me separar do mundo; aquele em que existo e que sou parte da realidade, e tudo o que vejo está colorido por meus pensamentos e sentimentos.

Afasto tudo o que sei sobre mim mesma, tudo o que sou e me afundo em uma caverna tranquila em minha cabeça, onde não há corporeidade, não há dor.

Nessa sombria cova, não visto um casaco comprido de couro negro, ou roupa íntima de caveiras e ossos cruzados, ou faço brincadeiras. Não amo ser uma super-heroína. Não acredito que Dancer seja bonito e não sou virgem, porque na realidade nem sequer existo.

Nessa cova, nunca nasci. Não morrerei.

Todas as coisas são destiladas até sua essência.

Entro em minha cabeça e me converto nessa outra eu, aquela que não conto a ninguém.

A observadora.

Ela não pode sentir fome em seu estômago, ou músculos com câibras por estar em uma jaula durante dias e dias. Ela não é Dani. Ela pode sobreviver a tudo. Não sente nada. Vê o que está diante dela somente e exatamente pelo que é. Seu coração não se quebra um pouco cada vez que sua mãe se vai, e ela não põe um preço muito alto para a sobrevivência.

Não me deixo ir, e a busco com frequência, porque uma vez fiquei presa ali e ela se fez cargo e as coisas que fez...

Vivo no terror de que um dia não voltarei a ser Dani.

Mas, maldição que é inteligente! Dura, também. Vê tudo. É difícil ver como ela faz. Faz-me sentir como um fenômeno. Acredita que sou uma covarde. Mas nunca me afasta quando venho.

Abro os olhos e estudo a cena. Ela é uma receptora. As coisas entram e saem. Ela as processa. Sem ego ou identidade. Nada, exceto um quebra-cabeça aqui, e todos os quebra-cabeças podem ser resolvidos, todos os códigos decodificados, de todos os cárceres se pode escapar. Não há um preço muito alto para o êxito. É um fim e há médios, e todos os meios estão justificados.

Os fatos, vazios de emoção, tomam um aspecto completamente diferente.

Gente batendo latas. Golpeando o ar com os punhos. Alguns aplaudem. Outros se esquentam. Recolho e refugio. Nu até sua essência.

Seus corpos estão dobrados e movendo-se em formas que sugerem movimento intencionado, inclusive relaxado, não a tensão muscular e instintiva e a flexão do esqueleto do pânico. Todos aqueles, cujas bocas estão congeladas abertas, parecem estar formando uma alongado E. Seus olhos estão quase fechados e os tendões estão tensos no pescoço.

Eu não podia vê-lo, mas ela sim.

Está aí, a nossa frente. Esteve ali todo o tempo. Ela pensa que é óbvio e que eu sou estúpida. Eu acredito que ela é uma louca sociopata.

Tenho minha resposta, mas não posso me regozijar nela porque ela não sente. Fecho os olhos para me desprender, mas ela não me permite isso. Quer ficar. Pensa que está melhor equipada que eu. Tento abandonar a cova, mas ela esconde todas as portas. Visualizo luzes brilhantes ali, como aquelas na parte superior do BB&B. Ela as apaga.

Abro os olhos, porque não posso suportar a escuridão.



Ryodan está me olhando com força.

—Dani — diz. — Está bem?

Ele utiliza um sinal de interrogação completo, sem adulterar, um interrogatório que se eleva como o de uma pessoa normal, e essa simples coisa penetra. Surpreendem-me as coisas que a agitam. Isso afrouxa seu cabo sobre mim e me libero. Suponho que meu senso de humor é mais da Dani, não dela, que qualquer outra coisa em nós, porque quando ele entra em minha mente, ela parte. Por uns poucos segundos fugazes e sei que vou esquecê-la de novo. Acredito que ela me faz esquecê-la e que não a recordarei até que precise, ou seja empurrada muito longe.

Logo já nem sequer sei isso.

Reproduzo todas as cenas arquivadas, procurando, e encontrando, essa única coisa em comum que tomou tanto tempo ver. Estava frente a mim todo este tempo, mas não podia deixar atrás meus prejuízos. Vi o que esperava ver e isso não era o que era absolutamente.

—Santas frequências congeladas, Dancer! —digo levemente. — Está bebendo Slurpees ¹²⁶de som!

—O que? —diz Dancer.

Nenhum deles estava gritando. Toda mundo que acreditei que estava gritando pelo medo e o horror ao final, estavam cantando.

A música muda sob meus pés. Uma canção de heavy metal acaba de começar no Chester's e as vibrações aumentam tanto em ritmo como em intensidade. Sinto que o sangue abandona meu rosto.

Se tiver razão...

E tenho razão.

Há milhares de pessoas debaixo de nós, no Chester's, e embora não estou realmente impressionada por sua escolha de estilo de vida, a carreira em que estamos agora precisa que todos os seres humanos fiquem.

—Temos que apagá-lo! —digo. — Temos que apagar tudo agora mesmo! Amigo, temos que fechar Chester's!

Capítulo 36

*"OH o tempo fora é espantoso"*¹²⁷

Além da janela gravada com gelo de meu quarto, gordos flocos de neve flutuam preguiçosamente para o chão. A diferença de mim, eles não conhecem urgência. Na abadia, a neve obedece a uma simples diretiva principal: cair sem cessar. Começou dois dias depois de que Sean foi trabalhar no Chester's, e não parou em vinte e três.

¹²⁶ Slurpee: bebida congelada de vários sabores.

¹²⁷ "Oh the weather outside is frightful": do cântico "Let It Snow". <http://www.youtube.com/watch?v=dxVxu2qvaFQ>



Meu coração sofre uma acumulo similar, com frio acumulando-se em perigosos vales e sulcos. Apesar de nossos esforços por fazê-lo retroceder, o inverno cobra mais de nosso mundo com cada dia que passa. O nosso se reduziu a caminhos abertos a pá entre paredes brancas cobertas de gelo até a cintura. Não sei como navegar neste novo terreno. Temo que os duendes da neve de minha avó espreitem nestes rumos, à espera de levar aqueles que se desviam para o cego branco invernal.

Sean não foi capaz de chegar à abadia, nem pude sair durante quinze dias. Aventuramo-nos no campo com tochas e serras, só para procurar madeira de árvores caídas congeladas, para que possamos manter nossos fogos ardendo. Acabaram a gasolina, os geradores calados em um silencioso aviso dos tempos auspiciosos que já não desfrutamos. Temos poucas e preciosas velas, e faltam ingredientes para fazer mais. Se não fosse pelas baterias que Dani passou semanas armazenando obsessivamente como amparo contra as Sombras faz meses, possivelmente todas estaríamos mortas, incapazes de nos proteger a nós mesmas das amorfas aparições que ainda possam espreitar dentro de nossos muros, embora ainda não vislumbramos nenhuma desde noite que Cruce foi enterrado no sepulcro subterrâneo. Alguns dizem que o Rei Unseelie as levou quando se foi. As pessoas podem ter esperança.

A noite ficamos reunidas em salas comuns para conservar os fornecimentos. É impossível dizer quando esta neve parará. O céu está negro noite ou tormenta chumbo, exceto pelo ocasional raio de brilhante luz solar atravessando as nuvens. Se não removermos logo o peso acumulado do teto da capela, perderemos tanto o teto como os suportes interiores. O gelo triturrará nosso altar, e a tempestade de neve se apoderará de nossas bancas. Esta manhã cedo, as vigas rangeram e geraram uma canção sombria enquanto orava: Deus, me conceda a serenidade, sabedoria, força, coragem e fortaleza.

Mas nem tudo é neve em nossa abadia. OH, não.

Nem tudo é frio dentro ou fora de nossas paredes.

Minha ala da abadia está cerca de dezoito graus, sem um fogo ardendo.

Meus aposentos estão próximos aos vinte e seis, sufocantes para alguém nascido e criado na Ilha Esmeralda. Limpo minha testa, e coloco úmidas mechas atrás de minhas orelhas. Desabotoo o primeiro botão de minha blusa e toco ligeiramente minha pele.

Além da janela, o mundo de fogo cristalino se eleva sobre a abadia, reluzindo tão brilhante como os diamantes em um caprichoso raio de sol. Entre isso e o muro perimetral de meu quarto, a neve brilha por sua ausência.

Nesse estreito limite, a erva cresce.

Erva, pelos Santos, verde como o trevo de São Patrício! Verde Kelly como o trevo disforme que simboliza a missão e a integridade de nossa ordem de Ver, Servir e Proteger.

Contra a argamassa que se desmorona contra a parede de meu dormitório, sensuais flores em tom de amora e orquídea, cereja e Bizâncio se inclinam e balançam com flores tão pesadas em delicados caules que se arqueiam e assentem, enganosamente doces em uma brisa tão em conflito como minha alma, temperada um momento, gelada ao seguinte.



Se eu abrisse a janela e separasse o vidro chumbado, o cheiro que flutuaria me intoxicaria. As flores cheiram a especiarias que me fazem pensar em tapetes persas e terras longínquas, onde se fumam cachimbos de água no café da manhã e os sultões mantêm haréns, e a vida é preguiçosa, licenciosa, e de curta duração.

Mas bem vivida, diria Cruce.

Seco o suor das mãos e aliso um plano sobre a mesa senhorial da Rowena. Devo saber e não quero saber se o que comecei a suspeitar é verdade.

Embora o BFI esteja atado a uma parte de terra que foi queimada até um brilho negro de porcelana, lisa como um forno, se alguém se aproximasse, não sentiria o calor. O mundo de fogo está contido.

Entretanto, entre o BFI e nossa abadia cresce essa repugnante erva apesar da neve, essa erva sobre a qual Cruce me tenta suavemente em meus sonhos, em meio a flores perfumadas onde me faz sentir coisas pelas quais me desprezo quando chega o amanhecer.

Não sou sábia nas formas da geografia. Sei onde está o leste quando sai o sol. Sei onde está o oeste quando se põe.

Rowena protegia muitos segredos, fazendo soar as chaves no bracelete de poder que mantinha no pulso, sustentada sobre nossas cabeças, até o dia em que morreu. Descobri um esconderijo em seu dormitório quatro noites atrás quando, desesperada por resistir outro tortuoso sonho, ocupei-me estudando cada centímetro do apartamento da Gran Mestra, em busca de pistas reveladoras de painéis falsos ou pisos retráteis. No falso fundo de um armário de séculos de antiguidade encontrei mapas, esboços e planos, de muitos de lugares que me desconcertam, nos quais sou incapaz de adivinhar seu interesse.

Também aí dentro encontrei as plantas da abadia, em cilindros e encadernados em grandes volumes planos, tanto do Piso Superior como do Inframundo. É o plano da câmara subterrânea e as passagens adjacentes, onde o Sinsar Dubh uma vez esteve enterrado, sobre o qual agora coloco o esboço transparente que preparei que minha sala.

Aliso-os juntos para que se encontrem, esquina com esquina, e pressiono a língua ao paladar em um protesto silencioso, uma técnica que aperfeiçoei quando era mais jovem para não gritar quando era arremessada pela intolerável emoção de outro.

O quarto de Cruce está debaixo de meu dormitório!

A pergunta implora: o falso verão que faz crescer a erva e florescer as flores vem do adjacente mundo de fogo ou do príncipe de gelo debaixo?

Decido que possivelmente possa suportar Ryodan, ao menos hoje, porque quando digo feche Chester's, o tipo nem sequer me faz outra pergunta!

Ele rodeia o perímetro da escultura de gelo e se dirige diretamente para a porta de metal no chão. O gelo termina a uns cinco metros dela, pelo que estou realmente agradecida, porque a entrada que não se supõe que conheça está muito longe daqui. Demanda muita navegação subterrânea. E conhecendo-o, desde que ouviu que eu sabia da existência, é provável que a tenha



fechado e fez seus homens abrirem outra. Mas também a encontrarei. É como um jogo comigo. Que ele tente ocultar coisas só me deixa mais decidida às encontrar.

Sigo-o, feliz de que ele tome minha palavra com as coisas. Jo e Christian certamente não o fazem. Estão atrás de mim, com perguntas que Dancer tampouco está respondendo, acredito que porque ainda está ocupado organizando todas as ramificações do que acabamos de descobrir. Isso, ou está tão obcecado como eu por conseguir que cada coisa em nossas imediações seja apagada o antes possível.

Ainda me faltam alguns dados que não acredito que possa reunir, já que todas as cenas explodem. A especulação bem pode ser tudo o que tenhamos para trabalhar. Sei que Hoar Frost King gosta do sorvete, mas não sei de que sabor. E estou bastante segura de que é suscetível. Ou teríamos sido congelados faz meses.

Sigo Ryodan a seu escritório, onde corta a energia dos subclubs. Com cada golpe na tela do computador, outro subclub desliga e é tudo o que posso fazer para não soltar uma gargalhada e gritar, especialmente quando o subclub de crianças fica escuro e em silêncio.

As luzes baixam. A música para.

As pessoas, as malditas ovelhas que deveriam ter tirado as cabeças dos traseiros semanas atrás e ter-se unido para salvar nossa cidade, protestam vociferantemente. Alguns só seguem dançando como se nada tivesse acontecido, como se estivessem ouvindo música em suas cabeças.

Outros encolhem os ombros e voltam virtualmente para transar na pista de baile, com metade da roupa, como se todos quisessem ver seus traseiros magros pelos Bebês de Papa Roach!

—Posso falar com todos os clubes de uma vez? —digo. — Tem algum tipo de sistema de megafonia aqui?

Ele me dá um olhar que diz: boa tentativa, como se alguma vez fosse te permitir se dirigir a meus clientes em massa.

Rio baixo. Tem razão. Poderia destrambelhar estas pessoas durante horas.

—Tem que explicar — digo. — Têm que entenderem o que enfrentam. Tem que contar a eles do Hoar Frost King, e que não podem sair e fazer ruído, ou do contrário poderiam morrer. E tem que dizer como as cenas explodem, assim, se alguém sai, não fará nada estúpido com as pessoas congeladas ali acima e ser metralhado! E não esqueça de dizer que, inclusive aqui, precisam manter-se tão calados como podem e...

Ryodan pressiona um botão no escritório.

—Não haverá nenhuma luz ou música até novo aviso. —Solta o botão.

—Isso é tudo? —digo. Que bom que não está escrevendo o Jornal do Ryodan! Através do chão de cristal, observo às pessoas sussurrarem zangadas. Muitos estão bêbados e não gostam deste novo desenvolvimento. Querem pão e circo. É por isso que vêm aqui. — Chefe, que merda foi isso? Possivelmente poderia, tipo, dizer que não se vão ou morrerão?

Ele volta a pressionar o botão.

—Não vão embora, ou morrerão.



Há um embaraçoso silêncio nesse momento, como se todos pensassem que ele é Deus ou algo assim, e as pessoas e Fae deixam tudo o que estão fazendo e sentam. Só depois de um longo momento, começam a falar de novo.

—Acredito que deveria fechar as portas — diz Jo. — Não deixá-los sair por seu próprio bem.

—Preferiria que se fossem. Menos para atraí-lo aqui.

—Se quiser que te diga o que fazer para manter este lugar seguro — digo. — Melhor mantê-los a salvo.

—Pensei que estava desgostosa pelas pessoas que vem ao meu clube.

—Seguem sendo pessoas.

Ele pressiona o botão uma vez mais.

—Se saírem, serão assassinados. Se fizerem ruído, serão enviados fora. Não me irritem.

Simples assim, Chester's fica completamente em silêncio.

Parte 3

Não há canções de ninar para deitar as crianças.

Não há hinos para estar de luto pelos mortos.

Não há blues para aliviar a dor.

Não há rock and roll pelo que viver.

Sem música, todos seríamos

Sociopatas ou mortos.

O livro da chuva

Capítulo 37

"O som do silêncio"¹²⁸

Chamo minhas sidhe-seers a reunir-se na capela, debaixo das beiras quebradas.

Nosso santuário pôde alojar escassamente a metade de nós em uma época. Sentada agora entre ordenadas filas de majestosos pilares de marfim, aquelas que ficam são tragadas em um volumoso silêncio que ecoa, exceto pelo gemido das vigas e a ressonância oca de minhas pegadas enquanto caminho pelo corredor central que conduz ao santuário no leste litúrgico da igreja.

¹²⁸ "Sound of Silence" da canção Simon And Garfunkel. <http://www.youtube.com/watch?v=FaSFzp6IDgw>



Olhos apagados e desesperados seguem meu progresso. Minhas garotas ocupam os onze bancos dianteiros da nave. Os fantasmas de queridas amigas encham o resto. Foi um duro inverno, seguido pela brincadeira de uma primavera fracassada.

Agora esta incessante neve!

Sinto-me mais forte na capela.

Aqui, o divino desafia ao diabo em nossa porta. A fé é uma chama inextinguível em meu coração. Embora Cruce me seguindo aqui duas vezes, estes pisos sagrados permanecem inviolados. Não foi capaz de entrar.

Relicários de marfim polido e ouro, adornados com pedras preciosas, atendem o altar. Mais estão refugiados nos sacrários onde uma vez as velas piscaram, até que nos vimos obrigadas às roubar para outros fins. Estas urnas e caixas mantêm ossos sacrossantos e partes de tecido de Santos canonizados não pela Santa Sede¹²⁹, mas sim por uma igreja mais antiga. Não sofro nenhum conflito por residirem junto a ossos aceitavelmente venerados. Os ossos são ossos, e as boas pessoas são boas pessoas. Rogo a todos que velem por nós em nosso tempo de necessidade.

Entro em coro elevado no santuário e me aproximo do facistol¹³⁰. Não temos energia para o microfone, mas já não é necessário, já que minha voz chegará claramente às poucas filas dianteiras ocupadas.

Ficamos duzentas e oitenta e nove.

Choraria se tivesse lágrimas, mas são drenadas até secar cada amanhecer quando acordo, exausta, manchada de sêmen que não é meu por direito e de culpa que é sim. Sêmen daquele que acaba de colocar seus dedos na pilha de água benta e agora risca uma cruz em sua frente, nos lábios, no coração!

Ele viola meu santuário. Ironiza meus rituais.

Seus dedos não explodem em chamas, nem é golpeado por raios de retribuição celestial e banido ao inferno como Satanás deveria ser. Acreditava que não podia atravessar a porta. Divertiu-se me enganando ou reuniu força para projetar-se?

Pisca-me o olho enquanto caminha pelo corredor central. Perto da cruz se detém e desdobra suas asas.

Anjo escuro. De asas escuras e alma escura.

Em minha igreja.

Em minha igreja!

As garotas sussurram. Volto-me consciente de que meu olhar está fixo em Cruce, o delicioso, nu Cruce, parado no centro de minha capela, as asas ocupando o corredor, esticando-se a metade do caminho ao céu, e minha primeira emoção é o pânico. Não devo deixá-las saber que o vejo ou Margery me substituirá!

Passo meu olhar sobre os bancos e sob minhas barreiras para poder conhecer o estado de seus corações. Estive amortecendo suas emoções por meses, porque conheceram tanta ira, tristeza e temor ultimamente, que não posso suavizar à inundação diária.

¹²⁹ Santa Sede (ou Sede Apostólica): alude à posição da Batata em tanto Cabeça Suprema da Igreja Católica.

¹³⁰ Facistol: suporte de livro grande onde fica o livro ou os livros de canto nas Iglesias.



A ansiedade me golpeia. A vergonha me rouba o fôlego. Pressiono dedos trêmulos contra o oco da garganta para liberar um fecho escondido ali que controla minhas respirações.

Vejo claramente pela primeira vez em mais de um mês.

Se sou a única que vê Cruce, deveria ser destituída.

Se não for, se outras também o virem, e mantive meu silêncio todo este tempo, deveria ser condenada.

Por que é renomada a guerra?

Ele divide. Corta na metade e converte em inimigos inclusive irmãos e irmãs, pais e filhos. Guerra dividiu minha família desde que nasci. Possivelmente, de fato, estive-me prestando pouca atenção.

Qual é a melhor maneira de dividir?

Rocky, o primo de Sean, possuía um relógio de ouro e diamantes gravado com seu credo. Prometeu-se, apesar da educação, linhagem ou riqueza, que toda presa caía indiscriminada nesta simples estratégia: isolar a marca.

O silêncio é o melhor isolante.

Coloquei-me em suas mãos?

Ele está arrogantemente seguro de mim, seguro de nossa cumplicidade privada. Quanto deve estar satisfeito, quando cada manhã permaneço como um isolado bloco neste inverno que reclamou nosso mundo!

Volto-me para as mulheres ao meu cuidado.

—Quem entre vocês vê Cruce parado no corredor?

Ryodan convoca uma reunião em uma das salas do segundo piso. Nunca vi tal silêncio no clube. As pessoas parecem sozinhas, sem falar. As luzes estão baixas, e toda a música está apagada. Não posso sentir a mínima vibração em meus pés. Um suave resplendor irradia do teto ao piso. Ele tem algum tipo de iluminação metida em tubos atrás das molduras. Sempre assumi que possuía geradores gigantes em algum lugar, e que simplesmente não podia sentir a vibração sobre a forte e incessante música. Se não forem geradores, o que está mantendo as luzes acesas?

—Amigo, pensei que estava apagando tudo.

—Tudo está apagado.

—O que está alimentando as luzes que seguem acesas?

—A maior parte do Chester's funciona com energia geotérmica¹³¹.

Golpeio-me na testa com o extremo de minha palma. É óbvio. Ele tem os melhores brinquedos. Por que não escavaria até chegar ao centro da Terra e aproveitaria a energia planetária? O sujeito vive, tipo, para sempre!

Jo, Dancer, Christian e eu nos unimos a seis dos homens do Ryodan. Cada vez que Jericho Barrons não entra na sala comigo, exalo um suspiro de alívio. Um destes dias vai acontecer. É inevitável. E um destes dias, será provavelmente com Mac ao seu lado. Está bem. Vivi a maior

¹³¹ Energia geotérmica: energia que pode obter-se mediante o aproveitamento do calor do interior da Terra.



parte de minha vida sob a ameaça de “um destes dias” por uma razão ou outra. Os super-heróis o fazem.

Ryodan envia a três de seus homens abaixo ao clube para manter a ordem, e envia aos outros três ao dia gelado para rastrear o ruído que encontrarem e apaguem. Jo ajusta suas ordens com: “E tragam para Chester’s a qualquer pessoa que descubram para que possamos mantê-la com vida”.

Observo-o muito cuidadosamente quando ela adiciona algo a suas ordens, como se tivesse o direito. Como se ela fosse sua namorada e eles fossem uma equipe, para salvar o mundo juntos ou algo assim. Veremos se seus homens a obedecem. Se voltarem com um grupo diverso de sobreviventes, poderia ficar impressionada. Não posso ler seu rosto. É como se ele o tivesse fechado totalmente para mim.

Nega-se a me permitir ligar uma impressora e tirar um Jornal da Dani. Discuto, mas Jo tem um ponto: ninguém vai aventurar-se fora, a menos que seja absolutamente necessário de todos os modos, assim, o tempo perdido imprimindo e postando seria melhor usado colocando todos para fazer um plano. Quando se converteu na Srta. Voz da Razão? OH, e a Garota Glamourosa! Quando tira o casaco e desenrola o cachecol, seus seios não estão brilhantes, mas certamente tem um sutiã que o realce!

—Slurpees de som? Dani, o que está passando? —diz Jo.

—Está sendo atraído pela música — digo. — A princípio, pensei que era atraído pelo canto, mas não. Está depois de um componente da música. Ondas de som. Frequências. Quem sabe, possivelmente uma só nota. E o som não precisa ser feito por uma pessoa. Pode vir de um estéreo, um instrumento musical, os sinos de uma igreja, o rádio de um automóvel, inclusive um Unseelie gritando uma nota o suficientemente alta para fazer o cristal em pedacinhos.

—Como no Castelo de Dublin, a noite em que congelou as jaulas — diz Christian. Esteve calado, mas posso sentir o mau gênio saindo do cara. Ainda que esteja mantendo a calma.

—Exatamente. Ou poderia ser atraído pelo tinido de terrinas de cristal.

—O ginásio — diz Ryodan.

—Correto. Ou o som de alguém tocando um tanque, golpeando uma panela e cantando.

—As pessoas lavando roupa — diz Dancer.

—E o estranho artefato de arame ao redor da cabeça do tipo não era um dispositivo médico para um pescoço lesado. Era um suporte de gaita — digo. — Com sua banda no início, a pequena família conseguiu fazer o ruído que atrai ao Hoar Frost King.

—Então, por que não congelou todo o clube? —diz Christian.

—Suponho que é atraído por um som específico. Da mesma maneira que eu gosto do cereal Life, mas não o Chex. Os dois são pequenos quadrados de bondade crocante, mas seguro como a merda que não são iguais para meu paladar. E toda a equipe de áudio de seu armazém deve ter estado conectado e ligado. Na igreja onde quase morri, estavam cantando e tocando o órgão. Em todos os bares subterrâneos havia uma banda ou um estéreo soando.

—As pessoas do WeCare também estavam cantando e tocando o órgão —diz Dancer.



—Então, como averiguamos que ruído gosta? —diz Jo. — Todas as cenas explodiram, verdade?

—Não acredito que precisemos fazê-lo — diz Dancer. — Só temos que estabelecer algum lugar e fazer uma enorme variedade de sons. Esperar a que venha.

—Grande ideia, menino — diz Christian. — Então ficamos todos condenadamente congelados!

—Não necessariamente — diz Ryodan.

—O que quer dizer? O que está pensando? —A expressão de cachorrinho de olhos rasgados de Jo diz que pensa que ele é a pessoa mais inteligente que conheceu. Por favor! Dancer é a pessoa mais inteligente que conheceu, e eu sou a segunda.

Quando ele nos diz, eu só sacudo a cabeça.

—Não funcionará — digo.

—Na realidade, Mega — diz Dancer. — Poderia fazer.

—Mentira. Ele está assumindo um montão de coisas.

—Acredito que vale a pena tentar — diz Dancer.

—Está defendendo-o? —digo.

—Só a ideia, Mega.

—Está certo de que pode obter isto? —pergunto ao Ryodan. — Sabe quantas coisas poderiam sair mal?

Ryodan me dá um olhar.

Jo empalidece.

—Está louco. Está falando de liberar um monstro para destruir outro.

—O mundo está convertendo-se em gelo — diz Ryodan a Jo. — Se isto continuar, o Hoar Frost King terminará o que Cruce começou: a destruição do mundo. Às vezes tampa o buraco de qualquer forma que possa, e se preocupa por arrumar o navio depois. Se as opções são afundar-se hoje ou amanhã, eu tomarei amanhã.

Ele e eu pensamos parecidos muitas vezes. Nunca direi isso.

A mim, diz:

—Você e o menino consigam o que precisamos. Quero estar preparado para o anoitecer.

Sou atacada pela complexidade vermelha da ira de Margery.

Fica de pé para exigir minha imediata renúncia como Gran Mestra, mas antes que possa incitar o escândalo pelo que vive, uma a uma as cabeças se inclinam e as mãos se levantam. Bandeiras brancas de rendição são içadas, até que cada mulher tem seu braço por cima da cabeça exceto uma. Minha prima recupera seu lugar no banco, os punhos apertados em bolas de nódulos brancos em seu colo.

Abro com uma abordagem direta e estreita. Sua fúria não tem fundamento, dirigida em sua totalidade para mim. Ela acreditava que era a única. Castiga-me pelas maneiras lascivas de nosso inimigo. É uma idiota em muitas maneiras para numerar: nos assuntos da infidelidade, se um



homem se afastar, não é culpa da mulher com que se deita. Um coração digno evita a tentação, apesar da magnitude. Claramente, meu coração não é digno.

Desprezo-a ela e olho a minhas garotas com remorso e resolução.

Em meu silêncio, falhei. Não foi somente a mim a quem isolei. Cortei-as umas das outras.

—Alguna de vocês disse a alguém mais?

Não ouço respostas e não preciso de nenhuma. Posso dizer por seus rostos que nenhuma delas falou disso. Convertemos em um grupo de ilhas reunidas em nossa vergonha, comendo, trabalhando e vivendo lado a lado, em completa desconexão. Por mais de um mês, cada uma de nós liderou a mesma batalha infernal, e em lugar de compartilhar essa carga, sofremos sozinhas.

—Permitimos nos separar — digo. — Era exatamente o que ele queria. Mas acabou. Descobrimos seu engano e agora estamos unidas contra ele.

As enormes asas de Cruce se agitam. É o único som que alguma vez o ouvi fazer a uma imagem projetada dele. OH, sim, nosso inimigo está recobrando força com cada dia que passa!

Uma vez mais, me pergunto se se trata de Cruce ou a presença do BFI o que causa o crescimento da erva. Se se tratar do BFI, poderia sua localização sobre a jaula de Cruce também estar debilitando a integridade dessas barras de gelo? Não me permiti visitar sua câmara desde última vez que Sean e eu fizemos amor. Sem meu amante para me ancorar, não arrisco nada.

Este ardiloso, ardiloso príncipe ideou uma maneira de convocar um fragmento de mundo de fogo para liberá-lo? Se eu fizesse a longa descida às vísceras da abadia hoje, o que encontraria?

Escuridão, musgos, e ossos?

Nenhuma barra onde uma vez existiu uma?

—Devemos deixar a abadia? —exclama Tanty Anna. — É a única maneira de escapar dele?

—É nosso lar! Não podemos ir! —protestou Josie.

—Aonde iríamos? Como chegaríamos ali? Em trenós de cães? —diz Margery.

—Já não ficam cães. As Sombras comeram todos — diz Lorena.

—Essa foi uma brincadeira. O ponto é que não podemos ir — diz Margery. — Sob nenhuma circunstância. Este é nosso lar. Não permitirei que ninguém me afaste dele!

De novo, volto um enfoque estrito sobre ela. Desejaria que nos desvanecêssemos, não importa como nem por que disso, enquanto ela tivesse a ele para si mesma. Não foi dissuadida em forma alguma pela inconstância de seu afeto.

Toco ligeiramente meu pescoço, na frente. A temperatura na capela está aumentando. Cheiro a flores, picantes e doces.

Não posso mover Cruce. Mas posso e farei algo sobre o AFI.

Devo encontrar uma forma de contatar Ryodan e seus homens. Ele já tem a meu Sean. Que mais pode me roubar?

Moveremos o mundo de fogo, enviaremos de volta por onde veio, e terei minha resposta, se a erva morrer. Mundo de fogo ou príncipe de gelo; qual está superaquecendo nosso lar? As Parcas gargalharam quando costuraram a tapeçaria que congelou nosso maior inimigo em nosso porão e logo estacionou um aquecedor por cima?

Não acredito que os fragmentos do Faery sejam de um só sentido.



Se pode ser preso, certamente pode ser rebocado.

Capítulo 38

"Incediando a casa"¹³²

Nosso êxodo desde o Dublin é sombrio.

Não é fácil deixar a cidade. Requeremos um pequeno exército de nós para batalhar nossa saída.

Antes de ir, criamos chamarizes de sons nos limites norte, sul e oeste da cidade, em vizinhanças abandonadas onde ninguém vive. Dancer os instala, transmitindo de uma fonte de rádio central. Inclusive Ryodan está impressionado, fazendo me sentir super orgulhosa de que Dancer seja meu melhor amigo! Com sorte, será suficiente para evitar que o Hoar Frost King seja atraído por todo o ruído que temos que fazer para escapar da prisão nevada em que se converteu Dublin.

Faço uma rápida parada no botequim Cock & Bull e pego algo da parede que estive morrendo por ter desde que Dancer mencionou. É o único lugar que eu podia recordar ter visto um chicote, montado como arte junto a um conjunto de gigantes chifres de touro. Não tenho dúvidas de que será útil de algum jeito. E se não, então o que? Não posso resistir a fazer algo se mover mais rápido que a velocidade do som. As explosões sônicas estão tão feitas para mim!

Os motores das caminhonetes rugem, raspando um caminho para que os Humvees e os ônibus possam avançar entre montões de neve empilhados em enormes bancos, congelada até ser sólida como rocha. As ruas estão intransitáveis com essa coisa, e ainda cai, aterrissando grossa sobre nosso para-brisa. Temos homens adiante, conduzindo máquina de limpar neve e caminhões que dispersam partes de sal. Não tenho ideia de onde encontraram a equipe. Não temos essa aula de neve. Conhecendo Ryodan, tem tudo escondido em algum armazém, preparado para toda e qualquer eventualidade, inclusive o aparentemente impossível.

Tenho que admitir, eu gosto disso dele. Estou acostumada a me sentir como a única vê as coisas difíceis vir, e sempre estou procurando inclinar a balança a meu favor. É bom saber que alguém mais também está se preparando.

Ele tem razão. O buraco tem que ser abafado porque o navio está afundando. Outros quantos dias, e não estou segura de que nosso êxodo fosse possível. Estaríamos congelados por dentro. Odeio o plano que estamos a ponto de pôr em ação, mas temos que fazê-lo. Às vezes, quando todo o inferno está se desatando, somente nos resta desatá-lo um pouco mais.

Antes que seja muito tarde.

Quando chegarmos à abadia e dissermos o que vamos fazer, Kat terá uma completa crise.

¹³² "Burning down the house": canção de Talking Heads. <http://www.youtube.com/watch?v=xNnAvTTajJM>



A noite traz uma aurora boreal violeta a nossa casa. Chamas de cor berinjela e genciano piscam sobre a brilhante camada de neve coberta de gelo, como nas ondas de um oceano de alabastro.

Reunidas nas janelas de nossa sala comum, para observar o baile dos vapores violáceos. Estou consternada ao me dar conta de quanto tempo passei em meu quarto no mês passado, para não trair as visitas de Cruce. Não vi que todas nos separávamos por razões similares. Nossa abadia se tornou inquietantemente silenciosa e solitária comigo, sua líder, sem me dar conta. Nunca mais me permitirei esquecer que o isolamento é o primeiro passo à derrota.

Esta noite nosso visitante indesejado está ausente. É a primeira noite em semanas que não seguiu meus passos. Sabe que estamos zangadas e que sua presença só nos faria se irritar mais. Margery também está ausente. Enfrentarei à vespa em nosso ninho quando amanhecer. Ela e eu chegaremos a um acordo ou irá.

Esta noite, abrimos nosso precioso contrabando de milho selado em frascos no final do verão passado, abrindo-os com azeite sobre o fogo. Fazemos da noite uma celebração, enfraquecidas pelo último de cidra escaldada sobre uma fogueira, condimentada com canela e cravo. Comunhão, calor, bons aromas no ar, contribuem a uma sensação de gratidão e esperança, e nos religamos à família que uma vez fomos com nova apreciação. Agora que todos sabem que Cruce estava exercendo sua sedução sobre cada uma de nós, já não estamos divididas pela culpa.

Quando ouço o rugido de motores aproximando-se da abadia, temo pela segurança de minhas garotas, e peço que se retirem à cafeteria enquanto vou à porta. Três daquelas que serviam no Haven, o círculo íntimo de Rowena, negam-se a ir, e outras três dão um passo adiante para unir-se a elas, Tanty Nana por diante, seus olhos sábios em ninhos gêmeos de rugas. Infundem-me valor. Começo a entender o propósito do círculo próximo eleito.

As sete nos abrigamos com capas, cachecóis e luvas, e saímos à neve. Luzes lavandas flutuam sobre um terreno crepuscular, evocando um ambiente surrealista e de sonho. Observamos enquanto caminhonetes com enormes pás limpam seu caminho sobre nosso caminho coberto de branco seguidas por quatro Humvees e dois ônibus.

Quando Ryodan desce do assento do condutor de uma das caminhonetes, pelo mais breve dos momentos de surpresa penso: mas que fortuito, posso pedir que reboque o BFI!

O senso comum se impõe e meu coração esfria.

Sim, queria vê-lo. Mas para que este homem venha aqui esta noite, para que use máquinas para remover um caminho através das montanhas de gelo para alcançar nosso lar, significa que temos algo que quer.

Muito.

Através de olhos entrecerrados, observo. A falta de cascos fendidos, cauda ou chifres visíveis não disfarça ao diabo em minha porta. Ele desliza, com membros largos e passo seguros, através da neve. É um homem lindo, mas diferente de meu Sean, a impressão é de graça animal, um pouco não humano. Junto, é óbvio, com o fato de que não está verdadeiramente aqui! Nenhum homem onde ele caminha. Não sinto nada. É surpreendente. É sensacional, já que é a antítese da



sensação. Embora odeie admitir, é um alívio tão grande! Não obtenho nada dele. Nunca estive em contato com alguém que me ofereça tão maravilhoso silêncio emocional.

Ele toma as mãos em saudação, e se inclina para beijar minha bochecha. Giro meu rosto, pressiono meus lábios sobre sua orelha e digo suavemente:

—Não pode ter. Seja o que for, não vai levar. A resposta é não.

Seu fôlego é quente em minha orelha.

—Vim por algo que você gostaria de renunciar.

Pergunto-me se sempre fala da maneira como fala. O diabo é o professor da assimilação. É como ganha a entrada: mostra-se como um amigo.

—De novo, não. —Acredito que possivelmente temos algo que intercambiar. Possivelmente darei o que quiser por mover o BFI. Mas melhor negá-lo do começo.

Ele desliza suas mãos por meus braços até os cotovelos e os embala ligeiramente, nos aproximando mais.

—Poderíamos fazer uma troca.

Lê os pensamentos, ou só as expressões muito bem?

—Devolva meu Sean — sussurro. O rastro de barba em sua bochecha raspa minha pele.

—Seu amado Sean esteve livre para ir durante semanas — murmura contra meu ouvido.

Mascaro uma pequena sacudida e trago um grito de protesto. Não sei se disse a verdade. Se for uma mentira, é uma amarga e dolorosa.

—Não é uma mentira. —Deixa cair suas mãos de meus braços e retrocede. Estou mais fria onde estava me tocando.

Vejo Dani sair de um dos ônibus. As nuvens se abrem em meu coração agitado e de repente me sinto otimista. Seu cabelo de fogo é um halo de luz de sol ao redor do rosto resplandecente, delicado e eternamente maltratado. Seu sorriso de saudação é contagioso. Como senti saudades!

Abro os braços, sabendo que nunca correrá para eles como desejo. Sabendo que qualquer abraço que roube da menina será só isso... roubado. Sob seu exterior machucado e duro brilha o ouro puro. Está cheia de luz como ninguém com quem tenha me encontrado antes. Isso me faz mais dura e mais gentil com ela. Embora seja rebelde, mal-humorada e irritável como qualquer adolescente, não há um pinga de má vontade nela e teve razões para senti-la. De fato, razões suficientes para encher um livro, mas irradia somente entusiasmo e felicidade de estar viva. Dou-me conta que Ryodan está me olhando observá-la, com atenção. Uma vez mais me pergunto se pode ler meus pensamentos, e se for assim, quanto claramente?

—Por que vieram? —pergunto.

Dani desliza até deter-se sobre o gelo frente a mim e deixa sair em uma rajada de fôlego:

—Olá, Kat, tudo bem? Muito tempo sem te ver, né? Tudo está bem aqui? Têm suficiente para comer e essas coisas? Lamento não ter estado por aqui para revisar as coisas, mas terminei presa no Faery. Amiga! Nunca vai acreditar todas as coisas que estiveram acontecendo! Brrr, faz frio aqui fora! OH, e acreditam que sabemos como deter o Unseelie responsável por converter nosso mundo em uma zona ártica! Ouça, estou me congelando, vai nos deixar entrar?



Uma vez mais, estamos na sala comum olhando pela janela enquanto a confederação mais estranha que vi colaborar em uma meta comum se prepara para nos destruir.

Não posso ver de outra maneira. Estão enganados. Não funcionará. É muito perigoso.

Cinco homens que não existem, um príncipe Unseelie violento, imensamente poderoso e obcecado por sexo, que se acha apaixonado pela Dani, uma Jo excessivamente radiante e feliz, e um menino bonito e jovem com óculos para quem Dani é o sol, a lua e as estrelas e que lembra meu Sean, mas que alberga segredos tão escuros e profundos, que inclusive meus dons não podem alcançar, trabalham juntos para descarregar a equipe dos ônibus e carregá-lo sobre montões de neve e gelo para a localização escolhida.

Enquanto Dani me contava seu plano para apanhar o Hoar Frost King com o BFI, Ryodan permaneceu em silêncio, e com uma boa razão. Ele conhecia cada uma de minhas objeções e que não havia refutação válida para nenhuma delas. Ao final, quando a permissão deveria ter sido dada ou negada por mim, e sem dúvida teria sido não, ele me informou que se eu não cooperasse de algum jeito, ele destruiria a abadia e seguiria com o plano.

—Vai destruir de qualquer maneira — disse.

—Não, não faremos. Vai funcionar, Kat! —exclamou Dani.

—Não sabe isso. Nem sequer sabe se o Hoar Frost King pode ser assassinado.

O olhar de Ryodan refletiu as mesmas possibilidades de êxito que eu percebo. Simplesmente disse:

—Quanto tempo mais crê que você e sua gente sobreviverão se esta neve continuar.

Ele tem a forma mais desagradável de nunca enfatizar suas perguntas.

Planejam liberar um monstro.

Falei:

—Assumindo que isto funcione e o Hoar Frost King seja destruído, como planeja atar o BFI outra vez?

Inclusive Dani teve a delicadeza de afastar o olhar.

Não posso ler Ryodan. Nunca serei capaz de fazê-lo. Mas posso ler ao resto deles.

No fundo, não acreditam que possam fazê-lo.

Capítulo 39

“O mundo de cristal com flores de inverno converte meu dia em horas congeladas”¹³³

Nunca fui a um concerto de heavy metal, embora vi alguns na televisão. Dancer foi a todo tipo de espetáculos. Crescer em uma jaula teve sérias desvantagens. Quando saí, haviam tantas coisas que queria fazer que não podia fazer todas. Agora todas as boas bandas estão mortas, e

¹³³ Crystal world with winter flowers turn my day to frozen hours, da canção Snowblind, Black Sabbath.
<http://www.youtube.com/watch?v=IkbMd3Bygzs>



esta noite é provavelmente o mais perto que alguma vez estarei de fazê-lo. As luzes violetas que piscam no céu são perfeitas para um concerto de rock, é como ter nosso próprio espetáculo laser! Vi alguns na televisão e som super geniais.

É uma loucura quantos alto-falantes, cabos e coisas Dancer e eu recolhemos. Devemos ter exagerado um pouco. Mas a loja de música que saqueamos estava sem tocar e cheia de equipamentos, sem as janelas quebradas e uma caixa registradora cheia de dinheiro. Acredito que em tempos de guerra ninguém pensa, caralho, quero roubar um estéreo. Ao final enchemos os ônibus, pensando que quanto mais alto, melhor.

Armamos o cenário de som perto da abadia, entre a parede e o BFI.

Trabalhar perto disso é estranho, sabendo que se alguém o empurrar em sua direção, está instantaneamente morto. Assusta-me de todas as maneiras, mas tenho um trabalho a fazer conectando falantes enquanto Dancer conecta todo o resto. O caminho longo, largo e carbonizado atrás é um aviso constante de que me carbonizaria se o tocasse. Embora o BFI não emita verdadeiro calor, nenhuma neve se acumula no chão árido, como se ao passar tivesse deixado algo antitético ao frio.

O funil facetado é mais alto que a abadia, menos trinta metros de largura na parte mais alta, e se estreita até doze ou algo assim na base, mais que suficientemente grande para tragar um Hoar Frost King. A terra debaixo está assada até converter-se em um acabamento negro, liso e brilhante, embora o fragmento de mundo de fogo não lança calor algum. Uma cinta de guardas brilhantes se retorce ao redor da base, atada firmemente a um cacho de cabelo negro sobre uma caixa negra esculpida com símbolos perto de seis metros de distância. Rodeio o BFI, olhando suspeitosamente a caixa negra pensando, como demônios é que essa pequena coisa ao redor do tamanho de um cubo de Rubik¹³⁴ está evitando que um BFI flutue à deriva? Não pode pesar mais de duzentos gramas. Chuto-a gentilmente para ver quanto se move e quase me quebra o dedo! Não posso resistir tentar levantá-la.

Nem sequer posso movê-la na neve!

—O que? Tem algum material de metal ultra denso que nunca ouvi? —digo rispidamente, mas se me ouve não me responde. Como é que Ryodan sempre tem as coisas mais geniais? Onde demônios as consegue?

Olho para cima, para o funil. É inquietantemente formoso, planos e ângulos cristalinos refletindo os deslumbrantes violetas da aurora boreal. Envio um pensamento silencioso ao universo: Permita que isto funcione. Não deixe que haja baixas esta noite.

Uma vez mais, Kat está fora, nos olhando. Ryodan disse que tem que levar às sidhe-seers para a neve uma vez que começemos. Isso quase a deixou louca! Ela tomou como um equivalente a que ele dissesse que a abadia era uma baixa aceita, mas o conheço. Ele não estava dizendo isso. Só considera as possibilidades e sabe que tentar mover cerca de trezentas mulheres no meio de

¹³⁴ O cubo de Rubik, também conhecido como **cubo mágico**, é um *quebra-cabeça tridimensional*, inventado pelo húngaro **Ernő Rubik** em 1974.^[1] Originalmente foi chamado o "cubo Mágico" pelo seu inventor, mas o nome foi alterado pela *Ideal Toys* para "cubo de Rubik".^[1] Nesse mesmo ano, ganhou o prêmio *alemão* do "Jogo do Ano" (*Spiel des Jahres*). Ernő Rubik demorou



um *mês* para resolver o cubo pela primeira vez.



uma crise é um pesadelo. Tentei movê-las durante tempos de paz e silêncio e tive a sorte de um espelho quebrado debaixo de uma ferradura investida com uma escada próxima debaixo da qual acaba de passar um gato negro. Como ovelhas, as sidhe-seers se agrupam por natureza, até que você quer que vão a alguma parte. Nesse momento, são todas traseiros esponjosos e pernas rotas.

Como estamos a ponto de começar, suponho que estão todas dentro abrigando-se. Levar a equipe a seu lugar congelando o quadro é o único que evita que eu trema. Bom, isso e o nervosismo por ir além de minha marca e terminar como uma criatura rangente também pode estar me esquentando. Alguns dos homens do Ryodan estão acendendo fogueiras, e umas poucas sidhe-seers começam a sair lentamente e se reúnem.

Olho Kat caminhando para mim da abadia. Parece tão pequena com seu cabelo voando para trás do rosto e o corpo como um junco que poderia ser quebrado muito facilmente. Preocupo-me com Kat. Sei que não queria dirigir a abadia, mas todos insistiram. Kat exala algo pacífico e forte que te faz sentir confortável quando provavelmente não deveria fazê-lo. Ela diz que a fé é uma rocha e que enquanto tenha os pés firmemente plantados nela não pode falhar.

—Dani.

—Olá, Kat.

—Está muito perto da abadia. Ponha mais perto do BFI.

—Não posso. Quando o Hoar Frost King vier, se o BFI estiver muito perto dos falantes, o funil poderia ser congelado antes que possamos cortar a ligadura e usá-lo.

—Se não estiver mais perto, o Hoar Frost King poderia aparecer, congelar e desaparecer antes que o BFI sequer chegue a ele.

Não digo nada. Já havia considerado isso quando Dancer e eu fizemos nossos cálculos de tempo.

—Realmente acredita que isto tem alguma oportunidade de funcionar?

Conecto dois falantes a um gerador e começo a empilhar as conexões.

—Que parte?

—Tudo.

—Bom, estou segura que vamos terminar atraindo-o aqui. Não sei por que som virá exatamente, mas o obteremos eventualmente. Quando Dancer terminar, a música vai competir com o rock de estádios pelos puros decibéis. Apagamos tudo dentro e ao redor da cidade e Dancer baixou o sinal de nossos chamarizes uma vez que chegamos aqui. Se o som for o equivalente às Scooby-biscoitos do Hoar Frost King, e não estou equivocada nisto, estará faminto e estamos deixando uma só fonte de comida. Dou-lhe 99% das possibilidades a atraí-lo.

—E destruí-lo?

Reflito sobre isso. Estive refletindo sobre isso todo o tempo.

—Ouvi que o BFI incinerou por onde passou, inclusive rochas grandes e edifícios de concreto e coisas, verdade?

Ela assente.



—O BFI é parte do Faery, assim não é como se estivéssemos tratando de incinerar um monstro Fae com fogo humano. Estamos tentando queimá-lo com fogo de seu próprio mundo. Acredito que isso aumenta as probabilidades substancialmente.

—Mas, quem diz que o fogo triunfará sobre o gelo? Disse que nem sequer era feito de gelo. Que tal se for feito de algo sobre o que o fogo não tem efeito? O que acontece se convocar ao Hoar Frost King aqui e congelar o BFI?

Estive tentando não considerar essa possibilidade.

—Então todos estaremos em um mundo de merda e provavelmente mortos, Kat.

Dá-me um olhar.

Disparo um sorriso brincalhão.

—Mas, então ao menos teremos nos desfeito do BFI!

Dá-me outro olhar.

Abro as mãos, com as palmas para cima.

—O que quer que diga? Não vou mentir. É como Christian. Sabe de todos os modos.

—Dá-se conta de que requererá uma sincronização impecável. Tem que atraí-lo a uma localização precisa, cortar a ligadura que sustenta ao BFI, e esperar que o Monstro de Gelo fique preso nos poucos segundos que acontece nossa dimensão. E quem quer que corte essa ligadura pode ficar congelado.

—Amiga, somente precisamos de uns poucos segundos! A maioria de nós pode congelar o quadro e Christian pode peneirar-se. Somos condenadamente rápidos! Estamos armando tudo virtualmente em cima do BFI. No instante em que o Hoar Frost King apareça, cortamos a ligadura, e tanto o cenário de som como o Monstro de Gelo são tragados.

Seu olhar abrange os quatorze metros entre o cenário de som e a parede perimetral do que costumava a ser os aposentos da Ro, mas que agora são delas.

—E também a abadia.

—Vamos ter que voltar a amarrá-lo antes que isso aconteça!

—Uma vez mais, isso vai requerer uma sincronização impecável.

—Uma vez mais, amiga, todos congelamos o quadro. Além disso, ouvi que o BFI não se move tão rápido. Ryodan diz que enquanto tiver trinta segundos e termine tudo antes que entre à abadia, não tem problemas.

—E se alcançar a abadia?

—Não o fará.

—E se fizer? —pressiona.

—Olhe, temos ao menos um minuto antes que golpeie a parede da abadia. Não vamos permitir que tome a abadia. —Não vou dizer que Ryodan disse que se entrasse na abadia, ele não seria capaz de parar até que saísse pelo outro lado. Algo sobre um feitiço de contenção que só funciona se rodear completamente pelos quatro lados ao objeto que quer conter.

—Um minuto — diz Kat silenciosamente. — Se dá conta de que se destruir este lugar, perderemos tudo o que nossa ordem passou milhares de anos reunindo? Nossos livros e objetos sagrados, nossa história, nosso lar. Vê a grama e as flores que crescem contra a parede? Dá-se



conta de que se o BFI atravessar a abadia, bem poderia derreter a prisão de Cruce e liberá-lo? O Sinsar Dubh estará solto em nosso mundo, caminhando por aí no corpo de um príncipe Unseelie!

—Olhe Kat, não estou dizendo que seja um plano perfeito. Mas se não tem ideias melhores, sai do caminho e nos deixe fazer nosso trabalho. —Olho ao redor, aos montões de neve, as árvores congeladas, as pilhas de cascas amontoadas. — Quanto tempo acha que sobreviveremos desta maneira?

Ela suspira e diz:

—Essa é a única razão pela qual não os detive.

—Não nos deteve porque não pode! —digo acaloradamente. — Você é somente uma pessoa e todos nós somos super-heróis!

—Não permitirei que tome minha abadia, Dani. Não permitirei que estas mulheres sejam arrancadas do único lar que conheceram. Como você, estou disposta a arriscar muito por aquelas coisas nas que acredito.

Observo-a enquanto se afasta, e acredito que ela está começando a me preocupar um pouco.

São quase as oito quando nosso concerto começa. Colocamos pranchas de madeira compensada sobre a neve para sustentar a equipe de áudio, e armamos uma segunda plataforma a pouca distância dos geradores que usamos para ligar tudo, logo uma terceira plataforma para as fontes de música e para que nossos traseiros não congelem. Pusemos essa o suficientemente longe para não ficarmos congelados quando aparecer. Construimos um par de fogueiras e empilhamos madeira perto. Meu cabelo e minha roupa cheiram a exterior e a fumaça de madeira, e por um segundo me faz sentir como se estivesse em umas férias familiares ou algo assim. Toda esta gente, incluindo seis que são o suficientemente rápidos... e ainda não consegui ter uma briga de bolas de neve decente!

Ryodan e eu, Christian e Jo nos reunimos na plataforma, preparados para nos precipitar e cortar a ligação quando vier.

—Jo não deveria estar aqui — digo. — Não pode congelar o quadro.

—Não vou — diz ela.

—A faça ir — digo a Ryodan. — A menos que queira ser responsável por sua morte.

—Ryodan não permitirá que nada me aconteça — diz ela.

Ponho os olhos em branco.

—Amigo — digo ao Ryodan. — Tira a daqui.

—Ela é uma mulher feita e direita — diz. — Pode tomar suas próprias decisões.

Jo brilha.

Eu quase vomito.

—Bem. Está sobre sua cabeça. —Maldição. Agora vou ter que vigiar Jo e me preocupar também por todo o resto.



Kat, as sidhe-seers e um par dos homens do Ryodan estão no lado oposto da abadia, junto ao lago, com fogueiras ardendo, sentados em um silêncio total. A conversa está proibida. Não podem fazer som algum.

Tenho um mau pressentimento ao olhá-los.

—Está seguro de que deveriam estar tão longe? —pergunto a Ryodan.

—Precisamos nos separar, para que no pior dos casos, não sejamos todos congelados.

—Estamos preparados? —Dancer se aproxima e se une na plataforma.

—Sai daqui, menino. Não tem nem um maldito super poder — diz Ryodan.

—Claro que sim — diz Dancer facilmente. — Eu sou o que salva a vida quando vocês a matariam. Lembra?

—Se Jo fica — digo, atirando pedras contra meu próprio telhado. — Dancer fica. —Genial. Agora tenho que cuidar de duas pessoas que não podem congelar o quadro.

Dancer e eu nos apoiamos contra um par de falantes extras que empilhamos para ter algo contra que nos recarregar.

—Suba o volume — digo. — Começemos com a festa. —Entrego meu iPod a Dancer, que estava carregado especialmente para o show desta noite. Quase dez mil canções nele! Do Motorhead ao Mozart, Linkin Park e Liszt, Velvet Revolver ao Wagner, Puscifer e Pavarotti e tudo o que há no meio. Inclusive tenho canções de programas e desenhos!

Dez minutos depois Lor diz:

—O que é esta merda? Quem a deixou carregar o iPod?

—Ninguém mais trouxe um — digo. — Escolhi música incrível.

—Onde demônios está Hendrix nesta coisa? —Lor o tira de perto de som e o revisa, parecendo zangado. — Segundo a definição de quem está música?

Jo diz:

—Conseguiu um pouco do Muse? Amo Muse.

—Se tivesse sabido que todos tinham um gosto tão de Merda em canções, traria um tampão para os ouvidos — digo. —Faltando o respeito a meu gosto. Como se Hendrix fosse sequer escutável. E Muse¹³⁵ é algo que faz.

—Bom, Disturbed — diz Jo. — É algo que é.¹³⁶

—E Godsmacked¹³⁷ é algo que recebe — diz Dancer. — Mas com sorte não esta noite.

—Não tem nada do Mötley Crüe ou Van Halen? —diz Lor. — Possivelmente “Girls, Girls, Girls”?

—Que tal um pouco do Flogging Molly —diz Christian. — Dani, meu céu, como pode não gostar de “Devil’s Dance Floor”? E o que tem que o Zombie?

—Tenho “Dragula” e “Living Dead Girl” — digo defensivamente.

—Maldição, “Living Dead Girl” é uma de minhas favoritas! —diz Christian, e tira o iPod do Lor e começa a procurar nele.

Pego-o e o sustento atrás de minhas costas.

¹³⁵ N. do T.: trocadilho. Muse não é só o nome de uma banda, mas sim também é um verbo que significa “refletir”.

¹³⁶ N. do T.: mesmo caso que o anterior. Neste caso, “disturbed” significa transtornado.

¹³⁷ N. do T.: “carma”.



—Não se metam com minha lista de reprodução. Ninguém mais pensou em trazer um iPod. Isso significa que eu estou no comando.

Ryodan me tira o iPod tão rápido que o tenho um segundo, e ao seguinte não.

—Ouça, devolva-me isso.

Ele procura na lista de reprodução.

—Qual é o assunto com Linkin Park, pela merda.

—Amigos, precisamos de ruído. Deixem de tirar iPod do porto. —Dancer tira o iPod de Ryodan e o volta a pôr sobre o porto. — E Mega está apaixonada pelo Chester.

—Não estou!

—Sim, Mega.

—Ele é, tipo, velho!

—Quanto velho? —diz Christian.

—Com ao menos trinta ou algo assim!

Lor ri.

—Condenadamente velho, verdade, menina?

— Cara — concordo. Eu gosto de Lor.

—Tem um pouco de Adele? —diz esperançosamente Jo.

—Nenhuma só canção — digo felizmente. — Entretanto, tenho algumas de Nicki Minaj.

—Alguém me mate agora — diz Ryodan e fecha os olhos.

Quatro horas depois estou começando a sentir uma dor de cabeça.

Seis horas depois sou uma dor de cabeça, dói-me o traseiro, e minhas barras de chocolate estão acabando.

Oito horas depois estou farta de Nicki Minaj.

Nove horas depois daria quase tudo por cinco malditos minutos de silêncio.

Christian, Dancer e eu estivemos passando uma cartela de aspirinas e agora está vazia. Tenho plugues para os ouvidos em minha bolsa, mas não podemos utilizá-los porque poderia escapar algo e nos equivocar.

Ao outro lado do caminho de entrada, para o outro lado da abadia, as sidhe-seers estão envoltas em mantas. Balançado a cabeça. Porque, tipo que, a música lá não está sacudindo as placas de osso em seus crânios! Estou tão ciumenta que poderia cuspir. Desanimada, como outra maldita barra de chocolate. Odeio as barras de chocolate.

—Disse que estava segura de que isto funcionaria — diz Jo mal humorada.

Estou esgotada. Não dormi em dias. Esfrego os olhos e digo irritada:

—Pode ser que tenhamos que esperar um momento.

—Como... quanto tempo? —diz Christian, e sua voz é extremamente gutural. O olho. Está olhando além da abadia para as sidhe-seers e a expressão em seu rosto é a de um príncipe Unseelie puro e faminto de sexo. As tatuagens caleidoscópicas correm sob sua pele. Seus jeans estão... wow. De acordo. Não olhe aí.



Dou-me conta de que nove horas é provavelmente o tempo mais longo que estive sem sexo em meses.

—Não olhe assim minhas amigas — digo. — Estão fora dos limites dos príncipes Unseelie, amigo!

Ele me olha e tenho que afastar o olhar rapidamente. Está lançando poder como um vulcão a ponto de explodir. Sinto a umidade do sangue em minhas bochechas por um simples olhar a seus olhos.

—Quanto tempo? —diz rouco.

—Bom, só congelou um dos clubes no Chester's. Isso significa que a maior parte da música não faz qualquer que seja o som que está procurando. Se precisa ir e encontrar alguém para... já sabe, vê. Mas tenta não matar ninguém?

Dá-me um olhar. Nem sequer o estou olhando, e posso senti-lo.

—Como é isto sequer possível? Estive escutando alguma merda mais estranha que jamais ouvi — diz Lor irritado. — Como pode esta coisa não querer matá-la? Deveria ter estado aqui horas atrás! Dói-me a cabeça. Eu não tenho dores de cabeça.

—Não vou a nenhuma parte até que esteja a salvo — me diz Christian, realmente tranquilo.

—Não é isso pitoresco. O cavalheiresco príncipe Unseelie com um pênis mortal —Ryodan ironiza.

—Tomarei isso como um elogio — diz Christian.

—Estou farta de que todos critiquem minha música! —digo.

—Bem, então simplesmente a trocarei — diz Lor.

—Toca meu iPod, e quebrarei cada um de seus dedos!

—Tenta, querida. —Passa a uma nova canção.

Coloco os dedos nos ouvidos.

—Arghh... Odeio Hendrix!

—Então, por que o tem aqui?

—Não sei! Só pensei que "Purple Haze" era um título genial, logo a escutei e não tive tempo de eliminá-la. Quem escreve letras tão estúpidas? "Desculpe-me enquanto beijo este menino"?

—"Céu" — corrige Jo.

—Uh? Isso tampouco tem sentido. O que merda é a névoa púrpura¹³⁸, de todos os modos?

—Ela vai eliminar ao Jimi — diz Lor com incredulidade. — Sacrilégio.

Dancer sobe o volume. Muito.

—Traidor!

—Lamento, Mega, mas tenho que concordar com ele nesta.

Olho Ryodan como se esperasse que me ajudasse ou algo, mas ele simplesmente está sentado aí, e vejo que Jo está amontoada contra ele, embaixo de um de seus grandes ombros e o punho da manga dele brilha prateado na garganta dela, porque seu braço está ao redor do pescoço e quase faz minha cabeça explodir e nem sequer sei por que. Como se ele fosse uma

¹³⁸ Névoa púrpura: tradução do título da canção.



peessoa real ou algo, com uma namorada, em lugar de uma besta selvagem que limparia os dentes com os ossos dela se assim quisesse, e ela está acreditando e... OH! Já não posso suportar olhá-los!

—Esta não é uma maldita fogueira de acampamento e abraços! —digo.

Ryodan me dá seu antigo olhar permanentemente divertido.

Estou tão furiosa que me ponho de pé e me afasto.

—Não se preocupe, Mega — diz Dancer. — Armamos bem esta armadilha. O monstro virá.

Tem razão.

Justo nesse momento o faz.

O mal é que não é o que queríamos.

Capítulo 40

“É o fim, meu amigo? Satanás está dobrando a esquina”¹³⁹

A Bruxa Carmesim aparece na noite com uma explosão, cortando através das luzes lavanda em uma nuvem de putrefação, a barra irregular de seu vestido de intestinos serpenteando atrás dela, com o valente acompanhamento do Purple Haze”. Se equilibra sobre nós, logo sai disparada para cima, até a claraboia mais alta do teto da abadia e fica ali.

Todos estão de pé.

—Como nos encontrou? —digo. — Acreditam que o ruído também a atrai?

Balança de um lado a outro, movendo só a cintura, assustadoramente réptil, nos examinando com vazios buracos negros onde deveriam estar os olhos.

—Acredito que a cadela está detrás de mim — diz Christian. — Sou o Príncipe Unseelie mais fraco com tripas imortais. Ao menos ainda por um tempo.

—É como um morcego, verdade? Não é como se não estivéssemos fazendo o suficiente ruído. Não pode ver assim usa eco localização! —exclamo.

—Não sei, não me importa. Cacemos à cadela —diz Christian.

—Como diabos passamos além de suas pernas — diz Ryodan, e o olho. Posso ver que tem um veemente desejo pessoal de matá-la.

Olho Jo quando digo:

—O que? Não sente desejo de morrer hoje?

Então, Ryodan já não está de pé junto a Jo. Apanhou-me e me afastou congelando o quadro a seis metros de distância, antes que eu sequer pudesse piscar.

—Se o Highlander disser algo a Jo sobre isso, pensará que ele está mentindo. Ela poderia acreditar em você. Meus homens a matarão se souber. E não serei capaz de detê-los.

¹³⁹ “Is it the end, my friend? Satan’s coming ‘round the bend”, da canção de Black Sabbath.
<http://www.youtube.com/watch?v=eKZ1OBhvi9Q>



O olho com força e me dou conta que, possivelmente pela primeira vez, está me dizendo uma simples verdade.

—Não é permitido saberem que não pode ser assassinado?

—Nunca.

—Por que eu?

Foi-se. De volta com Jo. Tem seu braço ao redor dela, protegendo-a.

A Bruxa se precipita!

É como uma estranha batalha de ópera-rock¹⁴⁰ que fica mais estranha quando a próxima canção que Lor colocou na lista começa e Black Sabbath toca “Black Sabbath¹⁴¹” ao redor de trezentos decibéis. Como se a Bruxa Carmesim não fosse suficientemente perturbadora, precisamos dessa estranha canção de fundo. Não me interpretem mal, a pus em minha lista de reprodução, porque às vezes gosto de escutá-la. Mas preciso estar no verdadeiro humor, porque, cara, a canção me faz sentir inquieta e perturbada, e quase todo mundo com quem falei sobre isso se sente da mesma maneira.

O primeiro em minha mente é Dancer! Agarro e grito que se segure em mim, sem importar o que aconteça. Quando a Bruxa se equilibra sobre nós, agachamos como se fôssemos uma grande onda, logo congelamos o quadro em diferentes direções.

Ela vira no último segundo para Christian e vejo que ele estava certo. Quer a ele. Mas quando ela quase alcança Lor com uma de suas lanças ósseas, dou-me conta de que tomará qualquer um em que puder colocar essas terríveis agulhas de tecer em cima.

Todos estamos congelando o quadro ou nos peneirando, nos agachando e esquivando. Estou tentando sustentar Dancer e vigiar Ryodan, que tem Jo, e está me deixando louca que ela esteja aqui, no meio desta luta. Não tem nada especial para proteger-se exceto ao Ryodan e isso não é suficiente para mim.

Não posso me mover suficientemente rápido, cuidá-la e sustentar Dancer, assim, congelo o quadro ao outro lado da abadia e o deixo com as sidhe-seers.

—Mega, o que está fazendo?

—Não tem oportunidade contra ela. Eu dificilmente tenho. Não faça que me matem porque fico estúpida me preocupando com você!

Ele replica realmente calmo:

—Não quis ser uma desvantagem.

—Bom o é, assim não se preocupe — devolvo abruptamente. Morreria se algo acontecesse a ele.

Ele sacode a cabeça, aborrecido, como se não pudesse acreditar que sou uma traidora tão grande quando só estou tentando de mantê-lo a salvo.

¹⁴⁰ *Ópera rock* é uma obra de *rock* que apresenta uma *narrativa* contada em diversas partes, canções ou seções, ao estilo de uma *ópera*. Uma *ópera rock* difere-se de um *álbum* convencional por geralmente trazer canções unificadas por um tema ou narrativa em comum, contando uma história com princípio, meio e fim. Uma *ópera rock* pode ou não ser apresentada de forma *teatral*. Em formato *gravado*, pode ser similar a um *álbum conceitual*, embora este simplesmente mantenha um tema ou estilo específico e as canções não sejam unidas por um enredo

¹⁴¹ https://www.youtube.com/watch?v=akt3awj_Ah8



—Leve-me de volta. Consiga-me tempo para religar as coisas. Podemos eletrocutá-la com algumas das coisas que trouxemos, enrolar um cabo elétrico ao redor dela!

—Nem sequer sabemos se funcionaria a eletrocussão! Possivelmente simplesmente a sugue e a utilize como combustível!

—Não sabemos se não funcionará!

Ele e eu estamos nariz com nariz, nos gritando.

Jo explode de um borrão e tropeça conosco.

—Ouça! —grita ao que acredito que é a parte posterior do Ryodan desaparecendo. — Não pode simplesmente me deixar aqui!

—Vocês dois não se movam! —digo.

Logo volto para a torre de aparelhos de som, onde todos estamos zumbindo ao redor, tratando de evadir à cadela, e pensando como passar suas lanças ósseas!

Ozzy se lamenta¹⁴². Nunca ouvi esta canção através de centenas de auto falantes e Black Sabbath a este volume me arrepiava o pelo dos braços. Sinto-me como se realmente estivesse em uma Missa Negra¹⁴³ e o próprio Aleister Crowley¹⁴⁴ pudesse manifestar-se espontaneamente. É curioso como as canções podem te fazer sentir de diferentes maneiras. Pergunto-me se qualquer que seja o som que o Hoar Frost King compila o faz sentir algo e por isso vai atrás dele.

Enquanto avanço fazendo zig zag, penso em como as coisas que o Rei Unseelie criou ficaram tão feias e incompletas enquanto que os Seelie são tão lindos e completos.

E começo a pensar em como todos os Unseelie estão procurando algo, e isso parece ser o que não têm. Por que o Hoar Frost King procuraria o som? As coisas se silenciam totalmente quando ele aparece. Por que ele pega o som, ou porque sua mera existência erradica os sons?

Ou é mais complexo que isso? Que tal se o Hoar Frost King busca aquilo do que todos os Unseelie carecem em seu nível mais baixo, mais profundo? E se for o único Unseelie suficientemente inteligente para ir diretamente à raiz do problema e, a diferença da ingênua Mulher Cinza, que passa sua vida tentando reunir a beleza que jamais será dela, ou a Bruxa que está tentando terminar um vestido que jamais pode ser completado, o Hoar Frost King está tentando reunir a canção em que foram criados? Está depois da Canção da Criação? Comendo porções da mesma, pouco a pouco?

—Se agache, maldita idiota! —ruge Lor, e eu rolo e congelo o quadro. Logo as pessoas se chocam contra mim de lados opostos, e quase me esmagam completamente. Ouço umas costelas fazendo ruídos de protesto.

—Amigos, me soltem! —Tanto Christian quanto Ryodan estão tratando de me tirar dali. — Perdi a concentração por uns segundos porque estava pensando muito! Não acontecerá de novo!

—Pode apostar seu traseiro que não será assim — diz Ryodan.

Então, estou por cima de um ombro e o vento está zumbindo através de meu cabelo, logo estou sendo jogada no curral das ovelhas!

Eu! A Mega! Posta a pastorear!

¹⁴² Ozzy: Ozzy Osbourne, cantor do Black Sabbath.

¹⁴³ Traduzido, Black Sabbath significa Missa Negra.

¹⁴⁴ Aleister Crowley: (1875-1947), inglês, associado com o satanismo.



—Não pode me colocar aqui! —digo indignada. Congelo o quadro de volta para a ação no segundo em que estou sobre meus pés, mas choco contra Christian, que me joga sobre o ombro e me lança de novo ao Ryodan, que de novo me deixa cair no meio do curral!

—Basta! —Doem-me as costelas. Têm que deixar de me carregar.

—Não seja uma fraqueza — diz Ryodan, e desaparece.

Pisco.

—Sente-se realmente bem, verdade, Mega? —Dancer me dá um olhar frio.

—Eu não sou uma fraqueza! —Espero até que cheguem uma vez mais ao outro extremo, e logo volto a congelar o quadro para a ação. Sou uma maldita super-heroína. Os super-heróis não ficam a margem.

A Bruxa está tentando matar Christian.

E Lor e Ryodan não estão fazendo nada para ajudá-lo! De fato, não posso entender o que estão tratando de fazer. Estão se esforçando em manter-se em lados opostos a ela, um à frente, outro atrás, e se mantêm zumbindo, só para ser bloqueados por uma dessas mortais pernas de lança. Retiram-se, zumbem de novo, são bloqueados, retiram-se, zumbem, são bloqueados. É um ataque frio e metódico, e se tivessem todo o tempo do mundo, eventualmente poderia funcionar.

Poderia. Eventualmente.

E que tal se for assim? Como planejam matá-la? Não me parece o melhor plano pensado. Não vejo que tenham armas.

A Bruxa se lança, direito para cima e cai sobre Christian. Ele tropeça com o gelo e cai.

Sai peneirando daí, depois de repente está justo onde estava. Parecendo surpreso, como se peneirar não tivesse funcionado da maneira que deveria.

Essa fração de segundo de engano foi tudo o que ela precisou.

A Bruxa vai apanhá-lo esta vez!

E a ninguém sequer importa. Ninguém está tentando salvá-lo.

“Black Sabbath” soa mais malvada a cada segundo, e tudo está me enervando. Tiro minha espada e a lanço direto para a cabeça da cadela. Ela ouve cortando o ar, vira bruscamente para um lado e explode contra Lor, que sai voando para trás.

De repente, ela desaparece!

Minha espada está alojada em um banco de neve. Minha mão já dói por sua ausência.

O olhar do Christian vai dela para mim, seus estranhos e iridescentes olhos brilhantes.

—Lançou sua espada por mim. —Pareço estupefato.

Sinto-me estupefata. Nunca deixo minha espada. Diferente de Mac, não a compartilho em batalha. Nunca.

Ryodan tem a cabeça baixa, me olhando por debaixo das sobrancelhas de uma maneira que só o vi fazer uma vez antes, e Lor parece terrivelmente zangado.

—Cara — digo, porque não tenho nem ideia do que dizer. — Me lançaria isso, tipo, de volta agora?

Christian desliza o longo cabelo negro por cima do ombro, e me lança um sorriso assassino.



—Princesa, construiria uma maldita Mansão Branca para você. —Minha espada corta através da noite, aço alabastrino cintilando fogo violeta.

—Onde demônios se foi a maldita cadela? —grunhe Lor. — Quero um pedaço dela.

—Nem ideia — digo, e todos olhamos ao redor com cautela.

É, então, quando as sidhe-seers começam a gritar.

Capítulo 41

“Deve bater com o látigo, bater bem”,¹⁴⁵

A Bruxa não podia chegar a nenhuma parte conosco, assim foi atrás de uma presa mais frágil.

Todos congelamos o quadro ou peneiramos. Sou a última a chegar.

Quando demônios me transformei na tartaruga?

Duas sidhe-seers morrem instantaneamente, as tripas voando para o céu.

Depois de um momento suas vísceras caem de volta à neve em um úmido e brilhante enredo.

Minha mandíbula se trava e tenho uma cãibra muscular nela do tamanho de uma noz. Meus dentes estão tão apertados que doem.

A Bruxa nem sequer as está usando para tecer. Nem sequer as queria. Só as matou e as lançou longe como lixo!

Quer ao Christian. E parece que está pronta para matar a cada um de nós para chegar a ele.

—Entrem! —grito às mulheres, tentando levá-las em manada de volta à abadia.

As sidhe-seers escapam e se dispersam como uma manada de gazelas fugindo de chitas. Estúpidas ovelhas, supõe-se que sejam animais de manada e isso significa, duh, correr em manada!

A Bruxa desce em picada e toma mais duas de minhas irmãs! O sangue salpica por toda parte e as pessoas estão gritando como loucas.

Estou tão zangada que estou tremendo. É um caos total. Antes, só precisávamos nos cuidar. Agora, a Bruxa está atacando sobre centenas de humanos indefesos, e não sei a quem ajudar primeiro.

Ryodan está cobrindo Jo, Kat, e a uma dúzia mais.

Lor está protegendo a um grupo de loiras bonitas, imaginem!

Christian tem umas cinquenta mulheres ao redor. Dou-me conta de que ativou seu atrativo Fae morte-por-sexo e está funcionando como ímã para ímãs. Tem uma segunda pele de bonitas sidhe-seers. Pergunto-me se fez de propósito, como um escudo, ou se só está exigindo tudo o que tem manter-se longe delas e não pode reprimir. Se o fez como um escudo, o matarei.

¹⁴⁵ “You must whip it, whip it good, da canção “Whip It” do Devo. <http://www.youtube.com/watch?v=IIEVqFB4WUo>



Como vamos matar a Bruxa? Nenhum de nós pode aproximar-se suficiente, além das letais pernas. Nem sequer minha espada serve de nada. Posso lançá-la, mas a cadela é mais rápida que uma bruxa em uma vassoura de quidditch¹⁴⁶! A ideia de Dancer de tentar enrolar um cabo ao redor dela e eletrocutá-la está começando a parecer boa. O mal é que não temos cabos à mão por aqui.

—Santos estrondos sônicos! —exclamo. Pode ser que não tenha um cabo, mas tenho algo que é comprido e fino, e Indiana Jones deu um bom uso em momentos desesperados.

Tiro meu chicote, congelo o quadro para o limite exterior do grupo em busca de um bom tiro, e o golpeio diretamente contra a Bruxa!

O látego se sacode sem forças, cai de volta sobre minha cabeça e me enrolo com ele. Nem sequer posso tirar a estúpida coisa de cima. Juro que essas fossas negras em seu rosto me observam com divertido desdém. Aparentemente, há um pouco de habilidade em golpear com um látego e não tenho tempo para aprendê-la. Jamais pareceu difícil na televisão.

—Mega! —grita Dancer. Vejo-o entre o grupo, saltando, sacudindo ambas as mãos no ar.

Faço-o uma bola, ato a corda ao redor da manga para que tenha peso e o lanço. Ele o apanha, desata e o golpeia contra a Bruxa que desce.

Explode a centímetros de sua letal perna esquerda e deixa sair um pequeno estrondo sônico.

Ela inala, um som horrível, úmido e gritão, e se lança direto ao céu. Não sei se foi porque não pode acreditar que algo se aproximou tanto a sua perna ou se seu ouvido foi tão sensível que a explosão sonora provocou enxaqueca. O que for, não gostou no mais mínimo.

Quando desce de novo, Dancer vai por sua cabeça esta vez, e produz um estrondo sônico ao lado da orelha.

Ela cambaleia para trás e desaparece para cima nas luzes púrpuras.

Dancer e eu sorrimos amplamente.

Ele golpeia o látego triunfantemente.

Mas, esta vez, não faz crack. Não faz nenhum som absolutamente, nem sequer um muito pequeno vaio enquanto corta através do ar.

Porque, tipo que, todo som acaba de desaparecer.

Acaba que, quando a névoa finalmente chega, cada um de nós está no lado errado do campo de jogo.

Capítulo 42

“Tenta incendiar a noite”¹⁴⁷”

¹⁴⁶ quadribol é o esporte mais popular dentre os bruxos. Do livro Harry Potter

¹⁴⁷ Try to set the night on fire, da canção “Try to set the night on fire”, The Doors. http://www.youtube.com/watch?v=6O6x_m4zvFs



Acredito que a razão pela qual não senti pânico prévio à chegada do Hoar Frost King esta vez, foi porque já estava sentindo muito pânico para que mais pânico penetrasse. O açougue da Bruxa Carmesim com as sidhe-seers me deixava tão frenética, que inclusive esqueci por que estávamos na neve para começar.

Tipo, para convocar ao Hoar Frost King.

E ele está aqui.

E alguém tem que cortar essa maldita atadura, porque se não soltarmos o BFI, o Hoar Frost King vai congelar os alto-falantes e desvanecerá, e tudo será em vão! Pior ainda, se for tão inteligente como acredito que é, não cairá no mesmo truque duas vezes. A sensibilidade que sinto emanar dele é gigantesca. Este não é um Unseelie ingênuo. Não sei por que não vi tudo ainda, mas poderia ser o mais complexo dos que o Rei criou. Pergunto-me se possivelmente contribuiu um pouco de si mesmo em sua criação.

O que acontece a seguir parece como em câmera lenta, embora saiba que não leva tempo algum absolutamente.

Ryodan e Lor desaparecem, movendo-se em câmera rápida para o outro extremo do campo. Meu olhar vai das sidhe-seers para a fenda que está se abrindo, bloqueada, tentando decifrar como proteger às sidhe-seers e cortar a ligadura ao mesmo tempo. Salvo às mulheres que me importam e que estão de pé junto a mim ou salvo ao mundo? Pode ser que seja uma super-heroína, mas tenho os sentimentos de uma pessoa normal.

Vejo Christian, e ele está me olhando com intensidade. Diz sem emitir nenhum som: não pode fazer ambas as coisas, Dani, meu amor.

Sei, artigo zangada.

É a mim que ela procura.

Seu ponto?

Desaparece.

Durante um segundo, não posso encontrá-lo em nenhuma parte.

A próxima coisa que vejo é ele de pé, no meio do campo, interpondo-se entre o outro extremo e eu, os braços estendidos, a cabeça arremessada para trás, usando uma expressão do tipo "Veem me pegarr".

O que está fazendo? grito, mas nada sai de minha boca.

A Bruxa Carmesim desce em picada.

Enrijeço violentamente, como se fosse eu a atravessada quando ela o estripa.

Entretanto, não o esfolo. Atravessa-o com uma perna como se fosse um shish kebab¹⁴⁸ e o atrai para sua saia. Enquanto o dobra no abraço gotejante, ele me olha. Não posso dar sentido. Não entendo. Por que fez isso? Não entendo! Por que alguém faria algo tão estúpido!

À medida que ele desvanece no céu, preso nas horríveis pernas, bloqueio. Nego-me a processar o que ele fez. Agora posso deixar às sidhe-seers atrás com relativa segurança. Pensarei no que ele fez depois.

¹⁴⁸ Shish Kebab: Consiste em um pau de metal ou madeira com pequenos blocos de vários tipos de carne. Na Espanha, como um cravo mouro.



Caso haja um depois.

Congelo o quadro para o Hoar Frost King. É muito estranho não ser capaz de ouvir nenhum som. Tampouco estou sentindo vibrações. Ao menos as pessoas surdas podem sentir vibrações. Isto é pior que uma câmara de privação sonora, é um mundo de privação sensorial com o HFK dentro.

Enquanto me aproximo, vejo que Lor e Ryodan estão impulsionando-se para a caixa negra no que parece como câmera lenta. Ambos estão cobertos de espesso gelo branco que continuamente se racha quando se movem. Faz tão frio como a noite em que morri na igreja.

O Hoar Frost King está pairando silenciosamente sobre a montanha de alto-falantes, congelando-os um por um. Está levando mais tempo que o normal, suponho que todos esses decibéis fazem a fonte de alimento mais rica, e acredito que talvez, esteja lambendo-o como as pessoas fariam com o chocolate de seus dedos.

Quando congelo o quadro atrás do Ryodan, este se volta e rugue em silêncio: Vai a merda daqui!

Agulhas geladas perfuram meus pulmões com cada inalação, meu coração se esforça por pulsar. Minha cabeça parece pesada e me dou conta de que é porque meu cabelo congelou. Agito, e a coisa se rompe, uma chuva de cristais brancos caem de minha cabeça.

Não vai chegar a tempo! Grito em resposta, olhando a distância entre o monstro de gelo e o BFI. Quando ele abriu a fenda e deslizou para nossa dimensão, apareceu no pior lugar possível: entre o BFI e os alto-falantes, não entre os alto-falantes e a abadia. Embora não congelara o BFI, faz muito frio nas proximidades da caixa para que cheguemos ali para cortar a ligação.

Olho ao Ryodan. Ele pode sobreviver a este frio como eu não posso. Não sei por que. Suponho que tem algo que ver com o fato de ser capaz de sobreviver a uma evisceração também. Sempre foi capaz de aproximar-se mais das cenas congeladas que eu.

Mas eu posso congelar o quadro mais rápido por alguma razão. Ele se retarda quando se aproxima do centro do frio. Como se estivesse caminhando penosamente através de concreto.

Não me detenho pensando. É possível, é o único plano que tenho, e não há tempo para pensar duas vezes.

Bato contra as costas do Ryodan e o obrigo a avançar. Enquanto nos movemos em câmara rápida para a caixa negra, ele me entende completamente: eu sou sua locomotiva e ele é meu escudo. Eu posso nos empurrar, mas ele tem que dirigir e cortar.

Sinto-o tirar a espada de meu casaco e nos mover para frente. Ele se congela e se greta meia dúzia de vezes, sacudindo-os cristais como um cão que sacode a água. Morro mil mortes congeladas e volto para a vida outra vez. Sinto meus pulmões sangrentos e em carne viva com cada respiração, assim a contenho. Doem-me os ossos. Juro que meus olhos congelaram em minha cabeça. Minha visão está enfraquecendo.



Mesmo assim, nos empurro para a dor porque este é meu mundo e nenhum Fae maldito me tirará isso. Minha boca está aberta em um uivo silencioso. Ryodan se sacode violentamente enquanto nos obriga a ir para o epicentro gelado.

Ele lança uma estocada baixa com a espada e corta a ligação.

Esperamos que o BFI se mova realmente lento.

Apoiada na taxa de movimento que Kat documentou quando as sidhe-seers seguiram seu avanço para nosso lar, tomará ao redor de um minuto entre o momento de cortar a amarração e que o fragmento de mundo de fogo golpeie a parede mais afastada da abadia. Dando-nos suficiente tempo para amarrá-lo novamente, já que, segundo suas cifras, havia pelo menos dois minutos.

Seus cálculos estavam equivocados. Muito equivocados.

Como um super automóvel avançando a maior velocidade possível com um eixo de torção adicional, o BFI se libera com uma explosão e se choca contra o Hoar Frost King.

Acelero o movimento o mais rápido que posso, de maneira que as coisas aconteçam na câmara mais lenta possível.

O fragmento de mundo de fogo traga ao Hoar Frost King.

Engole-o.

O som retorno.

Ouçõ respirações agitadas. Ofegos. Em algum lugar, as pessoas estão chorando.

Foi-se.

O Hoar Frost King se foi.

De qualquer jeito.

Funcionou tão bem que quase não posso acreditar. Fico ali aturdida, me sentindo cautelosa. Não sou a única confusa. Ryodan tem os olhos entrecerrados com suspeita. Lor está um pouco curvado, como se pensasse que o céu vai cair sobre ele. Rio baixo, porque, cara, é bastante triste quando não pode aceitar um final feliz simplesmente pelo que é, mas ainda temos grandes problemas. O BFI está devorando a montanha de alto-falantes congelados e se dirige diretamente para a abadia.

Kat, Dancer e as outras sidhe-seers correm para nós.

—Cruce está sob a abadia! —grita Kat. — Tem que detê-lo!

Ryodan e Lor começam a cantar, mas posso dizer pela expressão no rosto do Ryodan que não tem expectativas de terminar a tempo. Os dez ou doze segundos que ficam antes que golpeie a parede não são os trinta que ele precisa para fazer o trabalho.

Kat começa a gritar com Ryodan porque não vai o suficientemente rápido, e Jo começa a gritar com Kat por gritar com Ryodan porque ele está fazendo tudo o que pode. Logo todas as sidhe-seers se somam, e como Ryodan e Lor estão olhando para baixo, para o cordão que estão tentando conjurar, ninguém está olhando o BFI e sou primeira em ver o que está acontecendo.

Sabia que morreu muito facilmente!

Está formando gelo na base do fragmento do mundo de fogo.



A parte inferior do funil está ficando azul, com uma crosta de geada branca.

O BFI tragou ao Monstro de Gelo, mas agora o Monstro de Gelo está congelando ao maldito BFI!

Enquanto observo, a geada se estende rapidamente para cima.

—Uh, meninos — digo.

—É uma maldita brincadeira? —explode Dancer. — Está voltando?

Lor levanta o olhar.

—OH, merda.

—Filho de puta — concorda Ryodan.

O HFK congela o BFI de dentro para fora.

Não sei se o mundo de fogo é um inferno urgente que faz o som que RE gosta de comer ou se acabaram de ter uma grande batalha de fogo e gelo, e o gelo ganhou.

Mas o BFI se racha e chia, emite vapor e explode, enquanto o super fogo se super congela.

O gelo pesa e o faz parar. À medida que o funil gigante ganha substância, fica muito pesado para seguir à deriva e se choca estrepitosamente contra o chão como um pedaço de gelo desprendendo-se de um deságue, alojando-o na neve.

Todos simplesmente olhamos o funil gigante de gelo enraizado no chão, tentando processar a repentina reversão dos acontecimentos. Primeiro, o Monstro de Gelo estava morto e a abadia estava em perigo. Agora a abadia está segura, mas o Monstro de Gelo não está morto.

Não tivemos êxito em matá-lo e, virtualmente todo mundo que está aqui que não possa congelar o quadro vai morrer no instante em que sair.

As paredes do AFI começam a tremer e sacudir-se como se o Hoar Frost King estivesse tentando encontrar o ponto mais fraco para sair de sua congelada casca de ovo.

Entrecerro os olhos.

As cascas são delicadas. Frágeis. Mas isto não é uma casca de ovo. De fato, todo o interior do mundo de fogo deve ser gelo sólido neste momento.

O que significa que, neste momento, o Hoar Frost King está completamente encapsulado em uma de suas próprias esculturas de gelo.

Apanhado em um momento de perfeita vulnerabilidade.

Possivelmente o único momento de vulnerabilidade que conheceu.

Sei o que acontece quando se faz vibrar uma cena geada.

Explode.

—Dancer — grito. — Utiliza o látego! Faz explosões sônicas! —Ao Ryodan e Lor digo—: Congelem o quadro ao redor dele! —Às sidhe-seers—: Meninas, saiam daqui agora mesmo!

Logo entro congelando o quadro por minha conta, me movendo tão rápido como posso com um tanque de combustível quase vazio.

Dancer faz ressonar seu chicote e nós congelamos o quadro como loucos.

O BFI congelado treme, e de repente um milhão de pequenas fissuras florescem na superfície.



A terra treme, logo há um estrondo como um trovão, tão grande quanto uma galáxia dentro do BFI.

De repente, ouço o ruído mais horrível, como se possivelmente todos os sons que o Hoar Frost King recolheu alguma vez saíssem em um arroteo dissonante, que soa como as unhas em um quadro negro e logo... maldição, eu adoro ser uma super-heroína! Justo como pensei que fariam, os monstros fundidos explodem!

Capítulo 43

"Celebra os bons tempos, vamos!"¹⁴⁹

Estou radiante. Não há forma de negar. Brilho por cada poro. Nunca tive uma aventura tão incrível em toda minha vida, e tive algumas enormes.

Estamos na grande sala na abadia, nos aquecendo frente a fogueiras que ardem em três dos lados. Há uma chaleira com cacau instantâneo (misturado com água, não com leite) sendo aquecido na chaminé principal, fazendo a sala cheirar como uma fábrica de chocolate, e Kat tirou uma reserva oculta de marshmallows (rançosos, mas, quem se importa?) e uma lata de bolachas duras como uma rocha, que esteve guardando para uma ocasião especial e um pouco de mel riquíssimo, embora extremamente gelatinoso. Tudo tem sabor de glória. Cada vez que como, sou muito consciente de que logo poderíamos não ter mais destas coisas.

Ganhamos! Trançamos uma batalha contra o maior mal que já vi e ganhamos. A diferença da última grande batalha levada a cabo aqui, estive aqui para vê-lo cair com meus próprios olhos. Não tive que ouvir sobre isso no dia seguinte por terceiros suficientemente afortunados por estarem ali. E nenhum Rei Unseelie todo-poderoso se equilibrou e nos resgatou no ultimo segundo. Nós fizemos!

Quando o BFI que continha ao Hoar Frost King explodiu, as lascas de gelo subiram até as nuvens, afundaram no chão e em cada lugar intermédio. Todos nos agachamos, esquivamos ou agarramos a alguém mais lento, congelando o quadro para o refúgio da abadia. Ainda assim, somos um montão de gente, todos golpeados com arranhões, corte e machucados. Não havia forma de evitar as consequências.

Esperamos dentro até que estive tranquilo por uns segundos e pareceu que os escombros se assentaram, logo voltamos a sair para pinçar nas partes e nos convencemos de que as ameaças realmente se foram. Dancer estudou as coisas por uns bons cinco minutos antes de me dar um sorriso e declarar que os escombros estavam inertes. Planeja levar amostras aos laboratórios da Trinity, mas disse que estava noventa e oito por cento seguro de que nada sairia dos restos.

¹⁴⁹ *"Celebre good teme, come on!"* , da canção *"Celebration"* do Kool & The Gang".
<http://www.youtube.com/watch?v=3GwjfUFyY6M>



—Como soube que ia funcionar? —diz Jo.

—Não sabia — digo ao redor de um bocado de pegajosa bolacha banhada em mel, lambendo as migalhas de meus dedos. — Mas uma vez que vi que o Hoar Frost King estava congelando o mundo de fogo do interior, dava-me conta de que estava apanhado em uma de suas próprias cenas congeladas, como um inseto em âmbar. E cada vez que Ryodan e eu congelávamos o quadro perto de uma cena congelada, ela explodia em lascas do tamanho de metralha. — Encolho os ombros. — Quem sabe? Possivelmente, se tivesse ficado preso ali, teria explodido por si mesmo com o tempo. Mas pensei que parecia que voltaria a sair.

—Eu também pensei —diz Lor, e todos concordam com ele.

—Malditamente brilhante o do látego, Mega — diz Dancer.

Pavoneio-me.

—Esteve perto. Tivemos sorte — diz Kat.

—Sorte, meu traseiro! Os super-heróis estavam trabalhando! —Parte de ser super-herói é cálculo de precisão e delicadas manobras, e se ela quer fingir que foi sorte, não vou desperdiçar fôlego que poderia estar usando para comer em discutir.

—Hoje, a Dama Fortuna teve um nome. —Ryodan me olha.

—Não fodas — diz Lor. — Bom trabalho, querida.

Quase perco minhas bolachas nesse momento. Brilho tão forte que quase dói. Acredito que está escapando luz de minha pele.

Gingo para a lareira e como três marshmallows em rápida sucessão.

—Pode acreditar o que o príncipe Unseelie fez? —diz a gótica Josie.

Afogo-me com o último marshmallow que estou tratando de engolir inteiro. Entro em câmera rápida, e tento tossir rápido para tirá-lo, mas não funciona. Tardamente me ocorre que a câmera rápida poderia não ter sido o mais brilhante dos movimentos. A fricção e o muco ampliam o entupo como uma almofada molhada. Minha garganta incha e bloqueia minhas vias respiratórias.

Eu mesma me golpeio no peito com o punho. Não ajuda. Estou a ponto de fazer uma Heimlich¹⁵⁰ contra o respaldo de uma cadeira quando Lor golpeia no centro de minhas costas e o marshmallow sai expulso para o brasão sobre a lareira.

—Car, não precisa empurrar — diz Dancer. — Faça Heimlich todo o tempo. Não mastiga quando come.

Viro-me e Dancer está se levantando do chão, parecendo irritado. E cansado. Pergunto-me quando foi à última vez que dormiu. Esqueço que não tem superpoderes como o resto de nós só porque tem um super cérebro.

—Limpa, Dani — diz Kat. — vai asfixiar.

Pego um guardanapo da bandeja de bolachas, já sem me sentir tão presunçosa. Houve baixas. Me permiti esquecer isso por um segundo.

—Christian se sacrificou porque não pude decidir.

¹⁵⁰ Heimlich: a manobra do Heimlich é um procedimento de primeiros auxílios para desobstruir o conduto respiratório, normalmente bloqueado por uma parte de alimento ou qualquer outro objeto. É uma técnica efetiva para salvar vidas em caso de asfixia por engasgo.



—Um príncipe Unseelie se sacrificou — repete Kat, como se não tivesse ideia do que pensar sobre isso.

Eu tampouco. Por que se entregou somente para facilitar minha decisão? Eu teria tomado uma decisão em um segundo ou dois mais. Teríamos perdido muito mais sidhe-seers com a Bruxa Carmesim. Essa foi sua forma de demonstrar que ainda não era um Unseelie completo? Possivelmente estava tentando compensar por ter matado a mulher com que teve sexo, ou era sua ideia de outro presente de bodas.

—Está bastante claro que está obcecado contigo, querida — diz Lor.

—Estava obcecado — diz Ryodan. — A Bruxa o eliminou. Evitou-me o inconveniente e nos liberou do filho de puta.

Agora tenho o dobro de razões para localizar essa cadela e matá-la. Tenho que liberar o Christian para que possamos ser companheiros e terminar tudo entre nós.

—Perdemos sidhe-seers — digo. — Uma delas foi Tanty Nana. Era mais velha. Nunca deveria estar aí em primeiro lugar.

Todos permanecemos em silêncio por um segundo, pensando nela e nas outras que morreram.

Então Ryodan fica de pé e me diz:

—Vamos, pequena. Vamos.

—Hein? Aonde?

—Agora vive comigo.

—E uma merda!

—Ela vai voltar para a abadia — diz Kat.

—E uma merda!

—Mega pode cuidar-se — diz Dancer. — Se vocês, estúpidos idiotas não viram, são cegos. Deem espaço para respirar.

—Maldição! —Estou totalmente de acordo. Adoro Dancer. Dou um olhar que não me incomoda em tentar fingir de outra maneira.

Ryodan diz:

—Ela precisa de regras.

Lor diz:

—Chefe, tudo o que ela precisa é alguém com quem treinar, com quem gastar algo dessa fodida energia sem limites.

Kat diz:

—O que ela precisa é...

Enquanto todos estão ocupados discutindo minhas necessidades, das quais não sabem uma merda, faço como o vento e saio voando, me assegurando de golpear a porta ruidosamente no caminho.

Roubo o Humvee do Ryodan e dirijo para a cidade.

Nunca me alcançará em um dos ônibus ou grandes caminhonetes que são os únicos outros veículos na abadia.



Desejaria poder ter trazido Dancer comigo, mas nunca teria escapado se reduzisse a velocidade.

Ninguém sabe o que preciso melhor que eu. Provavelmente, ainda estão todos ali, discutindo, tentando decidir como me controlar e dirigir minha vida.

Ri.

—Amigos. Nunca. Vai. Acontecer.

Capítulo 44

“Este não é o fim, este não é o começo”¹⁵¹

Assim, vou voando pelas ruas do Dublin depois de abandonar o Humvee na estrada principal, onde Ryodan ou um de seus homens o descobrirão em seu caminho de volta ao Chester's, porque não importa o quanto esteja furiosa, não tenho desejo de tomar algo em sua forma permanente. Ele provavelmente me caçaria por toda a maldita eternidade, em lugar de só tratar de me dar ordens por toda a maldita eternidade. O radar desse tipo é algo no que não quero ser maior.

Viver no Chester's, minha maldita petúnia!

—Traseiro — murmuro com o cenho franzido. Petúnia é uma das palavras de Mac. Ela e Alina cresceram tão estúpidas e doces que nunca disseram sequer “Merda” até que tiveram pouco mais de vinte, quando começaram a ver Faes. Até esse momento possuíam seu próprio e bonito vocabulário para as coisas. Odeio o bonito. Odeio pensar em Mac. Lembro quando a vi pela primeira vez, sentada em um banco na Trinity, parecendo toda suave, bonita e inútil, logo descobri que realmente era feita de aço como minha espada e eu. Lembro de sentir que meu mundo finalmente mudaria e que o passado poderia milagrosamente converter-se em nunca-condenadamente- aconteceu.

Sinto sua falta. Odeio saber que está nesta cidade em algum lugar, caminhando pelas ruas como eu, tendo pensamentos sobre matar Faes, sobre salvar ao mundo e matar a mim, e ela está em uma rua e eu estou em outra e essas ruas nunca podem coincidir ou uma de nós morrerá.

Depois do quanto meu dia foi ótimo não posso acreditar que esteja com pensamentos deprimentes. Apresso-me através de Temple Bar, esquivando automóveis e luzes e todo tipo de coisas meio enterradas em montões de neve coberta de gelo. Agora que o Hoar Frost King se foi, a neve deve começar a derreter-se. Não poderia estar mais preparada para o verão! Eu não me bronzeio. Saem-me sardas. Dancer gosta das sardas.

—Verão — digo, sorrindo. Não pode vir o suficientemente rápido! Plantarão jardins na abadia, semearão uma mescla de vegetais como o que comi no Chester's. Definitivamente, vou

¹⁵¹ “This is not the end, this is not the beginning”, da canção “Waiting For The End” do Linkin Park.
http://www.youtube.com/watch?v=5qF_qbaWt3Q



passar mais frequentemente uma vez que as coisas comecem a crescer! Posso me carregar com barras de chocolate e fazer largas viagens congelando o quadro pela Irlanda, procurando vacas, cabras ou ovelhas. Talvez inclusive porcos. — Maldição, toucinho! —Minha boca faz água só de pensar.

Agora mesmo tenho um montão de coisas a fazer, e me mover com toda esta neve é tedioso. Não posso congelar o quadro por muito tempo porque tenho que baixar continuamente e voltar a armar meu quadro mental. Há muitos montes e pilhas de gelo que não estavam ali ontem. Cada vez que baixo, quase congelo os dedos das mãos e dos pés. É de noite, uma forte brisa está soprando do oceano, e juro que faz seis graus abaixo de zero com a sensação térmica.

Fixo meu quadro no lugar, zumbo por um quarto de quadra, detenho-me, rearmo. Congelo o quadro por doze metros, dou volta à esquina em um escorregão, choco contra um montículo, rodo e rearmo enquanto deslizo um pouco mais. Choco-me contra a lateral de um edifício e meu fôlego congela no ar em um brusco ofego branco. Amaldiçoo e esfrego meu lado. Amanhã vou ter um enorme machucado.

O primeiro em minha lista de coisas por fazer é tirar um novo Jornal da Dani antes que os We-fodidos-realmente-não-nos-importa-Care o façam e distorçam totalmente as notícias. As pessoas precisam saber todas as notícias: que o vilão que congelava pessoas está morto, que podem voltar a fazer ruído, que a neve vai derreter, e que embora não pareça neste momento, o verão virá. Precisam saber que recuperei minha espada e que já não estou indefesa. Voltei para meu ritmo 24/7, velando pelas coisas e à caça da Bruxa Carmesim, que vai morder o pó logo que me ocorra como matá-la e recuperar Christian.

Amanhã rodearei Dublin em câmera lenta como uma pessoa normal, procurando sobreviventes sobre o rangido da neve e levando-os aonde haja alimento e refúgio, o que significa que Ryodan está a ponto de receber muito mais pessoas no Chester's. Nossa cidade segue recebendo golpes com muros que caem e distúrbios, com a comida roubada e armazenada, e agora este inverno assassino na primavera. Estou pensando que é melhor nos acostumamos a que as coisas nunca voltem a ser previsíveis. Suspeito que perderemos muito mais pessoas antes que a maré comece a mudar. A mudança é difícil para a maioria das pessoas. Não para mim. Amo recriar a mim mesma. A mudança significa que pode escolher de novo. Se converter em algo novo. A menos que esteja morto como Alina. Nesse caso, nunca pode voltar a escolher. É por isso que vou fazer Ryodan me entregar qualquer que seja o segredo que tem, assim poderei viver para sempre.

Baixo a câmera lenta para rodear um montículo de neve com crosta de gelo. Estou de pé ali, começando a me sentir melancólica uma vez mais, pensando em todos os fantasmas que vejo nestas ruas às vezes, quando sinto a ponta de algo afiado e bicudo em minhas costas.

—Solta sua espada, Dani — diz Mac, realmente suave atrás de mim.

—Sim, claro. Como se realmente fosse acreditar. —Ri. Minha imaginação hiperativa e eu. Como se Mac realmente fosse capaz de aproximar-se sigilosamente por trás de mim, sem que meu super ouvido perceba. Como se ela fosse caminhar por aí de noite sem um MacHalo em cima. Eu tenho o meu e sei exatamente quanto é brilhante. Se ela estivesse de pé atrás de mim, estaríamos fazendo o dobro de luz que estou projetando.



Congelo o quadro.

Ou tento.

Não ocorre nada. Como aquelas duas vezes com Ryodan, quando de repente não tinha nada de combustível. Não há gasolina no tanque, não há motor no trem.

Fecho os olhos com força e volto a tentar.

Ainda estou de pé ali.

Ainda sentindo a ponta de uma lança em minhas costas.

—Hei ,disse “solta a fodida espada” —diz Mac.

Fim



*Incentive as revisoras contando no nosso blog
o que achou da história do livro.*

<http://tiamat-world.blogspot.com.br/>